

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

Fernando Jaime González

**BASES SOCIAIS DAS DISPOSIÇÕES PARA O
ENVOLVIMENTO EM PRÁTICAS DE MOVIMENTO
CORPORAL NO TEMPO LIVRE**

**Porto Alegre
2010**

Fernando Jaime González

**BASES SOCIAIS DAS DISPOSIÇÕES PARA O
ENVOLVIMENTO EM PRÁTICAS DE MOVIMENTO
CORPORAL NO TEMPO LIVRE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Dr. Marco Paulo Stigger

**Porto Alegre
2010**

Fernando Jaime González

**BASES SOCIAIS DAS DISPOSIÇÕES PARA O ENVOLVIMENTO EM PRÁTICAS
DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE**

Conceito final:

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Alcides Figueiredo Santos (UFJF)

Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva (UFRGS)

Prof. Dr. Valter Bracht (UFES)

Prof. Dr. Vicente Molina Neto (UFRGS)

Orientador – Prof. Dr. Marco Paulo Stigger – UFRGS

Porto Alegre, 19 de outubro de 2010.

Dedico com profundo amor este trabalho à Val, luz de minha vida e companheira incansável, e à minha princesa, Sofia, que não conhece a seu pai separado da tese. Filha, finalmente o pai terminou. Vamos brincar!

También dedico esta tesis a mis Padres, Quico e Hilda, con grande amor y respeto por sus trayectorias e disposiciones. Cada día que pasa los admiro más.

AGRADECIMENTOS

A produção de um trabalho como este apenas é possível quando se conta com apoio de muitas pessoas. Apoio muitas vezes incondicional e de longo alento.

Assim, inicio minha cumprida lista de agradecimento, manifestando minha gratidão a Valdicler, companheira incansável que cuidou de nossa família durante a ausência que a tese impôs. Seu apoio, sua paciência e seu amor foram determinantes na materialização deste trabalho. E à Sofia, que com seu sorriso me deu forças para continuar em frente quando a determinação de concluir a tese parecia esmorecer.

Também neste caminho foram fundamentais minhas famílias. A argentina, pais e irmãos, cunhadas, sobrinhos que a distância torceram por este projeto e compreenderam minhas ausências. E a brasileira, particularmente Valdir e Cleonir, que em diversas oportunidades e das mais diversas formas protegeram e ajudaram a sustentar esta empreitada.

À Ana Paula, anjo sem asas que cuida de Sofia. Não teria tranquilidade suficiente para desenvolver a tese sem a certeza de que minha filha estava em boas mãos.

Se este trabalho foi possível é porque alguém acreditou em mim desde o início, e não fraquejou em sua convicção de que a complexidade da tese merecia ser mantida. Ainda nos momentos em que eu mesmo duvidei, Stigger foi uma pessoa chave neste trabalho, e a tese tem muito dele. Aprendi muito com sua forma de andar na vida, tanto como profissional quanto como pessoa. Foi excelente contar com sua orientação.

A meus companheiros do GESEF, os quais, em maior ou menor medida, participaram na construção deste trabalho: André Verruck Acker, Carlos Fabre Miranda, Flávio Py Mariante Neto, Ileana Wenez, Leandro Forell, Lorena Müller Haack e Maitê Venuto de Freitas. Em especial, Luís Eduardo Cunha Thomassim, Mauro Myskiw e Raquel da Silveira, que tiveram, em diferentes momentos, colaborações decisivas no trabalho de campo e na redação da tese, como também no apoio fraterno surgido no calor da convivência.

Não posso deixar de manifestar meu agradecimento às bolsistas que digitaram quilíades de informações nas bases de dados e ordenaram, organizaram, conferiram (e reconferiram!) e supervisionaram centenas de questionários: Amanda Assis, Nathália Oliveira Agarrallua e Rita de Cassia. Também as pessoas que se envolveram na transcrição de mais de

100 horas de entrevista: Vanessa Lena, Cibele Mai, Pâmela Soares e Mônica Dessbesell. Todas realizaram um trabalho incomensurável.

Especial agradecimento para o Programa de Pós-Graduação em Ciências de Movimento Humano, a seus professores e funcionários, que deram cabida a meus estudos de doutorado e me ofereceram condições simbólicas e materiais para o desenvolvimento do trabalho. Esta pesquisa teria poucas chances de vingar fora da ESEF/UFRGS.

Manifesto meu reconhecimento ao Centro de Estudos e Pesquisas em Administração, em especial à coordenadora do setor de pesquisa, Lourdes Odete dos Santos, pelo apoio no desenvolvimento dos levantamentos realizados nas duas primeiras etapas da pesquisa. Estendo meu reconhecimento a todos os entrevistadores que participaram do trabalho de campo. Também aos acadêmicos da ESEF que participaram da parte final da segunda etapa da pesquisa, por enfrentar este desafio. Todos foram peças fundamentais da tese.

Entre as instituições fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho destaca-se o Ministério do Esporte que, através do Núcleo UFRGS da Rede CEDES, aportou o financiamento necessário para custear o desenvolvimento da parte inicial da tese. Igualmente o CNPq que, como no mestrado, me outorgou uma bolsa que me ofereceu condições objetivas de desenvolver este trabalho. Esta pesquisa não teria sido possível sem esses apoios.

A realização da tese tem inúmera consequência, entre elas o afastamento da instituição na qual trabalhamos. Assim, agradeço à Unijuí, em particular aos colegas do Curso de Educação Física, que apoiaram meu doutorado, deram-me condições para distanciar-me do cotidiano desse projeto coletivo e compreenderem minhas ausências.

Entre todas as pessoas de meu “pago” brasileiro, Ijuí, a quem devo agradecimento, faço especial menção a Paulo Evaldo Fensterseifer e a Maria Simone Vione Schwengber. A Paulo, por tantos anos de parceria acadêmica, que muito tem influenciado em minha forma de pensar e, particularmente durante o doutorado, por ter-me poupado o máximo possível do cotidiano do trabalho de nossa pesquisa, como também ter lido e discutido a tese em diferentes momentos de sua produção (com frequência nos piores!). Não é diferente com Maria Simone, que tem sido uma colega e amiga de inestimável valor, a quem ademais de agradecer a leitura cuidadosa do trabalho (também nos piores momentos!) e o alento permanente para a conclusão da tese, também tenho que reconhecer haver sido a principal

incentivadora de pleitear uma vaga no programa de doutorado em que se materializou esta tese.

Agradeço profundamente a Alencar, Clarice, Eddy, Edson, Ernesto, Fabíola, Gian, Gisela, Joaquim, Leonardo, Lídia, Lúcia, Neri, Paola, Rodrigo, Roger, Valquíria que confiaram em mim para contar suas vidas. Além de oportunizar o desenvolvimento deste trabalho, nossas longas conversas ofereceram-me grandes lições de vida que sempre levarei comigo.

Meu reconhecimento a José Alcides Figueiredo Santos por sua imprescindível colaboração na análise das bases de dados nacionais e na melhor compreensão da estrutura social do Brasil. Na mesma linha, agradeço o interesse e os comentários do Bernard Lahire sobre o trabalho.

Aos professores Vicente Molina, Valter Bracht, Marcelo Kunrath Silva Neto e José Alcides Figueiredo Santos, por terem aceitado participar da defesa da tese e contribuído na etapa final do trabalho. Em especial a Valter, o qual há muitos anos inspira minha trajetória acadêmica.

Não podiam ficar fora deste agradecimento os corretores da tese, que, ainda que sejam seus trabalhos, colocaram parte de si na empreitada: Carlos Silveira e Márcio Gastaldo.

A todos “Muchas Gracias”.

*O mundo social está tanto dentro
de nós como fora de nós.*

Bernard Lahire

RESUMO

Autor: Fernando Jaime González

Orientador: Marco Paulo Stigger

BASES SOCIAIS DAS DISPOSIÇÕES PARA O ENVOLVIMENTO EM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE

As Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre (PMCTL) fazem parte das manifestações culturais dos mais diferentes grupos sociais. Como práticas culturais, as PMCTL mudam quanto a forma, produtores, atores e significados, de acordo com as transformações dos contextos sócio-históricos nos quais elas se inserem. Independentemente dessas características, um aspecto que parece não deixar dúvidas é que as PMCTL ocupam um espaço social relevante, já que a maioria dos grupos sociais, com suas diferentes formas e dinâmicas, as têm criado, conservado, transmitido e transformado. Os estudos socioculturais têm se preocupado com esse fenômeno, procurando entender o papel que as PMCTL podem desempenhar no campo cultural, assim como desvendar, entre outros aspectos, de que maneira os sujeitos estabelecem vínculos e constroem significados sobre tais práticas. Tendo como referência esse campo teórico, esta pesquisa buscou compreender os aspectos socioculturais que subjazem ao envolvimento dos sujeitos com as PMCTL. Mais precisamente, pergunta-se: quais são as relações entre as disposições dos indivíduos para o envolvimento com as PMCTL e a localização e a trajetória biográfica dos mesmos no espaço social? Analiticamente, procurou-se sustentação nos trabalhos de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. O primeiro autor subsidiou o estudo da distribuição social das PMCTL no espaço social, enquanto o segundo, na análise das disposições atualizadas nas PMCTL e na interpretação da constituição das mesmas. A investigação constou de três etapas, cada uma orientada por objetivos específicos que, conjugados, procuraram auxiliar na construção das respostas para o problema de pesquisa. Na primeira etapa, descreveu-se a distribuição e o envolvimento com PMCTL da população de Porto Alegre, conforme a posição dos sujeitos (entre 25 e 65 anos, com atividade principal remunerada) no espaço social, estabelecida com base na macroposição de classe. Para tal, foi desenvolvida uma pesquisa *survey* por questionário (n 1.090). Na segunda fase, os objetivos específicos tiveram como propósito analisar as características do envolvimento com PMCTL de sujeitos com perfis diferenciados de consumos culturais e também conhecer as possíveis relações entre disposições atualizadas no universo das PMCTL e as subjacentes em outras esferas da vida social. Com esse propósito, foram desenvolvidos dois procedimentos metodológicos. Primeiro, com base em um levantamento específico sobre as práticas culturais da população de Porto Alegre, através de uma pesquisa *survey* por entrevista com amostra por cota, com ponderações desproporcionais (n 486): a) a convergência/divergência dos consumos culturais dos sujeitos e o vínculo com o espaço social ocupado; e b) a relação entre o grau de consonância/dissonância de legitimidade das práticas culturais dos sujeitos da amostra e o envolvimento com PMCTL. O segundo processo metodológico teve por objetivo conhecer o significado atribuído às PMCTL por sujeitos localizados em espaços sociais distantes, com perfis de consumos culturais diferentes, e os possíveis vínculos desses significados com práticas culturais no universo do cuidado do corpo e da sociabilidade. Essa parte do estudo consistiu num estudo de *casos selecionados*. Foram descritos na pesquisa seis casos, analisados em diálogo com outros 17. Os sujeitos que participaram dessa parte da pesquisa foram escolhidos a partir da amostra da segunda etapa,

considerando a combinação de macroposição de classe e gênero e envolvimento com PMCTL convergentes e divergentes com as tendências estatísticas do grupo social de referência. Finalmente, na terceira etapa da pesquisa, procurou-se compreender a combinação dos fatores específicos da classe social à qual o sujeito pertence (e/ou pertenceu) e a trajetória biográfica deste em tal universo, na constituição de suas disposições e na relação com o envolvimento em PMCTL. Metodologicamente, nessa fase do estudo, desenvolveram-se dois *retratos sociológicos* de casos escolhidos da etapa anterior com base nos critérios de convergência/divergência entre o envolvimento dos sujeitos e as tendências identificadas no espaço social a que pertencem e a consonância/dissonância entre suas práticas culturais. O conjunto dos procedimentos desenvolvidos permite afirmar que: a) A classe social condiciona marcadamente o envolvimento com PMCTL, em menor medida também o tipo de prática realizada – o gênero é mais determinante nesse aspecto; b) A renda aparece fortemente associada com o envolvimento com PMCTL e também há uma associação entre maior envolvimento com exercícios físicos e esportes e menor participação no trabalho doméstico; c) A convergência (legítima e pouco legítima) e a dissonância de consumos culturais parecem não se associar de forma consistente com o tipo de PMCTL e o significado atribuído a estas; d) Sujeitos localizados num mesmo espaço social e com perfis culturais similares podem significar as mesmas PMCTL de formas diferentes; e) A prática de exercício físico entre mulheres de classes populares parece estar mais fortemente associada à intervenção sobre problemas manifestos do que a práticas preventivas e/ou de lazer; f) Entre as mulheres das classes sociais mais altas, há maior probabilidade de a prática assumir um caráter preventivo e de lazer; g) Entre os homens, independentemente da classe, o envolvimento com a PMCTL tende a ser orientado pelo lazer (e *identificação*) e práticas mais terapêuticas/reparadoras do que preventivas/conservativas, ainda que seja mais provável que possa assumir esse caráter entre sujeitos de classe mais alta; h) A prática de exercícios físicos, tanto em homens como mulheres, vincula-se com disposições de cuidado do corpo mais amplas (alimentação, estética), o que não ocorre com a prática de esportes; i) Disposições que subjazem as práticas corporais não são comuns ao conjunto das práticas culturais dos sujeitos; j) As disposições para o envolvimento com PMCTL são construídas nas relações de sociabilidade dos sujeitos, restringidas pelas condições objetivas de vida; e k) As PMCTL parecem ter um peso distintivo muito menor do que outras práticas culturais (música, por exemplo) e, particularmente, não carregam um potencial *desclassificador* em sua prática, talvez mais na forma ou no contexto da prática.

Palavras-chave: classe social; disposições; esporte; exercício físico; consumos culturais; tempo livre.

ABSTRACT

Author: Fernando Jaime González
Supervisor: Marco Paulo Stigger

MOTIVATION FOR BODY MOVEMENT PRACTICES DURING SPARE TIME: SOCIAL BASES

Body movement practices during spare time (BMPST) form part of the cultural manifestation of different sectors of society. As in other cultural practices, BMPST may vary in terms of type, creation, production and meaning, according to the social and historical context in which they occur. Despite these variations, BMPST have always played a significant role in society; different social groups have been creating, preserving, transmitting and transforming them in their dynamic and different forms over the years. Social and cultural studies have been involved in this phenomenon, by attempting to elucidate what could be the exact role of BMPST in the cultural field and to reveal, among other aspects, how personal connections are created and how ideas on such practices are formed. With this in mind, the aim of the present study was to develop an understanding of social and cultural aspects implicated in individuals' motivation towards BMPST. In particular, we inquired whether a correlation could be established between the motivation of individuals towards BMPST and their position/biographic trajectory in society. Analytically, we looked for support in works developed by Pierre Bourdieu and Bernard Lahire. Bourdieu's theories gave rise to the study of social distribution of BMPST in society, whilst Lahire's lead to the updated analysis of motivation for BMPST and to the interpretation of their structure. This investigation consisted of three steps: each addressed specific aims which, when taken together, combined to yield answers to the postulated research questions. The first step described the distribution and involvement of Porto Alegre inhabitants in BMPST, according to their position in society (subjects aged between 25 and 65, in paid employment), based on broad class structure. For this, a survey questionnaire was drawn up (n 1.090). In the second step, specific aims were to analyze the involvement of subjects with different cultural interests in BMPST and to acknowledge possible associations between updated motivations towards BMPST and towards other fields in the subjects' social life. Two methodological procedures were developed to achieve this. The first was based on a specific survey about cultural practices among Porto Alegre inhabitants, using a questionnaire with stratified sampling and unequal sampling fractions (n 486): a) convergence/divergence of subjects' cultural interests and their relation with the social position that they occupy; and b) the correlation between consonance/dissonance degrees of subjects' cultural practices in the samples analyzed, and their involvement with BMPST. The second methodological procedure aimed to understand the significance attributed to BMPST by subjects of different social position and with different social interests, and the possible association between these factors and cultural practices in the universe of aesthetics and sociability. This part of the study involved the analysis of selected cases. Six cases were analyzed in association with another 17. Subjects that took part on this study were chosen from the sample used in the second step, considering the combination of class and gender structure and the involvement of convergent or divergent BMPST with statistical tendencies of the social reference group. The third and final step of this research aimed to understand the association between an individual's particular social class features and their biographical trajectory, on the creation of their motivation and involvement in BMPST. Methodologically, in this stage of the study, two sociological

portraits of cases were chosen from the previous step, based on motivation of subjects towards convergence/divergence criteria and tendencies recognized in the social location to which they belong, and consonance/dissonance in their social practices. The procedures developed allow us to state that: a) Social class profoundly influences one individual's involvement with BMPST; less intensely, it also influences the kind of practice performed – gender is more relevant in this respect; b) Income is strongly associated to individuals' involvement with BMPST and there is also an association between the frequency of physical exercise/sports and a lower significant involvement in domestic work; c) Convergence (legitimate and less legitimate) and dissonance of cultural interests are not consistently associated with the kind of BMPST and the significance to them attributed; d) Subjects belonging to the same social location and with similar cultural profiles can understand the same BMPST in different ways; e) the practice of physical exercise amongst women from the more prevalent classes is more often a consequence of existing body problems than due to prevention practices or leisure; f) Among women from higher social classes, BMPST is most commonly associated with leisure and avoiding situations prejudicial to health; g) Among men, independently of their social class, BMPST are usually related to leisure and most commonly involved with therapeutic/repairing and not so much with preventive/conservative practices, although the latter may appear among individuals of higher social classes; h) Among men and women, practicing physical exercise is associated with broader body concerns (aesthetics, healthier diet), contrasting with what usually happens in sporting practice; i) Motivations implicated in physical practices diverge from common cultural practices of the subjects; j) Motivation to BMPST are based on subjects' sociability, and limited by their objective life conditions; and k) BMPST seem to have a smaller distinctive weight when compared with other cultural practices (music, for example) and, in particular, do not possess a potential for breaking down class differences.

Keywords: social classes; motivation; sports; physical exercise; cultural consumption, spare time.

RESUMEN

Autor: Fernando Jaime González
Orientador: Marco Paulo Stigger

BASES SOCIALES DE LAS DISPOSICIONES PARA LA PARTICIPACIÓN EN PRÁCTICAS DE MOVIMIENTO CORPORAL EN EL TIEMPO LIBRE

Las Prácticas de Movimiento Corporal en el Tiempo Libre (PMCTL) forman parte de las manifestaciones culturales de los más diferentes grupos sociales. Como prácticas culturales, las PMCTL refieren a diferentes condiciones de producción, actores, significados y función, de acuerdo con las transformaciones de los contextos socio-históricos en los cuales ellas se insertan. Independientemente de esas características, un aspecto que parece no dejar dudas es que las PMCTL ocupan un espacio social relevante, ya que la mayoría de los grupos sociales, con sus diferentes formas y dinámicas, las han creado, conservado, transmitido y transformado. Los estudios socioculturales se han ocupado de este fenómeno, buscando entender el papel que las PMCTL pueden desempeñar en el campo cultural, como también develar, entre otros aspectos, de qué manera los sujetos establecen vínculos y construyen significados sobre tales prácticas. Teniendo como referencia ese campo teórico, esta investigación busca comprender los aspectos socioculturales que subyacen a la participación de los sujetos en las PMCTL. Más precisamente, preguntarse: ¿cuáles son las relaciones entre las disposiciones de los sujetos para participar de PMCTL y su localización y trayectoria biográfica en el espacio social? Analíticamente, esta tesis procura sustentación en los trabajos de Pierre Bourdieu y Bernard Lahire. El primer autor orienta el estudio de la distribución social de las PMCTL en el espacio social, mientras el segundo, promueve el análisis de las disposiciones actualizadas en las PMCTL y en la interpretación de su constitución. La investigación consta de tres etapas, cada una orientada por objetivos específicos que, conjugados, procuran auxiliar en la construcción de las respuestas para el problema de investigación. En la primera etapa, se describe la participación en PMCTL de los habitantes de la Ciudad de Porto Alegre - Brasil, conforme a la posición de los sujetos (entre 25 y 65 años, con actividad principal remunerada) en el espacio social, establecida con base en la macroposición de clase. Para esto, fue desarrollada una investigación *survey* por cuestionario (*n* 1090). En la segunda etapa, los objetivos específicos tuvieron como propósito analizar las características de la participación en PMCTL de sujetos con perfiles diferentes de consumos culturales, y también conocer las posibles relaciones entre las disposiciones actualizadas en el universo de las PMCTL y las subyacentes en otras esferas de la vida social. Con este propósito, fueron desarrollados dos procedimientos metodológicos. El Primero, en base a un relevamiento específico sobre las prácticas culturales de los habitantes de Porto Alegre, a través de una investigación *survey* por entrevista con una muestra por cuota, con ponderación no-proporcional (*n* 486), donde se investigó: a) la convergencia/divergencia de los consumos culturales de los sujetos y el vínculo con el espacio social ocupado; y b) la relación entre el grado de consonancia/disonancia de legitimidad de las prácticas culturales de los sujetos de la muestra y la participación en PMCTL. El segundo procedimiento metodológico tuvo por objetivo conocer el significado atribuido a la participación en PMCTL por sujetos localizados en espacios sociales distantes, con perfiles de consumos culturales diferentes, y los posibles vínculos de esos significados con prácticas culturales relacionadas al cuidado del cuerpo y de la sociabilidad. Este momento de la tesis consistió en un estudio de

casos seleccionados. Fueron descritos en la investigación seis casos, analizados comparativamente? con otros 17. Los sujetos que participaron fueron elegidos a partir de la muestra de la segunda etapa, considerando la combinación de macroposición de clase, género y participación en PMCTL convergentes y divergentes con las tendencias estadísticas del grupo social de referencia. Finalmente, en la tercer etapa de la investigación, se procuró comprender la combinación de los factores específicos de la clase social a la cual el sujeto pertenece (y/o perteneció) y su trayectoria biográfica en dicho universo, en la constitución de sus disposiciones y en la relación de éstas con la participación en PMCTL. Metodológicamente, en esta fase del estudio, se confeccionaron dos *retratos sociológicos* de casos elegidos de la etapa anterior pertenecientes al mismo espacio social, más participantes de PMCTL diferentes (convergentes e divergentes con las tendencias identificadas en el espacio social a que pertenecen). El conjunto de los procedimientos desarrollados en las tres etapas de la investigación? permite afirmar que: a) La clase social condiciona marcadamente la participación en PMCTL y, en menor medida, también el tipo de práctica realizada – el género es más determinante en ese aspecto; b) La renta aparece fuertemente asociada con la participación en PMCTL, también hay una asociación entre la mayor práctica de ejercicios físicos y deportes y la menor participación en el trabajo doméstico; c) La consonancia (legítima y poco legítima) y la disonancia de consumos culturales parecen no estar asociados de forma consistente con el tipo de PMCTL y el significado atribuido a estas; d) Sujetos localizados en un mismo espacio social y con perfiles culturales similares pueden significar las mismas PMCTL de formas diferentes; e) La práctica de ejercicios físicos entre mujeres de clase popular parece estar más directamente asociada a la intervención sobre problemas manifiestos que a prácticas preventivas y/o de ocio; f) Entre las mujeres de las clases sociales más altas, hay mayor probabilidad de la práctica asumir un carácter preventivo y de ocio; g) Entre los hombres, independientemente de la clase, la participación en PMCTL tiende a ser orientada por el ocio (*e identificación*) y por prácticas más terapéuticas/reparadoras que preventivas/conservativas, aunque sea más probable que asuma este carácter entre sujetos de clase más alta; h) La práctica en ejercicios físicos, tanto en hombres como en mujeres, se vincula con disposiciones de cuidado del cuerpo más amplias (alimentación, estética), lo que no ocurre con la práctica de deportes; i) Las disposiciones que subyacen a las prácticas corporales no son comunes al conjunto de las prácticas culturales de los sujetos; j) Las disposiciones para la participación en PMCTL son construidas en las relaciones de socialización de los sujetos, restringidas por las condiciones objetivas de vida; y k) Las PMCTL parecen tener un peso distintivo mucho menor que otras prácticas culturales (música, por ejemplo) y, particularmente, no cargan un potencial *desclasificador* en su práctica, posiblemente en la forma o en el contexto de la práctica.

Palabras-claves: clase social; disposiciones; deporte; ejercicio físico; consumos culturales; tiempo libre;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Atividades de adultos canadenses em esporte, por tipo de participação.	46
Figura 2	- Percentuais da população da União Europeia envolvida em práticas esportivas segundo diferentes critérios temporais.	51
Figura 3	- Pirâmide do <i>status</i> social dos esportes entre os homens adultos de Flandres, Bélgica, no ano de 1999.	76
Figura 4	- Tipologia de classe na sociedade capitalista segundo os ativos em meio de produção de Wright	97
Figura 5	- Representação esquemática dos setores da cidade em que foram realizadas as entrevistas	105
Figura 6	- Gráfico de dispersão da média de rendimentos e percentual de envolvidos em prática de exercícios físicos ou esportes nas regiões metropolitanas do Brasil conforme a classe social.	123
Figura 7	- Modelos diferentes de organização das disposições	177
Figura 8	- Casos femininos em diálogo na análise	212
Figura 9	- Casos masculinos em diálogo na análise	213
Figura 10	- Casos escolhidos para discutir o significado das PMCTL	214
Figura 11	- Matéria publicada no Jornal do Comércio (10 de setembro de 2010)	280
Figura 12	- Relações possíveis entre as disposições para agir e as disposições para crer	346
Figura 13	- Representação esquemática das disposições subjacentes às práticas culturais de Leonardo.	403
Figura 14	- Representação esquemática das disposições e as práticas culturais de Rodrigo.	455

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Práticas esportivas na Região Metropolitana de São Paulo _____	80
Tabela 2	- Atividades físicas que costumam praticar os habitantes do Estado de São Paulo _____	81
Tabela 3	- Distribuição percentual das categorias de classe dos indivíduos – Brasil – 2002 _____	101
Tabela 4	- Envolvimento com PMCTL da amostra, segundo sexo, raça/cor de pele, escolaridade e renda individual _____	111
Tabela 5	- Prática de exercício físico ou esporte da população na Região Metropolitana de Porto Alegre e nas regiões metropolitanas do Brasil, conforme sexo, raça/cor de pele, escolaridade e renda individual _____	112
Tabela 6	- Distribuição percentual das categorias de classe dos indivíduos na amostra _____	114
Tabela 7	- Tipologia de classe para a Região Metropolitana de Porto Alegre _____	115
Tabela 8	- Comparação das macroposições de classe da amostra e da Região Metropolitana de Porto Alegre _____	118
Tabela 9	- Envolvimento com PMCTL da amostra segundo macroposições de classe da cidade de Porto Alegre _____	118
Tabela 10	- Envolvidos com PMCTL na Região Metropolitana de Porto Alegre e no Brasil (regiões metropolitanas), segundo macroposições de classe _____	119
Tabela 11	- Praticantes de exercícios físicos ou esportes da Região Metropolitana de Porto Alegre e regiões metropolitanas do Brasil, conforme a posição de classe _____	120
Tabela 12	- Média de rendimentos e percentual da população envolvida com exercícios físicos ou esporte por posição de classe nas regiões metropolitanas do Brasil _____	122
Tabela 13	- Percentual da população que habitualmente trabalha mais de 44 horas por semana e de praticantes de exercícios físicos ou esporte conforme posição de classe nas regiões metropolitanas do Brasil _____	126
Tabela 14	- Média do número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos e de percentual de praticantes de exercícios físicos ou esporte conforme gênero e posição de classe nas regiões metropolitanas do Brasil _____	128
Tabela 15	- Envolvimento com PMCTL da amostra da cidade de Porto Alegre conforme sexo e macroposições de classe _____	130
Tabela 16	- Praticantes de exercícios físicos ou esportes na Região Metropolitana de Porto Alegre conforme as posições de classe e sexo _____	130
Tabela 17	- Praticantes de exercícios físicos ou esportes das regiões metropolitanas do Brasil conforme a posição de classe e sexo _____	131
Tabela 18	- Praticantes de exercícios físicos ou esportes no Brasil (regiões metropolitanas) conforme idade _____	133
Tabela 19	- Praticantes de exercícios físicos ou esportes no Brasil (regiões metropolitanas) conforme classe e idade _____	134

Tabela 20 - Praticantes de exercícios físicos ou esportes no Brasil (regiões metropolitanas) conforme idade, classe e sexo _____	135
Tabela 21a - Praticantes masculinos de exercícios físicos ou esportes conforme classe e nível de escolaridade da população das regiões metropolitanas do Brasil _____	138
Tabela 21b - Praticantes femininos de exercícios físicos ou esportes conforme classe e nível de escolaridade da população das regiões metropolitanas do Brasil _____	133
Tabela 22 - Práticas corporais mais frequentes na amostra da cidade de Porto Alegre ____	142
Tabela 23 - População estimada da cidade de Porto Alegre entre 25 e 65 anos, que trabalha, por tipo de prática corporal _____	143
Tabela 24 - Envolvimento com o tipo de PMCTL segundo sexo _____	144
Tabela 25 - Preferência pela prática dos <i>futebóis</i> dos homens envolvidos com PMCTL segundo macroposições de classe _____	145
Tabela 26 - Prática de futebol segundo macroposições de classe no Brasil 1996-1997 ____	146
Tabela 27 - Prática de caminhada, corrida e ciclismo segundo macroposições de classe no Brasil 1996-1997 _____	147
Tabela 28 - Tipo de prática dos envolvidos com PMCTL nas regiões metropolitanas do Brasil segundo macroposições de classe _____	147
Tabela 29 - Caminhada como principal modalidade de exercício físico nas regiões metropolitanas do Brasil conforme macroposições de classe e idade _____	149
Tabela 30 - A saúde como principal motivo para a prática de exercícios físicos ou esporte no Brasil (1996-1997) entre os homens conforme macroposições de classe _____	149
Tabela 31 - <i>Lazer, diversão</i> como principal motivo para a prática de exercícios físicos ou esporte no Brasil (1996-1997) conforme macroposições de classe _____	150
Tabela 32 - Relação entre macroposição de classe e níveis de escolaridade _____	152
Tabela 33 - Proporção da população masculina por faixa etária conforme os anos de escolaridade _____	153
Tabela 34a - Modalidades de exercícios físicos ou esportes praticados por homens conforme anos de escolaridade e faixas etárias _____	155
Tabela 34b - Modalidades de exercícios físicos ou esportes praticadas por homens conforme anos de escolaridade e faixas etárias _____	150
Tabela 35 - Prática da <i>Caminhada</i> das envolvidas com PMCTL na cidade de Porto Alegre segundo macroposições de classe _____	157
Tabela 36 - Prática de <i>Exercícios físicos</i> das envolvidas com PMCTL na cidade de Porto Alegre segundo macroposições de classe _____	158
Tabela 37 - Tipo de prática das envolvidas com PMCTL na Região Metropolitana de Porto Alegre segundo macroposições de classe _____	159
Tabela 38 - Principal modalidade de exercício físico ou esporte entre as mulheres das regiões metropolitanas do Brasil segundo macroposições de classe _____	160
Tabela 39 - Caminhada como principal modalidade de exercício físico entre as mulheres nas regiões metropolitanas do Brasil conforme macroposições de classe e idade _____	160

Tabela 40 - <i>Outras</i> como principal modalidade de exercício físico entre as mulheres nas regiões metropolitanas do Brasil conforme macroposições de classe e idade _____	161
Tabela 41 - A saúde como principal motivo para a prática de exercícios físicos ou esporte no Brasil (1996-1997) conforme macroposições de classe _____	162
Tabela 42 - <i>Lazer/diversão</i> como principal motivo para a prática de exercícios físicos ou esporte no Brasil (1996-1997) conforme macroposições de classe _____	163
Tabela 43 - Proporção da população feminina por faixa etária conforme os anos de escolaridade _____	163
Tabela 44a - Modalidades de exercício físico ou esportes praticados por mulheres conforme anos de escolaridade e faixas etárias _____	166
Tabela 44b - Modalidades de exercício físico ou esportes praticados por mulheres conforme anos de escolaridade e faixas etárias _____	161
Tabela 45 - Número de sujeitos entrevistados por classe social, gênero e envolvimento com PMCTL _____	184
Tabela 46 - Número de sujeitos entrevistados por classe social agregada, gênero e envolvimento com PMCTL _____	184
Tabela 47 - Perfis pouco e muito legítimos por consumo cultural segundo posições de classe (colunas em percentuais) _____	194
Tabela 48 - Perfis pouco e muito legítimos por consumo cultural segundo o nível educativo (colunas em percentuais) _____	195
Tabela 49a - Perfis consonantes legítimos e semelhantes _____	197
Tabela 49b - Perfis consonantes pouco legítimos e semelhantes _____	191
Tabela 50 - Frequência da agregação dos perfis consonantes e dissonantes de consumos culturais _____	201
Tabela 51 - Frequência dos macrop perfis consonantes e dissonantes de consumos culturais _____	202

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estudos sobre as diferentes dimensões do envolvimento esportivo e sua relação com as classes sociais _____	45
Quadro 2 - Denominações das PMCTL em diferentes estudos _____	47
Quadro 3 - Critérios temporais para pesquisar o envolvimento com as práticas de movimento corporal no tempo livre em diferentes estudos _____	52
Quadro 4 - Brasil: classificação socioeconômica por categorias empíricas e critérios operacionais _____	99
Quadro 5 - Pesquisas <i>survey</i> e o estudo da distribuição socialmente determinada das PMCTL _____	102
Quadro 6 - Características da amostragem de pesquisas <i>survey</i> sobre a distribuição socialmente determinada das PMCTL _____	103
Quadro 7 - Características de questionários de pesquisas <i>survey</i> sobre a distribuição socialmente determinada das PMCTL _____	106
Quadro 8 - Agregação das categorias de classe em macroposições _____	116
Quadro 9 - Agregação dos perfis consonantes e dissonantes de consumos culturais _____	201
Quadro 10 - “Cuidados com o corpo” codificação _____	207

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
1 DEMARCAÇÕES DO FENÔMENO EM ESTUDO	37
1.1 PRÁTICAS CORPORAIS NO UNIVERSO CULTURAL	38
1.2 CONTORNOS DO FENÔMENO	43
1.3 DELIMITAÇÃO DO OBJETO PARA ESTE ESTUDO	53
2 MAPA DO ENVOLVIMENTO COM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE DOS PORTO-ALEGRENSES	56
2.1 CRITÉRIOS E BASES SOCIAIS DO ENVOLVIMENTO COM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE EM BOURDIEU	56
2.1.1 O Espaço Social	57
2.1.2 Espaço Social e Estilo de Vida	61
2.1.3 Espaço Social e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre	64
2.2 BOURDIEU E AS PESQUISAS NO UNIVERSO DAS PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL	72
2.2.1 Participação nas Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre	72
2.2.2 Significados atribuídos às Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre	81
2.2.3 Participação como espectador de espetáculos esportivos	84
2.3 UM USO CRÍTICO DA TEORIA DE BOURDIEU	87
2.3.1 Críticas às Concepções <i>Bourdieuianas</i>	87
2.3.2 Uso <i>Parcial</i> e Heurístico da Proposta <i>Bourdieuiana</i>	91
2.4 ESTRUTURA DE POSIÇÕES DE CLASSE NO BRASIL	93
2.5 ENVOLVIMENTO COM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE DOS PORTO-ALEGRENSES: <i>PROCESSOS METODOLÓGICOS</i>	101
2.5.1 Tipo de Pesquisa	102
2.5.2 População, Seleção e Tamanho da Amostra	103
2.5.3 Instrumento de Pesquisa: Elaboração do Questionário	105
2.5.4 Procedimentos	107
2.6 MAPA DAS PRÁTICAS CORPORAIS: RESULTADOS E ANÁLISE	108
2.6.1 Envolvimento da População da Cidade de Porto Alegre com PMCTL Conforme Características Socioeconômicas	109
2.6.2 Classes Sociais e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre	113
2.6.2.1 Classe social e envolvimento da população com Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre	113
2.6.2.1.1 Classe social e envolvimento da população com Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre em interface com outras variáveis sociais	129
2.6.2.1.1.1 Práticas de movimento corporal no tempo livre, gênero e interface com classe	129
2.6.2.1.1.2 Práticas de movimento corporal no tempo livre, idade e interface com classe	133
2.6.2.1.1.3 Práticas de movimento corporal no tempo livre, escolaridade e interface com classe	136
2.6.2.2 Classe social e tipo de prática corporal “preferida”	140

2.6.2.2.1	Práticas de movimento corporal no tempo livre mais frequentes _____	141
2.6.2.2.2	Preferência de práticas de movimento corporal no tempo livre entre os homens conforme a classe _____	144
2.6.2.2.3	Preferência de práticas corporais entre as mulheres conforme a classe _____	157
3	<i>CLASSE, CONSUMOS CULTURAIS E PRÁTICAS CORPORAIS, UMA APROXIMAÇÃO EM ESCALA INDIVIDUAL</i> _____	171
3.1	DISSONÂNCIAS E CONSONÂNCIAS NAS PRÁTICAS CULTURAIS _____	175
3.1.1	Consumos Culturais e Preferências Por Práticas De Movimento Corporal no Tempo Livre De Porto-Alegrenses: Processos Metodológicos _____	182
3.1.1.1	Tipo de pesquisa, população, seleção e tamanho da amostra _____	182
3.1.1.2	Instrumento de pesquisa: elaboração do questionário _____	185
3.1.1.3	Procedimento de coleta de dados _____	186
3.1.1.4	Apresentação e análise dos dados _____	188
3.1.2	Ensaio da Identificação da Legitimidade dos Consumos Culturais _____	189
3.1.3	Perfis Consonantes e Perfis Dissonantes de Consumos Culturais _____	196
3.1.4	Perfis Consonantes, Dissonantes de Consumos Culturais e Práticas Corporais: Explorando Relações _____	198
3.2	ESTILOS DE VIDA E AS PREFERÊNCIAS POR PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE: CASOS EM DIÁLOGO _____	209
3.2.1	Mulheres <i>Privilegiadas</i> com Práticas <i>Convergentes</i> : Diálogo com Clarice _____	217
3.2.2	Mulheres <i>Trabalhadoras</i> com Práticas <i>Convergentes</i> : Diálogo com Lúcia _____	235
3.2.3	Mulheres <i>Privilegiadas</i> com Práticas <i>Divergentes</i> : Diálogo com Paula _____	254
3.2.4	Mulheres <i>Trabalhadoras</i> com Práticas <i>Divergentes</i> : Diálogo com Fabíola _____	282
3.2.5	Classe Social, Mulheres e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre: Casos em Diálogos _____	301
3.2.6	Homens Trabalhadores com Práticas Convergentes: Diálogo com Alencar _____	303
3.2.7	Homens <i>Trabalhadores</i> com Práticas <i>Divergentes</i> : Diálogo com Joaquim _____	322
3.2.8	Homens de Classe Popular e Práticas de Movimento Corporal de Tempo Livre: Casos em Diálogos _____	335
3.2.9	Finalizando A Segunda Etapa _____	337
4	<i>TRANSFERÊNCIA, ATUALIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DAS DISPOSIÇÕES PARA O ENVOLVIMENTO EM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE</i> _____	338
4.1	DISPOSIÇÕES E PRÁTICAS CULTURAIS _____	340
4.2	IDENTIFICAÇÃO DAS DISPOSIÇÕES PARA O ENVOLVIMENTO COM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO: PROCESSOS METODOLÓGICOS _____	346
4.3	ANÁLISE DOS CASOS _____	351
4.3.1	Leonardo CARRARO _____	353
	Uma rotina impregnada pelo trabalho e fortemente centrada na vida familiar _____	354
	Família: ontem e hoje _____	355
	Ascetismo familiar centrado no trabalho _____	359
	Família hoje _____	361
	Uma trajetória escolar “naturalmente” fácil, instrumental e pouco popular _____	362
	A busca de um bom emprego e o trabalho sério _____	365
	Consumos culturais heterogêneos: entre a informação e a distração _____	368
	(Des)Cuidados com o corpo _____	377

(In)Sociabilidade: a difícil tarefa de comunicar-se	385
Práticas corporais: por obrigação sim, por lazer é difícil	388
4.3.1.1 Homens <i>Privilegiados</i> com <i>Práticas Convergentes</i> : Diálogo com Leonardo	395
4.3.1.2 Disposições e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre em Leonardo	400
4.3.2 Rodrigo GOMES NETO	406
Rotina intensa e estruturada	407
Modelos diferentes de socialização, mas generificados	409
Nascido para gerenciar; em casa, nem tanto	412
Estudar apenas o necessário	414
Consumos culturais	417
Cuidados com o corpo: forte sim; bonito, nem pensar	422
Uma intensa vida social	426
Práticas corporais: apenas competir tem graça	428
Prática corporal e rotina	430
Sentido da prática	432
Desempenho esportivo	433
Contexto social da prática	435
Dirigente	439
Sociabilidade mediada pela prática esportiva	441
Família e prática esportiva	444
4.3.2.1 Homens <i>Privilegiados</i> com <i>Práticas Divergentes</i> : Diálogo com Rodrigo	446
4.3.2.2 Rodrigo: Disposições e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre	450
4.4 DISPOSIÇÕES E ENVOLVIMENTO EM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL DE TEMPO LIVRE	457
CONSIDERAÇÕES FINAIS	468
REFERÊNCIAS	482

APÊNDICES: Volume 2

INTRODUÇÃO

As Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre (PMCTL) fazem parte das manifestações culturais dos mais diferentes grupos sociais. Elas apresentam-se de forma institucionalizada, organizada e sistemática, mas também de forma espontânea, desestruturada e esporádica. Podem ser praticadas em grupos de amigos, conhecidos, desconhecidos ou individualmente e são justificadas pelos praticantes por motivos diversos, tais como convívio, saúde, distração, divertimento, estética, manutenção da forma física ou a combinação destes.

Como práticas culturais, as PMCTL mudam na forma, nos produtores, nos atores, nos significados e na função, de acordo com as transformações e as características dos contextos sócio-históricos nos qual elas se inserem. Algumas que eram impensáveis ou sequer existiam em uma época passaram a ser cotidianas em outras. Uma prática corporal é significada de uma determinada maneira num contexto social definido e assume outro sentido num outro.

Independentemente dessas características, um aspecto que parece não deixar dúvidas é que as PMCTL cumprem funções sociais relevantes, já que a maioria dos grupos humanos, com suas diferentes formas e dinâmicas, tem criado, conservado, transmitido, transformado e ressignificado esse tipo de práticas. Relevância, no entanto, também é um atributo socialmente localizado e que muda segundo o contexto em que as PMCTL estão inseridas.

O interesse por conhecer o envolvimento das pessoas com esse universo está presente há bastante tempo no campo acadêmico, pautado por diferentes propósitos. Entendo que se destacam fundamentalmente três: o epidemiológico (sanitarista), o mercadológico e o dos estudos socioculturais. Balizados pelo propósito epidemiológico, observa-se um importante número de estudos que tentam entender quais são as *variáveis* que favorecem ou dificultam a prática regular de atividades físicas (dentro de parâmetros de frequência e intensidade específica), no momento em que são compreendidas como um importante instrumento na prevenção de um conjunto de doenças, sobretudo as vinculadas à prevalência do sedentarismo da sociedade contemporânea. Um segundo propósito vincula-se com a economia e o marketing esportivo; a partir da percepção de que as PMCTL e os produtos a elas associados são um mercado em plena expansão e um nicho de negócios, as pesquisas procuram decifrar a dinâmica dos consumidores nesse universo. Finalmente, os estudos socioculturais, que também têm se debruçado sobre esse fenômeno, procuram entender o espaço que as PMCTL podem ocupar no universo social, além de desvendar, entre outros aspectos, como é que os sujeitos estabelecem vínculos e constroem significados sobre tais práticas.

Tomando como referência os estudos socioculturais, busco, nesta pesquisa, refletir sobre os vínculos das PMCTL com o universo social. Isso significa indagar sobre os aspectos socioculturais que subjazem ao envolvimento dos sujeitos com essa dimensão da cultura.

Para estudar esse fenômeno, entendo que há pelo menos dois tipos de aproximações possíveis. São questionamentos colocados de uma perspectiva macro e de uma perspectiva micro. Na primeira, as indagações centram-se sobre os grupos populacionais e seus envolvimento com as PMCTL. Na segunda, a ideia é conhecer os motivos que levam os sujeitos a realizar tais práticas e o significado que lhes atribuem.

Da perspectiva macro, os questionamentos são dirigidos para os fenômenos sob um aspecto panorâmico. O meu campo de interesse visa a compreender a constatação de que o envolvimento com as PMCTL, e também com outras práticas culturais, não é homogêneo nos diferentes estratos sociais, recortados com base em diferentes critérios, como idade, gênero, nível de escolaridade, renda, classe social. Pesquisas realizadas nos Estados Unidos, no Canadá e em países da Europa Central, por exemplo, apontam neste sentido, que: a) é maior a porção da população não envolvida com PMCTL de forma regular que a envolvida¹; b) a possibilidade de envolver-se em exercícios físicos e práticas esportivas é maior quanto maiores são a renda e o nível de escolaridade de um indivíduo (CASTILLO et al., 2006; SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; STEMPEL, 2005; WHITE; WILSON, 1999; WILSON, 2002); c) há uma tendência de encontrar diferenças significativas no nível de escolaridade, renda e categoria socioprofissional entre os praticantes de diferentes tipos de PMCTL (SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; 2005b; STEMPEL, 2005; WARDE, 2006; WHITE; WILSON, 1999; WILSON, 2002); d) os padrões de envolvimento com as PMCTL são distintos entre gêneros, sendo que se constata uma tendência de as mulheres terem uma implicação menor e em práticas diferentes quando comparadas aos homens (SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; STEMPEL, 2005; WARDE, 2006; WHITE; WILSON, 1999; WILSON, 2002); e) a idade dos sujeitos é outro fator relacionado com o índice de participação nas PCMTL, como, também, com o tipo atividade corporal desenvolvida (MARIOVET, 2001; SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; STEMPEL, 2005; WARDE, 2006); f) o engajamento em PMCTL dos adultos vincula-se com experiências de atividades físico-esportivas durante a infância e a adolescência

¹ Nos países da União Europeia, essa variação no nível de participação é acentuada; com efeito, 70% na Finlândia e na Suécia, 53% na Dinamarca, 47% na Irlanda e 43% nos Países Baixos participam, pelo menos uma vez por semana, de atividades esportivas, enquanto que países do Sul do continente há um envolvimento populacional de apenas 19% na Grécia, 22% em Portugal, 31% na Itália e 32% na França e na Espanha (EUROBAROMÈTRE, 2003).

(SCHEERDER et al., 2006; PERKINS et al., 2004); e g) o significado atribuído à participação em PMCTL muda segundo idade, gênero, nível educacional, classe social e tipo de esporte (SEIPPEL, 2006a; WARDE, 2006).

Estudos, no Brasil, sobre as tendências na prática habitual de *atividade física*² no tempo de lazer da população adulta, apresentam dados similares. Entre outras constatações, observam-se: a) a prevalência de não praticantes de atividades físico-esportivas no tempo de lazer (ainda que os valores difiram amplamente entre os estudos)³; b) um envolvimento maior dos homens com atividades físicas no tempo de lazer que de mulheres (GOMES et al., 2001; MENDONÇA; ANJOS, 2004; PITANGA; LESSA, 2005; SALLES-COSTAS et al., 2003a; 2003b); c) uma associação negativa do nível da atividade física com a idade, existindo um marcado declínio após a adolescência (GOMES et al., 2001; PITANGA, LESSA, 2005); d) menor intensidade e menor duração das atividades físicas realizadas pelas mulheres (GOMES et al., 2001); e) maior frequência de atividade física de lazer em ambos os sexos quanto maior o grau de escolaridade (GOMES et al., 2001; SALLES-COSTAS et al., 2003b; PITANGA, LESSA, 2005); f) maior nível de prática de exercícios vinculados com um maior nível de renda familiar per capita (SALLES-COSTAS et al., 2003a; 2003b); g) maior engajamento dos homens em atividades físicas coletivas e de caráter competitivo e das mulheres em atividades individuais, que requerem menor força física (SALLES-COSTAS et al., 2003a); h) o estado civil também se associa com o nível de atividade física de lazer, sendo que, entre os casados, separados e viúvos, há maior prevalência do sedentarismo (PITANGA, LESSA, 2005); e i) o envolvimento dos adultos em PMCTL está associado com experiências de atividades físico-esportivas durante a infância e a adolescência (AZEVEDO et al., 2007).

Entretanto chama atenção que uma das dimensões centrais para entender esse padrão diferenciado de envolvimento com as PMCTL nos distintos segmentos sociais não tem sido objeto de maior atenção pelo campo da pesquisa no Brasil. Refiro-me à categoria de classe social, a qual não pode ser reduzida a fatores isolados como renda ou nível de escolaridade. É importante salientar que essa não parece ser uma tendência apenas do campo de estudos das práticas de movimento corporal, mas das Ciências Sociais em seu conjunto. Santos (2005a, p. 28), confirmando essa apreciação, comenta: “até o presente, a sociologia no Brasil tem-se engajado de forma insuficiente na investigação empírica, em escala nacional, das divisões socioeconômicas imperantes no país e das suas consequências para a vida das pessoas”.

² Utilizo a expressão *atividade física* porque muitos dos estudos realizados no Brasil estão orientados por propósitos epidemiológicos (sanitaristas), interpretando as práticas corporais basicamente como um fenômeno fisiológico e não cultural.

³ Por exemplo, entre 55,3% (SALLES-COSTAS et al., 2003) e 80% (MENDONÇA; ANJOS, 2004).

George Sage (1990, p. 33), referindo-se aos Estados Unidos, afirma:

As três categorias mais proeminentes e penetrantes inter-relacionadas da estratificação na sociedade americana são classe, gênero e raça. Cada uma, e coletivamente, moldam as iniquidades existentes nos padrões de vida social de muitas pessoas, limitando severamente a extensão da justiça social, saúde social e oportunidades para o autodesenvolvimento que eles experimentam. A sociedade americana só pode ser compreendida à luz dos sistemas de estratificação de classe, gênero e raça que subjazem nas instituições sociais e vida cultural; conseqüentemente, estes sistemas são centrais e fundamentais para compreender o esporte na sociedade americana.

Nesse contexto, pergunto: se num país central a estratificação vinculada à dimensão de classe é fundamental para entender a sociedade e, em consequência, o esporte nessa conjuntura cultural, o que resta para o Brasil (ou qualquer outro país latino-americano), caracterizado por ter uma estrutura social extremamente desigual?⁴ Como entender as PMCTL desenvolvidas pela população brasileira sem entender sua relação com a estrutura de classes desse país?

Uma parcela da Educação Física brasileira, sustentada num viés político-ideológico marxista, desde finais de década de 1980 incluiu o conceito de classe social como um elemento muito importante em seu quadro teórico, constituindo-a numa noção básica para a discussão de diversos temas do campo acadêmico. Entretanto, paradoxalmente, não se desenvolveu, com base nessa categoria, um conhecimento acadêmico-científico sobre o mundo social e seus vínculos com as práticas de movimento corporal. Parece-me que esse campo da Educação Física tem assumido tal conceito como um *dado*, há tempos totalmente desvendado, o qual não guarda mais segredos sobre seus *efeitos causais* no mundo social. Nessa perspectiva, a categoria classe social constituiu-se num *a priori* que dispensa discussão e pesquisa. Possivelmente por esse fato, pensar e discutir a noção de classe social e suas vinculações com as práticas sociais causem no pesquisador certo receio de que tal projeto intelectual seja interpretado, pelos setores progressistas da área, como uma intencional conservadora, já que o debate de tal assunto poderia mostrar que há dúvidas sobre uma das pedras basilares que sustentam esse marco ideológico.

⁴ O relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO, 2010), mostra que, apesar dos avanços sociais vividos pelo Brasil nos últimos anos (atualmente se encontra entre as nações com alto índice desenvolvimento humano do planeta: 0,81), o país continua sendo um dos mais desiguais do mundo (10º lugar entre 126 países). O índice de Gini, indicador internacional da desigualdade a partir da renda per capita, para o Brasil, foi de 55,9 em 2006 (p. 38), apenas um pouco melhor que Haiti (59,2) e Bolívia (59,3), na América Latina, região que reúne as nações mais desiguais do mundo.

Em relação à discussão da categoria *classe social* no campo da Educação Física, faço uma analogia com o pensamento de Bernard Lahire, quando discute as diferentes formas possíveis de lidar com o legado acadêmico de Pierre Bourdieu:

É com raciocínios do tipo “político”, que devem ser banidos do campo científico, que parte da crítica foi geralmente amordaçada. Esses raciocínios políticos adotam duas formas distintas segundo se situam no âmbito das ciências sociais *stricto sensu* ou na ordem político-ideológica em seu conjunto. No primeiro caso, é a preocupação pela relação de força entre correntes ou tradições que está implicitamente invocada. Seria estrategicamente arrazoado, escuta-se dizer ou sussurrar, criticar sua própria tradição sociológica, enquanto ela já vem sendo atacada “do exterior”? Branda-se então o espectro ameaçador das sociologias concorrentes (individualismo metodológico, teoria da ação racional, sociologia do imaginário...), que poderiam sair vitoriosas dessas “brigas intestinas”. No segundo caso, ressalta-se a ordem política e social e a relação de força entre correntes e tradições ideológicas para enfatizar a inoportunidade conjuntural da crítica. Será que criticar o trabalho de Pierre Bourdieu, que ataca o “pensamento único”, não equivaleria, no fundo, a fazer o jogo de seus adversários políticos? Logo, sendo o contexto insalubre demais, deve-se optar por calar a crítica para não correr o risco de reforçar o “campo adverso”.

Esses falsos motivos para calar a crítica têm um ar de já ouvido. Calar-se em nome da “causa política” (“politicamente, ele está no rumo certo...”), calar-se em nome da “razão estratégica” (“cientificamente existem coisas muito piores...”), significa trancar-se na oposição entre “a linha do partido” e os “inimigos de classe”. Essa lógica social e política da oposição nós/eles, amigos/inimigos, parceiros/adversários é totalmente oposta àquela que deveria reger uma ordem especificamente científica. De fato, paradoxalmente, na ordem científica, o verdadeiro inimigo vem sempre de dentro: o fortalecimento não discutido e não discutível das convicções e dos modos de pensar e das maneiras de dizer e fazer é obviamente útil, temporariamente, à cooperação científica. Entretanto, a longo prazo, isso constitui um poderoso e temível obstáculo contra o avanço da reflexão. Por outro lado, pensar dessa maneira estratégico-política (Qual a urgência do esforço crítico? Quais são as frentes principais e secundárias de exercício da crítica?) repousa sobre esse postulado não discutido e fundamentalmente errado: a crítica enfraquece necessariamente seu alvo. Confunde-se então crítica e descrédito, disputa cientificamente regulada e tentativa sistemática de destruição ou de calúnia.

A regra ascética que todo investigador em ciências sociais deveria seguir imperturbavelmente é a seguinte: *a crítica científica pode e deve exercer-se se, e apenas se, houver argumentos (lógicos ou empíricos) para criticar*. Na troca regulada da crítica racional, jamais deveria haver lugar para a preocupação em não fustigar à “direita” nem ferir à “esquerda”; e todo investigador em ciências sociais deveria, no exercício de sua profissão, assumir serenamente essa *relativa irresponsabilidade política (nos dois sentidos do termo)*. Se a crítica se retiver por motivos outros do que a fraqueza da argumentação, ou se, pelo contrário, apesar da força dos argumentos, ela for sustentada por um cálculo político, pode-se dizer adeus à vida científica. (LAHIRE, 2002a, p. 42-43).

Isso significa que, para avançar no entendimento dos elementos que atravessam o envolvimento das pessoas com as PMCTL, deveríamos evitar, a meu ver, dois equívocos básicos. Primeiro, fazer de conta que a dimensão da estratificação social não tem efeitos na participação e na forma de envolvimento dos sujeitos com esse campo cultural e também nas funções que as PMCTL cumprem na organização social. Segundo, partir do suposto de que as relações entre classe social e as disposições para a prática e o envolvimento em determinadas

atividades corporais revelam-se na aplicação mecânica de conceitos atrelados a uma ou outra tradição teórica.

Nesse quadro, é importante destacar que algumas pesquisas começam a ser publicadas no campo da Educação Física brasileira, nas quais a ideia de classe social aparece como um fator importante para entender as PMCTL. Ressalto particularmente os esforços teóricos e empíricos de Alexandre Palma e Marcos Bagrichevsky, que têm apresentado de forma mais sistemática estudos em que se discute a relação entre participação em atividades físicas, saúde e classe social⁵ (BAGRICHEVSKY; PALMA; ESTEVÃO, 2003; PALMA et al., 2006; PALMA, 2000).

Contudo, nesses estudos não são explicitados de que modo as condições socioeconômicas atuam ou influenciam no envolvimento dos sujeitos com as PMCTL. Fica a impressão de que a interpretação que se faz sobre o assunto é que os fatores contextuais (renda, escolaridade, localização da moradia) são diretamente os responsáveis por evitar a apropriação das PMCTL pelos setores sociais mais despossuídos, num raciocínio do tipo: *superados os constrangimentos econômicos, os sujeitos estariam livres e dispostos a se envolver com as PMCTL*.

Sobre esse ponto, Stempel (2005, p. 416) chama a atenção quanto à simplificação no entendimento do fenômeno em discussão:

Quando os cientistas sociais e os outros que não estudam esportes são informados de que a participação de adultos no esporte se associa fortemente com a classe social, eles se inclinam freqüentemente a reduzir esta desigualdade de classe a barreiras econômicas, concentrando-se em esportes como o golfe, jogado em clubes exclusivos. Taks et al. (1995) quebrou este reducionismo econômico demonstrando que o preço monetário da participação esportiva se associa só fracamente com o status de classe dos esportes, quando medido pela posição “sócio-profissional” dos participantes. Por exemplo, o golfe está entre os esportes mais caros e seus participantes têm a alta posição sócio-profissional, enquanto o jogo de boliche e a musculação também podem figurar entre as práticas de alto custo, mas muito mais baixo na posição sócio-profissional. Claramente as barreiras de preço e o consumo conspícuo não são os únicos princípios da distinção que funciona no campo de esportes.

Isso significa que não se pode estabelecer uma relação direta entre os constrangimentos econômicos e o envolvimento das pessoas em práticas de movimento corporal. O desafio, então, é procurar pela relação entre as condições de vida e a constituição das disposições que orientam os sujeitos para o envolvimento com as PMCTL.

⁵ Na dimensão de espectadores de eventos esportivos e a relação com a classe social no Brasil, encontramos o trabalho de Freitas (2005).

No campo das Ciências Sociais, há bastante tempo levantam-se hipóteses e ensaiam-se respostas para explicar as disposições de os sujeitos se apropriarem de manifestações culturais específicas. A bibliografia analisada coincide em apontar que os estudos sociológicos que têm como foco a cultura e sua relação com as classes sociais ou com estratos de classes iniciam na França em meados da década de 1960. Aponta também que grandes momentos dessa trajetória científica foram marcados pelas obras de Pierre Bourdieu e seus diversos colaboradores (BOTELHO; FIORE, 2005; LAHIRE, 2006; BENNETT et al. 2009; SETTON, 2010).

Nessa trajetória, destaca-se o livro *La Distinction*, obra publicada por Bourdieu em 1979, que reúne um conjunto de pesquisas sobre as práticas e consumos culturais dos franceses e, principalmente, estabelece bases para compreender, de uma determinada maneira, os critérios e a origem social do gosto. Essa obra, e os artigos e capítulos que dela derivaram⁶, passaram a ser uma referência obrigatória para quem pretende estudar o assunto.

Particularmente em relação ao universo das práticas esportivas, Bourdieu afirma:

Acho que, sem violentar demais a realidade, podemos considerar o conjunto de práticas de consumo esportivos oferecidos aos agentes sociais – rugby, futebol, natação, atletismo, tênis ou golfe - como uma **oferta** destinada a encontrar uma certa **demand social**. Se adotarmos um modelo deste tipo, dois conjuntos de questões se colocam. Em primeiro lugar, existe um espaço de produção dotado de lógica própria, de uma história própria, no interior do qual se engendram os “produtos esportivos”, isto é, o universo das práticas e dos consumos esportivos disponíveis e socialmente aceitáveis em um determinado momento? Segundo, quais são as condições sociais de possibilidades de apropriação dos diferentes “produtos esportivos” assim produzidos [...]? Dito de outra maneira, como se produz a demanda dos “produtos esportivos”, como as pessoas passam a ter o “gosto” pelo esporte e justamente por um determinado esporte mais do que outro enquanto prática ou enquanto espetáculo? Mais precisamente, segundo que princípios agentes escolhem entre as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhes são oferecidos como possibilidade em um dado momento? (BOURDIEU, 1983b, p. 136).

O modelo identificado para interpretar as práticas esportivas é o mesmo que o autor utiliza para desvendar o substrato social das preferências sobre o conjunto de práticas e consumos culturais. Isso implica que, nessa proposta sociológica, as formas diferenciadas das classes sociais se envolverem com o exercício físico e com as práticas esportivas (e a forma que são significados) explicam-se no bojo teórico das demais práticas culturais. Dessa maneira, para responder o segundo conjunto de perguntas referidas às PMCTL, Bourdieu utiliza como elementos balizadores de suas reflexões dois conceitos fundamentais em sua teoria: *espaço social e habitus*.

⁶ No Brasil, o artigo publicado na coletânea de textos de Bourdieu organizada por Ortiz (1983).

Na proposta do autor, as preferências por determinadas práticas culturais são produto de um processo de socialização que introjeta as condições externas de existência nos sujeitos. Essa exterioridade interiorizada constitui o *habitus*, definido como: “[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...]” (BOURDIEU, 1983a, p. 65).

Nessa teoria, o *habitus* cumpre uma função fundamental de mediação entre a estrutura social e a subjetividade dos indivíduos, permitindo uma interpretação sobre as relações que os sujeitos estabelecem com as práticas culturais, tomando como base o espaço social que ocupam. Bourdieu (1996, p. 21), em relação a esse processo, aponta, em termos gerais, que:

[...] o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (o do *habitus*); ou, em outros termos, ao sistema de separações diferenciais, que definem as diferentes posições nos dois sistemas principais de espaço social, corresponde um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes (ou de classes construídas como agentes), isto é, em suas práticas e nos bens que possuem. A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de *gostos*) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculados entre si por uma afinidade de estilo.

Assim, o lugar que os sujeitos ocupam no espaço das posições sociais afeta diretamente os estilos de vida. Isso significa, nesse esquema interpretativo, que os princípios que organizam o espaço social comandam a estrutura e a mudança do espaço do estilo de vida, constituindo uma homologia entre os diferentes espaços (idem, 2007, p. 167).

Para representar a organização do espaço social, o autor considerou diversos tipos de capitais, cuja distribuição determina sua estrutura. No caso da França, país de origem e principal espaço de estudo, Bourdieu reconheceu que o capital econômico e cultural tem um peso predominante na organização do espaço social, destacando que a topologia deste último se organiza com base em três dimensões: a) o volume do capital global; b) a composição desse capital, isto é, de acordo com peso relativo do capital econômico e do capital cultural no conjunto de seu patrimônio; e c) a transformação do capital (tanto no volume como em sua estrutura) no tempo (idem, 1996, p. 30).

Esse entendimento do espaço social e de seus vínculos com as práticas sociais, por intermédio do *habitus*, permitiu ao autor identificar homologias entre o espaço social (classes sociais e frações de classe) e os estilos de vida dos sujeitos. Sob esse ponto de vista, as

preferências dos agentes por determinadas PMCTL são interpretadas tomando como referência o setor do espaço social que os sujeitos ocupam e, particularmente, o *habitus* de classe compartilhado. Nesse sentido as práticas corporais também expressariam a condição de classe do sujeito.

Entretanto a ideia de *habitus* como um elemento indutor do conjunto de práticas sociais tem sido criticada eficazmente e atingida em seu cerne, ou seja, na concepção de que esse princípio gerador seria subjacente a diferentes práticas de um mesmo sujeito (o que come e sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las) (BOURDIEU, 1996, p. 22). No campo das objeções ao conceito *habitus*, destaco a teoria sociológica de Bernard Lahire, que se contrapõe à noção de unicidade do sujeito suposta pelo conceito *bourdieusiano* (LAHIRE, 2002b; 2004a; 2005a).

Na interpretação de Lahire, Bourdieu foi deslizando, quase que imperceptivelmente, de escala na observação do social. Um deslizamento que foi “da análise dos grupos, dos movimentos, das estruturas ou das instituições, para a dos indivíduos singulares que simultaneamente „vivem em“ e „são constitutivos desses“ macro-objetos” (idem, 2005, p. 12). Esse fato teria evitado que Bourdieu e os pesquisadores que utilizaram e utilizam esse instrumental teórico percebessem que o conceito *habitus*, o qual operava para explicar tendências de grupos sociais, não se poderia ser simplesmente transferido aos indivíduos que ocupam um determinado espaço social. Lahire (2005, p. 13) comenta a esse respeito que “o *habitus* podia então ser tanto „de grupo“ como „individual“. Isso não colocava nenhum problema particular, pois não se lhe dava uma atenção particular e a teoria não se propunha verdadeiramente a estudar empiricamente essas realidades”. Isso significa que se deixou de operar com a noção de *habitus* para explicar as tendências estatísticas sobre práticas e preferências culturais identificadas nos diferentes grupos sociais, e se passou a operar com a ideia de que o *habitus* estava efetivamente encarnado em cada sujeito que compunha esse estrato e o explicava e, conseqüentemente, explicaria também as preferências dos sujeitos particulares.

Dessa forma, as noções que serviram/servem para aproximações *macro* ou panorâmicas ao universo das preferências culturais mostram-se inconsistentes para compreender o social individualizado em sujeitos particulares, fato esse que cria a necessidade de elaborar novos marcos referenciais para compreender como funcionam as disposições na determinação das ações. Para isso, muda-se a escala da análise, passando de

uma perspectiva macro (tendências dos grupos) à micro, ou seja, investigar as práticas culturais dos indivíduos. Como explica Lahire (2005, p. 25):

Devido a um simples efeito de escala, a apreensão do singular enquanto tal, ou seja, do indivíduo como produto complexo de diversos processos de socialização, obriga a ver a pluralidade interna do indivíduo: o singular é necessariamente plural. A coerência e homogeneidade das disposições individuais, pensadas pelas sociologias à escala dos grupos ou das instituições, substitui-se uma visão mais complexa do indivíduo, menos unificado e portador de hábitos (de esquemas ou de disposições) heterogêneos e, em alguns casos, opostos, contraditórios.

Esse conjunto de ideias organiza-se sob um programa científico denominado pelo autor de “sociologia à escala individual” (LAHIRE, 2005; 2002). Esse programa busca investigar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada nos corpos, com sustentação numa “sociologia da socialização que estuda as marcas disposicionais deixadas pelas experiências sociais e a maneira em que essas disposições para sentir, crer e atuar são desencadeadas (ou colocadas em latência) em contextos de ações variados” (idem, 2006b, p. 295). O programa propõe uma série de questionamentos que balizam seu campo da pesquisa: “Como é que a realidade exterior, mais ou menos heterogênea, se faz corpo? Como é que as experiências socializadoras múltiplas podem (co)habitar (n)o mesmo corpo? Como é que tais experiências se instalam de modo mais ou menos duradouro em cada corpo e como é que elas intervêm nos diferentes momentos da vida social ou da biografia de um indivíduo?” (idem, 2005, p. 14).

Nesse marco, o indivíduo adquire a categoria de um caso particular do social, quer dizer, como resultado implexo e singular de experiências socializadoras múltiplas. Assume que se inscreve no indivíduo, de uma forma particular, um conjunto de suas vivências passadas, as quais geram disposições mais ou menos heterogêneas dependendo do grau de coerência entre os diferentes âmbitos de socialização (família, escola, vizinhança, clube, igreja), como do tipo de relação que se estabelece com os diferentes sujeitos que compõem esses ambientes (no caso da família, por exemplo, a relação com a mãe ou o pai), já que as pessoas integrantes desses âmbitos não são, necessariamente, portadoras das mesmas disposições.

É o interesse sociológico das variações inter-individuais e intra-individuais que tento pôr em evidência [...], no quadro de uma teoria da ação fundada sobre uma sociologia da pluralidade disposicional (a socialização passada é mais ou menos heterogênea e dá lugar a disposições para agir e para crer heterogêneas e, por vezes, mesmo contraditórias) e contextual (os contextos de atualização das disposições são variados). O que se abre aqui é o campo de uma sociologia que se esforça por não negligenciar as bases individuais do mundo social, e que estuda, assim, indivíduos atravessando cenários, contextos, campos de força etc. diferentes. (ibidem, p. 35).

Lahire (2006a; 2005; 2004a; 2002a), nesse quadro, propõe uma forma diferente de pensar e investigar a noção de *disposições*. O autor desafia-se a explicar o funcionamento das molas para a ação (disposições) que estão por trás das diversas preferências e práticas culturais, a forma com que elas são atualizadas ou suspensas nos contextos de atuação, assim como sua constituição.

Do conjunto de características que são estudadas por Lahire em relação às disposições, duas são particularmente interessantes para esta pesquisa: a transferência das disposições e a constituição das mesmas. A primeira trata do grau de transponibilidade que é possível atribuir a uma disposição e a relação com os contextos de atualização das mesmas. Questiona em que medida uma disposição, adquirida num determinado contexto, pode ser transferida para outras esferas da atuação social. No campo de pesquisa do envolvimento com as PMCTL, significa perguntar: Em que grau as disposições que impulsionam um sujeito a realizar práticas corporais e, particularmente, um tipo específico, são comuns com um repertório maior de disposições que subjazem a outras práticas culturais? Por exemplo, em que grau as disposições atualizadas no campo das PMCTL são comuns com aquelas atualizadas no espaço das práticas de sociabilidade? Também, em que grau as disposições atualizadas no campo das PMCTL são comuns com aquelas que subjazem às práticas de cuidados com o corpo? Em que medida essas disposições se combinam na inclinação para realizar determinadas PMCTL? Contrariamente, é possível indagar: há condições de ser portador de disposições para PMCTL que não se atualizem noutras dimensões da vida do sujeito? Em relação às práticas esportivas, Lahire (2006b, p. 296-297) desenvolve questões específicas⁷. Por exemplo, referindo-se aos sujeitos não praticantes, pergunta: Quais são as disposições sociais daqueles que se negam ou rechaçam toda atividade esportiva ou corporal autonomizada? Que relação socialmente determinada deve se manter com o próprio corpo para considerar ridículo, insignificante ou insuportável esse tipo de atividade? O sociólogo também formula perguntas sobre os praticantes: Quais são as singularidades disposicionais dos sujeitos estatisticamente atípicos por praticarem esportes que não são os correspondentes à sua *classe* ou *gênero*? Quais são os sentidos atribuídos por sujeitos portadores de disposições diferentes para uma mesma prática corporal? Quais são as probabilidades diferenciais de acesso a tal ou qual esporte com base nas características reconhecidas neles em função das disposições sociais dos sujeitos? Como disposições diferentes afetam a forma com que os esportes são praticados (estilos de

⁷ Lahire (2006b) propôs um programa com base na sociologia disposicionalista e contextualista para o esporte, no qual propõe cinco grandes núcleos de investigação.

práticas)? Em que medida o ambiente esportivo pode ser um espaço para reforçar tanto disposições morais e políticas quanto técnicas?⁸

A segunda característica estudada por Lahire em relação às disposições, e que é particularmente importante para esta pesquisa, relaciona-se à constituição das disposições, ou seja, como elas se formam. Indaga-se sobre os ambientes de socialização e as trajetórias biográficas dos indivíduos que permitiram a incorporação de determinadas disposições. Também se buscam elementos para ajudar a compreender o processo de permanência, transformação e desaparecimento das disposições do repertório dos indivíduos, assim como conhecer as semelhanças e diferenças dos processos de constituição das disposições para crer e das disposições para agir.

Focando desde essa perspectiva o mundo das preferências das práticas corporais, é lógico perguntar: Como foram constituídas as disposições que impulsionam o envolvimento com PMCTL? Em que medida as disposições são geradas em contextos socializadores diretamente vinculados ao universo das práticas de exercícios físico-esportivos? E, em que medida, a outros contextos sociais? As disposições para a prática de exercícios físicos mudam na trajetória social dos sujeitos? Acontecimentos biográficos marcantes (casamento, nascimento, divórcio, morte de um próximo, novo trabalho, diagnóstico de doença) podem suspender, atualizar ou formar novas disposições vinculadas às PMCTL? Como a Educação Física vivenciada pelos sujeitos pode ter contribuído para desenvolver disposições tanto para gostar, ignorar ou detestar as práticas corporais?

Entendendo que as disposições dos sujeitos particulares para envolver-se com PMCTL não podem ser derivadas de tendências estatísticas constatadas nos grupos sociais nos quais eles se localizam e, ainda, que essas disposições (como todas as outras) são produto da trajetória biográfica dos indivíduos no conjunto de espaços de socialização e das relações que estabeleceram neles, percebo que, nessa perspectiva micro, as *unidades de análise* deixam de ser os grupos e passam a ser os indivíduos.

Entretanto isso não significa operar com a ideia de que a trajetória biográfica de um sujeito se dá no vazio social. Afinal, quando se entende que o indivíduo é um produto complexo e singular de variados processos de socialização, não se pode ignorar que essas experiências constituidoras acontecem num espaço social concreto. Isso significa, como explica Bourdieu, que as experiências de vida dos sujeitos localizados em espaços sociais

⁸ Nessa proposta programática, Lahire também chama a atenção para a necessidade de estudar as possíveis transferências de disposições adquiridas em processos de socialização longos e intensos nos universos esportivos para outros domínios.

específicos induziram a processos de socialização, marcados por valores, formas de atuação, gostos, preferências compartilhadas, em maior ou menor grau, pelo conjunto de agentes com os quais esse sujeito terá possibilidade de interagir cotidianamente.

Tomando como referência essas duas formas de aproximação (macro e micro) ao estudo do envolvimento dos indivíduos com as PMCTL, penso que não é possível separar uma da outra. Dessa maneira, entendo que as disposições para a ação se constituem na relação irreduzível entre a localização do indivíduo na estrutura social (classe) e a trajetória biográfica, sempre singular, do sujeito nesse contexto. Assim, a presente pesquisa buscou responder à seguinte pergunta: Quais são as relações entre as disposições de indivíduos para o envolvimento com PMCTL e a localização e trajetória biográfica dos mesmos no espaço social?

Objetivo da pesquisa

- Compreender as relações entre as disposições de indivíduos para o envolvimento com PMCTL e a localização e trajetória biográfica dos mesmos no espaço social.

Objetivos específicos

- Descrever a distribuição socialmente determinada do envolvimento com PMCTL da população de Porto Alegre, segundo sua posição no espaço social (classe social).
- Identificar o grau de consonância e dissonância dos consumos culturais e os possíveis vínculos com PMCTL e os gostos em outras práticas culturais (práticas de cuidado do corpo, sociabilidade).
- Descrever as características do envolvimento, do contexto de atualização e dos significados atribuídos às PMCTL por sujeitos convergentes e divergentes com as tendências estatísticas do grupo com quem compartilha o mesmo espaço social.
- Examinar possível transferência entre disposições identificadas no campo das PMCTL e disposições subjacentes em consumos culturais, práticas de cuidado do corpo e sociabilidade.
- Interpretar a forma de constituição das disposições para o envolvimento em PMCTL e sua atualização nos contextos disponíveis e acessíveis de atividades esportivas e programas de exercícios físicos.

- Compreender a forma de constituição das disposições para o envolvimento em PMCTL e o vínculo com a constituição de disposições mobilizadas em outras práticas culturais.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa foi desenvolvida em três etapas as quais, no conjunto, procuraram dar conta do objetivo geral da pesquisa. A primeira etapa teve como objetivo descrever a distribuição socialmente determinada do envolvimento com PMCTL da população de Porto Alegre, segundo sua posição no espaço social (classe social). Para tanto, apresento os fundamentos da teoria de Pierre Bourdieu no que se refere ao espaço social, à relação deste com o estilo de vida e à descrição/interpretação das PMCTL nesse contexto. Continuo com uma revisão de um conjunto de estudos empíricos que explora a teoria de Bourdieu em países do Hemisfério Norte. Posteriormente, apresento um conjunto de críticas contemporâneas a essa teoria e posiciono-me em relação a como as mesmas são equacionadas nessa parte da pesquisa. A seguir, exponho, como parte da necessária adequação da teoria de Bourdieu ao contexto brasileiro, uma classificação de classes sociais desenvolvida especialmente para o Brasil. Na sequência, descrevo a forma que foi desenvolvida a pesquisa *survey* que permitiu coletar dados para mapear o envolvimento da população de Porto Alegre com as PMCTL. Apresento a distribuição do envolvimento com as práticas corporais segundo o nível da escolaridade, renda, gênero e classe social. Centro a discussão sobre a relação PMCTL e classe social.

A segunda parte da tese foi desenvolvida com o propósito de identificar a predominância do tipo de práticas culturais segundo as classes sociais e os possíveis vínculos com as preferências no universo das PMCTL. Para tanto, discuto os questionamentos efetuados por Bernard Lahire relativos à ideia de *habitus* proposta por Bourdieu e descrevo a forma que o primeiro autor desenvolve sua pesquisa sobre os consumos culturais. Em seguida, apresento os caminhos metodológicos utilizados para mapear os consumos culturais de uma amostra representativa da população de Porto Alegre e estabelecer o grau de consonância e dissonância entre as diferentes práticas culturais dos sujeitos, particularmente no que se refere às PMCTL. Descrevo a distribuição do envolvimento com práticas culturais segundo gênero e classe social. Centro a discussão sobre dissonância e consonância de consumos culturais, cuidados sobre o corpo, prática de sociabilidade e PMCTL. Na sequência, descrevo seis casos, analisados em diálogo com outros 17, com o propósito de compreender particularidades da relação entre o perfil cultural e o envolvimento com PMCTL, assim como os possíveis vínculos desses significados com práticas culturais no universo do cuidado do corpo e a sociabilidade de sujeitos localizados em espaços sociais distantes.

Na terceira e última etapa, centro-me na exposição sobre os conceitos teóricos que sustentam, na teoria de Lahire, a noção de disposição. Após, sigo com uma apresentação das considerações teóricas do mesmo autor sobre as características de transferência, atualização/inibição em diferentes contextos e o processo de constituição das disposições nos sujeitos. Em seguida, descrevo os procedimentos metodológicos utilizados para conseguir as informações necessárias para elaborar dois *retratos sociológicos* que servem de base para essa etapa da pesquisa (dois homens, de macroposição de classe *privilegiada*, um com envolvimento convergente e outro divergente com PMCTL, considerando as tendências estatísticas do espaço social em que se localizam). Logo, apresento os retratos dos sujeitos pesquisados, constituído cada um de três partes: a) descrição de: rotina, trajetórias de vida (familiar, profissional e escolar), consumos culturais, práticas de sociabilidade, cuidados com o corpo e envolvimento com PMCTL; b) interpretação e discussão sobre a existência de disposições comuns em diferentes práticas sociais do sujeito; o vínculo entre disposições subjacentes às PMCTL e o contexto de atualização (inibição) na trajetória de vida dentro do espaço social – os possíveis espaços/relações/situações em que as disposições subjacentes (junto com as competências e com os significados atribuídos) foram socialmente forjadas/constituídas; e c) compêndio dos pontos centrais da análise. Finalmente, nessa parte da pesquisa, discuto as interpretações sobre o funcionamento das disposições nos casos estudados.

Na última parte do trabalho, apresento as considerações finais sobre a tese, recuperando e articulando os pontos mais importantes das três etapas da pesquisa para responder a pergunta problema. Finalmente, elenco um conjunto de sugestões para dar continuidade ao trabalho de pesquisa.

Por fim, faço constar que esta investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS nº 2007889) antes de iniciar seu desenvolvimento. Além disso, na segunda parte da segunda etapa e na terceira etapa da pesquisa utilizei um Termo de Consentimento Informado, que será apresentado oportunamente.

1 DEMARCAÇÕES DO FENÔMENO EM ESTUDO

As noções utilizadas nas Ciências Sociais são claramente polissêmicas. Por esse motivo, quando com elas se opera na análise do universo social, é comum que sejam explicitamente definidas, tentando marcar da forma mais clara os contornos do *fenômeno* que designam, sem com isso confundir esse esforço com a possibilidade objetiva de *encerrar* a realidade nessa noção.

Expressar em palavras as representações intelectuais sobre a realidade é um esforço fundamental quando pretendemos nos entender em relação ao que dizemos do mundo. De outro modo, se já é difícil conseguir entendimento nas vezes que nos empenhamos em alcançar *consensibilidade* (ZIMAN, 1996), mais ainda o será se não nos interessarmos na explicitação de nossa representação do fato social que se analisa.

Nesse sentido, quando me proponho a estudar as relações entre as disposições dos indivíduos para o envolvimento com PMCTL e a localização e trajetória biográfica dos mesmos no espaço social, entendo que se faz necessário definir os contornos do que denomino *PMCTL*, como também demarcar o que entendo por *envolvimento*⁹. As leituras de diversas pesquisas sobre o tema permitem perceber que as dimensões do fenômeno em estudo, embora pareçam ser suficientemente evidentes, podem ser definidas de formas bastante distintas e, em consequência, levar a descrições e interpretações da realidade marcadamente diferentes. Logo, se não posso operar com essas dimensões conceituais como se fossem categorias autoexplicativas, é necessário estabelecer parâmetros demarcadores do que estou estudando. No entanto, esse esforço de delimitação não deve ser confundido com uma pretensão de acabar com a polissemia que atravessa esses conceitos, mas apenas como uma busca de guardar coerência ao longo do trabalho na procura de *consensibilidade*.

Nessa linha, na primeira parte deste texto, comentarei os conceitos de cultura corporal (física ou somática) e cultura de movimento (corporal de movimento ou movimento corporal), que inicialmente me pareceram noções apropriadas para descrever o fenômeno em estudo, porém, na continuidade das reflexões, foram se mostrando pouco adequados para serem utilizados na pesquisa. Na segunda parte, apresento algumas características das definições das *PMCTL* e do *envolvimento* presentes no campo da pesquisa empírica (desde uma aproximação macro), que servem como parâmetros para contrapor as diferentes formas de pensar tal envolvimento com *PMCTL*. Na terceira, defino os contornos do fenômeno segundo

⁹ Conceitos, disposições, espaço social e trajetória biográfica serão definidos ao longo do trabalho.

os parâmetros deste estudo para a primeira etapa da pesquisa, os quais são a *porta de entrada* para as próximas duas.

1.1 PRÁTICAS CORPORAIS NO UNIVERSO CULTURAL

Há pelo menos três décadas o campo acadêmico da Educação Física brasileira passa por uma transformação *culturalista* na forma com que parte de seus atores interpreta os fenômenos com a qual esta área se ocupa. Essa transformação é percebida claramente no aparelho conceitual construído nesse período, quando comparado ao de outras épocas.

Uma das rupturas mais evidentes vincula-se com o fato de tal perspectiva ampliar a leitura das práticas corporais, interpretando as mesmas não apenas como um fenômeno biológico, mas, principalmente, como um fenômeno cultural, ou seja, um produto simbólico construído no contexto de grupos sociais historicamente localizados. Bracht (2005) aponta, entre outras consequências dessa mudança, a possibilidade de a Educação Física superar ranços naturalistas na forma de entender os fenômenos com os quais trabalha, quanto ao tipo de conhecimentos que a fundamentam (derivados basicamente das ciências naturais), como também quanto a uma suposta necessidade natural da Educação Física.

Nesse contexto, foram adotadas e cunhadas diversas denominações para a parcela da realidade que reuniria o conjunto de manifestações culturais na forma de práticas corporais, objeto de reflexão da área de Educação Física. Desse conjunto, destaco as expressões: cultura física (PEREIRA, 1988; BETTI, 1992), cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992; BRACHT, 1992), cultura de movimento (KUNZ, 1991; BRACHT, 1992), cultura corporal de movimento (BETTI, 1994; 1996)¹⁰.

Entendo que as novas compreensões que impulsionaram o uso desses conceitos produziram uma *revolução* na compreensão do papel da Educação Física escolar (BRACHT; GONZÁLEZ, 2005; GONZÁLEZ, 2006). Entretanto, no contexto desta pesquisa, percebi que essas definições não se mostram suficientemente consistentes quando se revisa os contornos do fenômeno que demarcam. Nesse sentido, de meu ponto de vista, duas objeções básicas podem ser assinaladas às mesmas. Por um lado, no que se refere à determinação da abrangência das práticas humanas que fariam parte desse universo e, por outro, ao próprio conceito de cultura que parece sustentar as definições mencionadas.

Inicialmente, destaco as críticas das quais são objeto as expressões cultura física,

¹⁰ Discussões sobre alguns desses conceitos são encontradas em Pich (2005) e Kunz (2005).

corporal ou somática. A primeira crítica pode ser colocada em forma de interrogação: adjetivar a expressão cultura demarca efetivamente limites entre diferentes dimensões da mesma? Uma das estratégias utilizadas para referir-se ao universo das práticas culturais de uma forma mais circunscrita consiste em qualificar o conceito de cultura com noções que se referem a segmentos específicos da vida social. Como explica Jirásek (2003), uma possibilidade de diferenciar *parcelas* mais restritas dentro do universo cultural é adjetivar a expressão cultura com termos como simbólica e material. Os limites desses arranjos conceituais, continua o autor, parecem estar claros: tudo o que se pode manipular, como também ser identificado por nossos sentidos (ferramentas, roupa, dinheiro), pertenceria à cultura material, considerando que o oposto (hábitos, costumes, ideias, conhecimento) deveria ser classificado como cultura espiritual (ou simbólica). Contudo, surgem perguntas sobre os limites estabelecidos por esses conceitos: um livro pertence à dimensão material ou espiritual da cultura? Os objetos de uma igreja são artefatos ou relíquias sagradas? (JIRÁSEK, 2003, p. 107). Indagações similares podem ser feitas quanto à expressão cultura física (corporal, somática). Ou seja, o problema é que adjetivar com a palavra física (corporal ou somática) uma parcela da cultura significa distingui-la de outra *cultura* que não passaria pela dimensão corporal, fato que, como se sabe, é impossível.

A distinção entre dois aspectos diferentes da cultura, de maneira que por oposição a um simbólico ou intelectual possamos referir a outro físico ou corporal, é sempre arbitrária. Na medida em que todas as produções culturais são sempre resultado de atos humanos e não de corpos e intelectos de forma diferenciada. (PEDRAZ, 2005, p. 116).

Portanto essa denominação apresenta muitas dificuldades para delimitar de forma lógica quais seriam as ações humanas físicas, corporais ou somáticas que ela designa. Possivelmente esse fato tenha levado intelectuais da área de Educação Física a delimitar o conceito com base na enumeração de técnicas ou manifestações corporais sistematizadas que, tradicionalmente, têm sido parte do universo do lazer de diferentes grupos sociais. Por exemplo, o Coletivo de Autores, quando caracteriza a cultura corporal, considera que é “o acervo das formas de representação do mundo que o homem tem produzido no transcurso da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica [...]” (1992, p. 38)¹¹.

Contudo, quando se tenta delimitar as expressões cultura física, corporal ou somática com a *estratégia da enumeração*, se opera uma nova crítica a elas, referida ao *uso* restritivo

¹¹ Na mesma lógica, encontram-se críticas à denominação cultura corporal em Kunz (1994, p. 19).

ou incompleto que esses conceitos têm recebido no campo da Educação Física. Na caracterização de Pedraz (2005, p. 16), o vocábulo cultura física (corporal ou somática) “se constitui ambigualmente, mais que uma categoria bem identificada de fenômenos, como um espaço de lutas ou tensões corporativas” patrocinada pela Educação Física na busca de legitimidade como área de conhecimento e profissional, “onde com frequência se a define em relação aos conteúdos do inventário pedagógico vigente para dita disciplina escolar: esporte, ginástica, expressão corporal, dança, jogo e um pouco mais”.

Ainda sinalizando os problemas de um uso restrito e arbitrário de circunscrever o conceito cultura física, corporal ou somática ao universo das práticas de movimento corporal (basicamente realizadas no tempo livre), temos a posição de Ivo Jirásek (2003), que empreende uma discussão filosófica sobre a pertinência do uso habitual do conceito *cultura física*¹² em alguns países europeus. Nessa discussão, o filósofo adverte quanto à necessidade de não restringir o universo de práticas culturais abarcadas no conceito cultura física àquelas que normalmente são preocupação da *kinanthropologia*¹³: esporte, Educação Física e os exercícios físicos recreativos. Ele entende que a cultura física, corporal ou somática envolve práticas culturais (muitas delas técnicas corporais) vinculadas com a higiene corporal, a estética corporal, o erotismo cultivado e o movimento do corpo culto (*cultured body movement*) ou movimento culto de corpo humano.

Pedraz ensaia uma definição que tem como objetivo mostrar a complexidade dos elementos abrangidos por esse conceito quando considerado o sentido das palavras que compõem a expressão. Simultaneamente, destaca, com essa caracterização, o trato reducionista que, com bastante frequência, a Educação Física faz dessa noção.

Cultura física seria o conjunto simbólico e prático elaborado e adquirido e pelo qual a coletividade organiza seu comportamento especificamente corporal; ou seja, padrões perceptivos, representativos e de atuação, assim como conteúdos de conhecimento, recursos emocionais, ideológicos, éticos, estéticos ou técnicos que estão diretamente determinados pela experiência corporal ou que são diretamente determinantes do comportamento corporal; tendo em conta o caráter socialmente construído do corpo, formaria parte da cultura física, muito especialmente, tudo aquilo que contribui para configurar o corpo, tanto a morfologia física como a morfologia simbólica ou representativa; isto é, todas as formas adquiridas de relacionar-se corporalmente do homem com o exterior e consigo mesmo: desde as técnicas e hábitos de representação corporal, alimentícios, sexuais, lúdicos ou sanitários até os mecanismos pelo que os ideais morais tomam corpo sobre simbologias somáticas, passando pela emotividade do corpo (economia do pudor, a vergonha ou a intimidade) a configuração estética ou as formas em que os poderes sociais são exercidos desde o corpo e sobre o corpo. [...] (2005, p. 116).

¹² No artigo, o autor discute sobre a pertinência de designar os fenômenos dos quais trata a Educação Física com o termo *esporte* ou *cultura física*.

¹³ Denominação da Educação Física enquanto disciplina acadêmica na República Tcheca.

Na lógica dos argumentos expostos, estudos sobre a cultura física, corporal ou somática não poderiam se centrar apenas na dimensão das práticas de movimento corporal, mas deveriam incluir as outras dimensões mencionadas¹⁴. Possivelmente, frente a essa constatação se tenha operado com outras denominações do conjunto de fenômenos de interesse da Educação Física, que também se mostraram “parciais” (BRACHT, 2005, p. 98), como cultura corporal de movimento, cultura de movimento e cultura de movimento corporal. Esses neologismos também têm problemas de demarcação vinculados ao tipo de prática corporal que encerram. Entendo que todos esses conceitos terminam sendo definidos com base na enumeração de um conjunto de práticas corporais, sem, contudo, explicitar o critério adotado para a seleção realizada. Destacam-se nessa lista as manifestações que tradicionalmente têm sido conteúdo das aulas de Educação Física, sem mencionar outras práticas de movimento corporal que se vinculam, por exemplo, ao trabalho ou a rituais religiosos. Apenas Bracht (2005, p. 98) ensaia um critério de diferenciação, afirmando que são as “práticas corporais de movimento construídas pelo homem e realizadas no âmbito do mundo do não trabalho – excluindo portanto aquelas ligadas diretamente ao trabalho e à reprodução”. Numa nota de rodapé, antecipa a própria fragilidade dessa determinação de limites (“tenho clareza da precariedade dessa e de qualquer demarcação – definição”), posto que, por exemplo, poder-se-ia perguntar se o esporte profissional faria ou não parte desse universo cultural.

Outro ponto que entendo importante para tensionar os conceitos cultura física, corporal, somática, de movimento, de movimento corporal e corporal de movimento, como explicitados no universo das correntes da Educação Física brasileira, refere-se à noção de cultura que parece atravessá-las. Sem poder realizar aqui uma análise extensiva sobre esse ponto, menciono que, segundo minha interpretação, quando nessas definições se lista um conjunto de práticas de movimento corporal (esporte, ginástica, dança, jogos, lutas), como demarcadoras do conceito, estar-se-ia grifando a dimensão patrimonial da cultura, produtos externos ao sujeito, e não a dimensão simbólica que constituem as manifestações.

Tomando como referência Clifford Geertz (1989), entendo cultura como um sistema de significação compartilhado entre sujeitos, que permite dar sentido ao universo social em que vivem. “Estudar a cultura, portanto, é estudar um código cultural, um código de símbolos

¹⁴ No contexto da produção acadêmica brasileira, a pesquisa de Schpun (1999) tem um nível de abrangência que me permite caracterizá-lo como um estudo da cultura física de um determinado período e classe, ainda que a autora não se preocupe com a definição do conceito.

partilhados pelos membros dessa cultura” (LARAIA, 2006, p. 63). Dessa forma, em meu caso, interpreto que cultura não é o conjunto de produtos originados no seio de grupos sociais determinados (como é o caso da ginástica e do esporte, por exemplo), porém os significados criados e compartilhados por grupos de sujeitos a respeito desses fenômenos.

Essa concepção de cultura permitiu-me inferir que não é coerente pensar em um estudo sobre a *cultura corporal de movimento* por estar pressupondo um código simbólico com capacidade de dar coerência ou permitir o entendimento com outros sujeitos sobre o sentido que as práticas corporais têm em universos sociais que não compartilham tais códigos¹⁵. Logo, não parece adequado colocar no mesmo patamar os produtos culturais e a cultura, posto que os produtos são o resultado de um processo social específico e podem assumir outros significados no seio de outro grupo social que compartilha significados (cultura) em relação a esse produto.

Isso significa que, frente à pergunta *É possível estudar a cultura corporal de movimento dos porto-alegrenses?*, a resposta seria negativa, assumindo o princípio de que não é possível supor a existência de um quadro simbólico (cultura) que permita a todos os sujeitos de uma cidade se entender sobre suas práticas de movimento corporal. Não me parece possível operar com a ideia de um código de significados compartilhado por grupos sociais recortados com base em unidades territoriais (como países, estados, cidades), supondo que, por co-habitarem num determinado espaço físico, se constituem em grupos que se *entendem* sobre o assunto. Nessa lógica, seria mais adequado falar, quem sabe, de culturas de movimento corporal no plural e não de *uma cultura*, no singular – por exemplo, Stigger (1997) mostra duas formas de viver o futebol em Porto Alegre, que seria um sinal dessa pluralidade cultural que atravessa as práticas de movimento corporal.

Nesse caminho de reflexões, entendi que é possível, entretanto, estudar aquilo que os sujeitos fazem, suas práticas. Isso significa, que frente à pergunta *É possível estudar quais são as práticas de movimento corporal com as quais os porto-alegrenses se envolvem em seu tempo livre?*, a resposta seria afirmativa, já que entendo possível descrever o que os sujeitos fazem, independentemente do que entendem e, particularmente, como se entendem em relação àquilo que fazem.

Desse modo, frente à impossibilidade de operar, nesta pesquisa, com a categoria *cultura do movimento corporal*, como inicialmente tinha imaginado, decidi utilizar a

¹⁵ Entendo que, se nesta pesquisa me propusesse a estudar a cultura do movimento corporal de lazer dos porto-alegrenses, estaria partindo da ideia de que setores sociais tão diferentes, como trabalhadores fabris, profissionais liberais, trabalhadores rurais, compartilhassem códigos de significação sobre as formas de utilizar/usufruir as PMCTL, fato que não entendo possível.

expressão *envolvimento em práticas de movimento corporal* para denominar o fenômeno em estudo, expressão que delimito no tópico 1.3, buscando dar contornos mais claros àquilo sobre o que estou falando.

1.2 CONTORNOS DO FENÔMENO

Tomada a decisão apresentada no tópico anterior, o próximo passo foi fazer uma revisão das formas como pesquisas similares à que pretendia desenvolver na primeira parte deste trabalho – ou seja, a partir de uma perspectiva macro – *operaram* para delimitar o fenômeno em estudo. A pesquisa proposta organizava-se em três etapas entrelaçadas, sendo que a primeira, de alguma forma, era definidora das outras duas, por ser uma *porta de entrada* ao estudo. Na primeira etapa, o objetivo era descrever a distribuição socialmente determinada das PMCTL da população de Porto Alegre através de uma pesquisa *survey*.

Além de um mapa da distribuição das PMCTL, com a primeira parte da pesquisa procurei identificar perfis de envolvimento com esse universo, segundo a localização dos sujeitos no espaço social (LAHIRE, 2006a). Na segunda etapa, com base na composição identificada na primeira, foram entrevistadas pessoas para conhecer o envolvimento com as PMCTL, mas também com outras práticas sociais e consumos culturais, com objetivo de perceber a existência (ou não) de regularidades no tipo de práticas. Na terceira etapa, foram escolhidos dois *casos*, dentro dos perfis identificados na primeira etapa da pesquisa, para, através de retratos sociológicos, procurar compreender as disposições subjacentes a suas práticas culturais, a forma que elas operam (ou não) no envolvimento com PMCTL, a atualização das disposições nos diferentes contextos e, finalmente, os espaços/experiências que possivelmente permitiram/propiciaram a constituição dessas disposições.

Em vista disso, nesta parte do texto, apresento uma descrição sobre um conjunto de caracterizações utilizadas no universo das pesquisas originais sobre as práticas de movimento corporal. Essa descrição tem como propósito mostrar as diferentes formas que o fenômeno assume quando se constitui num objeto de estudo, ou seja, sob formas específicas de demarcação.

Antes disso, e sabendo que este trabalho se restringe ao campo do envolvimento ativo dos sujeitos com as práticas corporais no tempo livre, entendo ser importante mencionar outras possibilidades de envolvimento com as práticas culturais que se vinculam com esse âmbito, por dois motivos. Por um lado, muitos aspectos dessas dimensões cruzam-se e

influenciam uns aos outros e, por outro, porque também algumas dessas dimensões foram objeto de análise no desenvolvimento da pesquisa (segunda e terceira etapa da pesquisa), ainda que não de forma aprofundada.

Do ponto de quem realiza, usufrui, consome, assiste às práticas de movimento corporal (e não de quem oferece serviços e produtos vinculados a esse universo), podemos identificar na literatura o estudo das seguintes dimensões:

- Envolvimento ativo com práticas corporais;
- Consumo do espetáculo esportivo;
- Consumo de produtos (bens) vinculados ao universo das práticas corporais;
- Consumo de serviços vinculados ao universo das práticas corporais;
- Consumo de informações vinculadas ao universo das práticas corporais;
- Envolvimento voluntário na gestão de instituições e/ou organizações que oferecem PCMTL.

As pesquisas revisadas sobre a participação dos atores com o amplo universo das PMCTL podem ser mais ou menos abrangentes em relação a essas diversas formas de envolvimento, focando o estudo em uma ou em múltiplas dimensões. No Quadro 1, menciono um conjunto de estudos em que a maioria tem em comum a discussão do envolvimento com o universo das práticas físico-esportivas e sua relação com a estratificação por classes sociais.

Estudos	A	B	C	D	E	F	G
Warde, 2006	x	x	x		x		
Castillo et al., 2006	x						
Seippel, 2006a		x					
Seippel, 2006b							x
Mehus, 2005			x				
Stempel, 2005	x						
Scheerder; Vanreusel; Taksa, 2005a	x						
Scheerder et al., 2005b	x						
Kane, 2003		x					
Ohl, 2003				x			
Wilson, 2002	x		x				
Scheerder et al., 2002	x						
Serrano-Sánchez, 1999	x		x			x	
White; Wilson, 1999			x				

Quadro 1 - Estudos sobre as diferentes dimensões do envolvimento esportivo e sua relação com as classes sociais

Fonte: elaboração própria.

Legenda: a) Envolvimento com práticas corporais; b) Significados/motivos das práticas de movimento corporal; c) Consumo do espetáculo esportivo; d) Consumo de produtos (bens) vinculados ao universo das práticas corporais; e) Consumo de serviços vinculados ao universo das práticas corporais; f) Consumo de informações vinculadas ao universo das práticas corporais; g) Envolvimento voluntário na gestão de instituições e/ou organizações ofertantes de práticas corporais.

Entre outros, merece destaque o estudo apresentado pela *Conference Board of Canada* (2005), que pesquisou o envolvimento da população canadense no esporte em três dimensões: como espectadores (*attendees*), participantes ativos (*active participants*) e voluntários (*volunteers*) (Figura 1).

Attendees	Active participants	Volunteers	Percentage and number
✓			17.0 4,240,000
	✓		7.3 1,821,000
		✓	1.0 249,000
✓	✓		12.3 3,068,000
✓		✓	5.9 1,472,000
	✓	✓	1.2 299,000
✓	✓	✓	10.3 2,569,000
Total 45.4% 11,324,000	Total 31.0% 7,732,000	Total 18.3% 4,565,000	Total (all types) 54.9% 13,718,000

Figura 1 - Atividades de adultos canadenses em esporte, por tipo de participação.

Fonte: *Conference Board of Canada* (2005, p. 4).

Em relação ao conceito que designa o conjunto de práticas de movimento corporal com as quais as pessoas podem se envolver no tempo livre, a revisão das pesquisas empíricas evidencia o uso extensivo da expressão *esporte*. Em muitos dos trabalhos, utiliza-se uma definição *ampliada* do conceito na qual se incluem práticas que não se caracterizam pela comparação de desempenho nem pelo uso de regras institucionalizadas. Esse fato não seria possível se fosse usada uma definição restrita do fenômeno. Assim, encontramos pesquisas que integram, em suas listas de esportes, atividades como ioga e programas de exercícios físicos (musculação, ginástica aeróbica), por exemplo, e, igualmente, outras que excluem esportes dessa denominação e integram atividades físicas recreativas, como é o caso da operacionalização utilizada no conjunto de estudos desenvolvidos por Scheerder e seus colaboradores na Bélgica.

Participação em esportes é entendida como uma atividade física que necessita de uma taxa suficiente do esforço e é realizada num contexto esportivo [...]. Conseqüentemente as práticas de esportes como bilhar, dardos e boliche são excluídas, ao passo que os passatempos recreativos como caminhada e ciclismo realmente se colocam como esportes enquanto eles cumpram com os critérios mencionados. (SCHEERDER et al, 2002, p. 222; 2005, p. 143).

Dessa forma, observamos que os trabalhos podem utilizar o mesmo termo para referir-se a um fenômeno, mas recortam-no de formas diferentes, ou seja, embora possam estar

usando o mesmo vocábulo, nem sempre falam do mesmo *objeto*. No sentido inverso, pode acontecer com as denominações cunhadas para referir-se a esse universo das práticas, isto é, podem ser utilizados termos ou expressões diferentes sem que estejam se referindo a *objetos* distintos.

Em países como Canadá, encontram-se estudos desenvolvidos por órgãos governamentais que denominam de forma diferente uma mesma caracterização do fenômeno em estudo (“atividades físicas *de* lazer” e “atividades físicas, esportivas *e* de lazer”). Para ilustrar essa polissemia, apresento, no Quadro 2, algumas das denominações encontradas.

Pesquisas	País	Denominação do fenômeno
Warde, 2006	Reino Unido	Esporte e exercícios físicos
Stempel, 2005	Estados Unidos	Esporte
Scheerder et al., 2005a	Bélgica	Esportes
Botelho; Fiore, 2005	Brasil	Esporte e ginástica ¹⁶
Caldeira, 2003	Brasil	Atividade física ou esportiva

Quadro 2 - Denominações das PMCTL em diferentes estudos

Fonte: elaboração própria

Inicialmente, isso parece ser um detalhe sem muito significado nos resultados de uma pesquisa. Entretanto não é bem assim. Desbordes, Ohl e Tribou (2001) comentam a esse respeito, que é difícil conhecer com precisão o número de pessoas envolvidas ativamente com esportes na França, embora se realizem levantamentos sistemáticos sobre esse aspecto. Diversos órgãos governamentais, como o Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos¹⁷ e o Instituto Nacional do Esporte e da Educação Física¹⁸, do Ministério de Cultura, têm realizado pesquisas sobre o tema; porém os resultados trazem taxas de participação que variam de forma muito acentuada, o que evidenciaria inconsistências na forma com que as investigações têm sido realizadas. O autor explica que isso acontece, entre outros motivos, pelo efeito da polissemia da palavra *esporte* que, segundo sua abrangência, inclui ou não determinadas práticas corporais.

Além da necessidade de determinar quais atividades físicas, recreativas e esportivas compõem o universo das PMCTL (e quais não), se faz indispensável estabelecer algum tipo de parâmetro para determinar (desde a perspectiva macro) quando um sujeito pode ser considerado envolvido com esse tipo de prática. Ou seja, o que é estar envolvido com uma PMCTL?

¹⁶ Questionaram também especificamente sobre a prática de futebol, da caçada e da pesca.

¹⁷ Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE).

¹⁸ Institut National du Sport et de l'Éducation Physique (INSEP).

Para responder a essa pergunta, acredito que seja necessário analisar pelo menos três dimensões diferentes, as quais, por sua vez, podem ser pensadas por meio de mais três interrogações: a) Em que medida uma determinada prática cultural faz parte da vida de um indivíduo? b) Que tipo de apetência ou relação subjetiva o indivíduo estabelece com essa prática? c) Com que regularidade ele se envolve com essa prática?

A primeira dimensão supõe que um sujeito está envolvido com uma prática cultural quando esta ocupa um lugar na *economia psíquica* do indivíduo, ou seja, é parte daquelas ocupações sobre as quais o sujeito pensa e deve tomar decisões, materializam em formas específicas de ação (a própria prática – fazer exercícios físicos, jogar futebol, passear de bicicleta –, como também as diligências a elas atreladas – dormir mais cedo para poder ir cedo à academia, não marcar outras atividades nos dias e horários em que estão planejados jogos, escolher saídas turísticas que favoreçam a possibilidade de realizar uma atividade de aventura). Essa dimensão não se refere às sensações subjetivas que a prática produz no sujeito, nem à regularidade com que efetivamente se realiza a atividade, mas ao lugar de importância que ocupa uma determinada prática quando se devem tomar decisões nos diversos ambientes cotidianos (neste caso, especificamente no tempo livre). Essa seria a dimensão do *comprometimento* mobilizado ou da *atenção* despendida no envolvimento com a prática cultural. Assim, quanto mais *comprometimento* ou *atenção* despendida, maior o envolvimento. “O grau de envolvimento de uma pessoa pode ser visto como um contínuo, em que de um lado está a absoluta falta de interesse, representando o baixo envolvimento, e do outro, no extremo, a obsessão” (SILVA, 2004, p. 3).

A segunda dimensão, referida à relação subjetiva estabelecida pelo indivíduo com a prática cultural, será discutida com maiores detalhes nos próximos tópicos da tese, contudo posso antecipar que se trata de sentimentos e/ou sensações experimentados pelos sujeitos quando se envolvem com uma determinada atividade. Esses sentimentos (apetências) podem ser esquematicamente num *continuum*, no qual, num extremo, se encontraria o prazer ou a paixão pela prática cultural, do outro, o aborrecimento e ou desgosto por ela e, nas posições intermediárias, um leque de graduações de envolvimento, em que é possível imaginar um ponto médio que representaria uma relação de indiferença com a prática (LAHIRE, 2006b).

A terceira dimensão vincula-se à regularidade com que o sujeito efetivamente se envolve para a realização de uma prática cultural, considerando um período determinado. Em linhas gerais, poderíamos falar que os sujeitos praticam muito, pouco e de forma irregular uma prática cultural, segundo um conjunto de critérios vinculados ao *uso* social da prática num determinado contexto.

Elucidando essas características do envolvimento com as PCMTL, poderia dizer que a primeira se vincula com a atenção gasta ou o compromisso assumido por um sujeito com aspectos implicados na realização de uma determinada atividade. No universo do futebol amador, poderia exemplificar essa dimensão na descrição hipotética do envolvimento do *dono* de uma equipe e o de um *membro comum*. Para o primeiro, seu envolvimento com a prática de futebol implica bastante mais que jogar: envolve o investimento de tempo (e muitas vezes dinheiro) para a organização da equipe, reserva da quadra, arrecadação do dinheiro para locação, o cuidado com os uniformes, mas também se ocupar e se preocupar com outras coisas, para além das operacionais, como ficar chateado porque as pessoas faltam aos jogos, ou porque o grupo está ficando muito grande ou pequeno. Já para o segundo, jogar futebol significa participar apenas quando sobra tempo, ou um *compromisso* que pode ser cancelado frente ao mínimo *problema* de agenda. Acredito que, na descrição, ficam claras duas formas muito diferentes de envolvimento com a prática cultural, analisadas sob a perspectiva da *atenção* despendida ou do *compromisso* assumido¹⁹.

Mas isso não deveria ser confundido com as sensações e/ou os sentimentos que o envolvimento com as PMCTL desperta em seus praticantes. Isso significa que é necessário diferenciar a dimensão da atenção ou compromisso daquela que se vincula com a apetência que desperta o envolvimento com a prática. Seguindo com o exemplo, os jogos de futebol para o *dono* da equipe podem terminar sendo uma *carga*, criando nele uma sensação de obrigação ou de responsabilidade, desdobrando-se num envolvimento com a prática que, no extremo, pode produzir fastio. No mesmo contexto, é possível imaginar que o outro participante da *equipe*, que dispensa pouca atenção a essa prática e para o qual jogar futebol não ocupa um lugar relevante em sua vida, quando participa da prática, desfruta-a, chegando quase a um entusiasmo delirante.

Finalmente, na descrição das dimensões que atravessam o envolvimento com as PMCTL, identifico a regularidade com que um sujeito realiza uma determinada prática cultural como outro elemento fundamental em sua delimitação. Entendo que uma das características para definir se um sujeito está envolvido ou não com uma prática cultural, necessariamente, passa por uma ideia de regularidade na participação ativa da mesma. Isso significa que a regularidade é um atributo central para estabelecer se um sujeito está envolvido ou não numa determinada prática cultural. A regularidade pode ser operacionalizada como a frequência, sendo que esta pode ser alta ou baixa, dependendo do

¹⁹ Diversas formas de envolvimento sob essa dimensão são descritas por Stigger (2002).

parâmetro temporal que se escolhe para medi-la. Continuando com o exemplo utilizado para ilustrar as outras dimensões, poderia perguntar: Quantas vezes num ano uma pessoa deveria aparecer nos jogos para poder dizer que ele está envolvido nessa PMCTL? Será que se ele aparecer uma vez no ano poderia afirmar-se que ele está envolvido nessa prática esportiva? E se em vez de uma vez no último ano, tivesse participado uma vez nos últimos dois anos? Qual é a resposta? Por quê?

Nesse contexto, deve ser considerado que a regularidade do envolvimento depende também de fatores externos ao sujeito: as características das próprias PMCTL²⁰ e os contextos nas quais são realizadas. Assim, não há parâmetro externo e igual para todos os tipos de atividades.

Resumindo, pressuponho que o envolvimento pode ser observado com base em diferentes dimensões. Particularmente, identifico três que têm uma explícita relação com as disposições dos sujeitos. Opero com a ideia que as duas primeiras dimensões – compromisso e apetência – são as que impulsionam a regularidade do envolvimento (terceira dimensão). Esta última, portanto, é um tipo de *índice* que expressa em parte as outras duas dimensões, sempre considerando o contexto social em que as PMCTL são realizadas. Entendo que é difícil, e um tanto arbitrário, estabelecer um parâmetro temporal para diferenciar os sujeitos envolvidos e os não envolvidos em PMCTL, entretanto é uma necessidade objetiva para investigar esse universo a partir da perspectiva macro.

Mais uma vez, parece que discutir os critérios de demarcação não é relevante, contudo, quando a proposta é fazer um mapa do envolvimento em PCMTL de uma população, esse aspecto é fundamental. Produzem-se mapas muito distintos quando se usam critérios diferentes para dimensionar quem está e quem não está envolvido em PCMTL.

As pesquisas que se desenvolvem nesse campo manifestam a *polissemia* do entendimento do que é estar envolvido numa PCMTL, tomando como referência a dimensão da regularidade. Para ilustrar esse aspecto Bottenburg, Rijnen e Sterkenburg (2005), discutindo a participação esportiva na União Europeia, comparam como são diferentes os resultados sobre o nível de participação esportiva da população europeia, dependendo do critério temporal utilizado (Figura 2).

²⁰ A título de exemplo, relato outra situação imaginária: analisando a frequência com que dois sujeitos se envolveram com suas respectivas PMCTL, constata-se que o primeiro se envolveu na realização de sua prática 12 vezes no ano e o outro 24 vezes. Poderíamos rapidamente dizer que o segundo teve um envolvimento maior que o primeiro. Mas como seria se fosse complementada essa informação dizendo que o primeiro pratica escalada esportiva e o segundo musculação? Seria lógico manter a afirmação anterior sobre o envolvimento dos sujeitos?

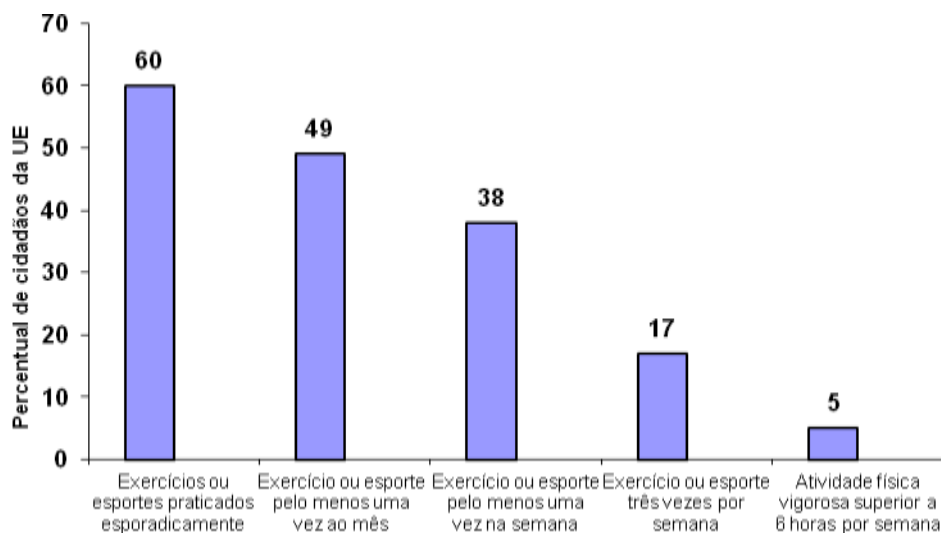


Figura 2 - Percentuais da população da União Europeia envolvida em práticas esportivas segundo diferentes critérios temporais.

Fonte: adaptado de Bottenburg, Rijnen e Sterkenburg (2005).

A revisão dos trabalhos originais permitiu constatar que os critérios temporais utilizados para presumir o envolvimento da população com as PMCTL são dos mais variados (Quadro 3). Esse fato gera a necessidade de uma leitura cautelosa das interpretações dos resultados que descrevem o envolvimento, observando atentamente que tipo de implicação é possível estimar com base na informação coletada. Outra dificuldade derivada do uso de parâmetros temporais diferentes vincula-se à impossibilidade de comparar os estudos e suas respectivas interpretações. Nessa linha, há alguns anos se trabalha, particularmente em países europeus, para desenvolver metodologias e instrumentos de pesquisa que permitam a comparação de resultados entre diferentes países²¹.

²¹ Destaco duas ações internacionais. A primeira são os esforços desenvolvidos por países europeus no marco do COMPASS – *Co-ordinated Monitoring of Participation in Sports overall in Europe* –, projeto que tem como objetivo principal procurar acordos entre os países do bloco para monitorar a participação esportiva da população nos diferentes estados. Esse projeto foi lançado pelo Reino Unido e pela Itália em 1997 e proposto a outros países da União Europeia e sobre o qual se continua trabalhando (<http://w3.uniroma1.it/compass>). Em segundo lugar, saliento o Conselho Ibero-Americano do Desporto, que tem constituído uma Comissão de Estudo de Hábitos Esportivos Ibero-americanos. O órgão tem como objetivo promover a investigação dos hábitos esportivos nas diferentes comunidades de cada país e integrar uma só metodologia (<http://www.coniberodeporte.org>).

Pesquisa	País	Período
Warde, 2006	Reino Unido	Atualidade ²²
Stempel, 2005	Estados Unidos	Duas semanas prévias
Scheerder et al, 2005a	Bélgica (Flandres)	12 meses prévios
Botelho; Fiore, 2005	Brasil	12 meses prévios
Caldeira, 2003	Brasil	Atualidade

Quadro 3 - Critérios temporais para pesquisar o envolvimento com as práticas de movimento corporal no tempo livre em diferentes estudos

Fonte: elaboração própria.

No mesmo caminho, podem ser apresentadas as inconsistências das pesquisas realizadas no Brasil, ainda que muitos dos trabalhos não estejam centrados na dimensão cultural e sim na dimensão biológica das práticas corporais²³. Nacionalmente, a ênfase dos estudos neste campo recai sobre a dimensão epidemiológica, particularmente no interesse de conhecer o nível de *atividade física*²⁴ da população e seus vínculos com a prevenção (prevalência) de doenças e agravos não transmissíveis, mas não sobre a compreensão do substrato social das PMCTL enquanto prática cultural. Isso significa que, na maioria desses estudos, a prática social é avaliada desde a perspectiva biológico-metabólica²⁵, tentando mensurar a intensidade da atividade física por elas produzidas²⁶. Essa dimensão fica particularmente evidente na tendência dos estudos mais recentes nessa área quando utiliza, como instrumento de coleta de dados, a versão curta do Questionário Internacional de Atividade Física, mais conhecido por sua sigla em inglês IPAQ (*International Physical Activity Questionnaire*).

Além da diferença no tipo de abordagem das práticas corporais, os trabalhos

²² Pergunta “Você costuma praticar alguma atividade física ou esportiva?”.

²³ Apenas no trabalho de Botelho e Fiore (2005) as práticas corporais são incorporadas ao rol das práticas culturais; entretanto essas não se constituem na centralidade do estudo.

²⁴ Hallal e outros (2007) realizaram uma revisão sistemática da literatura da produção brasileira sobre epidemiologia em atividade física (42 estudos no total), apontando que a pesquisa vem crescendo quantitativamente, especialmente a partir do ano 2000.

²⁵ Nessa perspectiva não se diferencia o contexto cultural das práticas corporais, colocando no mesmo patamar, com base no denominador comum *energia consumida*, atividades físicas realizadas no contexto do trabalho e no tempo livre. Desse modo, não se distingue entre a vida biologicamente ativa de um gari, correndo atrás de um caminhão de lixo, e a de um de um trabalhador não braçal que ocupa parte de seu tempo livre com corridas no parque.

²⁶ Por exemplo, estudos similares ao desenvolvido pelo Instituto Nacional do Câncer procuram classificar (reduzir) as práticas corporais dos indivíduos a um indicador biológico-metabólico, considerando os critérios de frequência, duração e tipo de atividade física (caminhada, moderada e vigorosa) que permitam classificar os mesmos em categorias como: muito ativos, ativos, irregularmente ativos (A e B) e sedentários (BRASIL, 2004, p. 102).

brasileiros apresentam *problemas* no que se refere à determinação dos critérios para realizar levantamentos do nível de atividade física da população (ou, como é comum nesse tipo de estudo, sobre o grau de sedentarismo ou inatividade física). Hallal e outros (2007, p. 459), após uma revisão de 42 estudos realizados em diferentes regiões do país, verificaram

29 artigos utilizando questionários criados pelos pesquisadores e a utilização de 26 diferentes definições operacionais de sedentarismo [concluindo] que, embora a literatura em epidemiologia da atividade física venha crescendo quantitativamente no Brasil, limitações metodológicas dificultam a comparação entre os estudos.

Neste tópico, tentei apontar que, para alcançar o objetivo de descrever a distribuição socialmente determinada do envolvimento com PMCTL da população de Porto Alegre, foi fundamental estabelecer critérios demarcadores que permitiram diferenciar os sujeitos envolvidos e os não envolvidos. E que, apesar de parecer bastante fácil, definir em que circunstâncias um sujeito pode ser considerado envolvido com PMCTL não é tão simples. Basicamente, aparecem dois elementos que condicionam essa definição: a) a determinação/delimitação de quais atividades corporais que os sujeitos realizam em seu tempo livre são consideradas como parte das PMCTL e quais não; e b) a determinação/delimitação da regularidade na prática efetiva de uma PMCTL que um sujeito deve ter para ser considerado envolvido com ela.

Constato, mais uma vez, que o recorte permite demarcar o fenômeno em estudo e, conseqüentemente, criar o objeto de pesquisa. Mudanças nos critérios de delimitação do fenômeno em estudo criaram outros objetos sob a mesma denominação. Todavia, o recorte é imprescindível para poder descrever a característica de um fenômeno e com isso poder falar coerentemente da *realidade*²⁷, ainda que sempre na forma de um objeto. Nessa linha, no próximo tópico passo a descrever as características do objeto em estudo.

1.3 DELIMITAÇÃO DO OBJETO PARA ESTE ESTUDO

A investigação orientou-se pelo propósito de interpretar as relações entre as disposições dos indivíduos para o envolvimento em PMCTL e a localização e trajetória

²⁷ Talvez um dos mais patentes processos de alquimia conceitual na estimativa da participação esportiva no Brasil seja o apresentado por Da Costa (2005). Nesse texto, com base em sucessivas ampliações e restrições do conceito esporte, equiparações de pesquisas que utilizam critérios de classificação das práticas corporais claramente diferentes, cálculos de participação com base em dados de diferentes *cenários* elaborados com as mais diversas metodologias e fontes, consegue afirmar que este país tem um total de 110,4 milhões de participantes em *práticas esportivas*, o que o faz “admitir que o Brasil é hoje um grande país de esportistas, mas ainda não de atletas” (DA COSTA, 2005, p. 21.6).

biográfica dos mesmos no espaço social na cidade de Porto Alegre. Isso envolveu a necessidade de, na primeira etapa da pesquisa, construir um mapa topográfico da distribuição socialmente determinada do envolvimento com PMCTL da população de Porto Alegre, o que, por sua vez, demandou a necessidade de diferenciar/estabelecer quem são os envolvidos com PMCTL nessa população.

Por essa razão, apresento a seguir definições/demarcações das características do objeto pesquisado considerados no desenvolvimento do estudo. Para tanto, basicamente defini três elementos que constituem o objeto: a) o envolvimento; b) as práticas de movimento corporal; e c) o tempo livre.

O envolvimento, como comentado, refere-se à implicação de um sujeito em PMCTL, que pode ser analisada em três dimensões: a) o comprometimento ou a atenção despendida para a prática cultural; b) o tipo de apetência em relação à mesma; e c) a regularidade do envolvimento com a prática. Do ponto de vista da investigação, as duas primeiras dimensões do envolvimento foram possíveis de capturar na segunda (em parte) e terceira etapas desta pesquisa, com base nas entrevistas dos sujeitos sobre as características do vínculo estabelecido com o universo das PMCTL. A dimensão da regularidade vincula-se diretamente à primeira etapa da pesquisa e refere-se ao critério adotado para identificar/definir os indivíduos envolvidos ou não com PMCTL.

Nesse contexto, entendi que o critério de regularidade não deveria ser colocado *a priori* e sim auferido de uma forma que pudesse captar as diferentes formas de envolvimento com as PMCTL. Assim evitei excluir da categoria de *envolvidos* pessoas que fazem um *uso* social do esporte e ou exercício físico pouco frequente.

No caminho de delimitar os conceitos utilizados na pesquisa, defino Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre como o conjunto de *atividades corporais intencionais de envolvimento motor essencial, realizadas fora das obrigações laborais (profissional ou voluntário), domésticas, higiênicas, religiosas*. Essas PMCTL podem manifestar-se dentro das seguintes categorias:

- *Atividades esportivas*: envolvem a prática de modalidades esportivas formais e os jogos derivados dos esportes (*peladas* do futebol; *três contra três numa cesta*, do basquete);
- *Exercícios físicos*: incluem todas as atividades físicas planejadas, estruturadas e repetitivas, orientadas a produzir modificações corporais e/ou busca do equilíbrio psíquico/mental, com finalidades diversas; e

- *Atividades físicas recreativas*: envolvem as práticas corporais não contempladas nas outras duas categorias, ou seja, são aquelas que não se caracterizam pela comparação de desempenho nem pela busca de modificações corporais na lógica de sua organização (exemplo: rappel, danças de salão e étnicas)²⁸.

Finalmente, nesta caracterização, cumpre explicitar o entendimento de tempo livre. Opero na perspectiva de que o tempo livre corresponde ao tempo liberado das obrigações do trabalho (profissional e/ou rotineiro), porém não liberado de outras obrigações²⁹.

Considero importante justificar o fato de não usar a expressão práticas de movimento corporal de lazer. Nesse caminho, uma razão aparece como particularmente significativa. O lazer, entendido num sentido clássico (DUMAZEDIER, 2004) como um espaço no qual os sujeitos se ocupam com atividades que eles escolhem por livre vontade com propósitos diversos, enfatiza claramente a participação social voluntária ou livre, fato que excluiria o conjunto das PMCTL que se realizam e são vivenciadas como obrigações por diferentes motivos (por exemplo, por prescrição médica ou práticas de acompanhamento).

Para concluir esta primeira parte, afirmo que não desconheço os limites da expressão *envolvimento com as Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre* quando considerado de forma estrita o significado das palavras que a compõem. Mas, até o momento, é a expressão mais precisa que consegui definir para me referir às práticas culturais realizadas nesse universo e que foram pesquisadas nesta tese.

²⁸ Isso não significa que não possa produzir efeitos orgânicos, como a manutenção ou melhora da aptidão física, entretanto essas práticas corporais não se organizam sob essa lógica.

²⁹ O “espectro do tempo livre”, descrito por Elias e Dunning (1995, p. 123-125), caracteriza de forma bastante detalhada o conjunto de tarefas que integram essa dimensão do cotidiano.

2 MAPA DO ENVOLVIMENTO COM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE DOS PORTO-ALEGRENSES

Nesta parte da tese, apresento a primeira etapa da pesquisa, que teve por objetivo descrever a distribuição socialmente determinada das PMCTL da população de Porto Alegre segundo sua posição no espaço social (classe social). Para tanto, na primeira parte deste tópico, decorro sobre aspectos fundamentais da teoria de Pierre Bourdieu no que se refere ao espaço social, à relação deste com o estilo de vida e à descrição/interpretação das PMCTL apresentada pelo autor. Continuo com a revisão de um conjunto de estudos empíricos que interpretam o fenômeno da distribuição desigual de praticantes nas classes sociais, em países do Hemisfério Norte, com base na teoria de Bourdieu. Posteriormente, apresento um conjunto de críticas contemporâneas a essa teoria e explico o *uso* que fiz da teoria de Bourdieu na primeira fase da pesquisa. A seguir, como parte da necessária adequação da teoria de Bourdieu ao contexto brasileiro, exponho a classificação de classes sociais desenvolvida para o Brasil por Santos (2005a). Na sequência, descrevo a forma que foi desenvolvida a pesquisa *survey* que permitiu coletar dados para mapear o envolvimento da população de Porto Alegre com as PMCTL. Apresento a distribuição do envolvimento com as práticas corporais segundo o nível da escolaridade, renda, gênero e classe social. E, finalmente, centro a discussão sobre a relação PMCTL e classe social em Porto Alegre.

2.1 CRITÉRIOS E BASES SOCIAIS DO ENVOLVIMENTO COM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE EM BOURDIEU

A obra sociológica de Pierre Bourdieu é muito extensa e complexa. Os conceitos aqui apresentados são apenas aqueles que permitem fazer uma interpretação da distribuição das práticas corporais nos diferentes setores da população. Início com uma descrição sobre critérios que possibilitam ao autor montar um mapa para representar a estrutura da sociedade. Continuo com a apresentação da interpretação de Bourdieu de como o lugar que os sujeitos ocupam no espaço social determina as diferenças primárias que distinguem as grandes classes de condições de existência e a relação com o estilo de vida dos sujeitos dentro dos diferentes setores. Finalmente, faço um recorte mais específico, relacionando os estilos de vida das classes sociais e seus vínculos com PMCTL.

2.1.1 O Espaço Social

Pierre Bourdieu, como afirma Bonnewitz (2003), desenvolveu uma visão espacial da sociedade que se organiza em espaços e campos. Na perspectiva de Bourdieu, as sociedades industriais caracterizam-se por não terem hierarquias sociais juridicamente definidas e, conseqüentemente, trabalham com a ideia de que são estruturas equitativas. Entretanto essas sociedades são desiguais e o estudo das diferenças sociais exige a elaboração de uma matriz de análise que permita explicar essas desigualdades entre os grupos sociais.

Na elaboração desse conceito, Bourdieu não se alinha em nenhuma das abordagens tradicionais de explicação das desigualdades sociais (marxista e weberiana) e, mais, propõe a superação das mesmas, desenvolvendo uma abordagem em termos de “espaço social” e “campos sociais” (BONNEWITZ, 2003). A ideia de *espaço social* é colocada como uma representação da estruturação da sociedade em seu conjunto, mostrando como os diferentes grupos sociais se distribuem em função de suas características e se relacionam uns com os outros. Já o *campo social* é apresentado como um modelo que representa o funcionamento específico das relações entre grupos (e pessoas) implicados num mesmo universo de práticas sociais. A lógica comum entre esses conceitos é que os dois têm como propósito auxiliar na análise das posições dos grupos e suas relações, assim como auxiliar na compreensão da reprodução da ordem social.

Em função de meu trabalho, no texto a seguir darei ênfase à descrição do *espaço social bourdieusiano*, para depois estudar a sua relação com os estilos de vida dos diferentes grupos sociais. Na descrição do espaço social, destacarei, inicialmente, a ideia subjacente na representação topológica de sociedade; depois, apresentarei uma breve caracterização dos capitais que estruturam o espaço social; e, finalmente, uma descrição das classes e frações da sociedade francesa da década de 1970 apresentadas na obra de Bourdieu.

Partindo do princípio de que um fato social é construído, Bourdieu desenvolve um conjunto de critérios de classificação para explicar a estrutura social com base no modelo do *espaço social*. Esse modelo teve como propósito romper com as maneiras tradicionais de representar as hierarquias sociais, as quais classificam os sujeitos tomando como único critério as condições materiais de existência.

As críticas a essas formas mais tradicionais são basicamente duas. No plano empírico, o fato de considerar apenas um princípio de hierarquização da estrutura social e, no plano teórico, por omitir que as classes sociais não podem se definir de forma separada, como se as

características de uma não se definissem em relação às outras (BONNEWITZ, 2003). O espaço *bourdieusiano* é pensado como uma topografia do social, na qual se representa a estrutura da sociedade em forma de mapa, construído com base nos princípios de diferenciação ou distribuição dos agentes em várias dimensões. Essas dimensões não são outra coisa que o conjunto de propriedades que influenciam no universo social considerado. Bourdieu (1989, p. 135) define esse conceito como um “espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição social atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores de diferentes variáveis pertinentes”.

Nessa representação, os agentes ou grupos de agentes são definidos por suas posições relativas dentro do espaço social. Isso significa que cada um deles se localiza numa posição específica ou classe social em vinculação com outras posições de classes e que não se pode estar em dois setores opostos do espaço social.

O modelo utiliza dois critérios principais para a distribuição dos agentes no espaço social. Por um lado, o volume global, definido como a somatória do conjunto dos capitais disponíveis, e, por outro, a composição ou estrutura desse volume global, caracterizado pela incidência relativa dos distintos tipos de capitais que portam os agentes.³⁰

É importante destacar que Bourdieu buscou – na utilização do conceito de capital para aspectos não econômicos que participam na hierarquização da estrutura social (educação/cultura, relações sociais) – chamar a atenção para algumas analogias entre esses fenômenos e o capital econômico. Entre outros, destaca-se o fato de que se acumulam por operações de investimento, são passíveis de ser transmitidos por herança e permitem extrair lucros segundo as oportunidades que seus proprietários tenham de investir nas operações mais rentáveis (BONNEWITZ, 2003).

Dentro do marco conceitual que estou apresentando, Bourdieu descreve quatro tipos diferentes de capitais: 1) O capital econômico, que se constitui tanto dos fatores de produção (terras, fábricas) como do conjunto de bens econômicos (renda, patrimônio, bens materiais); 2) O capital cultural, que se apresenta em três formas diferentes: a) estado incorporado (com formas de atuação específicas); b) estado objetivo (bens culturais); e c) estado institucionalizado (títulos acadêmicos); 3) O capital social, conjunto de relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo; 4) O capital simbólico, entendido como o prestígio e/ou a

³⁰ Há um terceiro critério que se vincula com a transformação do capital (tanto no volume como em sua estrutura) no tempo.

autoridade reconhecida a um agente, que se traduz em vantagens sociais com consequências objetivas (BONNEWITZ, 2003).

Como mencionado, a posição dos agentes no espaço das classes sociais depende do volume e da estrutura do capital. No entanto, dos quatro capitais descritos, são o capital econômico e o cultural os parâmetros principais para construir o espaço social nas sociedades desenvolvidas (BOURDIEU, 1996). Assim, os agentes sociais distribuem-se no espaço social seguindo uma dupla lógica. Uma primeira hierarquia regida pelo volume total do capital cultural, operacionalizada por Bourdieu mediante as categorias socioprofissionais elaboradas pelo Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos da França na década de 1970 e por outros estudos elaborados por ele (BONNEWITZ, 2003). Essa primeira hierarquização permite opor os agentes dotados com altos níveis de capital global (tanto econômico como cultural) a agentes dotados com baixos níveis. Bourdieu coloca, com esse procedimento, patrões, membros de profissões liberais e professores universitários na parte superior da hierarquia, logo do espaço social, ao passo que coloca operários e assalariados agrícolas no extremo contrário. A segunda lógica de organização do espaço social pauta-se pela estrutura do capital. Isso significa que, dependendo do peso que os capitais econômico e cultural tenham no capital global, os agentes ocuparão diferentes posições dentro do espaço social (sentido horizontal do espaço social). Esse aspecto do modelo permite explicar os fracionamentos internos de grupos que ocupam estruturalmente a mesma posição em função do capital global, ou seja, que estão no mesmo nível no sentido vertical do espaço social. Com esse modelo, Bourdieu reconhece frações em oposição dentro de uma mesma classe, por exemplo, patrões de indústria e comércio fortemente dotados de capital econômico e menos dotados de capital cultural, em oposição a professores com seus capitais em proporções inversas aos primeiros.

Bourdieu, em seu trabalho *A Distinção*, descreve as características das classes sociais e de suas frações. No espaço social, reconhecem-se três classes sociais, denominadas ou caracterizadas como: burguesia, dominantes ou superiores; classe pequeno-burguesa ou média; e classes dominadas, populares ou trabalhadoras.

As classes dominantes caracterizam-se pelo volume de capital que possuem. O conceito *dominantes*, com o qual se cognomina esse estrato social, vincula-se à ideia de que, além de possuir desproporcionalmente maior capital global, elas procuram e conseguem impor ao conjunto da sociedade uma determinada visão de mundo que **legitima** a desigualdade na posse dos recursos. Dessa forma, **têm a capacidade de definir a cultura legítima**, ou seja, os valores e os bens culturais que devem ser respeitados e apreciados por todos. Nesse jogo,

Bourdieu entende que essa classe sabe operar com a distinção para afirmar uma identidade própria, ou seja, colocar-se como diferente.

Em função da estruturação dos capitais, Bourdieu distingue frações dentro da classe dominante. Por um lado, a fração dominante da classe dominante, constituída por agentes em que predomina o capital econômico em relação ao capital cultural. Essa, por sua vez, subdivide-se em outras duas: a burguesia antiga, constituída por patrões de grandes empresas industriais e comerciais, e a burguesia nova, a quem pertencem os executivos superiores privados, na maioria egressos de importantes centros universitários franceses. A fração dominada da classe dominante caracteriza-se por reunir agentes em que o capital global se estrutura mais fortemente sobre o capital cultural, como é o caso de engenheiros, professores e intelectuais.

A pequena burguesia, na leitura de Bourdieu, tem sua unidade na sua vontade de ascensão social, entretanto é constituída por um conjunto de frações. Os agentes dessa classe ocupam uma posição média no espaço social, como trabalhadores assalariados, trabalhadores independentes e empregados. Contudo, apesar de suas frações, algumas características comuns podem ser identificadas, como: a) marcado respeito pela ordem social; b) rigorismo moral; e c) pouca autonomia cultural (as decisões nesse campo sempre estão pautadas pelas classes superiores), o que se desdobra numa forte tendência a imitar a cultura dominante, numa *boa vontade cultural* de se apropriar da cultura legítima. Assim, se a relação da classe dominante caracteriza-se por seu esforço de distinção das outras classes, a relação da pequena burguesia caracteriza-se pelo desejo de pertencer à classe superior (vontade de ascensão) e pelo desejo de se diferenciar da classe trabalhadora.

Da mesma forma que na classe dominante, a pequena burguesia é clivada em frações. Bourdieu distingue na classe média três divisões: a) a pequena burguesia tradicional ou em declínio, composta de ofícios antigos (artesãos, comerciantes); b) a pequena burguesia de execução, constituída de funcionários executivos médios de empresas privadas, técnicos e professores primários; e c) a pequena burguesia nova, formada por agentes com forte capital cultural, mas sem capital social para colher os lucros do primeiro, como é o caso das jovens gerações de artistas, intelectuais e assessores.

As classes populares são caracterizadas por sua espoliação. Situadas na parte inferior do espaço social, definem-se pela quase ausência de capital em qualquer de suas formas. Bourdieu entende que é um conglomerado de agentes que têm em comum orientar suas vidas pela “escolha do necessário”, por valorar práticas sociais que destacam a virilidade e pela aceitação da dominação. Distinguem-se duas frações nas classes populares. De um lado, os

operários e pequenos agricultores e, de outro, os pequenos assalariados, como são o pessoal de serviço e os agricultores assalariados.

2.1.2 Espaço Social e Estilo de Vida

Bourdieu estabelece uma correspondência, por homologia, entre o mapa de consumos culturais e a distribuição do capital global (constituído do capital econômico, do capital cultural e da estruturação destes), explicando dessa forma as relações entre a posição de classe e o estilo de consumo. Nessa perspectiva, entende-se que “as diferentes posições no espaço social correspondem a estilos de vida [...]” (BOURDIEU, 1983a, p. 82).

Na leitura do autor, a combinação de capitais gera um sistema de gostos ou de disposições comuns a um conjunto de agentes que dá uma mesma significação ao conjunto de suas práticas de consumo. Esse fenômeno, porém, só é possível porque existe um mesmo esquema gerador, o *habitus*, definido por Bourdieu (ibidem, p. 81) como o “sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é produto”. Nessa linha, o *habitus* deve ser entendido como estruturas estruturadas propensas a operar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios de gênese e de estruturação de práticas e representações do mundo social.

Os consumos culturais, enquanto práticas, e as representações que deles têm os sujeitos são, *a priori*, passíveis de explicar um enfoque em termos de *habitus*, se se admite, potencialmente, que esses consumos e essas práticas culturais são apenas, na melhor das possibilidades, casos particulares que revelam, naquilo que não é específico, o mesmo enfoque que toda e qualquer outra prática ou leitura do mundo social. Nas palavras de Bourdieu (ibidem, p. 82), essa noção se explica da seguinte forma:

A sistematicidade e a unidade só estão no opus operatum porque elas estão no modus operandi: elas só estão no conjunto das “propriedades”, no duplo sentido do termo, de que se cercam os indivíduos ou grupos – casas, móveis, quadros, livros, automóveis, álcoois, cigarros, perfumes, roupas – e nas práticas em que se manifesta sua distinção – esportes, jogos, distrações culturais – porque estão na unidade originariamente sintética do *habitus*, princípio unificador e gerador de todas as práticas.

Nessa perspectiva, classe social não se define, para o autor, apenas por uma ter uma determinada posição nas relações de produção, senão também pelo *habitus* de classe que está associado estritamente a esse espaço social, e completa essa ideia integrando os conceitos

gosto e estilo de vida. No primeiro caso, ou seja, Bourdieu entende o gosto como “uma propensão e aptidão à apropriação (material e simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida”. O estilo de vida é definido como “um conjunto unitário de preferências distintas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimenta, linguagem ou *hêxis* corporal a mesma intenção expressiva, princípio da *unidade de estilo* que entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados” (BOURDIEU, 1983a, p. 83-84).

Nesse contexto, o autor diferencia três grandes espaços de demarcação dos estilos de vida diretamente vinculados aos setores sociais identificados a partir da topografia do espaço social. As classes dominantes, definidas pelo “sentido de distinção”; as classes médias, marcadas por “uma boa vontade cultural”, ou, mais precisamente, pelo desejo de imitar as classes dominantes; e as classes populares, explicitadas nos “gostos de necessidade”, ou “desapossamento cultural”. Entretanto entende que os gostos estão ligados entre si no momento em que as “normas de consumo legítimas” são impostas pelas classes dominantes.

Quando o autor caracteriza o estilo de vida das classes dominantes, entende que seu vínculo com a cultura se caracterizaria pela “pretensão e a distinção”. Os “nativos da arte de viver legítima”, nas palavras de Bourdieu (*ibidem*, p. 115), se diferenciariam por serem os “detentores do monopólio do desembaraço e da segurança dados pela familiaridade e competência que os aprendizados mais precoces e os mais prolongados asseguram, para colocar em marcha a dialética da pretensão e da distinção, princípio da transformação permanente dos gostos”. Para os integrantes desses setores sociais, o “bom gosto” seria parte de sua socialização inicial. O conjunto de critérios que permitem diferenciar a legitimidade das diferentes práticas e consumos culturais seria internalizado de tal forma que seus portadores não conseguem imaginar outros critérios senão aqueles que lhes permitem apreciar de forma *natural* as manifestações mais puras da arte (*como alguém pode não gostar de ópera?*, poderiam perguntar).

A classe média, para o autor, se caracterizaria pela “boa vontade cultural”, ou seja, pelo reconhecimento da cultura legítima e pelo esforço sistemático para adquiri-la. Esse grupo social – particularmente as famílias que têm sua origem nos setores populares e que detêm, por conseguinte, um limitado capital cultural – envolve-se numa série de práticas e consumos culturais (compra de livros recomendados na imprensa, visitas a museus, exposições de arte etc.) com o propósito de adquirir capital cultural. Bourdieu (*ibidem*, p. 109) comenta que “a boa vontade cultural se exprime, entre outras coisas, por uma escolha particularmente

freqüente dos mais incômodos testemunhos da docilidade cultural (escolha de amigos „que têm educação“, gosto pelos espetáculos „educativos“ ou „instrutivos“). Essa condição explica, para o autor, as escolhas disparatadas próprias desse grupo social, caracterizadas pela mistura de gêneros que são características exclusivas dos dois extremos do espaço social. O autor entende que o modo de aquisição é o que está por trás das contradições dos sistemas de preferência e da imprecisão de gêneros e hierarquias, ou seja, a forma não sistemática de incorporar conhecimento sobre a cultura. Em linhas gerais:

essa mistura de gêneros, essa confusão de ordens, essa espécie de bricolagem onde se alinham os produtos legítimos “fáceis” ou “ultrapassados”, fora de moda, desclassificados, portanto, desvalorizados – posto que um símbolo de distinção apropriado com *atraso* perde tudo o que faz seu valor distintivo – e os produtos médios – do campo da produção de massa –, é a imagem objetivada de uma cultura pequeno-burguesa. (BOURDIEU, 1983a, p. 112).

Já nas classes que ocupam o estrato inferior do espaço social, o estilo de vida é entendido como uma forma de adaptação ao lugar que ocupam. O estilo de vida das classes populares “encerra sempre [...], nem que seja sob a forma do sentimento da incapacidade, da incompetência, do fracasso ou, aqui, da indignação cultural, uma forma de reconhecimento dos valores dominantes” (ibidem, p. 100). Afirma, nessa perspectiva, que o que diferencia a classe popular das outras classes é menos o desejo de um determinado estilo de vida que as condições objetivas (tanto econômicas quanto culturais) para efetivamente alcançar essa forma de viver. Portanto “o estilo de vida popular se define tanto pela ausência de todos os consumos de luxo [...], quanto pelo fato de que esses consumos nele estão, entretanto, presentes sob a forma de substitutos [...]”. Isso caracterizaria, segundo o autor, um desapossamento de segundo grau, capaz de permitir “impor a definição dos bens dignos de serem possuídos” (ibidem, p. 100).

Na interpretação de Bourdieu, as práticas de consumo e as imagens, representações e aspirações por elas incitadas têm-se constituído em dimensões basilares para a estruturação social da identidade, no momento em que esta se expressa em formas de estilo de vida e não só na dimensão da ocupação material. Dessa forma, as identidades sociais vêm constituídas, em seu eixo fundamental, pelo estilo de vida, e a definição de classe toma esse aspecto de totalização do estilo de vida no momento em que a consciência de classe como conceito se fundamenta na identidade de indivíduo como pertencente a um grupo. O consumo constitui um elemento mediador de identidade e, do mesmo modo, configurador da consciência de classe a partir de uma posição econômica.

2.1.3 Espaço Social e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre

Neste tópico desenvolverei uma descrição mais específica do entendimento de Bourdieu sobre os elementos que se conjugam na escolha dos sujeitos por determinadas práticas de movimento corporal no tempo livre e outros consumos vinculados a elas. Iniciarei a descrição com a localização do *modelo esportivo* do autor, seguida da apresentação das ideias centrais da relação dessas práticas específicas com o conjunto dos consumos. Logo, continuarei com uma descrição dos elementos que, nessa perspectiva, condicionam as escolhas dos agentes e, por último, com uma exposição resumida de como essa dimensão se delineou no espaço e no tempo em que foram desenvolvidos os estudos empíricos que serviram de base para as interpretações *bourdieusianas* sobre as PMCTL.

Na perspectiva de Bourdieu, a distribuição das práticas esportivas³¹ nos diferentes estratos sociais pode ser interpretada como o resultado da conjugação entre uma oferta, constituída no interior de um campo social específico, e a procura peculiar de agentes sociais³². Em outras palavras, as PMCTL passíveis de serem registradas pelas estatísticas surgem na relação entre o espaço ofertante dessas práticas num momento determinado e o espaço das disposições dos agentes vinculadas ao lugar que eles ocupam no espaço social, com a capacidade de gerar consumos específicos (BOURDIEU, 2004, p. 211). Com base nesse modelo, o autor orienta dois tipos de indagações em relação a esse universo. Por um lado, aquelas que se vinculam ao campo produtor da oferta (partindo do pressuposto de que ele existe, com certo grau de independência de outros campos – econômico, político, religioso), que podem ser sintetizadas na pergunta: Qual é a lógica que rege o interior do campo onde se engendram práticas, entretenimentos e produtos vinculados ao universo das atividades físico-esportivas disponíveis e socialmente aceitáveis num determinado momento?³³ Por outro lado, indagações centradas sobre a demanda social por determinadas

³¹ Bourdieu (1983b; 1993; 2004) utiliza em seus textos a expressão “esporte” num sentido amplo, em que inclui, além de modalidades esportivas propriamente ditas (rúgbi, futebol, natação, atletismo, tênis, golfe), outras práticas definidas neste trabalho como *exercícios físicos* (ginástica, 1983b, p. 15; akido, 2004, p. 208) e *atividades físicas recreativas* (“diferentes espécies de expressão corporal”, 1983b, p. 152 e “montanhismo”, 1992, p. 80). Nesse sentido tratarei a expressão *esporte* de Bourdieu como sinônimo da expressão PMCTL definida neste trabalho.

³² O autor entende que esse modelo é válido para o conjunto das práticas sociais, afirmando: “Acho que este é um modelo bem geral que rege as mais diferentes práticas de consumo” (BOURDIEU, 2004, p. 214).

³³ Vinculado com a primeira pergunta, ou seja, “sobre as condições sociais que tornam possível a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos desde agrupamentos „esportivos“, públicos e privados, [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 137), ou, em outras palavras, na perspectiva de compreender sobre o funcionamento dos campos e dos papéis de seus

práticas poderiam ser compendiadas na questão: Quais são as condições sociais que possibilitam as escolhas e o tipo de apropriação de práticas, entretenimentos e produtos vinculados ao universo das atividades físico-esportivas disponíveis? No caso deste trabalho, como já explicitado, o interesse esteve centrado particularmente no segundo aspecto deste modelo (BOURDIEU, 1983b, p. 136).

Uma das perguntas que poderíamos levantar neste quadro teórico é se a preferência por determinados consumos esportivos tem uma lógica própria ou se faz parte de um marco mais geral de disposições dos agentes. Entendo que a resposta de Bourdieu a essa questão, interpretada com base no conjunto de seus textos consultados que tratam sobre as práticas sociais, seria bastante taxativa: as preferências por determinadas PMCTL são geradas no mesmo conjunto de disposições que estão na base das outras práticas sociais e não podem ser entendidas fora desse contexto. O autor defende que tentar estudar as práticas esportivas sem contextualizá-las no conjunto de práticas culturais a que está unida possibilitaria que se cometessem sérios erros, porque sua origem comum é o sistema de gostos e preferências (idem, 1993, p. 74 [1978, 833-4]). Dentro da perspectiva *bourdieusiana*, as práticas e os consumos em geral devem ser interpretados como uma atualização do *habitus* de classe no contexto de uma oferta de campos específicos, que se organizam e disputam no espaço social num momento histórico determinado. Assim, as PMCTL não são diferentes.

Isso significa, na perspectiva do autor, que um modelo que tenha pretensões de compreender a origem da distribuição das práticas corporais entre classes e frações de classe deve analisar os elementos condicionantes mais importantes (ibidem, p. 75 [1978, p. 835]), como: o tempo disponível (uma dimensão reconfigurada de capital econômico), o capital econômico (mais ou menos indispensável segundo os esportes) e o capital cultural (também com maior ou menor importância segundo o tipo de prática corporal), mas não pode se limitar a eles. Isso porque um modelo que considerasse apenas essas dimensões não permitiria capturar elementos centrais para entender essa distribuição, como são as diferenças nos significados e as funções atribuídas pelos diferentes grupos distribuídos no espaço social. Como explica Bourdieu (1993, p. 75 [1978, p. 835]):

as variações de classe nestas práticas derivam não só das variações nos fatores que fazem possível ou impossível satisfazer seus *custos culturais ou econômicos*, senão também das *variações na percepção e apreciação dos benefícios mediatos e imediatos* que resultam das diferentes práticas esportivas.

Significa, desse modo, que um esforço de entendimento deveria pautar a leitura da distribuição das PMCTL nos diferentes estratos sociais, na ideia que essas práticas são geradas a partir de conjuntos de esquemas de ação, percepção e avaliação (*habitus*) introjetados pelos agentes a partir de sua condição de classe. Consequentemente, deveria procurar o desdobramento do mesmo em formas específicas de relacionamento (éticas e estéticas) com as dimensões características (socialmente instituídas) das diferentes práticas corporais.

Nesse último aspecto, podem ser identificadas duas dimensões que se colocam em jogo no momento de as práticas corporais serem apreciadas pelos agentes. Por um lado, “suas propriedades intrínsecas, técnicas (as possibilidades e sobretudo impossibilidades que eles oferecem à expressão das diferentes disposições corporais)”, o que poderíamos denominar de lógica interna (PARLEBAS, 2001), sem por isso dar a essa dimensão um caráter substancialista. Por outro:

suas propriedades relacionais, estruturais, tais como se definem em relação ao conjunto dos outros programas de práticas esportivas simultaneamente oferecidas, mas que só se realiza plenamente num determinado momento, recebendo as propriedades de apropriação que sua associação dominante lhe confere, tanto na realidade como na representação, através dos participantes modais, em relação a uma posição no espaço social. (BOURDIEU, 2004, p. 214).

Essa perspectiva permite apontar ao autor uma dupla condição que deve ser observada, no esforço de interpretar as escolhas diferentes entre as classes sociais: a) as práticas corporais como instrumento ou meio de busca de distinção; e b) a relação com o próprio corpo, sendo que as práticas corporais seriam uma manifestação de um sentido mais global do “uso social do corpo” (BOLTANSKI, 1979). O primeiro aspecto, ou seja, a distinção como operadora na escolha das práticas sociais, seria um dos elementos importantes para explicar a participação ativa ou não em esportes e/ou exercícios físicos, o envolvimento com um determinado tipo de prática corporal, a ocupação com entretenimentos esportivos específicos e, mesmo, o consumo de produtos próprios desse universo. Como explicado no tópico anterior, a distinção é o esforço de classes sociais e frações de classes dominantes de manter um distanciamento diferenciador das classes médias e, particularmente da baixa, na busca de uma legitimação para as disparidades sociais (luta simbólica) (BONNEWITZ, 2003). Nesse contexto, diferentes *consumos esportivos*, marcados socialmente, são capazes de diferenciar seus praticantes e, consequentemente, fornecer benefícios sociais derivados de uma prática distintiva que é percebida muito desigualmente (BOURDIEU, 1993).

Pode ver-se, por exemplo, o golfe – como o caviar, o *foie gras*, ou o whisky –, ademais de suas funções estritamente saudáveis, tem uma *significação distributiva* (o significado que as práticas obtêm de sua distribuição entre agentes distribuídos em classes sociais) que, unanimemente reconhecida e aceita sobre a base de uma maestria prática da probabilidade de que as distintas classes pratiquem diferentes esportes, é inteiramente oposta à da *petanca*, cuja função puramente saudável não é quiçá muito diferente, mas que tem uma significação distributiva muito próxima do *Pernod* e de todas as bebidas fortes, e à de todos os tipos de alimentos que não são só econômicos senão *fortes* (também no sentido de com *especiais*) e que se supõe que dão força porque pesados, gordurosos e condimentados. (ibidem, p. 77).

No segundo aspecto, Bourdieu entende que classes diferentes cultivam tipos de corpos diferentes e preferem envolver-se com esportes e/ou exercícios físicos distintos em função do que as características destes permitem expressar e/ou alcançar as dimensões éticas e estéticas próprias do *habitus* de classe. O autor (idem, 1983b, p. 151) afirma a esse respeito:

além de qualquer forma de distinção é a relação com o próprio corpo, enquanto dimensão privilegiada do *habitus*, que distingue as classes populares das classes privilegiadas, assim como no interior destas se distinguem frações separadas por todo um universo de um estilo de vida.

Dessa maneira, é possível reconhecer que essas expectativas são diferentes tanto nos efeitos esperados na dimensão externa do corpo (por exemplo, uma musculatura visível, ou qualidades como a elegância ou a destreza) como na dimensão do *corpo interno* ou organismo (saúde, *combate aos efeitos do envelhecimento*). A seleção de práticas corporais também aparece pautada pelo tipo de compromisso corporal exigido/permitido por elas (práticas caracterizadas pela entrega e esforço extenuante, ou contrariamente, pelo distanciamento e controle da situação).

Nesse ponto, acredito ser importante mencionar dois aspectos em relação às dimensões descritas anteriormente (distinção e relação com o próprio corpo): a) parece bastante claro que essas dimensões não operam separadas, senão numa intrínseca relação, já que, por exemplo, o *hexis* corporal está atravessado tanto pela dimensão da distinção quanto pelas disposições que os sujeitos têm em relação a seu próprio corpo; e b) destacar o fato de que é possível pensar que essas dimensões podem ter pesos diferenciados quando considerados elementos distintos das práticas relacionadas com o universo das atividades físico-esportivas. Por exemplo, praticar ou não determinado esporte ou exercício físico parece estar atravessado pelas duas dimensões, enquanto que ser consumidor de determinados entretenimentos esportivos parece ser menos afetado pela *relação com o próprio corpo* que os efeitos atribuídos ao esforço de distinção. Possivelmente, Bourdieu não faça menção a esse aspecto porque, na lógica de seu modelo teórico, o *habitus* seria um gerador de ambas as dimensões.

Em *A Distinção* (2007) e em outros textos já citados aqui, Bourdieu (2004; 1993; 1983b; 1978), desenvolve uma descrição e uma interpretação sobre o envolvimento das diferentes classes sociais, da sociedade francesa dos anos 1970, com o corpo, as práticas esportivas e os entretenimentos esportivos e, ainda, dos significados a eles atribuídos. Assim, nesta parte do texto apresentarei os aspectos centrais dessa descrição/interpretação, assumindo a posição de que as mesmas são metodologicamente restritas ao universo e à época pesquisada. Isso significa que elas não podem ser simplesmente transferidas para descrever/interpretar as PMCTL de qualquer parte do mundo em qualquer época, ainda que possa ser um potente modelo heurístico para outras pesquisas. Dessa forma, procuro fugir de qualquer tratamento substancialista das práticas corporais, das características ou disposições de classe e da relação entre elas (BOURDIEU, 2004), como se essas fossem a-históricas, ou seja, como se as características desses objetos e sua relação não fossem socialmente instituídas.

Na lógica *bourdieusiana*, como já descrito, a sociedade francesa dos anos 1970 constituía-se de (pelo menos) três classes sociais e um conjunto de frações dentro de cada uma delas. Essas três grandes classes guardavam uma relação entre si (aqui bastante simplificada, mas funcional para esta parte do texto), caracterizada pelo esforço das classes dominantes de se distanciarem/distinguírem das classes médias e baixas; as classes médias pelo esforço de se apropriar da cultura legítima (cultura das classes dominantes) e de se diferenciar da classe trabalhadora; e, finalmente, a classe trabalhadora, por uma cultura orientada pela necessidade e o rechaço aos valores assumidos pelas classes médias³⁴. Assim, seguindo essa lógica relacional, que impossibilita descrever as práticas culturais das classes como se fossem constituídas de forma independente umas das outras, tentarei reunir as descrições/interpretações de Bourdieu vinculadas ao corpo, práticas esportivas (exercícios físicos) e entretenimentos esportivos e sua relação com as dimensões da *distinção* e *relação com o próprio corpo* antes descritas, de uma forma articulada, iniciando pelas classes dominantes e suas frações, seguindo com as classes médias e as suas divisões e concluindo com as classes trabalhadoras.

As classes dominantes caracterizam-se por ter práticas corporais pautadas pela *raridade* (no sentido de *não vulgar*) e por uma tendência em tratar o corpo *como um fim* (em

³⁴ Uma caracterização similar é realizada por Lahire (2007): “A situação social global descrita desde meados dos anos 1960 na França pode ser resumida da seguinte forma: classes dominantes „cultas“, com uma relação fácil com a cultura para aqueles que tiveram uma educação cultural precoce; classes médias caracterizadas por „boa vontade cultural“ e tensão hipercorretiva, oscilante entre o „nobre“ e o „popular“; e classes dominadas mantidas à distância da cultura e sob permanente vergonha ou indignidade cultural”.

oposição à classe trabalhadora, que o trataria como um instrumento). Dentro do esforço de distinção nas classes dominantes, particularmente na fração dominante dela, encontram-se sobrerrepresentadas, nas pesquisas utilizadas por Bourdieu, as práticas mais diferenciadas, como golfe, hipismo, esqui. Neste ponto é importante lembrar que as limitações econômicas definem o campo de possibilidades e impossibilidades, sem estabelecer dentro dele a orientação de um tipo específico de prática por parte do agente (BOURDIEU, 1983b). Isso significa que limites na renda disponível podem estabelecer tetos de participação em função do investimento de que se necessita para a prática de um determinado esporte, mas não estabelece orientações para selecionar, dentro das práticas corporais, aquelas possíveis de sustentar economicamente. Exemplificando a ideia, aqueles que podem custear a prática do golfe também podem escolher jogar *petanca* (bochas), entretanto a escolha é pelo primeiro e não pelo segundo. Na interpretação de Bourdieu (1993), não há dúvida de que, para alguns setores das classes dominantes, os esportes, para além de suas funções higiênicas e estéticas, têm claras funções sociais. Os esportes integram o rol das atividades *gratuitas* e *desinteressadas* que possibilitam a acumulação de capital social, através de encontros em seletos clubes³⁵. Bourdieu reconhece, na relação, que as classes privilegiadas mantêm com o corpo uma manifestação da tendência da mesma à “estilização da vida”, ou seja, tratar o corpo como um fim e não como um meio, como já enfatizado. O autor destaca que essa relação se apresenta “com variantes que dependem do realce que se coloca no próprio funcionamento do corpo como organismo e que leva ao culto macrobiótico da saúde, ou na ênfase na própria aparência do corpo como configuração perceptível, o „físico“, isto é, o corpo-para-outrem” (BOURDIEU, p. 1993, p. 80), observando que à medida que se ascende na hierarquia social as preocupações com a dimensão estética intensificam-se. Isso é particularmente notável em relação às mulheres, a quem se lhes exigiria atingir padrões estéticos não apenas na dimensão física, como também na forma de mover-se.

Nas classes médias, Bourdieu identifica que ganham destaque algumas práticas que servem para distinguir-se das classes populares e uma relação com o corpo como um fim em si mesmo (semelhante às classes dominantes), entretanto, numa forma mais elementar, centrada na dimensão higiênica. O autor não enfatiza os esportes que integrariam as práticas culturais da classe média, contudo, de forma semelhante a alguns setores das classes burguesas, frações da classe média dedicam-se a esportes que associam a função higiênica tanto como a distintiva, particularmente em relação às classes populares. Bourdieu (*ibidem*, p.

³⁵ Instituições que, frequentemente, têm estratégias para restringir o acesso a pessoas que estão fora do “nível” social dos associados.

81) dá o exemplo do montanhismo, prática comum “entre professores de secundário ou de universidade, a função de manutenção do corpo em termos puramente de saúde se combina com todas as gratificações simbólicas associadas à prática de uma atividade altamente distintiva”. Bourdieu (ibidem, p. 80) interpreta que, nas classes médias baixas, “o cultivo do corpo aparece, em sua forma mais elementar, ou seja, como culto à saúde, implicando com frequência uma exaltação ascética da sobriedade e o rigor dietético [...]”, empenhando-se de forma particular em práticas motoras para o desenvolvimento da aptidão física. O autor encontra lógica no fato de que essas práticas, altamente racionalizadas e que exigem uma fé intensa na promessa de resultados que serão alcançados posteriormente, se encontrem enraizadas nas disposições ascéticas em indivíduos que queiram ascender socialmente. Isso porque esses agentes estão “preparados para encontrar satisfação no esforço mesmo e para aceitar – tal é o significado de toda sua existência – as satisfações diferidas que premiarão seu sacrifício presente” (ibidem, p. 81).

Na classe trabalhadora, dentro dos limites econômicos que restringem as possibilidades de aceder às práticas corporais, Bourdieu identifica que as preferências estão pautadas por um destaque à ideia de juventude e por uma relação instrumental com o próprio corpo. Os esportes populares, para o autor, têm uma característica central: estão associados à mocidade. Por um lado, porque exigem uma grande demanda de energia física (sexual), como são os jogos esportivos coletivos (basquete, handebol, rúgbi, futebol) e esportes individuais, como a luta e o boxe, sendo portadores de características como: exaltação da competição e da luta, espírito de sacrifício, obediência tática, propensão para a violência³⁶. Por outro, porque são abandonados quando se chega à vida adulta (marcada pelo casamento), contrariamente dos esportes burgueses praticados para além da juventude. Quando observado o tipo de esporte e a forma de sua prática entre os agentes dos grupos sociais desfavorecidos, Bourdieu a interpreta como uma clara manifestação da relação instrumental que esse setor da população mantém com o seu corpo. A escolha pelo tipo de prática esportiva não é outra coisa que a atualização, nesse campo específico, de disposições que se exprimem nas mais diversas relações com o corpo.

A relação instrumental com o próprio corpo, que as classes populares exprimem em todas as suas práticas que têm o corpo como objeto ou questão de disputas, regime alimentar ou cuidado de beleza, relação com a doença ou cuidados com a saúde, também se manifesta na escolha dos esportes que demandam grande investimento de esforços, às vezes dor e sofrimentos (como o boxe), e em certos casos exigem que o próprio corpo seja colocado em jogo, como a moto, o pára-quedismo, todas

³⁶ Características que repeliriam a burguesia.

as formas de acrobacia e, em certa medida, todos os esportes de combate, entre os quais se pode inscrever o rugby. (BOURDIEU, 1983b, p. 151).

Também essa disposição se manifestaria quando da realização de exercícios físicos, já que se observaria uma preferência entre os agentes da classe trabalhadora pela produção de um corpo forte, portador dos sinais externos dessa força. Tal fato se percebe na proporção maior desse grupo social a escolher programas de atividades físicas como o fisiculturismo.

Bourdieu não dispensa muita atenção em suas obras a outras práticas vinculadas com o mundo das atividades físico-esportivas, que não a participação ativa no esporte e no exercício físico. Particularmente, não comenta muito no que se refere ao entretenimento esportivo. Apenas discute essa dimensão tangencialmente, quando descreve/interpreta o processo de popularização do esporte e a transformação do mesmo num fenômeno de massa, ou seja, na constituição do campo do “*show business*” esportivo e seus potenciais efeitos na forma de os agentes consumirem/apreciarem o espetáculo esportivo³⁷. Ele comenta que, no contexto dos lucros distintivos proporcionados no campo das práticas corporais, a disposição para assistir ao espetáculo esportivo deve ser interpretada no marco da oposição entre a participação em esportes e o mero consumo do entretenimento esportivo. Conseqüentemente, não é casual que “a probabilidade de ver por TV algum dos mais populares espetáculos esportivos, como futebol e rúgbi (a assistência como espectador aos estádios obedece a outras leis mais complexas) se reduz significativamente ao subir na hierarquia social” (idem, 1993, p. 68). Isso significa que a ocupação ou não do tempo livre com essa prática cultural específica também fala do espaço social dos agentes.

Para concluir este tópico, reforço a ideia de evitar qualquer tipo de substancialização em relação à descrição anterior. Como nos adverte Bourdieu (2004, p. 209):

é preciso ter cuidado para não estabelecer uma relação direta [...] entre um esporte e uma posição social [...] A correspondência, que é uma verdadeira homologia, estabelece-se entre o espaço das práticas esportivas, ou, mais precisamente das diferentes modalidades finamente analisadas da prática dos diferentes esportes, e o espaço das posições sociais.

Portanto os estudos que tenham esse modelo de análise como base devem evitar trabalhar na perspectiva de comprovar se determinados esportes, com suas características, são efetivamente mais ou menos praticados numa determinada classe, tomando como *reais* essas características, independentemente da apropriação social do mesmo e da relação com a localização de outras práticas no campo esportivo e sua distribuição no espaço social.

³⁷ Nessa parte do texto, Bourdieu (1983, p. 143 e seguintes) levanta uma série de *hipóteses* sobre o impacto do “*show business*” no campo esportivo, que mereceriam uma atenção especial por parte dos *cientistas do esporte*.

2.2 BOURDIEU E AS PESQUISAS NO UNIVERSO DAS PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL

A teoria de Pierre Bourdieu sobre as PMCTL e outras práticas vinculadas a este universo tem sido balizadora de diferentes investigações. Neste tópico, apresentarei um conjunto de estudos desenvolvidos na última década que foi iluminado pelas conjecturas *bourdieusianas* em países americanos e europeus. Enfatizarei três dimensões: a participação nas práticas de movimento corporal, os significados atribuídos às PMCTL e, finalmente, a assistência a espetáculos esportivos.

2.2.1 Participação nas Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre

No Canadá, nos Estados Unidos e em países da União Europeia, os estudos sobre o *comportamento esportivo* da população são desenvolvidos de forma sistemática há pelo menos quatro décadas. Essas investigações têm permitido, entre outros objetivos, conhecer a relação entre as variáveis sociodemográficas da população e o envolvimento regular em atividades corporais, como também a mudança destes padrões no transcurso do tempo.

Em vários desses estudos, pode-se perceber que há uma tendência a aumentar o percentual da população praticante de esportes, mesmo que as diferenças entre os diversos estratos sociais ainda persistam (WARDE, 2006; SCHEERDER et al., 2002). Apenas o Canadá teria detectado uma diminuição na taxa da população envolvida com práticas esportivas e de exercícios físicos (CONFERENCE BOARD OF CANADA, 2005).

As investigações apontam que a classe social³⁸ incide na participação das pessoas em PMCTL. Basicamente, observa-se que quanto maior o nível social, maior é a probabilidade de os sujeitos incluírem em seus estilos de vida práticas regulares de exercícios físicos e/ou esportes. Os resultados são consistentes em diferentes países, como Reino Unido (WARDE, 2006), Bélgica (SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; SCHEERDER et al., 2005b, 2002), Portugal (MARIOVET, 2001), Espanha (FERRANDO, 2006), Estados Unidos (STEMPEL, 2005; WILSON, 2002) e Canadá (CONFERENCE BOARD OF CANADA, 2005).

³⁸ Operacionalizada de distinta forma segundo os estudos.

Essa diferença entre as classes não se percebe apenas no fato de as pessoas dos setores sociais mais favorecidos terem um maior envolvimento com práticas corporais, senão também pela tendência a realizarem tipos de esportes e/ou exercícios físicos diferentes. Por exemplo, os resultados da pesquisa de Stempel (2005, p. 427-28), desenvolvida nos Estados Unidos, fornecem suporte para várias das afirmações da teoria *bourdieusiana* sobre a distinção social entre classes e os processos de demarcação das diferenças sociais. As classes dominantes parecem usar esportes aeróbicos intensos, os níveis moderados do treinamento com peso e os esportes competitivos que moderam a violência e a dominação física para marcar limites entre eles e as classes média e baixa. Esses dados, na interpretação de Stempel, parecem indicar que a escolha por um estilo de vida fisicamente ativo é um princípio primário de distinção das classes dominantes frente às classes médias e baixas.

Nesse estudo, constatou-se que os adultos das classes dominantes usam a participação em esportes para traçar limites; trabalhando ativamente seus corpos, buscam produzir disciplina, alto desempenho e realização pessoal. A atração por esportes vigorosos é um modo prático de manter distância das classes definidas como preguiçosas. Aparentemente, nas últimas décadas, a noção de aptidão foi redefinida para incorporar o desenvolvimento da força, mas a capacidade aeróbica e a vitalidade que ela representa pesam de forma mais decisiva na definição de saúde e aptidão com que as classes dominantes se identificam. O autor ainda afirma que a competitividade e *vontade de vencer (will to win)*, dentro de constrangimentos civilizados na dominação física, parecem ser um princípio secundário importante da distinção. A estrutura do campo da participação em esportes adultos apoia a tese de Bourdieu de que as classes dominantes se relacionam às classes mais baixas, opondo a ideia de que a primeira faz um uso controlado e civilizado da força, enquanto a segunda faria uso da força bruta e incontrolada. Da mesma forma, os resultados apoiariam uma segunda tese, a qual indica que a fração dominante das classes dominantes (maior capital econômico) se relaciona com a fração dominada da classe dominante, referenciando uma oposição entre valores másculos que atravessariam suas práticas contra valores femininos que estariam presentes nas práticas da fração com maior capital cultural. Deste modo, a dominância físico-cultural que as classes privilegiadas realizam, através de esportes de participação, não é o predomínio, pela exposição de maior força física, que é percebido como incivilizado, mas pela disposição de cultivar um corpo e um *hexis* corporal que exiba vitalidade, caráter moral, competitividade, autocontrole e autodesenvolvimento.

As evidências também sugerem que as classes de capital cultural elevado, em oposição às classes economicamente dominantes, cultuam a corporificação do autocontrole e do autodesenvolvimento por meio dos esportes (o corpo cultivado). Os adultos de classes

dominantes praticam uma larga variedade de esportes tanto ou mais do que as classes mais baixas, inclusive alguns que análises prévias identificaram como tendo uma reputação proletária. Neste quadro, o boliche é o único esporte em que as classes médias participam mais do que as classes dominantes. Isso apoia a tese sobre o consumo onívoro dos sujeitos das classes altas que, em condições culturais mais democráticas, se ocupam tanto em atividades altamente exclusivas quanto em uma larga variedade de outras atividades.

Os resultados também sustentam a proposição de que há uma divisão *asceta versus luxo* entre as frações cultural e economicamente dominantes das classes altas. A categoria com predomínio de capital cultural investe mais energia em esportes de aptidão (femininos) e no princípio de trabalhar ativamente seus corpos, e a classe dominante, com predomínio de capital econômico, envolve-se comparativamente mais com esportes competitivos (masculinos). Essa diferença é acentuada para o gênero dentro de cada fração de classe que combina com o código generificado da sua fração de classe na relação alto predomínio de capital cultural (CA) e capital econômico médio (EM), comparada com as de alto predomínio de capital econômico (EA) e capital cultural médio (CM) (mulheres de CA-EM e homens CM-EA).

Em países europeus, encontramos estudos na mesma linha. Scheerder e outros (2002) argumentam que as diferenças sociais na preferência de esportes podem ser explicadas pela proposta *bourdieusiana* de classes em luta de classificação, as quais buscam distinguir-se umas das outras com base na educação, na ocupação, na residência e, evidentemente, pelo consumo – que inclui tanto objetos como experiências, como é o caso das práticas esportivas. Nessa perspectiva, os autores interpretam os esportes, acompanhando a visão de Bourdieu, como recursos valiosos para exprimir valores sociais dominantes e ser usados como códigos simbólicos do gosto e do estilo. Desse modo, na interpretação de Scheerder e outros (2002), a pirâmide de esportes (Figura 3), elaborada com base na pesquisa, seria uma indicação de que essa luta simbólica entre as classes, em Flandres (Bélgica), ainda continuaria quando comparada com a primeira investigação desenvolvida sobre o assunto.

No estudo desenvolvido, a estratificação dos esportes se caracteriza por: a) os esportes praticados pela classe social mais alta se distinguem por usar implementos caros (golfe, esgrima, *squash*, esqui, tênis), pela necessidade de desembolsos monetários elevados e por permitir a exposição ostentosa da riqueza. Contrariamente, os esportes mais praticados pela classe baixa são individuais (pesca e ciclismo) ou aqueles que envolvem o contato corporal direto, como o boxe ou o caratê. Assim, as oposições como *distância versus contato* e *polidez*

versus rudeza são aplicadas para marcar distinções entre as classes altas e baixas, reforçando e até legitimando as diferenças entre as posições sociais.

Scheerder e outros (2002) utilizam um estudo conduzido por Vanreusel e outros para interpretar a possível relação entre os valores que orientam a cultura da classe trabalhadora e a dos esportes mais praticados nesse universo. Os autores comentam que o estudo consultado conjectura que os esportes da classe trabalhadora seriam organizados de modo mais conservador e tradicional do que os esportes da classe não trabalhadora, que seriam caracterizados por terem um sentido mais inovador. Desse modo, percebem que efetivamente os dados apontam que os esportes de classe mais baixa, como a musculação, o arco e flecha e o boxe, entre homens, e futebol, *indoor-soccer (showbol)* e handebol, entre mulheres, são esportes típicos de clubes e praticados em um contexto com uma organização bastante tradicional, indicando que a afinidade com práticas de esportes organizadas, de fato, parece ser característica dos níveis socioprofissionais mais baixos. Contrariamente, as atividades esportivas não organizadas, que podem ser caracterizadas como práticas recreativas intensas, orientadas por valores como autorrealização e sem vínculo institucional, são prevaletentes entre as classes sociais superiores – por exemplo, o *snowboard*, o surfe à vela, o tênis e o *squash*, todos eles categorizados como os mais altos esportes de classe.



Figura 3 - Pirâmide do *status* social dos esportes entre os homens adultos de Flandres, Bélgica, no ano de 1999.

Fonte: Scheerder e outros (2005, p. 237)

Scheerder e outros (2002) sustentam que, diferentemente do afirmado por cientistas sociais contemporâneos sobre a incorporação do estilo de vida da classe média pela classe trabalhadora, seus resultados indicaram que esta, pelo menos no que se refere às práticas corporais, tem seu *estilo próprio*. Além disso, a classe média estaria emergindo como produtora e consumidora da *pós-modernidade* por excelência, o que se desdobraria na procura do risco controlado, da aventura conspícua, da boa condição física e da aparência física atraente. Os esportes da classe média superior, identificados em pesquisas de anos anteriores, como corrida/jogging (em 1979), ginástica aeróbica (em 1999), corridas de *rollerblade* (patins

com rodas em linha, em 1999), escalada *indoor* (1999) e os esportes desta época, como voo com planador, skate, surfe e esqui aquático, podem ser vistos como produtos desse novo estilo de vida de classe média. Introduzindo e praticando esses *novos* esportes, a nova classe média enfrenta a classe superior por meio de uma luta simbólica.

Também Warde (2006) desenvolve uma pesquisa no Reino Unido que tem como centralidade a relação entre o capital cultural e o espaço esportivo. Particularmente, realizou uma análise sobre a relação entre as classes sociais e o tipo de esporte ou exercício físico praticado³⁹. Da mesma forma que nos estudos de Scheerder e outros (2002) e de Stempel (2005), Warde aponta que a origem social dos participantes muda entre os diferentes esportes. O bolão e a dança são mais populares entre o proletariado, o ciclismo, o *squash* e o golfe são marcados pela classe média, enquanto que o golfe é preferido especialmente pela classe que está integrada às *profissões superiores*, como também de pequenos proprietários e supervisores. Outras atividades não são tão fortemente influenciadas pela classe, tendo uma popularidade proporcional entre as mesmas: ginástica, caminhadas, natação, futebol e corrida (*jogging*). O autor chama a atenção também de que o segmento mais alto tem uma proporção de respostas muito maior no item *outras atividades*, o que permitiria especular com o fato de que nesta classe se concentra o maior número de esportes raros, ou seja, exclusivos para determinados setores sociais. Entretanto é importante mencionar que, na conclusão de seu trabalho, Warde (2006, p. 119) inscreve esta afirmação:

O esporte é simbolicamente significativo. Mas não é tão fortemente marcado pela classe como sugerido por Bourdieu (1978; 1984) [...]. Existem certamente alguns indícios de que os diferentes esportes carregam conotações de posição social [...]. Existem algumas evidências de que as pessoas mais privilegiadas escolhem esportes raros. Também, homens de classe social mais alta enfatizaram os aspectos sociáveis de participação esportiva; pode ser que aquelas pessoas „lucrem“ da participação no golfe ou *squash*. Entretanto, o efeito principal geral da classe aparece em termos não da identidade simbólica de esportes particulares, senão na propensão de participar ativamente. A probabilidade de declarar que participam em esporte e a frequência com que as pessoas fazem exercício está correlacionada fortemente com a posição de classe profissional. Regimes de manutenção de corpo são diferenciados nas classes, uma característica que é na realidade mais pronunciada entre mulheres que entre homens.

Apesar de os estudos apresentados estabelecerem vínculos entre as classes sociais e a *vida esportiva* dos sujeitos, não podemos desconhecer que esta é influenciada por outras dimensões sociais que, de forma isolada ou combinada, também afetam o padrão de envolvimento da população com as práticas corporais e a preferência por um ou outro tipo. Na

³⁹ É importante observar que o número limitado da amostra e a dispersão entre as práticas mencionadas pelos entrevistados não tenham permitido ao autor fazer tratamentos estatísticos complexos, o que afeta a possibilidade de diferenciar o efeito de interação com outras variáveis, como idade e gênero.

introdução, mencionei que, entre outras dimensões sociodemográficas, estão: idade, sexo, etnia, cor de pele, localização geográfica da residência, nível educacional, renda. A seguir, observaremos algumas relações identificadas nos estudos citados anteriormente sobre essas dimensões, em particular o nível educacional e a renda, no momento em que, na proposta teórica de Bourdieu, compõem o capital global que distribui os sujeitos no espaço social.

Warde (2006), em sua pesquisa desenvolvida no Reino Unido, incluiu um número significativo de variáveis sociais que lhe permitiu constatar um conjunto de relações entre estas e o envolvimento com práticas corporais. Por exemplo, o nível educacional, contrariamente à classe socioprofissional, não teve um efeito importante para a escolha dos esportes praticados; no entanto foi determinante para o envolvimento com a prática corporal. Por outro lado, os dados mostram uma correlação marcada entre a etnia e os esportes favoritos. Proporcionalmente, os grupos de ingleses brancos e não brancos são igualmente envolvidos, mas a escolha dos esportes está relacionada com o grupo étnico de origem (mudando entre os grupos étnicos as preferências pelas práticas esportivas, como também a proporção do envolvimento dos gêneros em cada grupo).

A pesquisa de Warde (2006) reforça a ideia de que a diferença mais importante entre as preferências pelas práticas esportivas específicas vincula-se com o gênero mais que com qualquer outra dimensão. Homens e mulheres têm preferências por práticas corporais diferentes. As atividades femininas preferidas relacionam-se com o exercício físico (natação, *fitness*, caminhada), sendo que muitos esportes não são sequer mencionados nas respostas das mais de 800 mulheres da amostra. Contrariamente, os homens informam praticar mais esportes (com destaque para o futebol e o golfe) e mencionam uma gama maior de atividades. O autor faz outro aporte importante quando evidencia o efeito de interação entre o gênero e a classe. Mulheres que se ocupam em trabalhos remunerados têm mais probabilidade de exercitar-se que aquelas que não. Aquelas que ocupam cargos administrativos, particularmente mulheres que ocupam posições de destaque, frequentam de forma mais assídua academias que as mulheres da classe trabalhadora.

No Brasil, como comentei, classe social não tem sido uma categoria de análise importante nas pesquisas que buscam compreender a distribuição das PMCTL na população. Contudo alguns estudos têm realizado levantamentos considerando uma classificação de classes socioeconômicas, ou mais precisamente de classes econômicas⁴⁰, desenvolvida por

⁴⁰ “O CCEB – comumente tratado por Critério Brasil – estima o poder de compra de indivíduos e famílias urbanas, com base no LSE [Levantamento Socioeconômico] do IBOPE, classificando-os por classes econômicas

institutos de pesquisas de mercado⁴¹ que, como explicado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2007, p. 4), têm como principal objetivo estimar a capacidade de consumo de setores populacionais e sem nenhuma pretensão de atribuir a essa classificação qualquer caráter sociológico. Isso significa que seus resultados devem ser tomados com cautela no que diz respeito à discussão desenvolvida neste trabalho.

Botelho e Fiore (2005)⁴² desenvolveram uma pesquisa sobre o *Uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo*, na qual foram incluídas, no rol de 22 práticas culturais pesquisadas, indagações sobre *atividades ligadas ao esporte*. Os dados da pesquisa, como mostra a Tabela 1, apontam que, considerando o agrupamento das classes A e B, as classes sociais mais abastadas acumularam um percentual maior de pessoas que nos 12 meses anteriores tinham praticado *qualquer outro tipo de esporte exceto futebol, feito algum tipo de ginástica* e participado de *alguma caçada ou pescaria*, quando comparadas com a classe C e o agrupamento das classes D e E. É interessante notar que a diferença no percentual de sujeitos das classes A/B, que é um terço superior às classes D/E (quando indagados sobre se *jogou futebol*), pula para mais de duas vezes e meia, quando perguntados sobre terem praticado outro tipo de esporte, e para quase três, quando questionados se *tinham feito algum tipo de ginástica*. Esses resultados, ainda que imprecisos, mostram tendências similares com dados encontrados em outros países em relação à diversidade de esportes praticados pelas classes favorecidas, como também por implicar-se de forma mais consistente com o exercício físico (ainda que pelo tipo de pergunta não se possa falar de engajamento em programas regulares de atividade física). Esse padrão mudou quando indagados se tinham jogado futebol, ficando a classe C com uma pequena vantagem sobre as outras duas. Os autores não interpretam os resultados, porém chamam a atenção para o fato de que, nas práticas de atividades esportivas, “as clivagens de escolaridade e renda foram quase tão marcantes quanto às registradas para as práticas culturais tidas como „nobres“ – resultado instigante que demanda uma análise posterior mais detida” (BOTELHO; FIORE, 2005, p. 104).

ao invés do pouco esclarecedor critério de classes sociais” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA, 2007).

⁴¹ Associação Brasileira de Anunciantes (ABA); Associação Brasileira dos Institutos de Mercado (Abipeme); Associação Nacional das Empresas de Pesquisas (Anep); Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep).

⁴² Utilizaram, além das variáveis gênero, escolaridade e idade, categorias reagrupadas das classes socioeconômicas, estabelecidas com critério Abipeme.

Tabela 1 - Práticas esportivas na Região Metropolitana de São Paulo

Fez uma dessas atividades pelo menos uma vez (nos últimos 12 meses anteriores)	Classe (Critério Brasil)		
	Classes A/B	Classe C	Classes D/E
Jogou futebol	31,4	34,8	23,1
Praticou qualquer outro tipo de esporte	42,0	32,2	15,7
Fez algum tipo de ginástica	56,1	32,6	18,8
Foi alguma caçada ou pescaria	29,0	26,6	21,4

Fonte: adaptado de Botelho e Fiore (2005, p. 104).

Outro trabalho brasileiro, que assume mais um caráter jornalístico que um estudo acadêmico, é a pesquisa desenvolvida pelo SESC de São Paulo e apresentada pelo editor-chefe Jorge Caldeira (2003). Essa pesquisa teve como objetivo desenhar um mapa das atividades físicas praticadas pelos paulistas, como também das motivações e dos comportamentos relacionados a ela. Como variáveis sociais, foram consideradas sexo, idade e classes econômicas (classificação com base nos critérios dos institutos de pesquisa, neste caso, Datafolha). Frente à pergunta *Você costuma praticar alguma atividade física ou esportiva?*, 60% dos entrevistados responderam afirmativamente. Quando as respostas positivas foram estratificadas por classe, os resultados mostraram a prevalência dos praticantes das classes A e B (65% e 72%, respectivamente), um percentual pouco abaixo na classe C (60%) e um valor menor do agrupamento das classes D/E (47%). Neste caso, aparece uma tendência convergente com os outros estudos já citados. Em relação ao tipo de prática, surgem novamente diferenças (Tabela 2).

Percebem-se, sempre lembrando os limites metodológicos desta pesquisa, que os resultados mostram tendências semelhantes às descritas (STEMPEL, 2005), no que se refere ao predomínio proporcional da população das classes favorecidas no envolvimento com o exercício físico, que se manifesta particularmente nas práticas de *ginástica/musculação* e *cooper/corrída*, quando comparado com as classes D/E, no lado oposto. Destaca-se também a diferença inversa no item *andar em bicicleta*, que pode estar identificando o uso desse veículo para transporte e não necessariamente como PMCTL. Contudo, da mesma maneira que o estudo anterior, os resultados encontrados em relação à classe econômica não mereceram maiores comentários dos autores.

Tabela 2 - Atividades físicas que costumam praticar os habitantes do Estado de São Paulo

Quais atividades físicas costuma fazer?	Classe-econômica			
	Classes A	Classe B	Classe C	Classes D/E
Nenhuma	35	28	40	53
Caminhada	24	32	28	25
Futebol/jogar bola	14	17	19	12
Ginástica/Musculação	20	17	9	6
Andar de bicicleta	0	3	8	6
Natação	0	9	2	1
Cooper/correr	8	5	3	2
Vôlei	0	4	1	2
Basquetebol	0	2	1	1
Carregar peso (sic)	2	1	1	1

Fonte: adaptado de Caldeira (2003, p. 35).

2.2.2 Significados atribuídos às Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre

Além dos aspectos possíveis de serem identificados com base no envolvimento e no tipo de prática corporal realizada, as investigações têm procurado conhecer o significado atribuído a elas por seus praticantes. Na proposta de Bourdieu, fica claro que agentes sociais pertencentes a classes diferentes, ou seja, portadores de *habitus* diferentes, podem até ter consumos similares, mas isso não significa que eles deem o mesmo sentido a essas práticas. Isso é possível de ser evidenciado particularmente nas práticas corporais, nas quais se percebe que, em alguns países, determinados esportes parecem ser praticados proporcionalmente de forma semelhante entre as distintas classes sociais. Não obstante, Bourdieu (2007, p. 198) adverte que,

pelo fato de que os agentes apreendem os objetos através de esquemas de percepção e de apreciação de seus *habitus*, seria ingênuo supor que todos os praticantes do mesmo esporte – ou qualquer outra prática – conferem o mesmo sentido à sua prática ou, até mesmo, praticam, propriamente falando, a mesma prática.

Assim, na literatura disponível, observa-se um conjunto de estudos que trabalham com essa hipótese e se propõem a conhecer se diferentes classes sociais significam as práticas esportivas de formas diferentes. Nesse contexto, pude identificar dois tipos de estudo. Por um lado, aqueles que centram a coleta de seus dados por meio de questionários, devendo os

informantes marcar respostas a perguntas estruturadas sobre o significado atribuído à prática esportiva. Por outro lado, estudos de cortes mais qualitativos incluem pesquisas de campo centradas em observação direta e entrevistas.

Seippel (2006a) desenvolveu uma pesquisa na Noruega com o objetivo de conhecer como membros de clubes experimentam suas atividades esportivas e como os significados atribuídos⁴³ a elas são condicionados pelas características sociais dos sujeitos (idade, gênero e classe) e pelas atividades esportivas (esportes individuais e coletivos e níveis competitivos das práticas). Em linhas gerais, os resultados apontam, primeiro, que há uma variedade ampla de razões para empenhar-se em práticas corporais. Na população pesquisada, o motivo que ganha maior destaque se vincula com *a diversão e o desfrute* da atividade, seguido pelo desejo de *se manter em forma*, conseguir algum tipo de *recreação mental* e o aumento de *relações sociais* (sociabilidade) referentes ao contexto desportivo.

Quando observados os resultados de Seippel (2006a), em relação a como as diferentes classes sociais⁴⁴ significam suas atividades esportivas – os quais, é importante mencionar, passaram por uma análise de bi-variância simples⁴⁵ –, constatam-se várias diferenças. As discrepâncias mais importantes localizaram-se nas categorias *sociabilidade* e *expressividade*. Os membros das classes altas escolheram menos vezes essas alternativas, enquanto as pessoas das classes mais baixas as escolheram maior número de vezes. Por outro lado, há também diferenças relativamente sistemáticas, quando comparadas as categorias *manutenção da condição física* e *recreação mental*, sendo que o padrão é o contrário do anterior. Na interpretação de Seippel (2006a), esses resultados confirmariam as ideias de Bourdieu, que descrevem as classes mais baixas como as mais interessadas nas dimensões sociais e expressivas do esporte; desse modo, o esporte aparece como uma experiência com traços mais existenciais desses grupos sociais, enquanto as classes mais elevadas mantêm uma atitude de distanciamento a essas atividades. Por outro lado, a instrumentalização das classes mais elevadas das práticas corporais como um fator determinante para a inclusão destas no estilo de vida estaria indicando, segundo o autor, que a aproximação de Bourdieu é hoje demasiado simples e deve ser refinada em novos estudos. Fica como desafio compreender por que não há diferença entre as classes sociais na orientação para as práticas esportivas centradas na competição.

⁴³ Os significados analisados foram operacionalizados nas seguintes dimensões: competição, recreação mental, aparência/corpo, fatores sociais/sociabilidade, expressividade, manutenção da condição física e diversão/alegria.

⁴⁴ Operacionalizados em categorias socioprofissionais.

⁴⁵ Método escolhido pelo autor devido à variável *classe social* não ter funcionado corretamente, pela grande proporção de jovens na amostra e pela carência de dados apropriados sobre seus pais.

Warde (2006) reporta que foi solicitado às pessoas para responder sobre qual era a principal razão para gostar da forma de exercitar-se. Os resultados, em linhas gerais, mostram, como no trabalho de Seippel (2006a), um número grande e combinado de motivos para a prática esportiva, destacando-se no grupo ativo a *melhora da aptidão física* (mais de 30% das respostas), seguida pela ideia do *relaxamento* (21%), *sociabilidade* (12%), *compensação/escape do trabalho e obrigações* (9%), entre outros. Quando consideradas as classes socioprofissionais, o autor percebe que as profissões intermediárias (classe média) optaram desproporcionalmente pela *melhora da aptidão física*, *sociabilidade* e a *fuga de trabalho*. Já os pequenos empregadores e os autônomos têm maior probabilidade de buscar *competição* nas práticas esportivas.

Da mesma forma que quando analisadas outras variáveis sociais e sua implicação no envolvimento com as práticas corporais, é possível identificar, quando se analisam os significados atribuídos às mesmas, que outras dimensões sociodemográficas são importantes. Particularmente, os estudos identificam duas: idade e gênero. Seippel (2006a) aponta que a idade é uma variável importante que afeta os significados atribuídos às práticas esportivas. Pessoas mais jovens tendem a associar o esporte com *diversão e alegria* e *sociabilidade*, fato que diminui à medida que a idade do grupo aumenta; contrariamente, as pessoas com maior faixa etária mencionam de forma mais frequente a *recreação mental* para justificar seu envolvimento com a prática esportiva. Já a idade, junto com o gênero, influencia de forma mais direta na escolha da razão fazer exercícios *para manter a forma*. À medida que se cresce na escala etária, esse motivo perde prevalência. Quando na análise se combina com o gênero, percebe-se que esse fator é particularmente importante para as mulheres e que a diferença com os homens se acentua quando se consideram grupos com mais idade. O mesmo acontece quando o tema é o cuidado com a *aparência do corpo*: as mulheres mencionam esse motivo em maior proporção que os homens, e a diferença acentua-se com a idade.

Seippel (2006) também identificou diferença entre os gêneros no que se refere a justificar o envolvimento com as práticas corporais pela *recreação mental*, sendo que as mulheres mencionam essa dimensão mais que os homens. Contrariamente, a *competição* (quinta na lista de preferência) aparece como um motivo mais importante entre os homens que entre as mulheres. Essas constatações coincidem com os resultados apresentados por Warde (2006), para quem a *manutenção da forma física* é escolhida em proporções semelhantes entre homens e mulheres. No entanto as mulheres têm maior probabilidade de mencionar o *relaxamento* e o *escapar do trabalho e obrigações*, enquanto que os homens têm maior probabilidade de mencionar a *competição*, o *espírito de grupo* ou a *sociabilidade*.

Na pesquisa de Warde (2006), além ser desenvolvida uma pesquisa *survey* com base em questionário, foram realizadas entrevistas domiciliares com parte da amostra do estudo. Este trabalho permitiu ao pesquisador ter informações mais específicas sobre a relação que se estabelece com esse universo. Referenciando essa parte da pesquisa, o autor afirma que a classe média educada adota uma atitude distintiva para com o exercício físico, enxergando-o quase como um dever frente à responsabilidade pessoal de cuidar do corpo. Na mesma linha, Warde (2006) levanta a suspeita de que os informantes com alto capital cultural estão tão preocupados com a condição física como pela aparência, no entanto eles se mostravam constrangidos em relação a manifestar sua preocupação com o aspecto corporal e terminavam enfatizando apenas a primeira dimensão. Nesse espaço, houve uma tendência a centrar as justificativas das práticas corporais sobre aspectos vinculados à manutenção da forma física, sem maiores referências pelo exercício ser divertido ou prazeroso.

Warde (ibidem) também aponta que as mulheres, quando falam das práticas corporais nas entrevistas, acentuam o exercício físico, mais particularmente sua dimensão instrumental, sem demasiada ênfase na dimensão do prazer da prática. Da mesma forma, elas explicam a própria participação nas práticas esportivas em termos de acompanhamento de companheiros ou das crianças, enquanto os homens às vezes explicaram o envolvimento deles com suas crianças, mas em nenhum caso um homem citou a companheira como uma razão para seu envolvimento com as práticas corporais.

2.2.3 Participação como espectador de espetáculos esportivos

Outra dimensão que faz parte do extenso universo do mundo das atividades físico-esportivas sem dúvida refere-se ao *consumo* dos espetáculos esportivos. Essa dimensão também tem sido objeto de estudos no campo das Ciências Sociais.

White e Wilson (1999) iniciaram uma linha importante de análise que compara o peso relativo do capital econômico e cultural na explicação do envolvimento de adultos com a assistência a espetáculos esportivos. Eles encontraram que a assistência a um evento de esporte profissional ou amador no Canadá é substancialmente correlacionada com a educação (capital cultural), até depois de controlar o rendimento e outras variáveis estruturais sociais importantes. A lógica da análise dessa descoberta é dupla. De um lado, demonstram que aquelas barreiras econômicas não são tão importantes como muitas vezes é suposto. De outro lado, a associação dos capitais econômico e cultural com a probabilidade de assistir a um

espetáculo esportivo evidenciaria que os esportes são parte dos estilos de vida exclusivos das classes econômicas e culturalmente dominantes. A pesquisa também constatou que educação se associa positivamente à possibilidade de assistir a espetáculos esportivos, independentemente da renda e de outros controles, o que lhes permitiu interpretar que os esportes funcionam como capital cultural ou um meio cultural de manter distinções de classe. Contudo a natureza dessas barreiras culturais foi deixada basicamente sem explicação.

Stempel (2005) comenta, em relação à pesquisa de White e Wilson (1999), que os resultados encontrados são consistentes com uma pesquisa do tipo *survey* realizada com adultos norte-americanos por Kate no ano de 1990, a qual verificou que os *fãs* têm uma vida social mais ativa. As pessoas que declararam que assistiam com mais frequência a espetáculos esportivos também afirmaram participar, em maior número, de atividades sociais e culturais (por exemplo, mais provavelmente saíram para jantar fora, receberam visitas em casa).

Wilson (2002) também desenvolveu uma pesquisa em relação aos espectadores norte-americanos adultos e constatou resultados similares aos de White e Wilson (1999). A probabilidade de ter assistido a algum espetáculo esportivo estava correlacionada positivamente tanto com o capital cultural quanto com o econômico. Entretanto nesta pesquisa o autor conjecturou com a existência de esportes *prole* (abreviatura de proletário), os quais atrairiam membros de classes com menor capital cultural e repeliriam aqueles com maior volume do mesmo. Wilson (2002), para sustentar essa hipótese, cita que a probabilidade de ter assistido a corridas de carros ou motocicletas no ano precedente teve correlação negativa com o nível educacional, enquanto não teve relação com a renda.

Thrane (2001) desenvolveu um estudo similar ao de Wilson e White (1999), na Dinamarca, na Noruega e na Suécia. O autor constatou que a possibilidade de assistir a um espetáculo esportivo foi maior no grupo com melhor renda, mas que o nível da educação tinha efeitos mistos na assistência a eventos esportivos. Na Dinamarca não se evidenciou nenhum tipo de relação entre o nível educacional e a probabilidade de assistir a um espetáculo esportivo. Já na Noruega a educação teve uma associação positiva, mas fraca, enquanto que na Suécia a relação foi inversa à da Noruega⁴⁶, ou seja, a probabilidade de sujeitos com maior nível educacional assistirem a um evento esportivo era levemente menor que aqueles com menor tempo de estudo. Thrane também investigou a relação entre os consumos culturais legítimos e o consumo do esporte no papel de espectador. Na interpretação do autor, essa

⁴⁶ Diferente de Thrane (2001), Mehus (2005), num estudo sobre os espectadores noruegueses de três modalidades diferentes, encontrou uma relação negativa entre o capital cultural e o consumo do espetáculo esportivo.

relação permite uma avaliação mais direta sobre em que grau assistir espetáculos esportivos faz parte do estilo de vida dos sujeitos com alto padrão de consumos culturais. Ele constatou que, nos três países, os consumos legítimos correlacionaram-se com a assistência a eventos esportivos, mas que de forma mais efetiva foram os níveis moderados de consumo de alta cultura que tiveram associação mais forte com a assistência a esportes. Na interpretação do autor, essa relação não é tão intensa nos grupos com maior nível de consumo cultural por incompatibilidade de poder realizar tantas atividades. Todavia Stempel (2005), comentando este artigo, pergunta-se se os resultados não são na realidade uma evidência da tensão entre as frações dominante e dominada das classes dominantes. Como coloca o autor, no campo da cultura, acompanhar eventos esportivos está do lado daqueles cujo equilíbrio de capitais é ponderado em direção ao capital econômico, o mesmo lado em que os investimentos na alta cultura *clássica* são maiores do que aqueles das classes dominadas, mas também mais modestos do que aqueles com maiores investimentos culturais e credenciais educativas mais elevadas (ibidem, p. 419).

Por outro lado, Warde (2006), em seu estudo, procurou conhecer quais eram os esportes mais assistidos (nas mais diversas formas) e sua relação com as diferentes classes sociais. Os resultados consagraram o futebol como a modalidade mais popular de todos os esportes-espetáculo, seguido do tênis, do jogo de bilhar, do rúgbi-união e da Fórmula 1. Destas modalidades populares, o único que apresentou uma influencia significativa de classe foi o rúgbi-união, com a classe alta, que gosta de assisti-lo, e a classe trabalhadora, que não gosta. O autor revela que procurou estabelecer relações entre o perfil dos sujeitos e suas preferências e antipatias no que diz respeito a assistir esportes, e que não foram encontrados padrões consistentes, o que limita bastante derivar conclusões sobre as mesmas. A análise de regressão, entretanto, mostrou que homens da classe trabalhadora não qualificados e com idade mais avançada preferem esportes como o bilhar, o boxe e a luta, enquanto os grandes empregadores e os gerentes seniores são cinco vezes mais propensos a preferirem assistir a uma partida de golfe que os trabalhadores manuais de semirrotina.

O nível de educação produz ainda certa diferenciação nas preferências dos espectadores. Não é o caso do futebol, que tem espectadores nos diferentes segmentos, mas do tênis e do rúgbi-união (pelos quais os diplomados estão especialmente interessados), do jogo de bilhar (cujos aficionados são aqueles sem qualificações) e dos esportes de motor (cuja maioria dos apreciadores tem Ensino Médio). Warde (2006) afirma que a educação é importante, contudo seus efeitos diferem entre os esportes. Existiu diferença também entre os gêneros: apenas 24% das mulheres escolheram assistir futebol, frente a 54% dos homens.

Rúgbi-união e corridas de carros foram preferidos em maior proporção por homens, e tênis por mulheres.

2.3 UM USO CRÍTICO DA TEORIA DE BOURDIEU

Bourdieu é reconhecido como um dos mais importantes cientistas sociais do século 20. Suas ideias, suas teorias e seus trabalhos são citados nas mais diversas áreas do conhecimento (sociologia, antropologia, artes, saúde, epistemologia, ciências do esporte), como também nos mais diferentes países. Entretanto isso não isenta sua teoria sociológica de críticas e objeções. Seus estudos, da mesma forma que colecionam honrarias, também recebem críticas com diferentes graus de abrangência. Os mais radicais entendem que já não há lugar para suas interpretações da realidade (se é que em algum momento houve) na sociedade atual (pós-industrial, pós-moderna, líquida). Outros, porém, assumem uma posição crítica com o intuito de prosseguir trilhando os caminhos iniciados por ele, orientados pela ideia de um “prolongamento crítico” (LAHIRE, 2002).

Assim, sendo que parte deste trabalho foi desenvolvido tomando como referência as ideias de Pierre Bourdieu, entendo necessário posicionar-se em relação a críticas que se vinculam diretamente aos conceitos que usei na investigação. Para isso, inicialmente faço um breve inventário sobre as críticas dirigidas à teoria *bourdieusiana* e, posteriormente, explico como as mesmas foram operacionalizadas no desenvolvimento da primeira parte da pesquisa.

2.3.1 Críticas às Concepções *Bourdieuianas*

Para desenvolver a síntese das principais críticas a aspectos específicos da teoria de Bourdieu que atravessam meu trabalho, utilizarei três autores. A primeira é a comentadora Pratrice Bonnewitz (2003), que sistematizou as críticas de diversos sociólogos à concepção tradicional de sociedade estruturada em classes assumida por Bourdieu. A segunda é Suzanne Laberger, de quem sintetizo a crítica que se refere ao androcentrismo da teoria do espaço social *bourdieusiano*. Finalmente, apresento, de forma inicial, já que nas próximas etapas da tese o assunto é tratado em mais detalhes, Bernard Lahire e as críticas por ele apresentadas à noção de *habitus* desenvolvida pelo sociólogo francês.

Bonnewitz apresenta dois núcleos centrais em que podem ser sintetizadas críticas à obra de Bourdieu⁴⁷. O primeiro questiona o fato de ele ter aderido a uma visão tradicional da estrutura social, dividida em classes em luta, apenas somando à disputa por móveis materiais as lutas pela acumulação de capital simbólico (2003, p. 140). A comentadora afirma que um grupo de sociólogos entende que essa ideia de sociedade de classes não se sustenta mais. Nessa linha, integram-se os cientistas que entendem que uma noção como classe encerra uma concepção teórica que não condiz com a realidade empírica, já que a posição de um indivíduo ou de um grupo na escala de prestígio não corresponde necessariamente àquela escala de renda ou diploma. Bonnewitz apresenta Henri Mendras (2004) como um dos sociólogos que afirma, com base em dados empíricos, não ser mais possível identificar, na sociedade francesa da atualidade, as classes sociais descritas por Bourdieu, particularmente, porque a burguesia, única detentora do capital, não existe mais e a classe operária atravessa uma crise de identidade. Além disso, o acentuado individualismo que caracteriza as sociedades contemporâneas permitiria aos sujeitos escolherem a forma de viver suas vidas.

Dentro dessa categoria de crítica, que questiona a ideia de uma sociedade de classes, Bonnewitz (2003) apresenta também Alain Touraine (1999). O autor sustenta que estamos vivendo numa sociedade pós-industrial, na qual o conflito central da sociedade moderna (que opõe proletariado e burguesia) foi substituído pelo conflito centrado no esforço de conseguir o controle das orientações culturais da sociedade, particularmente as definidas pelo Estado. Assim, a organização social já não se balizaria pelo conflito entre classes, senão tomando como base os movimentos *societais*, os quais colocam em questão aspectos específicos da organização social, procurando sua transformação (são exemplos os movimentos feministas e ecologistas), sendo que esses conflitos podem progredir e colocar em questão a dimensão da historicidade.

Por último, dentro do primeiro conjunto de críticas, Bonnewitz (2003) identifica questionamentos à ideia de Bourdieu que interpreta as diferenças sociais e culturais das classes com base na oposição entre elas. Em particular, como apontado anteriormente, os críticos posicionam-se contra a ideia de uma classe dominada sem traços culturais originais e com consumos caracterizados apenas por formas substitutivas das práticas e dos produtos da classe dominante. Bonnewitz (2003, p. 144) considera que os críticos entendem que, por exemplo, “[...] os estilos de linguagem, os valores e normas ligados a certos fenômenos

⁴⁷ O segundo conjunto de críticas refere-se à ausência, na obra de Bourdieu, da análise da mudança social, como demonstrado na leitura que tem da escola. Entretanto essas críticas não serão apresentadas neste texto por não estarem referidas diretamente a meu campo de interesse.

coletivos esportivos não são apenas o produto de uma cultura imposta „de cima para baixo“ para a classe trabalhadora”, mas sim formas autênticas ou próprias de cultura. Fenômeno similar é reconhecido em certos setores da classe média, os quais são identificados como capazes de difundir valores e práticas específicos, balizados por posturas mais tolerantes em relação aos costumes, maior consciência ecológica e preocupação com os direitos humanos e politicamente localizados numa terceira via.

No universo das críticas à teoria sociológica, apresenta-se uma que afeta sensivelmente o modelo de organização social descrito por Bourdieu, aquela que questiona o papel atribuído por ele ao gênero na determinação dos estilos de vida dos grupos sociais. Para o autor, o gênero não está entre os princípios estruturantes do espaço social. Ele entende que este, junto com a idade, é um princípio secundário.

É evidente que nem todos os fatores constitutivos de uma mesma classe construída dependem, no mesmo grau, uns dos outros e que a estrutura do sistema que eles constituem é determinada por aqueles que têm o peso funcional mais importante: é assim que o volume e a estrutura do capital conferem sua forma e seu valor específicos às determinações que os outros fatores – idade, sexo, residência etc. – impõem às práticas. As propriedades de gênero são tão indissociáveis das propriedades de classe quanto o amarelo do limão é inseparável de sua acidez: uma classe define-se no que ela tem de mais essencial pelo lugar e o valor que atribui aos dois sexos e a suas disposições socialmente construídas. Eis o que faz com que, por um lado, o número de maneiras de realizar a feminilidade corresponda ao número de classes e frações de classe; e, por outro, no seio das diferentes classes sociais, a divisão do trabalho entre os sexos assuma formas completamente diferentes, tanto na prática quanto nas representações. (BOURDIEU, 2008, p. 101-2).

Laberge (1995) expõe cuidadosamente os problemas desse entendimento e faz a seguinte pergunta: se é evidente que existe uma forte relação entre classe e gênero, e se é possível reconhecer que o gênero também é modelado por uma historicidade específica, por que não conceber o gênero como um princípio estruturador fundamental do espaço social? E, continua indagando: por que então não usar a construção da feminilidade e da masculinidade como índices de estrutura de classe, ou seja, como capital?

Particularmente, a autora entende que, para superar o ranço androgênico da teoria de Bourdieu, poderia ser incorporado nesse marco teórico a ideia de que defende as disposições generificadas como uma das manifestações do capital cultural (em estado incorporado). Isso porque as disposições generificadas pertencem precisamente ao tipo de disposições corporais e mentais que se adquirem, ao longo do tempo, através do processo de socialização. Assim, as disposições generificadas parecem ter uma base semelhante ao estado corporificado do capital cultural. Ademais, continua a autora, tais disposições têm as mesmas propriedades que outros

estados de capitais culturais, ou seja, trabalham como uma fonte de poder (tal como é o caso das credenciais educacionais e a posse de bens culturais). Por momentos, o *hexis* corporal mais ou menos *feminilizado* ou *masculinizado* num indivíduo pode ter sido trabalhado com o intuito de ser usado ou operado como uma forma de capital (da mesma maneira como credenciais educativas) na posição que ocupa ou aspira a ocupar no espaço social (LABERGE, 1995, p. 138).

Finalmente, apresento as críticas apontadas por Bernard Lahire. Este sociólogo desdobra um conjunto de críticas em relação a aspectos específicos das interpretações de Bourdieu sobre o mundo social⁴⁸. Notadamente, a noção de *habitus* é alvo de críticas sistemáticas do autor, servindo de contraponto para uma de suas propostas teóricas mais originais: o *homem plural*⁴⁹.

Na perspectiva de Lahire, a vontade de Bourdieu de pensar o social como incorporado e, portanto, individualizado, levou a abrir portas para tratar o problema da relação *indivíduo-sociedade* (basicamente rechaçando essa dualidade) para além do que normalmente era concebido em sua época, mas também o deixou evocativo e excessivamente abstrato, no que se refere à descrição desse processo. Por essa razão, comenta o autor, os pesquisadores que se apropriaram do arsenal teórico de Bourdieu

acabaram agindo como se soubessem perfeitamente o que vem a ser uma disposição ou um esquema (*schème*), um sistema de disposições ou uma fórmula geradora das práticas, como se a existência de um processo sociocognitivo tal como o de “transferibilidade” das disposições ou dos esquemas constituintes do *habitus* fosse um fato empírico claramente estabelecido. (LAHIRE, 2002b, p. 46).

Esse fato levou Lahire a questionar e desenvolver pesquisas – que logo se converteriam num programa científico (LAHIRE, 2002b; 2005) – para estabelecer em que grau as ideias que sustentavam a noção de *habitus* efetivamente operavam no campo empírico. Como produto desse investimento investigativo, o sociólogo afirma:

Hoje em dia, a simples utilização do singular nas expressões “fórmula geradora” ou “princípio gerador e unificador” das práticas ou das condutas (com as quais me deparei centenas de vezes no decorrer de minha formação sociológica sem nada ver nelas de censurável) parece-me resolver um problema antes mesmo de tê-lo colocado e tratado empiricamente. (LAHIRE, 2002a, p. 46).

Isso significa que a ideia de um processo de incorporação das estruturas objetivas, que geraria um sistema de disposições – o qual funcionaria como um princípio *gerador* e

⁴⁸ Lahire (2005) coordenou uma publicação em que diversos intelectuais franceses discutem especificamente a obra de Pierre Bourdieu.

⁴⁹ Outra noção criticada é a de *campo* (LAHIRE, 2002). Entretanto, por não ser um conceito vinculado diretamente a esta pesquisa, suas impugnações sobre o tema não serão contempladas.

unificador das práticas, permitindo a transferibilidade das disposições para as mais diversas dimensões da atuação social –, é apenas uma possibilidade, mas está longe de ser a *regra* que possa explicar a gênese das inclinações para agir, sentir, acreditar e pensar, incorporadas no processo de socialização. Em resumo, Lahire critica a carência de avaliação empírica do conceito de *habitus* e a falta de adequação empírica dessa noção quando investigadas as preferências culturais dos indivíduos particulares.

Em síntese, posso dizer que as críticas aqui evocadas, que interpreto como diretamente vinculadas a esta pesquisa, centram-se em quatro pontos específicos: a) na concepção de sociedade de classes desenvolvida por Bourdieu; b) no entendimento de que as classes sociais desenvolvem seus estilos de vida com base na relação/contraposição entre elas (ideia em estreita relação com a anterior); c) na visão de que o gênero não é um princípio fundamental na organização do espaço social; e d) na crença da existência de um núcleo disposicional unificado, gerador do conjunto das práticas sociais. São críticas a uma teoria que está, inicialmente, na base da interpretação da realidade que orienta a aproximação macro desta tese e, portanto, exigem que seja explicitado como as mesmas foram equacionadas neste trabalho. Assim, no próximo tópico, especifico o *uso* dado à teoria do espaço social de Bourdieu e pondero as objeções a efetuadas ela.

2.3.2 Uso *Parcial* e Heurístico da Proposta *Bourdieuiana*

A pesquisa foi desenvolvida operando com parte da teoria de Pierre Bourdieu – e não com sua totalidade –, assumindo-a mais como um modelo heurístico que como um *a priori*. É um modelo heurístico no sentido de um marco teórico que serviu como base para *demarcar problemas e organizar a percepção* sobre a relação entre as preferências dos sujeitos no universo das práticas de movimento corporal no tempo livre e a localização e trajetórias dos mesmos no espaço social. Ao contrário de assumir as interpretações dessa teoria sobre a relação pesquisada como uma explicação que sozinha dê conta do fenômeno ou ficar apenas na adaptação da mesma para o contexto brasileiro, assumi essa teoria como uma porta de entrada para investigar essa relação e não para testar ou comprovar princípios de funcionamento da proposta sociológica de Bourdieu na população estudada.

Neste marco, e em relação às críticas apresentadas anteriormente, assumi inicialmente que, no Brasil pelo menos, o espaço social efetivamente se organiza com base em classes sociais e que elas são fortes indutoras do estilo de vida de seus integrantes. Entretanto fiz dois

reparos em relação ao uso da proposta *bourdieusiana* sobre as classes. Primeiro, parti do princípio de que não podia operar com a descrição das classes sociais que Bourdieu identificou/construiu para a França dos anos 1960 e 70, por motivos óbvios vinculados ao tempo e ao espaço (enquanto organização socioeconômica). Isso implicou realizar uma discussão específica dessa noção no contexto brasileiro, tentando tensionar os entendimentos possíveis que circulam sobre esse assunto (dentro dos limites deste trabalho). Para tanto, desenvolvi um estudo específico sobre as classes sociais no Brasil que apresento no próximo tópico da tese. O segundo reparo vincula-se ao grau de homologia admitido *a priori* entre o espaço social no qual se localizam os sujeitos e o estilo de vida dos mesmos. Nesse ponto, entendi que podem ser identificadas claras tendências nos estilos de vida (em que se incluem as PMCTL) das classes sociais, mas que também era possível a existência de arranjos sociais que gerem grupos com estilos de vida não diretamente *derivados* de sua localização no espaço social.

Em relação às críticas sobre as características androcêntricas da organização do espaço social na teoria de Bourdieu, assumo que são pertinentes. Entendo que as características atribuídas historicamente aos gêneros têm uma participação importante na organização do espaço social e esses não se derivam diretamente dos aspectos constitutivos das classes sociais. Isso significou assumir que para compreender as preferências dos agentes no universo das PMCTL e a localização e as trajetórias dos mesmos no espaço social não poderia desconhecer que o gênero tem um peso definidor nesse universo, ainda que não divorciado da condição de classe.

Finalmente, admiti que a noção de *habitus*, enquanto construto que pretende explicar as disposições para o indivíduo (no singular) agir, sentir, acreditar e pensar, proposta pela teoria de Bourdieu, não se sustentam frente às críticas de Lahire (2002b; 2005; 2006a). Esse autor, no conjunto de sua obra, expõe claramente os deslizamentos da teoria *bourdieusiana* que o levaram a interpretar que tendências diferentes nas preferências e consumos culturais entre as classes eram produto de uma fórmula geradora incorporada por todos os membros de um mesmo grupo social, como também que todos os gostos e práticas culturais de um mesmo indivíduo se originariam num núcleo disposicional unificado. As constatações feitas por Bourdieu desde uma aproximação macro (grandes quadros estáticos) foram transferidas para a interpretação do comportamento social de sujeitos particulares, localizado no espaço social em que essas tendências foram identificadas. Com base nesse entendimento, trabalhei na pesquisa com a ideia de um ator plural que pode ser portador de disposições com graus diferentes de homogeneidade ou de heterogeneidade, em função de seu percurso biográfico e

de suas experiências socializantes em espaços sociais específicos, já que suas práticas e preferências culturais se originam na mobilização, na combinação ou na suspensão de seus diversos tipos de disposições, dependendo dos contextos de ação dos sujeitos. Detalhes sobre essa dimensão serão tratados na segunda e terceira partes da tese.

2.4 ESTRUTURA DE POSIÇÕES DE CLASSE NO BRASIL

Esta pesquisa teve como objetivo interpretar a relação entre as preferências dos agentes no universo das práticas de movimento corporal no tempo livre e a localização e as trajetórias dos mesmos no espaço social. Para isso, foi fundamental construir um mapa das classes, uma representação do espaço social, no qual fosse possível situar as PMCTL e observar a predominância das mesmas nos diferentes setores desse mapa, segundo nos ensina Bourdieu. Entretanto, como mencionado acima, não é possível apenas aplicar à realidade brasileira o quadro de classes sociais desenhado na França das décadas de 1960 e 70. Por esse motivo, neste tópico apresento uma discussão específica sobre as classes sociais no Brasil e, para isso, valho-me dos trabalhos de José Alcides Figueiredo Santos, que desde o ano de 1998 vem desenvolvendo e testando uma classificação socioeconômica para o país.

Início assumindo que a sociedade capitalista se caracteriza por apresentar uma estrutura social dividida em classes. “A estrutura de classes refere-se à estrutura de relações sociais que define um conjunto de posições ocupadas por indivíduos ou famílias [...] (SANTOS, 2002, p. 46). Nesse sentido, o lugar que uma pessoa ocupa numa determinada classe social tem efeitos diretos sobre sua forma de vida, porque “a estratificação de classe envolve a distribuição desigual dos poderes e direitos sobre os recursos produtivos básicos de uma sociedade, o que gera consequências significativas e sistemáticas para a vida dos indivíduos e a dinâmica das instituições” (ibidem, p. 29).

A compreensão da estratificação em classes sociais e seus efeitos sobre o arranjo da vida social é preocupação presente desde os estudos pioneiros da sociologia; dos precursores até Marx e Weber, dois de seus mais importantes expoentes, responsáveis por desenvolver as teorias mais influentes para buscar discernir esse fenômeno.

Essas teorias de classe, porém, foram fragilizando-se e sendo contestadas frente às mudanças da sociedade capitalista do século 20 (BRYM et al., 2006; SANTOS, 2002). Nesse contexto, o prestígio das teorias de classe para explicar a realidade social foi se desvanecendo

e, contrariamente, as ideias que propalavam o fim das classes como arranjo social real e, conseqüentemente, como categoria de análise foram ganhando força.

No campo dos estudos internacionais do esporte, observou-se um movimento similar. Ohl (2000) assinala para um decréscimo substancial, particularmente na última década do século passado, do número de trabalhos que têm na classe social uma categoria importante de análise das práticas de exercício físico e esporte. No texto, o autor destaca em particular as críticas endereçadas a Bourdieu e seu suposto determinismo de classe na abordagem do esporte.

Contudo, como explica Santos (2002, p. 29), grande parte da literatura que especulava e especula com a impropriedade da noção de classe como categoria importante para compreender a organização social “padece de pouca consistência empírica e se baseia amplamente em uma espécie de „sociologia desvinculada dos dados“ [...]”. Contrariamente, continua explicando o autor,

a pesquisa internacional de ponta, conduzida por pesquisadores relativamente autônomos espalhados em vários continentes, que possuem como ponto de referência notadamente as atividades do Comitê de Pesquisa sobre Estratificação Social da Associação Internacional de Sociologia, revela que as desigualdades de classe nos países industrializados mantiveram-se mais ou menos constantes no decorrer da maior parte do século XX. (SANTOS, 2002, p. 29-30).

Durante os anos 1980 e início dos 1990, percebe-se, no campo sociológico, uma intensificação dos estudos sociais com base nesta categoria, um “renascimento da análise de classe”, como afirmam Brym e outros (2006, p. 198). Esse fato acontece com base no trabalho dos pesquisadores, Erik Olin Wright e John Goldthorpe, um norte-americano e um inglês, respectivamente. O primeiro realizou uma atualização da teoria marxista, enquanto que o segundo o fez em relação à teoria de Weber (BRYM et al., 2006; SANTOS, 2005a). Ambos desenvolveram quadros conceituais e operacionais para trabalhar com a categoria *classe social* sobre levantamento de dados amostrais. Nesse contexto, também coloco a proposta bourdieusiana, se bem que a diferença dos autores anteriores não centra sua análise da estrutura basicamente na dimensão do trabalho, mas também nas dimensões simbólicas de classe.

Os acadêmicos mencionados desenvolvem suas propostas teóricas e pesquisas tendo como referência os países centrais, o que me leva a efetuar a seguinte questão: em que grau essas formulações teóricas podem descrever a estrutura de classe da sociedade brasileira? Uma resposta a essa pergunta é ensaiada de forma sistemática por Santos, com base em seu trabalho de doutorado e nas publicações que lhe sucederam (1998; 2001; 2002; 2005a; 2005b;

2008; 2009⁵⁰). O autor desenvolve uma classificação socioeconômica para o Brasil com características específicas. Como explica, essa classificação busca fornecer uma ferramenta de trabalho “para melhor caracterização, descrição e explicação da produção e reprodução da desigualdade social, nas condições concretas da sociedade brasileira” (idem, 2005a, p. 27).

O sociólogo brasileiro desenvolveu o trabalho tomando como base a proposta de Erik Olin Wright, para quem:

a condição de classe afeta os interesses materiais, as experiências de vida e as capacidades para ação coletiva dos indivíduos. O poder causal da posição de classe é exercido ao se condicionar o acesso aos recursos produtivos e ao se moldar as experiências de vida nas esferas do trabalho e do consumo. O que a pessoa tem (ativos produtivos) determina o que ela obtém (bem-estar material) e o que deve fazer para conseguir o que obtém (oportunidades, dilemas e opções). Ao moldarem as experiências no âmbito do trabalho e do consumo e as oportunidades de vida, esses dois processos primários geram efeitos de segunda ordem (padrões de saúde, atitudes etc.). (SANTOS, 2005a, p. 28).

Santos explica que o sociólogo norte-americano centraliza seu trabalho analítico sobre o impacto que o lugar ocupado pelo sujeito no espaço social tem sobre a dimensão dos interesses materiais. Também enfatiza que, analiticamente, a categoria *interesses materiais* ganha destaque na proposta de Wright, ao avaliar os efeitos das posições de classe na vida dos indivíduos. Isso porque entende que, em consequência do domínio sobre os recursos produtivos, o sujeito defronta-se com um conjunto de oportunidades, escolhas e recompensas ao buscar a conquista de seu bem-estar material (lazer e consumo).

A atualização da teoria marxista permite a Wright formular uma tipologia básica de classe na sociedade capitalista, que, além da distinção entre proprietários e não proprietários dos meios de produção (ativos de capital), inclui mais duas dimensões: a) níveis de qualificação: na forma de perícia ou credenciais educativas (ativo produtivo); e b) o grau de controle organizacional exercido no emprego. Santos (2005a, p. 29) assim explica essa tipologia desenvolvida por Wright:

A propriedade de ativos de capital possui uma prevalência estrutural em relação às outras formas de diferenciação de classe. Qualificação e perícia designam um ativo produtivo, muitas vezes atestado na forma de credenciais, que aumenta o poder da força de trabalho complexa nos mercados e processos de trabalho. Os especialistas ocupam uma localização privilegiada de apropriação devido à sua posição estratégica na organização da produção, como controladores de conhecimento, e à sua posição na organização dos mercados de trabalho, como detentores de uma forma escassa de força de trabalho. Já o exercício de comando estratégico e de autoridade dentro da organização social da produção ensaja, da parte dos seus

⁵⁰ Uma discussão sobre a pertinência de operar no universo social brasileiro com as ideias que relacionam a estrutura social francesa e o *habitus*, descritas por Bourdieu, se encontra no trabalho de Souza (2006).

ocupantes, a exigência de uma porção do excedente social. O exercício de autoridade, sob delegação da organização empregadora, particularmente pelos gerentes, representa uma fonte posicional de poder, pois coloca um problema de controle/incentivo dos agentes.

Essa representação se expressa na Figura 4 (na próxima página), em que aparecem as frações da classe que reúnem proprietários (aqueles que recebem lucros) segundo a contratação ou não de funcionários, como também as respectivas frações de classe dos trabalhadores (aqueles que recebem salários), as quais se diferenciam entre aqueles que desempenham ou não o controle da organização produtiva e entre os que possuem ou não qualificação. Santos (2002, p. 51) explica que essa tipologia permite identificar 12 frações dentro do conjunto de sujeitos incluídos no campo produtivo. No caso dos proprietários dos meios de produção, identificam-se: os capitalistas, propriamente ditos; os pequenos proprietários, que contratam poucos empregados; e os agentes autoempregados, que não contratam funcionários (pequena burguesia). No espaço da *classe média*, são observadas duas características: a) é um espaço contraditório (pois reúne empregados que orientam sua função pelos interesses dos proprietários); e b) é um espaço privilegiado de apropriação da produção entre os empregados. Nesse espaço incluem-se todos os tipos de gerentes e especialistas, mais os supervisores qualificados. O conceito de qualificação, presente na categoria intermediária de trabalhador qualificado, refere-se à noção ampla de força de trabalho potencializada ou complexa. Finalmente, a classe trabalhadora *pura* constitui-se de empregados que combinam uma posição subordinada nas dimensões de autoridade e falta de qualificação, agrupando não gerentes e não qualificados. Entretanto o sociólogo norte-americano também opera com a noção de uma classe trabalhadora *ampliada*, na qual se incluem os trabalhadores não qualificados, os trabalhadores qualificados e os supervisores não qualificados.

Proprietários dos meios de produção	Não proprietários (trabalhadores assalariados)			
	Níveis de qualificação e credenciais			
	(+)	(>0)	(-)	
1 Burguesia (possuem suficiente capital para empregar trabalhadores e não trabalhar)	4 Gerentes especialistas	7 Gerentes qualificados	10 Gerentes não qualificados	(+)
2 Pequenos empregadores (possuem suficiente capital para empregar trabalhadores, mas precisam trabalhar)	5 Supervisores especialistas	8 Supervisores qualificados	11 Supervisores não qualificados	(>0)
3 Pequena burguesia (possuem suficiente capital para trabalhar para si mesmos, mas não para empregar trabalhadores)	6 Não gerentes especialistas	9 Trabalhadores qualificados	12 Trabalhadores não qualificados	(-)

Níveis de ativos de controle organizacional ou relação com a autoridade

Figura 4 - Tipologia de classe na sociedade capitalista segundo os ativos em meio de produção de Wright

Fonte: adaptado de Santos (1998)

Santos (2002; 2005a) observa que, embora a proposta teórica de Erik Olin Wright seja muito produtiva para investigar as implicações de classe no capitalismo coevo em países centrais, a estrutura social do Brasil apresenta características próprias, e que, conseqüentemente, não pode ser simplesmente aplicada num país capitalista dependente. Entre outras particularidades, detecta-se uma grande desigualdade socioeconômica no setor de autoemprego, muito expressivo na quantidade de pessoas que o integram, como também pelo grande contingente de destituídos ou excluídos do sistema social de produção.

Para elaborar categorias de classe adequadas para o Brasil, o autor considerou a posição na ocupação ou o status do emprego, considerados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001 (PNAD), a qual diferencia a condição de empregador, empregado, trabalhador por conta própria e empregado doméstico. Esses dados foram transformados, via um processo de desagregação sociológica, para construir as categorias empíricas de classe. Isso significa que a tipologia apresentada por Santos (2002; 2005a) depende, em parte, dos critérios e do grau de discriminação que o IBGE utiliza para realizar a PNAD. Tal pesquisa, contudo, não foi montada especificamente para a determinação da estrutura de classe no Brasil (por exemplo, o procedimento utilizado no tratamento do grande grupo das Forças Armadas – 0,4% – não distingue os subgrupos).

Assim, com base nesses dados, Santos (2005a) formula as categorias e os critérios operacionais da classificação socioeconômica para o Brasil, os quais são apresentados no Quadro 4. O autor assim explicita seus argumentos em relação a essa versão⁵¹:

- a) Não contempla a diferenciação interna das 13 categorias em subgrupos socioeconômicos, nem o tratamento das diferentes formas de inatividade econômica, a exemplo do trabalhador excedente (desempregado).
- b) Considera a situação distinta dos proprietários de ativos relevantes de capital e delimita uma categoria única de pequenos empregadores, ao contrário do estudo anterior, que procurou diferenciar a situação dos “microempregadores”.
- c) A dupla denominação de “capitalistas e fazendeiros”, usada para designar a categoria de classe mais privilegiada, serve não apenas para lembrar a existência dos capitalistas agrícolas, mas para indicar a presença, na categoria, de grandes proprietários agrícolas, em termos de quantidades de área de terra controladas, mesmo que com menos de 11 empregados permanentes no estabelecimento.
- d) Os trabalhadores por conta própria foram diferenciados, em um primeiro nível, conforme a divisão setorial agrícola/não agrícola, que pode ser vista também como uma divisão entre controladores de ativos de capital e de terra.
- e) Os trabalhadores por conta própria não agrícolas foram segmentados de acordo com os critérios de controle de ativos produtivos físicos e de recursos de qualificação. Cabe lembrar que a PNAD oferece como indicador da posse de ativos de capital a especificação do empreendimento que possui estabelecimento.
- f) Na definição da qualificação ocupacional, foi dado um tratamento semelhante ao dos empregados, baseado nos mesmos grupos ocupacionais, sem usar os anos de estudo.
- g) A classificação separa o pequeno segmento altamente privilegiado de especialistas autônomos. A categoria é composta não apenas de trabalhadores por conta própria, mas também de empregadores com até cinco empregados. Enfatizou-se o papel central do conhecimento perito do titular no funcionamento do empreendimento desses empregadores com reduzido número de empregados.
- h) Os autônomos agrícolas compõem-se daqueles produtores que possuem acesso à terra e trabalham para si, sem contratarem o trabalho de terceiros, ainda que 10,9% tenham dois ou mais trabalhos, conforme dados da PNAD de 2002, o que pode afetar a renda do trabalho principal, pois implica um menor comprometimento com o seu empreendimento. Desconsiderando os casos de trabalhadores não remunerados membros do domicílio, a maioria da categoria original compõe-se de proprietários (63,8%), mas se encontram aí cessionários (14,2%), parceiros (9,6%), arrendatários (6,9%) e posseiros (4,5%).
- i) Os autônomos com ativos controlam algum “capital”, materializado no estabelecimento do empreendimento, ou, quando não possuem propriamente estabelecimento, beneficiam-se de uma ocupação qualificada, como técnicos de nível médio, para citar a condição típica considerada, ainda que não sejam peritos, como os autoempregados especialistas.
- j) A categoria de trabalhadores autônomos sem ativos visa a delimitar, de forma aproximada, o grande segmento de trabalhadores por conta própria, porém destituídos de ativos de capital e de recursos de qualificação, que obtêm a sua sobrevivência aplicando a sua capacidade de trabalho na produção e/ou venda de produtos ou serviços no mercado. Essa categoria inclui, além disso, os trabalhadores na produção para o próprio consumo (4,0%) e os trabalhadores na construção para o próprio uso (0,2%), que não possuem renda monetária e encarnam situações extremas de destituição material. (SANTOS, 2005a, p. 39).

⁵¹ Outra versão foi apresentada em Santos (2001; 2002).

Categorias	Crítérios operacionais
Capitalista ⁵²	Posição na ocupação de empregador; empregador não agrícola com 11 ou mais empregados; empregador agrícola com 11 ou mais empregados permanentes; empregador agrícola que emprega simultaneamente seis ou mais empregados permanentes e 11 ou mais empregados temporários; empregador agrícola com 1.000 hectares ou mais de terra, independentemente do número de empregados.
Pequeno empregador	Posição na ocupação de empregador; empregador não agrícola que ocupa de um a 10 empregados; empregador agrícola com três a 10 empregados permanentes, desde que não empregue simultaneamente de seis a 10 empregados permanentes e 11 ou mais empregados temporários.
Autônomo com ativo	Posição na ocupação de conta própria com atividade de natureza não agrícola, cujo empreendimento ou titular possui uma ou mais das seguintes condições: estabelecimento (loja, oficina, fábrica, escritório, banca de jornal ou quiosque), veículo automotor (táxi, caminhão, van etc.) usado para trabalhar, ou ocupação qualificada no emprego principal.
Autônomo agrícola	Posição na ocupação de conta própria com atividade em empreendimento do ramo que compreende agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal, pesca e piscicultura.
Especialista autônomo	Posição na ocupação de conta própria ou empregador; especialista de acordo com o grupo ocupacional, com até cinco empregados ou sem empregados, com ou sem estabelecimento (loja, oficina, fábrica, escritório).
Gerente	Posição na ocupação de empregado, gerente de acordo com o grupo ocupacional, abarcando os diretores de empresas, dirigentes da administração pública, administradores em organizações de interesse público (sem fins lucrativos etc.) e gerentes de produção, operações e de áreas de apoio.
Empregado especialista	Posição na ocupação de empregado, especialista de acordo com o grupo ocupacional, incluindo as profissões credenciadas, as profissões de menor poder profissional e os professores do Ensino Médio e profissional com formação superior.
Empregado qualificado	Posição na ocupação de empregado, empregado qualificado de acordo com o grupo ocupacional, abarcando os técnicos de nível médio nas diversas áreas, professores de nível médio ou formação superior no Ensino Infantil, Fundamental e Profissional, professores em Educação Física e Educação Especial.
Supervisor	Posição na ocupação de empregado, supervisor, chefe, mestre ou contramestre, de acordo com o grupo ocupacional.
Trabalhador	Posição na ocupação de empregado, trabalhador em reparação e manutenção mecânica, ferramenteiro e operador de centro de usinagem; trabalhador de semirrotina na operação de instalações químicas, petroquímicas e de geração e distribuição de energia; trabalhador de semirrotina em serviços administrativos, comércio e vendas; trabalhador de rotina na operação de máquinas e montagem na indústria; trabalhador de rotina em serviços administrativos, comércio e vendas.
Trabalhador elementar	Posição na ocupação de empregado, trabalhador com tarefas de trabalho bastante elementares na indústria e nos serviços, como ajudantes de obras, trabalhadores elementares na manutenção de vias públicas, faxineiros, lixeiros e carregadores de carga; trabalhadores manuais agrícolas, garimpeiros e salineiros, exclusive os trabalhadores na mecanização agrícola, florestal e drenagem.
Autônomo precário	Posição na ocupação de conta própria e empreendimento ou titular sem a posse de nenhuma das seguintes condições: estabelecimento (loja, oficina, fábrica, escritório, banca de jornal ou quiosque), veículo automotor (táxi, caminhão, van, etc.) usado para o trabalho ou ocupação qualificada no emprego principal; posição na ocupação de trabalhador na produção do próprio consumo; posição na ocupação de trabalhador na construção para o próprio uso.
Empregado doméstico	Posição na ocupação de trabalhador doméstico, com ou sem carteira de trabalho assinada.

Quadro 4 - Brasil: classificação socioeconômica por categorias empíricas e critérios operacionais

Fonte: Santos (2005a, p. 38).

⁵² Na proposta original, o autor utiliza a denominação *Capitalistas e fazendeiros* para referir-se a esta categoria, contudo em trabalhos posteriores passou a usar esta nova designação (SANTOS, 2009). O mesmo acontece com *Autônomos com ativos*, *Autônomos agrícolas*, *Especialistas autônomos* e *Autônomos precários* que, na tipologia original, se designavam *Conta própria não agrícola*, *Conta própria agrícola*, *Especialistas autoempregados* e *Conta própria precários*, respectivamente.

Nessa classificação, as categorias de *empregado especialista* e *gerente* representam os empregos assalariados de classe média. Entretanto, entre os assalariados, é possível perceber que existem casos imprecisos de classe, quando se observam as outras dimensões incorporadas às estruturas do trabalho que participam na demarcação da tipologia, para além do ativo de capital, que são o ativo de produção e o exercício de comando estratégico e de autoridade, manifestando-se nas posições de empregados qualificados e supervisores. Esse fato produz uma dificuldade na diferenciação ajustada entre empregados *especialistas*, *qualificados* e *trabalhadores*, produto da: a) imprecisão da definição social da qualificação; e b) indeterminação da relação entre as oportunidades no mercado de trabalho e da especificação do valor econômico da qualificação. Para equacionar esse problema na construção operacional da classificação, Santos incorporou uma solução um pouco mais *expansiva* para a categoria de especialistas e para a de empregados qualificados:

Os especialistas passaram a incluir, por exemplo, os professores do segundo grau e do ensino profissional com formação superior. Já a categoria de empregados qualificados, composta amplamente pelos técnicos de nível médio, foi igualmente expandida, na comparação com o estudo anterior, ao incluir não apenas os professores do ensino fundamental e profissionalizante, mas também os professores do ensino infantil com formação de nível médio ou superior. A categoria inclui, além disso, alguns casos especiais de operários qualificados, a exemplo dos operadores de instalações químicas e petroquímicas e mecânicos de manutenção aeronáutica, e alguns grupos ocupacionais um tanto mistos de trabalhadores em serviços, como caixas de banco e operadores de câmbio, policiais e inspetores (federais, estaduais e civis) e trabalhadores dos serviços diretos a passageiros (comissário de bordo, aeromoça etc.). As soluções operacionais para as categorias de especialistas e empregados qualificados não seguem exatamente a separação promovida pela PNAD entre os grandes grupos ocupacionais de “profissionais das ciências e das artes” (grupos ocupacionais números 2.011 a 2.631) e “técnicos de nível médio” (grupos ocupacionais números 3.001 a 3.912) (SANTOS, 2005b, p. 43, nota 7).

Quando considerada a classe trabalhadora, a tipologia desenvolvida divide esse contingente em dois setores, levando em conta os fatores de agregação e de similaridade das condições no campo da divisão social do trabalho e do mercado laboral das categorias. Santos procede dessa maneira porque procura diferenciar, no contexto brasileiro, o segmento mais destituído de papéis e das tarefas de trabalho (os *trabalhadores elementares*) dos trabalhadores proletariados *padrão*. O autor pressupõe uma aproximação, em termos de mobilidade de circulação e/ou grau de destituição econômica deste último trabalhador, com as categorias de autônomos precários e empregados domésticos.

A tipologia apresentada permitiu elaborar um cálculo da distribuição percentual das categorias de classe, conforme os dados da PNAD de 2002 (Tabela 3). Nela observa-se como

a população brasileira se distribui no conjunto de frações das classes sociais e permite pensar quais deveriam ser as características de amostra representativa da população brasileira.

Tabela 3 - Distribuição percentual das categorias de classe dos indivíduos – Brasil – 2002

Categorias	Distribuição percentual (%)
Capitalistas	0,6
Pequenos empregadores	4,0
Autônomos com ativos	7,3
Autônomos agrícolas	7,8
Especialistas autônomos	1,0
Gerentes	2,6
Empregados especialistas	3,4
Empregados qualificados	6,7
Supervisores	1,6
Trabalhadores	31,3
Trabalhadores elementares	11,1
Autônomos precários	14,6
Empregados domésticos	8,1
Total	100,0

Fonte: adaptado de Santos (2005a, p. 40).

Esse instrumento de mensuração de classe social, como conceito sociológico, foi testado na dimensão da validação de construto, através de uma pesquisa que buscou conhecer a relação entre classe e raça como fatores intervenientes nas diferenças de renda entre a população brasileira (SANTOS, 2005b). Os resultados da pesquisa corroboraram a validade de construto dessa classificação socioeconômica, baseada em uma abordagem de classe social, para a investigação das divisões estruturais da sociedade brasileira e seus efeitos no nível de renda dos sujeitos (idem, 2005a, p. 44; 2005b, p. 52).

2.5 ENVOLVIMENTO COM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE DOS PORTO-ALEGRENSES: *PROCESSOS METODOLÓGICOS*

Tomando como base a discussão apresentada, passo a explicar a metodologia da pesquisa utilizada para desenvolver a primeira fase da investigação. O objetivo central foi descrever a distribuição socialmente determinada das PMCTL da população de Porto Alegre

segundo a posição dos sujeitos no espaço social (classe social). Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa *survey*.

2.5.1 Tipo de Pesquisa

Para esta etapa utilizei uma pesquisa *survey* mediante entrevistas interseccionais por amostragem (BABBIE, 1999). Inventariando algumas investigações sobre a prática de exercícios físicos e esportes da população, pude constatar um uso sistemático dessa opção metodológica, especialmente nos países do Hemisfério Norte. No Brasil, essa metodologia de estudo é bastante utilizada, no entanto, com menor frequência que no exterior, conforme se observa pelos exemplos explicitados no Quadro 5 (na próxima página).

Estudo	Objetivo	Pesquisa	Fatores socioeconômicos considerados
Warde, 2006	Constatar a existência de homologias dos gostos que constituem as hierarquias sociais de classe na base das distinções culturais que se manifestam entre as práticas de exercícios físicos no Reino Unido do século 21.	Cultural Capital and Social Exclusion Survey ⁵³	Gênero, idade, nível de escolaridade, cor de pele, etnias, classe social (classe sócio-profissional).
Stempel, (2005)	Testar a teoria de Bourdieu do esporte como capital cultural sobre a frequência e intensidade da participação em 15 esportes dos adultos norte-americanos.	Survey: National Health Interview Survey - NHIS ⁵⁴	Gênero, classes sociais, capital cultural (nível educacional); capital econômico (valor da renda familiar total).
Scheerder et al., 2002	Examinar o impacto da estratificação social no envolvimento com esportes, a diversidade da participação, o contexto organizacional de participação e as preferências num período de 30 anos.	Surveys interseccionales	Idade, gênero, estado civil, níveis de educação, de ocupação e de urbanização da área residencial.
Botelho; Fiore, 2005	Inventariar as opções feitas pelos habitantes envolvendo práticas culturais, tanto do ponto de vista das manifestações eruditas quanto populares.	Sondagem específica	Gênero, idade, nível de escolaridade, classificação socioeconômica - critério Abipeme. ⁵⁵
Caldeira, 2003	Traçar um mapa das atividades físicas praticadas pelos paulistas, como também das motivações e dos comportamentos a elas relacionados.	Sondagem específica	Gênero, idade, classificação socioeconômica – critério Abipeme.

Quadro 5 - Pesquisas *survey* e o estudo da distribuição socialmente determinada das PMCTL

Fonte: elaboração própria.

⁵³ Detalhes do desenvolvimento dessa pesquisa se encontram em Thomson (2004).

⁵⁴ Pesquisa Nacional de Saúde de 1998.

⁵⁵ Associação Brasileira de Institutos de Pesquisa de Mercado.

2.5.2 População, Seleção e Tamanho da Amostra

O processo de amostragem deve apresentar o universo da pesquisa, a seleção e o tamanho da amostra. O universo se refere à totalidade da população que se deseja conhecer, o conjunto de pessoas que possuem um agregado de características específicas definido para uma pesquisa. A amostra consiste num grupo desse universo, selecionado segundo procedimentos específicos (probabilísticos e não probabilísticos) que permitam estimar seu respectivo grau de representatividade em relação a tal universo. O tamanho da amostra é o número de sujeitos que a compõem, o qual deve ser adequado para que os dados obtidos na pesquisa sejam significativos (BABBIE, 1999; GIL, 2002). “O campo”⁵⁶ desse tipo de investigação é desenvolvido, na maioria das vezes, por centros de pesquisas que possuem mapeamentos específicos da população de uma cidade, região ou país, como é o caso do IBGE,⁵⁷ o que permite escolher amostras representativas do universo estudado (Quadro 6 mostra alguns exemplos de pesquisas *surveys*).

Pesquisa	Instituição responsável pelo “campo”	Tipo de amostra	Universo	Tamanho da amostra
Warde, 2006	National Center for Social Research – Net-Cen	Probabilística	População do Reino Unido com mais de 18 anos	1564
Stempel, 2005	National Center for Health Statistic	Probabilística	População dos Estados Unidos com mais de 25 anos	22.500
Scheerder et al., 2002	Não consta	Probabilística	Adultos da população de Flandres (Bélgica), pais de alunos matriculados em escolas de educação básica em 4 seções (1969, 1979, 1989, 1999)	38000
Botelho; Fiore, 2005	Ibope	Extração probabilística em três estágios	População da Região Metropolitana de São Paulo com mais de 15 anos	2002
Caldeira, 2003	Datafolha	Amostragem não probabilística por cota	População do Estado de São Paulo com mais de 16 anos	908

Quadro 6 - Características da amostragem de pesquisas *survey* sobre a distribuição socialmente determinada das PMCTL

Fonte: elaboração própria.

⁵⁶ A coleta de dados em setores geográficos representativos da população.

⁵⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Neste caso, o universo da pesquisa foi constituído pela totalidade dos residentes da cidade de Porto Alegre (1.420.667)⁵⁸. Para selecionar os sujeitos foi utilizada uma amostragem por conglomerados em múltiplas etapas (BABBIE, 1999, p. 140-144), mediante o seguinte procedimento: Inicialmente, foi elaborada uma lista com os 74 bairros oficiais de Porto Alegre, ordenados de forma decrescente segundo sua população, divididos em grupos de três. De cada grupo de três bairros se sortearam dois para entrar na amostra. Selecionados os 50 bairros (Figura 5), os entrevistadores escolhiam aleatoriamente dois quarteirões para realizar a pesquisa.

Depois, foi realizado um arrolamento do número de domicílios em cada quarteirão escolhido, para selecionar 10 deles a partir de uma amostragem sistemática.⁵⁹ Quando a residência selecionada não era acessada, o entrevistador se dirigia a casa ao lado, no sentido de progressão do quarteirão, para realizá-la. Caso esse novo intento não fosse exitoso, se dirigia à residência ao lado daquela que tinha sido sorteada, mas no sentido contrário ao da progressão no quarteirão, e assim sucessivamente, até conseguir atingir a meta dos 10 domicílios. Em cada domicílio foram levantadas informações de todos os sujeitos nele residentes. O questionário foi respondido por um membro da família, maior de 18 anos.

O levantamento foi realizado em 800 domicílios, sendo coletadas informações de 2887 sujeitos de todas as idades. No entanto, para os propósitos desta pesquisa, foram considerados sujeitos as pessoas com idade entre 25 e 65 anos, com atividade principal remunerada e cujas informações coletadas permitissem uma classificação adequada da ocupação, totalizando uma amostra de 1090 sujeitos.

⁵⁸ População estimada pelo IBGE em 2007

⁵⁹ Exemplo, caso o quarteirão tivesse 50 domicílios, o entrevistador dividia esse número por 10.



Figura 5 - Representação esquemática dos setores da cidade em que foram realizadas as entrevistas

Fonte: elaboração própria.

2.5.3 Instrumento de Pesquisa: Elaboração do Questionário

Nas investigações *surveys*, os dados podem ser coletados através de questionários de dois tipos: autoadministrados ou por entrevistas. No primeiro caso, o questionário é enviado (por correio, por exemplo) ou entregue diretamente ao pesquisado para ele responder num tempo e espaço definidos, sem a presença do pesquisador. No segundo caso, o formulário é preenchido pelo entrevistador através de questionamentos efetuados diretamente ao pesquisado, que pode ser realizado frente a frente ou não (por exemplo, via telefone). Uma revisão das pesquisas sobre o envolvimento da população com as PMCTL mostra que podem ser utilizados diversos tipos de procedimentos para coletar os dados, conforme se pode observar no Quadro 7.

Pesquisa	Instrumento	Processo de validação e confiabilidade	Pergunta principal sobre o envolvimento com as PMCTL	Tipo
Warde, 2006	Questionário de entrevista	Estudo-piloto ⁶⁰	1ª) Você pratica algum esporte ou faz algum tipo de exercício físico? (Se a resposta fosse afirmativa): 2ª) Qual é seu esporte ou exercício físico favorito para jogar ou fazer atualmente? 3ª) De que mais gosta quando participa de seu esporte ou exercício físico favorito? 4ª) Quando se indagou sobre a prática de exercícios físicos, se questionou: Com que frequência você vai para a academia ou faz exercícios por conta própria?	Resposta espontânea Resposta espontânea Múltipla escolha estimulada
Stempel, 2005	Questionário de entrevista	Não comenta	1ª) Com que frequência faz atividades vigorosas durante pelo menos 10 minutos que causem abundante sudoração e um grande aumento nas frequências respiratória e cardíaca? 2ª) Durante quanto tempo faz essas atividades vigorosas? 3ª) Com que frequência faz especificamente atividades físicas projetadas para fortalecer seus músculos, como musculação ou calistenia?	Resposta espontânea
Scheerder et al., 2002	Questionário estandardizado autoaplicado	Instrumento utilizado em três estudos anteriores	Não comenta	Não comenta
Botelho; Fiore, 2005	Questionário de entrevista	Não comenta	Fez uma dessas atividades pelo menos uma vez (nos 12 meses anteriores)?	Múltipla escolha, estimulada
Caldeira, 2003	Questionário de entrevista	Não comenta	1ª) Você costuma praticar alguma atividade física ou esportiva? (Se a responder fosse afirmativa) 2ª) Quais atividades físicas costuma fazer?	Resposta espontânea

Quadro 7 - Características de questionários de pesquisas *survey* sobre a distribuição socialmente determinada das PMCTL

Fonte: elaboração própria.

Foi elaborado um questionário específico para a pesquisa (Apêndice 1), no qual constam: (1) dados de identificação: entrevistador, data da entrevista, endereço e telefone do domicílio recenseado, bem como o nome do respondente; (2) número total de residentes no domicílio e quantos com mais de 25 anos; (3) Dados socioeconômicos do residente: sexo, idade, cor/raça, estado civil, se estuda no momento, nível de escolaridade, ocupação (atividade principal); descrição da ocupação; relação laboral nessa ocupação; no caso de ser empregador, número de funcionários; no caso de ser empregado, se supervisiona ou não outros e quantos empregados); renda individual e renda familiar; (4) PMCTL: sim pratica ou não; no caso de praticar: qual/quais, com que frequência, em que lugar(es).

⁶⁰ Thomson (2004).

Destaco em especial dois aspectos do questionário. Primeiro, foram realizadas quatro perguntas sobre a ocupação (trabalho) dos sujeitos, para poder classificá-los de forma adequada dentro da proposta de Santos (2005). Sobre cada um dos sujeitos se indagou:

- Atividade principal: (1) Exerce uma atividade remunerada; (2) Estudante; (3) Dono (a) de casa; (4) Aposentado (a)/Pensionista; (5) Desempregado (a);
- Descrição precisa da ocupação que exerce: (1) atividade remunerada; (4) Aposentado (a), (5) desempregado (a).
- Relação laboral. Nessa ocupação/profissão, é/foi: (1) Empregador (a)/Patrão(oa); (2) Conta própria; (3) Empregado(a).
- Empregador/Patrão (1): Número de empregados?
- Empregado: Supervisiona outros funcionários? Sim ou Não, caso resposta positiva quantos.

Segundo destaque, para determinar o envolvimento com as PMCTL, se fez a seguinte indagação: “Costuma, no tempo livre, praticar esportes, exercícios físicos e/ou algum outro tipo de atividade física recreativa?”, sendo as possibilidades de resposta “sim” ou “não”. Quando a resposta era positiva, se indagava sobre o tipo de prática corporal que o sujeito realizava: “Qual é ou quais são os esportes, exercícios físicos ou atividades físicas que pratica frequentemente?”; dado o nome da prática, o entrevistador procurava o código da atividade no cartão resposta e registrava-a no questionário. Na possibilidade de ficar em dúvida, escrevia por extenso o nome da atividade mencionada pelo entrevistado.

2.5.4 Procedimentos

Para a realização desta etapa, inicialmente se realizou um estudo-piloto no mês de julho de 2008. Os questionários foram aplicados em quatro bairros, seguindo o procedimento de amostragem descrito no item anterior. Essa etapa permitiu: ajustar o questionário, refletir sobre as características do treinamento que seria ministrado aos entrevistadores, conferir a qualidade das informações coletadas.

O próximo passo foi treinar os recenseadores buscando que compreendessem o tipo de informação que devia ser coletada, particularmente em relação à ocupação, peça-chave na

identificação da categoria socioeconômica dos sujeitos. Além do treinamento, os questionários dos primeiros bairros foram revisados/avaliados por uma auxiliar da pesquisa que fez controle das informações lançadas no instrumento, orientando os entrevistadores a corrigir problemas de interpretação ou de preenchimento dos questionários. O levantamento foi efetuado entre os meses de novembro 2008 e abril de 2009, por 14 entrevistadores. Em torno do vinte por cento dos questionários foram supervisionados em lócus e/ou por telefone.

Para o desenvolvimento desta etapa da pesquisa, contei com a colaboração do Centro de Estudos e Pesquisas em Administração⁶¹ da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEPA/UFRGS). Desse centro acadêmico, recebi orientação para o desenvolvimento do trabalho de campo e auxílio para dirigir e coordenar as atividades dos entrevistadores, bem como para implementar a supervisão em lócus.

De posse dos dados, as ocupações foram codificadas com base na “Classificação Brasileira de Ocupações” (2002), constante em banco de dados disponível para consulta pela Internet⁶². Em sequência, cruzando as informações disponíveis no questionário, cada sujeito foi classificado dentro das categorias empíricas da proposta de Santos (2001; 2005a), de acordo com os critérios operacionais nela estabelecidos.

Todas as informações foram lançadas num banco de dados para tratamento estatístico. Foram feitos controles sistemáticos para controlar erros de digitação. Na comparação entre proporções, utilizei o teste do Qui-quadrado. O nível de significância estatística foi estabelecido em 0,05 e as análises foram executadas pelo programa Statistical Package for the Social Science (SPSS), versão 15.0.1 (SPSS INCORPORATION, 2006).

2.6 MAPA DAS PRÁTICAS CORPORAIS: RESULTADOS E ANÁLISE

Antes de iniciar a apresentação dos dados, é importante recuperar as características da população considerada nesta pesquisa: sujeitos com idades compreendidas entre 25 e 65 anos e ocupação principal remunerada. Isso significa que nesses dados não estão incluídas pessoas declaradas como dono de casa, aposentados, desempregados (trabalhadores excedentes), trabalhadores de subsistência. Na mesma linha, por se tratar de um estudo sobre a população urbana, não foram incluídos trabalhadores agrícolas.

Para discutir os resultados da pesquisa, foram utilizados, além de trabalhos publicados, microdados de três levantamentos nacionais não específicos, em que se incluíram questões

⁶¹ <http://cepa.ea.ufrgs.br/>

⁶² <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>

sobre PMCTL: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 2008 (PNAD) (IBGE, 2009), Pesquisa de Padrões de Vida (PPV), 1996-1997 (IBGE, 2006), e Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico (Vigitel), 2006 (BRASIL, 2009)⁶³. Detalhes metodológicos desses levantamentos foram resumidos no Apêndice 2, contudo saliento que se tratam de pesquisas *survey* com grandes amostras⁶⁴ e que as questões sobre a prática de exercícios físicos e esportes no tempo livre foram orientadas principalmente para determinar o nível de atividade física da população, numa perspectiva epidemiológica⁶⁵. Os dados desses levantamentos apresentados aqui foram selecionados seguindo os critérios da amostra desta pesquisa com relação a idade, atividade principal e residência em zona urbana, como descrito no parágrafo anterior.

O resultado da pesquisa sobre o envolvimento da população em estudo com as PMCTL é apresentado e discutido em sequência. Início a apresentação com uma exposição do envolvimento da população em estudo conforme o sexo, raça ou cor da pele, nível de escolaridade e renda. Num segundo momento, apresento e discuto os resultados sobre classe social e práticas de exercícios físicos e esporte.

2.6.1 Envolvimento da População da Cidade de Porto Alegre com PMCTL Conforme Características Socioeconômicas

Na Tabela 4 exponho, de forma resumida, os resultados da pesquisa que permitem analisar como variáveis sociais, classicamente estudadas neste campo, modulam o envolvimento com PMCTL. Na primeira linha da tabela é possível observar que a distribuição entre praticantes e não praticantes é estatisticamente diferente quando comparados os grupos masculino e feminino ($\chi^2 = 10,430$, g.l. = 1, $p < 0,001$). Os homens têm um envolvimento proporcionalmente 20% maior que as mulheres. Os resultados coincidem com estudos realizados tanto noutros países (SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; STEMPEL, 2005; WARDE, 2006; WHITE; WILSON, 1999; WILSON, 2002) como no Brasil (GOMES et al., 2001; MENDONÇA; ANJOS, 2004; PITANGA; LESSA, 2005; SALLES-COSTAS et al., 2003a; 2003b). Essa tendência é confirmada pelos dados da PNAD 2008, tanto para a

⁶³ Agradeço à Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, pela cessão dos dados desse levantamento.

⁶⁴ PNAD 2008: 391.868 pessoas em 150.591 domicílios; PPV: 19.409 pessoas em 4.941 domicílios; Vigitel 2006: 54.369 entrevistas.

⁶⁵ PNAD 2008: quatro perguntas; PPV: sete perguntas; Vigitel: cinco questões.

Região Metropolitana de Porto Alegre como para as regiões metropolitanas do Brasil⁶⁶ (Tabela 5).

Conforme os resultados apresentados na Tabela 4, a proporção de sujeitos praticantes não chega a ser estatisticamente diferente ($p < 0,05$) quando se compara a população segundo sua cor de pele ou raça ($\chi^2 = 3,172$, g.l. = 1, $p < 0,075$), ainda que a diferença entre grupos, proporcionalmente, seja de um pouco mais de 18%, sendo superior no caucasiano. No entanto, nos dados apresentados na Tabela 5, a diferença insinuada nesta pesquisa fica constatada tanto na Região Metropolitana de Porto Alegre como nas demais regiões metropolitanas do Brasil. Pessoas brancas têm um envolvimento com PMCTL proporcionalmente 27,3 % maior que as não brancas. Os estudos apontam resultados similares (POWELL; SLATER; CHALOUPIKA, 2004).

Ainda na Tabela 4, pode-se observar a diferença na proporção de sujeitos envolvidos em PMCTL conforme o nível de escolaridade. O percentual de praticantes cresce de forma consistente na medida em que o grau educacional é maior ($\chi^2 = 52,231$, g.l. = 3, $p < 0,000$). Proporcionalmente, o segmento mais escolarizado tem um envolvimento com PMCTL mais do que o dobro do menos escolarizado. Tanto pesquisas internacionais (CASTILLO et al., 2006; SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; STEMPEL, 2005; WHITE; WILSON, 1999; WILSON, 2002) quanto nacionais (GOMES et al., 2001; SALLES-COSTAS et al., 2003b; PITANGA, LESSA, 2005) indicam a mesma direção. Na Região Metropolitana de Porto Alegre e demais cidades do Brasil, os resultados também são consistentes nesse ponto (Tabela 5).

Finalmente, na mesma Tabela 4, apresento o nível de envolvimento dos sujeitos com PMCTL conforme a renda⁶⁷. Observa-se que a proporção dos sujeitos praticantes de esportes e/ou exercícios físicos achados na amostra aumenta, de forma contínua, segundo o nível da renda ($\chi^2 = 45,068$, g.l. = 4, $p < 0,000$). A diferença proporcional de praticantes entre os de menor e maior renda (segundo as faixas consideradas) é de 82%. Pesquisas realizadas em países do hemisfério norte (SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; SCHEERDER et al., 2005b; STEMPEL, 2005; WARDE, 2006; WHITE; WILSON, 1999; WILSON, 2002) e em nosso país (SALLES-COSTAS et al., 2003a; 2003b) também constata essa marcada assimetria. Na Tabela 5, na qual utilizo como indicador de renda a *Faixa de rendimento mensal domiciliar per capita*, a diferença entre os dois extremos da segmentação é maior do

⁶⁶ A PNAD 2008 pesquisou as regiões metropolitanas das cidades de Belém, Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo.

⁶⁷ Faixa de rendimento mensal domiciliar *per capita*.

que o triplo, tanto na Região Metropolitana de Porto Alegre, como nas outras regiões metropolitanas do Brasil.

Tabela 4 - Envolvimento com PMCTL da amostra, segundo sexo, raça/cor de pele, escolaridade e renda individual

			Envolvimento com PMCTL	
			Sim	Não
Sexo	Masculino	Fr.	284 47,4%	315 52,6%
	Feminino	Fr.	185 37,7%	306 62,3%
Raça ou cor da pele	Branca	Fr.	412 44,0%	524 56,0%
	Não Branca	Fr.	54 36,2%	95 63,8%
Segmentos de escolaridade	Ensino Fundamental completo ou incompleto	Fr.	79 28,9%	194 71,1%
		Fr.	171 39,9%	2258 60,1%
	Pós-Ensino Médio	Fr.	54 51,4%	51 48,6%
		Fr.	164 58,2%	118 41,8%
Faixas de renda	Até 1 salário mínimo	Fr.	82 36,1%	145 63,9%
	Mais de 1 até 2 salários mínimos	Fr.	83 30,0%	194 70,0%
	Mais de 2 até 3 salários mínimos	Fr.	55 38,5%	88 61,5%
	Mais de 3 até 4 salários mínimos	Fr.	26 53,1%	23 46,9 %
	Mais de 4 salários mínimos	Fr.	65 66,3%	33 33,7 %

Fonte: elaboração própria.

Tabela 5 - Prática de exercício físico ou esporte da população na Região Metropolitana de Porto Alegre e nas regiões metropolitanas do Brasil, conforme sexo, raça/cor de pele, escolaridade e renda individual

			Prática de exercício físico ou esporte	
			Região Metropolitana de Porto Alegre	Brasil (regiões metropolitanas)
Sexo	Masculino	Fr.	1308 35,4%	9903 33,9%
	Feminino	Fr.	918 29,9%	5806 24,1%
Raça ou cor da pele	Branca	Fr.	1899 34,7%	8291 32,6%
	Não Branca	Fr.	327 25,2%	7418 26,7%
Escolaridade	Ensino Fundamental completo ou incompleto	Fr.	616 20,4%	4035 18,4%
	Ensino Médio completo ou incompleto	Fr.	763 36,0%	6010 31,2%
	Ensino Superior completo ou incompleto	Fr.	845 51,9%	5589 47,3%
Faixa de rendimento mensal domiciliar <i>per capita</i>	Até ¼ salário mínimo	Fr.	16 16,8%	259 16,1%
	Mais de ¼ até ½ salário mínimo	Fr.	75 18,5%	1105 19,0%
	Mais de ½ até 1 salário mínimo	Fr.	306 21,8%	2877 22,0%
	Mais de 1 até 2 salários mínimos	Fr.	633 28,7%	3937 26,9%
	Mais de 2 até 3 salários mínimos	Fr.	302 34,3%	1940 34,4%
	Mais de 3 até 5 salários mínimos	Fr.	311 44,8%	1938 40,9%
	Mais de 5 salários mínimos	Fr.	429 60,1%	2743 55,8%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

2.6.2 Classes Sociais e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre

Nesta parte do trabalho apresento e analiso os resultados da pesquisa no que se refere ao envolvimento dos sujeitos com PMCTL conforme a posição de classe. Inicialmente centro a descrição e a análise sobre o envolvimento ou não da população com a prática de exercícios físicos e esporte, enquanto que num segundo momento analiso a relação entre posição de classe e tipo PMCTL realizada.

2.6.2.1 Classe social e envolvimento da população com Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre

Para analisar a relação entre classe social e envolvimento com as PMCTL, inicialmente descrevo as características da amostra da pesquisa e, na sequência, faço uma comparação da distribuição da população dentro das categorias de classe apresentadas pela PNAD (2008) para a Região Metropolitana de Porto Alegre. Continuo com uma explicação do processo de agregação dos segmentos de classe em macrocategorias, o qual é necessário para poder fazer comparações significativas entre os diferentes estratos socioeconômicos. Na sequência exponho os dados referidos ao envolvimento da população de Porto Alegre e do Brasil com as PMCTL e analiso características específicas dos segmentos de classe em relação à renda e a tempo ocupado. Finalmente, antes de sistematizar as informações apresentadas no tópico, problematizo as interfaces entre posição de classe e outras variáveis sociais (gênero, idade e nível de escolaridade) na variação do envolvimento da população em atividades físico-esportivas.

A Tabela 6 apresenta a amostra da pesquisa distribuída segundo as categorias que constituem a classificação socioeconômica proposta por Santos (2002, 2005a)⁶⁸.

Tabela 6 - Distribuição percentual das categorias de classe dos indivíduos na amostra

Categorias de classe	Fr.	%	% Ac.
Capitalista	5	0,5	0,5
Pequeno empregador	45	4,1	4,6
Autônomo com ativo	121	11,1	15,7
Especialista autônomo	70	6,4	22,1
Gerente	23	2,1	24,2
Empregado especialista	97	8,9	35,5
Empregado qualificado	122	11,2	46,7
Supervisor	26	2,4	26,6
Trabalhador típico	331	30,4	77,1
Trabalhador elementar	54	5,0	82,0
Autônomo precário	136	12,5	94,5
Empregado doméstico	60	5,5	100,0
Total	1.090	100,0%	

Fonte: elaboração própria.

Comparando a distribuição da amostra em classes com a que caracteriza a população da Região Metropolitana de Porto Alegre (Tabela 7, na próxima página), conforme os dados expandidos da PNAD 2008, observam-se bastantes semelhanças. Porém existem duas categorias que aparecem particularmente sobrerrepresentadas: *Autônomo com ativo* e *Especialista autônomo*. Na amostra da cidade de Porto Alegre, as categorias *Autônomo com ativo* e *Especialista autônomo* representam, respectivamente, 11,2% e 6,4% da população. Já na Região Metropolitana de Porto Alegre, as mesmas categorias correspondem, respectivamente, a 7,7% e 2,5% da população. Por outro lado, duas categorias encontram-se sub-representadas: *Trabalhador típico* e *Empregado doméstico*. Na amostra da cidade, essas duas categorias representam, respectivamente, 30,4% e 5,5% da população, enquanto que na Região Metropolitana de Porto Alegre atingem 38,8% e 8,9% da população. Isso significa que a amostra da cidade de Porto Alegre, obtida nesta pesquisa, tem uma proporção maior de pessoas nas classes mais altas que a encontrada na Região Metropolitana de Porto Alegre. Essa característica deve ser considerada na interpretação dos dados.

⁶⁸ É importante lembrar que, por tratar-se de uma população urbana, não foi incluída a categoria *autônomo agrícola*, que integra a proposta utilizada.

Tabela 7 - Tipologia de classe para a Região Metropolitana⁶⁹ de Porto Alegre

Categorias	Fr.	%	% Ac.
Capitalista	13.680	0,9	,9
Pequeno empregador	72.735	4,7	5,5
Autônomo com ativo	120.392	7,7	13,3
Especialista autônomo	38.306	2,5	15,7
Gerente	60.877	3,9	19,6
Empregado especialista	102.375	6,6	26,2
Empregado qualificado	144.558	9,3	35,4
Supervisor	32.377	2,1	37,5
Trabalhador típico	604.442	38,8	76,3
Trabalhador elementar	85.276	5,5	81,7
Autônomo precário	145.469	9,3	91,1
Empregado doméstico	139.312	8,9	100,0
Total	1.559.799	100,0	

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008. Dados expandidos.

O baixo número de sujeitos em alguns segmentos da amostra desta pesquisa, próprio da estrutura socioeconômica brasileira⁷⁰, impossibilita comparar a proporção de sujeitos envolvidos com PMCTL conforme cada classe. Portanto foi necessário operar com uma classificação que abrangesse um maior número de segmentos sociais por categoria de análise. Para isso realizei um processo de agregação dos segmentos socioeconômicos seguindo a lógica da tipologia de classe utilizada neste trabalho.

A proposta de Santos (2002, 2005a) possibilita trabalhar com um menor número de posições de classe. Não se trata, contudo, de uma nova tipologia, e sim de uma derivação da classificação já descrita. Esse procedimento possibilita, quando não se trabalha com amostras grandes como a da PNAD, fazer análises visando principalmente a aproximar-se de uma representação das relações de classe macroestruturais. O autor explica: “[...] a decomposição analítica operada na estrutura de posições de classe permite construir, através de um processo de recomposição teoricamente orientado, uma representação sintética do que seriam as grandes linhas de demarcação das macroposições de classe no Brasil hoje” (SANTOS, 2002, p. 115). Seguindo essa lógica, para fazer a análise do envolvimento da população com as PMCTL, decidi fazer uma recomposição de segmento em macroposições de classe, seguindo

⁶⁹ Os dados disponíveis não permitem trabalhar apenas com os da cidade de Porto Alegre.

⁷⁰ Por exemplo, a categoria *Capitalista* representa 0,9% da Região Metropolitana de Porto Alegre, segundo as características da população em estudo, e 0,6% da população brasileira em geral (conferir Tabela 3).

a proposta de agregação que o autor sugere para um estudo de transição do sistema educacional para as posições de classe (SANTOS, 2009b; 2009c; 2010) (Quadro 8).

Quadro 8 - Agregação das categorias de classe em macroposições

Macroposição	Categorias de classe
<i>Privilegiado</i>	Capitalista, Especialista autônomo, Gerente e Empregado especialista
<i>Detentor de ativos de capital</i>	Pequeno empregador e Autônomo com ativos
<i>Autônomo agrícola</i>	Agrícola autônomo
<i>Trabalhador amplo</i>	Empregado qualificado, Supervisor e Trabalhador típico
<i>Trabalhador destituído</i>	Trabalhador elementar, Autônomo precário, Empregado doméstico e Trabalhador de subsistência
<i>Excedente</i>	Trabalhador excedente (sem ocupação)

Fonte: Santos (2010).

Dadas as características da população estudada (sujeitos com ocupação principal remunerada e residentes em zona urbana), na análise considerei quatro das seis macroposições propostas: *privilegiado*, *detentor de ativos de capital*, *trabalhador amplo* e *trabalhador destituído*. Essa agregação orienta-se em questões teóricas e empíricas desenvolvidas por Santos em várias obras, mas particularmente em algumas de suas últimas produções (2009b, 2010). A categoria *Trabalhador destituído* reúne, nesse caso, três das posições que não controlam recursos que produzem valores na estrutura social capitalista. As categorias de trabalhadores elementares e empregados domésticos retratam situações de destituição caracterizadas por uma marcada desvalorização econômica das tarefas realizadas, enquanto os autônomos precários são trabalhadores destituídos de ativos de capital e de qualificação que desenvolvem a sua atividade nos interstícios dos mercados de produtos e serviços. A categoria de *Trabalhador ampliado* orienta-se no conceito de Wright, que associa aos trabalhadores típicos as outras categorias de empregados que não possuem ativos de autoridade nem de perícia (trabalhador não gerente e não especialista). A categoria *Detentor de ativos de capital* congrega sujeitos autônomos com ativos e pequenos empregadores, já que se encontram numa situação de não venda de sua força de trabalho, mas não dispensados do envolvimento direto com a produção do serviço ou da mercadoria comercializada. O pequeno empregador tem ativos em menor escala quando comparado com o capitalista, daí ser aceitável colocá-los juntos com os autônomos com ativos, como está sendo feito. A categoria *Privilegiado* reúne

as posições que são detentoras de recursos que produzem valor: capital, autoridade e/ou perícia, permitindo, nessa lógica, tratá-las como uma macroposição de classe.

A recomposição da tipologia leva-me a comparar novamente a amostra da pesquisa com a distribuição da população da Região Metropolitana de Porto Alegre, segundo os dados expandidos da PNAD 2008. A Tabela 8 (próxima página) mostra que os percentuais ficaram mais próximos, quando comparadas as categorias de forma desagregada, no entanto persistiu uma tendência de sobrerrepresentação das macroposições *Privilegiado* e *Detentor de ativos de capital*. Na amostra da cidade de Porto Alegre, as macroposições *Privilegiado* e *Detentor de ativos de capital* representam, respectivamente, 17,9% e 15,2% da população; já na Região Metropolitana de Porto Alegre, as mesmas categorias correspondem a 13,8% e 12,4% da população. No entanto, mais que as diferenças entre as proporções das macroposições no conjunto da população, é importante ter presente que a proporcionalidade interna das categorias descritas acima opera em cada macroposição⁷¹. Isso significa, por exemplo, que na categoria *Trabalhador amplo* a proporção de empregados qualificados (25%) é maior na amostra da cidade de Porto Alegre que a apresentada pela PNAD (2008) para a Região Metropolitana de Porto Alegre (18,6%). Consequentemente, a macroposição *Trabalhador amplo* da amostra da cidade de Porto Alegre tem sobrerrepresentadas em parte as características da categoria *Empregado qualificado*.

⁷¹ Na macroposição *Privilegiado*, a categoria *Capitalista* representa na amostra da cidade de Porto Alegre (CPA) = 3% e na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) = 6%; *Especialista autônomo*: CPA = 18%, RMPA = 36%; *Gerente*: CPA = 12%, RMPA = 28%; *Empregado especialista*: CPA = 50%, RMPA = 47%. Na macroposição *Detentor de ativos de capital*, o *Pequeno empregador*: CPA = 27%, RMPA = 38%; *Autônomo com ativo*: CPA = 73%; RMPA = 62%. Na macroposição *Trabalhador amplo*, o *Empregado qualificado*: CPA = 25%, RMPA = 19%; *Supervisor*: CPA = 5%, RMPA = 4%; *Trabalhador típico*: CPA = 69%; RMPA = 77%. Na macroposição *Trabalhador destituído*, o *Trabalhador elementar*: CPA = 22%, RMPA = 23%; *Autônomo precário*: CPA = 54%; RMPA = 39%; *Empregado doméstico*: CPA = 24%; RMPA = 38%.

Tabela 8 - Comparação das macroposições de classe da amostra e da Região Metropolitana de Porto Alegre

Macroposições de classe	Amostra		PNAD (2008)	
	Fr.	(%)	Fr.	(%)
Privilegiada	195	17,9	215.238	13,8
Detentor de ativos de capital	166	15,2	193.127	12,4
Trabalhador amplo	479	43,9	781.377	50,1
Trabalhador destituído	250	22,9	370.057	23,7
Total	1.090	100,0	1.559.799	100,0

Fonte: elaboração própria e dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008. Dados expandidos.

Seguindo essa reconfiguração, na Tabela 9 apresento a proporção de pessoas envolvidas com PMCTL da população estudada da cidade de Porto Alegre, segmentada segundo a macroposição de classe. Nela observa-se que a proporção dos sujeitos praticantes de esportes e exercícios físicos, em cada categoria, é estatisticamente diferente ($\chi^2 = 72,607$, g.l. = 3, $p < 0,000$), diminuindo de forma consistente na medida em que se consideram as posições de classe menos privilegiadas.

Tabela 9 - Envolvimento com PMCTL da amostra segundo macroposições de classe da cidade de Porto Alegre

Macroposições de classe		Envolvimento com PMCTL		Total
		Sim	Não	
Privilegiado	Fr.	125 64,1%	70 35,9%	195 100,0%
Detentor de ativos de capital	Fr.	80 48,2%	86 51,8%	166 100,0%
Trabalhador amplo	Fr.	203 42,4%	276 57,6%	479 100,0%
Trabalhador destituído	Fr.	61 24,4%	189 75,6%	250 100,0%

Fonte: elaboração própria.

Resultados similares mostram os dados extraídos PNAD (2008) (Tabela 10), tanto a amostra da Região Metropolitana de Porto Alegre ($\chi^2 = 350,0$, g.l. = 3, $p < 0,000$) quanto a do Brasil (regiões metropolitanas) ($\chi^2 = 2016,8$, g.l. = 3, $p < 0,000$). As amostras da cidade de Porto Alegre e das regiões metropolitanas exibem que o envolvimento da categoria *Privilegiado* é, proporcionalmente, mais que o dobro da de *Trabalhador destituído* e entre 50% (cidade de Porto Alegre) e 70% (Região Metropolitana de Porto Alegre) mais que a *Trabalhador típico*.

Tabela 10 - Envolvidos com PMCTL na Região Metropolitana de Porto Alegre e no Brasil (regiões metropolitanas), segundo macroposições de classe

Macroposições de classe		Envolvidos com PMCTL	
		Região Metropolitana de Porto Alegre	Brasil (regiões metropolitanas)
Privilegiado	Fr.	516	3316
		54,7%	48,4%
Detentor de ativos de capital	Fr.	302	1995
		36,1%	32,6%
Trabalhador amplo	Fr.	1107	7572
		32,6%	29,9%
Destituído	Fr.	301	2826
		18,9%	18,9%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

O tamanho da amostra do PNAD 2008 permite desagregar as macroposições e revisar a porção de envolvidos com PMCTL em cada uma das categorias da classificação, tanto na Região Metropolitana de Porto Alegre como nas demais regiões metropolitanas do Brasil. Na Tabela 11 (próxima página) apresento o percentual de pessoas residentes da Região Metropolitana de Porto Alegre e nas regiões metropolitanas do Brasil que declararam ter praticado, nos três meses anteriores à entrevista, algum tipo de exercício físico ou esporte, dentro de cada categoria, organizada segundo as macroposições de classe.

A leitura dessa tabela permite observar que as macroposições *Privilegiado* e *Trabalhador destituído* reúnem efetivamente e respectivamente as classes com mais e menos envolvimento com PMCTL. Já a categoria *Trabalhador amplo* reúne categorias que são diferentes do ponto de vista de seu envolvimento com exercícios físicos e esportes. As categorias *Supervisor* e *Empregado qualificado* apresentam um envolvimento com PMCTL

superior às categorias *Pequeno empregador* e *Autônomo com ativo*, o que fica camuflado no momento em que são consideradas as macroposições.

Tabela 11 - Praticantes de exercícios físicos ou esportes da Região Metropolitana de Porto Alegre e regiões metropolitanas do Brasil, conforme a posição de classe

		Pessoas que praticaram algum tipo de exercício físico ou esporte nos três últimos meses		
Macroposição de classe	Categorias de classe		Região Metropolitana de Porto Alegre	Regiões metropolitanas do Brasil
Privilegiado	Capitalista	Fr.	33 55,0%	194 52,2%
	Especialista autônomo	Fr.	104 61,9%	470 54,8%
	Gerente	Fr.	125 47,0%	859 42,5%
	Empregado especialista	Fr.	254 56,6%	1.793 49,8%
Detentor de ativos de capital	Pequeno empregador	Fr.	115 36,5%	698 32,9%
	Autônomo com ativos	Fr.	187 35,9%	1.297 32,5%
Trabalhador amplo	Empregado qualificado	Fr.	269 42,6%	1.799 37,9%
	Supervisor	Fr.	55 39,3%	353 35,9%
	Trabalhador típico	Fr.	783 29,8%	5.420 27,6%
Destituído	Trabalhador elementar	Fr.	69 18,8%	643 20,3%
	Autônomo precário	Fr.	132 21,0%	1.490 22,1%
	Empregado doméstico	Fr. (%)	100 16,7%	693 13,8%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

O conjunto de dados sistematizados entre as tabelas 9 e 11 permite visualizar uma associação entre classe e envolvimento com PMCTL. Em linhas gerais, a macroposição *Privilegiado* tem a maior proporção de praticantes de exercícios físicos e esportes, destacando-se nela a categoria *Especialista autônomo* com a frequência mais elevada. A macroposição *Trabalhador destituído* reúne a população menos envolvida com PMCTL, sendo a categoria *Trabalhador doméstico* a que tem o menor índice de população envolvida de todos os segmentos socioeconômicos (a probabilidade de um trabalhador doméstico, nas Regiões Metropolitanas de Brasil, praticar exercício físico ou esporte é 3,97 vezes menor que um especialista autônomo). A categoria *Trabalhador típico* é a que tem menor envolvimento com PMCTL fora da macroposição *Trabalhador destituído*, o que permite afirmar que as pessoas que ocupam as posições socioeconômicas inferiores têm a menor frequência de envolvimento com exercícios físicos e esportes no Brasil. Finalmente, observa-se um terceiro grupo, com um envolvimento em PMCTL de valores intermediários (entre 32,5% e 37,9% da população nas Regiões Metropolitanas do Brasil), constituído pelo que poderia denominar classe média assalariada (*Supervisor e Empregado qualificado*) e as categorias que compõem a macroposição *Detentor de ativos de capital*.

Em síntese, os dados possibilitam afirmar que a estrutura social da cidade de Porto Alegre e das regiões metropolitanas do Brasil, semelhantemente ao que acontece noutros países (WARDE, 2006; FERRANDO, 2006; STEMPEL, 2005; SCHEERDER et al., 2005b; SCHEERDER et al., 2002; WILSON, 2002; MARIOVET, 2001), imprime uma dinâmica de funcionamento à vida social que leva a que sujeitos localizados no estrato socioeconômico superior tenham maior probabilidade de incluir a prática de exercícios físicos e/ou esportes a seus estilos de vida que aqueles que se encontram em estratos inferiores.

Estabelecida a associação entre o envolvimento com PMCTL e classe, o próximo passo foi analisar algumas características das posições socioeconômicas que podem ajudar a compreender os mecanismos subjacentes a essa relação. Bourdieu (1993, p. 75), como descrito no tópico 2.1.3, afirma sobre este assunto que:

Um modelo que seja capaz de explicar a distribuição das práticas esportivas entre classes e frações de classe deve claramente considerar os fatores determinantes positivos ou negativos, que dentro dos mais importantes estão o *tempo livre* (uma forma transformada de capital econômico), o *capital econômico* (mais ou menos imprescindível segundo os esportes) e o *capital cultural* (mais ou menos necessário segundo o esporte).

Nessa perspectiva, decidi explorar como as características de renda e tempo não livre (horas dedicadas ao trabalho, tarefas domésticas e deslocamento para o trabalho) se distribuem nas diferentes classes e como estas se relacionam com o envolvimento com PMCTL.

Para explorar a primeira das dimensões consideradas (renda), utilizei os dados da PNAD 2008, tomando como indicador a variável *rendimento mensal de todos os trabalhos*. Na Tabela 12, apresento a média dos rendimentos e o percentual da população que se envolve com exercícios físicos ou esporte nas regiões metropolitanas do Brasil, conforme as posições de classe. As categorias de classe foram ordenadas de forma decrescente conforme a renda.

Tabela 12 - Média de rendimentos e percentual da população envolvida com exercícios físicos ou esporte por posição de classe nas regiões metropolitanas do Brasil

Posições de classe	Rendimentos	População envolvida com exercícios físicos ou esporte
	R\$	(%)
Capitalista	6.741,55	52,2
Especialista autônomo	4.060,58	54,8
Empregado especialista	3.883,84	49,8
Gerente	3.217,78	42,5
Pequeno empregador	2.936,22	32,9
Supervisor	1.796,16	35,9
Empregado qualificado	1.681,04	37,9
Autônomo com ativo	1.348,88	32,5
Trabalhador típico	898,51	27,6
Autônomo precário	599,07	22,1
Trabalhador elementar	520,86	20,3
Empregado doméstico	436,81	13,8

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Na tabela, observa-se uma associação positiva entre as médias de renda e o percentual da população envolvida com PMCTL. As classes com melhores rendimentos mensais tendem a apresentar uma maior proporção de sujeitos praticantes de exercícios físicos ou esportes. Os dados organizados dessa forma permitem gerar um gráfico de dispersão que relaciona essas duas variáveis (Figura 6), o que deixa ainda mais clara a relação entre a renda e a proporção de praticantes entre as classes. A correlação entre as duas é muito forte (Coeficiente de *Spearman* 0,965, $p < 0,01$, $n = 12$).

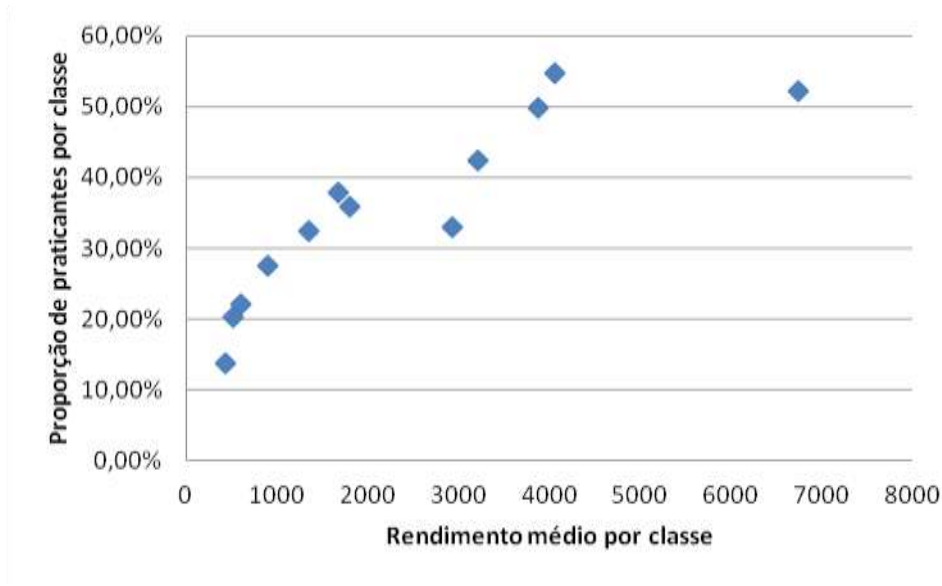


Figura 6 - Gráfico de dispersão da média de rendimentos e percentual de envolvidos em prática de exercícios físicos ou esportes nas regiões metropolitanas do Brasil conforme a classe social.

Coeficiente de Spearman 0,965 ($p < 0,01$) $n = 12$.

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

No entanto acredito ser importante apontar que essa associação é mais forte entre as classes que ocupam estratos mais baixos da estrutura social e um pouco menos nos estratos mais altos. Particularmente, observa-se que nas posições de classe *Capitalista* e *Pequeno empregador*, a associação entre a renda e a frequência relativa da população envolvida com PMCTL não acompanha uma correlação praticamente linear das outras classes. Nesses dois casos, a média de rendimento mais alta não significa ter uma proporção de praticantes maior que outras posições de classe com renda menor (como acontece com as seis categorias que se encontram no estrato socioeconômico mais baixo da tipologia). Contudo vale advertir que é apenas na comparação entre as posições de classe *Empregado qualificado* e *Pequeno empregador* que se encontra uma relação em que um grupo, tendo rendimento mensal médio menor que o outro (*Empregado qualificado* = R\$ 1.681,04; *Pequeno empregador* = R\$ 2.936,22), possui uma proporção de praticantes significativamente maior ($p < 0,01$) (*Empregado qualificado* = 37,9%; *Pequeno empregador* = 32,9%). Em todas as outras comparações em que há diferença significativa entre as proporções de envolvidos com PMCTL, sempre a vantagem é da posição de classe que tem maior média de rendimento mensal.

Retomando a análise dos dados apresentados na Tabela 12, mas agora a partir da diferença de renda entre as classes, constata-se que pode acontecer que os rendimentos

médios de algumas classes não sejam estatisticamente diferentes, mas o sejam as proporções de envolvimento com PMCTL (Apêndice 3). Essa situação ganha sua maior expressão entre as posições de classe *Gerente* e *Pequeno empregador*, com rendimentos médios sem diferenças estatísticas significativas (respectivamente, R\$ 3.217,78 e R\$ 2.936,22), em que a proporção de praticantes do primeiro é 34% superior ao do segundo. Situação similar é possível observar no binômio *Autônomo especialista* e *Empregado especialista*, com médias de ganhos similares (respectivamente, R\$ 4.060,58 e R\$ 3.883,84) e frequências relativas de envolvidos com PMCTL estatisticamente diferentes (respectivamente, 54,8% e 49,8%) – sendo, no entanto, uma discrepância menor que o caso comentado anteriormente. Também nas três classes que constituem a macroposição de *Trabalhadores destituídos* percebe-se esse fenômeno: rendas similares e proporções diferentes de envolvidos com práticas de exercícios físicos ou esporte.⁷²

A leitura da relação renda e envolvimento com PMCTL permite observar uma marcada associação entre essas características das categorias de classe, ainda que não possa se estabelecer uma relação linear. A constatação leva a conjecturar que o recurso econômico facilita, propicia e potencializa o envolvimento com a prática de exercícios físicos ou esporte do sujeito que pertence ao estrato socioeconômico mais alto e, contrariamente, uma disponibilidade menor do recurso dificulta o envolvimento de quem está localizado no estrato mais baixo. Isto pode indicar que existem outros aspectos da posição de classe, que não envolvem a mediação da renda, produzindo esta diferença. A organização da atividade de empregadores e autônomos é bastante diferente dos empregados. Da mesma maneira, as destituições de autônomos, domésticos e elementares nascem de processos diferenciados, que afetam a prática, além da renda. Isto demonstraria que considerar apenas a renda apenas como indicador socioeconômico para analisar as práticas não é uma boa opção.

Na linha do tópico anterior, ao revisar os fatores importantes que possam ajudar a compreender a distribuição do envolvimento com PMCTL entre classes, busquei analisar se os segmentos socioeconômicos diferem no tempo de investimento em compromissos pessoais e profissionais e se este se associa com um maior percentual de sujeitos praticantes de exercícios físicos ou esportes. Para operar essa análise, com base nas informações disponíveis na PNAD 2008, comparei três investimentos de tempo obrigatórios para o grupo em análise:

⁷² As rendas médias das posições de classe *Autônomo precário* (R\$ 599,07), *Trabalhador elementar* (R\$ 520,86) e *Empregado doméstico* (R\$ 436,81) não são estatisticamente diferentes, mas o percentual de pessoas envolvidas com PMCTL por classe o são: *Autônomo precário* (22,1%), *Trabalhador elementar* (20,3%) e *Empregado doméstico* (13,8%). Quando se realiza controle sobre o gênero, mudanças acontecem nessa relação, assunto que será retomado mais adiante.

tempo dedicado ao trabalho, tempo dedicado aos afazeres domésticos e tempo dedicado ao deslocamento da casa para o trabalho.

Sobre a primeira dimensão de tempo considerado, a pergunta que se coloca é: o grupo de pessoas que habitualmente trabalham menos horas por semana tem proporcionalmente maior probabilidade de praticar exercícios físicos ou esportes? A resposta é sim. Sujeitos que trabalham até 44 horas por semana declaram ter-se envolvido com práticas esportivas, proporcionalmente, quase 10% a mais dos que trabalharam além do que isso.⁷³

Tomando o mesmo parâmetro (habitualmente trabalhar mais ou menos de 44 horas por semana) e analisando a relação conforme a classe, é possível perceber que algumas categorias têm uma marcada diferença na proporção de pessoas que somam mais de 44 horas laborais por semana (Tabela 13, na próxima página, categorias de classe ordenadas de forma decrescente conforme a proporção de pessoas que trabalham mais de 44 horas por semana). Por exemplo, mais de 60% dos sujeitos classificados nas categorias *Capitalista* e *Pequeno empregador* declaram que usualmente seu tempo de trabalho ultrapassa as 44 horas por semana, enquanto *Empregados especialistas* e *Especialistas autônomos* que extrapolam esse parâmetro são um pouco mais de 20%. Essa diferença nas categorias de classe na proporção de pessoas que dedicam mais horas ao trabalho – o que, potencialmente, poderia redundar em menor tempo para o envolvimento com PMCTL – não está relacionada com uma menor proporção de sujeitos envolvidos com tais práticas (coeficiente de correlação de *Spearman*: 0,284, $p = 0,372$, $n = 12$). Invertendo o raciocínio, não é possível afirmar que as classes que dedicam menos tempo por semana ao trabalho têm uma maior proporção de sujeitos envolvidos com práticas de exercícios físicos e esportes. Essas características das categorias de classe não estão associadas.

⁷³ Pessoas que nos três últimos meses, praticou algum tipo de exercício físico ou esporte que trabalham até 44 horas 30,4% ($n = 5161$), que trabalharam mais de 44 horas 27,7% (13442) ($\chi^2 = 42,176$, d.f. = 1, $p < 0,000$). Segmentado num maior número de faixas de tempo de horas trabalhadas e por sexo a diferença fica maior.

Tabela 13 - Percentual da população que habitualmente trabalha mais de 44 horas por semana e de praticantes de exercícios físicos ou esporte conforme posição de classe nas regiões metropolitanas do Brasil

Posições de classe	Habitualmente trabalha mais de 44 horas por semana	População envolvida com exercícios físicos ou esporte
	(%)	(%)
Capitalistas	60,8%	52,2%
Pequeno empregador	60,8%	32,9%
Autônomos com ativos	48,9%	32,5%
Trabalhadores elementares	37,0%	20,3%
Trabalhadores	36,3%	27,6%
Empregado doméstico	33,8%	13,8%
Gerentes	32,3%	42,5%
Autônomos precários	31,0%	22,1%
Especialistas autônomos	30,5%	54,8%
Supervisores	27,8%	35,9%
Empregados qualificados	23,0%	37,9%
Empregados especialistas	21,7%	49,8%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Outro parâmetro de tempo que analisei se vincula com a demora dos sujeitos para deslocar-se aos locais em que realizam suas atividades laborais. Esse parâmetro é importante quando consideramos que, em grandes cidades, tal tempo pode ser superior a 12 horas por semana, reduzindo dessa forma a disponibilidade de tempo livre⁷⁴.

Quando comparado o envolvimento com PMCTL entre os que demoram mais e os que demoram menos no deslocamento ao trabalho, encontram-se diferenças significativas. Entre os que usam até 30 minutos no percurso de ida da residência para o local do trabalho, o envolvimento com exercícios físicos ou esportes é de 32,2%, já entre os que usam mais de uma hora é de 25,1%.

Nessa lógica, identifica-se diferença na proporção de sujeitos dentro de cada classe que demoram mais de 30 minutos para deslocar-se até seu trabalho. Entre as categorias que têm uma menor proporção de pessoas que demoram mais de 30 minutos estão *Capitalista* (20,9%) e *Pequeno empregador* (25%), enquanto as que têm um maior percentual nesta categoria são: *Supervisor* (54%), *Empregado doméstico* (52,8%) e *Trabalhador típico*

⁷⁴ Nas regiões metropolitanas do Brasil, 15,5% da população têm mais de uma hora de percurso diário de ida da residência para o local de trabalho. Entre os empregados domésticos, essa proporção passa para 21,5%.

(50,5%). Analisada a relação entre o percentual de pessoas que demoram menos tempo para deslocar-se até seu trabalho e o nível de envolvimento com PMCTL por classe, observa-se uma associação positiva, mas fraca (coeficiente de correlação de *Spearman*: 0,413, $p = 0,183$, $n = 12$). Isso significa que as classes com maior percentual de sujeitos que demoram pouco tempo para se deslocar ao trabalho tendem a ter um maior percentual de pessoas envolvidas com PMCTL, ainda que não de forma diretamente proporcional. No entanto é possível apontar que, entre posições mais baixas da classificação socioeconômica, um importante percentual dos trabalhadores investe um tempo substancial de seu dia apenas para deslocar-se ao trabalho, o que afeta suas possibilidades de dispor de seu tempo, fora do período laboral. Dessa forma, tal fato não pode ser ignorado numa análise das práticas realizadas no tempo livre quando se focalizam grupos que ocupam os estratos socioeconômicas inferiores.

Finalmente, entre as dimensões de tempo analisadas, explorei a relação entre as pessoas se ocuparem ou não com as atividades domésticas, o tempo dedicado a estas e o envolvimento com PMCTL. Entendo que essa atividade, junto com o tempo dedicado ao trabalho e o deslocamento de casa ao local onde se trabalha, desenha em grande medida o que resta de tempo livre.

Quando comparada a proporção de envolvidos com PMCTL entre aqueles que cuidam dos afazeres domésticos e os que não, a diferença não é significativa. Porém, quando a comparação leva em consideração o número de horas normalmente dedicadas a essas tarefas na semana, o resultado muda. Entre aqueles que dedicam até cinco horas por semana a trabalhos domésticos, o nível de envolvimento com PMCTL é de 36,1%, enquanto entre os que se ocupam por mais de 15 horas o índice passa a 23%. Proporcionalmente, o primeiro grupo tem um envolvimento com exercícios físicos ou esportes 57% maior do que o segundo.

Nessa lógica, é possível analisar o tempo dedicado dentro de cada classe às atividades domésticas. Entretanto, dada a grande diferença que produz a condição de gênero no que se refere ao cuidado com afazeres domésticos (MELO; CASTILHO, 2009), a análise necessariamente deve diferenciar essa dimensão. Na Tabela 14 (página seguinte), exponho os resultados das médias das horas dedicadas por cada classe social a essas atividades e o índice de envolvimento desses grupos com PMCTL, diferenciado por gênero. Antes de comparar as classes, é importante notar que a categoria de classe masculina com maior número de horas dedicadas ao cuidado de tarefas domésticas (*Autônomo precário* = 11,36) tem uma média inferior à posição de classe feminina de menor média (*Capitalista* = 12,27). Independentemente da diferença entre gêneros, os dados apontam uma forte associação negativa entre essas variáveis; indicam que as categorias que dedicam em média maior tempo

aos afazeres domésticos têm um envolvimento menor com práticas de exercícios físicos ou esportes, tanto entre os homens (coeficiente de correlação de *Spearman*: 0,855, $p = 0,001$, $n = 12$) como entre as mulheres (coeficiente de correlação de *Spearman*: 0,832, $p = 0,001$), que aquelas que dedicam menos tempo.

Tabela 14 - Média do número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos e de percentual de praticantes de exercícios físicos ou esporte conforme gênero e posição de classe nas regiões metropolitanas do Brasil

Posições de classe	Homens		Mulheres	
	Média de horas que dedicava por semana aos afazeres domésticos	População envolvida com exercícios físicos ou esporte	Média de horas que dedicava por semana aos afazeres domésticos	População envolvida com exercícios físicos ou esporte
Capitalistas	6,62	53,6%	12,27	47,9%
Pequenos empregadores	8,24	32,8%	17,38	33,1%
Autônomos com ativos	9,61	32,8%	21,23	31,9%
Especialistas autônomos	8,67	54,4%	14,43	55,4%
Gerentes	7,94	46,8%	14,07	36,4%
Empregados especialistas	7,50	56,2%	14,17	44,1%
Empregados qualificados	8,74	45,3%	17,94	31,0%
Supervisores	8,59	37,2%	16,62	32,9%
Trabalhadores	9,65	32,2%	18,37	19,8%
Trabalhadores elementares	10,33	24,1%	20,77	12,7%
Autônomos precários	11,36	21,3%	27,69	23,0%
Empregados domésticos	10,10	21,8%	21,81	13,2%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Dentro da proposta *bourdieusiana* de análise da distribuição do envolvimento das práticas esportivas entre classes, nos tópicos precedentes foram analisados dois fatores importantes: a renda (como um índice do capital econômico) e o tempo ocupado como um contraste do tempo livre (uma forma transformada de capital econômico, na lógica de Bourdieu). Em relação a esses dois aspectos, com base nos dados analisados, é possível afirmar que existe uma marcada associação entre a proporção de sujeitos envolvidos em PMCTL e a capacidade econômica da classe na que se localizam. Em relação ao tempo, é possível afirmar que quem tem um maior índice de praticantes de exercícios físicos e esportes são os estratos sociais que dedicam menos tempo na semana para os afazeres domésticos e tendem a ter uma população que investe menos tempo do dia para deslocar-se para seu

trabalho. Nessa perspectiva, a posição socioeconômica afeta a disponibilidade de recursos (dinheiro e tempo) importantes vinculados ao envolvimento com PMCTL.

2.6.2.1.1 *Classe social e envolvimento da população com Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre em interface com outras variáveis sociais*

A constatação da associação entre classe social e PMCTL permite revisar algumas associações largamente documentadas na literatura, como é o caso do gênero (pesquisas nacionais: GOMES et al., 2001; MENDONÇA; ANJOS, 2004; PITANGA; LESSA, 2005; SALLES-COSTAS et al., 2003a; 2003b; pesquisas internacionais: SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; STEMPEL, 2005; WARDE, 2006; WHITE; WILSON, 1999; WILSON, 2002), idade (pesquisas nacionais: GOMES et al., 2001; PITANGA, LESSA, 2005; pesquisas internacionais: MARIOVET, 2001; SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; STEMPEL, 2005; WARDE, 2006); e nível educacional (pesquisas nacionais: GOMES et al., 2001; SALLES-COSTAS et al., 2003b; PITANGA, LESSA, 2005; pesquisas internacionais: CASTILLO et al., 2006; SCHEERDER; VANREUSEL; TAKSA, 2005a; STEMPEL, 2005; WHITE; WILSON, 1999; WILSON, 2002). O propósito foi revisar como essas características se entrelaçam com a posição de classe dos sujeitos.

2.6.2.1.1.1 Práticas de movimento corporal no tempo livre, gênero e interface com classe

A Tabela 15 (na página seguinte) mostra o envolvimento dos sujeitos da amostra da cidade de Porto Alegre com práticas corporais, considerando a macroposição de classe e de sexo. Essa segmentação permite ter outra leitura da diferença na proporção de praticantes entre o grupo masculino e o feminino daquela mostrada na Tabela 4. Levando em consideração o estrato social, a diferença no envolvimento entre homes e mulheres se mantém estatisticamente significativa apenas entre *Trabalhadores amplos* ($\chi^2 = 10,927$, g.l. = 1, $p < 0,01$), enquanto que nas outras categorias não.

Tabela 15 - Envolvimento com PMCTL da amostra da cidade de Porto Alegre conforme sexo e macroposições de classe

Macroposições de classe		Envolvidos com PMCTL	
		Masculino	Feminino
Privilegiada	Fr.	67 67,0%	58 61,1%
Detentor de ativos de capital	Fr.	55 49,5%	25 45,5%
Trabalhador amplo*	Fr.	135 49,1%	68 33,3%
Trabalhador destituído	Fr.	27 23,9%	34 24,8%

*Diferença significativa: $p < 0,01$

Fonte: elaboração própria.

Na mesma linha, ao analisar essa mesma relação com base nos dados da PNAD 2008, conforme as macroposições de classe, percebe-se que os dados projetam a mesma situação que a amostra da cidade Porto Alegre (Tabela 16). E mais, se for utilizado um nível de significância menos exigente ($p < 0,05$), observar-se-á que a diferença entre o grupo masculino e feminino se inverte na categoria *Detentor de ativos de capital*. As mulheres declaram participar em práticas de exercícios físicos ou esporte, proporcionalmente, 20% mais que os homens.

Tabela 16 - Praticantes de exercícios físicos ou esportes na Região Metropolitana de Porto Alegre conforme as posições de classe e sexo

Macroposição de classe		Envolvidos com PMCTL	
		Masculino	Feminino
Privilegiada	Fr.	288 57%	228 52,1%
Detentor de ativos de capital**	Fr.	184 33,6%	118 40,8%
Trabalhador amplo*	Fr.	705 35,3%	402 28,7%
Trabalhador destituído	Fr.	131 20,2%	170 18,0%

* Diferença significativa: $p < 0,01$

** Diferença significativa: $p < 0,05$

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Utilizando os dados sobre as regiões metropolitanas do Brasil, pode-se revisar de forma mais detalhada essa relação por cada uma das posições de classe (Tabela 17). Internamente, a cada macroposição se observa que a diferença na proporção de homens e mulheres envolvidos com práticas esportivas sustenta-se em seis das 12 categorias. É importante destacar que a relação identificada na macroposição *Detentor de ativos de capital* na Região Metropolitana de Porto Alegre, em que as mulheres têm um maior envolvimento que os homens, não se constata quando a análise se realiza sobre o conjunto das regiões metropolitanas do país.

Tabela 17 - Praticantes de exercícios físicos ou esportes das regiões metropolitanas do Brasil conforme a posição de classe e sexo

Posições de classe		Envolvidos com PMCTL	
		Masculino	Feminino
Capitalista	Fr.	148 53,6%	46 47,9%
Pequeno empregador	Fr.	466 32,8%	232 33,1%
Autônomo com ativos	Fr.	885 32,8%	412 31,9%
Especialista autônomo	Fr.	255 54,4%	214 55,4%
Gerente*	Fr.	554 46,8%	305 36,4%
Empregado especialista*	Fr.	957 56,2%	836 44,1%
Empregado qualificado*	Fr.	1.032 45,3%	1.245 31,0%
Supervisor	Fr.	251 37,2%	102 32,9%
Trabalhador típico*	Fr.	3.986 32,2%	1.434 19,8%
Trabalhador elementar*	Fr.	508 24,1%	135 12,7%
Autônomo precário	Fr.	783 21,3%	707 23,0%
Empregado doméstico*	Fr.	78 21,8%	615 13,2%

*Diferença significativa: $p < 0,01$

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Os dados das Tabelas 15, 16 e 17 apontam que a diferença na proporção de homens e mulheres envolvidos com PMCTL, evidenciada na Tabela 4, não permanece estável quando se analisa essa relação dentro das classes sociais. Nos setores socioeconômicos superiores, a diferença de envolvimento entre gêneros não é significativa. Na cidade de Porto Alegre e na sua região metropolitana, é na macroposição *Trabalhador amplo* que a diferença no envolvimento com PMCTL entre homens e mulheres se sustenta. Na macroposição *Privilegiado*, com destaque para as categorias *Capitalista* e *Especialista autônomo*, quando considerados os dados de todas as regiões metropolitanas do Brasil, não há diferença entre a proporção de homens e mulheres que praticam exercícios físicos ou esporte.

Isso significa que as diferenças identificadas no envolvimento com PMCTL entre homens e mulheres não independem da classe; contrariamente, as relações de gêneros são condicionadas pelo espaço social que homens e mulheres ocupam. Hargreaves (1993, p. 119-120) afirma sobre este ponto, em relação à população europeia:

De acordo com os dados disponíveis sobre o tempo livre feminino [...] é possível fazer generalizações sobre as mulheres, com o grupo que vive seu tempo livre de forma diferente e subordinada às dos homens. No entanto, o fato de considerar as mulheres como um grupo homogêneo pode induzir a sérios erros. As desigualdades de classe, por exemplo, acentuam as desigualdades de gênero no tempo livre e o esporte. A maioria no tempo livre das mulheres afeta mais as mulheres da classe trabalhadora que a das de classe média – essas têm mais probabilidades de desfrutar de ajuda na casa e no cuidado dos filhos e dispõem de mais dinheiro para o tempo livre e o transporte privado. Portanto não é surpreendente que haja mais mulheres de classe média que façam esporte [...]. O importante incremento na oferta de serviços como academias, clubes para mulheres [...], o *boom* da forma física (*fitness*) feminina não tem afetado quase nada a vida das mulheres da classe trabalhadora.

Acompanhando o raciocínio da autora e estabelecendo relações com o tópico anterior sobre renda e tempo livre, é possível apontar algumas relações. Constata-se que a diferença no envolvimento com PMCTL entre homens e mulheres se reduz nos estratos socioeconômicos mais altos (tanto que em duas categorias não há diferença), nos mesmos em que os recursos econômicos são maiores e o tempo dedicado às tarefas domésticas é menor. Além disso, em relação ao envolvimento com as tarefas domésticas, observa-se, com base dados da PNAD 2008, que na macroposição *Privilegiado* se encontra a maior proporção de mulheres que não se envolve com a faxina pesada de seu domicílio (62.3%)⁷⁵. Tomando essas informações como base, é possível conjecturar, particularmente em relação às mulheres, que nos estratos socioeconômicos mais altos se dispõe de recursos econômicos para contratar trabalhadores

⁷⁵ Proporção de mulheres que não costumam fazer faxina (limpeza pesada) no seu domicílio, conforme macroposições de classe: *Detentores de ativos de capital*: 33,8%; *Trabalhador amplo*: 28,2%; *Trabalhador destituído*: 13,4%.

(empregados domésticos) que desenvolvam uma parte importante do trabalho de reprodução da vida social, aumentando a possibilidade de seus integrantes dedicarem menos tempo aos afazeres domésticos (particularmente à faxina pesada) e, potencialmente, dispor de mais tempo livre.

2.6.2.1.1.2 Práticas de movimento corporal no tempo livre, idade e interface com classe

Mencionei na introdução deste tópico que estudos apontam que a idade está associada negativamente à prática de exercícios físicos e esportes. Isso significa que, na medida em que a média de idade de um grupo cresce, a probabilidade de seus componentes estarem envolvidos com PMCTL diminui. Uma análise da população residente na região metropolitana do Brasil, segmentada em faixas etárias de 10 anos, confirma essa constatação, como explicitado na Tabela 18 ($\chi^2 = 332,9$, g.l. = 3, $p < 0,000$).

Tabela 18 - Praticantes de exercícios físicos ou esportes no Brasil (regiões metropolitanas) conforme idade

Faixa de idade		Nos três últimos meses, praticou algum tipo de exercício físico ou esporte		
		Sim	Não	Total
25 a 34 anos	Fr.	6.399 34,2%	12.293 65,8%	18.692 100,0%
35 a 44 anos	Fr.	4.643 27,9%	11.971 72,1%	16.614 100,0%
45 a 54 anos	Fr.	3.273 26,6%	9.052 73,4%	12.325 100,0%
55 a 65 anos	Fr.	1.394 24,8%	4.236 75,2%	5.630 100,0%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Entretanto, quando a relação entre envolvimento com PMCTL e idade é segmentada pelas macroposições, é possível observar que essa influência não é igual em todas as classes. Na Tabela 19 (página seguinte) explicita-se que na categoria *Privilegiado* não há variações no percentual de sujeitos envolvidos nas diferentes faixas etárias consideradas, enquanto nas outras três diminui de forma significativa. Isso quer dizer que a idade não é um fator que afeta

o envolvimento com o exercício ou esporte da mesma forma para todos os grupos sociais. Os dados indicam que pessoas pertencentes ao estrato socioeconômico superior mantêm um envolvimento com PMCTL durante mais tempo na vida, enquanto as pessoas que ocupam uma posição socioeconômica inferior, por alguma razão, diminuem seu envolvimento com o passar dos anos.

Tabela 19 - Praticantes de exercícios físicos ou esportes no Brasil (regiões metropolitanas) conforme classe e idade

Macroposições de classe		Faixa de idade			
		25-34	35-44	45-54	55-65
Privilegiada	Fr.	1.162 49,1%	957 47,9%	807 47,3%	390 49,9%
Detentor de ativos de capital*	Fr.	517 38,1%	623 33,1%	558 30,6%	297 28,2%
Trabalhador amplo*	Fr.	3.688 34,3%	2.228 28,3%	1.285 25,9%	371 21,0%
Trabalhador destituído*	Fr.	1.032 24,4%	835 17,2%	623 16,2%	336 16,6%

*Diferença significativa: $p < 0,01$

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Todavia, quando o vínculo entre idade e envolvimento com PMCTL é analisado – considerando, além da macroposição de classe, o gênero dos sujeitos –, os dados passam a descrever um panorama um tanto diferente. Considerada a variável gênero, a classe social tem um efeito diferente nos segmentos de idade nos grupos masculinos e femininos. Essa forma de análise permite constatar que o percentual de praticantes entre as mulheres permanece estável nas diferentes faixas de idade independente da classe, enquanto o grupo masculino diminui em todos. Contudo, a diminuição no grupo masculino não é igual em todas as posições de classe. Tomando como referência o percentual de diminuição na proporção de praticantes, entre a primeira e a última faixa etária considerada, dentro de cada macroposição de classe, percebe-se uma clara diferença no índice entre a categoria *Privilegiado* e as demais macroposições (Coluna PD da Tabela 20).

Tabela 20 - Praticantes de exercícios físicos ou esportes no Brasil (regiões metropolitanas) conforme idade, classe e sexo

Macroposições de classe		Faixa de idade				PD*
		25-34	35-44	45-54	55-65	
Masculino	Privilegiado*	Fr. 661 57,0%	540 51,5%	463 49,2%	250 51,7%	- 11,0%
	Detentor de ativos de capital*	Fr. 388 42,0%	418 34,3%	348 28,6%	197 25,9%	- 38,3%
	Trabalhador amplo*	Fr. 2727 43,3%	1526 31,8%	784 25,7%	232 19,7%	- 54,5%
	Trabalhador destituído*	Fr. 639 33,7%	368 19,6%	245 16,2%	117 13,7%	- 59,3%
Feminino	Privilegiada	Fr. 501 41,5%	417 43,9%	344 45,0%	140 47,1%	13,4%
	Detentora de ativos de capital	Fr. 129 29,8%	205 30,8%	210 34,8%	100 34,2%	14,7%
	Trabalhadora ampla*	Fr. 961 21,7%	702 22,7%	501 26,2%	139 23,5%	8,2%
	Trabalhadora destituída	Fr. 393 16,8%	467 15,7%	378 16,2%	219 18,6%	10,7%

Legenda: PD é a diferença percentual entre a primeira e quarta faixas de idade consideradas.

* Diferença significativa: $p < 0,01$

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Bourdieu interpreta o fenômeno de diminuição do envolvimento dos homens com as PMCTL nas diferentes posições sociais como uma expressão de um *habitus* de classe. Particularmente, afirma a respeito:

A propriedade importante dos “esportes populares” é o fato de que estão tacitamente associados à ideia de juventude – que é espontânea e implicitamente responsável de uma espécie de *licença provisional*, expressada, entre outras formas, no esbanjamento de um excesso de energia física (e sexual) – e que são abandonados muito cedo (normalmente no momento de entrada na vida adulta, marcada pelo matrimônio). Contrariamente, os esportes “burgueses”, praticados principalmente por suas funções de manutenção física e pelo benefício social que trazem, têm em comum o fato de que sua idade limite excede bastante a juventude, de forma que as práticas mais prestigiosas e distintivas (por exemplo, o golfe) lhes corresponde, talvez, um abandono mais tardio. (BOURDIEU, 1993, p. 78).

Mais à frente veremos que, efetivamente, as classes populares vinculam-se em uma proporção maior com a prática do futebol, o qual parece se encaixar na descrição de Bourdieu quanto a ser uma prática exigente do ponto de vista físico, quando comparado a exercícios

físicos como a caminhada, e que sua prática diminui marcadamente com a idade. No entanto parece que deveriam ser também levadas em conta as exigências econômicas e de tempo que surgem junto com a constituição de família e que a classe a que o sujeito pertence permite equacionar de forma diferenciada.

2.6.2.1.1.3 Práticas de movimento corporal no tempo livre, escolaridade e interface com classe

Nesta análise das variáveis associadas ao envolvimento com PMCTL, revisaremos o nível de instrução dos sujeitos. Como descrito anteriormente na Tabela 4, o grau educacional (medido pelo nível de instrução mais elevado alcançado pelo sujeito) está fortemente associado ao envolvimento dos sujeitos com a prática regular de exercícios físicos e esporte. Nesse ponto, analisei como o nível escolaridade se associa com o envolvimento dos sujeitos com PMCTL, conforme classe e gênero.

Nas Tabelas 21 a e b pode ser notado que classe social tem um efeito no envolvimento com PMCTL independentemente do nível de escolaridade, pois dentro de cada grupo educacional o ordenamento geral de classe não é anulado ou revertido, sofrendo mais alterações de grau. A título de exemplo, a categoria *Capitalista* envolve-se mais com PMCTL que a *Trabalhador típico*, mesmo quando considerados os subgrupos com o mesmo nível educacional (médio ou superior). Na mesma linha, é possível observar na Tabela 21b que a categoria *Empregado especialista* se envolve mais que a *Empregado qualificado* (dimensão de ativos de qualificação, mas não especialista), na categoria *Trabalhador típico* (sem ativos de qualificação) e a *Trabalhador elementar* (assalariado porém destituído), sendo que esse padrão se mantém nos dois níveis de escolaridade. Também nas categorias *Empregado qualificado* e *Supervisor* a proporção de envolvidos é maior do que na *Trabalhador típico*, dentro dos mesmos níveis de curso médio e de curso superior.

Fica claro, ainda, que escolaridade é uma variável independente importante associada ao envolvimento com PMCTL. Nesse sentido, o nível educacional agrega um efeito ao efeito de classe social. Por esse motivo, o grupo com mais escolaridade dentro de cada categoria de classe tem uma porção maior de praticantes de exercícios físicos ou esportes. Porém não seria prudente estabelecer uma relação do tipo *maior grau acadêmico* → *maior nível de conhecimento* → *maior envolvimento com PMCTL* sem advertir que os rendimentos médios dos distintos segmentos, segundo o nível escolaridade, dentro de cada classe, também são

diferenciados. Em geral, o grupo com estudos universitários tem, no mínimo, o dobro de rendimentos médios que o grupo com Ensino Fundamental da mesma classe (Apêndice 4). Isso significa que esses grupos, dentro de cada classe, ocupam as melhores posições, considerando os rendimentos mensais, recurso que, como analisado no tópico anterior, aparece fortemente associado a maiores níveis de prática de exercícios físicos e esportes.

Assim, pode-se observar que o subgrupo masculino da categoria *Capitalista* com curso superior é o que apresenta maior índice de envolvimento com PMCTL (66,2%). A escolaridade tem um efeito aditivo à posição de classe.

Parecem existir efeitos interativos entre classe social e educação. O efeito da escolaridade é mais forte no *Trabalhador elementar* que no *Capitalista*. Isso se ajusta a uma tese sobre substituição de recursos que existe na sociologia da saúde. O impacto de um recurso depende da quantidade do outro. Para quem não tem capital, a escolaridade tem um efeito maior na saúde, neste caso, na PMCTL. Pretendo aprofundar esse fenômeno em futuros trabalhos.

Tabela 21a - Praticantes masculinos de exercícios físicos ou esportes conforme classe e nível de escolaridade da população das regiões metropolitanas do Brasil

Posições de classe	Escolaridade			Total
	Ensino Fundamental completo ou incompleto	Ensino Médio completo ou incompleto	Ensino Superior completo ou incompleto	
Capitalista	5.213 28,5%	14.203 45,0%	48.422 66,2%	67.838 55,2%
Pequeno empregador	40.416 17,5%	73.196 32,8%	69.371 50,1%	82.983 30,9%
Autônomo com ativos	112.267 20,8%	142.504 34,7%	96.043 53,3%	350.814 31,0%
Especialista autônomo	1.318 27,7%	3.155 34,8%	109.638 54,6%	114.111 53,2%
Gerente	13.239 24,7	70.356 43,2	138.888 49,4	222.483 44,7
Empregado especialista	2.163 48,0	17.462 43,8	374.800 55,1	394.425 54,5
Empregado qualificado	23.244 27,4%	206.659 39,9%	198.419 52,6%	428.322 43,7%
Supervisor	19.234 20,6%	45.681 36,6%	36.854 45,9%	101.769 34,1%
Trabalhador típico	539.795 21,5%	843.629 36,7%	189.285 44,9%	1.572.709 30,0%
Trabalhador elementar	118.185 19,3%	52.959 32,6%	4.488 33,4%	175.632 22,3%
Autônomo precário	164.836 15,7%	93.837 31,6%	21.905 38,0%	280.578 20,0%
Empregado doméstico	19.145 17,5%	7.499 32,7%	0 0%	26.644 20,0%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008. Dados expandidos.

Tabela 21b - Praticantes femininas de exercícios físicos ou esportes conforme classe e nível de escolaridade da população das regiões metropolitanas do Brasil

Posições de classe	Escolaridade			Total
	Ensino Fundamental completo ou incompleto	Ensino Médio completo ou incompleto	Ensino Superior completo ou incompleto	
Capitalista	1.325 54,3%	2.969 25,0%	15.944 54,9%	20.238 46,7%
Pequeno empregador	10.958 15,0%	27.432 25,1%	55.599 51,7%	93.989 32,4%
Autônomo com ativos	37.467 18,4%	72.960 31,3%	48.248 52,5%	158.675 30,0%
Especialista autônomo	0 0%	2.885 74,5%	90.007 55,6%	92.892 55,4%
Gerente	2.695 15,4%	22.283 21,4%	101.485 43,5%	126.463 35,6%
Empregado especialista	417 7,6%	16.163 36,2%	311.304 41,8%	327.884 41,2%
Empregado qualificado	6.556 19,6%	90.736 22,0%	207.239 34,7%	304.531 29,2%
Supervisor	1.441 17,0%	13.029 23,8%	28.840 36,2%	43.310 30,3%
Trabalhador típico	98.391 11,3%	288.706 17,6%	156.537 32,3%	543.634 18,2%
Trabalhador elementar	31.620 9,8%	17.420 14,3%	1.061 11,8%	50.101 11,0%
Autônomo precário	113.415 17,8%	109.497 25,0%	25.727 43,4%	248.639 21,9%
Empregado doméstico	156.010 10,7%	60.108 15,5%	3.522 13,7%	219.640 11,8%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008. Dados expandidos.

Neste primeiro movimento analítico, pode ser afirmado que existe uma relação clara entre a probabilidade de envolvimento em PMCTL e a classe social das pessoas. As divisões de classe captadas pela classificação utilizada nesta pesquisa mostram discrepâncias acentuadas na distribuição das probabilidades de praticar exercícios físicos ou esporte na população da cidade de Porto Alegre, assim como nas regiões metropolitanas brasileiras.

As pessoas pertencentes ao estrato socioeconômico superior têm um envolvimento proporcionalmente maior e até bem mais tarde na vida com PMCTL que pessoas em estratos inferiores. A chance de o sujeito praticar exercício físico ou esporte diminui conforme ocupe posições mais baixas da classificação social, sendo que essa redução se acentua pela condição de gênero. As mulheres têm menos probabilidade de se envolverem com PMCTL quando ocupam categorias socioeconômicas subalternas.

A posição socioeconômica afeta a disponibilidade de recursos (dinheiro, tempo e educação) importantes para o envolvimento em PMCTL. O ocupante de uma posição socioeconômica mais elevada tem, regra geral, acesso a recursos que ajudam a promover a prática de exercícios físicos ou esporte, ao contrário do que acontece com os grupos que ocupam as posições mais baixas⁷⁶.

2.6.2.2 Classe social e tipo de prática corporal “preferida”

O primeiro ponto da análise centrou-se sobre o envolvimento com PMCTL; já o segundo enfoca a predominância/preferência pelo tipo de prática realizada conforme as classes sociais. Inicialmente, parte-se da ideia de que os diferentes estratos sociais não apenas se diferenciam na proporção dos envolvidos com exercícios físicos e esporte, como exposto no tópico anterior, mas também no tipo de prática realizada.

Na lógica *bourdieusiana*, as preferências dissímeis pelas práticas corporais, além de manifestar uma capacidade econômica diferente (ter ou não condições financeiras de custear a prática), ainda exprimem diferenças nos benefícios esperados desse envolvimento (BOURDIEU, 1993). São benfeitorias que, como descrito no tópico 2.1.3, se localizam tanto nas expectativas (“reais ou imaginárias”) sobre as modificações corporais quanto nos lucros sociais derivados de uma prática que são percebidos e apreciados de forma diferente pelas diferentes classes sociais. Na explicação do autor: “o *habitus* de classe define o significado

⁷⁶ Um sujeito de sexo masculino que ocupa a categoria *Capitalista*, com estudos superiores, tem 6,18 mais chances de estar envolvido com a prática de exercícios físicos ou esporte que uma mulher, localizada na categoria *Empregado doméstico*, com nível de instrução até Ensino Fundamental.

atribuído à atividade esportiva, os benefícios esperados; e o mais pequeno destes não é o valor social que se acumula com a prática de certos esportes em virtude da raridade distintiva derivada de sua distribuição de classe” (BOURDIEU, 1993, p. 76).

Tendo essa ideia como pano de fundo, inicio o tópico descrevendo o tipo de prática realizada. Num segundo momento, exponho a implicação do gênero no estudo das preferências no universo das PMCTL. Finalmente, realizo uma análise entre as práticas de exercício físico ou esportes mais comuns na população e seus vínculos com as classes sociais.

2.6.2.2.1 *Práticas de movimento corporal no tempo livre mais frequentes*

A Tabela 22 (na próxima página) apresenta uma lista com as 15 práticas corporais mais citadas, das 33 mencionadas no levantamento, somadas as 401 práticas citadas pelas pessoas que se envolvem apenas com uma, mais as 114 dos sujeitos que realizam duas e as 40 dos que realizam três tipos de esportes e ou exercícios físicos, respectivamente.

A *caminhada* é o tipo de prática que se destaca em frequência quando comparada com as outras. Acumula mais de 30% de todas as citações. Com a metade dessa frequência está o futebol. Todavia, se colocássemos uma categoria ampliada de *futebóis*, que incluísse o futebol de campo, o *society e* o futsal, o percentual passaria para 24,1% das práticas referidas. Dessa forma, é citado três vezes mais que a prática que continua na lista: *musculação*, com 8,8%. É importante salientar que só as sete primeiras práticas reúnem mais de 80% da totalidade de esportes e exercícios físicos mencionados. Assim, 80% das outras práticas distribuem-se nos 20% de menções restantes. Completam a lista de práticas: corrida de rua, pilates, capoeira, jiu-jitsu, natação competitiva, bochas, corrida de orientação, dança, kung-fu, surfe, voleibol, balé clássico, caratê, judô, patinação em linha, skate e tai-chi-chuan. Os valores ponderados mudam um pouco os percentuais descritos por modalidade; particularmente incrementam a participação dos *futebóis* entre as práticas mais presentes na população em estudo. No entanto preferi manter a descrição sem a expansão dos resultados, pois há outras bases de dados com as quais é possível fazer isso, como veremos a seguir.

Tabela 22 - Práticas corporais mais frequentes na amostra da cidade de Porto Alegre

Práticas corporais	Fr.	(%)	(% ac.)
1 Caminhada	187	33,7%	33,7%
2 Futebol	94	16,9%	50,6%
3 Musculação	49	8,8%	59,5%
4 Futsal	40	7,2%	66,7%
5 Bicicleta/Ciclismo ⁷⁷	39	7,0%	73,7%
6 Correr	23	4,1%	77,8%
7 Ginásticas	14	2,5%	80,4%
8 Alongamento	13	2,3%	82,7%
9 Natação recreativa	13	2,3%	85,0%
10 Ioga	9	1,6%	86,7%
11 Tênis	8	1,4%	88,1%
12 Esteira	7	1,3%	89,4%
13 Hidroginástica	7	1,3%	90,6%
14 Bicicleta ergométrica	6	1,1%	91,7%
15 Dança de salão	5	0,9%	92,6%

Fonte: elaboração própria

Os percentuais encontrados no levantamento da pesquisa são próximos da pesquisa Vigitel do ano de 2006. A Tabela 23 mostra a estimativa da população de Porto Alegre (idade entre 25 e 65 anos que trabalha) envolvida em 14 modalidades diferentes, além de uma categoria que envolve todas as mencionadas na lista.

O banco de dados do Vigitel 2006 permite fazer um ranqueamento das práticas em todas as capitais do país, com o que é possível advertir que não há alterações significativas às encontradas em Porto Alegre. Caminhada e futebol são as práticas mais frequentes (respectivamente, 36,1% e 24,4%) da população que realiza regularmente algum tipo de exercício físico ou esporte. Na mesma linha, o levantamento PNAD 2008 permite estimar a proporção de pessoas que têm na caminhada sua modalidade de exercício físico mais comum,

⁷⁷ As práticas “andar de bicicleta” e “ciclismo” são diferentes, no entanto, não foi possível que os entrevistados operassem claramente com as diferenças que podem ser feitas desde o campo conceitual, restringindo a expressão “andar em bicicleta” a práticas utilitárias (transporta-se de um lugar a outro) e “ciclismo” a aquelas vinculadas competição inclusive ao exercício físico ou lazer. O caso Joaquim, descrito na segunda parte desta pesquisa, talvez possa nos dar uma ideia de porque isso acontece com os entrevistados.

encontrando-se valores semelhantes: 37,6% para a região metropolitana de Porto Alegre e 33,7% para as outras regiões metropolitanas do Brasil.

Tabela 23 - População estimada da cidade de Porto Alegre entre 25 e 65 anos, que trabalha, por tipo de prática corporal

Prática corporal	População estimada	(%)	% Ac.
Caminhada	232.831	38,4	38,4
Futebol	112.882	18,6	57,1
Musculação	78.099	12,9	70,0
Bicicleta	37.239	6,1	76,1
Corrida	26.953	4,4	80,6
Outros	19.782	3,3	83,8
Ginástica em geral	18.752	3,1	86,9
Caminhada em esteira	17.987	3,0	89,9
Natação	16.867	2,8	92,7
Hidroginástica	14.915	2,5	95,1
Ginástica aeróbica	8.926	1,5	96,6
Artes marciais e luta	6.425	1,1	97,7
Tênis	6.200	1,0	98,7
Voleibol	5.374	,9	99,6
Corrida em esteira	2.503	,4	100,0
Total	605.733	100,0	

Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, Microdados do Vigitel de 2006. Dados expandidos.

Para estabelecer uma relação entre o tipo de prática realizada e as classes sociais, necessitei fazer dois procedimentos. Primeiro, analisar de forma independente os grupos masculino e feminino, pois estes apresentam um envolvimento bastante diferente com os distintos tipos de prática corporal. Tomando como referência as práticas mais mencionadas (caminhada e futebol) e as outras agregadas em categorias mais amplas⁷⁸, é possível observar essa diferença na Tabela 24 (página seguinte). As mulheres têm um envolvimento muito reduzido com os *futebóis*, enquanto que, entre os homens, é uma das práticas mais comuns. Inversamente, as mulheres praticam *caminhada* numa proporção muito maior que os homens. Portanto essa diferença necessita ser observada quando se tenta identificar possíveis associações entre o envolvimento com determinado tipo de prática corporal e a classe social dos sujeitos.

⁷⁸ *Exercícios físicos* (por exemplo: hidroginástica, musculação, ginástica de academia) e *Outros* (por exemplo: tênis, capoeira, bochas).

Tabela 24 - Envolvimento com o tipo de PMCTL segundo sexo

Tipos de práticas corporais		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Caminhada*	Fr. Ab. (%)	73 26,2	93 52,2	166 36,3
Futebolis*	Fr. Ab. (%)	117 41,3	4 2,3	121 26,4
Exercícios físicos*	Fr. Ab. (%)	55 19,7	65 36,5	120 26,3
Bicicleta	Fr. Ab. (%)	15 5,4	10 5,7	25 5,9
Outros	Fr. Ab. (%)	21 6,4	7 4,0	25 5,5
Total	Fr. Ab. (%)	283 100,0	175 100,0	458 100,0

*Diferença entre os grupos masculinos e femininos: $p < 0,05$

Fonte: elaboração própria.

O segundo procedimento para examinar a relação entre o tipo de prática realizada e a classe social dos sujeitos foi dicotomizar as PMCTL. Por um lado, a prática corporal mais comum nas classes populares, por outro, o conjunto dos outros exercícios físicos ou esportes. Assim, no caso do grupo masculino trabalhei com a dicotomização *Futebolis* e *Outras práticas* e, no grupo feminino, *Caminhada* e *Outras práticas*.

2.6.2.2.2 Preferência de práticas de movimento corporal no tempo livre entre os homens conforme a classe

No caso dos homens, a Tabela 25 (na próxima página) expõe a proporção de sujeitos envolvidos nos *Futebolis* e nas *Outras práticas* nas quatro macroposições de classe. Observa-se uma diminuição na proporção de praticantes envolvidos com os *futebolis*, na medida em que

ascende a classe social ($\chi^2 = 9,879$ g.l. = 3, $p < 0,02$). Nas categorias da base social, mais da metade dos praticantes se envolve com algum dos *futebóis*. Enquanto que, entre os praticantes das categorias *Privilegiado* e *Detentor de ativos de capital*, a proporção de envolvidos é próxima de um terço. Proporcionalmente, o grupo de envolvido com futebol dos setores mais altos da estrutura social é 37% menor que os mais baixos.

Tabela 25 - Preferência pela prática dos *futebóis* dos homens envolvidos com PMCTL segundo macroposições de classe

Macroposições de classe		Tipo de práticas	
		Futebóis	Outras práticas
Privilegiado	Fr.	22 34,9%	42 65,6%
Detentor de ativos de capital	Fr.	18 33,9%	35 66,1%
Trabalhador amplo	Fr.	71 52,6%	64 47,4%
Trabalhador destituído	Fr.	15 55,6%	12 44,4%

Fonte: elaboração própria.

Num levantamento realizado pelo IBGE (2006), no período 1996-1997, com uma amostra representativa do país, encontram-se dados com uma distribuição consistente com a ideia de que a proporção de praticantes de futebol se reduz de forma estatisticamente significativa nas camadas mais altas da estrutura social ($\chi^2 = 38,769$, g.l. = 3, $p < 0,000$). A Tabela 26 (na próxima página) apresenta dados referentes a essa pesquisa. É importante comentar que nessa pesquisa as respostas à questão sobre o *tipo de exercício físico/esporte* realizado pelo entrevistado foram agrupadas em seis categorias e *futebol* aparece junto com as modalidades *basquete* e *voleibol*. No entanto, conhecendo o baixo número de praticantes dessas duas modalidades dentro dos parâmetros populacionais desta pesquisa, na análise foi considerado como práticas apenas de futebol (na pesquisa Vigitel 2006, em nível nacional, entre os homens que declaram praticar exercícios físicos ou esportes, 37,4% jogam futebol, 0,3% jogam basquetebol e 0,1% jogam voleibol).

Tabela 26 - Prática de futebol segundo macroposições de classe no Brasil 1996-1997

Macroposições de classe		Tipo de práticas	
		Futebóis	Outras práticas
Privilegiada	Fr.	35 34,7%	66 65,3%
Detentor de ativos de capital	Fr.	60 53,6%	52 46,4%
Trabalhador amplo	Fr.	190 67,9%	90 32,1%
Trabalhador destituído	Fr.	65 68,4%	30 31,6%

Fonte: dados originais do IBGE, Pesquisa sobre padrões de vida 1996-1997.

Nessa mesma pesquisa, encontra-se outra informação relevante sobre as preferências das práticas corporais entre os homens. Mantendo a estratégia de comparar as práticas de forma dicotomizada, observa-se que a proporção de homens envolvidos com *Caminhada, corrida e ciclismo*⁷⁹ é maior nas macroposições de classe altas do que nas baixas. Na Tabela 27 percebe-se que a proporção do que poderíamos incluir na denominação de práticas aeróbicas praticamente dobra na categoria *Privilegiado*, quando comparado com a *Trabalhador destituído* ($\chi^2 = 38,769$, g.l. = 3, $p < 0,000$).

⁷⁹ Nas capitais brasileiras, segundo a pesquisa Vigitel 2006, entre os homens que declaram praticar regularmente exercícios físicos, 25% caminham, 6,2% andam de bicicleta e 4,2% correm.

Tabela 27 - Prática de caminhada, corrida e ciclismo segundo macroposições de classe no Brasil 1996-1997

		Tipo de práticas	
		Caminhada, corrida e ciclismo	Outras práticas
Privilegiada	Fr.	47 46,5%	54 53,5%
Detentor de ativos de capital	Fr.	38 33,9%	74 66,1%
Trabalhador amplo	Fr.	54 19,3%	226 80,7%
Trabalhador destituído	Fr.	26 27,4%	69 72,6%

Fonte: dados originais do IBGE, Pesquisa sobre padrões de vida 1996-1997.

Nessa mesma lógica, e agora utilizando os dados da PNAD de 2008 para as regiões metropolitanas do Brasil, na Tabela 28 apresento a distribuição das práticas dentro das três categorias utilizadas nessa pesquisa: Caminhada (exceto em esteira); Futebol, basquete, ginástica aeróbica, corrida (inclusive em esteira) ou tênis; Outras; Não pratica mais. Observe, na mesma linha da amostra da pesquisa cidade de Porto Alegre, um aumento na *Caminhada* e na categoria *Outros* e uma diminuição na categoria *Futebol e outras*.

Tabela 28 - Tipo de prática dos envolvidos com PMCTL nas regiões metropolitanas do Brasil segundo macroposições de classe

	Principal modalidade de exercício físico ou esporte que pratica			
	Caminhada (exceto em esteira)	Futebol, basquete, ginástica aeróbica, corrida (inclusive em esteira) ou tênis	Outras	Não pratica mais
Privilegiada	619 32,3%	951 49,7%	327 17,1%	17 ,9%
Detentor de ativos de capital	443 32,8%	697 51,6%	196 14,5%	15 1,1%
Trabalhador amplo	1056 20,0%	3543 67,2%	617 11,7%	53 1,0%
Destituídos	251 18,3%	970 70,9%	131 9,6%	17 1,2%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Inicialmente, é possível afirmar que as informações resumidas nas Tabelas 25, 26, 27 e 28 apontam para a existência de *preferências* diferenciadas em relação às práticas corporais conforme as classes sociais, sendo que o futebol perde espaço entre os praticantes das macroposições de classe mais abastadas quando comparados com as outras. Nessa interpretação, são as práticas aeróbicas, junto com as menos *comuns* (as outras), as que parecem ganhar primazia nas macroposições mais altas e têm menos lugar nas mais baixas.

No entanto, antes de avançar nessa análise, é necessário observar se a diferença no tipo de prática *preferida* entre os sujeitos da categoria *Privilegiado* não é produto do fato que os praticantes desse grupo têm uma média de idade mais elevada que os sujeitos de outros grupos. Isso porque a proporção de praticantes de exercícios físicos e esportes, particularmente praticar menos futebol, muda substancialmente com a idade⁸⁰. E, como exposto anteriormente⁸¹, as pessoas pertencentes ao estrato socioeconômico superior tendem a permanecer ativos em idades mais avançadas.

O tamanho da amostra da PNAD 2008 permite testar a hipótese de que essa diferença na preferência das práticas estaria vinculada mais a uma característica da idade que propriamente a um aspecto intrínseco das posições de classe, dado que a média de idade entre as macroposições difere⁸². Para isso segmentei a amostra em quatro faixas de idade (de 25 a 34 anos, de 35 a 44 anos, de 45 a 54 e de 55 a 65 anos) e comparei percentual de sujeitos que têm como principal modalidade de exercício físico a *Caminhada*. Na Tabela 29, apresento os dados dessa operação que confirma que a proporção de *caminhantes* aumenta conforme a faixa etária é mais alta. Mas também aponta que a proporção de sujeitos que declaram como principal exercício físico a caminhada é maior sempre na macroposição *Privilegiado*, quando comparada com a *Trabalhador amplo*, mais particularmente com a *Trabalhador destituído*, nas duas faixas de idade menores. Nas duas faixas posteriores, a diferença diminui, possivelmente porque a possibilidade de continuar jogando futebol também se reduz.

⁸⁰ A pesquisa Vigitel (2006, com peso) mostra que entre os 25 e 34 anos: 11,4% caminham e 49,1% jogam futebol; entre 35 e os 44, 26,8% caminham e 33,2% jogam futebol; entre 45 e 54, 47,9% caminham e 22,7% jogam futebol; e entre os 55 e 65 anos, 55% caminham e 16,8% jogam futebol.

⁸¹ No tópico 2.6.2.1.1.2.

⁸² Média de anos por macroposição: *Privilegiado*: 41,39; *Detentor de ativos de capital*: 44,0; *Trabalhador amplo*: 38,61; *Trabalhador destituído*: 41,51. A Anova (teste *post hoc* Scheffé) mostra diferença significativa ($p < 0,05$) das categorias *Privilegiado* e *Trabalhador destituído* com *Trabalhador amplo* e *Detentor de ativos de capital*.

Tabela 29 - Caminhada como principal modalidade de exercício físico nas regiões metropolitanas do Brasil conforme macroposições de classe e idade

Macroposições de classe	Faixa de idade				Total
	25-34	35-44	45-54	55-65	
Privilegiado	101 15,2%	175 32,5%	193 42,1%	150 60,0%	619 32,6%
Detentor de ativos de capital	47 12,2%	113 27,3%	173 50,1%	110 57,0%	443 33,2%
Trabalhador amplo	274 10,1%	341 22,6%	304 39,3%	137 60,4%	1.056 20,2%
Destituídos	47 7,4%	57 15,7%	88 36,1%	59 51,0%	251 18,6%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Seria essa diferença um indicador de que as classes sociais no Brasil dão sentidos diferentes às práticas e que uma ideia de saúde/cuidado do corpo estaria mais presente nas classes privilegiadas? Na busca de outros *sinais* para conjecturar respostas a essa pergunta, usei a informação disponível na PPV 1996-1997 sobre o principal motivo para a prática de exercício físico ou esporte dado pelas diferentes macroposições de classe. A proporção de repostas, categorizadas de acordo com a pesquisa, é apresentada na Tabela 30.

Tabela 30 - A saúde como principal motivo para a prática de exercícios físicos ou esporte no Brasil (1996-1997) entre os homens conforme macroposições de classe

Macroposições de classe	Qual é o principal motivo para praticar exercício físico ou esporte?	
	Saúde	Outros motivos
Privilegiado	20 21,3%	74 78,7%
Detentor de ativos de capital	24 24,0%	76 76,0%
Trabalhador amplo	29 11,8%	216 88,2%
Trabalhador destituído	6 7,1%	79 92,9%

Fonte: dados originais do IBGE (2006), Microdados da PPV 1996-1997.

Os dados permitem apreciar que entre os homens os outros motivos se sobrepõem à saúde, particularmente o de *Lazer, diversão*. Contudo a categoria *Privilegiado* tem uma proporção significativamente maior ($\chi^2 = 15,318$, g.l. = 3, $p < 0,002$). Seria necessário ver se essa diferença resistiria a um controle da idade, no entanto o baixo número de casos dificulta tal operação.

Na mesma lógica, é possível dicotomizar os motivos em *Lazer/diversão* e *Outros motivos* para analisar possíveis diferenças conforme as macroposições de classe. Os resultados apresentados na Tabela 31 mostram que há uma diferença significativa, sendo que o *lazer* é um motivo mais presente nas classes populares que nas altas ($\chi^2 = 10,128$, g.l. = 3, $p < 0,018$). Entretanto, quando essa relação é controlada pela idade (menores e maiores de 45 anos), as diferenças entre macroposições não se sustentam. Em outras palavras, o motivo *lazer* não tem proporções significativamente diferentes quando se compara jovens de classe popular e de classe alta, o mesmo quando se comparam adultos.

Em relação a esportes *exclusivos*, as pesquisas PNAD e PPV não permitem maiores análises porque usam categorias de práticas com pouca diferenciação. A pesquisa Vigitel, por seu lado, identifica 14 modalidades, mas não permite trabalhar com a categoria classe social. Não obstante, para avaliar o lugar de algumas modalidades entendidas classicamente como distintas, decidi explorar a base de dados Vigitel, utilizando para isso a categoria nível de instrução.

Tabela 31 - *Lazer, diversão* como principal motivo para a prática de exercícios físicos ou esporte no Brasil (1996-1997) conforme macroposições de classe

Macroposições de classe	Qual é o principal motivo para praticar exercício físico ou esporte?	
	Lazer/diversão	Outros motivos
Privilegiado	63 67,0%	31 33,0%
Detentor de ativos de capital	67 67,0%	33 33,0%
Trabalhador amplo	196 80,0%	49 20,0%
Trabalhador destituído	66 77,6%	19 22,4%

Fonte: dados originais do IBGE (2006), Microdados da PPV 1996-1997.

Antes de comentar os resultados, é importante compreender as possibilidades de leitura que eles possibilitam, para diminuir a possibilidade de sobreinterpretar as informações apresentadas. O nível de instrução está associado com a classe social, todavia não se trata de uma relação diretamente proporcional. Uma leitura da Tabela 32 permite observar o tipo de relação que caracteriza o vínculo dessas variáveis no país (dentro das características da população em estudo). Farei alguns comentários sobre o assunto antes de comentar a relação entre nível educacional e práticas corporais. Para organizar essa tabela, utilizei os dados expandidos da PNAD 2008, de tal forma que os resultados estão ponderados segundo as características da população das regiões metropolitanas do Brasil.

Na tabela, lê-se que 82,2% dos sujeitos da categoria *Privilegiado* têm ensino superior (completo ou incompleto). O que significa que uma pessoa localizada nesse segmento tem mais de 80% de chances de ter cursado estudos universitários. O inverso, no entanto, não é verdadeiro. Apesar de uma pessoa ter cursado o Ensino Superior, sua probabilidade de integrar o segmento *Privilegiado* é menos do que 50% (46,8%). Na mesma lógica, no outro extremo, lê-se que 72,5% dos sujeitos da categoria *Trabalhador destituído* não têm mais que Ensino Fundamental. Isso significa que uma pessoa classificada nesse segmento tem um pouco mais de 70% de probabilidade de ter esse nível de instrução. O contrário, todavia, também não se deve esperar. Uma pessoa apenas com Ensino Fundamental (completo ou incompleto), tem mais de 50% de chances (53,2%) de estar localizada em outra macroposição que não seja a de *Trabalhador destituído*. Isso significa que não há uma correspondência direta entre nível educacional e classe social. Porém é importante notar que existe pouca probabilidade (1,2%) de um sujeito apenas com Ensino Fundamental ocupar o espaço da macroposição de classe *Privilegiado*, assim como uma pessoa com ensino superior localizar-se na categoria *Trabalhador destituído* (3,2%). Isso significa que existem razoáveis motivos para incluir numa análise de classe o vínculo das pessoas com uma prática cultural segundo seu nível educacional, já que essas duas características têm um nível importante de associação.

Feitos esses esclarecimentos, apresento a seguir a relação entre anos de escolaridade (0 a 8 anos, entre 8 e 11 anos, e mais de 12 anos) e o envolvimento com algumas práticas corporais. Para ter um maior controle em relação à idade, trabalhei com três faixas etárias: 25 a 38; 39 a 52; e mais de 53 anos.

Tabela 32 - Relação entre macroposição de classe e níveis de escolaridade

Macroposições de classe		Nível de escolaridade			Total
		Fundamental completo ou incompleto	Médio incompleto ou completo	Superior incompleto ou completo	
Privilegiada	Fr.	109.775	410.082	2.408.087	2.927.944
	% dentro da macroposição	3,7%	14,0%	82,2%	100,0%
	% dentro do nível de escolaridade	1,2%	5,2%	46,8%	13,3%
Detentor de ativos de capital	Fr.	1.061.070	981.402	521.141	2.563.613
	% dentro da macroposição	41,4%	38,3%	20,3%	100,0%
	% dentro do nível de escolaridade	11,7%	12,4%	10,1%	11,6%
Trabalhador amplo	Fr.	3.647.938	5.061.105	2.046.937	10.755.980
	% dentro da macroposição	33,9%	47,1%	19,0%	100,0%
	% dentro do nível de escolaridade	40,3%	64,1%	39,8%	48,7%
Trabalhador destituído	Fr.	4.237.566	1.437.173	166.697	5.841.436
	% dentro da macroposição	72,5%	24,6%	2,9%	100,0%
	% dentro do nível de escolaridade	46,8%	18,2%	3,2%	26,4%
Total	Fr.	9.056.349	7.889.762	5.142.862	22.088.973
	% dentro da macroposição	41,0%	35,7%	23,3%	100,0%
	% dentro do nível de escolaridade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

A população masculina representada pela pesquisa Vigitel 2006 tem uma distribuição nas faixas de anos escolares com as características descritas na Tabela 33, a qual deve ser considerada na leitura dos dados. Das 15 modalidades de exercícios físicos e esportes incluídos na pesquisa, selecionei para esta análise aquelas com frequência próxima de 100 casos na amostra, conforme a faixa de idade⁸³. Não aplica essa regra apenas para o *Tênis* e o *Basquetebol*. No caso do tênis, pela sua conhecida imagem de esporte distintivo, e no do basquetebol, porque me chamou a atenção sua sobre representação no segmento com nível intermediário de escolaridade. No entanto é importante salientar que o baixo número de casos nessas duas modalidades faz necessário ser ainda mais cauteloso na interpretação de sua distribuição⁸⁴ (as tabelas completas com e sem peso estão disponíveis no Apêndice 5).

⁸³ Não foram incluídas: *Corrida na esteira, Ginástica aeróbica e Hidroginástica*.

⁸⁴ Frequência dos praticantes de *tênis* na faixa entre 25 e 38, *n* 43; entre 39 e 52, *n* 33; entre 53 e 65, *n* 15. *Basquete*: na faixa entre 25 e 38, *n* 48.

Tabela 33 - Proporção da população masculina por faixa etária conforme os anos de escolaridade

Escolaridade	Faixas de idade		
	25 a 38	39-52	53-65
0 a 8 anos	49,7%	51,5%	62,6%
9 a 11 anos	31,4%	25,2%	16,2%
12 ou + anos	18,9%	23,3%	21,2%

Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, Microdados do Vigitel de 2006. Dados expandidos.

Nas Tabelas 34a e 34b, observam-se algumas regularidades na relação entre PMCTL e nível educacional. Praticamente em todas as modalidades de exercícios físicos ou esportes os sujeitos com 12 ou mais anos de estudos estão sobrerrepresentados. Isso significa que, apesar de eles serem 18,9% da população na faixa de idade que vai dos 25 a 38 anos, a proporção entre os praticantes das diferentes modalidades é superior a isso. *Natação* e *tênis* são as duas práticas nas quais essa desproporção é maior: as pessoas com mais de 12 anos de escolaridade representam 50% e 47%, respectivamente, nesses universos. A sobrerrepresentação também está presente em modalidades como *artes marciais e lutas* (26,6%). Apenas em duas modalidades estão um tanto sub-representados: *futebol*, com 14,4 %, e *bicicleta*, com 12,3%.

Inversamente, o grupo com menos escolaridade está sub-representado em quase a totalidade das modalidades esportivas, sendo particularmente baixa sua participação em *natação*, *basquetebol* e *voleibol* (respectivamente, 12,1%; 13,1% e 18,5%). Estão um pouco um pouco sobrerrepresentados no *futebol* e na *bicicleta* (respectivamente, 53,4% e 53,5%).

Quando consideramos a faixa etária entre 39 e 52 anos, nas modalidades que apresentam um número mínimo de casos para ser analisados (mais de 50), o grupo com maior escolaridade aumenta sua presença proporcional na maioria das práticas corporais. Destacam-se *tênis*, *natação* e *musculação* (respectivamente 87%, 68,9% e 51,7%). Esse incremento se dá, inclusive, entre os usuários da *bicicleta* (27,7%), que na faixa etária de menor idade estavam sub-representados. Merece destaque o fato de o grupo ficar mais sobrerrepresentado também na categoria *Outras práticas*, o que aumenta as chances de envolvimento de com práticas incomuns (44,1%). Essa categoria continua um tanto sub-representada no *futebol* (17,1%).

O grupo menos escolarizado, nessa faixa etária, mantém níveis similares de presença no *futebol* e na *bicicleta* (respectivamente, 50,7% e 47,8%). Por outro lado, perde

significativo espaço entre os praticantes de musculação, passando de 28,9% na faixa de idade precedente a 14,6% na atual.

Os homens na faixa com mais idade (53 a 65 anos) parecem diminuir a diversidade das práticas em todas as faixas de escolaridade. No grupo com maior escolaridade diminui a sobrerrepresentação entre as pessoas que *caminham* como principal exercício (de 42%, entre 39 e 52, para 31% nesta fase) e também entre os que fazem *musculação*, sem por isso deixar de serem os que têm maior representação. Todavia, a situação com o *futebol* inverte-se. A proporção de pessoas com mais de 12 anos de estudos entre os que os que jogam futebol cresce de 17,1%, na faixa etária anterior, para 30,6% nesta. A dimensão do grupo também continua elevada na categoria *Outras* (49,5%).

Os de menor escolaridade nesta faixa passam a estar sub-representados também no *futebol*: sendo 62,6% da população (Tabela 33), representam só 48,7% dos envolvidos com a modalidade (razão 0,77). No sentido contrário, aumentam sensivelmente sua presença entre os caminhantes, ainda que continuem sub-representados (de 30% entre 39 e 52, para 52,7% nesta fase). Mantém, por outro lado, a proporção entre os que usam a *bicicleta* como exercício físico.

Tabela 34a - Modalidades de exercícios físicos ou esportes praticados por homens conforme anos de escolaridade e faixas etárias

Faixas de idade		Caminhada	Esteira	Corrida	Musculação	Ginástica	Natação	
25 a 38 anos	Até 8	Fr.	267.968	71.102	92.561	218.546	32.365	15.035
		% E	11,0%	2,9%	3,8%	9,0%	1,3%	,6%
		% P	34,8%	33,3%	33,5%	28,9%	44,2%	12,1%
	9 a 11	Fr.	293.293	72.317	85.892	260.034	20.313	47.027
		% E	15,3%	3,8%	4,5%	13,6%	1,1%	2,5%
		% P	38,1%	33,9%	31,1%	34,4%	27,7%	37,9%
	12 ou +	Fr.	209.544	69.785	98.108	276.841	20.576	62.145
		% E	16,1%	5,4%	7,5%	21,3%	1,6%	4,8%
		% P	27,2%	32,7%	35,5%	36,6%	28,1%	50,0%
	Total	Fr.	770.805	213.204	276.561	755.421	73.254	124.207
		% E	13,7%	3,8%	4,9%	13,4%	1,3%	2,2%
		% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
39 a 52 anos	Até 8	Fr.	347.384	68.971	11.049	28.283	7.051	13.123
		% E	33,3%	6,6%	1,1%	2,7%	0,7%	1,3%
		% P	30,0%	49,8%	6,8%	14,6%	16,5%	18,5%
	9 a 11	Fr.	353.148	39.462	37.573	65.119	26.378	8.988
		% E	39,5%	4,4%	4,2%	7,3%	3,0%	1,0%
		% P	30,5%	28,5%	23,2%	33,6%	61,6%	12,7%
	12 ou +	Fr.	457.309	30.140	113.155	100.121	9.384	48.903
		% E	42,5%	2,8%	10,5%	9,3%	0,9%	4,5%
		% P	39,5%	21,8%	69,9%	51,7%	21,9%	68,9%
	Total	Fr.	1.157.841	138.573	161.777	193.523	42.813	71.014
		% E	38,4%	4,6%	5,4%	6,4%	1,4%	2,4%
		% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
53 a 65 anos	Até 8	Fr.	276.570			14.483		
		% E	57,1%			3,0%		
		% P	52,7%			34,1%		
	9 a 11	Fr.	82.709			10.000		
		% E	46,8%			5,7%		
		% P	15,8%			23,6%		
	12 ou +	Fr.	165.736			17.931		
		% E	46,9%			5,1%		
		% P	31,6%			42,3%		
	Total	Fr.	525.015			42.414		
		% E	51,8%			4,2%		
		% P	100,0%			100,0%		

% E: porcentagem dentro da escolaridade; % P: porcentagem dentro da PMCTL

Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, Microdados do Vigitel de 2006. Dados expandidos.

Tabela 34b - Modalidades de exercícios físicos ou esportes praticadas por homens conforme anos de escolaridade e faixas etárias

Faixas de Idade			Lutas	Bicicleta	Futebol	Tênis	Basquete	Vôlei	Outros
25 a 38 anos	Até 8 anos	Fr.	40.905	169.254	1.390.023	16.834	663	8.112	97.960
		% E	1,7%	7,0%	57,2%	0,7%	0,0%	0,3%	4,0%
		% P	41,1%	53,5%	53,4%	33,9%	13,1%	18,5%	36,1%
	9 a 11 anos	Fr.	32.128	108.060	837.289	9.433	2.777	23.328	116.298
		% E	1,7%	5,6%	43,7%	0,5%	,1%	1,2%	6,1%
		% P	32,3%	34,2%	32,2%	19,0%	54,7%	53,2%	42,8%
	12 ou + anos	Fr.	26.502	38.960	375.476	23.447	1.638	12.399	57.357
		% E	2,0%	3,0%	28,9%	1,8%	,1%	1,0%	4,4%
		% P	26,6%	12,3%	14,4%	47,2%	32,3%	28,3%	21,1%
Total		Fr.	99.535	316.274	2.602.788	49.714	5.078	43.839	271.615
		% E	1,8%	5,6%	46,1%	0,9%	0,1%	0,8%	4,8%
		% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
39 a 52 anos	Até 8 anos	Fr.		94.637	422.676	1.505			33.372
		% E		9,1%	40,5%	0,1%			3,2%
		% P		47,8%	50,7%	5,5%			29,0%
	9 a 11 anos	Fr.		48.722	269.173	2.067			29.745
		% E		5,5%	30,1%	0,2%			3,3%
		% P		24,6%	32,3%	7,5%			25,8%
	12 ou + anos	Fr.		54.792	142.597	23.966			52.127
		% E		5,1%	13,2%	2,2%			4,8%
		% P		27,7%	17,1%	87,0%			45,2%
Total		Fr.		27.538	834.446	27.538			115.244
		% E		0,9%	27,7%	0,9%			3,8%
		% P		100,0%	100,0%	100,0%			100,0%
53 a 65 anos	Até 8 anos	Fr.		52.535	92.884				6.007
		% E		10,9%	19,2%				1,2%
		% P		63,5%	48,7%				29,0%
	9 a 11 anos	Fr.		18.016	39.614				4.451
		% E		10,2%	22,4%				2,5%
		% P		21,8%	20,8%				21,5%
	12 ou + anos	Fr.		12.180	58.376				10.266
		% E		3,5%	16,5%				2,9%
		% P		14,7%	30,6%				49,5%
Total		Fr.		82.731	190.874				20.724
		% E		8,2%	18,8%				2,0%
		% P		52,535	100,0%				100,0%

% E: porcentagem dentro da escolaridade; % P: porcentagem dentro da PMCTL

Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, Microdados do Vigitel de 2006. Dados expandidos.

2.6.2.2.3 Preferência de práticas corporais entre as mulheres conforme a classe

Na mesma lógica que a comparação feita com o grupo masculino, a Tabela 35 apresenta o envolvimento com PMCTL da população feminina da amostra da cidade de Porto Alegre dicotomizado em *Caminhada* e *Outras práticas*. Os resultados permitem advertir que a proporção de mulheres praticantes envolvidas com *Caminhada* diminui de forma consistente quando se comparam as classes populares com as mais altas ($\chi^2 = 10,713$, g.l. = 3, $p < 0,013$). Na categoria *Trabalhador destituído*, quase três terços das praticantes envolvem-se em caminhadas, enquanto entre as praticantes das macroposições de classe *Privilegiado* e *Detentor de ativos de capital* a proporção de envolvidas é menos da metade.

Tabela 35 - Prática da *Caminhada* das envolvidas com PMCTL na cidade de Porto Alegre segundo macroposições de classe

Macroposições de classe		Práticas corporais	
		Caminhada	Outras práticas
Privilegiado	Fr.	23 43,3%	30 56,7%
Detentor de ativos de capital	Fr.	10 40,0%	15 60,0%
Trabalhador amplo	Fr.	40 60,6%	26 39,4%
Trabalhador destituído	Fr.	25 73,5%	9 26,5%

Fonte: elaboração própria.

Seguindo um procedimento similar às análises anteriores, na Tabela 36 apresento o envolvimento com PMCTL da população feminina, agora dicotomizado em *Exercícios físicos* e *Outras práticas*. Nela, é possível perceber que a proporção de mulheres praticantes envolvidas com *Exercícios físicos* aumenta entre as macroposições de classe mais altas, quando comparadas com as duas mais baixas ($\chi^2 = 17,245$, g.l. = 3, $p < 0,001$).

Tabela 36 - Prática de *Exercícios físicos* das envolvidas com PMCTL na cidade de Porto Alegre segundo macroposições de classe

Macroposições de classe		Práticas corporais	
		Exercícios físicos	Outras práticas
Privilegiado	Fr.	32 58,4%	21 41,6%
Detentor de ativos de capital	Fr.	20 80,0%	5 2,0%
Trabalhador amplo	Fr.	24 36,6%	42 63,6%
Trabalhador destituído	Fr.	5 14,7%	9 85,3%

Fonte: elaboração própria.

Nessa mesma lógica, e agora utilizando os dados da PNAD de 2008 para a Região Metropolitana de Porto Alegre, na Tabela 37 apresento a distribuição das práticas dentro das três categorias utilizadas nessa pesquisa: *Caminhada* (exceto em esteira); *Futebol, basquete, ginástica aeróbica, corrida* (inclusive em esteira) *ou tênis*; *Outras*; *Não pratica mais*. Observa-se que os dados expostos na tabela acompanham os da amostra da cidade de Porto Alegre: uma diminuição da *Caminhada* e um incremento da categoria *Outros* nos estratos socioeconômicos mais altos.

Tabela 37 - Tipo de prática das envolvidas com PMCTL na Região Metropolitana de Porto Alegre segundo macroposições de classe

Macroposições de classe		Principal modalidade de exercício físico ou esporte que pratica			
		Caminhada (exceto em esteira)	Futebol, basquete, ginástica aeróbica, corrida (inclusive em esteira) ou tênis	Outras	Não pratica mais
Privilegiado	Fr.	110 48,2%	73 32,0%	45 19,7%	0 ,0%
Detentor de ativos de capital	Fr.	60 50,8%	31 26,3%	26 22,0%	1 ,8%
Trabalhador amplo	Fr.	222 55,2%	122 30,3%	56 13,9%	2 ,5%
Destituídos	Fr.	121 71,2%	29 17,1%	18 10,6%	2 1,2%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Na continuidade da descrição, na Tabela 38 apresento os mesmos dados para as regiões metropolitanas do Brasil. Nela, é possível observar semelhança na diminuição da proporção de *caminhantes*, conforme sobe a classe, e uma diminuição da categoria *Outras*, nas macroposições mais baixas, particularmente *Trabalhador destituído*.

Tabela 38 - Principal modalidade de exercício físico ou esporte entre as mulheres das regiões metropolitanas do Brasil segundo macroposições de classe

Macroposições de classe		Principal modalidade de exercício físico ou esporte que pratica			
		Caminhada (exceto em esteira)	Futebol, basquete, ginástica aeróbica, corrida (inclusive em esteira) ou tênis	Outras	Não pratica mais
Privilegiado	Fr.	569 40,6%	553 39,4%	269 19,2%	11 0,8%
Detentor de ativos de capital	Fr.	335 52,0%	186 28,9%	116 18,0%	7 1,1%
Trabalhador amplo	Fr.	1148 49,8%	758 32,9%	355 15,4%	42 1,8%
Trabalhador destituído	Fr.	1025 70,4%	278 19,1%	135 9,3%	19 1,3%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

O seguinte passo foi analisar o comportamento de envolvimento com caminhada segundo a idade. O objetivo foi ver se existiria mudança nas atividades *preferidas* pelas mulheres, conforme distintas faixas etárias. Na Tabela 39, percebe-se que o percentual de mulheres que caminham cresce nas diferentes idades, mas que o envolvimento é sempre maior entre os membros das classes populares.

Tabela 39 - Caminhada como principal modalidade de exercício físico entre as mulheres nas regiões metropolitanas do Brasil conforme macroposições de classe e idade

Macroposições de classe		Faixa de idade				Total
		25-34	35-44	45-54	55-65	
Privilegiado	Fr.	143 28,9%	174 41,9%	173 50,6%	79 56,4%	569 40,9%
Detentor de ativos de capital	Fr.	54 42,2%	116 56,9%	105 50,7%	60 61,2%	335 52,6%
Trabalhador amplo	Fr.	378 40,3%	381 55,3%	302 60,6%	87 63,5%	1148 50,8%
Trabalhador destituído	Fr.	246 63,6%	332 72,2%	291 77,8%	156 71,9%	1025 71,3%

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Tomando como referência pesquisas que especificam o tipo de prática corporal realizada pela população, é possível especular quais são os exercícios físicos representados pela categoria *Outras* na PNAD 2008. De tal forma, tendo como base os dados da nossa pesquisa e do Vigitel 2006, suponho que foram *musculação, ginástica geral* (localizada) e *hidroginástica* (as duas últimas com frequências bem inferiores à primeira) as práticas mais citadas entre as incluídas na categoria *Outras*⁸⁵ dessa pesquisa. Aceitando esse raciocínio, a Tabela 40 mostra como a proporção de praticantes dessas práticas não tem grandes alterações no transcurso dos anos e que sempre são os sujeitos localizados nos estratos sociais mais altos os que mantêm os índices mais elevados de envolvimento com exercícios físicos incluídos na categoria *Outras*, potencialmente: *musculação, ginástica geral* (localizada) e *hidroginástica*.

Tabela 40 - *Outras* como principal modalidade de exercício físico entre as mulheres nas regiões metropolitanas do Brasil conforme macroposições de classe e idade

Macroposições de classe		Faixa de idade				Total
		25-34	35-44	45-54	55-65	
Privilegiado	Fr.	104	77	62	26	269
		20,8%	18,5%	18,0%	18,6%	19,2%
Detentor de ativos de capital	Fr.	24	31	43	18	116
		18,6%	15,1%	20,5%	18,1%	18,0%
Trabalhador amplo	Fr.	160	98	77	20	355
		16,6	14,0	15,4	14,4	15,4
Trabalhador destituído	Fr.	48	38	24	25	135
		12,2	8,1	6,3	11,4	9,3

Fonte: dados originais do IBGE, Microdados da PNAD de 2008.

Na lógica de examinar possíveis diferenças no envolvimento das mulheres com as PMCTL conforme a classe, decidi analisar informações disponíveis sobre as razões declaradas pela população brasileira para envolver-se em práticas corporais. Mas, especificamente, tomei como base dados incluídos na pesquisa PPV 1996-1997 sobre os motivos de fazer exercícios físicos ou esportes.

Os resultados apontam que entre as mulheres o principal motivo para práticas de exercícios físicos ou esporte é a *Saúde*, com 38% das menções, seguida muito de perto pelo

⁸⁵ Na pesquisa Vigitel, a relação é: musculação, 13,3%; outros, 6%; ginástica geral, 5,1%; hidroginástica, 4,4%.

Lazer, diversão, com 35,2%. Um pouco mais atrás aparece a *Estética*, com 23%, e outros motivos, com um percentual marginal (3%). As informações mostram que a predominância dos motivos muda com a idade. Quando mais jovens (entre 25 e 40 anos) o *Lazer* tem preponderância (40,9%), à frente de *Saúde* (29,5%), que fica bastante perto de *Estética* (26,8%). Já entre mulheres de mais idade, *Saúde* ganha espaço (55,6%), enquanto *Lazer* (24,7%) e *Estética* (16,0%) perdem.

O número de casos da pesquisa compromete a análise que demanda uma segmentação, como o estudo das posições de classe, no entanto, dicotomizados, os motivos constroem interpretações sobre esse universo. A Tabela 41 mostra o motivo *Saúde* em contraste com todos os outros motivos mencionados, e observa-se que não há uma tendência a justificar a prática de exercícios físicos vinculado com a segmentação de classe que utilizamos nesta pesquisa.

Tabela 41 - A saúde como principal motivo para a prática de exercícios físicos ou esporte no Brasil (1996-1997) conforme macroposições de classe

Macroposições de classe		Qual é o principal motivo para praticar exercício físico ou esporte?	
		Saúde	Outros motivos
Privilegiado	Fr.	22 44,0%	28 56,0%
Detentor de ativos de capital	Fr.	10 33,3%	20 66,7%
Trabalhador amplo	Fr.	25 28,4%	63 71,6%
Trabalhador destituído	Fr.	32 51,6%	30 48,4%

Fonte: dados originais do IBGE (2006), Microdados da PPV 1996-1997.

Realizando a mesma operação com relação ao motivo *Lazer*, é possível perceber certa tendência (Tabela 42). Entre as mulheres das classes sociais mais altas, é maior a probabilidade de surgirem justificativas para a prática de exercício físico ou esporte vinculadas ao divertimento que entre as pessoas que ocupam as categorias subalternas. No entanto a diferença não é estatisticamente significativa.

Tabela 42 - Lazer/diversão como principal motivo para a prática de exercícios físicos ou esporte no Brasil (1996-1997) conforme macroposições de classe

Macroposições de classe		Qual é o principal motivo para praticar exercício físico ou esporte?	
		Lazer, diversão	Outros motivos
Privilegiado	Fr.	21 42,0%	29 58,0%
Detentor de ativos de capital	Fr.	11 36,7%	19 63,3%
Trabalhador amplo	Fr.	33 37,5%	55 62,5%
Trabalhador destituído	Fr.	16 25,8%	46 74,2%

Fonte: dados originais do IBGE (2006), Microdados da PPV 1996-1997.

Na mesma lógica que com o grupo masculino, realizei uma análise entre o nível de escolaridade das mulheres e as modalidades de exercício físico ou esporte praticado. Na Tabela 43, apresento os dados que descrevem a proporção da população em estudo segmentada por faixas etárias conforme os anos de escolaridade. Mais uma vez, essa informação é fundamental para a leitura da distribuição dos grupos entre os praticantes de uma modalidade. Apliquei o mesmo critério para a inclusão das modalidades na análise: ter em torno de 100 casos ou mais na faixa etária considerada (as tabelas completas com e sem peso estão disponíveis no Apêndice 6).

Tabela 43 - Proporção da população feminina por faixa etária conforme os anos de escolaridade

Escolaridade	Faixas de idade		
	25 a 38	39-52	53-65
0 a 8 anos	41,5%	47,7%	61,6%
9 a 11 anos	34,3%	26,0%	18,6%
12 ou + anos	24,1%	26,4%	19,8%

Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, Microdados do Vigitel de 2006. Dados expandidos.

As Tabelas 44a e 44b permitem observar tendências na relação entre o nível educacional e a participação nas PMCTL. As mulheres com 12 ou mais anos de escolaridade,

com idades compreendidas entre 25 e 38 anos, estão sobrerrepresentadas em todas as modalidades de exercícios físicos, menos na *caminhada* e no *futebol*. Na *caminhada*, guarda uma proporção muito próxima ao subgrupo da população que representa. Já no *futebol* tem uma marcada sub-representação (8%). As modalidades em que o grupo ganha maior sobrerrepresentação são: *tênis* (86%)⁸⁶, *natação* (73,6%), *outras* (64%) e *musculação* (51,3%). Esse grupo populacional também está sobrerrepresentado em *artes marciais e lutas* (44%)⁸⁷. É no grupo de maior escolaridade e de menor idade (dentro do universo em estudo) que a *caminhada* perde para a somatória de todas as outras modalidades (66,8%). Em todos os outros subgrupos (anos de escolaridade e idade), a *caminhada* é a modalidade mais frequente.

O grupo com menos escolaridade, na mesma faixa etária, é sub-representado em todas as modalidades, menos na *caminhada* (42,6%), que também é a prática mais frequente nesse grupo (68,9%) e no *futebol* (42,3%), mas que é uma prática pouco comum (2,2%). As práticas com pouca ou nenhuma representação no grupo menos escolarizado são: *natação* e *tênis* (0%), *hidroginástica* (2,4%) e *outras* (8,4%).

Na faixa que vai dos 39 aos 52 anos, as mulheres mais escolarizadas estão sobrerrepresentadas em todas as modalidades consideradas. Continuam com uma marcada sobrerrepresentação na *natação* (73,5%) e na *musculação* (54,7%). Na *corrida*, a proporção de praticantes desse grupo aumenta sensivelmente se comparada com a faixa etária menor (passa de 34,2% a 70,1%), ainda sendo uma das menos preferidas do grupo (2,8%). Também continuam com uma marcada sobrerrepresentação na categoria *Outras* (57,4%). A *caminhada*, nessa faixa etária, abarca a metade das praticantes, ganhando preferência quando comparada com a etapa anterior. Na faixa dos 25 aos 38 anos, a *caminhada* é a prática mais comum, todavia acumula apenas 33,2% das praticantes de exercícios físicos com essa escolaridade. Na faixa dos 39 aos 52, passa para 50% da preferência.

As mulheres com menor escolaridade diminuem sua presença na *caminhada* (35,6%), ainda sendo a prática mais comum desse grupo (69,6%). Na mesma linha, fica menor a proporção entre as praticantes das modalidades: *corrida* (de 35,2% para 15,2%), *ginástica geral* (de 24,8% para 13,8%), *bicicleta* (de 27,5% para 19,9%). Mantêm sua sub-representação entre o grupo que faz *musculação* (22,7%), no entanto têm um incremento substancial entre as praticantes de *hidroginástica* (de 2,4% para 45,1%), passando a ser a terceira modalidade mais praticada nesse grupo (7,5%). Também aumenta sua presença na *ginástica aeróbica* (de 16% a 23%), embora continue marcadamente sub-representada.

⁸⁶ Tênis: 18 casos entre 6.017 praticantes.

⁸⁷ Artes marciais e lutas: 30 casos entre 6.017 praticantes.

Na faixa de idade de que vai dos 53 aos 65 anos, o grupo com mais anos de estudo mantém a sobrerrepresentação em todas as modalidades com exceção da *ginástica geral* (10%). Incrementa sua presença proporcional entre as praticantes de *hidroginástica* (58,2%), modalidade que também ganha espaço na preferência (de 2,4% entre as de menor idade para 9,8%), passando a ser a quarta mais praticada. A *caminhada*, nessa faixa etária, continua sendo a prática mais frequente (50,5%), seguida de *outras* (10,9%) e da *musculação* (10,3%).

O grupo com menor escolaridade tem como prática mais frequente a *caminhada* (73,6%), apesar de continuar um tanto sub-representado no conjunto das praticantes, com 52,6%. No entanto, aparece um forte incremento de sua presença proporcional na *ginástica geral*, pulando de uma sub-representação nas etapas anteriores (de 25 a 38 anos: 24,8%; de 39 a 52 anos: 7,3%) para uma sobrerrepresentação nesta (74%). Também a *ginástica geral* passa a ser a segunda na preferência (7,9%), embora bem atrás da primeira. Esse grupo mostra uma estabilidade na sub-representação na *musculação* ao longo nas diferentes etapas de idade consideradas nesta análise (em torno de 21%), porém nota-se uma marcada queda na preferência, passando de ser a segunda prática mais comum na faixa dos 25 aos 38 anos (9,5%) para, nesta etapa, ser a penúltima (2,9%) das cinco modalidades consideradas na análise (ganhando apenas da *hidroginástica* com 2,8%, mas perdendo para *outras*, com 5,7%).

Tabela 44a - Modalidades de exercício físico ou esportes praticados por mulheres conforme anos de escolaridade e faixas etárias

Faixas de idade		Caminhada	Esteira	Corrida	Musculação	Ginástica aeróbica	Hidroginástica	Ginástica geral	Natação	
25 a 38 anos	Até 8	Fr.	607.483	8.078	27.073	83.898	23.772	1.402	50.916	0
		% E	68,9%	0,9%	3,1%	9,5%	2,7%	0,2%	5,8%	0,0%
		% P	42,6%	19,6%	35,2%	19,6%	16,8%	2,4%	24,8%	0,0%
	9 a 11	Fr.	483.655	15.047	23.472	124.878	51.525	28.168	63.345	17.697
		% E	51,8%	1,6%	2,5%	13,4%	5,5%	3,0%	6,8%	1,9%
		% P	33,9%	36,5%	30,5%	29,2%	36,4%	49,2%	30,9%	26,4%
	6	Fr.	335.881	18.127	26.315	219.541	66.441	27.716	90.769	49.349
		% E	33,2%	1,8%	2,6%	21,7%	6,6%	2,7%	9,0%	4,9%
		% P	23,5%	43,9%	34,2%	51,3%	46,9%	48,4%	44,3%	73,6%
	Total	Fr.	1.427.019	41.252	76.860	428.317	141.738	57.286	205.030	67.046
		% E	50,5%	1,5%	2,7%	15,2%	5,0%	2,0%	7,3%	2,4%
		% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
39 a 52 anos	Até 8	Fr.	406.267	8.575	4.730	51.792	15.562	41.936	12.741	0
		% E	69,6%	1,5%	0,8%	8,9%	2,7%	7,2%	2,2%	0,0%
		% P	35,6%	22,6%	15,2%	22,7%	23,2%	45,1%	13,8%	0,0%
	9 a 11	Fr.	340.884	7.050	4.541	51.596	19.531	14.772	39.353	9.570
		% E	63,3%	1,3%	0,8%	9,6%	3,6%	2,7%	7,3%	1,8%
		% P	29,9%	18,6%	14,6%	22,6%	29,1%	15,9%	42,6%	26,5%
	12 ou +	Fr.	394.044	22.235	21.779	124.595	32.020	36.207	40.366	26.576
		% E	50,1%	2,8%	2,8%	15,9%	4,1%	4,6%	5,1%	3,4%
		% P	34,5%	58,7%	70,1%	54,7%	47,7%	39,0%	43,7%	73,5%
	Total	Fr.	1.141.195	37.860	31.050	227.983	67.113	92.915	92.460	36.146
		% E	59,8%	2,0%	1,6%	11,9%	3,5%	4,9%	4,8%	1,9%
		% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
53 a 65 anos	Até 8	Fr.	190.133			7.491		7.254	20.418	
		% E	73,6%			2,9%		2,8%	7,9%	
		% P	52,6%			24,0%		26,1%	74,6%	
	9 a 11	Fr.	88.041			6.693		4.375	3.953	
		% E	77,3%			5,9%		3,8%	3,5%	
		% P	24,3%			21,4%		15,7%	14,4%	
	12 ou +	Fr.	83.507			17.064		16.162	2.991	
		% E	50,5%			10,3%		9,8%	1,8%	
		% P	23,1%			54,6%		58,2%	10,9%	
	Total	Fr.	361.681			31.248		27.791	27.362	
		% E	67,3%			5,8%		5,2%	5,1%	
		% P	100,0%			100,0%		100,0%	100,0%	

% E: porcentagem dentro da escolaridade; % P: porcentagem dentro da PMCTL

Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, Microdados do Vigitel de 2006. Dados expandidos.

Tabela 44b - Modalidades de exercício físico ou esportes praticados por mulheres conforme anos de escolaridade e faixas etárias

Faixas de idade		Lutas	Bicicleta	Futebol	Voleibol	Tênis	Outras	
25 a 38 anos	Até 8 Escolaridade (anos)	Fr.	8.937	35.803	17.651	3.586	0	11.128
		% E	1,0%	4,1%	2,0%	0,4%	0,0%	1,3%
		% P	30,4%	27,5%	42,3%	18,5%	0,0%	8,4%
	9 a 11	Fr.	7.529	43.895	20.745	8.828	739	35.758
		% E	0,8%	4,7%	2,2%	0,9%	0,1%	3,8%
		% P	25,6%	33,7%	49,7%	45,7%	13,5%	27,0%
	12 ou +	Fr.	12.935	50.610	3.343	6.918	4.721	85.400
		% E	1,3%	5,0%	0,3%	0,7%	0,5%	8,4%
		% P	44,0%	38,8%	8,0%	35,8%	86,5%	64,6%
	Total	Fr.	29.401	130.308	41.739	19.332	5.460	132.286
		% E	1,0%	4,6%	1,5%	0,7%	0,2%	4,7%
		% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
39 a 52 anos	Até 8 Escolaridade (anos)	Fr.		12.607			18.980	
		% E		2,2%			3,3%	
		% P		19,9%			19,3%	
	9 a 11	Fr.		24.924			22.860	
		% E		4,6%			4,2%	
		% P		39,4%			23,3%	
	12 ou +	Fr.		25.682			56.280	
		% E		3,3%			7,2%	
		% P		40,6%			57,4%	
	Total	Fr.		63.213			98.120	
		% E		3,3%			5,1%	
		% P		100,0%			100,0%	
53 a 65 anos	Até 8 Escolaridade (anos)	Fr.					14.783	
		% E					5,7%	
		% P					40,0%	
	9 a 11	Fr.					4.109	
		% E					3,6%	
		% P					11,1%	
	12 ou +	Fr.					18.080	
		% E					10,9%	
		% P					48,9%	
	Total	Fr.					36.972	
		% E					6,9%	
		% P					100,0%	

% E: porcentagem dentro da escolaridade; % P: porcentagem dentro da PMCTL

Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, Microdados do Vigitel de 2006. Dados expandidos.

Quando analisadas as preferências das práticas corporais conforme a posição de classe, é possível observar algumas tendências. Primeiro, que a localização no espaço social tem um impacto muito menor que o gênero na escolha/prática do tipo de exercício físico realizado.

As mulheres, considerando a população em estudo, envolvem-se muito pouco com os esportes; suas práticas basicamente concentram-se no exercício físico. A pesquisa Vigitel 2006 aponta que o esporte mais praticado entre as mulheres estudadas é o futebol (0,9%), seguido por artes marciais e lutas (0,6%), voleibol (0,5%) e tênis (0,1%). Isso significa que a prática de modalidades esportivas reúne apenas 2,1% das mulheres envolvidas com PMCTL. Os homens, por outro lado, têm um envolvimento muito maior com os esportes, mais precisamente com o futebol, fato que muda sensivelmente a configuração das preferências quando considerado o gênero (futebol: 37,4%, artes marciais e luta: 1,4; tênis: 1%; voleibol: 0,5%; basquete: 0,1%). Todavia isso não pode ser interpretado com pouco envolvimento dos homens com o exercício físico, pois pelo menos 60% dos praticantes fazem práticas orientadas à melhora/manutenção do condicionamento físico (com destaque para caminhada, 25,5%, e musculação, 10,2%), mas também nesse campo há diferença entre homens e mulheres.

A diferença entre gêneros não se localiza apenas na distribuição das práticas realizadas, mas também nos motivos declarados para justificar o envolvimento com PMCTL. A pesquisa PPV 1996-1997 oferece dados que mostram que, enquanto as mulheres apresentam uma distribuição com certo equilíbrio entre os motivos para realizar exercício físico (saúde: 38,7%; lazer, diversão: 35%; estética, beleza: 23%), os homens apontam o lazer e a diversão (74,8%) como mais importantes, ficando bem atrás a saúde (15%) e mais ainda as motivações estéticas (5,2%). Falamos, então, de diferenças nas práticas e nas motivações de homens e mulheres.

Essas diferenças marcadas pelo gênero impossibilitam falar de preferências de classe sobre o envolvimento com PMCTL sem distinguir o grupo masculino do feminino. Contudo a análise separada permite afirmar que a posição de classe que condiciona de forma evidente o envolvimento com PMCTL, segundo apresentei no tópico 2.6.2.1, perde parte de sua força quando se trata da definição do tipo de prática corporal escolhida/realizada, tomando como referência o conjunto dos praticantes de exercícios físicos ou esporte e não modalidades isoladas – ainda que seja possível notar algumas tendências associadas à classe.

A interpretação dos dados das diferentes pesquisas comentadas neste tópico me permite afirmar que no grupo masculino há um menor *interesse* pela prática do futebol e um aumento na procura pela prática de exercícios físicos vinculados com a saúde e/ou melhora da

forma corporal nos estratos socioeconômicos mais favorecidos, particularmente entre aqueles com menos idade. Isso não significa falar de uma clivagem entre práticas populares e de elite.

No universo de PMCTL captadas a partir da aproximação macro ou panorâmica (pesquisa *survey*), analisadas nesta parte do trabalho, não é possível reconhecer práticas marcadas pela presença exclusiva da classe popular, o que a caracterizaria como uma prática desclassificada na teoria da legitimidade cultural *bourdieusiana*. O futebol é a prática mais popular entre as camadas sociais menos favorecidas, no entanto não deixa de ser praticado nas camadas mais altas. Nessa lógica, não é possível afirmar que a distribuição social de seus praticantes sinalize o futebol como uma modalidade “desqualificada e desqualificante”, como acontece, no entendimento de Bourdieu, com a petanca na França⁸⁸.

No que se refere à diversidade de práticas, observa-se que os sujeitos da macroposição de classe *Privilegiado* têm um maior envolvimento com práticas vinculadas ao exercício físico (musculação, caminhada, corrida, natação). Entre estas, várias (caminhada na esteira, musculação, ginástica em geral, natação) pressupõem investimento financeiro para usar instalações e/ou serviços, fato que dificultaria a participação dos setores sociais com menor capacidade econômica e, conseqüentemente, *explicaria* a pouca presença desses setores entre seus participantes. Entretanto seria importante perguntar sobre os motivos que práticas como a caminhada e a corrida (inicialmente, com custo menor) também apresentam uma baixa participação das camadas populares quando comparadas aos setores mais bem acomodados. Estaríamos frente a um sinal de uma maior preocupação com a saúde nos setores privilegiados quando comparado com os demais? Todavia, se essa questão fosse respondida afirmativamente, é fundamental ter presente que essa tendência, longe de ser algo pronunciado, se trataria mais de uma inclinação ou propensão de classe bastante suave, pelo menos com base no envolvimento dos setores abastados em práticas desse tipo.

Nas mulheres, a diferenciação das práticas segundo as classes parece mais sutil ainda. As camadas privilegiadas apresentam uma maior diversidade de práticas corporais, particularmente quando mais jovens. Aparentemente, as melhores condições econômicas possibilitam vincular-se com modalidades dispendiosas – como musculação, ginástica aeróbica e natação – quando comparadas com a caminhada. As mulheres das camadas

⁸⁸ Bourdieu (1993, p. 77) expõe suas ideias sobre “o significado que as práticas obtêm de sua distribuição entre agentes distribuídos em classes sociais”, comenta que a petanca (algo similar ao jogo de bochas), com uma lógica interna semelhante ao do golfe (esportes de precisão), tem uma distribuição entre as classes próxima ao consumo de bebidas e alimentos tipicamente populares, o que só pode ser explicada pela lógica da distinção.

populares, por seu lado, concentram PMCTL na caminhada, tendo uma representação muito baixa em práticas que pressupõem custo, como mensalidade.

Uma pergunta fatível frente a essa distribuição das práticas seria: as expectativas sobre os efeitos corporais (*reais* ou *imaginários*) de exercícios físicos como musculação, hidroginástica, ginástica aeróbica poderiam inclinar as mulheres da classe privilegiada a envolver-se mais com esse tipo de prática do que com a caminhada? Sem poder fazer afirmações muito firmes a respeito do assunto, atrevo-me a especular que existem algumas diferenças nas expectativas. As praticantes de classe popular encontrariam na caminhada uma saída para fazer exercício físico a baixo custo, que lhes permite lutar contra a elevação e/ou excesso de peso corporal. Enquanto isso, nas classes mais favorecidas, as práticas escolhidas, além de favorecer a prática mais regular (não dependem do clima, por exemplo), permitem tanto queimar calorias, para o controle do peso, como também possibilitam aumentar a tonicidade muscular, colaborando na manutenção de um corpo firme. Se quisesse construir uma frase de efeito em relação ao assunto, afirmaria algo como: *para as mulheres da classe popular o exercício físico é uma arma na luta contra o sobrepeso e nas classes favorecidas é também uma arma contra a flacidez*. No entanto seria um exagero, dado que os indícios percebidos nos dados das diferentes pesquisas utilizadas neste trabalho não me autorizam a ser tão afirmativo; apenas insinuar essa possibilidade.

Ao finalizar esta primeira parte do trabalho, acredito ser importante sustentar que as afirmações precedentes referidas ao poder distintivo das práticas, assim como os atravessamentos de classe no envolvimento dos sujeitos com as PMCTL e a significação das práticas, não negam a ideia de Bourdieu sobre o assunto, apenas relativizam-na.

Entendo, e veremos mais adiante nas próximas etapas da pesquisa, que há *práticas distintivas* capazes de agregar valor social (*prestígio*) a seus praticantes. A imagem que o mundo tem sobre o golfe atesta isso (KANE, 2003). No entanto a maioria das pessoas de todas as classes não se vincula com essas práticas. Assim, os efeitos de distinção deveriam ser pensados como algo mais localizado e não como um marcador social amplo.

Da mesma forma, é possível pensar – e também mais adiante falarei de alguns *achados* sobre o assunto – que há mais possibilidades de encontrar determinadas ideias de corpo e/ou significações das PMCTL em determinados espaços sociais. Porém há maior probabilidade de encontrar uma forma de entendimento, percepção e apreciação do corpo e dos exercícios físicos ou esportes que não seja equivalente a uma generalização numa classe ou segmento socioeconômico.

3 CLASSE, CONSUMOS CULTURAIS E PRÁTICAS CORPORAIS, UMA APROXIMAÇÃO EM ESCALA INDIVIDUAL

Na etapa anterior, procurei desenhar um mapa da distribuição das PMCTL nas diferentes classes sociais na cidade de Porto Alegre. Mais especificamente, busquei descrever as características do espaço social das PMCTL para, nesse quadro, buscar compreender as disposições dos sujeitos para envolver-se e significar essas práticas culturais. Na perspectiva de Bourdieu, a etapa anterior deste trabalho se trataria do primeiro passo dentro de um método geral para o estudo das práticas culturais:

antes de se contentar em conhecer a fundo um pequeno setor da realidade da qual não se sabe muito, por não se ter colocado a questão, como ele se situa no espaço de onde foi destacado e o que de seu funcionamento pode dever a essa posição, é preciso [...] à maneira dos arquitetos acadêmicos, que apresentavam um esboço em carvão do conjunto do edifício no interior do qual se situava a parte elaborada em detalhe, esforçar-se por construir uma descrição sumária do conjunto do espaço considerado. (BOURDIEU, 2004, p. 212).

Foi nessa lógica que trabalhei. No entanto o mapa, mesmo que necessário, é insuficiente para entender as PMCTL. Na perspectiva do autor, o envolvimento com práticas corporais não está descolado da fórmula geradora que organiza o conjunto das práticas culturais, já que os exercícios físicos e esportes, ainda que com uma dinâmica própria, estão no mesmo espaço social, “lugar de forças que não se aplicam só a eles” (ibidem, p. 11). Nesse sentido, recoloco uma citação, utilizada nas páginas iniciais desta tese (p. 57), na qual Bourdieu destaca a inconveniência de analisar as PMCTL fora do conjunto de práticas culturais:

Provavelmente se cometeriam sérios erros se se intentasse estudar as práticas esportivas (mais ainda, talvez, que qualquer outro tipo de prática, já que sua base e objeto é o corpo, o agente sintetizador *por excelência*, que integra tudo o que incorpora) sem realocá-las no universo de práticas às que estão unidas, porque sua origem comum é o sistema de gostos e preferências que é um *habitus* de classe [...]. (BOURDIEU, 1993, p. 74; 1978, p. 833-834).

Em síntese, deve procurar-se entender as PMCTL no bojo das práticas culturais, dado a *origem* comum na fórmula geradora que as organiza. Nessa linha, diferentes autores analisados localizam os estudos sociológicos da França de 1960 como um dos movimentos acadêmicos mais importantes para compreender a cultura e sua relação com as classes sociais,

com destaque particular para as contribuições Pierre Bourdieu⁸⁹ (BOTELHO; FIORE, 2005; LAHIRE, 2006a, BENNETT et al. 2009; SETTON, 2010). *La Distinction*, obra publicada por Bourdieu em 1979, na qual articula diversas pesquisas sobre as práticas e os consumos culturais na França, é um marco para a discussão das bases sociais do gosto. A teoria materializada nessa obra passa a ser uma referência obrigatória para o estudo das preferências culturais em muitos países (Israel: KATZ-GERRO; SHAVIT, 1998; Inglaterra: BENNETT et al., 2009).

Em grandes linhas, a *teoria da legitimidade cultural* “estuda essencialmente as distâncias e as relações sociais diferenciadas com „a“ cultura⁹⁰ e os efeitos sociais da dominação dessa cultura sobre os grupos sociais mais carentes culturalmente” (LAHIRE, 2006a, p. 37). Esse projeto acadêmico busca compreender a distribuição desigual das práticas e das competências no universo cultural e, particularmente, as funções da cultura dominante, no que diz respeito à capacidade de produzir distinção. Nessa linha, Bourdieu acomete contra a noção de gosto como uma sensibilidade inata, emprenhando-se em tornar explícita sua condição de produto social e de marcador de classe, que cumpre a função de legitimar diferenças sociais. *Em relação ao último ponto, a ideia é que, na luta pela produção de uma visão legítima de um gosto, na luta pela imposição de uma concepção estética ou de uma opção a outra prática de cultura, o que se pode constatar também é uma disputa pela autoridade de um poder simbólico no mundo social*⁹¹ (SETTON, 2010, p. 28).

Nesse sentido, para Bourdieu:

numa sociedade de classes, prevalece clara e naturalmente a supremacia das práticas culturais da classe dominante, e a conseqüente desvalorização de outras práticas. Isto não acontece como mera transposição de uma relação de dominação, mas através da criação e validação dos critérios de valorização e hierarquização dos produtos culturais. Em outras palavras, a classe dominante não apenas impõe sua cultura, mas estabelece os critérios que validam certas práticas (as suas) em detrimento de outras. (FRANÇA; PRADO, 2010, p. 3).

⁸⁹ Essa história científica está fortemente associada com a história política, particularmente à criação, em 1959, também nesse país, do Ministério de Assuntos Culturais, com a responsabilidade de “tornar acessíveis as obras capitais da humanidade, e em primeiro lugar da França, ao maior número possível de franceses” (LAHIRE, 2004, p. 16).

⁹⁰ Setton chama a atenção que Bourdieu opera com dois sentidos de cultura. Um mais próximo do antropológico (sistema de significados compartilhados) e o outro como sinônimo de formas legitimadas de cultura, sendo este último o que se destaca no campo da teoria da distinção: “cultura, ou capital cultural, em Bourdieu se refere a um conjunto de símbolos, formais e informais, objetivos e abstratos, enfim disposições e ou pré-disposições de um *habitus*, promovidos por instâncias culturais, como a família, a escola e demais autoridades de cultura. Tratar-se-ia de uma cultura burguesa valorizada no mercado escolar e profissional” (SETTON, 2010, p. 29).

⁹¹ “Dito com outras palavras, a partir da visibilidade simbólica do gosto dos grupos dominantes, desvelam-se os mecanismos ideológicos da imposição de um gosto ou de um estilo legítimo, no entanto arbitrário, de consumir cultura, de se vestir, morar ou viver ou mesmo se divertir” (SETTON, 2010, p. 28).

Dessa forma, a sociedade hierarquizada organiza os produtos culturais, atribuindo maior ou menor legitimidade (logo, capacidade de produzir distinção) com base nos setores sociais que os consomem, mas também em critérios de valorização das práticas culturais construídos com base nas condições de existência: desprendimento das condições de necessidade/utilidade (despesa pura) e distanciamento. O primeiro critério sustenta-se na ideia de que a cultura não tem valor de uso; “experiências culturais devem ser vividas sem qualquer interesse de retorno para o produtor ou consumidor” (FRANÇA; PRADO, 2010, p. 4). O segundo, distanciamento, é uma forma de relacionar-se com os produtos culturais, particularmente com a arte, caracterizada pelo não envolvimento emocional, para que possa ter uma atitude analítica e crítica frente ao que está apreciando. Trata-se:

[...] do despojamento de qualquer interesse na relação de acesso à obra, seja ele buscar conhecer ou sofrer qualquer tipo de emoção ou afetação. Ao contrário disso, é preciso entregar-se à contemplação, pois só assim é possível aproximar-se da obra desinteressadamente, desvestir-se de emoções, surpresas ou vontades. Essa seria a forma adequada de se produzir e se relacionar com os produtos culturais da cultura legítima, mais especificamente, da cultura erudita. (ibidem, p. 4).

Essa relação com as práticas e com os produtos culturais, que não se limitam apenas ao campo das artes, mas estendem-se a todo um estilo de vida, seria apropriada, principalmente, a partir de um processo de socialização familiar e, num segundo momento, pela escola e por “instituições que partilham com o sistema de ensino o gosto dominante” (SETTON, 2010, p. 30). Na perspectiva *bourdieusiana*, esse processo daria ampla vantagem aos filhos das famílias burguesas, que desde muito cedo incorporam os critérios legítimos de apreciação da cultura, passando a vivê-los como algo *natural* (capital cultural encarnado). Nesse sentido, sendo que a socialização acontece especialmente dentro de um espaço social determinado, tratar-se-ia da incorporação do *habitus* de classe.

A incorporação do “conjunto de esquemas de pensamento, o conjunto de disposições de cultura, disponibilizado pela família e pela escola e acumulado no percurso das trajetórias dos indivíduos e dos grupos” (SETTON, 2010, p. 24) não acontece de forma diferente com os outros setores sociais; o que é diferente é a relação que estes mantêm com a cultura legítima. As classes médias, por seu lado, reconheceriam nas práticas e nos produtos culturais das classes mais altas um valor legítimo, o que as levaria a fazer investimentos para apropriação dessas práticas. Nessa linha, as pessoas oriundas desses setores caracterizar-se-iam pela *boa vontade cultural* de incorporar através de processos conscientes e explícitos os critérios e as referências que orientam os gostos das classes altas. Assim, “a própria reverência que as classes médias têm para com os objetos legitimados pelas classes dominantes atesta o

reconhecimento dessa ordem das legitimidades, ainda que não se tenha o capital cultural necessário para compreendê-la” (FRANÇA; PRADO, 2010, p. 5).

Enquanto as relações entre as classes mais elevadas e as mais baixas são também marcadas pelo menosprezo para com práticas dos estratos socioeconômicos inferiores, a cultura popular, nesse sistema relacional de classes, passar a existir enquanto oposição a tudo aquilo que é legítimo. França e Prado (2010, p. 5), estudando as produções culturais da população que mora na periferia de cidades brasileiras, fazem uma comparação dos critérios que subjazem as práticas legítimas e as não legítimas, comparando esses dois universos:

Se na cultura erudita pressupõe-se que a produção e o aprendizado são desvinculados de qualquer interesse, na cultura de periferia é inerente ao modo de produção a visada do lucro e da captação de novos recursos e investimentos; se a primeira pede a contemplação e o distanciamento como modo de acessar a obra, a outra convoca ao engajamento, à participação coletiva. Se na cultura erudita espera-se a supressão das emoções para se compreender as sutilezas e nuances dos produtos culturais, naqueles da cultura de periferia dá-se acento a elas; se a produção da obra pede sua total desvinculação dos desejos e do sentimento do outro, a arte da periferia é feita de apelo, de chamada à identificação, e criação do sentimento de pertencimento comum.

Tal lógica de legitimação/distinção que Bourdieu identifica no funcionamento da sociedade de classe se expressaria no conjunto de práticas culturais, inclusive no envolvimento PMCTL, como descrevi no tópico 2.1.3.

Essas ideias que retomei de forma esquemática nos parágrafos precedentes sustentaram um dos movimentos mais importantes para o estudo das práticas culturais e as classes sociais (BOTELHO; FIORE, 2005, LAHIRE, 2006a, BENNETT et al. 2009; SETTON, 2010). Não obstante, no ano de 2004, um (autodenominado) continuador crítico do pensamento *bourdieusiano*⁹², Bernard Lahire, publica o livro *La culture des individus: dissonances culturelles et distinction de soi*, no qual põe em xeque várias das *verdades* estabelecidas na *La Distinction*⁹³. Essas críticas distribuem-se ao longo do livro, mas duas são particularmente importantes para este trabalho. Uma questiona a pertinência de pensar as práticas culturais como produto de um único princípio gerador, o *habitus*, e a outra insiste na necessidade de relativizar o espaço social que os sujeitos ocupam como elemento determinante na construção social do gosto.

Tendo essas duas críticas de pano de fundo, os objetivos desta parte da pesquisa foram:

⁹² Lahire (2002).

⁹³ A bibliografia estudada aponta outros autores, além de Lahire, que têm apontado problemas na teoria de legitimidade cultural de Bourdieu: Dominique Pasquier (2005), Olivier Donnat (2003), Richard Peterson (1992, 1996), Philippe Coulangeon (2003) (cf. SETTON, 2010).

- Identificar o grau de consonância e dissonância na preferência de alguns consumos culturais e suas relações com as características sociais dos sujeitos.
- Analisar as características do envolvimento e dos significados atribuídos às PMCTL por sujeitos consonantes e dissonantes em consumos culturais.

Para proceder à descrição desta parte do trabalho, inicialmente faço uma breve síntese de algumas ideias centrais e do processo metodológico que permitiu a Lahire oferecer *evidências* para sustentar suas críticas a alguns dos conceitos da obra de Bourdieu (LAHIRE, 2006a). Posteriormente, descrevo a adaptação do trabalho do autor para a presente pesquisa, pontuando quais foram os elementos balizadores para desenvolver o estudo.

3.1 DISSONÂNCIAS E CONSONÂNCIAS NAS PRÁTICAS CULTURAIS

Do conjunto de críticas que Lahire (2006a) faz à leitura desenvolvida por Bourdieu (1983a; 2007) sobre os consumos e as práticas culturais, centrarei esta análise, basicamente, em duas. Primeiro, naquela referente ao conceito de *habitus*, particularmente no que alude a uma suposta capacidade desse princípio de geração e de estruturação de práticas e representações de regular o conjunto de consumos culturais de um sujeito⁹⁴. Segundo, na ideia que sustenta que o espaço social ocupado pelos sujeitos é determinante na construção social do gosto.

Na introdução de seu trabalho, Lahire (2006a, p. 13-15) aponta o tipo de tratamento que dará à ideia sobre a unicidade do ator em relação a suas práticas culturais. Para isso, descreve com detalhes os desconcertos que Ludwig Wittgenstein produz em seus biógrafos, quando ele atuava como professor de filosofia na Inglaterra, já que, no mesmo momento em que se mostrava como uma “pessoa muito ascética e austera, que manifesta uma preocupação muito particular em matéria de ordem, de pontualidade e asseio”, com uma “vida cotidiana: rigorosa e intelectualmente exigente”, era “apaixonado por *westerns* e revistas de histórias

⁹⁴ É importante mencionar que críticas similares às que são levantadas por Lahire, no campo dos consumos culturais, são também apontadas no campo da Sociologia da Educação, pelo menos por dois motivos centrais (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Por um lado, uma série de pesquisas tem revelado que a categoria classe social não seria suficiente como critério de diferenciação dos grupos familiares segundo suas práticas escolares (ou seja, ocupar um determinado espaço social não equipara a forma como as famílias se vinculam com as aprendizagens escolares). Por outro lado, os críticos apontam problemas em relação à teoria do espaço e das posições sociais, no que diz respeito aos processos de formação e de transmissão do *habitus* familiar. “Esse *habitus* não seria formado necessariamente na direção que se poderia imaginar, dadas as condições objetivas, e nem seria transmitido aos filhos de modo automático - por „osmose“, como dizia Bourdieu (1998)” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 27).

policiais [...]”, como também “adorava as barracas de feiras, a ponto de jogar com um prazer infantil certos jogos para ganhar prêmios”. Assim, Lahire pergunta: “por que geralmente as pessoas se mostram tão surpresas diante de tais dissonâncias culturais?”. E responde: “Porque temos uma ideia muito ruim do que são as socializações individuais”. A seguir, volta a perguntar: “Que modelo implícito do ator individual se põe em cena ao se confessar desconcertado?”. E responde novamente: “Um modelo da consonância ou da coerência geral dos comportamentos individuais”. Em suma, Lahire afirma que o modelo de ator individual que dá espaço a esse desconcerto “é um modelo de transferência generalizada de certas disposições evidenciadas em uma área específica (no caso, o do trabalho filosófico)” para o conjunto das práticas culturais.

No entanto o autor sustenta, ao longo de sua obra, que a variação de interesses culturais dissonantes em relação à legitimidade cultural de Wittgenstein não tem nada de excepcional ou atípico, senão que é uma forma recorrente de comportamento dos sujeitos em relação a suas práticas culturais. Essas práticas estão relacionadas aos múltiplos processos de socialização (família, amigos, profissionais) e às condições contextuais de atualização das disposições desenvolvidas em diferentes momentos da vida.

Nesse ponto, podemos dizer que na base do programa científico de Lahire se encontra uma luta por despertar as Ciências Sociais para o problema da visão homogeneizante do indivíduo na sociedade, princípio que se apresenta como quase óbvio no campo acadêmico e em que se inscreve a noção de *habitus*, interpretado como um núcleo indutor das mais diversas práticas. Simultaneamente, o autor enfrenta o pensamento de “alguns sociólogos pós-modernos [que] parecem, no entanto, deleitar-se com a ideia de dispersão, de ruptura, de fragmentação ou de disseminação infinitas do ator” (LAHIRE, 2005, p. 26). Isso porque entende que quaisquer das duas posições não se diferenciam na forma com que abordam o tema.

Ora, não se trata de resolver de uma vez por todas, *a priori*, a questão (do grau) da unicidade ou da pluralidade do ator individual, mas de colocar a questão de quais são as condições sócio-históricas que tornam possível a produção de um ator plural ou de um ator caracterizado por uma profunda unicidade. [...] De fato, a coerência (relativa) dos hábitos (dos esquemas ou disposições) que cada indivíduo pode ter interiorizado dependerá da coerência dos princípios de socialização aos quais ele foi submetido. (ibidem, p. 26).

O autor não define de antemão um modelo específico e determinado de ator e propõe um conceito que deixa aberta a possibilidade de sua constituição às condições de socialização dos sujeitos. Lahire entende, desse modo, que os agentes não têm uma natureza plural por si,

senão que, como produtos de um contexto social, frequentemente heterogêneo e contraditório, podem incorporar um conjunto mais ou menos diferenciado de disposições. Uma forma de conceber essa ideia se apresenta na Figura 7, na qual os círculos representam as disposições e a sigla PC se refere às *práticas culturais* de um sujeito. Onde vemos um *continuum* entre dois polos, o círculo maior representa um núcleo disposicional comum a toda e qualquer prática do sujeito (*habitus bourdieusiano*⁹⁵), no outro extremo um sujeito “em migalhas” (LAHIRE, 2005, p. 27), com disposições específicas para cada uma de suas práticas. A figura central representa uma possibilidade ao longo desse *continuum*, um sujeito portador de disposições para uma série de práticas culturais, mas não transferíveis para todas as práticas culturais, o “homem plural” de Lahire.

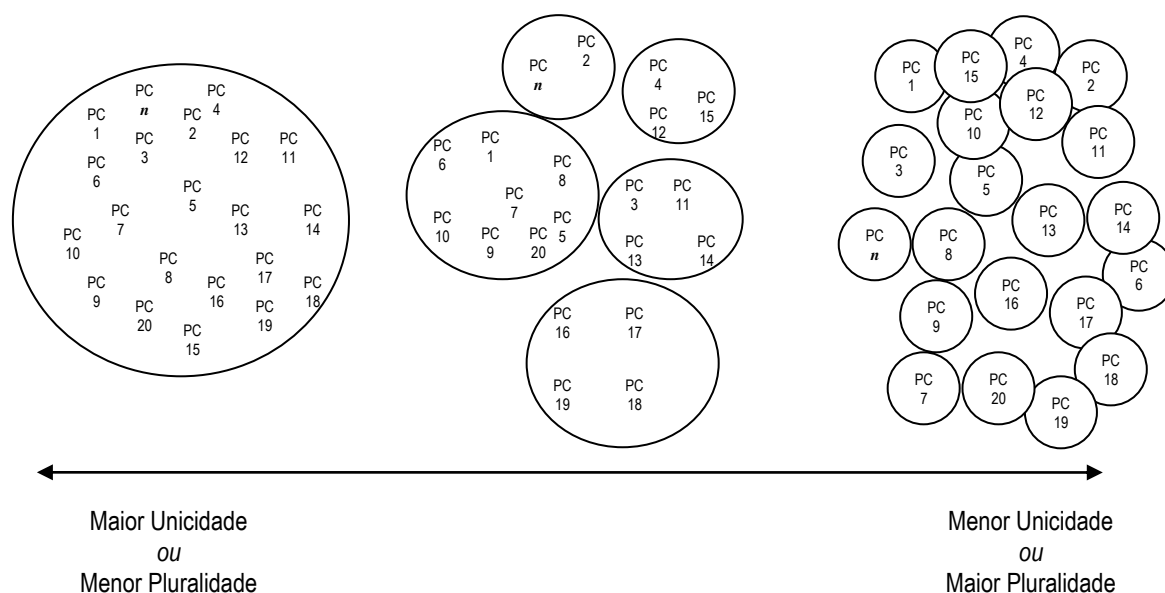


Figura 7 - Modelos diferentes de organização das disposições

Fonte: elaboração própria

Assim, em sua obra, Lahire procura pesquisar a diversidade interna de cada sujeito (variações intraindividuais), antes de centrar sua atenção sobre as diferenças no acesso das classes sociais (às variações interclasses) aos consumos culturais. Nas palavras do autor, busca-se, através da mudança na escala de observação:

⁹⁵ “A prática é, ao mesmo tempo, necessária e de certa forma autônoma em **relação** à situação considerada em seu imediatismo pontual, porque ela **é o produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*** – entendido como um **sistema de disposições** duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações.” (BOURDIEU, 1983c, p. 61).

[...] olhar, lançar luz, sobre um fato fundamental, ou seja, que a fronteira entre a legitimidade cultural (a „alta cultura“) e a ilegitimidade cultural (a „subcultura“, a simples diversão) não separa apenas as classes, mas partilha as diferentes práticas e preferências culturais dos mesmos indivíduos, em todas as classes sociais. (LAHIRE, 2006a, p. 17).

Para desenvolver seu estudo, o autor utiliza a pesquisa nacional *Práticas culturais dos franceses 1997* e um conjunto de 111 entrevistas em profundidade (retratos individuais). Para desenvolver os *retratos individuais*, o autor teve como referência um estudo anterior⁹⁶, o qual pautou, em grande medida, a forma de realizar as entrevistas, assim como suas análises.

Para a análise dos dados do levantamento nacional utilizado pelo autor, foram considerados sete tipos diferentes de consumos culturais: a música, os livros, os passeios culturais, as visitas culturais, os filmes, a televisão e os lazeres-diversões. Já nas entrevistas foram integrados, além dos consumos mencionados, outros, como a prática de esportes, o rádio e os jornais, e, também, o contexto das práticas culturais, o tipo de engajamento com as diferentes práticas e a relação (atitude) do entrevistado para com seus consumos menos legítimos, entre outros.

Em relação aos dados, Lahire opera em três fases, as quais são detalhadas em diferentes capítulos do livro. Na primeira fase, o autor realiza um procedimento de classificação das práticas e dos consumos segundo seu grau de legitimidade cultural, ao passo que procura respostas para questões básicas sobre o assunto:

Como estabelecer o grau de legitimidade cultural de uma prática, de uma preferência, de uma arte ou de um gênero [...]? Como justificar a classificação deste ou daquele gênero, desta ou daquela obra, desta ou daquela atividade em uma categoria do tipo cultura legítima/arte ou gênero médio/cultura não-legítima sem parecer tomar partido nas classificações sociais e nos julgamentos subjetivos de gostos e de valores? (ibidem, p. 83).

Para isso, opera de uma forma *clássica*, segundo afirma o próprio autor, ou seja, classifica o grau de legitimidade das preferências, práticas ou consumos culturais, considerando sua distribuição de acordo com o tipo de público. No esforço de não ser arbitrário no processo de atribuir legitimidade ou ilegitimidade, combina:

[...] fatos estatisticamente observáveis (por exemplo, a probabilidade de desigual, em função do nível de formação e para os diferentes grupos sociais, de ter acesso a certas práticas culturais ou de gostar deste ou daquele gênero artístico) com o conhecimento adequado (graças aos múltiplos trabalhos existentes) e cotidiano das diferenças culturais no mundo social no que vive. (LAHIRE, 2006a, p. 86).

Ainda, no caso em que persistiram dúvidas, normalmente procedeu levando em conta as propriedades internas da atividade.

⁹⁶ LAHIRE (2004a).

No capítulo três, o autor desenvolve uma discussão densa sobre as possibilidades e os limites de diferentes formas de estabelecer a legitimidade e a pouca legitimidade das práticas culturais, trabalhando permanentemente na ideia de evitar qualquer “vontade de „certeza absoluta” em relação ao assunto, entendendo que esse desejo não seria compatível com o espírito científico. Entretanto o autor faz uma *advertência* muito interessante em relação ao assunto, que vale a pena conferir:

para empregar as palavras de Peirce, o “vago” (vagueness) é consubstancial a todo trabalho de classificação e que, em matéria de medida da legitimidade cultural, “a precisão absoluta é impossível”. Porém, a dificuldade com que frequentemente se depara para classificar uma obra ou uma atividade cultural segundo seu grau de legitimidade não deve pôr em dúvida a existência de fatos de legitimidade cultural. Negar um fato sob o pretexto de que a tarefa de classificação é árdua e repleta de incerteza levaria, em outros terrenos, a concluir que os ricos e os pobres não existem, argumentando que é intelectual ou metodologicamente difícil determinar em que ponto termina a pobreza e em que ponto começa a riqueza. (LAHIRE, 2004a, p. 87).

Dentro desse espírito, que reconhece a dificuldade do processo, Lahire classifica um conjunto de consumos culturais por gêneros (música, livros, filmes), saídas (passeios culturais, visitas culturais e lazeres-diversões) e programas (televisão) em grupos de forte e fraca⁹⁷ legitimidade cultural. Identifica também um terceiro grupo que reúne os consumos que não puderam ser classificados nos polos de legitimidade mencionados, e por isso denominados de inclassificáveis. Por exemplo, no caso dos livros estão os gêneros muito pouco legítimos, constituídos dos livros práticos, que se reúnem em três classes: livros de culinária, livros de decoração e de mobília, livros de artesanato e de jardinagem. Os gêneros muito legítimos: romances, que não sejam policiais ou de espionagem, literatura clássica, livros científico-técnicos e ensaios políticos, filosóficos, religiosos. E, finalmente, os gêneros inclassificáveis: história, romances policiais, histórias em quadrinhos. Assim, para categorizar o tipo de consumo cultural dos sujeitos referente aos livros, o autor utiliza o seguinte processo de codificação: *Pouco legítima* (pelo menos uma escolha pouco legítima + *inclassificáveis* neutralizadas), *Muito legítima* (pelo menos uma escolha muito legítima + *inclassificáveis* neutralizadas), *Mista* (pouco legítima + muito legítima + *inclassificáveis* neutralizadas), *Inclassificáveis* e, como última categoria, os *Não envolvidos* (não lê livros). Esse procedimento é realizado com cada um dos consumos e das práticas culturais.

Na segunda fase do processo metodológico, os dados são organizados de forma a permitirem uma leitura da *escala individual* de cada um dos sujeitos que compõem a amostra

⁹⁷ Os adjetivos variam durante o texto, mas mantêm a ideia de polos opostos. Por um lado, fala de fraca, baixa, pouca, muito pouca legitimidade; por outro, de forte, alta, muita legitimidade.

da pesquisa, com o propósito de configurar perfis culturais mais ou menos homogêneos em relação à legitimidade cultural. Operando dessa forma, o autor inverte a lógica de reunir os sujeitos segundo as tradicionais categorias: nível social-profissional, nível de formação, sexo, idade, entre outras, e logo analisar como os consumos e as práticas culturais (mais e menos legítimas) se distribuem nas diferentes dimensões de cada categoria⁹⁸, para passar a compor perfis com base nas lógicas individuais, procurando caracterizar cada sujeito por uma série de comportamentos sob o ângulo da legitimidade das práticas e das preferências culturais.

Esse procedimento permitiu ao autor constatar diferentes perfis de consumos culturais.

Indivíduos com práticas e preferências culturais muito dissonantes (por exemplo, o caso daqueles que apreciam a literatura mais legítima e os que ouvem programas de música *pop* francesa, ou apreciadores de música clássica que buscam na televisão ou vão ao cinema para ver produtos menos legítimos), medianamente dissonantes ou mistos (vemos inflexões do grau de legitimidade cultural ou mistura de legitimidades fortes e fracas em certos campos da prática) ou particularmente consoantes (aqueles que não cometem nenhuma “falta” de legitimidade ou, inversamente, aqueles que muito distantes das instituições mais legítimas consomem apenas produtos “populares”). (LAHIRE, 2006, p. 21).

No capítulo seis de sua obra, Lahire (2006a) faz um exame detalhado do conjunto de combinações possíveis dos consumos culturais em relação à sua legitimidade. Nesse processo, analisa apenas aqueles perfis *inteiramente* consoantes legítimos, pouco legítimos e dissonantes, deixando fora desta análise os perfis com práticas culturais inclassificáveis, a maior parte da população. Basicamente, observa-se nessa análise que os perfis totalmente consoantes (tanto de fraca ou forte legitimidade) são sempre proporcionalmente menores que os perfis dissonantes e, ainda, que essa diferença se incrementa sistematicamente na medida em que é considerado um maior número de consumos culturais (a análise se realiza considerando de três até sete tipos de preferências de consumo).

Na terceira fase da análise dos dados do levantamento, e após serem organizados os perfis, o autor passa a examinar a relação destes com as categorias sociais utilizadas tradicionalmente no campo da sociologia: sexo, idade, profissões e categorias socioprofissionais, nível de formação e origem social. Procedendo dessa forma, procura observar quais são as categorias que concentram os diferentes tipos de perfis (consoantes e dissonantes).

Nessa parte, o estudo permite perceber rapidamente que os perfis culturais dos indivíduos que têm consumos culturais dissonantes são os que ocupam a maior parte do

⁹⁸ Por exemplo, Bourdieu (1983, p. 98), no Quadro 1 – Gosto e práticas culturais –, apresenta (entre outras) a porcentagem de membros das diferentes classes sociais que preferem como leitura os *Ensaio Filosóficos*: Classes populares: 1,9 %; Classes médias: 12,2%; Classes superiores: 24,9%.

quadro estatístico em todas as classes sociais, ainda que tenha maior probabilidade de aparecer nos estratos sociais médios e superiores. Também que essa dissonância é possível de ser percebida em todos os níveis de formação, particularmente entre aqueles que pelo menos terminaram o Ensino Médio. Ao mesmo tempo, o fenômeno aparece nas diversas faixas etárias, ainda que seja menos provável quando se comparam as pessoas de maior idade com os jovens. Outra constatação é de que há mais probabilidade de encontrar perfis consoantes de fraca que de forte legitimidade.

Em linhas gerais, pode-se perceber que o *marceneiro*⁹⁹ de Bourdieu (1983a, p. 84), possivelmente um arquétipo imaginado pelo autor, utilizado para exemplificar o *habitus* como princípio unificador do estilo de vida, é mais uma exceção que regra. Isso não significa que não possam existir casos como esses, mas que sem dúvida é muito menos provável de encontrar perfis consoantes em todas as dimensões da vida¹⁰⁰, como o proposto por Bourdieu, que dissonantes. Lahire (2006a, p. 163), comparando seu trabalho ao de Bourdieu, afirma “que a demonstração desenvolvida é mais comprobatória na medida em que revela uma variação significativa dos comportamentos culturais, levando em conta campos da prática *muito menos diversificados* do que uma obra como *La Distinction*, que pretendia cobrir o conjunto de dimensões de existência e de estilos de vida”.

Dessa forma, a pesquisa permite a Lahire, por um lado, reforçar críticas à proposta de Bourdieu sobre o que, *a priori*, todas as práticas ou preferências de um sujeito são expressão de uma única fórmula geradora, o *habitus*, que se manifestam em preferências éticas e estéticas e que se exprimem em práticas infinitamente diversas, caracterizando uma unicidade do ator que se colocaria em jogo em todas as suas ações (LAHIRE, 2002a; 2005; 2006a). Por outro lado, dá-lhe ferramentas para incrementar *evidências* sobre sua teoria de pluralidade do ator, na qual sustenta que “somos [...] plurais, diferentes nas diversas situações da vida comum, estranhos às outras partes de nós mesmos, quando estamos investidos em tal ou tal domínio da existência social” (LAHIRE, 2002b, p. 39). Ele destaca, ainda, que a sua dedicação acadêmica volta-se para o entendimento da “pluralidade e da heterogeneidade de *disposições* incorporadas por cada agente nas sociedades com forte diferenciação social” (idem, 2004b, p. 318).

⁹⁹ “Assim, a visão de mundo de um velho marceneiro, sua maneira de gerir seu orçamento, seu tempo ou seu corpo, seu uso da linguagem e suas escolhas indumentares estão inteiramente presentes em sua ética de trabalho escrupulosa e impecável, do cuidado, do esmero, do bem-acabado e em sua *estética do trabalho pelo trabalho* que o faz medir beleza de seus produtos pelo cuidado e paciência que exigiram” (BOURDIEU, 1983, p. 84).

¹⁰⁰ Quando são organizados os perfis com base nos sete consumos culturais legítimos considerados na pesquisa, o número de entrevistados que cumprem as condições que constituem o perfil é de 21 em 3.000, ou seja, 0,7 % da amostra pesquisada (LAHIRE, 2004a, p. 163).

3.1.1 Consumos Culturais e Preferências Por Práticas De Movimento Corporal no Tempo Livre De Porto-Alegrenses: Processos Metodológicos

Após a apresentação do conjunto de ideias de Lahire, as quais entendi imprescindíveis para esta pesquisa, passo a descrever o ponto de partida para o estudo das práticas corporais no contexto do conjunto das práticas culturais (estilos de vida) de sujeitos localizados em espaços sociais diferentes.

Primeiro, descrevo como foram coletados os dados desta etapa da pesquisa. Depois apresento a análise dos dados coletados para identificar os diferentes perfis de consumos culturais e sua relação com as preferências no universo das práticas corporais.

3.1.1.1 Tipo de pesquisa, população, seleção e tamanho da amostra

Nesta etapa foi utilizada uma metodologia *survey interseccional por amostragem* (BABBIE, 1999), a qual consistiu em entrevistar diferentes tipos de sujeitos sobre hábitos e preferências no âmbito das práticas culturais, procurando representar a população em estudo.

A população da pesquisa esteve constituída por sujeitos residentes em Porto Alegre, maiores de 25 anos e menores de 65 anos de idade, com ocupação principal remunerada. A amostragem utilizada foi *por cotas com ponderações desproporcionais*, que é considerada não probabilística, já que não observa as probabilidades *não zero* conhecidas na escolha dos elementos da população que compõem a amostra. A opção por esse tipo de amostragem deveu-se à impossibilidade de financiar o custo de uma amostragem probabilística, como também à estimativa do órgão que auxiliou na coleta dos dados – o Centro de Estudos e Pesquisas em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEPA/UFRGS) – de que, com base na extensa experiência neste tipo de levantamento, era possível diminuir sensivelmente os problemas que esse caráter da amostragem poderia ocasionar (moldura das cotas e vieses na seleção dos elementos da amostra de uma célula).

Na matriz da amostra por cota, considerei a estratificação por classe social (SANTOS, 2005a), gênero e o envolvimento com PMCTL em proporções aproximadas às que apareceram na primeira etapa da pesquisa. Inicialmente, propus fazer uma estratificação mais precisa, considerando, além das condições mencionadas, também cor da pele ou raça, idade e tipo de PMCTL, mas o trabalho de campo foi mostrando que o excesso de particularidades poderia inviabilizar a coleta das informações.

Para estabelecer o número de pessoas entrevistadas, tomei como referência as estimativas de Arkin e Colton apresentadas por Gil (2002, p. 174), que estabelecem uma relação entre o tamanho da amostra para população finita e as margens de erro, para mais ou para menos, com um coeficiente de confiança de 95%. Esses autores estabelecem que, para universos superiores a 100 mil elementos, a amplitude da amostra com suas correspondentes margens de erro é: 10.000, $\pm 1\%$; 2.500, $\pm 2\%$; 1.111, $\pm 3\%$; 675, $\pm 4\%$; 400, $\pm 5\%$; 100 $\pm 10\%$. Portanto, com base nessa informação, considerando o percentual estimado da população não envolvida com PMCTL, a necessidade de se ter um número significativo de sujeitos em cada categoria para poder comparar o envolvimento com diferentes PCMTL, as possibilidades financeiras, como também as restrições e dificuldades surgidas no trabalho de campo, a amostra final foi de 486 pessoas.

A quantidade de sujeitos por categoria não seguiu a proporcionalidade da população, porque o baixo número de pessoas que seriam incluídas em algumas categorias (por exemplo, Capitalista; Especialista autônomo; Supervisor) comprometeria a possibilidade de comparar suas práticas culturais com as de outras categorias sociais, propósito desta parte da pesquisa. Assim, dentro das possibilidades estudadas para salvar o problema do baixo número de sujeitos em algumas classes sociais, caso adotasse uma amostra proporcional, decidi trabalhar com uma amostragem de ponderação desproporcional. Babbie (1999, p. 148) justifica que pode-se “amostrar subpopulações desproporcionalmente para garantir número suficiente de casos de cada subpopulação em análise”. Esse procedimento não acarreta problemas em relação às comparações enquanto se analisassem as amostras de forma separada ou comparativamente, como é neste caso. Contudo, explica o mesmo autor, se a ideia é combinar os resultados de cada célula para apresentar um quadro com o conjunto dos estratos, será necessário levar a amostragem desproporcional em consideração através de um procedimento de ponderação. Ainda assim, o que definiu a forma final da amostra, segundo apresenta a Tabela 45, foram os problemas surgidos e as soluções adotadas durante a realização do trabalho de campo.

Tabela 45 - Número de sujeitos entrevistados por classe social, gênero e envolvimento com PMCTL

<i>Categorias</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>Total</i>
	<i>Envolvido</i>	<i>Não envolvido</i>	<i>Envolvido</i>	<i>Não envolvido</i>	
Capitalista	8	4	5	4	21
Pequeno empregador	11	10	5	8	34
Autônomo com ativos	12	15	13	12	52
Especialista autônomo	8	7	14	8	37
Gerente	6	3	2	6	17
Empregado especialista	5	8	5	12	31
Empregado qualificado	10	5	18	6	39
Supervisor	9	6	12	14	41
Trabalhador típico	25	27	26	35	114
Trabalhador elementar	7	10	4	11	32
Autônomo sem ativos	5	8	7	5	26
Empregado doméstico	2	1	16	23	42
Total	108	104	127	144	486

Fonte: elaboração própria.

Seguindo a linha metodologia descrita na primeira parte da pesquisa, as análises, quando tiveram como base a classe social, foram realizadas com base nas macroposições de classe. A Tabela 46 mostra a distribuição dos sujeitos em cada uma das quatro classes.

Tabela 46 - Número de sujeitos entrevistados por classe social agregada, gênero e envolvimento com PMCTL

<i>Categorias</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>Total</i>
	<i>Envolvido</i>	<i>Não envolvido</i>	<i>Envolvido</i>	<i>Não envolvido</i>	
Privilegiada	32	19	39	24	114
Pequena burguesia	23	25	18	20	86
Trabalhador amplo	39	41	43	61	186
Destituídos	14	19	27	39	100
Total	108	104	127	144	486

Fonte: elaboração própria.

3.1.1.2 Instrumento de pesquisa: elaboração do questionário

Esta parte da pesquisa foi desenvolvida com base num questionário por entrevista. Para a elaboração inicial do questionário *Práticas culturais no tempo Livre dos Porto-Alegrenses* (Apêndice 7), foram analisados instrumentos usados em pesquisas sobre o envolvimento da população com PMCTL e sobre consumos culturais. Também foram observadas as recomendações apontadas pela bibliografia especializada (GIL, 2002; BABBIE, 1999; LAVILLE; DIONE, 1999), que discute a preparação desse tipo de instrumento. Destacam-se, entre outras sugestões, as seguintes:

- As alternativas para as perguntas fechadas devem ser exaustivas para abarcar todas as possíveis respostas.
- As possibilidades de respostas devem ser mutuamente excludentes, ou seja, o sujeito não deve se sentir obrigado a escolher mais de uma resposta.
- As questões devem conter uma única ideia e ser redigidas de forma clara e precisa.
- Cuidar que o entrevistado tenha possibilidades efetivas de contestar a pergunta.
- Procurar não incluir itens negativos.
- A apresentação gráfica do questionário deve facilitar o preenchimento.
- O questionário necessita conter as instruções sobre como ser preenchido de forma adequada.

No caso desta pesquisa, o questionário, em sua versão final, incluiu um conjunto de núcleos de conteúdo. Esses núcleos compreenderam os seguintes temas:

1. Participação em práticas de movimento corporal no tempo livre (PMCTL)
2. Consumo de espetáculos esportivos
3. Consumo de informação esportiva
4. Consumo de informação sobre atividade física/cuidados da forma corporal
5. Cuidados corporais
 - 5.1 Práticas vinculadas com cuidados/preocupações estéticas
 - 5.2 Práticas vinculadas com o cuidado do equilíbrio corporal
 - 5.3 Práticas vinculadas com o cuidado da saúde *corporal/orgânica*
6. Práticas de voluntariado no setor das PMCTL

7. Práticas de sociabilidade¹⁰¹
8. Consumos culturais (não esportivos)¹⁰²
 - 8.1 Música
 - 8.2 Livros
 - 8.3 Passeios culturais
 - 8.4 Visitas culturais (não esportivas)
 - 8.5 Filmes
 - 8.6 Televisão
 - 8.7 Lazer-diversões (não esportivos)

Para a elaboração do questionário final foram desenvolvidos pré-testes do instrumento e um estudo-piloto, segundo sugere a bibliografia (BABBIE, 1999). Assim, realizaram-se oito pré-testes do questionário, primeiramente entre pessoas mais próximas, vinculadas à universidade, e num segundo momento com pessoas localizadas nos extremos da escala social.

Também foi desenvolvido um estudo-piloto, que assumiu o caráter de uma simulação. Babbie (1999, p. 310) afirma que um estudo-piloto consiste “em um exame miniaturizado de toda a pesquisa, da amostragem ao relatório, que deve diferir do *survey* final apenas quanto ao tamanho, estudando menos casos (e usando menos tempo)”. Desse modo, o questionário foi aplicado em 50 casos, dentro dos extremos da escala de classe social e com ambos os gêneros. Finalmente, com base nessas informações foram realizados ajustes finais do instrumento.

3.1.1.3 Procedimento de coleta de dados

Esta etapa iniciou com a realização de um estudo-piloto no mês de julho de 2008, o qual foi fundamental para a adequação de algumas dificuldades que apareceram em sua aplicação pelos entrevistadores. Além disso, a experiência serviu de base para o desenvolvimento do treinamento com as pessoas que se envolveram na primeira etapa do levantamento.

O treinamento dos entrevistadores teve três fases. Na primeira, foi realizada uma exposição sobre as características do questionário. Seguidamente, os entrevistadores

¹⁰¹ Essas são algumas das práticas sociais com as quais se operacionalizou o conceito, para estudar a sociabilidade dos franceses no levantamento *Loisirs* de 1986/1987 do INSEE (LAPORTE, 2005).

¹⁰² Tomando como referência Lahire (2006).

aplicaram os questionários entre eles, procedimento que permitiu salvar dúvidas e auxiliar na interpretação na forma de registrar as respostas. A segunda fase consistiu na aplicação de cinco questionários por cada entrevistador, e a entrega dos mesmos para uma auxiliar da pesquisa, que controlou os erros de preenchimento. A terceira fase foi um novo treinamento, que versou sobre os erros detectados na segunda fase.

A coleta de dados teve duas etapas. A primeira iniciou em novembro de 2008 e concluiu em abril de 2009, na qual o CEPA/UFRGS também me auxiliou. Nesse caso, o centro mediou o contato com entrevistadores que habitualmente prestam serviço para o desenvolvimento de suas pesquisas, assim como franqueou suas instalações para os treinamentos e a realização das tarefas de supervisão, entrega, recepção e armazenamento de questionários, preenchimento e recepção da documentação para o pagamento dos entrevistadores. No entanto, em março de 2009, frente à queda no nível de produção dos entrevistadores (número de entrevistas por semana), decidi buscar um novo grupo para concluir o trabalho.

O novo grupo foi constituído por acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o qual passou por um treinamento com as mesmas características do grupo que desenvolveu o trabalho na primeira etapa. A metodologia de aplicação foi praticamente a mesma, com apenas uma mudança, que consistiu na gravação da entrevista. O propósito de tal procedimento foi salvar possíveis dúvidas que pudessem surgir no momento de lançar as informações do questionário para o banco de dados, assim como servir de mecanismo de supervisão. A segunda etapa desenvolveu-se entre maio e agosto de 2009.

Para esta pesquisa foram incluídos 337 questionários realizados na primeira etapa e 149 da segunda. A supervisão dos questionários da primeira etapa foi de 43%. Das entrevistas da segunda etapa, 95% foram registradas em áudio e arquivadas.

Da mesma forma que se fez com o formulário da *survey por entrevista* realizada em domicílios, as informações vinculadas à ocupação dos sujeitos, assim como as de seus pais, foram codificadas com base na *Classificação Brasileira de Ocupações* (2002). Após esse passo, identificou-se a categoria socioeconômica na qual o sujeito se enquadrava (SANTOS, 2001; 2005a).

Para o manejo da informação, foi montado um banco de dados específico. Também se realizaram controles sistemáticos da qualidade da digitação. Na comparação entre proporções, utilizei o teste do Qui-quadrado. O nível de significância estatística foi estabelecido em 0,05,

e as análises foram executadas pelo programa *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão 15.0.1 (SPSS INCORPORATION, 2006).

3.1.1.4 Apresentação e análise dos dados

Para a análise dos dados do questionário, foram realizadas três fases. Na primeira fase, utilizei as informações coletadas através da pesquisa *survey* para classificar as práticas culturais segundo sua legitimidade, seguindo, para isso, os critérios descritos por Lahire (2006a), apresentados anteriormente. Realizando esse procedimento, procurei classificar alguns consumos culturais em grupos de pouca legitimidade cultural e de forte legitimidade cultural, identificando também um terceiro grupo de práticas difíceis de classificar.

Na segunda fase desse processo, os dados foram organizados de forma a permitirem uma leitura em *escala individual* de cada um dos sujeitos que compõem a amostra da pesquisa, com o propósito de configurar perfis culturais mais ou menos homogêneos em relação à legitimidade cultural das práticas. Operando dessa forma, seguindo a proposta de Lahire, compus perfis com base nas lógicas individuais, procurando caracterizar cada sujeito por uma série de comportamentos sob o ângulo das preferências culturais. Acompanhando a explicação de Lahire (2006a, p. 150) para este procedimento,

[...] poderíamos dizer, de forma figurada, que os indivíduos são sociologicamente caracterizáveis por *frases* (cujos diferentes elementos constituintes são as respostas às perguntas do questionário) [...]. Assim, escolhendo uma série limitada de variáveis (2, 3, 4... *n* variáveis), pode-se agrupar, contar e caracterizar os entrevistados que “pronunciam” as mesmas frases [...]. Quanto mais longas são as frases (quanto mais variáveis se considerem), mais difícil é encontrar entrevistados que pronunciaram exatamente as mesmas.

Na parte inicial da análise, trabalhei com oito consumos culturais: música, livros, jornais, TV, filmes, passeios culturais, visitas culturais e lazeres-diversão. Esse conjunto de elementos combinados permitiu criar diferentes perfis dos sujeitos pesquisados, segundo o número de variáveis (palavras) consideradas na análise. Tendo construído esses perfis, foi possível identificar indivíduos com práticas e preferências de consumos culturais consonantes (de muita e pouca legitimidade) e outros com práticas dissonantes.

Na terceira fase da análise dos dados, examinei a relação desses perfis com as informações relacionadas ao cuidado do corpo e às práticas corporais. Particularmente, busquei observar a relação que sujeitos com consumos culturais consonantes (legítimos e pouco legítimos) e dissonantes têm com a prática corporal, particularmente com tipo de

esporte e/ou exercício físico predominante no grupo social em que se localizam. No entanto, para esta parte do trabalho, decidi trabalhar com um menor número de consumos culturais na construção dos perfis, dado que o tamanho da amostra e a diversidade de combinações possíveis com “frases” mais longas inviabilizariam a constituição de perfis consonantes.

3.1.2 Ensaando a Identificação da Legitimidade dos Consumos Culturais

A sociologia da cultura ensina que os consumos culturais são acessados de forma diferenciada por sujeitos localizados em distintos estratos sociais. Tal diferença se exprime tanto no envolvimento segundo o tipo de consumo (exemplo: música, livros) como também no gênero dentro de cada consumo (exemplo na música: clássica, *jazz*, pagode, sertaneja).

Nesse contexto, seguindo a lógica apresentada no referencial da primeira e da segunda etapa, assumi a ideia de que é possível identificar consumos culturais entendidos, socialmente, como mais *legítimos* que outros. Assumi, também, que a legitimidade está atrelada ao envolvimento ou não desses consumos por setores privilegiados da sociedade em estudo.

Assim, para identificar os consumos *legítimos* e *poucos legítimos* no contexto da cidade de Porto Alegre, operei com um procedimento similar ao descrito por Lahire, no capítulo três¹⁰³ de seu livro *A cultura dos indivíduos* (relatado no tópico 3.1 deste documento), particularmente, no que se refere a “fatos estatisticamente observáveis”. Resumidamente, com base nos dados coletados para esta etapa da pesquisa, através do questionário *Práticas culturais dos Porto-Alegrenses* ($n = 486$), reconheci os níveis diferenciados de envolvimento das macroposições de classe social (Privilegiado, Detentor de ativos de capital, Trabalhador amplo e Trabalhador destituído) e dos grupos segundo o nível educacional¹⁰⁴ com os distintos consumos culturais e, quando correspondia (música, livros, programas de TV), com os respectivos gêneros. Em menor medida, utilizei, nesse processo de identificação, o conhecimento acadêmico (BOTELHO; FIORE, 2005; FRANÇA; PRADO, 2010) sobre a dinâmica do envolvimento populacional com os consumos culturais, já que, no Brasil, aparentemente, este é um campo de pesquisa menos profícuo que na França. Finalmente, de uma forma mais comedida, também usei o conhecimento do “cotidiano das diferenças culturais no mundo social no que vive” (LAHIRE, 2006a, p. 86). Por exemplo, a linha

¹⁰³ “Medir a legitimidade cultural” (p. 83 a 105).

¹⁰⁴ Os níveis educacionais considerados foram: Fundamental (incompleto e completo), Médio (incompleto ou completo, inclui Ensino Técnico) e Superior (completo ou incompleto).

editorial do jornal mais lido na classe popular porto-alegrense (manchetes chamativas, frequentemente, catastróficas e focadas em casos de violência urbana; capas com fotografias em tamanho de destaque; notícias curtas e com um número de ilustrações bem maior que diários com formato mais tradicional) e a própria orientação da publicidade, levaram-me a reafirmar que se trata de um consumo de pouca legitimidade cultural. Na mesma linha, observar, entre outras situações, como uma proporção importante de professores universitários desaprova a preferência de colegas por gêneros musicais como o sertanejo ou a bandinha e o fato de que em rádios universitárias estes gêneros não são tocados ajudam sustentar a ideia que se trata de consumos de baixa legitimidade cultural.

Tendo esse pano de fundo, apresento a seguir os consumos culturais considerados e sua codificação em indicadores de *muita legitimidade* e de *pouca legitimidade*. Os quadros estatísticos construídos para cada consumo cultural e, quando correspondem, seus respectivos gêneros, conforme a macroposição de classe e o nível educacional, encontram-se no Apêndice 8.

Consumos culturais e codificação

Música

Gêneros musicais preferidos (respostas múltiplas)

Gêneros musicais legítimos: *Clássica, Jazz, MPB¹⁰⁵, Rock em inglês.*

Gêneros musicais pouco legítimos: *Bandinha, Funk, Gaúcha, Pagode, Rap/hip hop, Samba, Sertaneja.*

Gêneros musicais não classificáveis: *Balada-Romântica, Boleros, Forró, Heavy metal, New age, Religiosa, Rock em português, Tecno-eletrônica, World Music, Outros.*

As respostas foram codificadas da seguinte forma

- Muito legítima (pelo menos uma escolha muito legítima + não classificáveis).
- Pouco legítima (pelo menos uma escolha pouco legítima + não classificáveis).
- Mista (pouco legítima + muito legítima ou pouco legítima + muito legítima + outros não classificáveis).
- Não classificáveis (apenas não classificáveis)
- Não envolvidos (não ouve música)

Jornais

Jornais lidos com mais frequência (respostas múltiplas):

¹⁰⁵ Música Popular Brasileira

Jornais de forte legitimidade cultural: *Estadão, Folha de São Paulo, Gazeta Mercantil, Jornal do Comércio, Zero Hora.*

Jornais de fraca legitimidade cultural: *Diário Gaúcho, Jornal da Igreja Universal.*

Jornais não classificáveis: *Correio do Povo, O Sul.*

Codificou-se da seguinte forma:

- Legítimo (quando o entrevistado afirmou ler jornais unicamente neste registro ou neste registro + não classificáveis).
- Pouco legítimo (quando o entrevistado afirmou ler jornais unicamente neste registro ou neste registro + não classificáveis).
- Mista (legítimo + pouco legítimo; ou legítimo + pouco legítimo + não classificáveis).
- Não envolvidos (não lê jornais).

Livros

Gêneros de livros lidos com mais frequência (respostas múltiplas):

Gêneros de livros de forte legitimidade cultural: *Biografia, Técnico-científico, Ensaios, Clássica.*

Gêneros de livros de fraca legitimidade cultural: *Culinária, Religião, Autoajuda.*

Gêneros de livros não classificáveis: *Conto, Manual, Decoração, Enciclopédia, História, Policiais, Poesia, Romances, Outros.*

Codificou-se da seguinte forma:

- Muito legítimo (pelo menos uma escolha muito legítima + não classificáveis).
- Medianamente legítimo (pelo menos uma escolha pouco legítima + não classificáveis).
- Pouco legítimo (não envolvido).
- Mista (pouco legítima + muito legítima + não classificáveis).
- Não classificáveis (apenas não classificáveis).

TV

Tipos de programa preferidos (respostas múltiplas)

Tipo de programa de muita legitimidade cultural: *Culturais, Documentários, Entrevistas, Política.*

Tipo de programa de pouca legitimidade cultural: *Telenovelas.*

Tipo de programas não classificáveis: *Aventura, Caricaturas/Desenhos, Cômicos, Concursos, Esporte, Musicais, Jornais, Filmes, Talk show, Outros.*

As respostas foram classificadas da seguinte forma

- Muito legítima (pelo menos uma escolha legítima + não classificáveis).

- Pouco legítima (pelo menos uma escolha pouco legítima + não classificáveis).
- Mista (pelo menos uma escolha + uma muito legítima).
- Não classificáveis.
- Não envolvidos (não vê televisão).

Filmes

Gêneros cinematográficos preferidos (respostas múltiplas):

Gêneros cinematográficos de muita legitimidade cultural: *Drama, Documentário*.

Gêneros cinematográficos de pouca legitimidade cultural: *Adulto, Terror*.

Gêneros cinematográficos não classificáveis: *Ação, Comédia, Romântico, Histórico, Infantis, Musicais, Ciência ficção, Suspense, Outro*.

As respostas foram classificadas da seguinte forma

- Muito legítima (pelo menos uma escolha legítima + não classificáveis).
- Pouco legítima (pelo menos uma escolha pouco legítima + não classificáveis).
- Mista (pelo menos uma escolha + uma muito legítima).
- Não classificáveis.
- Não envolvidos (não vai ao cinema).

Passeios culturais

Nos últimos 12 meses foram...

Gêneros de saídas culturais muito legítimas:

- . ao teatro ver uma peça.
- . a um concerto de música clássica.
- . a uma ópera.
- . a um espetáculo de dança clássica, moderna ou contemporânea.

Codificou-se então da seguinte maneira:

- Muito legítima (foram).
- Não envolvidos por uma prática legítima (não foram).

Visitas culturais

Nos últimos 12 meses foram...

Gêneros de visitas culturais muito legítimas:

- a exposição de pintura ou de escultura.
- ao museu.

Codificou-se então da seguinte maneira:

- Muito legítima (foram).
- Não envolvidos por uma prática legítima (não foram).

Diversão

Nos últimos 12 meses foram...

Lazeres de fraca legitimidade cultural:

- dançar em um baile público.
- dançar numa discoteca ou em boate.

Codificou-se então da seguinte maneira:

- Pouco legítima (foram).
- Não envolvidos por uma prática pouco legítima (não foram).

Uma vez construídos os critérios de *legitimidade*, é possível identificar os sujeitos que têm preferências pouco legítimas, muito legítimas, mistas e aqueles que apresentam preferências exclusivamente inclassificáveis. Também é possível identificar os sujeitos não envolvidos com os diferentes consumos culturais.

Feito esse procedimento, foi possível calcular o tipo de perfil que predomina em diferentes categorizações sociais. As Tabelas 47 e 48 apresentam o percentual de perfis de pouca e muita legitimidade para cada um dos consumos culturais codificados segundo a macroposição de classe social e nível educacional.

**Tabela 47 - Perfis pouco e muito legítimos por consumo cultural segundo posições de classe
(colunas em percentuais)**

	Privilegiado	Detentor de ativos de capital	Trabalhador amplo	Trabalhador destituído
Música				
Pouco legítimo	6	39	41	74
Muito legítimo	54	27	18	5
Jornais				
Pouco legítimo	7	41	36	59
Muito legítimo	81	43	42	16
Livros				
Pouco legítimo	28	50	67	76
Medianamente legítimo	14	11	13	12
Muito legítimo	36	15	8	4
TV				
Pouco legítimo	15	28	34	57
Muito legítimo	43	34	22	15
Filmes				
Pouco legítimo	3	9	15	17
Muito legítimo	37	26	26	18
Passeios culturais				
Muito legítimo	50	20	20	9
Visitas culturais				
Muito legítimo	50	26	28	22
Diversão				
Bailes	17	19	27	34
Discotecas	45	23	42	19

Fonte: elaboração própria.

Tabela 48 - Perfis pouco e muito legítimos por consumo cultural segundo o nível educativo (colunas em percentuais)

	Superior	Médio	Fundamental
Música			
Pouco legítimo	14	17	4
Muito legítimo	74	46	42
Jornais			
Pouco legítimo	11	40	64
Muito legítimo	73	39	14
Livros			
Pouco legítimo	27	71	80
Medianamente legítimo	17	12	9
Muito legítimo	33	6	5
TV			
Pouco legítimo	17	36	56
Muito legítimo	42	22	14
Filmes			
Pouco legítimo	3	17	17
Muito legítimo	37	20	22
Passeios culturais			
Muito legítimo	47	15	7
Visitas culturais			
Muito legítimo	50	25	12
Diversão			
Bailes	19	24	32
Discotecas	44	39	12

Fonte: elaboração própria.

A tabelas permitem observar a predominância dos perfis muito legítimos na categoria *Privilegiado* e os pouco legítimos na *Trabalhador destituído*, homologamente entre aqueles com maior e menor nível educacional. Esses dados confirmam o que pesquisas de outros lugares do mundo (LAHIRE, 2006a; BOURDIEU, 2008; BENNETT et al. 2009) e do Brasil (BOTELHO; FIORE, 2005) apontam: a classe social e o nível educacional dos atores estão fortemente associados ao envolvimento e o tipo de vínculo estabelecido com as práticas culturais. Contudo a predominância de uma classe social num determinado perfil cultural não pode ser traduzida como homogeneidade nas preferências dos sujeitos que integram, já que a mesma tabela evidencia as variações entre indivíduos dos grupos considerados. Dentro da categorização realizada dos consumos culturais (legítimo ou pouco legítimo) encontram-se sujeitos classificados em todas as categorias sociais.

3.1.3 Perfis Consonantes e Perfis Dissonantes de Consumos Culturais

Na trilha da proposta de Lahire (2006a), o próximo passo foi construir, com base nos critérios de consumos culturais *muito legítimos e pouco legítimos*, perfis consonantes e dissonantes de envolvimento e preferência neste universo. Retomando a ideia já descrita no tópico 3.1, a diversidade de perfis identificados dentro dos diferentes grupos sociais não expressa apenas heterogeneidade inter-individual, como também a intraindividual. Em outras palavras, não somente se encontram sujeitos localizados num mesmo espaço social vinculados com manifestações culturais de diferente nível de legitimidade, como também sujeitos que têm preferências por práticas com legitimidade em registros diferentes.

Fazendo uma combinação dos oito consumos considerados (músicas, jornais, livros, programas de TV, filmes de cinema, passeios culturais, visitas culturais, diversão) em suas cinco possibilidades (legítimo, pouco legítimo, misto, não classificável e não envolvido), encontramos 415 combinações diferentes em 486 casos. Isso significa que 76,1% dos sujeitos têm um perfil (combinação de envolvimento e preferências) particular. O perfil caracterizado por escutar músicas, ler jornal e gostar de programas de TV pouco legítimos, não ler livros, ter gostos inclassificáveis de filme, não ter participado de nenhum passeio ou visita cultural no último ano, mas também não ter realizado nenhuma saída para diversão, é o que mais se repete, com sete casos. Na sequência dos perfis com maior frequência, seguem dois que acumulam, respectivamente, cinco e seis sujeitos cada, dois perfis com quatro sujeitos, 13 perfis com três sujeitos e 27 com dois sujeitos. Todas as outras combinações de consumos culturais, que conformam os respectivos perfis, contêm apenas um sujeito (Apêndice 9).

Para expor a configuração dos perfis descritos acima, a seguir apresento as Tabelas 49a e 49b com o conjunto de combinações de preferências *muito e pouco legítimas* nos diferentes consumos culturais e a frequência absoluta e relativa de sujeitos que se encontram nesse registro.

Tabela 49a - Perfis consonantes legítimos e semelhantes

Comb.	Música	Jornais	Livros	TV	Filmes	Passeios culturais	Visitas culturais	Diversão	Casos	(%)
CL1	L	L	L	NE	L	L	L	NE	3	0,6
CL2	L	L	L	L	L	L	L	NE	1	0,2
CL3	L	L	L	NC	L	L	L	NE	0	0,0
CL4	NE	L	L	(PL, M)	L	L	L	NE	1	0,2
CL5	NC	L	L	(PL, M)	L	L	L	NE	1	0,2
CL6	(PL, M)	L	L	(PL, M)	NE	L	L	NE	0	0,0
CL7	(PL, M)	L	L	(PL, M)	NC	L	L	NE	3	0,6
CL8	(PL, M)	L	NC	(PL, M)	(PL, M)	L	L	NE	2	0,4
CL9	(PL, M)	NC	(NE, PL, M)	(PL, M)	(PL, M)	L	L	NE	0	0,0
CL10	(PL, M)	(NE, PL, M)	(NE, PL, M)	(PL, M)	(PL, M)	L	L	NE B	9	1,8

Legenda: CL - Combinação legítima; L - Prática/gosto legítimo; PL - Prática/gosto pouco legítimo; M - Prática/gosto misto; NC - Não classificável; NE - Não envolvido.
Entre parênteses significa não envolvido com. Exemplo: (PL, M) na coluna da TV, se lê: Não assiste programas pouco legítimos, nem mistura gêneros.

Tabela 49b - Perfis consonantes pouco legítimos e semelhantes

Comb.	Música	Jornais	Livros	TV	Filmes	Passeios culturais	Visitas culturais	Diversão	Casos	(%)
CPL1	PL	PL	NE	PL	PL	PL	PL	PL	1	0,2
CPL2	PL	PL	PL	PL	PL	PL	PL	PL	0	0
CPL3	NE	PL	(L, M)	PL	PL	PL	PL	PL	0	0
CPL4	NC	PL	(L, M)	PL	PL	PL	PL	PL	0	0
CPL5	(L, M)	NE	(L, M)	PL	PL	PL	PL	PL	1	0,2
CPL6	(L, M)	NC	(L, M)	PL	PL	PL	PL	PL	1	0,2
CPL7	(L, M)	(L, M)	(L, M)	NE	PL	PL	PL	PL	1	0,2
CPL8	(L, M)	(L, M)	(L, M)	NC	PL	PL	PL	PL	5	1,0
CPL9	(L, M)	(L, M)	(L, M)	(L, M)	NE	PL	PL	PL	5	1,0
CPL10	(L, M)	(L, M)	(L, M)	(L, M)	NC	PL	PL	PL	18	3,7
CPL11	(L, M)	(L, M)	(L, M)	(L, M)	(L, M)	PL	PL	NE	22	4,5

Legenda: CPL - Combinação pouco legítima; PL - Prática/gosto pouco legítimo; M - Prática/gosto misto; NC - Não classificável; NE - Não envolvido.
OBS: Entre parênteses significa não envolvido com. Exemplo: (L, M) na coluna da Música, se lê: Não escuta gêneros musicais legítimos, nem mistura gêneros.

Das diversas análises que esta parte da pesquisa permite, escolhi comentar apenas dois aspectos, dado que a centralidade de meu trabalho se coloca na relação dos perfis de consumo

cultural e o envolvimento com PMCTL, e não exatamente nas configurações individuais que as práticas culturais podem assumir numa população.

Primeiramente, a análise permite materializar a ideia de que o universo social é constituído por grande diversidade de perfis culturais (variação intraindividual), dimensão que, quando se trabalha desde a perspectiva panorâmica (comparação de grupos sociais), tende a ficar um tanto dissimulada. Também se constata o que Lahire salienta em seu trabalho: a cada novo consumo cultural incluído na composição do perfil (mais palavras na frase), diminui a possibilidade de encontrar sujeitos semelhantes. Dessa forma, “considerando as diferenças interindividuais, pode-se dizer que não há nada de mais comum e frequente que a singularidade (relativa) de casos individuais enquanto combinação particular de traços culturais gerais: singular não rima com excepcional, mas com geral, normal ou habitual” (LAHIRE, 2006a, p. 166).

O segundo aspecto é que a construção dos perfis permite captar que, se é possível identificar pessoas com práticas culturais num registro homogêneo de legitimidade cultural (4% legítimo; 11% pouco legítimo), também é possível constatar que elas são um grupo restrito frente ao número de pessoas que participaram no estudo. Assim, como Lahire (2006a, p. 181) comenta em seu trabalho, “a coerência dos perfis culturais, que indicaria a existência de *habitus culturais* enquanto *sistema coerente de disposições*, não é o que é mais frequente estatisticamente”. Nessa linha, é importante também salientar que o perfil de práticas culturais considerado nesta pesquisa é bem menos diverso das consideradas por Bourdieu em seu trabalho sobre os estilos de vida, em que faz referência a universos tão distintos como cosmética pessoal, vestuário, decoração da casa, consumo de bebidas, entre outros. Tal fato tornaria ainda mais difícil encontrar consonância quanto mais completa fosse a descrição das práticas culturais dos sujeitos. Sobre esta constatação, Lahire afirma:

[...] observa-se até que ponto a imagem de *habitus* duradouros e transponíveis não dão conta facilmente dos efeitos sobre os indivíduos de condições contemporâneas de socialização. Assim a fraca probabilidade estatística de perfis consonantes explica-se, em grande medida, pelas condições socialização e de ação em sociedades altamente diferenciadas, caracterizadas por uma forte concorrência entre diferentes instâncias socializadoras, pelas múltiplas pequenas mobilidades sociais e culturais entre gerações e por múltiplos contatos e atritos de membros dessas sociedades com contextos, normas ou princípios de socializadores culturalmente heterogêneos.

3.1.4 Perfis Consonantes, Dissonantes de Consumos Culturais e Práticas Corporais: Explorando Relações

Para explorar/revisar relações entre os perfis de consumos culturais e o envolvimento com PMCTL, decidi trabalhar com frases menos *exigentes* do que as apresentadas no tópico anterior, com o propósito de abranger um maior número de pessoas em cada uma das combinações. Lembrando que *frases*, em sentido figurado, são a forma de se representar os sujeitos da pesquisa, segundo suas respostas às perguntas da entrevista. Para esta parte do trabalho, em vez de considerar os oito consumos descritos acima, considere apenas cinco, dado que quanto mais longas são as frases, mais difícil é encontrar entrevistados que falem exatamente a mesma frase, dificultando a possibilidade de encontrar sujeitos consonantes legítimos.

Os consumos selecionados foram: música, jornal, livros, TV e visitas culturais. Os dois primeiros foram escolhidos por entender que são fortes marcadores culturais de pertencimento social na cidade de Porto Alegre, mostrando uma marcada diferença entre as categorias de macroposição de classe (Tabela 48). A leitura de livros e o tipo de gênero literário preferido foram selecionados, porque o primeiro, particularmente, é um elemento diferenciador importante entre classes sociais. A televisão tem um potencial diferenciador bastante modesto, comparado com a música, por exemplo, contudo justifica sua inclusão por ser o tipo de consumo cultural de maior abrangência. As visitas culturais foram preferidas às práticas culturais, porque, em grande medida, a cidade de Porto Alegre oferece um número importante de possibilidades para aceder ao primeiro consumo cultural e nem tanto ao segundo. O que significa que, segundo minha compreensão, não visitar um museu, por exemplo, está mais condicionado por um elemento disposicional que ir ao teatro em que, na maioria das vezes, deve-se pagar para entrar. Os filmes foram preteridos porque apresentam um baixo nível de diferenciação e também de envolvimento quando considerada a porção da população que frequentou o cinema no último ano. Finalmente, os consumos vinculados a “lazer e diversão”, na denominação de Lahire, mostraram-se bastante difíceis de serem tratados em seu conjunto. Para utilizá-los numa pesquisa centrada na identificação dos consumos legítimos com outras práticas sociais, seria necessário avançar no estudo específico dessas práticas que apresentam características *contraditórias*, como a de serem colocadas no campo da mera diversão e, portanto, pouco legítimas (LAHIRE, 2006a), ao mesmo tempo em que algumas delas são mais frequentes nas classes sociais mais altas (por exemplo, ir a *boates* e assistir a jogos de futebol no estádio).

Combinando os cinco consumos selecionados, em suas cinco possibilidades de codificação (legítimo, pouco legítimo, misto, não classificável e não envolvido), encontramos 255 combinações diferentes em 486 casos. Dos sujeitos que integraram a amostra, 64,8% têm

um perfil (combinação de envolvimento e preferências) único (Apêndice 10). O perfil que reúne maior número de sujeitos tem 20 casos (4,1%), correspondendo a consumos de pouca legitimidade (escuta música, lê jornais e gosta de programas de TV pouco legítimos, não lê livros e não fez nenhuma visita cultural, no último ano). Nos seis perfis que lhe seguem com maior frequência, também predominam os consumos culturais pouco legítimos (17,9% do total da população). No oitavo lugar, com uma frequência de seis casos, aparece o primeiro perfil com predomínio de consumos culturais legítimos (1,2% da população).

Para relacionar esses perfis com o envolvimento com PMCTL, fiz dois procedimentos de agregação. Primeiro, reuni os 255 perfis em sete categorias diferentes, segundo o predomínio do tipo de legitimidade dos consumos culturais conforme a descrição do Quadro 9. A ideia foi identificar perfis totalmente consonantes (legítimos e pouco legítimos) e perfis com predomínio consonante, ou seja, com uma *falha*, mas não muito *grave* ou descaracterizadora das preferências. No caso dos perfis com predomínio consonante legítimo, temos, por exemplo, sujeitos com preferências legítimas no campo da música, na leitura de jornais e livros e de programas de TV, que, no entanto, não teriam realizado uma visita legítima no último ano. No campo dos sujeitos com predomínio consonante pouco legítimo, o exemplo poderia ser de um sujeito que lê jornais de fraca legitimidade, não lê livros, assiste a novelas e não realizou uma visita cultural no último ano, mas no campo da música tem preferências que misturam gêneros legítimos e pouco legítimos. Na mesma lógica, foram identificados três perfis dissonantes, entre aqueles que misturam consumos culturais de diferente legitimidade. Dois grupos foram constituídos com os perfis em que foi possível identificar tendências nos consumos culturais: um em que a tendência é para os consumos legítimos e outro em que a tendência é para os pouco legítimos. O terceiro grupo foi constituído com os casos em que não foi possível identificar uma tendência, ficando as preferências totalmente misturadas. No Apêndice 11 é exposta a agregação.

Quadro 9 - Agregação dos perfis consonantes e dissonantes de consumos culturais

Categoria de agregação	Características dos consumos
Consonantes legítimos	Os cinco consumos são legítimos, ou quatro consumos o são e não assiste TV ou não escuta música.
Consonantes com predomínio legítimo	Quatro consumos são legítimos e não tem visitas culturais no último ano ou tem gostos musicais misturados. Pode não assistir TV ou não escutar música. Contudo não pode deixar de ler, nem ler um jornal pouco legítimo.
Dissonantes com tendências legítimas	Três consumos são legítimos, um pouco legítimo e outro mistura consumos legítimos com pouco legítimos.
Dissonantes	Combinação em forma proporcional de consumos legítimos e pouco legítimos. Pode combinar também consumos com legitimidade misturada e não classificáveis.
Dissonantes com tendências pouco legítimas	Três consumos são pouco legítimos, um é legítimo e outro mistura consumos legítimos com pouco legítimos.
Consonantes com predomínio não legítimo	Quatro consumos são pouco legítimos e um é misturado. Também pode não se envolver com algum dos consumos, ou apresentar um gosto não classificável.
Consonantes pouco legítimos	Os cinco consumos são pouco legítimos, ou quatro consumos ou são e não assiste TV ou não escuta música.

Nessa nova agregação é possível identificar que os *extremos* consoantes, ainda que menos exigentes, reúnem o menor número de casos comparados com os dissonantes. Conforme a Tabela 50, os mais numerosos são os dissonantes pouco legítimos, seguidos dos consonantes pouco legítimos.

Tabela 50 - Frequência da agregação dos perfis consonantes e dissonantes de consumos culturais

Categoria de agregação	Fr.	%	% AC
Consonantes legítimos	24	5,0	5,0
Consonantes com predomínio legítimo	41	8,6	13,6
Dissonantes com tendências legítimas	41	8,6	22,2
Dissonantes	89	18,6	40,8
Dissonantes com tendências pouco legítimas	119	24,9	65,7
Consonantes com predomínio não legítimo	102	21,3	87,0
Consonantes pouco legítimos	62	13,0	100,0
Total	478		

Fonte: elaboração própria.

No entanto, apesar de ter uma amostra de um tamanho razoável classificada nesses perfis (478, oito casos não puderam ser classificados), o número por categoria é insuficiente para realizar comparações entre grupos. O número de sujeitos por perfil é baixo. Assim, para poder explorar as relações entre os perfis e as PMCTL, decidi fazer mais uma agregação com apenas três categorias de perfil. Os macroperfis foram constituídos da forma que mostra a Tabela 51.

Tabela 51 - Frequência dos macroperfis consonantes e dissonantes de consumos culturais

Agregação	Perfis	Fr.	%	% AC
Macroperfil consonante legítimo (MPCL)	Consonantes legítimos	65	13,6	13,6
	Consonantes com predomínio legítimo			
Macroperfil dissonante (MPD)	Dissonantes com tendências legítimas	249	52,1	65,7
	Dissonantes			
	Dissonantes com tendências pouco legítimas			
Macroperfil consonante pouco legítimo (MPCP)	Consonantes com predomínio pouco legítimo	164	34,3	100,0
	Consonantes pouco legítimos			
Total		478	100,0	

Fonte: elaboração própria.

Descrevo em grandes linhas a distribuição dos sujeitos nos diferentes perfis segundo classe social, nível educacional, gênero e idade, com o propósito de ter uma representação geral do grupo que será analisado no próximo passo. Os dados que serão comentados a seguir se encontram no Apêndice 12.

Na configuração de perfis organizados, quando se analisa a distribuição da amostra conforme as classes sociais, percebe-se uma marcada disparidade. Dos sujeitos da macroposição *privilegiado*, 37,5 % concentram-se nas duas primeiras categorias consonantes legítimas, enquanto as outras reúnem 15,5% e 5,4%, *detentor de ativos de capital* e *trabalhador típico*, respectivamente. Não há nenhum caso classificado dentro do macroperfil consonante legítimo entre os trabalhadores destituídos. No macroperfil consonante pouco legítimo, as proporções invertem-se: é a categoria *trabalhador destituído* que apresenta o

maior percentual (67,3%), seguida pela *detentor de ativos de capital e trabalhador amplo* (32,6 e 28,1%, respectivamente). Os sujeitos da macroposição *privilegiado* ocupam apenas 5,4% dentro do macroperfil consonante pouco legítimo. É importante destacar que, afora a categoria *trabalhador destituído*, as outras três concentram a maior quantidade de casos nas três configurações dissonantes descritas (*privilegiado*; 57,1%; *ativo*: 46,4% e *trabalhador amplo*: 62,0%).

No macroperfil consonante legítimo encontra-se quase um terço dos sujeitos com nível superior, um pouco menos dos sujeitos com nível médio e apenas uma pessoa com Ensino Fundamental. No outro extremo, o macroperfil consonante pouco legítimo reúne 70% dos sujeitos com nível educacional até Ensino Fundamental, enquanto apenas 5% dos sujeitos possuem nível universitário. Já 55% dos sujeitos com Ensino Médio concentram-se nos três perfis dissonantes.

É diferente quando se examina a relação dos perfis com as variáveis gênero e idade. No que diz respeito ao gênero, a distribuição entre os perfis é semelhante. Por exemplo, o macroperfil consonante legítimo reúne 13,3% dos homens e 13,9% das mulheres; entre os dissonantes, o grupo masculino tem 18,5% e o feminino, 18,7%; já no último macroperfil (consonante pouco legítimo), os homens da amostra estão em menor proporção que as mulheres, 31,3% e 36,7%, respectivamente. No que se refere à idade (dicotomizada em menores e maiores de 45 anos), há também uma distribuição bastante homogênea entre as diferentes categorias. Isso significa que a idade, no grupo considerado, não é um fator relacionado com a consonância dos consumos culturais.

Na exploração das relações entre PMCTL e os perfis, devem ser levadas em conta as *constatações* da fase anterior: a) a classe é um forte marcador na distribuição do envolvimento com a prática de exercícios físicos e esporte – consequentemente, se os perfis estão também associados à classe, o envolvimento com PMCTL dos sujeitos classificados segundo sua consonância ou dissonância de consumos culturais refletirá essa associação; b) dado que mulheres e homens não têm o mesmo perfil de envolvimento com PMCTL, é necessário que a análise dos perfis seja feita por grupo segundo o gênero. Os dados comentados a seguir estão tabulados no Apêndice 13.

Em relação às PMCTL, os resultados apontam que dos 24 sujeitos consonantes legítimos, 19 têm um envolvimento com práticas corporais (79%), enquanto que os sujeitos

consoantes de pouca legitimidade estão um pouco abaixo de 30%. Entre os dissonantes, na amostra considerada, 51% estão envolvidos com práticas corporais.

Entre os sujeitos classificados na macroposição de classe *privilegiado*, a proporção de praticantes nos macroperfis consonantes legítimo e dissonante é muito próxima (64,3% e 65,6%), diferentemente dos que se encontram classificados no macroperfil pouco legítimo, que é muito menor (16,7%). No entanto é importante lembrar que neste último segmento o número de sujeitos é bem reduzido ($n = 6$), comparado com os outros dois.

Observando o tipo de prática corporal, percebe-se que entre os homens há praticantes de futebol e futsal em todos os perfis, assim como praticantes de exercícios físicos (caminhada, musculação, corrida). Existe certa proficiência entre os dissonantes com tendências pouco legítimas e os consonantes com predomínio pouco legítimo de praticar futebol e nas categorias mais consoantes com os exercícios físicos. No entanto é bom lembrar que falamos de poucos casos (homens envolvidos com PMCTL $n = 105$).

No que diz respeito ao grupo feminino, observa-se um grande equilíbrio na proporção de caminhantes entre as praticantes de cada um dos três macroperfis. Em relação respeito ao exercício físico, as proporções mudam, sendo os perfis consoantes mais legítimos e os dissonantes os que acumulam maior quantidade de casos, quando comparados com os consonantes poucos legítimos (mulheres envolvidas com PMCTL $n = 127$).

Quando analisada a média do tempo que os sujeitos estavam vinculados com a prática corporal (primeira opção), observa-se que não há diferença significativa entre os homens dentro dos perfis, ao contrário do que ocorre entre as mulheres. No grupo feminino, as pessoas classificadas no macroperfil consonante legítimo têm uma média de tempo de envolvimento significativamente maior (6,73 anos) que o macro macroperfil consonante pouco legítimo (2,7 anos), enquanto que o macroperfil dissonante é de 4,9 anos ($n = 114$).

Para analisar os motivos para a realização de atividades corporais, as respostas foram agregadas em cinco categorias: Lazer; Cuidado com a forma corporal; Saúde; Competição esportiva; e Outros. Para cada prática, das que foram mencionadas pelos sujeitos, registravam-se até três motivos. Dessa forma, para esta análise foi considerada a somatória de todos os motivos mencionados para a primeira prática corporal realizada.

No grupo masculino, os sujeitos classificados dentro dos macroperfis consonante legítimo e dissonante mencionaram em menor proporção motivos vinculados ao lazer (36,6%

e 40,3%), que os classificados no macroperfil preponderantemente consonante pouco legítimo (61,3%).

A respeito dos motivos vinculados ao cuidado com a forma corporal, não houve grandes diferenças entre os macroperfis. Contudo foram os sujeitos com macroperfil consonante preponderantemente legítimo que tiveram uma proporção maior de sujeitos que justificaram seu envolvimento com base nesse tipo de motivo (MPCL: 50,0%; MPD: 35,6%; MPCP: 38,7%). Também tiveram uma vantagem na justificativa sustentada em razões vinculadas à saúde (MPCL: 37,5%; MPD: 32,2%; MPCP: 22,6%) e à competição esportiva (MPCL: 50,0%; MPD: 33,9%; MPCP: 29,0%).

Entre as mulheres, motivos vinculados ao lazer ficaram em torno de 30% em todos os macroperfis. Em relação a motivos vinculados ao cuidado com a forma corporal, não houve grandes variações entre os macroperfis, ainda que se acentuasse no consonante legítimo (MPCL: 54,2%; MPD: 36,7%; MPCP: 40,0%). No que diz respeito ao motivo de saúde, a proporção de mulheres que mencionaram essa opção também foi muito próxima (MPCL: 41,7%; MPD: 35,0%; MPCP: 42,9%).

Em linhas gerais, e sempre lembrando que o número de caso não permite generalizações, parece que, em relação ao envolvimento com PMCTL, ao tipo de prática corporal, à *antiguidade do envolvimento* e aos motivos para o envolvimento, os perfis não têm efeito de diferenciação dentro das classes. Ter maior ou menor proporção de consumos culturais legítimos, aparentemente, não tem relação com o tipo e a forma de envolvimento com PMCTL dentro de uma mesma classe.

A distribuição do tipo de prática nos perfis reflete a própria distribuição das classes sociais dentro dos perfis. Isso significa, entre os homens, uma tendência a diminuir a frequência do envolvimento com o futebol nas classes mais altas e um incremento do exercício físico; nas mulheres de classe privilegiada, uma inclinação a realizar práticas em programas institucionalizados (academias, clubes).

Procurando analisar possíveis diferenças entre os perfis, no que se refere ao cuidado com o corpo, foram incluídas no questionário perguntas vinculadas à alimentação, ao uso de suplementos alimentícios, ao interesse por realizar intervenções corporais com o propósito de mudar a aparência física, e ter se submetido a sessões de massagens corporais.

Em relação ao cuidado com a alimentação, observou-se que entre os sujeitos com macroperfis consoantes legítimos, tanto no grupo masculino (39%) como no feminino

(75,7%), ainda que em proporções bem diferentes, as respostas positivas foram superiores às do macroperfil consonante pouco legítimo (homens, 19%; mulheres, 31%). Nesse ponto, os classificados no macroperfil com predomínio dissonante tiveram proporções intermediárias à os consonantes (legítimos e pouco legítimos). Para os que não se cuidavam na alimentação, foi indagado se eles deveriam cuidar-se. A comparação entre os macroperfis dissonante e consonante pouco legítimo aponta que os primeiros tiveram uma maior frequência de respostas afirmativas, tanto em homens (44%) como em mulheres (44,9%), que os segundos (homens, 14,0%; mulheres, 34%).

Indagado se *Gostaria de realizar alguma intervenção no corpo orientada a manter ou melhorar a forma física/corporal*, o grupo de mulheres consonantes teve a proporção mais baixa (uma pessoa em 12), enquanto as dissonantes a mais alta (18 em 50, 36%). Em todas as outras categorias, a proporção é próxima da segunda. No caso dos homens, poucos manifestaram desejo de passar por uma intervenção desse tipo.

No trabalho com os questionários e com os inúmeros cruzamentos feitos, fiquei com a percepção de certa aproximação entre um maior cuidado do corpo e o vínculo com o tipo da PMCTL, particularmente entre os homens. Assim, aproveitando os dados disponíveis do Vigitel 2006 e a experiência de construir perfis de práticas culturais *ao modo de Lahire*, decidi explorar os dados em busca de uma possível associação.

Basicamente, indaguei se pessoas com um perfil consonante com práticas de *cuidados do corpo* teriam um envolvimento com PMCTL diferenciado daquelas com um perfil consonante de práticas distantes do indicado neste campo. Para responder à questão, primeiramente montei os perfis, combinando informação sobre uso de fumo, índice de massa corporal, consumo de hortaliças e frutas, consumo de gordura visível, consumo de refrigerantes e bebidas alcoólicas, segundo a codificação dos microdados da pesquisa utilizada. As respostas foram codificadas segundo o proposto pelo Vigitel 2006 e expostas no Quadro 10.

Práticas de cuidados do corpo	Critérios de classificação -Vigitel 2006 -
Fumo	Não fuma e nunca fumou Não fuma, mas já fumou Fuma
Índice de massa corporal	Peso normal (IMC < 25) Sobrepeso (25 < IMC < 30) Obesidade (IMC > 30)
Consumo regular de hortaliças (≥ 5 dias por semana)	Sim Não
Consumo regular de frutas (≥ 5 dias por semana)	Sim Não
Consumo de gordura visível	Sim Não
Consumo de refrigerante com açúcar (≥ 5 por semana)	Sim Não
Consumo abusivo de bebidas alcoólicas	Sim Não

Quadro 10 - “Cuidados com o corpo” codificação

Essa codificação permitiu constituir um perfil para cada um dos 23.505¹⁰⁶ sujeitos da pesquisa, dentro das características da população em estudo (ter entre 25 e 65 anos de idade e trabalhar). Combinando as diferentes possibilidades para cada uma das práticas consideradas, constituíram-se 193 perfis diferentes, sendo que o de maior frequência acumula 9,6% dos casos (Apêndice 14).

Para ver a relação *cuidados corporais* e PMCTL, escolhi apenas dois perfis. Um constituído por sujeitos que não fumam e nunca fumaram, têm um peso normal (IMC entre 18,5 e 25), com uma alimentação *saudável* (come regularmente hortaliças e frutas e não come carnes com gordura exposta), não costumam ou bebem pouco refrigerante com açúcar e não têm um consumo abusivo de bebidas alcoólicas – o qual passo a chamar de *perfil 1*. O outro perfil caracterizar-se-ia por sujeitos que fumam ou já fumaram, têm peso acima do recomendado (IMC maior que 25), com uma alimentação *pouco saudável* (não consome hortaliças, nem frutas regularmente, costuma comer a gordura visível nas carnes), bebe bastante refrigerante com açúcar e pode beber em excesso – o qual denominei *perfil 2*.

Tanto um perfil quanto o outro envolvem uma porção minoritária da amostra. O *perfil 1* tem 580 casos, 2,4% da amostra e 1,9% da população (dados expandidos); o *perfil 2* possui 553 casos, 2,3% da amostra. Para descrever algumas características gerais desses grupos, utilizei os dados expandidos. O *perfil 1* é constituído majoritariamente por mulheres (67%), a

¹⁰⁶ A amostra do Vigitel 2006 tem 28.405 sujeitos com essa característica, contudo não constam dados de 4.900 casos.

maioria casada (63,2%), com uma média de idade um pouco acima da população em estudo (população = 39,31; *perfil 1* = 42,94), com uma sub-representação da população com menos estudos (até oito anos: população = 49,3; *perfil 1* = 34,5; entre nove e 11: população = 28,2; *perfil 1* = 25,8,5) e uma sobrerrepresentação dos sujeitos com mais de 12 anos de escolaridade (população = 22,5; *perfil 1* = 38,6), e cujo nível de exercício físico é compatível com o da população (57,2%). Já o *perfil 2* é constituído majoritariamente por homens (80,6%), também a maioria casada (70,2%), com uma média de idade um pouco abaixo da população em estudo (população = 39,31; *perfil 2* = 36,15), com uma marcada sub-representação na faixa etária que vai entre 53 e 65 anos (população = 12%; *perfil 2* = 2,3%), com uma sub-representação da população com mais de 12 anos de estudos (população = 22,5%; *perfil 2* = 14,9), sobrerrepresentação daqueles entre nove e 11 anos de escola (população = 28,2; *perfil 2* = 34,3) e um percentual praticamente equivalente entre os de menor escolaridade (até oito anos de estudo: população = 49,3; *perfil 2* = 50,8) e um nível de exercício físico abaixo da média da população (população = 57,2%; *perfil 2* = 41,5%).

Quando analisadas as PMCTL dos homens do *perfil 1*, observa-se que, dos 110 sujeitos praticantes da amostra, apenas 11 vinculam-se com esportes e lutas (17,9% da população com os dados expandidos). O restante do grupo vincula-se com atividades que podem ser reunidas na categoria *exercícios físicos* (caminhada, com 26,7%, e musculação, com 18,6%, são as duas mais frequentes). Isso significa que o grupo apresenta uma marcada sub-representação nos esportes, particularmente no futebol (população = 37,4%; *perfil 1* = 10,1%) e, conseqüentemente, uma sobrerrepresentação no exercício físico. Também é importante destacar que o envolvimento do grupo com PMCTL é bastante superior à média do grupo (população = 49,8%; *perfil 1* = 64,7%).

Entre as 263 mulheres deste grupo, não se percebem inversões nas proporções das modalidades praticadas, como no caso dos homens, mas também há um nível de envolvimento com PMCTL acima da média da população (população = 34%; *perfil 1* = 54%). As três modalidades mais praticadas neste grupo (dados expandidos) são caminhada (46%), musculação (15,8%) e hidroginástica (11,3%), assumindo proporções similares ao envolvimento da população em geral (caminhada, 55%; musculação, 13,1%; e hidroginástica, 3,4%), ainda que se perceba certa sobrerrepresentação das práticas institucionalizadas (de academia, clube etc.).

Quando analisado o envolvimento do *perfil 2* masculino com PMCTL, percebe-se uma configuração bastante diferente à do *perfil 1*. Não há uma diferença importante com a proporção de praticantes na população em geral (população = 49,8%; *perfil 2* = 46,3%), e sim no tipo de prática mais comum. Dos 192 praticantes, 92 jogam futebol – com os dados expandidos para toda a população, isso equivale a 56,8% dos sujeitos deste grupo. Entre as práticas vinculadas ao exercício físico, a bicicleta e a caminhada reúnem, respectivamente, 9,9% e 8,9% dos praticantes do *perfil 2*.

No *perfil 2* feminino, das 133 pessoas que o compõem, apenas 33 (21,1%, dados expandidos) têm envolvimento com PMCTL, o que impossibilita qualquer tipo de comparação no cruzamento de dados. Apenas com o intuito de registrar a informação, 21 das mulheres do grupo ativo têm como principal atividade a caminhada.

Esse exercício permitiu reforçar a ideia de que existiria uma relação significativa entre o tipo de PMCTL e o perfil de *cuidados do corpo* em outras dimensões, como controle do peso, alimentação e bebida. Os exercícios físicos parecem ser mais compatíveis com perfis que associam práticas de cuidado com o corpo, diferentemente do esporte, em especial o futebol. No caso das mulheres, um perfil de cuidados com o corpo está mais associado ao envolvimento com PMCTL. Todavia é importante salientar que, ainda que não se disponha de informações para cruzar os dados analisados com a posição de classe dos sujeitos, é admissível supor, com base nos dados da escolaridade dos sujeitos, que o *perfil 1* tem uma porção importante de representantes da categoria *privilegiado*, e o *perfil 2* das macroposições *trabalhador amplo* e *destituído*. Então, classe, cuidado do corpo e PMCTL estão associados. Por outro lado, também é possível especular que em ambos os perfis, mas numa probabilidade menor, se encontrem sujeitos de ambos os extremos do espaço social.

3.2 ESTILOS DE VIDA E AS PREFERÊNCIAS POR PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE: CASOS EM DIÁLOGO

Acompanhando o raciocínio de Lahire, entendi que a forma de fazer pesquisa descrita no tópico anterior tem seus limites para aprofundar a discussão em aspectos mais subjetivos sobre as preferências das pessoas por determinadas práticas corporais e a relação que estas têm com seus consumos culturais e outras práticas culturais. Por esse motivo, na segunda parte da segunda etapa, desenvolvi outro movimento de pesquisa, procurando compreender,

desde outro ângulo, o envolvimento que sujeitos com localizações diferentes no espaço social e perfis de consumos culturais distintos têm com PMCTL.

Particularmente, pelos limites de tempo impostos pela necessidade de concluir o trabalho, priorizei para esta apresentação dois dos aspectos analisados: o significado atribuído pelos pesquisados ao envolvimento com exercício físico e/ou esporte e os possíveis vínculos com outras práticas culturais dentro de seus estilos de vida.

Sobre o primeiro aspecto analisado, procurei avançar com as entrevistas num dos problemas das pesquisas tipo *survey* apontados por Bourdieu (2004, p. 209-210):

uma das dificuldades na análise das práticas esportivas reside no fato de que a unidade nominal (tênis, esqui, futebol) considerada pelas estatísticas [...] mascara uma dispersão, mais ou menos forte, conforme os esportes das maneiras de praticá-los, e no fato de que essa dispersão cresce quando do aumento do número de praticantes [...] é acompanhado de uma diversificação social desses praticantes.

Na perspectiva do autor, isso ocorre dessa maneira pelo fato de os produtos culturais não terem uma única forma de ser apropriados. Ele afirma a respeito que: “ainda que seguramente um esporte, uma obra musical ou um texto filosófico definam, devido às suas propriedades internas, os limites dos usos sociais que podem ser feitos deles, eles se prestam a uma diversidade de utilizações e são marcados a cada momento pelo uso dominante que é feito deles” (BOURDIEU, 2004, p. 214). Dessa forma, com as entrevistas procurei entender quais são as propriedades socialmente pertinentes reconhecidas pelos sujeitos pesquisados nas modalidades de exercícios físicos ou esportes por eles praticados, as quais são afins com seus interesses, gostos e preferências. Em outras palavras, procurei indagar sobre o que o sujeito *vê* na atividade que realiza, o que desperta seu interesse por ela.

O outro ponto de análise, privilegiado nesta apresentação, referiu-se à relação do engajamento em atividades esportivas ou em rotinas de exercícios físicos com outras práticas culturais dos sujeitos, particularmente, em duas dimensões: a) o cuidado com o corpo; e b) as práticas de sociabilidade e de lazer-entretenimento. No primeiro desses pontos, procurei observar em que grau as práticas corporais são compatíveis com outros procedimentos de cuidado corporal, tanto na dimensão estética quanto na orgânica e psicológica, que podem, em seu conjunto, indicar a existência de disposições mais amplas para o gerenciamento do corpo. No segundo, busquei indagar sobre o lugar que as práticas corporais ocupam no universo das práticas de sociabilidade e de entretenimento dos sujeitos, ou seja, em que grau práticas

corporais podem estar vinculadas a uma esfera mais abrangente de cultivo de relações sociais e de consumo no lazer.

Nessa linha, procurando refletir sobre os aspectos mencionados, selecionei para a análise os sujeitos que participaram da entrevista por questionário *Práticas Culturais dos Porto-Alegrenses*, classificados dentro dos macroperfis consonantes legítimos e pouco legítimos, envolvidos em PMCTL. A escolha foi orientada por entender que esses são os perfis mais homogêneos do ponto de vista da legitimidade dos consumos culturais e, portanto, os sujeitos que por suas práticas culturais melhor representam a ideia do *habitus bourdieusiano*.

Assim, parte desses casos foi convidada a participar de um segundo momento de entrevistas¹⁰⁷, para conhecer mais detalhes sobre as práticas culturais e, particularmente, seu envolvimento com as PMCTL. No entanto, com nem todos foi possível combinar a participação na nova etapa da pesquisa (entrevistas em profundidade), o que implicou procurar pessoas extra-amostra para realizar essa parte do trabalho. Desse modo, além dos sujeitos selecionados segundo a descrição acima, também foram incluídas pessoas que preenchiam, pelo menos, dois dos critérios tomados como referências: localização no espaço social (ocupação) e tipo de prática corporal. Especificamente, busquei sujeitos afastados no espaço social (extremos nas macroposições de classe) e envolvidos com práticas corporais divergentes e convergentes com o grupo social de referência.

O arranjo de casos escolhidos, para discutir os significados das PMCTL e os possíveis vínculos com outras práticas culturais, é exposto em dois *mapas*: um apresenta os casos femininos (Figura 8), e o outro, os masculinos (Figuras 9). Nos mapas, cada caso traz, além do nome (fictício), informações sobre ocupação, idade e tipo de prática corporal. Também se agregam, entre parênteses, informações sobre a origem do caso (amostra *DA* ou extra-amostra *EA*) e o tipo de entrevista da qual participou (entrevista semiestruturada *ES* ou entrevista/s em profundidade *EP*).

¹⁰⁷ Inicialmente, as entrevistas foram realizadas com o intuito de esses casos serem analisados na terceira etapa da pesquisa. Porém, por falta de tempo para seu total desenvolvimento, tiveram de ser preteridos.

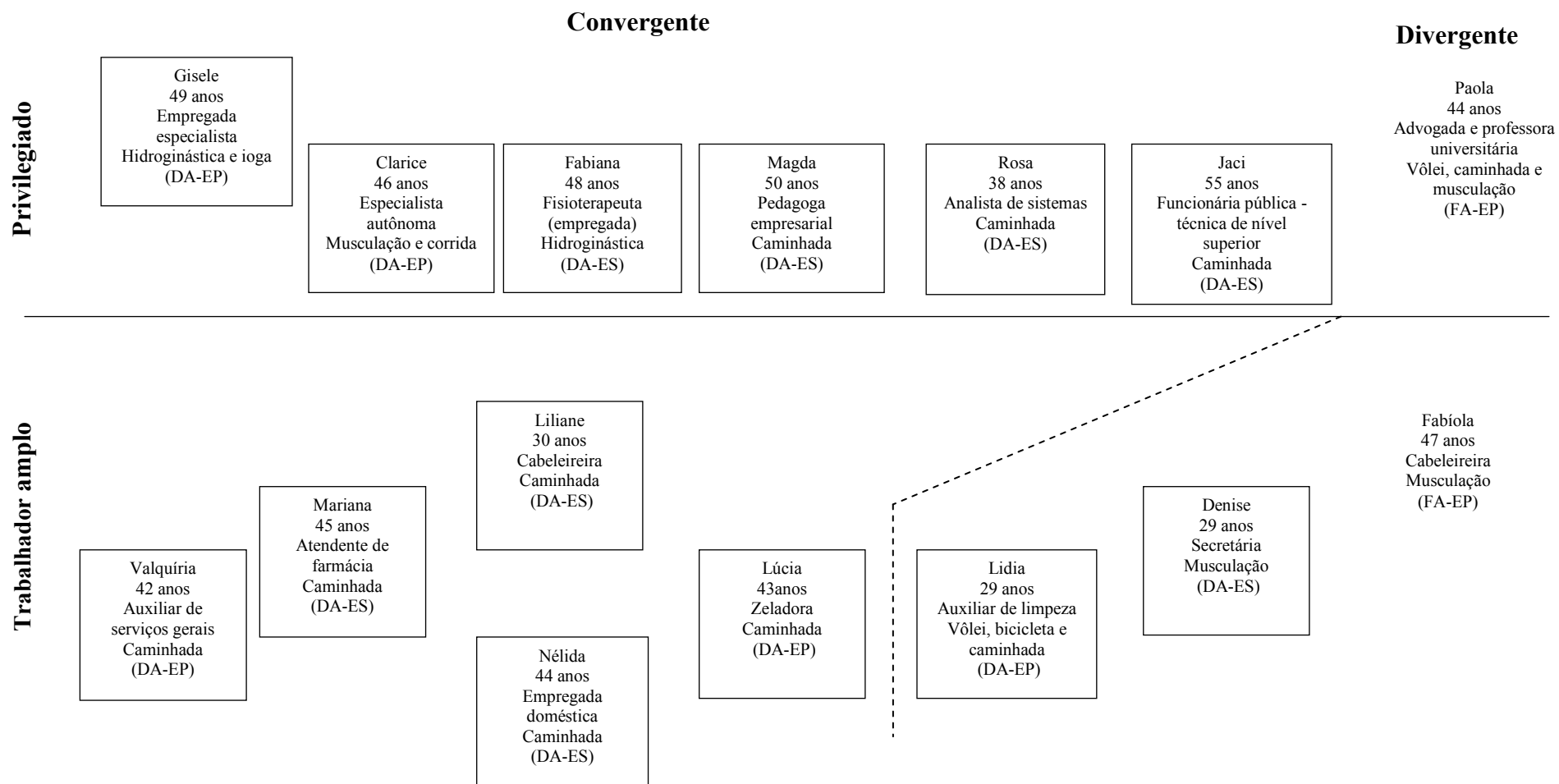


Figura 8 - Casos femininos em diálogo na análise

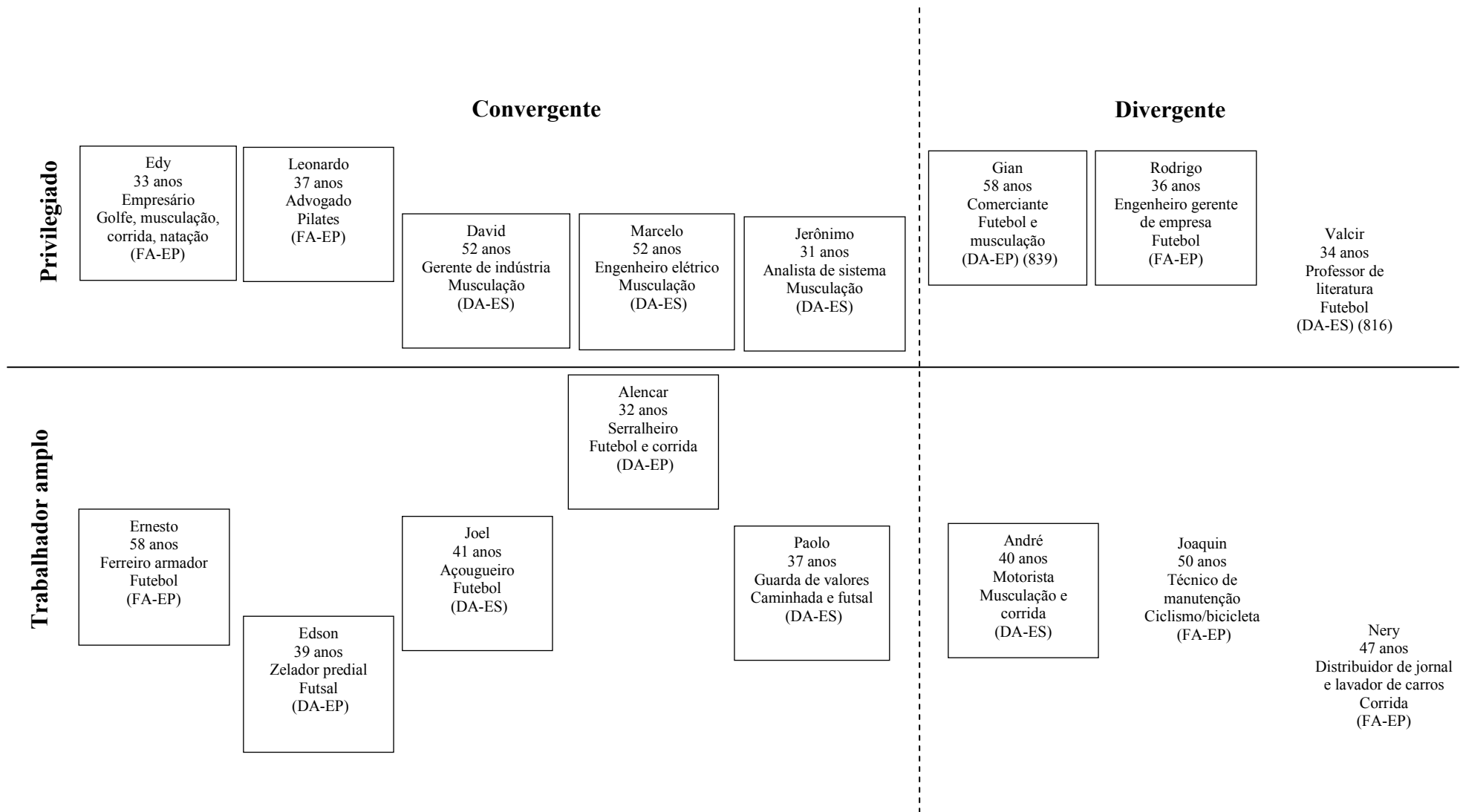


Figura 9 - Casos masculinos em diálogo na análise

Entre as diversas possibilidades de organizar os dados e discutir os casos, escolhi apresentar a descrição detalhada de um sujeito por combinação de espaço social, gênero e tipo de prática corporal e, na sequência, estabelecer um diálogo entre esse caso e os outros apenas comentados. A ideia foi mostrar os significados que podem ser atribuídos por pessoas com perfis semelhantes (mesmo espaço social, nível educacional e consumos culturais semelhantes) a uma mesma prática corporal, assim como apontar possíveis relações com outras práticas culturais, particularmente cuidados com o corpo e sociabilidade. Os casos escolhidos para serem descritos em detalhe são os apresentados na Figura 10.

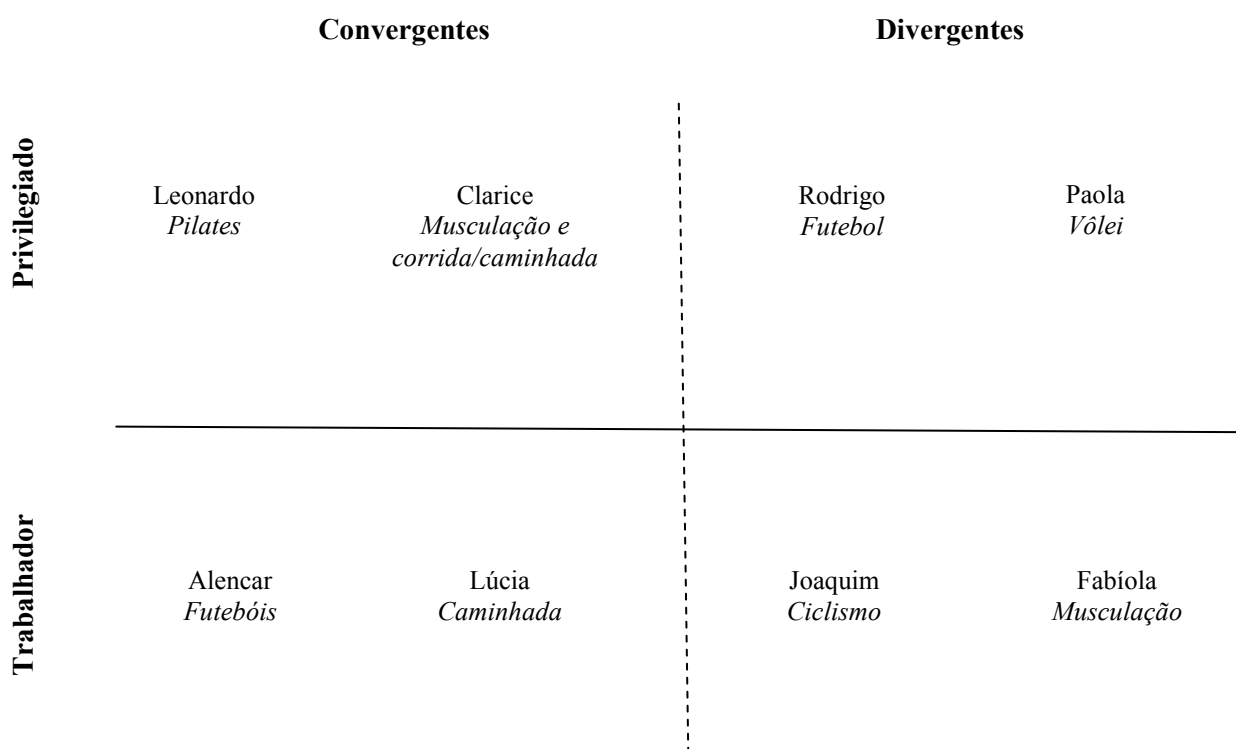


Figura 10 - Casos escolhidos para discutir o significado das PMCTL

Fonte: elaboração própria

Nesta parte da pesquisa, no entanto, são apresentados em detalhe seis dos oito casos: Clarice, Lúcia, Paola, Fabíola, Alencar e Joaquim. Os outros dois casos, Leonardo e Rodrigo, são desenvolvidos na terceira parte da pesquisa, onde, além de discutir os temas tratados neste momento, foi analisada especificamente a constituição das disposições desses sujeitos.

Para cada caso descrito em detalhe foi realizada uma caracterização socioeconômica, um relato de sua rotina, detalhamento de seus consumos culturais, envolvimento com as PMCTL, cuidados com o corpo e rede de sociabilidade. Entendo que tais dimensões podem ajudar a compreender a prática do exercício físico e/ou esporte na complexidade do que se denomina estilo de vida de uma pessoa e do grupo social a que pertence.

A caracterização socioeconômica busca localizar o sujeito no espaço social na atualidade, assim como, marcar, com base na localização social dos pais, possíveis deslocamentos (ascendentes ou descendentes) nesse universo. Esse esforço é produto do reconhecimento de que as disposições atualizadas nas práticas culturais são produtos da trajetória dos sujeitos em espaços sociais específicos e, portanto, pessoas que tiveram deslocamentos mais importantes têm maior probabilidade de apresentar práticas dissonantes.

A descrição da rotina procura explicitar como as PMCTL se *encaixam* no cotidiano das pessoas em estudo. Uma das condições irredutíveis da prática de exercícios físicos ou esportes é que ela deve, efetivamente, ganhar espaço na agenda (semanal) dos sujeitos e, portanto, concorre com outras atividades (trabalho, cuidado da família), exigindo um equacionamento das diferentes demandas. Isso significa que, no arranjo do tempo que possibilita o envolvimento com PMCTL, se combinam condições objetivas (dispor ou não de horas livres) e subjetivas (tendo esse recurso imprescindível disponível, decidir/valorar ocupar o *tempo livre* com práticas corporais).

Nesta parte do trabalho, ganha destaque também a descrição dos consumos culturais dos sujeitos. O propósito foi explicitar as nuances, no que se refere à sua legitimidade, que essas práticas ganham e, conseqüentemente, relativizar da ideia de *habitus* como espaço de geração do conjunto de práticas sociais do sujeito. Dessa forma, se amplia a possibilidade olhar as práticas dos sujeitos como manifestações da atualização de diferentes núcleos

disposicionais, os quais ganham predominância dependendo do tipo de atividade cultural e contexto com o qual o sujeito se envolve.

Na construção dos perfis, as práticas corporais ganharam uma descrição detalhada, que destaca a história do vínculo e a relação atual com esse universo. A *biografia* das práticas corporais busca explicitar a antiguidade da relação com as PMCTL e possíveis continuidades/rupturas que tenham acontecido ao longo de sua vida, tanto no que se vincula ao envolvimento como aos sentidos atribuídos. Entendo que os significados são construídos e reconstruídos ao longo do tempo e que o sentido atribuído à prática não é produto da experiência imediata, e sim da decodificação em experiências. Na descrição atual, coloca-se ênfase sobre as características, o contexto social, a competência na realização da prática, o custo financeiro para o envolvimento e o sentido atribuído à PMCTL.

As descrições vinculadas ao que de forma genérica denominei *cuidados com o corpo* reúnem informações de como os sujeitos lidam com aspectos como cuidado com a saúde, alimentação, preocupações/cuidados estéticos (vestuário, aparência). O propósito foi tentar reconhecer a existência de vínculos entre as PCMTL com essa dimensão do cuidado de si¹⁰⁸.

Finalmente, destaquei aspectos vinculados às redes sociais dos sujeitos da pesquisa. A intenção foi conhecer até que ponto a PMCTL pode, ou não, ganhar espaço no universo das estratégias/práticas de manutenção e desenvolvimento de laços de convivência e/ou divertimento em ambientes de amizade.

¹⁰⁸ Neste trabalho, a expressão “cuidado de si” não assume os contornos do conceito *foucaultiano*. Opero com uma ideia mais cingida, referida a um conjunto de preocupações consigo-mesmo (manifestas em reflexões e práticas) que têm como foco o cuidado da saúde e do bem-estar.

3.2.1 Mulheres *Privilegiadas* com Práticas *Convergentes*: Diálogo com Clarice

Uma economista com práticas corporais convergentes¹⁰⁹

Clarice tem 46 anos, reside em Porto Alegre desde os 13 anos de idade, é divorciada e mãe de uma menina de 12 anos. Trabalha de forma autônoma, prestando assessoria e consultoria na área financeira e econômica para empresas, particularmente de tamanho micro e médio. É formada em Economia numa universidade pública e tem pós-graduação. Vive em apartamento próprio, localizado na região central¹¹⁰ da cidade. Por suas atividades laborais, tem um rendimento mensal de cerca de três mil reais e uma renda familiar média próxima a 4,5 mil reais por mês (considerando a pensão alimentícia que sua filha recebe, com a qual se cobre parte dos gastos da menina).

¹⁰⁹ Clarice respondeu ao questionário *Práticas Culturais no Tempo Livre dos Porto-Alegrenses* para um dos entrevistadores que colaborou com o trabalho, o qual é seu vizinho. O local das entrevistas foi escolhido por Clarice, um café do Bairro Bom Fim. A maioria dos encontros foi à tarde, em geral sem horários pré-estabelecidos para serem encerrados. Foram realizadas cinco entrevistas num período de três meses, com um intervalo mínimo de uma semana e máximo de três. Todas elas, gravadas, somaram quase nove horas de áudio. Após as cinco entrevistas, houve mais dois novos encontros para esclarecimentos, de minha parte, sobre o andamento da pesquisa e para confirmar e/ou complementar algumas informações.

¹¹⁰ Os domicílios do bairro têm um rendimento médio mensal de 15,80 salários mínimos.

É a terceira de uma família com três filhos, oriunda do interior do Rio Grande do Sul, que, na metade da década de 1970, se mudou para a capital, buscando melhores condições de vida. Seu pai nasceu na zona rural de uma cidade do interior gaúcho e chegou a completar o Ensino Fundamental. Durante sua juventude, foi jogador de futebol nas equipes da cidade. Foi para Porto Alegre transferido pela empresa de seguros onde trabalha como corretor. Vários anos depois de estar morando na capital, trocou de emprego, passando a atuar como corretor de imóveis, ocupação que manteve até sua aposentadoria.

A mãe nasceu também no interior, mas, diferentemente do pai, numa família com boas condições socioeconômicas. Coursou o Magistério e trabalhou como professora de Ensino Fundamental, tanto na cidade em que residiram durante a infância de Clarice como em Porto Alegre. Na escola confessional em que trabalhou na capital, depois de alguns anos assumiu a contabilidade da instituição (“Não assinava [os livros contábeis], mas o resto tudo era com ela”), atividade que exerceu até sua aposentadoria.

Rotina

Clarice calcula que trabalha umas 48 horas por semana; entretanto não tem nem horário nem local fixos para desenvolver sua atividade profissional (parte do trabalho o faz em casa e outra parte nas empresas às quais presta assessoria, inclusive fora da capital). O trabalho é intermediado por uma agência de apoio ao empreendedor e pequeno empresário. Assim, sua rotina laboral está condicionada à demanda de seus serviços. As consultorias são marcadas segundo as possibilidades de sua agenda. Isso lhe dá certa autonomia para conciliar seu trabalho com outras atividades. Ainda que nem sempre seja dessa forma: “Isso me é possível, digamos, de concentrar o meu trabalho mais na parte da tarde. Então de manhã geralmente atendo a minha filha, parte da casa e trabalho também. À tarde e no final de semana, trabalho direto para atender as empresas. Claro que existem algumas delas que não é possível atender na parte da tarde. Bom, atendo pela manhã; lógico, preciso também viver, mas tenho essa possibilidade!”.

Também está envolvida com outras atividades dentro do universo profissional, ainda que não remuneradas. Trabalha junto ao conselho profissional num grupo que tenta orientar os economistas recém-formados sobre o campo de atuação e participa semanalmente de um programa

numa rádio da cidade, em que se discutem temas do campo.

No que tange à rotina semanal, uma das vantagens que aponta em seu trabalho é exatamente o fato de poder *acomodar* suas obrigações profissionais com outras exigências cotidianas: “Contribui porque na verdade tenho que dar conta de várias coisas: da casa, tenho só uma faxineira, não tenho empregada; da comida; de fazer supermercado; de filho; de casa, de botar dinheiro”.

Clarice faz um esforço para participar da vida da filha. Geralmente é ela quem a leva aos treinos de voleibol pela manhã. Também costuma *auxiliar* a menina com os temas de casa, intensificando sua ação em época de provas, assim como reserva um tempo para programas fora de casa, como almoçar no clube às quartas-feiras.

Nessa mesma linha, vê na possibilidade de trabalhar em casa outra vantagem de conciliar suas múltiplas tarefas: “Tenho, assim, essa liberdade de não ter especificamente um horário, [o que é uma vantagem], principalmente para cuidar da minha filha, para ficar em casa e tal... e, mesmo com ela, enfim, levo muito as crianças para a minha casa, entendeste?”.

Quando as exigências horárias do trabalho e da família não são conciliáveis, entra em ação a ajuda familiar, tanto da mãe de Clarice quanto do pai da menina. Nos finais de semana, a rotina depende se está

ou não com a filha. Contudo algumas práticas se repetem: almoçar na casa da mãe, caminhar/correr no Parque da Redenção¹¹¹ e trabalhar. Com certa frequência, também faz visitas e passeios. Clarice identifica no fato de estar divorciada e de compartilhar a guarda da filha com o ex-marido elementos que possibilitam uma maior disponibilidade de tempo: “Sou divorciada, então, talvez essa situação me permita um pouco mais de liberdade, por quê? Porque a minha filha, por exemplo, tem alguns finais de semana e toda a quinta-feira que fica com o pai dela. Então esse compromisso com a minha filha não tenho, entende? Então algumas outras coisas que de repente vão até mais tarde faço na quinta-feira ou no final de semana que está com o pai”.

Consumos culturais

Clarice tem experiência com diversos consumos culturais, entretanto concentra seu envolvimento regular em alguns poucos. Desde a aproximação estatística ela tem um perfil convergente legítimo (considerando suas preferências com respeito a música, jornal, livro, TV, visitas culturais). No entanto, quando o número de consumos considerados se amplia, seu

perfil fica menos consonante, com algumas práticas pouco legítimas.

A leitura de livros é uma constante na vida da Clarice: “Estou sempre em função”. Ela estima o número de livros lidos por ano em cerca de quatro. Tem como gêneros preferidos aqueles que tratam dos “relacionamentos [interpessoais]” e do “funcionamento das pessoas”, além dos livros técnicos que está “estudando sempre”. No momento da participar da segunda etapa da pesquisa, fazia três meses que tinha comprado seu último livro *Pergunte a Platão* [Lou Marinoff, 2005], o qual estava lendo no momento. Nessa mesma linha, destacou uma segunda obra, do mesmo autor, *Mais Platão e menos Prozac* [2001], e que tinha lido recentemente. A escolha do livro dá-se através das indicações trazidas pelo semanário que costuma ler e das sinopses das próprias obras. Também tem por costume ler revistas, entretanto não assina nenhuma. Compra os exemplares de forma avulsa, com uma frequência quinzenal: “[Revista] *Veja* e algumas específicas da área”. Lê o jornal praticamente todos os dias pela internet, basicamente, a *Gazeta Mercantil*. Mais que suas outras leituras, a do jornal está pautada pela busca de informação profissional (seções mais lidas: economia).

Clarice gosta de cinema, assiste regularmente (pelo menos uma vez ao

¹¹¹ O Parque Farroupilha, também conhecido como Parque da Redenção, é o mais popular da cidade.

mês), mas já foi com maior frequência. Seu gênero preferido é o drama: “Filmes que possam passar uma mensagem”, ainda que possa ver outro tipo de filme para acompanhar sua filha, por exemplo: *A era do gelo 3* (último filme assistido antes da entrevista). Não tem um filme preferido, mas gostou muito de *Divã* [José Alvarenga Jr., 2009]. Não tem um diretor de cinema de referência. Um de seus programas preferidos é, depois de assistir ao filme, discuti-lo: “Gosto de ver o filme e digerir depois, tomar um café e ficar falando sobre, isso é o gostoso, no meu ponto de vista”. Ainda que prefira filmes que permitam a análise, ir ao cinema pode ser apenas um programa para passar um bom momento e rir um pouco, em especial quando sai com sua filha. Risos que costumam desagradar à sua jovem acompanhante: “Às vezes a gente vai ao cinema e realmente eu começo a dar risada. Na saída [comento com ela], „mas é muito engraçado!“ [e a filha responde:] „Menos mãe, menos mãe, que mico todo mundo te olhando tu rires!“”.

Não é frequente alugar DVDs para assistir em casa. Pode ser mais um programa para sua filha. Quando aluga, não tem preferências de gênero, diferentemente das que tem para o cinema.

A música assume basicamente o papel de uma companhia durante o trabalho em casa, sempre que possível está escutando.

Seus gêneros preferidos são o *pop rock* e a MPB (música popular brasileira). Entre seus intérpretes preferidos, em português, menciona Capital Inicial, Jota Quest, Nana Caymmi, ainda que também goste de música em inglês.

O rádio aparece como um dos principais suportes para escutar música, uma companhia durante o trabalho. Uma de suas emissoras preferidas é a *Antena 1*¹¹² [frequência 89,3 MHz FM].

Já foi ao teatro, mas não é um programa que faça regularmente. Indagada sobre quando foi pela última vez, teve dificuldades de lembrar: “Bah, a última vez? Faz tempo”. Não assistiu a concertos de música clássica nem óperas. Porém já assistiu a espetáculos de dança contemporânea. Também já foi a exposições de pintura e escultura, mas não faz parte de suas saídas habituais. Ainda assim, dois meses antes da segunda etapa da pesquisa, tinha visitado uma exposição de arte moderna no MARGS [Museu de Arte do Rio Grande do Sul *Ado Malagoli*]. Ir a museus é mais comum, pelo menos três visitas por ano. Quando indagada

¹¹² Basicamente a programação atual é formada por blocos de 60 minutos, sendo que 50 minutos são dedicados a execuções musicais, enquanto os minutos restantes são divididos entre a intervenção do locutor e o intervalo comercial. Geralmente são tocados *flashbacks* das décadas de 1970 e 1980, canções do gênero adulto contemporâneo e lançamentos internacionais. A rádio possui música brasileira em sua programação, porém não em português.

sobre o que a impulsiona a fazer essas saídas, destaca a “exposição de uma mostra interessante”, mas também conhecer espaços ricos do ponto de vista educativo, particularmente para a filha, como é o caso do *Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS*.

Nunca foi a bailes públicos. Já foi a discotecas, mas não lembra quando foi pela última vez. Já assistiu a recitais de música, mas é bastante raro. Todavia, por um convite de um conhecido, um mês antes da entrevista tinha assistido ao *Festival da Canção da Aliança Francesa*, realizado no teatro da UFRGS. Quando indagada sobre seus motivos para assistir a esse tipo de espetáculo, afirma ser porque gosta e “porque está sempre atenta a esse tipo de coisa: quando acho que vale a pena, vou”. Quando se trata de televisão, Clarice calcula que assiste a uma média de duas horas por dia, sendo a programação de um canal de notícias da TV a cabo sua preferida (“o 40 [canal Globo News] direto”). De forma semelhante a outros consumos culturais, a TV é basicamente uma fonte de informação vinculada ao universo profissional. Entre seus programas preferidos, menciona *Entre aspas* [conduzido por Mônica Waldvogel] e *Globo News Painel* [conduzido por William Waack]. Geralmente, o aparelho é ligado para ver os programas preferidos, e não tem uma função de companhia.

Assistir a esse canal tem-se incorporado aos hábitos familiares: “Quando a televisão está ligada, o que também é raro, está sempre no [canal] 40. A minha filha já aprendeu, liga a TV [e diz]: „Mãe, está na hora do jornal, está na hora do [programa]. „Conta corrente [conduzido por Sidney Rezende e Guto Abranches]” vem” [riso]. Aí a amiguinha pergunta: „o quê?” [e a filha responde:] „É o conta corrente da minha mãe”[risos]”

Práticas corporais

O início das práticas corporais se confunde com sua associação ao clube recreativo que frequenta atualmente (são 30 anos de vínculo). Ser sócio aparentava ser um pré-requisito tácito, entre os alunos de sua escola, para poder fazer parte do grupo: “É meio uma „venda casada”, digamos assim, uma coisa complementa a outra”.

Entretanto a associação não estava pautada, inicialmente, pela ideia de praticar esporte e, sim, por intensificar os laços sociais: “Quando fui para o clube, a prática era só namorar”. O clube aparece como um espaço de sociabilidade classificador. É no clube que ela debuta (ela participou dessa festa de apresentação à vida social também em outras cidades do interior: Bagé, Encruzilhada, Rio Grande e Santa Maria). Aproximadamente na mesma época, Clarice fazia voleibol na escola, mas não

reunia requisitos atléticos necessários que lhe permitissem permanecer nessa prática: “Era fraquinha, mas gostava”. Chegando ao final da adolescência, e depois de ter praticado, durante alguns meses, ginástica aeróbica numa academia perto de sua casa, passou a fazer natação no clube, prática na qual permanece por muitos anos: “Me mexia na água, depois comecei a fazer aula para nadar direitinho [...]. Muito tempo nadei, na época, na escolhinha para adulto. Como sou dedicada [...], era uma das alunas mais dedicadas, ia sempre, fazia direitinho e tal, aí me convidaram para fazer parte da equipe. Daí um pessoal mais adulto, já de máster, aí treinei um pouco com eles, daí a vida tomou outro rumo e não continuei”. Clarice nunca competiu.

Durante uma época de seu casamento, passou a frequentar menos o clube, mas continuou fazendo exercícios físicos em casa: “Sempre tive em casa, no mínimo, uma esteira, que não era cabide, eu usava. Depois tinha uma bicicleta, depois tinha uns pesinhos. Isso fazia parte de meu cotidiano”.

Quando ficou grávida, passou a fazer hidroginástica. A intenção era de cumprir com as exigências de uma mãe moderna, assim como o desejo de “voltar a meu normal, em termos físicos”. Na mesma linha, colocou a filha em aulas de natação para bebês, e ela aproveitava essa situação para seguir nadando, fazer seu exercício.

Fora esses períodos excepcionais, a tendência da época foi fazer exercícios mais em casa do que fora.

Depois da separação, voltou a frequentar o clube de forma mais regular. O retorno esteve pautado também por condições objetivas que dificultavam manter a prática de exercício em casa: “Quando ele foi embora, a esteira foi junto. A bicicleta já era um tanto antiga e aí, então, terminei voltando para o clube”.

Em seu retorno, voltou a nadar, aproximadamente durante um ano, passando logo para a musculação. A mudança de uma prática para outra se relacionou ao tempo requerido pelas atividades aquáticas: “[A natação] demanda um tempo maior, precisa de uma preparação antes, durante e depois. Para a mulher, é um pouco mais complicado, cabelo... e essas coisas mais ligadas à... vaidade feminina”. Assim, nos últimos cinco anos, ela faz musculação e caminha/corre regularmente.

Nessa recuperação histórica de sua trajetória no âmbito das práticas corporais, é importante salientar que ela nunca parou de fazer exercícios físicos, tendo sempre o clube, o Parque da Redenção e sua própria casa como os principais cenários. Quando perguntada sobre se houve alguma época, após a adolescência, em que interrompeu a prática de exercícios, responde: “[...] Acho que não, nem quando estive grávida [...].

Acho difícil [ter interrompido], até pode ser que sim, mas não consigo lembrar”.

Práticas corporais hoje

A musculação é realizada no mesmo clube recreativo onde a filha também pratica esporte. Busca fazer coincidir seus horários de prática com os do treino de voleibol da filha: “Disponho de três manhãs, parte de três manhãs em que a levo para fazer esporte [...]; enquanto isso, faço a minha aula”. As corridas/caminhadas são realizadas mais aos finais de semana, no Parque da Redenção, do qual mora muito perto: “[...] final de semana ou algum outro dia em que eu corra, aí é uma coisa mais independente”.

Também pode associar a musculação com uma caminhada desde sua casa até o clube (a mais ou menos três quilômetros) e uma corrida no *Parcão*, que fica no caminho: “Isso, vou sempre a pé e volto a pé, sempre [porque] ah, moro aqui perto! [...] Uns 20 minutos [e, no percurso], vou me preparando, escuto uma música, então já é um preparo, é um ritual, acho”.

Por exigências profissionais, tem sido bastante comum ela passar alguns dias em cidades do interior do estado, mas tem sempre buscado não interromper a prática de exercícios: “Tenho viajado bastante... para dar curso e fico toda a semana fora, daí levo meus tênis... a minha roupinha [e

saio a caminhar]. [As pessoas do lugar] dizem: „Ah, aquela maluca lá...“, porque nas cidades do interior é mais difícil de ver pessoas se exercitando... Fica todo mundo te olhando e tal: „É a professora“ [comentam os inscritos em seus cursos]”. Também é possível combinar a prática do exercício com as saídas de lazer, como aconteceu num dos finais de semana longos que caiu durante o período da entrevista: “Daí fui com um pessoal que tem um apartamento [num condomínio de alto padrão da cidade]... lá tem academia, tem piscina, então tem toda uma estrutura capaz de proporcionar [condições para] fazer teu exercício tranquilo, daí fiz sábado e domingo, aí voltei, fiz segunda”.

Na musculação, segue um plano proposto pelos professores da academia, renovado com uma frequência trimestral; não inova muito os exercícios nem se exige nada a que diga respeito à resistência aos mesmos. A corrida, por outro lado, é controlada por tempo, não por distância, e procura marcar um ritmo moderado.

Ela realiza seus exercícios com seriedade e afirma prestar bastante atenção aos seus movimentos e às modificações do corpo durante a execução dos exercícios: “Sou dedicada. Gosto, acho que esta é a diferença: quando tu gostas [...], tu faz por dedicação mesmo. Claro, tem uma questão também de saúde e tal, claro, uma questão, claro, um pouco de vaidade”. Destaca

neste campo que sua dedicação traz resultados aos quais está atenta: “Sempre tive muito mais força na perna do que no braço, e hoje vejo como evoluí em termos de força no braço, então... Mas isso também vai bem da dedicação mesmo, quer dizer, de ir lá, de olhar, de fazer bem feito o movimento, de perceber, olha, apareceu aquele músculo, agora aparece um pouquinho”.

Em geral, procura fazer exercícios sozinha. Não tem por costume ir com outras pessoas para a academia, tampouco de fazer os exercícios em parceria. É similar às caminhadas/corridas, não gosta de companhia. Indagada sobre os motivos, Clarice explica: “Acho que me concentro mais, entendes? Acho que aquele momento é um momento meu, são poucos os momentos que tenho para mim. Então ali fico pensando, ruminando um pouquinho, rindo, chorando, então gosto muito. Claro que às vezes vou com uma amiga, que ela não corre, mas gosta de caminhar e vou caminhar com ela. Claro, vamos conversar! Mas aquilo é um passeio para mim, não é o meu exercício”.

Ela destaca que uma das vantagens de fazer musculação no clube se relaciona ao *clima* do local, quando comparado com o que escuta das academias: “É um clube voltado ao esporte, não tem aquela questão de exibicionismo como existe nas academias, entendes? Não estou malhando

para a minha bunda ficar gostosa ou para ver o cara „bombado“, não! Boto o tênis que tiver, a roupa que tiver e me sinto bem, porque tem pessoas de 60 anos, tem pessoas de 20 anos, tem mulheres bonitas e tem mulheres caidaças, entendes?”.

Parte dessa atmosfera desinibida que Clarice constata na sala de musculação é atribuída ao perfil dos profissionais que lá trabalham: “[...] Os professores também, tem professores lá com quase 50 anos, não é „o cara“ [grande, forte], entendestes? Ele está lá porque, desde que se formou, está no clube.

Falando num sentido mais amplo do clube, descreve-o como um espaço importante no seu dia a dia: “Hoje é extensão de minha casa, é o pátio. Largo minha filha lá e estou tranquila”. É um rincão onde se resguarda dos quentes verões porto-alegrenses. Lugar em que se pode passar o dia todo, ler um livro debaixo das árvores, encontrar amigos para almoçar, nadar a qualquer hora (a piscina fica aberta 24 horas por dia).

Clarice não aponta em nenhuma das entrevistas que o custo acarretado pelas práticas físicas seja um problema. Calcula que seus gastos anuais com a prática de exercícios rondam os 3.200 reais (somando mensalidade, compra de itens específicos e deslocamentos – o mais caro). Sua mensalidade é um tanto mais barata que a comum, e a de sua filha mais ainda, pelo

fato de seu ex-esposo ser neto de um sócio-fundador do clube. Indagada sobre o valor da mensalidade, Clarice afirma que é razoável na medida em que frequentar esse espaço é muito importante: “Faz parte de minhas necessidades básicas”. Entende que, comparado aos outros clubes tradicionais da região, tende a ser o mais popular.

O motivo para seu envolvimento regular e contínuo com as práticas corporais não é único. Ao longo das entrevistas, foram aparecendo diversas justificativas, sendo possível verificar que elas mudaram ao longo dos anos. No entanto um motivo que se sobressai é o que se vincula ao cuidado da forma corporal: “Antes, acho que via a atividade física como uma questão de estética; sempre gostei de me olhar e ficar satisfeita comigo, sou uma mulher vaidosa. Hoje menos, porque os valores também passam por outro viés. Mas não totalmente. É importante me gostar. Então, acredito que a atividade física teve muito nesse sentido durante esse tempo todo”. Na perspectiva de Clarice, outras motivações que têm ganhado força são a saúde e o desenvolvimento da aptidão física, este último para enfrentar o dia a dia profissional: “Então tenho que estar bem fisicamente para poder aguentar essa vida de caixeiro-viajante [saídas frequentes para assessorias em cidades do interior], que vai cansando”.

Certa preponderância da preocupação com a dimensão estética, entretanto, parece não desmerecer seu vínculo com a prática de exercícios. Mostra uma visão sarcástica sobre os efeitos inevitáveis do tempo sobre o corpo e a relação do exercício com essa situação: “Preciso estar em forma, em forma física. Também é uma questão estética, lógico. Mas não única e exclusivamente, por causa disso, então... não tenho aquela preocupação de, olha... „Bah, tchê, caiu mais um pouco!“. Bom, faço o que posso. Faço a minha parte, fazer o que, se a gravidade faz o contrário? „Tchê, caiu mais um... Mas que coisa, que inferno!“ [risos]. Entendeu? Mas, bom, vou fazer o quê? Quando tiver arrastando no chão, junto [risos]. Então, enquanto isso vou fazendo as coisas como der”.

Cuidados com o corpo

Em linhas gerais, tem uma boa saúde. Não tem em seu histórico registro de doenças mais graves (do tipo que exija alterar os padrões de vida). Apenas, durante sua infância, sofreu com asma, que curou por volta dos nove anos. Ainda assim, ela faz checagem uma vez por ano: “Faço aquela bateria de exames e, felizmente, nem em termos ou de colesterol, ou de... pressão, ou coisa parecida, [tenho] problemas”.

Clarice não faz dieta, mas cuida de sua alimentação. Ela nunca chegou a mais de

dois ou três quilos acima de seu peso. Usa as mesmas medidas de roupa de quando tinha 20 anos: “Durante minha vida inteira o meu manequim sempre foi quarenta. Quarenta, sempre, então as roupas que usava [ainda servem], até hoje em dia tenho algumas de mil e quinhentos, sabe? [risos]”. Nesse sentido, orgulha-se de que, na gravidez, aumentou apenas os nove quilos recomendados pelos médicos.

Na alimentação, ela afirma portar-se de forma “meio que instintiva”, ou seja, não necessita pensar para servir-se um prato equilibrado. Incomoda-se bastante com pessoas que fazem do tema das calorias uma conversa habitual: “Não sou uma pessoa que fica „Ah, não, tem que comer tal coisa, porque senão vai engordar“, ou „tem que fazer, porque... não, acho que é uma coisa natural, entende?”. Em relação ao tipo de alimento, “acho que eu gosto de coisas não muito calóricas, sempre como salada, e isso para mim faz parte do meu dia a dia”.

Não tem restrições à bebida com álcool, pode tomar cerveja, vinho, uísque, *drinks* alternativos, champanhe (atualmente uma de suas preferidas), mas não o faz com frequência. Beber está vinculado a situações de sociabilidade. No dia a dia, a bebida que acompanha as refeições é o suco: “Porque a minha filha não come fruta, então me proponho a fazer um suco todos os dias, [como] uma maneira de ela

comer frutas”. Também tenta ter sempre um copo d’água por perto, a ideia é hidratar-se periodicamente.

No que concerne aos cuidados com o corpo, Clarice participa de sessões de massagens “antiestressantes”, ainda que não com muita frequência, pois “são raras, umas três vezes [por ano], no máximo”. O propósito não é cuidar exatamente da dimensão orgânica (como seria o caso da drenagem linfática, por exemplo), e sim o de “aliviar a tensão”.

A ideia de equilíbrio está na base do conceito de saúde individual de Clarice: “Tenho uma alimentação razoável, me cuido, procuro fazer exercícios da forma mais regular possível e é isso que te disse: estar de bem com a vida! Hoje acredito cada vez mais, faz diferença, faz diferença da gente estar bem com a vida, estar de bem comigo!”.

Ela não é demasiadamente preocupada no que se refere à estética corporal. Entretanto admite ser uma mulher vaidosa e que tem diversos cuidados nesse campo. Tem épocas em que está mais preocupada e outras, menos. Não descarta, no futuro, fazer intervenções cirúrgicas com fins estéticos. Entende que, sendo possível, não vê impedimento para fazê-las. Esse tema é assunto de conversa com suas amigas, mostrando-se bastante sarcástica sobre a matéria: “[...] Vou fazer uma poupança, vou mandar recortar tudo e dar para os

cachorros [...]. Mulher fica escondendo essas coisas. Acho que sim, acho que... se quiser fazer e tiver condições, vou fazer. Não para ficar com cara de vinte, entendeu? Ridículo, e nem para me comportar com cara de vinte. Mas bom... dar uma puxadinha aqui, uma ajeitadinha ali, para enganar a torcida [risos] não; acho que para mim mesmo. Acho... Também, tô dizendo isso, agora... Pode ser que não aconteça. Mas acho que vai”. Nessa linha, reflete sobre os exageros que observa na atualidade, quando os sujeitos ficam irreconhecíveis após as cirurgias. Entende que as pessoas têm de se reconhecer no espelho, e que as marcas no rosto são parte da história que elas carregam consigo: “Poderia ser diferente? Bem que poderia ser diferente. Isso sou eu? O que tenho acumulado aqui dentro... o meu corpo também vivenciou, então não tem como ser diferente. Claro, faz uns ajustes... Acho que são possíveis. Mas, assim, pouca coisa”.

Clarice também brinca com o passar dos anos. Jocosamente, comenta a necessidade de usar cremes cada vez mais caros para tentar desacelerar os efeitos do tempo sobre a aparência. Também se diverte com, o prognóstico, que aponta que nos próximos anos deverá incluir, na *nécessaire*, além dos produtos de beleza, os medicamentos usados na terceira idade.

Ela tem preocupações também no campo do vestuário. No atual momento profissional, elegância e sobriedade são exigências. Em eventos sociais, pode ousar um pouco mais, entretanto não se poderia esperar nenhum tipo de extravagância. Em geral não é pautada pela moda, ainda que isso não signifique não estar sintonizada com os ditados sobre a forma de vestir do momento: “Não me considero alguém que está sempre em função de um modismo, embora confesse ser muito difícil não seguir algumas tendências”.

Sociabilidade

Clarice é bastante extrovertida e estabelece vínculos com bastante facilidade. Contudo isso não significa que tenha muitas amizades com as quais possa avançar em reflexões mais profundas sobre a vida: “Sou uma pessoa que me considero relativamente fácil, em termos sociais, mas é aquilo, é daqui para fora, em termos mais pessoais, [...] já é mais difícil”.

Ela tem hoje três boas amigas, “assim de parceria”, e um amigo. A relação com as amigas é de longa data. Uma delas, com a qual tem a relação mais antiga, é uma amizade herdada: “Minha mãe era amiga da mãe dela, aquelas amigas do interior”. Sua amiga não mora em Porto Alegre, porém se visitam com relativa frequência. As outras são relações mais recentes, dez e

20 anos. Com as três, mantêm relações bastante intensas em que se divertem e falam de tudo, do bom e do ruim, “mas para nenhuma delas conto tudo!”.

Indagada sobre o perfil das amigas, Clarice as descreve do ponto de vista afetivo: “Pessoas boas, de coração bom, íntegras, isso para mim é essencial [...]; capazes de abrir espaços para acolher, para ouvir, para se doar. São pessoas, algumas bem-sucedidas profissionalmente, outras nem tanto, mas pessoas que querem e buscam ser felizes, e que nem sempre é a minha visão de ser feliz, mas acho que de alguma forma também sempre respeitei isso. Hoje, mais do que nunca, sei que o que é bom para mim pode não ser para ti e vice-versa [...]. Existe respeito entre a gente, respeito!”. Noutro momento da entrevista, se refere a elas como: “Uma coisa assim, do falar, simplesmente por falar, tu jogar conversa fora, para descontrair, porque, de um modo geral, essas minhas amigas com que me relaciono, também todas separadas, enfim, criam seus filhos meio que sozinhas, são mulheres batalhadoras”.

O vínculo com o amigo é mais recente. Ele tem um papel diferente ao das amigas. Tem uma relação mais direta com a mudança profissional que Clarice empreendeu nestes últimos anos: “É uma pessoa que tenho uma identificação, mais em termos profissionais, mais em termos de objetivos de vida. Acho que ele me

mostrou o lado racional da vida, sempre fui muito mais afeto, tive dificuldade de desenvolver o meu lado racional, foi um avanço que consegui nesses últimos tempos, e essa pessoa me ajudou muito”.

Clarice reconhece que, nos últimos anos, seus critérios para estabelecer relações de sociabilidade também têm mudado. Tem procurado relacionar-se com pessoas com características que ela deseja adquirir (aprender). Desta forma, o estabelecimento de novas relações tem tido como critério a ideia de enriquecimento pessoal: “Acho que, nesses últimos anos, procurei me aproximar de pessoas, não de uma forma consciente, mas para que pudesse tocar e para que pudesse ampliar meus horizontes”. Ela procura diversificar um pouco as amizades, entendendo que, neste período, em que busca “tomar o touro pelos chifres” no campo profissional, as parcerias também deveriam ter o espírito mobilizado nesse sentido: “Acho que algumas amizades, e ótimas amizades, são para sempre! Mas, muito mais acomodadas no setor profissional, isso me incomodava, entendes? Não me incomodavam elas, incomodava em mim! Porque isso era reflexo do que estava no meu momento, então repelia essas pessoas”.

Isso também a tem levado a sentir-se mais cômoda nas relações com pessoas que estão em busca, particularmente, de realização pessoal. Também tem notado

certo afastamento das amizades que parecem já preparar-se para épocas menos exigentes (a aposentadoria, por exemplo). Costuma encontrar-se com suas amigas frequentemente. Tem uma que mora muito próximo e regularmente faz rápidas incursões para tomar chimarrão. Indagada sobre o assunto, Clarice é muito objetiva

na explicação: “Sim, claro! Mulher precisa disso, claro!”. Para ela, é mais fácil recepcionar amigos para almoçar ou jantar em sua casa (mensalmente) que ir à deles. Os cafés e bares também são lugares frequentados com certa regularidade (mais de uma vez por mês).

Após a descrição do caso de Clarice, passo a discutir os aspectos considerados mais relevantes sobre seu estilo de vida, em interface com as PMCTL. No intuito de enriquecer as reflexões, para comentar aspectos específicos vinculados aos sentidos das PMCTL, invoco outros sujeitos estudados na pesquisa. Trata-se de mulheres com localização próxima ao espaço social em que se encontra Clarice e com práticas corporais também convergentes, isto é, envolvidas com as modalidades de exercícios físicos frequentes no grupo social de referência.

Do ponto de vista socioeconômico, Clarice teve uma marcada ascensão, quando comparada a família de origem. Sem nunca ter sido parte das camadas economicamente mais elevadas de Porto Alegre, circulou em espaços socioculturais avantajados: escola privada de prestígio, universidade pública, empregos de nível intermediário em bancos privados importantes, clube recreativo tradicional da cidade. Teve seu ápice quando casou. Nos primeiros anos de união, seu marido tornou-se um empresário de porte médio na comercialização de aparelhagem médica, o que possibilitou que ela desfrutasse de uma posição econômica confortável. Assim, as práticas culturais de Clarice, a maioria delas com uma inclinação legítima, refletem a sua trajetória dentro de um entorno sociocultural bastante homogêneo (fora do espaço familiar).

Nessa linha é importante mencionar que Clarice, como outras pessoas de classe social semelhante, não trabalhou até os 18 anos, o que a permitiu se dedicar aos estudos de forma ininterrupta e, entre outras coisas, também praticar exercícios físicos desde muito cedo. O suporte familiar também permitiu que ela tivesse possibilidade de aguardar a oportunidade de começar a trabalhar num emprego qualificado.

O envolvimento com exercícios físicos, no caso de Clarice, caracteriza uma prática totalmente incorporada ao estilo de vida. Ainda que com uma rotina de horários bastante

instáveis, ela se organiza para manter regularidade na prática de atividades físicas. Possuir renda suficiente para não ter que cuidar de todas as tarefas domésticas, moradia situada numa região da cidade que facilita o acesso aos espaços de prática, mobilidade própria, valor reduzido da mensalidade do clube e a possibilidade fazer convergir seu horário de treinamento com o da filha são alguns dos fatores que a auxiliam a continuar vinculada com a prática regular da musculação no clube.

Uma particularidade, no caso de Clarice, é o fato de ela ter passado por várias mudanças importantes, tanto no campo profissional como no pessoal, ao longo dos últimos 15 anos e, no entanto, não ter alterado a prática regular de atividades físicas. Parece que, em sua narrativa, as disposições para o envolvimento com PMCTL não foram afetadas pelas mudanças buscadas/sofridas, tanto nas condições objetivas de vida quanto em disposições que subjazem em várias de outras práticas culturais.

No que se refere ao sentido da prática de exercícios físicos, é possível afirmar, no caso de Clarice, que está fortemente vinculado ao cuidado de si, centrado em preocupações estéticas, mas também ligado a questões de saúde. É o primeiro sentido que aparece mais estável ao longo dos anos, ainda que, com o passar do tempo, a preocupação com a saúde tenha se incrementado.

Entre os casos estudados que ocupam o mesmo espaço social e com perfis de consumos culturais que tendem à consonância legítima, não se encontram preocupações estéticas similares às de Clarice (vinculada com a tonicidade muscular), pelo menos explicitamente. Basicamente, os motivos mencionados pelas outras mulheres foram atrelados à ideia de saúde.

Gisele: 49 anos, funcionária pública de alto escalão (jornada 40 por semana), bacharel em direito, estudante de filosofia, renda familiar por mês R\$ 25.000. Casada, esposo funcionário público de alto nível, (contabilista), dois filhos (19 e 22 anos), moradora do bairro Moinhos de Vento. Pai: suboficial da Brigada Militar, com Ensino Fundamental completo. Mãe: auxiliar de serviços gerais, com Ensino Fundamental incompleto. Consumos culturais com predomínio legítimo. Entrevista em profundidade (seis entrevistas, mais de 12 horas de áudio).

Rosa: 38 anos, empregada especialista (analista de sistemas) (44 horas por semana). Casada, um filho (6 anos), moradora do bairro Vila Ipiranga. Pai: professor de Ensino Médio, com Ensino Superior completo. Mãe: professora de Ensino Médio, com Ensino Superior completo. Consumos culturais com predomínio legítimo. Entrevista semiestruturada.

Fabiana: 48 anos, empregada especialista (fisioterapeuta) (30 horas por semana), divorciada, moradora do bairro Floresta. Pai: comerciante de material de construção, com Ensino Fundamental incompleto. Mãe: professora de Ensino Fundamental, com Ensino Médio completo. Consumos culturais com predomínio legítimo. Entrevista semiestruturada.

Magda: 50 anos, empregada especialista (pedagoga empresarial) (30 horas por semana). Casada, esposo pequeno empregador, analista de sistemas, dois filhos (15 e 25 anos), moradora do bairro Jardim Leopoldina. Pai: agricultor, com Ensino Fundamental completo. Mãe: técnica de enfermagem, com Ensino Fundamental completo. Consumos culturais com predomínio legítimo. Entrevista semiestruturada.

Nas questões de saúde, aparecem pelo menos duas linhas diferentes de sustentação do vínculo com as PMCTL. A primeira é pautada na concepção de uma saúde preventiva, equilíbrio corporal, como é o caso de Gisele, que pratica há mais de uma década hidroginástica e ioga: “leio muito, sei bastante sobre qualidade de vida. Tipo assim, tu não podes querer ter uma boa vida aos 60 anos, tu tens que começar aos 30, aos 20. Tem que começar lá para chegar aos 60 com boa vida. Não chegar aos 60 anos dura [e dizer:] „Ah! Agora vou fazer ginástica, vou fazer isso, vou fazer aquilo””. Durante uma das entrevistas, ela se mostrou muito satisfeita de apontar um recorte do jornal *Zero Hora*, no qual se faziam recomendações sobre os cuidados que deviam ter na juventude para conseguir uma terceira idade com mais “qualidade de vida”. A matéria ficou colada na mesa de trabalho de Gisele desde a época de sua publicação, em março de 1991: “sempre fui ligada a esse tema da qualidade de vida”. Nessa linha, alguns meses antes das entrevistas, Gisele tinha feito sua primeira consulta ao médico geriatra, por querer prevenir os problemas de saúde associados ao passar dos anos. A visita de Gisele causou certo estranhamento no profissional, pois - conforme ele

afirmou - não é habitual atender pacientes de sua idade. No caso dela, não se trata apenas de prevenção, senão também de previsão: a escolha foi precedida de uma análise de seus antecedentes profissionais e também de sua idade: “o médico me perguntou porque o tinha escolhido, eu disse: „Não posso pegar um médico velho, se eu estou com cinquenta e o

médico tem mais idade..., não!”. Eu disse: „Tenho que pegar um médico mais novo porque eu vou viver muito e ele tem que me acompanhar!”. Ele disse: „Você está brincando?”. Eu disse que não, ele ficou com aquela cara de „Mas ela está falando sério!” [risos]. Soa como brincadeira, mas não é. [...] [Quando foi essa consulta?] No início do ano. É que eu estava empurrando com a barriga um tempão, e falei „Chega!”. Desde os 40 eu queria ir e nunca achava médico [...]. Eu estou atrasada, tenho que ir desde os 30, 40 já teria que ter ido no médico, num geriatra para acompanhar a tua vida [...]”.

A segunda ideia que vincula o exercício físico à saúde está conectada mais diretamente ao propósito da intervenção sobre uma doença ou problema manifesto, como é o caso de Fabiana, que na época das entrevistas tinha retomado a prática da hidroginástica havia cinco meses, depois de dois anos sem atividades, com o propósito de diminuir peso (com 1,64m, pesa 70kg), não por motivações estéticas e sim por saúde. Num sentido similar, Rosa tem-se envolvido diariamente com a prática de ginástica numa academia nos últimos seis meses, pois tensiona contrabalancear o sedentarismo próprio de seu trabalho, auxiliar na recuperação dos problemas de seu joelho e colaborar com o emagrecimento. Magda, por sua vez, também aponta que seu envolvimento frequente com caminhadas (quatro vezes por semana, 45min por dia), que mantém há dois anos, é motivado por questões de saúde, mais especificamente por “recomendações médicas”.

Nos casos citados anteriormente, é importante notar que se trata de empregadas qualificadas e com uma marcada ascensão social quando considerada a ocupação dos pais. Isso significa que não ocupam posições dominantes dentro da macroposição *privilegiado*.

Jaci: 55 anos, funcionária pública (técnica de nível superior) (40 horas por semana). Licenciada em letras. Divorciada, moradora do bairro Cidade Baixa, zona da cidade caracterizada como “cultural”, “alternativa”.. Consumos culturais com predomínio legítimo. Entrevista semiestruturada.

No caso de Jaci (mede 1,57m, pesa 56 kg), a linha de justificativa afasta-se das anteriores, pois não invocou nem questões estéticas nem de saúde (preventiva e/ou terapêutica). Em seu caso, enfatiza que a razão para as caminhadas que “há séculos” realiza diariamente é o prazer, o bem-estar produzido durante sua efetivação: “Me sinto bem, adoro caminhar [...] acho que senão, nem isso faria”, porque não gosta de fazer exercícios com programas estruturados (musculação, ginástica: “essas coisas”).

Quando Clarice fala de seus cuidados com o corpo, em geral aparece a ideia de equilíbrio e controle no conjunto de suas práticas. Especificamente quando se refere à

alimentação, evidencia-se que suas disposições para agir coincidem com suas crenças, no momento em que se trata de uma forma *intuitiva* de alimentar-se. No caso de Gisele, não é muito diferente, no entanto o controle de sua alimentação parece ser mais rígido, no sentido de seguir normas da boa nutrição, aprendidas conscientemente: “Sou muito chata para comer [...] como de tudo, mas tenho critérios e os critérios fazem que diminuam ou faltem as opções”. Não se trata de cuidado do peso, e sim de alimentar-se de forma saudável: “Água, grande prato de salada, sempre. Raramente como carne. Como, mas não gosto [...] arroz e feijão sempre. Nós não comemos comidas com molho, requeijão, nata. Não tem essas coisas na minha casa [...] Sopa de noite para jantar é perfeito [...]”. Nessa lógica, alguns alimentos podem assumir o lugar de práticas homeopáticas orientadas a promover ganhos de saúde: “Um cálice de vinho tinto com a janta [...] uma maçã e uma castanha-do-pará todas as noites antes de dormir”, por exemplo.

Magda também cuida de sua alimentação, mas não é uma dieta, pois entende que é uma questão de saúde. Jaci, na mesma linha, também busca uma alimentação equilibrada, porém tem preocupações com a forma corporal: “Manter o peso, saúde, qualidade de vida, por aí”. Já nos outros casos, o cuidado da alimentação caminha de forma mais explícita na mesma linha dos exercícios físicos: recuperar a forma corporal, combater o excesso de peso (Fabiana: “perda de peso né!”; Rosa: “comer saudavelmente e diminuir de peso”).

As massagens a que Clarice se submete parecem fazer parte de um programa mais amplo de cuidado de si; neste caso, não com ênfase na dimensão estética, mas no equilíbrio psicossomático. Também faz parte do programa de cuidados si de Gisele, na mesma perspectiva, mas de forma bastante mais intensa: “Faço reflexologia uma vez por mês, faço massagem toda semana... Claro, imagina se eu não fizesse massagem o que seria [riso]. Acho bom tu fazer essas coisas assim, porque tu precisas, é muita coisa, a vida é muito assim... daí tu tens que ter uma folga de vez em quando, fazer essas coisinhas. Eu acho muito bom.”. Magda também gosta de passar por sessões de massagens (nos três meses anteriores à entrevista, fazia duas vezes por semana), para combater “problemas de coluna [...] e o estresse”. Rosa, por sua vez, submete-se semanalmente a uma sessão com o intuito de “reduzir a gordura corporal”, guardando coerência com o conjunto de iniciativas relativas a seu corpo. Os motivos que impulsionam o exercício físico e o cuidado da alimentação vão na mesma linha.

Finalmente, no que diz respeito aos cuidados com o corpo, particularmente com a aparência, indagou-se o grupo sobre ter feito e/ou se gostaria de fazer intervenções orientadas à melhora da forma corporal. Como descrito anteriormente, Clarice não vê nada de mau nisso; quando *chegar a hora* não vê por que não fazer. No caso de Fabiana, ela gostaria de fazer, “no futuro sim, lipo[aspiração]!”, justificando a escolha: “ficar bem, me sentir bem fisicamente, tirar as gordurinhas”. Jaci, na mesma linha, afirma que “ainda não tem feito intervenções [risos]”, mas está nos planos. A ideia seria tirar as marcas do rosto, “[Por quê?] [silêncio] sei lá, boa pergunta... porque não estou gostando do que estou vendo, pronto!”.

No caso de Magda, não fez nem pretende fazer. Já Gisele nega a possibilidade de forma bastante direta: “Plástica não! Não faço nada que corte. Nada de cirurgia que corte para estética. Não faço!”. Não se trata de uma decisão sustentada numa opção moral, senão na no entendimento que não se justifica o risco: “Eu sou super solidária [com as amigas que decidem fazer esse tipo de intervenção], para qualquer uma digo: „Pode fazer isso, se tu queres, que mal que tem? “. Eu não sou contra”. Não obstante, ao longo da conversa passa a ideia de que considera quem faz esse tipo de intervenção é uma pessoa insegura, afinal há outros cuidados (exercícios físicos, alimentação, massagens) que não “vão alterar o que tu és [como uma plástica]”.

No que se refere à sociabilidade, em geral, o tipo de exercícios físicos realizados pelo grupo aqui analisado parece não favorecer ou estar pautado no enriquecimento dos laços de convivência. Especificamente no caso de Clarice, ela não vê nas práticas corporais um espaço para o cultivo de relações, ainda que não deixe de apreciar o clube onde se exercita como um lugar em que pode encontrar pessoas para conversar (sem muitas pretensões) e passar um momento aprazível. Foi um pouco diferente em outras épocas (período pós-separação), mas nunca foi um lugar de destaque de suas relações. Para Gisele, as aulas de hidroginástica e ioga são um espaço para *botar conversa fora*, e até chega a fazer, com suas colegas, atividades extra-aula uma ou duas vezes por ano. Porém são vínculos que não ganham espaço em sua rede de sociabilidade. Nos outros casos, não foram feitas perguntas diretas sobre o assunto, mas, pelo tipo de exercício realizado e o tipo de companhia com quem realizam a prática, pode-se deduzir que não é muito diferente.

Em linhas gerais, com base nos casos estudados, sem pretensões de generalização, aparece por um lado a diversidade de sentidos: pessoas localizadas em espaços sociais próximos estabelecem diferentes tipos de relações com o universo das PMCTL. Por outro, foi

apenas neste espaço social que surgiram casos em que a prática de exercício físico não esteve atrelada a uma expectativa de efeitos imediatos (particularmente, emagrecer), ainda que não sejam os mais comuns. Como veremos mais adiante, na maior parte dos casos estudados, localizados em outras classes, o vínculo com o exercício físico vai precedido da manifestação (percepção) de um problema que necessita dessa prática para ser amenizado.

3.2.2 Mulheres *Trabalhadoras* com Práticas *Convergentes*: Diálogo com Lúcia

Uma zeladora com práticas corporais convergentes¹¹³

Lúcia, 43 anos, residente em Porto Alegre desde os cinco anos de idade, casada, duas filhas (22 e 14 anos). Zeladora de um prédio num bairro de classe média alta¹¹⁴ da região central¹¹⁵ da cidade. Concluiu a 6ª série do Ensino Fundamental. Trabalha 44 horas semanais, mas tem que pernoitar no prédio onde que presta serviço de

domingo a sexta-feira. Por sua atividade laboral, tem um rendimento mensal de 720 reais e uma renda média familiar de aproximadamente quatro mil reais. O esposo é funcionário público numa autarquia federal e tem Ensino Médio completo. Oriunda de uma família de sete filhos que morava na zona rural da região central do Estado e que se mudou para Porto Alegre no início da década de 70. Na capital, residiram numa vila na região do Partenon. Quando a família morava no interior, o pai empregava-se nas minas da região: “Era só aquilo lá que tinha para trabalhar”. No primeiro ano em Porto Alegre, o progenitor descobriu que a atividade na mineração tinha deixado sequelas¹¹⁶ que lhe impossibilitariam de continuar trabalhando e o levariam a uma aposentadoria por invalidez com pouco mais de 40 anos. Ele frequentou até a segunda ou terceira série do Ensino Fundamental. A mãe nunca trabalhou fora

¹¹³ Lúcia participou das três etapas da pesquisa. Inicialmente respondeu à pesquisa *survey*, quando o entrevistador casualmente bateu no prédio onde ela trabalha. Na sequência, foi convidada a participar da pesquisa *Práticas Culturais no Tempo Livre dos Porto-Alegrenses* e, finalmente, aceitou participar das entrevistas que foram usadas para esta parte do trabalho. As entrevistas foram todas realizadas no salão de festas do prédio onde ela trabalha. Nossos encontros iniciavam por volta das dez horas, horário em que o serviço de Lúcia diminuía, e não tinham hora para acabar. No total foram realizadas cinco entrevistas, fora as respostas obtidas nas duas primeiras etapas. Os intervalos entre uma entrevista e outra foram no mínimo de uma semana e no máximo de três, ao longo de três meses. Após as entrevistas, houve ainda mais dois contatos, para uma explanação sobre o andamento do trabalho, como também confirmar e complementar algumas informações. Somando o conjunto de contatos, foram registradas oito horas de diálogo.

¹¹⁴ Rendimento médio mensal 19,847 salários mínimos.

¹¹⁵ Segundo a regionalização da cidade do Orçamento Participativo.

¹¹⁶ Após ter confundida sua doença com tuberculose, foi diagnosticada a silicose pulmonar.

de casa. Dedicou-se a cuidar da família. Também tem uma baixa escolaridade (terceira série do Ensino Fundamental).

Rotina

Na semana, Lúcia dorme no apartamento da zeladoria do prédio em que trabalha. Acorda por volta das sete horas, toma café da manhã e vai para o apartamento onde mora a família, que fica a duas quadras de seu serviço. Ali busca sua filha menor e a acompanha até a escola, a cerca de mil metros de distância. Depois, realiza a caminhada e corrida no Parque, que fica na região: (“duas voltas caminhando e três correndo no Parcão”). Inicia os serviços às 8h30min. Varrer a calçada, tirar o lixo, cuidar do jardim, atender fornecedores e correio, trocar lâmpadas, providenciar e acompanhar a reparação das áreas comuns do prédio são, entre outras, as tarefas demandas pelo seu trabalho. Por volta das 10h, faz um intervalo para um chimarrão, geralmente em companhia da empregada doméstica de uma das famílias que moram no prédio.

O almoço é no apartamento da zeladoria, por volta da uma da tarde, horário em que sua filha caçula volta do colégio. São sempre apenas elas duas nessa refeição. Retoma o serviço às 14h e vai até as 18h. Dependendo do período do ano, vai caminhar (no verão) ou direto para casa

(mais comum no inverno). Toma o café da tarde e/ou janta por lá e, por volta das 22h, retorna ao prédio. Dorme sempre antes da meia-noite.

No final de semana, trabalha no sábado até ao meio-dia, almoça em casa, geralmente “todos juntos”. À tarde, comumente, envolve-se com outros membros da família na limpeza do apartamento e no cuidado das roupas. Terminadas essas tarefas domésticas, busca fazer alguma atividade fora de casa: “Vou para a rua”. Pode ir caminhar, passear no *shopping* ou visitar sua mãe; e também não costuma ter nada muito planejado aos finais de semana. O domingo não é muito diferente, pode ir para a casa da mãe, almoçar e ficar o dia inteiro por lá. Eventualmente, visita parentes do marido “que moram no interior, daí a gente vai e volta”.

Consumos culturais

O perfil cultural de Lúcia é dissonante com fortes tendências pouco legítimas. As incursões para os polos culturais mais legítimos são bastante raras (museus e filmes) e estão vinculadas a práticas de acompanhamento ou delegação da escolha do consumo para membros mais escolarizados da família (em especial a filha mais velha).

Lúcia não costuma ler livros: “Sou preguiçosa para ler, mas, de vez em

quando, leio”. Entretanto ela se orgulha de ter conseguido que suas filhas tenham adquirido esse hábito: “As duas gostam de ler bastante: também não puxaram por mim; ensino, mas não faço [risos]”. Também não lê muito revistas, mas é mais frequente que ler livros. Quando indagada sobre suas preferências, a resposta ganha um ar de obviedade: “Revista de fofocas, né! *Caras*, também gosto bastante”. Ela explica que, em parte, o contato com esse tipo de revista se deve ao fato de que essas são as que mais circulam no prédio em que trabalha. O jornal é uma leitura mais corriqueira. Dá uma olhada, todos os dias, no *Zero Hora* e no *Correio do Povo*. Tem acesso aos diários no trabalho. Atraem sua atenção, particularmente, a seção de variedades e a que trata sobre “cinema, eventos, coisas assim”.

A internet é um recurso que Lúcia conhece. Costuma dar uma olhada nas notícias e interagir com conhecidos através das redes de relacionamento: “[Acessas com frequência o Orkut?] De vez em quando, uma vez por semana ou duas, conforme... se está livre vou lá e acesso [risos]”.

Lúcia não vai ao cinema. Não se trata tanto de não gostar e sim de certa “fobia a lugares fechados”. Vai apenas “quando a pressão” familiar é muito grande. No entanto, o DVD é sua alternativa para assistir filmes. Comumente alugam um

filme por semana. Entre seus gêneros preferidos, menciona suspense e comédias. O drama também pode ser uma alternativa. Não identifica filmes que caracterizem arquetipicamente seu gosto, mas, entre os últimos assistidos, destaca como bons *A Troca* [Clint Eastwood, 2008] e *O Curioso Caso de Benjamin Button* [David Fincher, 2008].

Escuta muita música. O leitor de mp3 é uma companhia permanente em suas atividades laborais, assim como quando sai à rua. De tanto que o usa, chega a carregar as baterias do aparelho duas vezes por dia. Indagada sobre o gênero musical que mais escuta, ela fica em dúvida como defini-lo: “Não sei te dizer qual é o tipo de música, mas escuto vários tipos”. Sua preferência, entretanto, é por “músicas mais antigas”, como a dos grupos Bee Gees, Village People, Queen e Cindy Lauper. Mas também destaca o pagode como um tipo de música que aprecia. Menciona Zeca Pagodinho como um de seus intérpretes prediletos. Ainda que algumas das preferências mencionadas sejam de grupos estrangeiros, gosta mais de escutar músicas em português que em outro idioma. O rádio ligado também é seu parceiro quando está em casa. Basicamente busca escutar música, sua emissora preferida é a *Continental* [98,3 MHz FM]¹¹⁷.

¹¹⁷ Transmite apenas música nacional e internacional de várias décadas (*standards*), na

No campo das saídas culturais, Lúcia tem pouca experiência. Nunca assistiu a óperas, nem a espetáculos de dança. Foi ao teatro uma vez, quando ainda era estudante. No entanto tem ido a concertos. Anualmente, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre oferece, no Parcão, um espetáculo de final de ano, que ela procura não perder. Também tem visitado com relativa frequência exposições de pintura e escultura, saída que passou a ser relativamente comum (cinco ou seis vezes por ano), desde que a filha entrou no curso de Artes Plásticas. O MARGS (Museu de Artes do Rio Grande do Sul) lhe é familiar. A última exposição visitada foi uma em que a filha e colegas expuseram seus trabalhos.

Não tem práticas vinculadas com saídas para diversão. Não vai a boates/discotecas ou a outros lugares em que se possa dançar, nem costuma ir a recitais de música.

Assiste à televisão todos os dias. Em casa, tem tevê a cabo, mas não no trabalho. Indagada sobre suas preferências, Lúcia demora a responder, não consegue lembrar bem o nome dos mesmos, mas, finalmente, destaca: *People+Arts* e o 55 do qual não lembrou o nome [*Discovery Home & Health*]: “são documentários que têm

muita coisa a ver com o corpo mesmo”. Também menciona o canal 52 [Liv] e a *Globo*. Ela não tem preferências muito definidas: “Na hora vejo o que está dando e escolho alguma coisa melhor e que eu goste”. Os programas de “transformações” despertam bastante seu interesse. No apartamento da zeladoria, a TV é mais uma companhia; já em casa, assiste de forma mais intencional.

Práticas corporais

Lúcia não tem antecedentes de práticas corporais sistemáticas. Tem episódios isolados vinculados com a escola e com atividades de lazer.

Da escola, tem lembranças de sua participação nas aulas de Educação Física, quando iniciou as séries finais do Ensino Fundamental. Comenta que, além de ter vivenciado o handebol, teve experiências com práticas esportivas extracurriculares: “comecei a participar de... fazia salto, aquele que a gente vai correndo e pula e o de altura também [...]. Especula que o interesse pela prática do esporte, junto com a falta de vigilância parental sobre suas atividades escolares, teve consequências em seu baixo desempenho acadêmico: “comecei a não me interessar pelas aulas, foi ali que eu rodei. Eu só queria saber de ir para os treinos. Não queria estudar mais, eu não me interessei mais em aula, mesmo

programação denominada *Módulo Musical*, com intervalos comerciais, sem contar com locutores ao vivo.

quando não era prá mim [as aulas de Educação Física], ficava lá olhando”. Interrompeu os treinos por demanda familiar: “Quando o pai soube tudo não pude mais ir. Foi cortado para dizer que rodou um ano e não dava a camisa para ninguém, daí nós, nem os guri podiam jogar futebol, nada, tínhamos que trabalhar”.

Quando adolescente, chegou a caminhar com certa regularidade, mas o propósito não era a prática de exercício. Tratava-se mais de uma estratégia para escapar do controle parental: “Quando tinha lá meus 14, 15 anos caminhava, era uma forma de poder passear, porque aí o pai deixava sair”. As caminhadas encerraram com o casamento de Lúcia (18 anos). A partir dessa época, as caminhadas se tornaram mais uma distração que qualquer outra coisa: “Aí eventualmente eu saía, nunca tive assim [regularidade], quando ficava dentro de casa muito tempo tinha que sair a caminhar, enjoava sabe!”

A regularidade na prática dos exercícios físicos que me levou escolher a Lúcia era relativamente recente. Tinha iniciado oito meses antes da primeira entrevista da etapa dos *retratos sociológicos*: “Fui ao endócrino e ele me disse que eu teria que fazer junto com uma reeducação alimentar, exercício físico. Aí eu comecei caminhando, aos pouquinhos, pouquinhos, pouquinhos. Uns três ou quatro meses

depois, comecei a correr. Hoje consigo correr uns três, quatro quilômetros”.

Após acompanhar a caçula à escola, Lúcia vai até o Parcão para fazer seu exercício físico. Fica em torno de uma hora, alternando caminhada e corrida. São duas ou três voltas ao circuito do parque (1.300 metros). Durante o verão fez uma segunda *sessão de treinamento* um pouco mais curta que a da manhã. Nesse período, havia dias que podia acumular quase duas horas de caminhada na jornada.

Também acostuma preparar seu corpo para as caminhadas: “Quando acordo de manhã me alongo. Alongo antes de sair de casa [...] e depois [quando retorno]”.

O engajamento de Lúcia com a atividade é sério. Controla seu ritmo de trabalho na procura de efeitos corporais, diferencia claramente as caminhadas que são a passeio e as que têm como propósito a melhora da condição física.

Esse aspecto é um dos motivos pelos que prefere fazer exercício de forma individual: “Não consigo me adaptar com ninguém junto [...] até convido as minhas filhas para ir quando não vou fazer caminhadas mais rápidas. Daí eu levo”. Lúcia procura que a família entenda o porquê dessa forma de trabalho: “Digo: „minha filha, a mãe tem que perder peso“, naquela caminhada delas não dá”. Mas nem sempre entendem.

Também a ideia de poder manter um ritmo de treino intenso está por trás dos horários

escolhidos para fazer a atividade, considerando que o cenário onde a realiza por momentos fica muito congestionado: “Caminhar para fazer exercício é de manhã cedo e de noite depois das oito da noite, senão não tem como caminhar, é muita gente. Final de semana é muita gente [...] domingo é para lazer mesmo. Não é para exercício, só se for bem cedo”. Ir noutros horários “é ir a desfilhar no Parcão” e não a caminhar.

Além da prescrição médica, ao longo das entrevistas, outros motivos para manter a prática regular de exercício físico são explicitados. Dois vinculam-se mais à prevenção/recuperação de alterações corporais produzidas pelo tempo e pelo pouco cuidado de outras épocas. Mas, numa linha diferente, também aparece um vinculado ao exercício físico, com sensações agradáveis produzida durante sua prática

Na linha dos *medos*, visualiza um futuro pouco promissor no caso de não mudar de rota em questões relativas ao cuidado/preparação do corpo. Primeiro o temor à obesidade mórbida, materializada na imagem de suas irmãs: “Tenho medo de ficar gorda, mas muito medo mesmo! Minha irmã está com 120 kg, ela está com 54 anos e a outra acho que está com quase 100, com 48 anos e tem 1,48m; sabe são todos baixinhos e têm muito peso, eu vejo a dificuldade delas [...]. Isso me incomoda

que tu nem imaginas!”. O segundo *medo* relaciona-se com a possibilidade de perder a autonomia pela falta de aptidão física. O apartamento que compraram recentemente (e do qual tem maior orgulho) está no segundo andar de um prédio que não tem elevador. Assim, de pronto, ir à casa passou a ser uma avaliação diária de sua condição física, fazendo-a pensar no futuro: “Minha resistência era fraquinha não conseguia subir as escadas ligeiro, parecia que ia me dar uma coisa assim [...]. Imagina chegar aos 50, 60, 70, sei lá quantos anos, porque um dia nós vamos chegar lá, e daí vamos ter que enfrentar aquela escada. [O que vai acontecer?] Vou chegar e ficar só olhando, subir [gesto de incerteza]. Daí pensei, tem que criar resistência, sei lá o que, nem sei como é que se chama, quero envelhecer conseguindo subir as escadas caminhando sem ter um cansaço, sem ter nada”.

No segundo tipo de motivo para o engajamento, o exercício físico se conecta com uma dimensão positiva. Não se trata apenas de fugir da obesidade e da falta de aptidão, e sim de ir ao encontro de um momento intrinsecamente aprazível. Lúcia percebe as caminhadas como um tempo para si: “[Que sensações associas com o exercício físico?] Liberdade eu acho [riso]. Esse ninguém me rouba, acho que é isso. [Em nenhum momento se coloca como algo de sacrifício, de esforço?] Não, eu

saio do ar. Quando saio [a caminhar/correr] esqueço de tudo, esqueço de marido, de filhas, de mãe, de tudo, tudo, tudo. Eu esqueço... Olha, é capaz de estar correndo e tu me chamar e eu não vou te ouvir, mesmo que não tenha fones nem nada, saio de mim e... sei lá”. Lúcia relata que uma de suas filhas já a viu cantando sozinha na rua enquanto caminhava. Também pode rir sozinha, apenas lembrando-se de algo que aconteceu noutra momento, como também de lembrar-se de outros momentos de sua vida. O que, efetivamente, não ocupa seus pensamentos são o trabalho ou a família: “Não, não penso”.

Em alguns momentos das entrevistas, contrapôs o sentimento de liberdade associada com a corrida à sensação de asfixia que lhe causam os espaços fechados. Fazer exercício ao ar livre é uma ação que a resgata dessa aflição: “Tenho que sair para a rua a caminhar. É que em meu trabalho fico muito presa acho, sei lá. Então não consigo ficar dentro de casa. Então, caminho”.

A regularidade no exercício, junto com os outros cuidados, está dando resultado: emagreceu 12 quilos e consegue subir correndo as escadas sem perder o fôlego. Essas mudanças, sem dúvida, são outro importante estímulo à sua continuidade.

As caminhadas e corridas não representam gastos adicionais ao orçamento de Lúcia e isso é importante numa situação econômica

restrita. Nesse sentido, em alguns momentos das entrevistas, insinuou que não se envolvia com outras práticas corporais porque estas seriam dispendiosas: “Não cabem no bolso”. Durante os meses de verão do ano anterior ao das entrevistas, aproveitando uma promoção do clube recreativo onde o marido se tinha matriculado, ela experimentou outras práticas corporais. Fez hidroginástica e “tentou” aprender a nadar. Afirma ter planos de retornar à prática quando o orçamento permitir. No entanto, durante o tempo que duraram as entrevistas, ela tinha direito a fazer novamente aulas de natação e hidroginástica gratuitas no mesmo clube, por dois e quatro meses, respectivamente, contudo não se organizou para ir. Parecia que outros elementos, além do custo, se interpunham para iniciar essas práticas.

Práticas corporais e família

O exercício físico não faz parte das práticas familiares. O marido tem iniciado diversas vezes diferentes atividades, mas não tem dado continuidade. O vínculo das filhas é menor ainda: “Não têm hábito de fazer nenhum tipo de exercício, não gostam, nem Educação Física na escola, nada, nada. Nada que tenha alguma coisa a ver com exercício físico, nada elas fazem”.

Nesse contexto, Lúcia tem pouco apoio da família para fazer exercícios, particularmente de sua filha mais velha. Das entrevistas, surge que tanto o marido como as filhas entendem que ela está priorizando a prática da atividade física ao convívio familiar: “Eles reclamam, eles acham que eu não tô dando muita importância para casa [a filha mais velha diz:] „mãe tu não acompanha [as refeições familiares] tu só quer caminhar [...]. Eles querem que eu fique em casa, ficam meio contrariados. As reclamações por momentos não são nada polidas: “Quando digo: „vou caminhar“. Eles: „lá vai tu!“ „Porque tu não ficas em casa, tu não paras em casa, vai, vai então! Vai, te manda!“”. Contudo Lúcia não tem deixado que as reclamações a abalem. Está bastante determinada a continuar com seu plano. Tem enfrentando os questionamentos, misturando justificativas: “Tenho que caminhar, senão vou ficar que nem a tia, digo para ela”, com reivindicações de autodeterminação sobre sua vida: “Digo: „não vem que não tem“”. Lúcia referiu-se ao longo das entrevistas a diversos aspectos técnicos vinculados à gestão do treinamento, parecia ter noções claras do que estava falando. Indagada sobre se sempre foi assim ela explicou que não. Antes desta etapa que corresponde aos oito últimos meses, seus exercícios não estavam orientados corretamente:

“Caminhar, correr não sabia direito o que fazia”. Foi na televisão que ela aprendeu sobre o tipo de exercício adequado para seu propósito (“Disseram que a melhor coisa para perder peso, perder barriga era caminhar, correr e bicicleta e me apeguei, era o que eu precisava”) e a forma de administrar seus treinamentos: “[o tempo, a intensidade da caminhada é uma escolha intuitiva ou com base em informações?]: acompanhei muito e ainda acompanho programas que ensinam como fazer exercício, aquecer, alongar”. Por exemplo, em relação a trabalhos intervalados, comenta: Aprendi no... acho que foi no canal 41, um dia estava dando um programa, aí ele dizia que quando começasse a fazer exercício era para caminhar 10 minutos, correr 1 ou 2 minutos, continuar caminhando. Assim, fui indo aos pouquinhos, quando vi estava correndo cinco, 10, 20 minutos”. O *reality show Perder para ganhar* [People+Arts]¹¹⁸ é um dos programas dos quais ela tira informação sobre os exercícios físicos e busca estímulo para o desafio de emagrecer: “Fiquei pensando se aqueles ali podem com tanto peso, porque que eu não vou poder perder peso, é tão pouco o que eu preciso. Isso incentiva bastante”.

¹¹⁸ *Reality shows* em que os participantes são desafiados a perder peso, ao longo de cerca de três meses. Nesse contexto de competição são apresentadas diversas dicas sobre alimentação e exercício físico.

Também teve acesso a informações por profissionais da área, ainda que de maneira informal: “Aqui [no prédio] tinha uma moça que era *personal [training]* e perguntava muito a ela. Nunca tive vergonha de chegar e perguntar as coisas que não sei. Perguntava e algumas coisas ela me dizia”. O contato com as fisioterapeutas, durante o tratamento de problemas no aparelho locomotor, também foi importante para aprender as rotinas de alongamento que utiliza diariamente.

Na entrevista sobre consumos culturais, Lúcia mencionou que comprava e lia “de vez em quando” revistas que tematizam questões sobre o cuidado do corpo: *Claudia* e *Manequim*. Além de revistas que adquiridas pelo marido “que são importadas, não sei te dizer o nome, que é tudo a respeito de cuidados do corpo, dieta, atividades físicas” [*Men's Health* e *Women's Health*, Editora Abril]. Ainda tendo acesso, ela não lê com frequência, não dá muito crédito à informação contida nas revistas: “De muito em vez em quando [...] sou uma olhadinha, porque eu não acredito muito no que vem ali”. De fato, ela não mencionou as publicações ao longo das cinco entrevistas em profundidade.

Cuidados com o corpo

Lúcia, quando criança e adolescente, não teve problemas sérios de saúde. Foi a partir

dos trinta e poucos que começou a apresentar agravos mais sérios que alteraram seu ritmo de vida.

Os problemas mais graves vinculam-se ao seu trabalho, quase todos centrados nos membros superiores. Por um lado, teve *Síndrome do túnel do carpo*, doença decorrente da compressão do nervo mediano que passa na região do punho, originada ou intensificada pelo uso contínuo e excessivo dos músculos flexores dos dedos. Por outro, um pequeno tumor benigno e a ruptura de um fino nervo do polegar. Produto desses problemas, fez um ano de tratamento fisioterápico (120 sessões), mas não curou as moléstias relacionadas. Ela chegou a temer ser demitida de seu emprego no momento em que tarefas simples, como trocar uma lâmpada, eram quase impossíveis de serem realizadas devido à dor. Procurando sanar esses problemas, um ano antes das entrevistas ela se submeteu a intervenções cirúrgicas que a afastaram, durante alguns meses, do trabalho. Apesar de todos os cuidados, porém, parece que tudo estava voltando.

Lúcia tem uma relação ambivalente com os médicos. Por um lado, evita ir a consultas, ainda quando sente muita dor. Relatou vários episódios que mostraram essa tendência. Até um aconteceu durante o período das entrevistas. Ela fez um esforço brusco para não cair numa freada repentina

do ônibus em que se transportava. Ela sentiu na hora que tinha se ferido, mas tentou resolver a lesão se automedicando, indo consultar apenas quando a dor ficou insuportável: “Eu senti, mas não dei bola. Isso foi uma quinta-feira, na sexta-feira estava toda dolorida aqui [parte inferior da omoplata], comprei relaxante muscular sexta de noite, tomei. Tomei sábado, tomei domingo e tomei segunda. Terça-feira não senti mais nada, não tomei mais [remédio]. Aí quarta-feira estava bem. De repente, na quinta-feira não conseguia caminhar. Encostava o pé no chão dava tipo um choque, assim uma coisa nojenta. Aí fui num posto de urgência aqui próximo”. Por outro lado, tem sido *obediente* às orientações médicas, quando consultadas. Por exemplo, há muitos anos lhe recomendaram o uso de um banquinho para lidar com as plantas no jardim, o que incorporou e nunca deixou de usar: “Eu sou assim. Ó, se é uma pessoa que sabe mais do que eu, sigo a orientação, não precisa nem ser médico [risos]; se sabe mais do que eu, vou seguir a orientação”. Lúcia luta, há alguns anos, para emagrecer. No período da entrevistas, fazia sete meses que estava num processo de reeducação alimentar, sob a orientação de um médico endocrinologista. Sua altura é de 1,69m e seu peso, na época, era de 70 kg. Considera que até a juventude seu peso era “normal”. Suas preocupações com a

corpulência surgiram em torno dos 40 anos. Na época, comparou seu peso com o que tinha em sua última gravidez, uma década antes: “Quando ela nasceu, pesei 74 quilos. Dez anos depois, eu estava com 76 e não estava grávida! [...], aí que eu comecei”.

Após essa constatação, tentou fazer dietas, tanto com o apoio de nutricionista, quanto por conta própria. Não foi bem-sucedida. Não apenas não conseguiu emagrecer, mas ainda aumentou de peso: “Eu estava gorda e engordei mais 10 quilos, fui aos 80... quase 86 quilos”. Parecia que sua preocupação jogava contra: “Quanto mais pensei, mais engordei”. Nesse período, o pico no aumento de peso coincidiu com a operação de seu pulso, que a obrigou a passar alguns meses com pouca atividade: “Fiquei mais ou menos um mês só comendo, não podia caminhar, nem correr, para não sacudir [o pulso], aí eu me, sei lá, substituí comendo só porcaria, bolo, chocolate [...]”. Esse marcado incremento de peso, em relativamente pouco tempo, aparece, no relato de Lúcia, como um importante indicador para buscar ajuda especializada: “Aí me assustei porque a minha irmã está com cento e poucos quilos, e ela é mais baixa que eu. Eu vou pelo mesmo caminho! Aí disse para minhas filhas e para meu marido: „Eu não vou ficar que nem ela de jeito nenhum””. Poucas semanas depois, por recomendação de uma amiga, consultou

com o endocrinologista que a trata atualmente. Tem consulta a cada 20 dias, e é difícil que falte.

Sua alimentação, na época das entrevistas, era equilibrada e estruturada, segundo as recomendações da boa nutrição. A refeição mais complicada de ajustar às orientações é a janta, já que, por certa cobrança das filhas e do marido, alguns dias ela terminava fazendo-a junto com a família: “Às 6 horas, se eu como aqui [apartamento do prédio em que trabalha], como os meus legumes, a comidinha que eu faço; se for jantar com eles é café, pão, essas coisas assim [...], aí a minha dieta vai parar lá longe, né?”.

Antes de entrar no processo de reeducação alimentar, a estrutura de suas comidas não se diferenciava tanto da atual¹¹⁹, como a qualidade dos alimentos de algumas refeições: “[O número de refeições] era mais ou menos, só que, em vez de fazer lanches saudáveis, comia chocolate, doces, bolacha, Coca-Cola. Em vez de comer uma fruta uma coisa assim, pegava um copo de Coca-Cola e umas bolachas e saía comendo. Tomava muita Coca-Cola e comia muito chocolate”.

¹¹⁹ Também ela tinha um hábito incorporado desde sua infância, uma ingesta pesada de alimentos na tarde: “Um dos costumes que tinha, me criei com isso, era tomar café da tarde com pão, com tudo que tivesse direito [...], às 4 horas da tarde [...], o que tivesse se comia”. Isso significa que, quando chegava a hora da janta por volta das 18h30min, “se dava fome, a gente comia de novo”.

Na descrição de seus hábitos alimentares, quando criança, é possível identificar dois padrões funcionando de forma simultânea. Por um lado, uma alimentação saudável nas refeições mais fortes, em grande parte devido a restrições orçamentárias: “Por ser mais difícil comprar porcaria [...], nós comíamos muito legume, verduras, frutas, pouca carne, pouquíssima carne. Comíamos mais carne de soja, que era mais barata”. Isso se reflete hoje, por exemplo, no fato de ela não gostar de comidas gordurosas: “Não gosto, fritura, gordura, coisas assim, não”.

Por outro, também foi comum na infância, o consumo sistemático de algumas guloseimas: “[...] Não vou mentir, porque o pai deixava as moedinhas nos bolsos, eu pegava e ia lá comprar chocolate e Coca-Cola, desde que me conheço por gente. Incomodava, infernizava a vida dos pais, para me dar dinheiro, um pila, um pila... Eu tenho apelido em casa, até hoje, de „um pila“... Era para comprar um chocolate, um picolé”.

Seu gosto pelo consumo desse tipo de gulodice a acompanhou por toda a vida e por vezes tomou, segundo sua própria descrição, ares de compulsão: “Ah, isso há uns dez anos atrás! Comprava bombom e vinha comendo até em casa, se eu fosse alcoólatra eu ia chegar bêbada em casa! Com certeza, viciada, viciada em chocolate! [...] Era viciada em chocolate,

sou viciada em chocolate, e eu não sei pegar um bombom e comer um bombom, tenho que comer todos”. A luta para não cair em “tentação” é diária. Uma das estratégias que funcionam é evitar o contato com chocolate: “Não compro! Se eu comprar, vou dizer assim: „Ah! Vou comprar para quando as gurias virem aqui... É mentira! Como tudo antes de elas chegarem”.

Fora a dificuldade de administrar o consumo de doces, em particular, do chocolate, mudar seus hábitos, no que diz respeito ao resto da alimentação, não tem sido difícil: “Nunca tive grandes problemas, porque como de tudo, consigo substituir uma coisa pela outra”. O que tem sido difícil mesmo é dispor de alimentos adequados quando as refeições se fazem em família. Na sua casa, não se tem cuidado com a alimentação. As filhas não “necessitam se cuidar com a comida” e o marido, apesar do excesso de peso¹²⁰, tem mostrado pouca disposição para engajar-se numa dieta equilibrada.

Lúcia fumou por muitos anos. Começou quando tinha 13 anos e fumou quase que ininterruptamente até os 40. Parou apenas durante a gravidez das filhas, e num período de dois anos quando mais nova. O

abandono total do cigarro durava praticamente quatro anos e teve dois motivos básicos. Por um lado, o fato de que seu marido tinha parado de fumar após a internação para tratar a dependência alcoólica: “Ele parou e daí eu parei de fumar também para não ficar fumando em volta dele”. Por outro, certa ideia de mudança que a tomou quando chegou à quarta década de existência: “Aí, quando fiz 40, resolvi mudar de vida”. No entanto não foi simples mudar o hábito, e ela sentiu bastaste abandonar o cigarro: “Nos primeiros meses, quando parei de fumar, foi duro [...] Hoje não, de vez em quando dá vontade, mas não aquela loucura”.

Lúcia tem alguma experiência com terapia. A busca de auxílio psicológico é apresentada como uma reação à acusação reiterada do marido de que ela era uma pessoa desequilibrada: “Ele dizia para mim que eu era louca. Que eu tinha que me tratar. Aí uma vez, tanto foi tanto foi, que eu liguei pra uma médica e fui, né?”. Contudo, no período em que ela fez terapia, não foi fácil administrar a insegurança que as consultas criavam no companheiro: “[Ele dizia:] „Tu foi lá só para te queixar de mim”. Eu dizia: „Não vou me queixar de ti, vou para falar de mim, quer saber [o que falo] vai comigo [...]”. Ele dizia: „Tu quer me expor”; e eu dizia: „Não, não se trata disso”.

¹²⁰ “Acho que foi quinta, ele contou aqui para a médica que mora no prédio: „Doutora! Fui à nutricionista e fiquei tão contente quando ela me disse: Tu não estás com sobrepeso, tu estás obeso!” [risos]. Ele está com 20 quilos acima do peso, está com 83kg, ele é baixinho, ele tem 1,75m”.

Apesar dessas dificuldades, Lúcia entende que essa experiência foi importante. Entre outros motivos, porque a profissional deu ferramentas para ela enfrentar as situações criadas pela doença do esposo. Fala sobre o assunto com bastante tranquilidade: “A terapeuta disse: „Lúcia, enquanto ele não se tratar, a tua vida vai ser sempre assim, vai beber, vai te incomodar, no outro dia vai te pedir um milhão de desculpas... no outro dia ele vai beber, te incomodar... [risos], vai te pedir um milhão de desculpas“. Eu me preparei para isso, sabia tudo direitinho. Ele levantava de manhã, sabia de que ele ia beber, incomodar, no outro dia ia pedir desculpa. As gurias sabiam”.

Ela voltou a receber assessoria psicológica durante o processo de internação do marido. Sobre um dos temas que os familiares são informados é que a abstinência não significa uma modificação no curto prazo do padrão de comportamento do dependente. Existe um conjunto complexo de elementos que se relacionam ao problema e que devem ser transformados em seu conjunto para conseguir mudanças na forma de vida. No caso do esposo de Lúcia, ainda abstêmio, apresenta formas de comportamento próprio de quando ele não o era: “[há dias que] levanta e vai incomodar como se ele tivesse bebido, só que ele não bebeu. Mas ele vai levantar, vai incomodar, e ao outro dia fica com uma cara de cachorro. A psiquiatra também me falou que são recaídas secas,

sem a bebida. Ainda ficando um longo tempo sem beber, vai infernizar a vida da gente, porque age da mesma forma como se tivesse bebido”.

Na atualidade ela tem pensado em reiniciar a consultas. Necessita organizar angústias que afetam desde os tempos em que ela teve que enfrentar as situações criadas pela dependência do marido: “Ainda tenho muita mágoa... Isso custa para passar. Isso são quatro anos que ele está em recuperação. Algumas vezes, fico assim trabalhando [e esqueço]... Tem dias assim que nem lembro. Tem dias também, né? Que lembro, dá uma tristeza assim, uma... coisa tão nojenta, tão ruim”. Por outro lado, sabe que o retorno à terapia não se trata de algo apenas individual, necessitaria ser um projeto de família. Contudo nem todos estão dispostos: “tenho vontade [de fazer terapia], sabe? Mas quero que ela vá junto. Não é que eu quero... Não quero obrigar ele a ir junto. A gente já falou várias vezes. Quando ele saiu da internação, a própria clínica dá opções de fazer terapia: de casal, de família, pais e filhas junto... Que as gurias também tem... Todo mundo tem, todo mundo ficou com trauma de alguma coisa, né? Só que não tem jeito de ele ir. Sabe que ele saiu da clínica, ele nunca nem... individual, nem ele nunca mais foi”.

Um espaço no qual Lúcia encontrou um respaldo importante para elaborar os problemas familiares foi o grupo de apoio a

parentes de dependentes de álcool que passou a frequentar após a internação do esposo: “Não deixa de ser uma terapia, a gente consegue expor as coisas que a gente sente [...]. Se fala de tudo, tudo, as mágoas, as raivas, tudo, né? Todos os familiares falam o que sentem”. As filhas a acompanharam durante um período, depois passou a frequentá-lo sozinha, menos assiduamente no último tempo. É difícil ela dar depoimentos: “Falei umas duas, três vezes, em todos esses anos que eu vou. Não consigo”.

Na atualidade, tentam administrar o temor familiar de que o marido possa ter uma recaída. Esse fantasma faz Lúcia e suas filhas reféns de uma culpa por antecipação, a de serem potenciais desencadeadoras de uma reincidência: “A gente respeita tá? A gente tem muito medo de ir contra, e ele ir beber. Então a gente faz as vontades dele”.

Cuidados estéticos

Lúcia não tem maiores preocupações com os padrões da moda em sua forma de vestir (notei certo estranhamento com minha pergunta): “gosto de roupa que me deixe confortável, não com roupa que me deixe bonita. Isso não”. Sempre foi assim. Até em épocas anteriores teve menos cuidado que na atualidade: “andei muito atirada uma época. Hoje em dia até me cuido um pouquinho mais, não saio tão maloqueira na rua”. Tem a

mesma lógica quando se trata de calçado: “tênis, tênis, tênis. Sapato eu não uso [...] Não, não, não. Sapato só se for para sair para uma festa, se eu boto sapato eu [sofro]. Ai meus pés não aguentam”.

Não costuma ir ao cabeleireiro. Também não tem outras práticas de embelezamento: “Eu gosto de cortar o cabelo... de vez em quando... As unhas eu mesma faço [...] Se é para fazerem pior que eu, nem vou gastar dinheiro [risos]”. Na mesma linha, não tem maiores preocupações com maquiagem ou produtos para cuidado da pele ou semelhantes.

Em linhas gerais, Lúcia não tem maiores inquietações com sua aparência em termos estéticos: “não sou preocupada com isso, não. Sou mais preocupada assim com a minha, como é que eu vou te dizer... Com a saúde eu acho... [Com a beleza?] Não, não, não”.

Sociabilidade

A rede de sociabilidade de Lúcia é pouco diversificada e não muito densa. Atualmente, grande parte de suas relações se mescla com a rede familiar. Tem uma amiga no prédio em que trabalha. É com ela que diariamente conversa e com quem divide muitas de suas preocupações cotidianas.

Não costuma ir à casa de amigos e não são muitas as pessoas que visitam sua casa.

Um pouco mais frequente é que conhecidos de seu marido frequentem sua casa.

As pessoas que visitam sua casa são geralmente familiares e a amiga do prédio onde trabalha. Sua saída mais comum é a visita à mãe nos finais de semana e, uma vez por mês, mais ou menos, ir a um café ou lancheria com sua filha mais velha e também com toda a família.

O trajeto nesse campo foi sempre similar. Em geral, seu grupo social esteve fortemente vinculado à família e, quando mais nova, aos vizinhos do bairro e alguns companheiros de escola. As redes se diversificaram um pouco quando trabalhou nas diferentes firmas, mas as relações não se sustentaram no tempo.

Adotando a lógica de análise do caso anterior, comento a seguir dimensões relevantes do estilo de vida de Lúcia, em interface com as PMCTL. Também entrelaço a discussão do caso com descrições de outras pessoas que participaram em diferentes etapas da pesquisa com perfis socioeconômicos e práticas corporais similares à zeladora.

Do ponto de vista socioeconômico, Lúcia tem uma dupla ambiguidade. Por um lado, ocupa uma das categorias de classe mais baixa, dentro da classificação utilizada nesta pesquisa (trabalhador elementar), mas é casada com um trabalhador qualificado que tem uma renda bastante superior à dela. Também mora em casa própria num bairro que não se caracteriza pelo perfil salarial dela e de seu marido. Por outro lado, a dinâmica familiar, em especial a relação do casal, faz que ela não usufrua dessa melhor posição na renda, já que cada um administra seus próprios ganhos e, por muitos anos, o ingresso do marido não esteve disponível para os consumos familiares. Assim, a interpretação que surge da leitura da renda familiar no questionário, que induz a pensar numa pessoa que desfruta de uma posição de classe média assalariada, se desmancha quando se conhece a lógica de funcionamento da família. Em síntese, posso afirmar que Lúcia tem uma trajetória socioeconômica ascendente quando comparada à origem social e o nível atual das pessoas de seu entorno social de procedência¹²¹, no entanto continua ocupando uma posição social subordinada. Ainda assim, a mobilidade social ascendente permitiu que tivesse contato com lógicas de estilos de vida (esposo, pessoas que residem no prédio em que trabalha, filhas com maior nível de

¹²¹ No contexto familiar, Lúcia é a que em melhor condição socioeconômica se encontra; a irmã mais velha está desempregada (vive com a mãe); o segundo era pedreiro e morreu num acidente de trabalho; e o menor trabalha numa fábrica de molduras de concreto, “sempre de servente”.

escolarização) diferentes das que conheceu durante sua socialização inicial, o que *explica* seu vínculo com práticas culturais mais legítimas.

Outro ponto que não pode passar despercebido no envolvimento de Lúcia com PMCTL e também com as práticas culturais dissonantes se relaciona com as vantagens de residir num espaço privilegiado da cidade, onde são oferecidos bons serviços públicos em geral (educação básica para as filhas, iluminação, segurança), e de lazer. Lúcia mora a poucas quadras do *Parcão*, espaço verde que oferece todas as condições para a prática da caminhada.

Uma análise do tempo disponível de Lúcia para as práticas corporais permite perceber, inicialmente, que, mesmo trabalhando muitas horas por semana, ela tem certa flexibilidade, que lhe permite conciliar tarefas familiares (acompanhamento da filha) com a prática do exercício e o início das atividades laborais. Além disso, dada a dinâmica familiar, ela conseguiu transferir uma parte importante das tarefas domésticas para suas filhas, particularmente para a menor. Apesar dessas possibilidades objetivas de disposição/administração de seu tempo, ela tem se empenhado em dar centralidade ao exercício físico, um espaço em sua vida, ainda que possa concorrer com horários em que a família demanda sua presença e seu acompanhamento. Trata-se de um esforço por iniciar uma *nova* etapa de vida, que envolve, entre outras coisas, preservar um tempo para si e atuar mais em função de seus desejos. Lúcia explicita em vários momentos da entrevista estar empenhada num movimento de mudança que se expressa em questões simples, como a escolha de um restaurante¹²², e também mais complexas, por exemplo, vinculadas à transformação de seu corpo¹²³: “Não penso mais nos outros, não penso mesmo, nós somos muito... Pensamos só nos outros... Larguei de mão!”

Ao longo das conversas, surge a ideia que a caminhada/corrida é um tipo de exercício que, além de ser eficaz para seus propósitos, não tem custo, o que se adéqua à sua condição econômica. Mas também entendo que tem um baixo “custo cultural” (BOURDIEU, 1993, p. 73). Durante os meses das entrevistas, como descrito, Lúcia teve a possibilidade de frequentar sessões de exercícios físicos institucionalizados (hidroginástica, natação), de forma gratuita, fato com o qual sempre se mostrou bastante entusiasmada. No entanto, durante os seis meses de acompanhamento, ela não aderiu à atividade. Analisando seu caso, passados alguns meses, comecei a trabalhar com ideia de que o *custo cultural* mencionado por Bourdieu talvez fosse

¹²² “Olha, eu passei muitos anos da minha vida indo a lugares que os outros gostavam, e às vezes eu nem gostava, mas ia. Hoje penso o contrário. Se vou num lugar, vou onde gosto, não quero mais saber, gosta ou não gosta, quer ir vai, se não quiser não vai!”

¹²³ “Vixi! Foi nesses últimos anos que eu comecei a cuidar mais de mim e dar mais atenção pra mim e para tudo, né? Mas só voltada mais para mim.”

um elemento que poderia estar na base desse episódio. Ir para o clube e compartilhar uma aula significa entrar em contato com pessoas com um nível socioeconômico diferente do dela, numa condição de igualdade; entendo que isso pode produzir certo desconforto, exigindo um preço a pagar.

No que diz respeito ao sentido da prática, para Lúcia, caminhar tem um lugar

Mariana: 45 anos, balconista (jornada de 44 horas por semana), com Ensino Médio completo, casada, esposo analista técnico de saúde (curso superior), dois filhos (23 e 24 anos), moradora de Boa Vista. Pai: pedreiro, com Ensino Fundamental completo. Mãe: telefonista, com Ensino Médio completo. Consumos culturais consonantes pouco legítimos. Entrevista semiestruturada.

Liliane: 30 anos, cabeleireira autônoma (40 horas semanais), com Ensino Médio completo, casada, esposo analista técnico de saúde (curso superior), dois filhos (6 e 9 anos), moradora de Sarandi. Pai: garçom, com Ensino Fundamental incompleto. Mãe: manicure, estudou até a 5ª série. Consumos culturais consonantes pouco legítimos. Entrevista semiestruturada.

Nélida: 44 anos, diarista, estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental, separada, sete filhos (menor 10, maior 25 anos), moradora de Cavalhada. Morou no interior do RS até os 12 anos. Mãe lavava roupas para fora, estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Consumos culturais consonantes pouco legítimos. Entrevista semiestruturada

Valquíria: 42 anos, auxiliar de serviços gerais, estudou até a 6ª série, separada, um filho (9 anos), moradora de uma vila da região do Partenon. Pai: aposentado por invalidez (perdeu parte de sua mão aos 16 anos), estou até a 3ª série. Mãe: trabalhou sempre como caixa de restaurante, também estudou até a 3ª série. Valquíria trabalhou desde os 13 anos como babá numa casa de família. Consumos culturais consonantes pouco legítimos. Entrevista em profundidade (quatro entrevistas de 60 minutos).

importante em seu projeto de luta contra a obesidade, que em seu caso não parece não representar apenas um problema orgânico. Como afirmei na descrição, é impulsionada por temores (à obesidade e às limitações físicas), mas também atraída por sensações que vivencia nesse processo. A luta contra o sobrepeso ganha destaque também entre os outros casos que ocupam um espaço social próximo e com um perfil cultural similar. Mariana, por exemplo, quando indagada sobre os motivos de sua prática (uma vez por semana, geralmente aos domingos), ultimamente bastante irregular (fazia 30 dias que tinha praticado pela última vez), a resposta foi: “Perda de peso” (mede 1,67m e pesa 66 kg). Não foi diferente com Liliane, que há oito meses tenta ser regular em suas caminhadas diárias (segunda a sexta), de pelo menos uma hora. Medindo 1,68m e pesando 81 kg, a resposta sobre o principal motivo para fazer exercício ganhou um ar de obviedade: “Perda de peso, né!”.

Ainda que controle do peso seja o elemento comum nestes casos, também aparecem benefícios acessórios, geralmente atrelados a uma ideia vaga de bem-estar, como no caso de Lúcia. Por exemplo, Nélida também aponta “o peso” (1,66m; 70 kg, “infelizmente”) como motivo para suas caminhadas frequentes de casa-trabalho-casa, as quais incorporou à sua rotina há três anos (com duração

de uns 25 minutos cada percurso). No entanto, salienta um justificativa de auxílio para conseguir certo equilíbrio psíquico/emocional: “faz bem para a cabeça [...] quando quero colocar meu pensamento em dia, eu caminho, porque daí eu venho pensando ou vou pensando... uma coisa assim”. Numa linha semelhante, encontramos nesse grupo Valquíria, que com frequência percorre a pé o caminho de casa ao serviço, e vice-versa. Esclarece que ela poderia vir de ônibus, mas prefere fazer o percurso a pé sempre que possível. A ideia é que caminhar “ajuda para ti conseguir diminuir o peso e essas coisas assim [...]” (1,59m; 67 kg). Mas não se trata só disso, pois reforça diversas vezes que gosta de caminhar. Nessa lógica de afirmar sua escolha, comentando que ela poderia fazer musculação (o local onde trabalha permitiria o acesso gratuito a uma academia), acredita que “às vezes tu vais fazer uma musculação e ficas muito forte, coisa que para mim não [...] não me atrai, porque eu não quero ficar fortinha, eu quero ter saúde para quando eu chegar numa certa idade [com] minha saúde boa”.

Em relação a preocupações com o corpo, no que exprime o cuidado com a alimentação, a luta contra a gordura corporal fica mais evidente (Mariana: “para não se exceder de peso”, Liliane: “emagrecer”). Não se desassocia de outros efeitos sobre a saúde, mas mudanças na alimentação, como é o caso de Nélida (“antes comia muita carne gorda, gordura, churrasco, agora estou mais [mesurada]”), o peso é uma referência central: [Por que deverias te cuidar mais com a alimentação?] “A gordura né, porque a gordura tem muita... é pressão alta aquela coisa toda, prejudica né”.

Entendo que essa lógica é a que está presente em Lúcia: o cuidado com a alimentação converte-se numa das exigências para emagrecer e, em seu caso, aparece apenas após estar muito fora de peso. Contudo é importante salientar dois aspectos nesse ponto: por um lado, uma dimensão mais *permanente*, algo como disposições para lidar e/ou cuidar de seu corpo e, por outro, uma dimensão mais *conjuntural*, estar vivendo uma nova etapa pessoal/familiar. Na primeira dimensão, pode ser evidenciado algo perto do que Bourdieu e Bolstanski denominam *relação instrumental com o corpo*; o corpo é para ser usado, não para ser cuidado, só atendo/cuido quando *estraga*. Os episódios relatados, no item específico da descrição, mostram Lúcia suportando a dor até não mais *aguentar*. Passou a cuidar de sobrepeso quando estava ficando fora de controle, cada vez mais parecida com suas irmãs e com dificuldade de subir ao apartamento. Por outro lado, teve uma mudança na lógica de funcionamento familiar que lhe permitiu passar a cuidar mais de si. No momento que o esposo passa pelo tratamento de desintoxicação e se mantém afastado da bebida, oportuniza uma mudança que Lúcia se

ocupe de outros assuntos, como também compartilhe em parte as responsabilidades familiares: “acho que foi mais com a ajuda do próprio Adolfo [nome fictício], de ter ido se tratar, se não talvez eu não tivesse feito isso até hoje [ir médico, controlar a alimentação, fazer exercício], se não fosse ele ter ido tratar o alcoolismo, eu nunca teria feito isso, eu ia ficar a vida inteira vivendo... [faltam palavras, silêncio]. Era só ele, tudo era ele, ele era o olho do furacão”. Diretamente vinculado com o anterior, aparece outro elemento que a tem ajudado a repensar e organizar sua vida: “Conheci o grupo de ajuda para familiares [de dependentes], e ali entendi que tinha que cuidar de mim para poder ajudar ele e ajudar minhas filhas”¹²⁴. As filhas também demandaram, inicialmente pelo menos, que se voltasse mais para si: “As gurias diziam: „Mãe, tu tens que cuidar de ti!”. Em síntese, o caminhar exprime também um projeto maior de mudança.

No campo da estética – que pode ser entendido como outro espaço de cuidado do corpo – Lúcia não manifestou maiores preocupações. Nessa lógica, não enxergou muito sentido na pergunta sobre cirurgia estética, pois é algo que nem passa pela sua cabeça. Porém isso não se colocou em outros casos do mesmo espaço social. Mariana, Nélida e Liliane afirmam que gostariam fazer cirurgias plásticas. Nas duas últimas, o assunto é de novo a gordura. Nélida, quando indagada se faria alguma intervenção sobre o corpo para melhorar suas formas, jocosamente, afirma: “Ah! Com certeza, se tivesse dinheiro já teria feito! Já teria feito minha barriga, a parte que engorda mais, que aparece mais a gordura. [Por quê?] Ah, para chegar a uma loja e comprar roupa, todo assim, muitas vezes vou a comprar alguma roupa e não compro nada [as roupas não se ajustam a seu corpo]”. Já Liliane não se diverte com o assunto: “Tirar a barriga”. Na mesma linha, Liliane já experimentou sessões de massagens, tratou mais de um ponto no programa de combate à “gordura corporal” e seus males associados: “celulites”.

No que diz respeito ao campo da sociabilidade, a prática de exercícios físicos não ganha espaço nesse universo. Lúcia foi muito clara que esse é um espaço apenas para ela. Não gosta de compartilhar esse momento. Para Valquíria e Nélida, no momento em que a caminhada é também o traslado para seus empregos (trata-se de uma mistura de exercício físico com prática utilitária), a companhia é praticamente impossível. Um pouco diferente

¹²⁴ “Vivia que nem uma louca, e no grupo de ajuda entendi que tinha que cuidar primeiro de mim e depois do resto, senão não tem como, a gente fica que nem um louco mesmo, e assim, olha, a vida melhorou bastante.”

ocorre com Mariana, que geralmente o faz acompanhada de um familiar, assumindo mais o caráter de um passeio, e com Liliane, que geralmente o faz em companhia de uma vizinha.

3.2.3 Mulheres *Privilegiadas* com Práticas *Divergentes*: Diálogo com Paula

Uma profissional liberal com prática corporal divergente¹²⁵

Paola, 44 anos, é porto-alegrense (mas morou entre os cinco e os 20 anos numa cidade da Grande Porto Alegre), casada, mãe de dois filhos (de 15 e 18 anos). Advogada, divide seu tempo profissional entre o escritório e a docência numa universidade privada da região metropolitana de Porto Alegre. Além da graduação em Direito, cursou uma especialização em Direito Internacional, um MBA em Direito Tributário e um mestrado em Ciências Sociais. Também é graduada em Enfermagem, ocupação que exerceu por vários anos, antes de sua mudança profissional para o campo do Direito. Vive em casa própria num condomínio fechado da zona sul de Porto

¹²⁵ O contato com Paola ocorreu pela busca de um perfil divergente de PMCTL, não apenas quando considerado o espaço social em que é classificada, mas também com as práticas físico-esportivas predominantes entre as mulheres. No total, foram realizadas cinco entrevistas, com intervalo mínimo de uma semana e máximo de duas, ao longo de dois meses. Após as entrevistas, houve ainda mais um contato, para uma explanação sobre o andamento do trabalho, como também confirmar e complementar algumas informações. No total, foram oito horas de conversa. Todos os encontros aconteceram no seu local de trabalho, a maioria a partir das nove da manhã sem horário para terminar.

Alegre¹²⁶. Seus rendimentos variam bastante, mas calcula que a sua renda mensal fica entre os dez mil e os 15 mil reais, e a familiar entre os 30 mil e os 45 mil reais. O esposo é médico. Ele divide seu tempo profissional entre um hospital privado e a clínica particular da qual é sócio. Paola vem de uma família de classe média, cujos pais obtiveram marcada ascensão socioeconômica em comparação com suas famílias de origem. O pai de Paola nasceu no seio de uma família pobre e numerosa (15 irmãos) da zona rural de uma cidade pequena no interior gaúcho, onde ele viveu sua infância e adolescência. Sem muita perspectiva, com 12 anos saiu de casa para fazer um curso de marcenaria em outra cidade. E, quase por casualidade, entrou num curso de manutenção de aviões que uma nova companhia aérea estava oferecendo, com vistas a formar seus quadros profissionais para começar a operar no estado: “Meu pai não entrou na companhia por opção, entrou porque foi o modo de aprender alguma coisa sem pagar, porque a família não tinha nenhuma

¹²⁶ A família se mudou recentemente para essa casa avaliada em aproximadamente 1,5 milhão de reais.

condição de fazê-lo”. Nesse curso, além da formação técnica necessária para o trabalho de manutenção, 20 horas por semanas eram dedicadas ao estudo do inglês, já que todos os manuais eram nessa língua. Terminado o curso, passou a trabalhar nessa empresa, aposentando-se nela aos 60 anos, após 40 anos de serviço, a maior parte do tempo como engenheiro de voo. Transcorridos vários anos de empresa, passou a frequentar um curso superior e graduou-se engenheiro numa universidade privada da capital (a formação não foi uma exigência profissional). A mãe de Paola nasceu em outra cidade do interior, também numa família numerosa do meio rural, dona de uma pequena propriedade. Como uma grande parte da população agrária da época, seus estudos ficaram no Ensino Fundamental. Após o casamento, por volta dos 19 anos, passou a cuidar exclusivamente da família.

Rotina

Paola acorda às 7h45min. Toma o café da manhã em família e cada um vai para suas respectivas obrigações. De manhã, ela vai para o escritório que compartilha com uma colega no mesmo prédio onde o esposo tem sua clínica privada, num antigo bairro ao sul da região central da cidade.

No escritório, trabalha sobre as causas, atende seus clientes, como também dá conta de algumas demandas de uma disciplina de ensino a distância que ministra na universidade em que trabalha em tempo parcial. Fica lá até perto do meio-dia, quando busca os filhos na escola e retorna à casa: “Passo arrecadando: no colégio, no cursinho”. Sua presença no escritório diminuiu desde o início deste ano.

Almoça em casa com a família reunida. Depois descansa, faz uma caminhada e se prepara para suas atividades na universidade: “Se tiver que preparar uma aula, trabalho; prova, fico em casa”. Eventualmente, se necessário, vai ao fórum ou volta para o escritório.

No semestre em que aconteceram as entrevistas, ia à universidade duas vezes por semana. Um dia, trabalhava nos turnos da tarde e da noite e, noutro, à noite. Quando tem aulas à noite, procura chegar umas duas horas antes, para dar conta de tarefas docentes e evitar o congestionamento do final da tarde de Porto Alegre. Retorna à casa por volta das 23h30min.

Na rotina semanal, Paola tem mantido, por opção, o “leva e busca dos filhos”. Esse aspecto, junto com o costume de fazer as refeições do meio-dia sempre em casa, é descrito como um esforço de manter-se conectada aos filhos: “[Sempre achei] que

eu ia perder a proximidade deles trabalhando muito [e terminaria mandando] e-mails perguntando como estavam. Então almoço todos os dias em casa, sempre almoço em casa [batendo com o dedo na mesa]”.

Na organização da rotina familiar, o horário que vai do meio-dia até por volta das 15 horas é o tempo de encontro da família nos dias de semana. Nas noites, uma das ocupações de Paola é com o horário de retorno do esposo à casa, muitas vezes depois das 20h30min: há pouca interação familiar nesse horário. Sobra uma que outra noite na semana que quebra essa rotina.

Aos finais de semana, Paola não gosta de ter compromissos agendados: “Não marco nem cabeleireiro”. Também faz o possível para não se envolver com trabalho. No sábado, quando “sai todo o mundo jogar alguma coisa”, ela pode fazer sua caminhada, cuidar do jardim, ler. No improviso, pode participar de ou organizar uma saída com as amigas durante a tarde. À noite, é comum sair para jantar com a família. Aos domingos, fica mais em casa. Ler, assistir a algum filme, arrumar algo na casa são programas habituais (“mudei faz um ano, então sempre tem alguma coisa”). Eventualmente, joga tênis com o marido nas quadras do condomínio. Todavia, apenas descansar não é um programa

menosprezado: “Eu adoro dormir de tarde no final de semana”.

Paola explica que, pela profissão do marido, não tem possibilidades de viajar muito nos finais de semana e, também, este é um dos motivos por que nunca tiveram casa na praia. Para se ausentar na cidade, ele necessita que outro médico cuide de seus pacientes no hospital, o que não é um processo tão simples para ser feito regularmente.

Consumos culturais

Considerando o conjunto de consumos culturais, é possível afirmar que Paola tem um perfil cultural dissonante, com predomínio de práticas e gostos legítimos. O esposo parece ter tido impacto importante em algumas de suas preferências mais legítimas.

Paola lê muito: “Desde criança, a coisa que eu mais gosto”, Lê todas as noites durante aproximadamente uma hora: “Não sei deitar e dormir”. Também é uma prática com a qual se envolve nos finais de semana. Quanto ao gênero, é taxativa: “Não admito ler outra coisa que não seja literatura”. Os livros profissionais ocupam outro lugar em sua organização: “Olha, raríssimas vezes na minha vida leio um negócio, à noite, vinculado ao trabalho”. Não tem como costume juntar livros para serem lidos, a grande maioria das obras é

comprada e lida na sequência. Entre as últimas aquisições estão as obras completas de Honoré de Balzac, *A Comédia Humana* (17 volumes), “estou no sétimo”, e “uma coleção dos 20 melhores livros de todos os tempos, publicada pela Folha de São Paulo, tem alguns que eu já tinha”. Indagada sobre o critério da escolha, Paola explica que, na atualidade, busca ler autores clássicos reconhecidos da literatura mundial. Quando jovem, tinha a ideia de que devia dar conta dos autores nacionais; assim, leu, entre outros: Erico Verissimo, Jorge Amado (obra completa), Josué Guimarães (obra completa). Depois de casada, por influência do esposo, passou a ler literatura estrangeira: “Comecei com os bem clássicos, que gosto até hoje [...]. [Fiodor] Dostoiévski é um dos autores que mais adoro[...]”. *O Idiota* [1869] é a última obra do autor russo que Paola leu, alguns meses antes das entrevistas; na época, ocupava-se de *Naná* [Émile Zola, 1879]. O esposo é seu principal interlocutor para conversar sobre o que lê: “A gente troca figurinha”.

Praticamente não lê revistas. Assinava uma, mas parou porque a incomodava a notória parcialidade da linha editorial da publicação. Lê os jornais *Folha de São Paulo*, aos domingos, e *Zero Hora*, durante a semana. Marca uma clara diferença entre o primeiro, que seria um jornal para informar-se, e o segundo, que serve apenas

para estar por dentro do que está acontecendo. Geralmente é uma leitura que acompanha o café da manhã.

Paola adora ir ao cinema, mas não vai tanto quanto gostaria. Calcula que umas duas vezes por mês (bem menos que a filha, que vai duas vezes por semana). Em relação a suas preferências, é bastante enfática: “Disparado, o que eu mais gosto é o Pedro Almodóvar”. Também menciona Woody Allen (“aprendi a gostar de seus filmes com meu marido”). Quanto a gênero, além dos trabalhos produzidos pelos diretores mencionados, gosta de suspense policial. Também assistia e gostava muito de longa-metragem de terror, mas não continuou porque seu marido não gosta desse tipo de filme: “Tem pânico, eu não sei, pelos pais dele terem sido pastores de uma igreja adventista, tem um coisa com o demônio e não sei que, bah!”¹²⁷. Evita desde há alguns anos assistir a filmes “politizados”, como *Platoon* [?] ou *A lista de Schindler* [?]. Aponta, como filmes de referências, *Crimes e Pecados* [Woody Allen, 1989], *Blade Runner* [*O Caçador de Andróides*, Ridley Scott, 1982]. Não obstante, num registro bem diferente da filmografia

¹²⁷ Eu adorava, de guria eu tinha paixão por filme de terror, por aquele negócio de terror, eu até brinco porque agressão, filmes de *serial killer* eu sei que existe porque tu vai na rua tu é morto, leva um tiro ali na esquina e de vampiro eu não tenho medo (risos de ambos), então eu prefiro ver um filme e pra mim eu vejo filme de vampiro numa boa, essa coisa de “O Exorcista”, hoje também eu não vou sair prá ver né,

descrita, o último longa-metragem assistido foi *Os Normais 2* [José Alvarenga Jr., 2009], que foi num programa em família com a filha e o namorado da garota.

Assiste regularmente a DVDs. Os gostos não são diferentes dos apontados para o cinema. Filmes europeus e latinos também entram na seleção, entretanto não é comum pegar títulos nacionais. A exceção foi *Tropa de Elite* [José Padilha, 2007]: “Inicialmente, relutei muito para assistir, mas gostei muito”¹²⁸. O motivo de evitar os filmes brasileiros é o que considera uma “superexposição” dos problemas sociais: “daqueles problemas da favela, dos pobres amontoados, da violência [...], estou cansada daquele negócio”. Dentre os nacionais, reivindica filmes como *O Quatrilho* [Fábio Barreto, 1994], por ter uma estética diferente e mostrar outras dimensões do país. No último ano, não apenas assistiu a DVDs, como comprou a coleção *Clássicos do Cinema*¹²⁹, comercializada pela Folha de São Paulo, da qual já assistiu a vários.

Não costuma ouvir música. Apenas é uma companhia quando anda de carro. Tampouco se programa para escutar um tipo específico de música: “Sou daquelas

que têm três CDs no carro e troca a cada dois anos”. Define-se com um gosto eclético, mencionando, entre seus artistas preferidos, basicamente cantores/autores da MPB, em especial Chico Buarque entre os brasileiros e Amy Winehouse entre os estrangeiros. Na música instrumental, aponta a clássica como a única de que gosta. Identifica suas preferências musicais com a programação da rádio Antena 1 (89,3 MHz). Outras rádios que escuta são a Pop Rock (107.1 MHz) e a Itapema (102.3 MHz)

Não costuma ir ao teatro. Entre as principais dificuldades, está a de encaixar o programa na rotina (uma única função, concentrado aos finais de semana, problemas de infraestrutura e estacionamento). Não assiste a concertos de música clássica nem a ópera. Mas já assistiu a esses espetáculos algumas vezes, inclusive no exterior: Nova Iorque e Praga. Visitar museus é bem mais comum, ainda que não seja uma prática regular. Quando há exposições novas em Porto Alegre é bem provável comparecer, geralmente na companhia do esposo. Contudo é mais frequente visitarem museus quando viajam para fora do país.

Sempre que surgem oportunidades, vão a bailes. Geralmente são eventos vinculados a festas corporativas, organizadas em datas comemorativas. São espaços onde ela pode fazer algo de que gosta muito: dançar. O

¹²⁸ Gostou da forma como o personagem narrava a história, não gosta das cenas das agressões.

¹²⁹ Vinte títulos em formato livro-DVD com filmes antigos, como “E o Vento Levou”, “Casablanca” e “Cantando na Chuva”.

marido é um bom companheiro nessa hora, ainda que não seja algo que adora. Também assiste a recitais. O último foi de Nei Lisboa, no Theatro São Pedro, cantor do qual o marido gosta muito. Na época das entrevistas, tinha planos de assistir ao show de um integrante do grupo Village People, que estaria em Porto Alegre. A ideia é cantar, dançar e divertir-se em companhia de amigos.

Vê pouca TV. Basicamente assiste a telejornais, ou melhor, os ouve (“ligo e deixo ali, vou lá arrumando uma coisa e outra, ou ligo a TV na cozinha, que também não tem TV a cabo, preparo o lanche da noite e fico lá vendo o jornal do dia”). Eventualmente pode ver algum programa humorístico para entreter-se, como *Toma lá, dá cá* [Emissora Globo] (“Acho engraçado. Eu chego do vôlei e fico, se está dando aquele „negocinho“, eu vejo”).

Paola e a família viajam com frequência. É uma prática que realiza com seu marido desde que se casaram: “Há 22 anos que a gente mantém uma frequência de dois em dois anos fazer uma viagem para fora, conhecer outros lugares”. É um tipo de investimento que justifica plenamente: “A gente não tem pena de gastar com viagem”. A última grande viagem (a mais longa de todas) foi à América do Norte, um ano e meio antes do período das entrevistas. O destino, que já era

conhecido, foi escolhido mais para agradar aos filhos, pois a preferência do casal é pela Europa: “A gente ficou um mês nos Estados Unidos, os quatro. Fez de tudo um pouco. A gente foi a Orlando, ficamos 12 dias lá, nos parques e tal. Depois fizemos um cruzeirinho de quatro dias ali numas ilhas [Florida Keys]. Seguimos para New York, mais 12 dias, com todo mundo. Fomos da praia à neve caindo na cabeça”. De Orlando, destacou como principais atrativos a possibilidade de comprar, a um preço muito conveniente, os mais diferentes produtos e, também, a diversidade de entretenimentos oferecidos pelos parques: “para todos os gostos”. Depois dessa grande viagem, fizeram outras a locais mais próximos, como Bariloche.

Na lista de destinos visitados, destaca, entre outros: seis viagens à França, Áustria, República Tcheca e Alemanha. Os programas preferidos nas excursões são caminhar nas ruas das cidades, visitar os centros históricos, conhecer os museus, passear pelo interior e não ficar apenas nos grandes centros (“quando visitamos o interior da Alemanha, a gente comprava o passe de trem e decidia na hora para onde ia”). Visitam com frequência países da região, vão bastante a Montevideu e Punta del Este, e devem ter visitado mais de dez vezes Buenos Aires.

Uma das características de suas viagens é que nunca as fazem via pacotes turísticos. Compram por conta as passagens e as estadias no hotel. Essa é uma tarefa que sempre fica sob responsabilidade de Paola. Mas também já “cansaram” de viajar sem reservas de hotel, resolvendo as questões de alojamento, alimentação e passeios quando chegam ao destino: “Não tem estresse com isso”.

Paola tem dois *hobbies*. Um é cozinhar. Começou fazendo um curso e foi desenvolvendo habilidades e comprando *ferramentas* para o exercício do ofício. Tem preferência por frutos de mar e cozinha italiana. Procura aprender todo tipo de prato: “Sei fazer umas coisas mais sofisticadas e, também, carreteiro de linguixa”. O investimento no *hobby* tem assumido certa prioridade frente a outras despesas pessoais: “É uma das áreas em que hoje mais gasto. Por exemplo, tenho e adoro aquelas panelas *Le Creuset*, sabe aquelas panelas? A gente é colecionador. Então tem uma estante com panelas [...]. Nos últimos cinco anos, o que não gastei em joias comprei em panelas”. Para ajudar a dimensionar seu vínculo com a cozinha, Paola comenta, jocosamente, um presente de aniversário um tanto inusitado: “Imagina, de 40 anos, me dei um fogão! Pode isso? Em vez de comprar uma joia, comprei um fogão! Aquele fogão italiano, todo de aço, então eu adoro isso”. A lista

de utensílios de cozinha comprados nos últimos tempos é bastante extensa, diversa e refinada. Exercita suas habilidades culinárias mais nos finais de semana, ainda que na semana possa fazer alguma coisa. O programa geralmente inclui comensais e assume um caráter festivo: “Cozinho sempre e, muitas vezes, convido os amigos, só tem [...] que cuidar para a gente não engordar. Adoro vinho: argentino, chileno, californiano então... acabas bebendo e comendo demais!”.

Outro *hobby* de Paola é a jardinagem: “Não sei se eu posso dizer que é *hobby*. Eu e as minhas plantinhas, muitas plantas, muitas flores. Eu cuido do meu jardim, isso é uma coisa que eu faço”. Faz grande parte dos serviços envolvidos no cuidado do grande vergel de sua nova casa: planeja, escolhe as plantas, orienta sua arrumação. Mas também planta, limpa, aduba e remaneja as mudas. O trabalho pesado, como cortar a grama, fica por conta de um jardineiro. Bota as mãos na massa umas duas vezes por semana. Nos dias laborais é só o básico, mas no sábado, pela manhã, investe mais tempo: “Faço trocas, vou à floricultura para comprar vasos, terra, todas essas coisas”. Esse *hobby* é compartilhado com a mãe.

Práticas corporais

Paola sempre manteve envolvimento com práticas corporais, em especial com o vôlei. Todavia a prática esportiva foi majoritariamente em contextos de baixa institucionalização. As primeiras lembranças de prática esportiva são do handebol, modalidade priorizada nas séries finais do Ensino Fundamental de sua escola. Por outro lado, os primeiros toques e manchetes foram aprendidos fora da escola, na vizinhança: “Jogava vôlei no muro [onde] a rede era a grade de ferro [...]. A gente era pequena e aí começou a história de fazer time para gincanas de não sei o quê”. Quando o vôlei passou a ser ensinado nas aulas de Educação Física, no Ensino Médio, ela já sabia jogar: “Eles davam aquele negócio do *newcon*, que segura a bola com a mão, para aprender a jogar vôlei, mas na rua a gente começou a jogar antes, porque essas minhas amigas gostavam muito e comecei a jogar com elas”. Na escola também teve algumas experiências com basquete, mas não gostou muito.

Fora da escola, “vivia” jogando, comumente em espaços não institucionalizados: “Eu sempre fui bem amadora, assim, bem amadora”. As quadras da escola, disponíveis e liberadas para serem usadas pela comunidade, foram fundamentais para poder brincar de vôlei sistematicamente. Também teve um papel importante, no período dos 15 aos 19 anos,

a quadra *particular* da família: “Num terreno do lado [de minha casa] meu pai mandou fazer uma quadra de vôlei [...]. Então, durante o domingo, se não havia nada para fazer, todo mundo ia chegando lá. Era uma função: a minha mãe tinha que encher os galões de água, um monte de gente entrando e saído de casa [...]. Montavam-se quatro ou cinco times [...], passávamos o dia inteiro jogando vôlei na minha casa”. Orgulha-se em afirmar que um conhecido jogador de vôlei, que passou pela seleção brasileira, saiu do mesmo contexto informal em que ela jogava: “Ele era um grande amigo nosso, que jogava com a gente, não sabia jogar nada! Começou brincando ali com a gente, depois foi convidado para continuar jogando e virou campeão olímpico”.

Nesse contexto de informalidade, conformou uma equipe que disputou os campeonatos da cidade com significativo êxito: “A gente fez o time, aí, na nossa cidade, construíram o ginásio e organizaram o campeonato de vôlei que durava o ano inteiro”. Jogos domingo à noite, em cidade do interior, sem muito para fazer, significava arquibancadas cheias: “Nosso time foi campeão do primeiro [torneio]. Até hoje tem uma plaquinha lá. Nós somos o primeiro time campeão da cidade. Brincamos porque a gente ganhou de um time que era todo organizado. O professor que treinava elas,

numa hora, xingando, disse às meninas que iam perder para aquele „ajuntamento“, porque a gente era um ajuntamento [risos]”. Após essas experiências, passou a jogar de forma mais regular num time da cidade, orientado por um professor de Educação Física, militante da modalidade, disputando torneios escolares. Com esse time participou de jogos em Porto Alegre, sendo convidada a treinar num clube da Capital. Chegou a frequentar os treinamentos por algumas semanas, mas não conseguiu continuar pelos transtornos de deslocamentos.

Poder-se-ia dizer que ela participou mesmo de um clube apenas durante um ano, por volta dos 17-18. Na época, uma empresa do setor da construção da cidade passou a patrocinar as equipes de vôlei que representariam a cidade no Campeonato Estadual. Treinava de duas a três vezes por semana e jogava regularmente. Esportivamente, foi uma experiência dura, já que seu time tinha muito menos infraestrutura que os times porto-alegrenses, refletindo-se essa desigualdade nos resultados. Pessoalmente, também não foi fácil compatibilizar a prática esportiva com seus estudos universitários (“A gente ia de ônibus. Eu chegava em casa às duas, três da manhã e tinha que acordar cedo no outro dia, mas aguentei”).

Durante a infância, também chegou a jogar tênis, por iniciativa do pai, mas não por

muito tempo. Na adolescência, participou, com as amigas, de uma das primeiras experiências de ginástica aeróbica oferecidas na cidade. Tratava-se de um grupo de mães que faziam aulas na própria escola, sob orientação do professor de Educação Física.

Parou de jogar vôlei quando se formou como enfermeira e foi morar em Porto Alegre. Não tinha vínculos sociais que facilitassem sua entrada numa outra equipe: “Aqui eu não conhecia quem jogava, não conhecia o grupo”. Entretanto não abandonou as práticas corporais; passou a frequentar regularmente uma academia: “Estava começando aquele negócio de *step*, sempre achei muito legal aquele negócio”. Em seus primeiros anos de residência em Porto Alegre, chegou a jogar esporadicamente voleibol com os colegas de trabalho.

A maioria dos casais tem anedotas que fazem parte do folclore sobre os primeiros encontros, aproximações, conversas; com Paola e seu marido não é diferente. Uma delas vincula-se ao esporte. Numa oportunidade, os funcionários do hospital em que trabalhava o futuro casal organizaram um jogo de vôlei, do qual ela participou, enquanto seu futuro marido, ainda um jovem desconhecido, assistia-a da arquibancada: “Conquistei o homem (risos)! Ele achou o máximo que fosse esportiva”.

A prática de exercício físico na academia sempre foi regular. Apenas problemas de saúde podiam afastá-la. A mesma regularidade foi mantida durante suas gestações: “Fiz ginástica até os cinco meses e com vinte e poucos dias pós-parto voltei à academia”.

O ingresso à equipe em que joga atualmente foi há 15 anos. A esposa de um médico, que já fazia parte do grupo, intermediou seu ingresso. Levou a interessada para participar num jogo na praia com as demais integrantes da equipe: tratava-se de algo assim como um exame de admissão (avaliação tanto técnica como de *compatibilidade* social). Finalmente, em março desse mesmo verão, “me apresentei no Ginásio e nunca mais parei”. Durante os primeiros anos, conciliei o curso de Direito (cadeiras e estágios), família e esporte.

Durante vários anos, ainda complementou os treinamentos de vôlei com atividades aeróbicas realizadas em academias, em média duas vezes por semana: “*step* ou qualquer coisa assim”. Ela gosta de atividades desse tipo: em grupo, com música e agitadas. As praticou desde que se mudou para Porto Alegre: “Procurei academia porque eu gosto, porque é bom para a saúde. O meu marido recomenda sempre, tem que ter atividade aeróbica para a questão cardiovascular, do sedentarismo, prevenção de doenças. Então eu sempre fiz com o objetivo de saúde. De peso eu sei

que não adianta, só se eu fizer cinco horas por dia para emagrecer. Não vou emagrecer por causa disso, mas manter a condição física”.

Paola teve sérios problemas de coluna, que se manifestaram de forma progressiva. Quando a dor começou a se intensificar, deixou as atividades de impacto e passou a fazer Pilates. Apesar da diferença com as suas outras práticas corporais, o exercício lhe pareceu agradável. O Pilates ajudou durante uns cinco anos no controle da dor, mas não conseguiu evitar que o agravo avançasse. Paola finalmente se submeteu à cirurgia. No período da entrevista estava se reintegrando aos treinamentos de vôlei, depois de seis meses de pós-operatório.

Apesar de seu problema de coluna, Paola nunca deixou de jogar. Através do Pilates e, por um período, o consumo intenso de anti-inflamatório gerenciou a dor por uns cinco anos: “Os 20-30 minutos iniciais do treino eram com muita dor, era como se estivesse muito enferrujada. Era muito difícil fazer a posição [de recepção] e eu acabava me poupando. Mas depois, [com] aquela adrenalina, a dor vai passando. Em uma hora tu estás fazendo o que não fazias no início. [Quando] terminava o treino, depois do banho, começava a doer muito e, no outro dia de manhã, quando acordava parecia ter sido atropelada por um caminhão [risos]; mas faz parte”.

No pós-operatório, aderiu a todas as sugestões do médico relacionadas a acelerar a recuperação. Optou, assim, por não tomar medicamentos que poderiam diminuir a dor, mas que retardariam a cicatrização. Incorporou a caminhada sistemática e moderada: “Botei isto na cabeça: se isso é para ficar boa, eu vou caminhar”. Três meses depois da intervenção, estava caminhando uma hora todos os dias “religiosamente”. Cinco meses depois, um antes da alta médica, estava jogando voleibol normalmente: “Quando o médico disse „agora tu podes ir indo, tu começa devagarzinho [com o vôlei]“, estava jogando há um mês e fazendo rolinho no chão [risos]”. Ela teve uma ótima recuperação.

Esse comportamento ainda desperta a preocupação de sua mãe, para quem Paola não se cuida e se arrisca demais com esse comportamento: “Até hoje ela fica indignada e reclama: „Mas tu jogas machucada, e a tua coluna?, o teu braço?“”.

Prática corporal hoje

Atualmente, Paola joga voleibol numa equipe *máster*, que compete numa liga independente. São dois campeonatos por ano. Um no primeiro e outro no segundo semestre. As competições acontecem um final de semana por mês e se organizam na base de torneios disputados nos sábados e, as finais são disputadas ao final do

semestre, ocupando sábado e domingo. Os jogos são disputados em três *sets*. Podem chegar a disputar três jogos num dia. Eventualmente, a equipe participa de competições realizadas em cidades do interior do estado. A equipe treina duas vezes por semana. Entre as 20 e 22h. “Não é só recreação”, não é apenas um coletivo, tem treinamento físico e técnico.

Paola tem um engajamento forte com a prática do voleibol. Ela é uma jogadora comprometida com seu desempenho e com a sua equipe. Gosta de ganhar, mas gosta mais de jogos disputados, ainda que possa perder. Quando descreve o vínculo com a prática, a chama de “terapia” e justifica dizendo: “Porque é uma coisa que eu faço para mim. Não é aquela coisa vinculada à ideia de que tenho que ir para a academia fazer ginástica porque senão eu vou engordar e ficar [enche as bochechas imitando uma pessoa obesa], sabe?! Para mim, o vôlei é um esporte, algo que eu faço para mim [...]. Então, assim, vôlei eu faço com o coração, vou com vontade [...]”. Os treinos têm como foco a melhora da performance e não a forma corporal: “Eu não vou lá porque preciso emagrecer ou para manter o peso, de jeito nenhum! [O espírito é:] esta semana eu não posso faltar porque tem torneio no sábado, não posso faltar em época de competição!”. Nessa linha, noutro momento da entrevista, Paola relacionou sua vivência, no vôlei,

particularmente às competições com a ideia de espaços gregários e festivos: “Quando é [a competição] no Ginásio, a gente chega às oito ou nove da manhã e termina às oito da noite. Fica ali o dia inteiro, e quando é um fim de semana tu viajas, às vezes tem que ir na sexta porque é o primeiro jogo da manhã, tem que ir na sexta e volta no domingo. É uma emoção total quando tu passas no Ginásio, como quando tu eras guria, quando era gincana de colégio”.

O desempenho esportivo

No que se refere ao seu desempenho esportivo, Paola é das “boas atletas”. Não só no vôlei, mas também em outras modalidades esportivas, sempre teve preocupação com a técnica e a realização adequada dos movimentos, sendo reconhecida pelos treinadores por essa qualidade: “Tive técnicos de seleção e eles sempre dizem „tu e a Jaque são pessoas bem técnicas””. Também acontece o mesmo com modalidades que pouco pratica: “Ainda hoje, quando meu marido pede para jogar tênis com ele [...], diz que eu jogo muito bem, mesmo que passe cinco anos sem jogar, tênis eu pego uma raquete e jogo bem”.

Os treinos e os jogos aos finais de semana são fisicamente exigentes. Mesmo para ela que sempre se envolveu regularmente com práticas corporais, as competições têm um

impacto em sua disposição física cotidiana: “É bem cansativo e, na semana em que há jogos no sábado e domingo, na segunda nem teus olhos abrem (risos), mas a gente gosta tanto que está no meio há 15 anos”.

É a líbero da sua equipe. Assumiu essa posição depois da operação de seu ombro, que a limitou para continuar atacando: “Me adequei bem a esse local de jogo e gosto, sou boa nessa posição”, destacando, particularmente, suas qualidades técnicas e disposição para a entrega. A posição também permitiu que ainda com problemas no disco intervertebral continuasse a jogar, já que não exige saltos: “Não tenho o impacto”. A operação de coluna não reduziu seu desempenho. Após três meses de retorno aos jogos, era novamente titular em sua posição.

O contexto da prática esportiva

O contexto da prática pode ser dividido em duas partes para sua descrição: a equipe e a liga. A equipe constitui-se em média de 12 jogadoras, com idades que vão dos 35 aos 55 anos, mas predominam mulheres de quarenta e poucos. Calcula que a metade não é casada. Paola descreve o grupo com marcada heterogeneidade socioeconômica. As pessoas que participam têm diferentes profissões, ainda que pareçam predominar

os empregados qualificados e profissionais¹³⁰.

É um grupo independente que não tem relação com nenhuma instituição, diferentemente de outras equipes que jogam nas ligas que representam grêmios ou associações. De ponto de vista do desempenho, o time de Paola não é de ponta, como, por exemplo, os formados por ex-atletas e apoiados financeiramente por clubes; é “da fila do meio”.

Ainda assim, o desempenho esportivo não é algo sem importância; contrariamente, é um aspecto que tensiona a vida da equipe. A controvérsia entre as lógicas de jogar para ganhar e jogar para divertir-se atravessa o dia a dia do time, manifestando-se em várias dimensões, como é comum em equipes amadoras que participam de competições organizadas.

Uma dessas dimensões é a forma de relacionar-se com o erro do colega. A equipe em que Paola joga é constituída por jogadoras bastante competitivas, do tipo que podem tratar mal a uma colega (durante e/ou após o jogo) porque errou. Como também por aquelas que entendem o resultado como algo que não tem tanto valor: “Tem pessoas do „deixa disso, nós

estamos aqui para nos divertir, nós estamos aqui para jogar”.

Outra dimensão é a tensão entre titulares e suplentes. Pode acontecer de jogadoras (que treinam regularmente) irem a um torneio (inclusive viajarem) em que se disputam várias partidas, passarem o tempo todo no banco, o que, evidentemente, as deixa insatisfeitas, cobrando do técnico e da própria equipe uma posição diferente sobre o assunto. Os custos da equipe são rateados entre todas e, conseqüentemente, “queira ou não, tem aquela ideia de „Eu paguei, eu tenho que jogar”¹³¹. Por outro lado, outra parte da equipe, quando indagadas se elas querem “ganhar ou participar”, escolhem a primeira opção, ainda que alguns sacrifícios sejam necessários, entre outros, que talvez nem todas possam jogar.

Mais uma dimensão de tensão coloca-se entre um envolvimento mais asceta e outro mais hedonista das colegas. Também o grupo se constitui entre aquelas que levam a atividade do grupo a sério, que chegam no horário aos treinos e jogos e não faltam, com quem sempre se pode contar para competir, e aquelas que têm um

¹³⁰ Os treinos são desenvolvidos num ginásio público na região central de Porto Alegre, que não cobra por ocuparem o espaço. Os torneios da liga, quando disputados na cidade, também são realizados em instalações públicas. No interior, geralmente os jogos são disputados nos clubes das equipes anfitriãs.

¹³¹ As ligas constituem-se por equipes de associações atléticas, as quais cobrem os custos de treinamento (técnico e material esportivo) e participação (inscrição, arbitragem, transporte, alimentação e eventual estada). No caso da equipe de Paola, não. Elas dividem todos os gastos.

envolvimento mais leve, menos disciplinado, algo menos comprometido.

Outra dimensão conflituosa ocorre quando do ingresso de novas jogadoras. Isso porque a mais nova integrante, potencialmente, pode ser melhor que a titular de uma posição e, conseqüentemente, a mais *antiga* é preterida frente à *novata*. Geralmente a iniciativa para uma nova incorporação parte da pessoa interessada, a qual manifesta seu desejo de participar a um membro da equipe, que coloca a possibilidade de um convite à consideração do grupo, trazendo insegurança para alguns de seus integrantes: “Se é para a minha posição, eu não gosto [brinca Paola sobre o assunto]”. O tema da renovação gera sentimentos contraditórios: por um lado, o envelhecimento natural da equipe impõe a necessidade de que ingressem pessoas mais jovens, capazes de contrabalançar a diminuição do vigor físico para continuar sendo uma equipe competitiva; por outro, o receio que produz a possibilidade de perder a titularidade para alguém com melhor rendimento e que não continuem na equipe pessoas com as quais se tem uma relação que transcende o meramente esportivo: “Eu quero ganhar, mas também quero jogar com pessoas que estão perto e [de] que gosto. Como é que se vai lidar com isso? [...] Então eu quero ganhar, mas quero continuar com o grupo. Quero ver

como vou fazer isso. Só se eu não me preocupar mais [com o resultado]. Eu acho que elaboro melhor que outras [esse assunto] [...] Porque se eu perder jogando muito e o meu time estiver bem, está bom! Prefiro perder a ganhar e ser uma porcaria. Eu consigo ver isso, báh! Se o time joga bem e perder para um time muito bom [...], tem que comemorar, se fizemos um baita jogo, nos seguramos contra um time forte. Agora, se tu te preocupas com medalha no peito e quiseres mesmo apenas ir para o pódio, é bem tenso. Isso é uma coisa que vem dando problema nos últimos anos [...]”¹³².

Aos problemas descritos, comuns às equipes amadoras que participam em competições organizadas, ela soma o fato

¹³² Quando uma jogadora assume uma posição, a ex-titular passa a viver uma situação de perda espaço na equipe, praticamente impossível de reverter. Então a saída da quadra significa, potencialmente, o abandono da equipe e a conseqüente perda do espaço de sociabilidade: “Vai se renovando e tu vai se dando conta disso, que é a vida, mas não é menos traumático porque tu entendes. Tem uma amiga que quando eu entrei já jogava há muito tempo na equipe. Ela teve um probleminha de coluna, nada muito sério e tal, mas começou a faltar e abandonou. A gente convida porque quinta-feira depois do jogo a gente sai para tomar uma cerveja, a gente sempre sai [...]. Maria vai lá, mas ela sumiu. Eu sei o que é isso: ela rompeu, sabe eu não quero mais as encontrar. Foi entrando gente nova e ela é um pouco mais velha do que eu, ela deve estar com 48, por aí, e ela foi nadar, hoje ela nada, ela compete nadando, é uma pessoa bastante competitiva. Mas, assim, ao tempo que as pessoas novas foram entrando no time, ela foi se fechando, até para treinar ela treinava sozinha, não foi mais com a gente. Eu acho que só o que ela precisava era o negócio da coluna pra dizer que não ia mais, pra não enfrentar essa coisa do ,de repente eu perdi o meu lugar para uma pessoa com melhores condições do que eu”.

de ser uma equipe feminina. Atribui a essas características problemas particulares: “Imagina um grupo de mulheres, mulher não é fácil uma só, 10-12...”.

Na dinâmica de equipe descrita, Paola tem um lugar no grupo que vivencia seriamente a competição, mas apenas enquanto o jogo está sendo disputado. No momento em que a partida acaba, não continua presa do acontecido na quadra: “Passo a régua, vou tomar uma cerveja e não sei mais quanto foi o placar”.

Ela está no grupo das que não faltam, chegam no horário, fazem um bom aquecimento, se esforçam na realização dos exercícios. Das que também se preocupam com o bom desempenho, mas cobram mais de si do que dos outros: “Faço supersério, sou muito CDF [...]. Quando fico muito chateada no jogo, 90% [das vezes] vou ficar chateada comigo. Porque acho que consigo fazer uma coisa que não consegui. Cobro-me muito mais que o técnico me cobra. Então, via de regra, aceito muito bem as cobranças externas, porque, se a pessoa está dizendo que estou errada, eu já vi há muito tempo que estou errada, sabe? Até o técnico do ano passado várias vezes me falou que eu estava brava, com uma cara de porrada dentro da quadra; e eu dizia para ele: „Estou brava comigo e não com os outros“.

Sou da turma das que levam [o jogo] muito a sério”.

Outra característica que descreve sua relação com a prática esportiva se vincula com a ideia de grupo. Ela entende que, quando se pratica um esporte coletivo, o espírito de grupo deve prevalecer e que não há muito espaço para condutas mais individualistas: “Existe, no esporte, um comprometimento com as outras pessoas; é uma coisa com a qual sempre brinco dizendo: „Vai jogar tênis se tem dificuldade de jogar com as outras pessoas, pega uma raquete, vai para um lado e joga sozinho, pronto!“”.

A liga é muito bem organizada, no conceito de Paola: tem um calendário anual estabelecido com antecedência, arbitragem qualificada, times competitivos. Contudo, e apesar de funcionar há mais de 20 anos, não tem registro como sociedade civil sem fins lucrativos, o que tem dificultado a possibilidade de receber dinheiro de patrocínio de verba pública e melhorar as condições oferecidas às equipes. Tem uma lista de espera de times que querem entrar. Na época da entrevista, discutia-se a possibilidade de ampliar para 14 o número de times participantes.

Ainda que o clima dos jogos seja sério, o ambiente dos torneios caracteriza-se pela camaradagem. Essa dimensão se acentua quando as competições são sediadas no interior e o convívio entre as equipes se

intensifica: “[Comentando um desses torneios, durante o período das entrevistas] Imagina 12 times, numa média de 10 em cada time, tu pega 120 mulheres [e as colocas num] hotel, é uma festa!”.

Além de jogadora, faz quatro anos que Paola é coordenadora da equipe. Ela organiza os jogos amistosos, contrata o técnico, participa de reuniões em que se discutem questões vinculadas ao funcionamento da liga (regulamento, ingressos de novas equipes), cuida da comunicação com as participantes (via e-mail). Outro papel importante tem sido administrar, junto com os diversos técnicos, as tensões dentro da equipe, em especial aquelas geradas a partir de diferenças nas expectativas e possibilidades de desempenho: “[...] Começam as queixas, por exemplo, essa que joga muito bem corre atrás e, casualmente, na posição de levantadora, estão as pessoas mais velhas e ela é uma atacante de meio que depende de uma bola, então ela não consegue, elas levantam mal [...] e às vezes ela [atacante] quer matar na cara da outra [levantadora]. Tu vê, se duvida ela vira e enche a mão assim de brava. Ela sai assim [reclamando] e a levantadora vem e diz assim „porque a fulana... eu não aguento mais... eu prefiro jogar com a pior... eu não aguento mais aquela cara“ [...]. Então tem essa colega reclamando que não aguenta mais bábábá,

aí vem a levantadora dizendo que não aguenta mais a cara da outra, e ela vem, fala para ti assim, sabe?!”.

Durante o período em que Paola ficou afastada dos treinos e jogos pela cirurgia, ela não parou com o trabalho de coordenação. Chegou a conferir alguns treinamentos e acompanhar jogos nos torneios em que sua equipe participou, durante a convalescença. Destaca que, nesse papel, assumiu uma postura bem mais democrática que outras pessoas que já o desempenharam, na procura por manter o grupo funcionando, sem descuidar da dimensão gregária.

Práticas corporais e família

Uma esposa e mãe ocupar duas noites todas as semanas e vários finais de semana ao ano com a prática de um esporte amador é algo que não faz parte da rotina da maioria dos lares porto-alegrenses. Essa não é uma das práticas culturais naturalizadas na família padrão contemporânea.

Paola começou a jogar vôlei, pela segunda vez, alguns meses antes de ficar grávida de sua filha menor, o que a levou a interromper a prática. Pouco tempo depois do parto e, contra todo prognóstico, voltou a jogar e não parou mais. Isso significa que durante muito tempo ela teve que conciliar sua prática esportiva com o dia a dia de

uma família de filhos pequenos, além de suas outras atividades (estudar num primeiro período, estudar e trabalhar em outro).

O marido de Paola atualmente apoia seu envolvimento com a prática esportiva. Mas nem sempre foi assim. Não chegou a ser contra, mas que a esposa fizesse parte de uma equipe de voleibol amador (e as demandas implicadas pela prática) não é uma realidade que estava exatamente em seus planos familiares. O espaço para o envolvimento esportivo foi uma conquista, construída por Paola na dinâmica familiar.

Paola entende que as cobranças iniciais por parte do esposo estavam pautadas numa certa “normalidade” no funcionamento dos casais. A demanda centrava-se nas manifestações do companheiro de querer passar mais tempo juntos aos finais de semana. Contudo, no transcorrer do tempo, ela percebeu que o “eu queria ficar contigo hoje” do esposo, na realidade, era mais um: “eu queria que tu ficasses em casa hoje [...] esse era o significado”. Corrobora sua hipótese o fato que quando ela ficava envolvida a tarde toda fora de casa com atividades recreativas do filho, por exemplo, a nostalgia não se manifestava. Entretanto, se sua ausência fosse motivada pela participação num jogo, a coisa mudava: “Chegava, ah! Estava com saudade [...], que engraçado: só bate

saudade se eu estou me divertindo, se não estou me divertindo não bate a saudade!”.

Outro aspecto problemático foi o cuidado dos filhos na sua ausência, quando ela participava das partidas da liga nos finais de semana. Referindo-se ao primeiro jogo após o parto, quando a menina de oito meses ficou sob os cuidados do companheiro, comentou: “Ao voltar, o beijo estava arrastando, porque teve que ficar com a criança. Porque ele é médico, então era aquela desculpinha: „eu tenho que ir para o hospital“. Não era isso, então tu usas a desculpa que tu queres”. Para solucionar o impasse, a saída foi levar a criança junto para o ginásio, contratando uma babá: “A filha de 8-9 meses estava no ginásio, isso tu vê lá hoje tem pessoas com crianças de 6 anos que desde que nasceram estão num carrinho e cada um cuidando um pouquinho para a pessoa poder jogar. Se eu ia sem a babá, uma amiga, de outro time, a cuidava enquanto eu estava dentro da quadra. Isso aconteceu várias vezes [...]”. Paola levou a filha por vários anos aos jogos até a menina ficar mais independente: “até os 5-6 anos ela me acompanhou, depois ela não quis mais ir (atualmente a filha faz parte de uma equipe de voleibol de num clube da cidade). O filho mais velho não chegou a acompanhar a mãe da mesma forma que a irmã. Mais velho, com maior autonomia, ficava em casa sob os cuidados da babá.

Outra cobrança acontecia quando o marido programava alguma atividade para realizar de forma conjunta e esta coincidia com o dia dos jogos. Isso ela ainda tendo o cuidado de avisar com antecedência que dias ela estaria fora. Se o lembrete nem sempre evitava a cobrança do marido, permitia, sim, que ela marcasse a diferença na forma dele se comportar em casos similares. Ele podia informar sobre a hora em que tinha um jogo e que ia ficar o dia todo fora, impossibilitando a ela programar-se para fazer outra coisa: “Eu sempre brinquei com ele cobrando, „eu ainda te aviso, né?”. Atualmente, ela continua tendo na cozinha da casa um calendário onde estão expostos os dias de competição.

Por outro lado, jogar vôlei também significou, da parte dela, empreender vários esforços extras para não afetar excessivamente o dia a dia da família. Por exemplo, em práticas vinculadas à sociabilidade do casal, “[mesmo quando] fico jogando o dia inteiro, chego em casa tarde [cansada] e tenho uma festa, não deixo de ir, não vou prejudicar ninguém por causa disso. Vamos lá, jogo o dia inteiro e fico até as quatro da manhã na festa, nunca o vôlei foi uma justificativa para não fazer alguma coisa. Eu tinha que sair às 6 da manhã para Bento Gonçalves, tinha jogo, não sei o quê, eu ia ao jantar, voltava tarde, mas sem reclamar”.

Na percepção de Paola, o fato de seu companheiro ter conhecido suas colegas de vôlei, ter participado de encontros sociais com o grupo, também ajudou. Ainda que não saiba explicar o que exatamente aconteceu: “Foi lá, se diverti, riu. Acho que desmistificou um pouco a coisa, viu todo mundo, conheceu as pessoas aí relaxou um pouco”. Assim, após alguns anos, a coisa foi mudando. Paulatinamente, foi mostrando que sua participação na equipe era positiva para ela. Como também explicitando o contrassenso que estava na base da ideia: “Se eu estou me divertindo não pode, se eu tô sofrendo pode?”.

Finalmente, alguns anos depois, as coisas se encaminharam. O esposo aceita a prática de Paola com *naturalidade*, passou a ser parte da normalidade da vida do casal e reconhecida como um elemento positivo na vida dela: “Até que amoleceu, até que entendeu que era melhor. Que eu estaria melhor comigo mesma, então depois que ele entendeu, a família entendeu, que era melhor para mim, que me fazia muito bem”. Também acredita que o fato de o marido gostar muito da prática esportiva tenha facilitado a construção desse espaço. A família, atualmente, incorporou que, nos dias de jogo, Paola passa e dia todo fora, inclusive finais de semanas inteiros: “Hoje a família fica tranquila, eles sabem. Eu aviso „Oh, não estou, não sei a que horas chego”. Não permito cobrança não, não

permito. Ocupo aquele espaço”. No entanto, para que sua ausência não seja muito percebida, de tal forma que possa gerar reclamações, tem alguns cuidados básicos: “Claro que tu deixa a geladeira cheia de comida, verifica a necessidade de levar e buscar [...], se a filha tem festa, essas coisas, deixa as coisas assim... encaminhadas. Hoje, com os filhos maiores, é mais fácil, já foi mais difícil”. Nem todos os costumes do relacionamento familiar podem ser mudados¹³³.

A família de origem de Paola não teve uma participação direta na iniciação dela com o esporte; oscilaram entre a contemplação e o apoio distante, sem maior envolvimento. O pai dela nunca teve vínculo com o esporte. Tentou, quando as filhas ainda eram pequenas, aprender a jogar tênis, e colocou-as na empreitada, mas não foi adiante. A mãe “nunca fez nada” de prática esportiva. Contudo, Paola sempre se sentiu

¹³³ [Você se sentiu um pouco culpada por estar se divertindo e não estar com a família?] Não, não nunca achei que eu tava privando a família de alguma coisa. Eu sentia injustiça porque sabia que não era isso. Sempre dei a maior atenção pros filhos e eu tinha muito claro que esse é um espaço meu e que era injusto não ter um espaço uma pessoa que se doava tanto pra família, que levo, que faço tudo, não quero ser a Madre Tereza de Calcutá. Eu achava que eles estavam sendo injustos comigo, mas dos filhos eu nunca senti isso, era do marido. Minha filha acha o máximo que eu jogue vôlei, não tem nada em relação a isso. Eu achava que o marido tava sendo injusto, ele tava jogando, eu passava o sábado inteiro em casa, ele passava a manhã no hospital e à tarde tava jogando futebol. Depois chegava em casa, não me dava atenção nenhuma, então não era isso, tava muito claro que não era isso.

apoiada pelos pais em relação ao esporte, ora de uma forma distante – próprio de quem não conhece muito –, ora de modo mais próximo: “Meu pai e minha mãe gostavam muito. Quando foi a final do campeonato, eles foram ver lá no ginásio. Eles acharam o máximo [...], vi que eles ficaram bem envaidecidos. Percebi isso nessa final que eles não tinham muita noção disso, mas acham muito legal e falam, e sempre falavam que era legal, é uma coisa que eles valorizam”. Paola não tem lembranças de ter sido questionada sobre sua prática esportiva desde certa representação do feminino. Jogar vôlei era uma prática possível para os padrões da época.

O marido é um assíduo praticante de esportes e um incentivador da prática. Joga tênis regularmente e futebol de forma mais esporádica. Pratica tênis três ou quatro vezes por semana nas quadras do condomínio, onde funciona uma dinâmica de estímulo à prática, por meio da qual os condôminos marcam partidas simples ou em duplas: “Ele está chegando em casa, alguém o convida para jogar uma bolinha, ele vai [...]”.

Paola, além de jogar vôlei, caminha e também procura manter uma prática regular de musculação, contudo nem sempre consegue: “Meu filho brinca: „Mãe, são três vezes por semana, não, duas por mês, que eu apareço na academia””. Na época da entrevista, confessa que estava

fazendo em média uma vez por semana. Ainda que ela saiba que necessita fortalecer sua musculatura como forma de prevenir novos problemas em sua coluna, não consegue se motivar para praticar: “Acho chato, eu acho monótono, ficar sozinha contando aquele negócio, sabe, não vejo desafio, não sei se no esporte vejo um desafio, vejo alguma coisa; na musculação tenho que ficar repetindo, acho chato, monótono, essa é a palavra”. No entanto, mais que a monotonia, ao longo da conversa aparece outra característica dos exercícios resistidos que a desmotiva: o trabalho individual. “[Falando da ginástica aeróbica, comenta:] “Eu acho que se eu estou num grupo e eu vou fazer 400 abdominais, eu vou fazer os 400 abdominais, porque eu estou [sendo] puxada, não vou parar. Se eu estou sozinha, eu tô fazendo 40, eu estou [gesto de alguém estafado]. Meu limite fica lá embaixo: o que eu sei que faria num grupo eu não faço sozinha, sabe?!”. Também a dinâmica social da academia não lhe agrada, o excesso de exibicionismo e de paquera a incomodam.

Cuidados com o corpo

Paola não tem em seu histórico doenças mais graves (dos tipos que exigem alterar os padrões de vida). Teve, sim, dois problemas traumatológicos sérios. O

primeiro foi uma lesão no ombro direito, que necessitou de intervenção cirúrgica. Ela passou quase um ano com limitações nos movimentos da articulação e nunca recuperou completamente a força desse braço. Mais recentemente, seis anos atrás, ocorreu um segundo problema, uma degeneração de disco intervertebral bem localizada (apenas um nível lombar: entre L4 e L5), agravo que a faz sofrer. Inicialmente, realizou um tratamento conservador, o que aliviou as dores por cinco anos. Porém, após esse período, como já havia um comprometimento mecânico, teve que substituir o disco intervertebral entre L4 e L5 por uma prótese de titânio: a intervenção ocorreu 10 meses antes das entrevistas. A substituição do disco intervertebral por outro artificialmente construído denomina-se artroplastia e, diferentemente de uma cirurgia de fusão da coluna por placas, o paciente tem maior mobilidade. No entanto é necessário aguardar um período para atividades físicas, pois leva pelo menos três meses para haver crescimento ósseo sobre a placa de titânio (ou seja, a incorporação da prótese pelo corpo, fixando-a definitivamente). Na época da pesquisa, não apresentava maiores limitações recorrentes da intervenção. Existia, sim, cuidado para evitar alguns movimentos.

Ela não tem maiores preocupações com o peso que a levem a fazer algum tipo de dieta. Mas tenta manter uma alimentação equilibrada para a saúde num sentido mais amplo que o controle do peso. Uma das características de Paola, ao alimentar-se, é fazê-lo de forma lenta e tranquila: “Gosto disso”. Demora muito mais que a maioria das pessoas com que convive, e considera isso um fator de saúde.

Além de seus conhecimentos e experiência no campo profissional (ex-enfermeira), ela tem uma forte relação com a comunidade médica (os profissionais que a atendem são seus conhecidos). Isso a leva a ter um trato familiar com as pessoas com que consulta e uma relação bastante horizontal. Conhece seu corpo de forma teórica e vivencial (pelo *uso* intenso nas práticas corporais); logo, escuta as orientações médicas, mas se comporta de forma bastante autônoma.

Ao longo das entrevistas, aparecem de forma recorrente manifestações sobre a falta de preocupação com a forma corporal. Desconfia e até desaprova a adoção de práticas corporais orientadas exclusivamente com propósitos estéticos. No que diz respeito à aparência, tem uma linha semelhante à anterior. Preocupa-se com sua forma de vestir, maquiagem, cabelos. Mas não admite que esse cuidado tome uma dimensão exagerada (tempo, dinheiro, preocupação) na vida da pessoa.

Sociabilidade

Seus vínculos de sociabilidade mais fortes hoje se localizam no grupo de vôlei: “São pessoas bem próximas, tanto do ponto de vista de presença física [quanto de convivência], mais que esporte, como valores”. A relação de amizade com algumas das colegas de time ultrapassa o cotidiano da equipe. Em muitos momentos, o grupo se converte num espaço de acolhimento de seus membros em dificuldades: “Teve gente que casou, gente que se separou, gente que teve crises bem fortes e [...] o grupo de vôlei foi um apoio [...]. Tem pessoas desse grupo que são amigas do coração que tu sabes, assim, que tu podes contar”.

Não é diferente no que tange à convivência extraquadra. Habitualmente, todas as quintas-feiras, depois do treino, vão tomar cerveja e conversar. O encontro geralmente vai das 22h até pouco além da meia-noite (“A gente brinca que tem a Cinderela que, antes da meia-noite, sai correndo e fica a gente”). Houve ocasiões em que já ficaram até as 2h, “tomando cerveja e rindo, dando gargalhada até doer a barriga”. Não se trata de uma saída social, no sentido de se arrumar e ir a um local badalado, e sim de um espaço para o exercício da sociabilidade entre gente que se aprecia: “[para] ficar assim conversando, tem que ter um espaço para que a gente possa ir de

calção, joelheira e tal. A gente brinca, tem uns lugares que dá para ir nessa condição física de sair do treino [...]”. Dentro da equipe tem um grupo que participa sempre do *terceiro tempo*¹³⁴ e outro não (entre outros motivos, pelas possibilidades econômicas). Também tem o grupo que bebe cerveja e o que bebe água mineral. Paola faz parte do primeiro grupo, nas duas classificações: “Sempre vou, toda quinta-feira eu vou, posso sair mais cedo por estar cansada, mas toda quinta-feira eu vou”.

Além do lance das quintas-feiras, o grupo organiza outras saídas e encontros. São poucas as ocasiões em que os maridos participam: “Via de regra somos só nós, as mulheres, aí, de vez em quando, a gente abre para a participação masculina [risos], mas às vezes. Via de regra, somos só nós”. Pode ser um almoço de sábado no Mercado Público, um passeio na Feira do Livro ou na Expointer, uma visita a uma liquidação de sapatos, entre outras. Os aniversários

¹³⁴ É denominada de *terceiro tempo* uma tradição do rúgbi pela qual, depois de ter concluído o jogo (de dois tempos), os adversários se encontram para compartilhar uma bebida e uma refeição, brincar e cantar grupalmente, com a justificativa de confraternizar e suavizar as mágoas que poderiam ter surgido durante o confronto. Tem-se afirmado que o terceiro tempo é mais importante que o jogo, porque, em grande medida, é nesse espaço onde os jogadores de rúgbi aprendem a controlar as paixões e os sentimentos derivados da confrontação física, a avaliar o competidor e concretizar as relações de amizade e camaradagem que permitem praticar um esporte em comum (DARBON, 2005). Aqui utilizo esse conceito num sentido mais amplo, envolvendo qualquer tipo de reunião realizada após o jogo com o propósito de os integrantes de uma equipe esportiva confraternizarem.

são um dos motivos mais comuns para esses encontros. Procuram sempre organizar em dias e horários que são menos demandados pela rotina familiar: “Assim a gente faz domingo de noite e sábado ao meio-dia para não ter problema das pessoas se liberarem”.

Um segundo núcleo de convivência são alguns de seus ex-vizinhos do condomínio no qual morou por 18 anos. Um terceiro grupo estava em recomposição na época das entrevistas. Retomou o contato com um grupo de amigas de sua infância-adolescência, entre as que se encontra a quem considera sua melhor amiga. Um quarto grupo de socialização são os amigos/colegas do esposo, os quais há muito tempo conhece.

Paola, quando comparada com o esposo, é a que mais investe na manutenção dos laços de sociabilidade comuns. Também é ela quem mais promove reuniões na casa: “um bom programa com amigos? Todos na minha casa [...]. Fazer um jantar ou um almoço bem estendido, rindo bastante, jogando bastante conversa fora, todos em volta da mesa, sem pressa, de preferência eu cozinhando. Isso pra mim é uma excelente coisa para fazer”.

Reconhece que é difícil estabelecer um perfil de suas amigas, mas se anima a afirmar que foge de certa “visão caricata de mulher”, em que são enfatizadas questões como aparência, forma corporal, moda,

consumo: “Pensando nas amigas, diria que são mais ou menos como eu. No geral, são mulheres com menos frescura [...], que gostam de esporte, de atividade física, que não privilegiam aspectos estéticos. Num universo em que tem possibilidades de aceder, por exemplo, a cirurgia plástica, coisas estéticas e tal, são pessoas que optam por não fazer isso. [...] Acho que são pessoas que gostam de coisas culturais, tipo ler, ir a teatro, ir à Feira do Livro”.

Contrariamente, não consegue aprofundar vínculos com conhecidos que pautam seu cotidiano pelo forte investimento em vínculos sociais rentáveis e no consumo *top*: “Tenho muito contato com essas pessoas, encontros eventuais e aquelas coisas, mas não circulo, não tenho vontade

de circular entre essas pessoas. Um exemplo, o melhor amigo do meu marido, padrinho de casamento, é um cirurgião plástico superconceituado. Ele nos convidou umas 3-4 vezes para festas que eram para as colunas sociais. Sentava à mesa, ninguém se conhecia, a pessoa estava na casa de alguém e não sabia nem quem era o dono da casa. No quarto convite a gente agradeceu muito e colocamos que gostaríamos muito de sair com o casal, mas que não tínhamos vontade de nos encontrar com essa turma. Ele explicou: „Para mim é importante. Sou cirurgião plástico, tenho que estar na mídia, tenho que estar na coluna social para as pessoas me procurarem“ [...]. A gente terminou se afastando”.

No conjunto dos sujeitos que participaram da primeira e da segunda etapa da pesquisa (respectivamente, n: 1090 e n: 486), nenhum tem o perfil de Paola: mulher, localizada na macroposição de classe *privilegiado*, com família (esposo e/ou filhos) e praticante de um esporte. Por esse motivo, na análise de seu caso não estabelecerei diálogo com outros.

Paola teve uma marcada ascensão socioeconômica e seu atual vínculo com o vôlei não pode ser desvinculado desse movimento. Essa afirmação não significa que exista uma relação causa-efeito. Neste caso, parece ter existido a combinação de competências, disposições e contexto socioeconômico favorável para seu ingresso e permanência nessa prática.

A competência esportiva – saber jogar vôlei – foi imprescindível para ela estar envolvida hoje num grupo com essas características. Nesse ponto, trajetória e espaço combinam-se. Sem poder avançar na descrição no que diz respeito à sua socialização durante a infância e a juventude, é importante salientar que a localização social da família de origem oportunizou, entre outras coisas, poder estudar e aprender/praticar/treinar esporte até os 21

anos sem necessidade de trabalhar, potencializando, dessa forma, a incorporação desse capital cultural/esportivo.

A jovem Paula chegou a Porto Alegre como uma filha da classe média com poucas referências de ascensão social. O plano original parecia ser converter-se numa empregada especialista no serviço público. Entretanto seu casamento com um médico que teve uma franca ascensão socioeconômica¹³⁵, já nos primeiros anos de relação, fez com que enfrentasse certa inadequação socioprofissional no novo espaço social. Frente ao mal-estar produzido pela situação, toma a decisão de trocar de profissão, procurando sair desse lugar de menor prestígio social. Não aceitar essa posição, que poderia ter sido evitada apenas deixando de trabalhar, e decidir mudar de plano aponta para disposições para a independência e manutenção da identidade, “ser ela mesma”, no plano familiar (marital) e social. Nessa lógica, o ingresso à equipe de vôlei, que coincidiu com a mudança de profissão, parece não ser apenas uma casualidade. Disposições que a mobilizavam para realizar essa grande mudança no plano profissional podem estar na base da concomitância.

No entanto não é possível compreender a atualização dessas disposições fora do contexto socioeconômico favorável, possibilidades da classe em que estava imersa: condições simbólicas e materiais que permitiram reiniciar a vida profissional, mudando de uma ocupação subalterna no campo da saúde (enfermagem) para outra de maior prestígio social. Respaldo econômico para o custeio da carreira, carro próprio, terceirização do trabalho reprodutivo (serviço doméstico) são elementos fundamentais para essa mudança. Esse mesmo contexto favoreceu que ela dispusesse de recursos materiais e simbólicos para desenvolver uma prática corporal que permitisse exprimir disposições em relação a corpo, estética e sociabilidade, que possibilitam, de alguma forma, construir seu próprio lugar no novo espaço social.

Na atualidade, sua posição de classe permite que ela continue usufruindo de benefícios econômicos que, entre outras coisas, favorecem que ela possa custear sua vida de *esportista* sem problemas; além disso, e talvez principalmente, poder contratar pessoas que cuidem do trabalho doméstico, liberando o casal tanto para as atividades profissionais como de lazer. E, quase óbvio, a disponibilidade de um veículo próprio lhe dá total autonomia de deslocamento.

Paola tem um envolvimento com uma prática corporal divergente do grupo socioeconômico em que se localiza. Ela também sabe disso, tanto pelo não envolvimento das pessoas de seu entorno social (“sou a única pessoa que joga vôlei do meu grupo social, ninguém joga vôlei”) como pela surpresa ou estranhamento que causa quando sabem de sua

¹³⁵ Aparentemente, também com referências culturais mais legítimas: passa a ler basicamente clássicos da literatura, pretere suas preferências cinematográficas pouco legítimas.

prática esportiva: “para eles é muito estranho, bizarro [...] acham assim uma coisa pitoresca, seria a palavra, pitoresca que eu jogue vôlei. Ainda mais essa parte dos treinos... então para eles é uma [coisa de] louca mesmo, eu vou jogar e tal... é fora do mundo, para eles¹³⁶”. Em parte, atribui essa situação ao fato de o vôlei não estar no rol de práticas legítimas das classes privilegiadas: “pensa bem qual é o hotel cinco estrelas [batendo com a mão na mesa], qual é o condomínio [de nível] que tem uma quadra de vôlei? Não tem. Tem tênis, golfe [...]”.

No que diz respeito à relação com seu corpo, as descrições de Paola apontam para uma relação de corpo-instrumento, particularmente o que se refere à relação com a dor. Ela tem uma série de cuidados com sua saúde próprios de quem está num ambiente que favorece tais comportamentos (ex-enfermeira, médico em casa, convênio médico, muitas amizades no campo da saúde). Porém não deixa de surpreender a forma que ela força suas possibilidades corporais quando joga com dor, joga além da conta nos finais de semana (como ela admite), antecipa seu retorno à prática esportiva (após uma cirurgia complexa) antes de ser liberada para isso, tem dificuldades de manter práticas centradas numa melhora da aptidão física pautada numa lógica de saúde-preventiva (musculação). A ideia de um corpo a serviço de poder jogar parece sobrepor-se à de uma prática corporal a serviço do corpo.

Também são divergentes suas práticas vinculadas aos cuidados estéticos, quando comparados aos padrões do grupo social à sua volta (segundo a própria leitura de Paola). Não se trata de abandono ou enfrentamento aos padrões estéticos da classe, e sim de evitar que essa dimensão tome uma dimensão superlativa na organização do cotidiano. Nesse ponto, além de reconhecer-se diferente, reivindica essa característica como uma dimensão positiva de sua identidade – não há preocupação ou culpa por uma possível acusação de desleixo feminino vinda de seus vínculos. O vôlei, nesse contexto, é um espaço onde essa forma de lidar com o tema ganha sentido, um valor compartilhado com suas companheiras: “Jamais nós vamos deixar de jogar sábado de tarde porque tem que arrumar o cabelo, porque tem uma festa de noite, lava o cabelo em casa e vai”.

No campo da sociabilidade, também explicita um afastamento de um tipo que ocorre nas classes burguesas, ou seja, o cultivo de *relações* que possam se constituir em capital. Paola descreve essa associação da seguinte forma: “Eles fazem negócio o tempo todo, eles fazem aquele *mix-marketing*¹³⁷, tudo é um tal de expor, então assim esse pessoal, assim mais... Qualquer

¹³⁶ Nessa parte da entrevista, Paola usou diversas vezes a expressão *eles*, o que me levou a indagar: *Quando falas “eles”, a quem te referes?* “Eu não acho que sou eles, então eu tô fora [riso]. Esse grupo de pessoas conhecidos de amigos, a maioria de um nível mais superior e uma turma querendo alcançá-los [...]”.

¹³⁷ Na ideia de quem está no universo dos negócios, em nenhum momento deixa de vender seu produto. Todo e qualquer espaço é um bom lugar para iniciar um vínculo comercial.

momento tu estás vendendo o teu negócio. Eles vendem negócio na festa infantil, num jantar, em um encontro, entendes? Eles trocam figurinhas o tempo todo, isso é uma coisa assim que eu [leva sua mão a garganta acompanhada de um gesto de negação]”. Referindo-se especialmente aos esportes comenta: “Eles não têm divisão, não tem eu fechar a porta. Bom, agora vou pra minha casa jogar um tênis com os meus amigos. Não, eles trocam figurinhas o tempo todo, ainda o pessoal lá [no condomínio] tem o golfe. O que sai de negócio, o que sai de parceria lá no meio do jogo... não tem essa divisão: o esporte de um lado o trabalho do outro!”¹³⁸. Paola demonstra um marcado desagrado com a ideia de uma sociabilidade nessa lógica: “[...] acho horroroso, eu odeio ir numa reunião dessas...”. Assim, no que se refere à sociabilidade, o grupo de vôlei ocupa também um lugar importante, tanto as relações ali estabelecidas como as práticas de sociabilidade desenvolvidas pelo grupo (com destaque especial às reuniões das quintas-feiras). É um tipo de reunião descontraída, sem maiores interesses, que a atrai: “Eu prefiro estar brincando, estar tomando um chope [que ir a uma dessas festas sociais]”.

A sociabilidade mediada pelo vôlei, além de estar pautada num desinteresse de relações rentáveis, tem um segundo movimento de afastamento dos padrões de sociabilidade comuns, quando considerado o viés do gênero. As práticas contra-hegemônicas, nesta perspectiva, não estão naturalizadas em Paola; ela as percebe como diferenciadas, mais próximo do que é comum em grupos de homens:

“a gente tem um comportamento masculino para algumas coisas, eu acho assim, vendo assim, a gente tem um comportamento masculino [...], por exemplo, deixam o marido em casa e ficam bebendo até as duas da manhã e chegam em casa dão um jeito, não vão sair correndo para casa, porque precisam ir, sabe?; são mais despojadas das coisas, assim de não ter frescura. De dizer um lado pejorativo, mas tem coisas do universo feminino e que nesse grupo tem muito do universo masculino, eu acho isso muito interessante, são pessoas que têm o mesmo perfil, assim sabe, de dizer mais bobagem, de ser mais invocada, de beber cerveja, de ficar até tarde. Eu acho que tem um jeito e a gente se identifica nesse jeito, tanto que as pessoas que não tão a fim não ficam muito tempo, porque elas não vão ficar saindo terça e quinta para jogar no meio da chuva”.

Na matéria *A dona da bola*, publicada no Jornal do Comércio (10 de setembro de 2010), sobre uma empresária que joga futebol regularmente, é possível perceber questões semelhantes às relatadas por Paola sobre seu envolvimento esportivo: certo estranhamento familiar com seu envolvimento, um engajamento importante na organização que permite que os jogos aconteçam, uma relação com o corpo mais centrada no uso que no cuidado, uma convivência mediada pela prática esportiva apreciada. O fato de ser notícia de um jornal

¹³⁸ Noutro momento, referindo-se ao esporte como um espaço para uma associação vantajosa, dá um exemplo hipotético sobre um poderoso industrial que mora em seu condomínio: “o cara não vai te atender no escritório dele para falar contigo [se não te conhece, não tem referências tuas], mas daqui a pouco tu jogas bem tênis, ele gosta de jogar tênis, vamos fazer dupla, dupla com o cara ou vai jogar com ele, aí tu vai conversar, tu vais tomar água, depois tu vai... então é o meio que tu consegue chegar em pessoas que tu não chegarias de outra forma”.

mostra de alguma forma que é um tipo de envolvimento incomum para pessoas com esse perfil. Se fosse um grupo de homens, qual seria novidade?



Figura 11 - Matéria publicada no Jornal do Comércio (10 de setembro de 2010)

A jovem empresária Mariana Bacaltchuk, 34 anos, passa o dia cercada de vestidos, laços e rendas. É que Mariana é sócia da laiá, grife gaúcha de moda feminina que toca junto com a irmã, Ioana, Porém, quatro vezes por semana, a administradora da grife despe o vestido e calça as chuteiras para embarcar no hobby que é a sua paixão - jogar futebol. Se hoje é comum ver meninas correndo atrás da bola, há dez anos, quando Mariana descobriu o futebol, era bem mais incomum. "Uma amiga do meu marido convidou e eu nunca tinha jogado. Quando acabou, descobri que adorava futebol", brinca. O marido mesmo não é exatamente um fã do esporte bretão. **"Ele odeia futebol. Mas sabe que é o meu momento"**, diz. Não é para menos. Enquanto as esposas têm de suportar uma noite semanal de futebolzinho do maridão, Alessandro encara a disputa quatro vezes por semana. "Até a sócia tem ciúme do futebol", brinca. De tanto vestir a camiseta do esporte, Mariana virou uma referência do futebol feminino em Porto Alegre. "Já perdi a conta de quantas vezes atendi o celular e do outro lado tinha uma menina que não conheço, que é amiga da amiga da amiga e quer jogar", conta.

A confraria do futes tem entre 30 e 40 meninas fixas, que jogam futebol de salão na Pucrs, no colégio Pão dos Pobres e em uma quadra perto do Bourbon Assis Brasil - mas só Mariana encara as quatro. As demais optam por uma civilizada partida semanal. Ela é uma organizadora implacável. **"Não pode faltar. Se precisar se ausentar depois de confirmar, tem que avisar com 24 horas de antecedência e ainda indicar outra"**, avisa. A razão para tanta rigidez é o respeito com as confradeiras. "É um esporte de grupo, se você falta ou se atrasa, está prejudicando todo mundo", comenta. A organização também é por conta dela: Mariana monta as tabelas e avisa a todas por e-mail das datas e horários dos jogos. A ponta-esquerda já teve alguns dissabores como atleta. **Quebrou um braço, perdeu a unha do pé e vive, com marcas roxas pelas pernas. "Seis das meninas já romperam ligamento", diverte-se, conformada com o ônus do hobby que escolheu.** O bônus, além do óbvio benefício de praticar o esporte, acontece às quartas-feiras. **"Vamos todas, „sujismundas“ mesmo, para uma lancheria tomar uma cerveja. É sagrado"**, avisa. (A DONA DA BOLA, 2010, grifos meus)

Essa forma de ser mulher é tema de conversa entre as parceiras de equipe em seus encontros. É um espaço reivindicado em que se demanda que sejam permitidas atitudes que parecem estar exclusivamente aceitas ao universo da amizade masculina: “Um dia o marido de uma delas [jogadoras] ficou indignado, não sei de quem, sei lá mandaram umas fotos de um homem pelado e ele não gostou, uma bobagem assim. A gente brincou assim; „só vocês gostam de gurizinha, vocês acham que só o homem olha para guria nova, bonita e tu achas que mulher não olha para guri novo e bonito“. Daí essas brincadeiras que não são comuns, meio femininas. Então a gente sabe com quem a gente brinca, com quem a gente pode contar, sabe as parcerias”.

Nesse espaço que o vôlei proporciona, parece atualizar-se outra disposição: a de preservar um espaço próprio na dinâmica familiar, particularmente, da relação matrimonial. Entre os relatos coletados nessa linha, um salienta a não participação dos “jogos de poder” que ela vê mulheres conhecidas protagonizarem com seus respectivos maridos. Explica: “nunca tive aquela coisa assim... Tenho amigas que resolvem que elas vão ao shopping de tarde na hora do futebol, aí vão tirar o cara da frente da TV para ir acompanhar. Meio um jogo de poder: „tu vai largar!“, sabe? Tem uma que brinca: „Sempre futebol, sempre futebol“. Eu só quero saber: tem jogo. Eu vou no cinema sozinha. Para mim essa relação”.

Na mesma linha, trata-se de cuidar o espaço ganho. Existe uma percepção implícita de que tudo pode voltar ao início se não for feito um investimento sistemático nessa linha, ainda que a ideia seja expressa de forma bem-humorada: “[em algum dos encontros das quintas-feiras] a gente cansava, ia embora cedo e a gente brincava, „não pode chegar em casa cedo porque tu acostuma“. Então a gente brinca, senta na calçada e espera o tempo passar para ti chegar em casa mais tarde, porque senão eles vão [se acostumar]. Aí quanto quiser voltar de novo: Ah! Sabe? Já aconteceu de eu chegar em casa quinze para meia-noite o meu marido olhar para mim assim „oh, o que aconteceu?“, tipo assim „tu em casa, não é meia noite, tu já estás em casa“. Então é um espaço que tu não pode perder, tu tem que sair, nem que seja para dar a volta na quadra, mas tu tem que sair, isso foi conquistado durante muitos anos”.

3.2.4 Mulheres *Trabalhadoras* com *Práticas Divergentes*: Diálogo com Fabíola

Uma cabeleireira com prática corporal divergente¹³⁹

Fabíola, 46 anos, porto-alegrense, casada, um filho homem (19 anos). É cabeleireira autônoma com local próprio (aluga uma sala) num bairro da região do Partenon. Completou o Ensino Médio. Tem um faturamento mensal de 1.000 a 1.500 reais, com picos de 2.000 “nos meses mais fortes” (sem descontar o valor dos produtos, “que deve dar uns trinta por cento”), e uma renda familiar média próxima aos 2.500 reais por mês. Mora em outro bairro da mesma região, em casa própria construída no mesmo terreno da casa da mãe¹⁴⁰. O marido é empregado no setor de transporte de uma empresa privada, trabalha como plantonista, e tem Ensino Médio completo. É a mais velha de

uma família de cinco filhos¹⁴¹, residente num bairro¹⁴² da região do Partenon (“família tradicional, com pai e mãe casados há mais de quarenta anos [...], irmãos sempre morando juntos [...] até casar”). Pai e mãe nascidos no interior de Rio Grande, em famílias de muitos irmãos que, quando jovens, vieram morar em Porto Alegre. No interior, o pai tinha um trabalho braçal e na cidade atuou basicamente como porteiro e zelador. Após aposentar-se, teve um *bico* de taxista durante algum tempo; entretanto, como é diabético, não conseguiu continuar trabalhando. A mãe perdeu o pai cedo e foi criada pela avó de Fabíola. Ela sempre trabalhou como empregada doméstica. Pai e mãe frequentaram até a quarta ou quinta série do Ensino Fundamental.

Rotina

Fabíola acorda todos os dias entre 6h e 6h15min, inclusive em dias que não trabalha: “Final de semana, feriado, eu acordo e aí, claro, eu me esforço para ficar um pouco mais deitada, mas é o relógio biológico que funciona”. É um horário ao

¹³⁹ Procurei Fabíola porque se adequava a um perfil divergente, quando considerado a PMCTL e o espaço social em que se localiza. O contato foi intermediado por um colega do grupo de pesquisa. Foram quatro entrevistas, com intervalo mínimo de uma semana e máximo de duas, desenvolvidas em um mês e meio. Após o período das entrevistas, houve mais um contato para fazer uma devolução sobre o andamento do trabalho, como também confirmar e complementar algumas informações. Foram cinco horas de conversa. Todos os encontros ocorreram no seu local de trabalho, no início da manhã nos primeiros dias da semana, quando o movimento do negócio é mais fraco.

¹⁴⁰ “Moro nos fundos da casa da minha mãe”.

¹⁴¹ Os dois irmãos menores têm uma grande diferença de idade com os três primeiros. O quarto irmão está com 30 e a menor com 26 anos.

¹⁴² Rendimento médio mensal dos responsáveis pelo domicílio: 3,60 salários mínimos em 2000 e 2,60 no ano de 1991.

qual se acostumou, porque sempre teve de acordar cedo para trabalhar. Não faz desjejum, sai praticamente sem comer nada: “Desde criança, nunca fui de tomar café”. O esposo volta tarde do trabalho, nunca antes da uma da manhã. Assim, quando acorda, ele continua descansando e nunca tomam o café juntos. Na época das entrevistas, o filho prestava serviço militar obrigatório e passava a maior parte do tempo entre o quartel e a casa da namorada.

Abre seu estabelecimento de segunda-feira das 13h30min às 19h e de terça a sábado das 8h30min às 19h. Eventualmente, sexta-feira e sábado pode trabalhar até mais tarde (já foi até as 22 horas), mas se esforça para evitar que isso aconteça com frequência.

Duas noites por semana participa de uma Casa Espírita Kardecista. As atividades lá são nas segundas e quintas-feiras, das 20h às 22h. Uma vez por mês participa da *União das Casas Espíritas*. Nas outras noites, vai para casa, podendo dividir seu tempo entre ver televisão e interagir com seus sobrinhos pequenos, que moram numa casa no mesmo terreno dela, e passam muito tempo com ela. Eventualmente, quando o filho passa por casa no horário em que ela se encontra, é um momento de interação familiar. O marido sai do trabalho à meia-noite; logo, não se encontram à noite.

Sábado é um dia de forte movimento para Fabíola. Dificilmente retorna antes das 20h para casa. O final de semana resume-se apenas ao domingo. Contudo, não como um dia de descanso, mas sim de fazer tarefas domésticas impossíveis de dar conta na semana: “Roupa, arrumação de casa, o feijão para a semana [...], supermercado, se tem que comprar alguma coisa para casa, pequenas reformas na casa, pintura, etc., tudo sobra para o domingo”. Também é o dia de botar em dia as visitas familiares: “Tenho uma sogra também, então a gente se divide muito entre a minha mãe e a minha sogra, e o domingo é pequeno para fazer tudo o que tem para fazer, porque é só um dia”. Não costuma sair, particularmente, à noite: “Eu sou muito envolvida com a família; não sou assim de sair, dançar, coisas assim não. Normalmente, quando a gente tem atividades [...], são mais familiares mesmo, nada muito noturno, só quando tem alguma festa de família, aniversário, casamento, etc.”.

O turno da semana mais relaxado é a segunda-feira de manhã, isso quando não está envolvida em algum curso ou comprando produtos para o salão: “Se não tem nada para fazer de manhã, é o dia que eu não faço nada mesmo. Reservo-me o direito de levantar mais tarde e não fazer nada até o horário de vir trabalhar”. É o dia em que pode aproveitar e almoçar com o

esposo em algum restaurante, sendo o único dia na semana em que isso é possível.

A família não tem ajuda externa para os afazeres domésticos. O cuidado da limpeza, roupa, comida, sempre foi distribuído entre os três: “A casa é pequena, então a gente se divide muito nas tarefas, sempre foi assim. Meu filho sempre participou das tarefas. Agora não tem participado porque ele fica fora o dia inteiro. Como o meu marido está de manhã em casa, ele também me ajuda muito nas tarefas, a gente divide praticamente todas”. Entre as tarefas em que o marido não ajuda está a da comida. Contudo, dado o regime de seu trabalho, ele prefere não almoçar. Logo, esse ponto não é um problema para a administração doméstica. Nas outras tarefas, ajuda, mas Fabíola não tem grandes expectativas sobre o desempenho masculino nesta área: “A parte dele é organizar, botar uma roupa para lavar, estender uma roupa e deixar as coisas ajeitadas pelo menos, porque homem não é muito de limpar, mas ele ajeita pelo menos”.

Consumos culturais

O perfil cultural de Fabíola é marcado pela presença de práticas e gostos dissonantes. Fabíola lê com frequência. Foi uma prática particularmente intensa em sua juventude,

entre os 17 e 24 anos: “Nunca fui muito de sair, sempre fui muito caseira, sempre gostei muito de ler, então lia um romance atrás do outro. Nessa época tinha aquela coleção de *best-sellers* de autores internacionais de romance, então eu lia, eu lia muito”. Seu envolvimento vinha desde criança: “Minha mãe sempre arrecadava muitos gibis para a gente ler. Tínhamos uma coleção que íamos trocando com os colegas da rua, amigos”. Fabíola também lembra de um outro período de sua infância, em que passava por seu bairro uma biblioteca itinerante: “Era um carro, um ônibus, uma kombi, sei lá o que era, que parava num determinado lugar e tu ia lá, fazia ficha de leitura e pegava um livro. Na outra semana eles voltavam, tu devolvia o livro. Assim, uma vez por semana a gente estava renovando as leituras. Na época era infantil, era mais gibis, e essas coisas, depois foi trocando por outros livros”¹⁴³. Ela reconhece, nessa experiência, questões positivas que a marcaram, considerando o contexto de acesso restrito a outras formas de conhecimento no qual vivia: “Quando lê muito, tu começa a falar um pouco melhor, conheces um pouco mais as palavras. Conheces outras realidades,

¹⁴³ “Quando a gente ia nessa biblioteca itinerante, quem lia mais rápido, a gente acabava trocando com algum outro dentro da mesma semana alguma coisa; então a gente queria preencher tempo, então lia qualquer coisa e depois dessa parte mais de romance que eu gostava de ler”.

porque, como não tínhamos a oportunidade de viajar, então pegava a realidade de outros países dentro do romance, pegava um período de história diferente. A gente trocava muito isso na conversação, dia de chuva era dia de diálogo, não tinha outra coisa para se fazer, então a gente conversava, trocávamos muito essas informações que cada um colhia dentro dos livros, isso mais entre as mulheres; os meninos não eram chegados na leitura”.

Com o tempo, seu envolvimento com a leitura diminuiu. Na atualidade, as práticas nesse campo estão mais vinculadas com a preparação das palestras que ministra na Casa Espírita. Acredita ter lido apenas um romance espírita nos últimos anos, a maioria das outras leituras é de obras conhecidas que consulta novamente com o propósito de lembrar parte do seu conteúdo.

No que diz respeito a jornais, não costuma deter-se em notícias, dá uma olhada nas manchetes e lê as colunas de Martha Medeiros, Paulo Sant’Ana e David Coimbra. Para o salão, ela assina duas revistas: *Caras* [editora Abril] e *Women’s Health* [editora Abril]. Geralmente, dá uma olhada na primeira e lê alguns artigos da segunda.

A leitura é um tipo de prática que não compartilha com o esposo: “Ele mal lê o jornal que está sempre disponível em seu trabalho”. O filho também não é de ler: “A

única coisa que ele lê é a tela do computador [...] aquele Orkut direto”.

É difícil Fabíola ir ao cinema, “é tão pouco que deve ser uma média de duas vezes por ano”. Falta tempo. É um programa que lhe interessa, mas complicado de compatibilizar com seu cotidiano: “Planejas ir ver tal filme, passa o tempo e o filme acaba saindo de cartaz. Acabas pegando na locadora para ver em casa”. Já aconteceu de o marido arranjar ingressos gratuitos para o cinema, em seu trabalho, e não conseguirem ir: “Só tenho o domingo e, se algum dos dois programou alguma outra atividade, a gente acaba não indo. Sábado, como é o dia que mais se trabalha no salão, termino cansada e sem vontade de sentar e ver um filme, porque vou acabar dormindo”. Outra dificuldade é que suas preferências não coincidem com as do marido, seu companheiro para ir ao cinema: “Às vezes entra um filme em cartaz, como tinha há um tempo atrás a *Mulher Invisível* [Cláudio Torres, 2009], que eu queria ir assistir, mas não é muito o tipo de filme que ele gosta, então é meio difícil”. Os gostos dele são bastante diferentes dos dela: “Gosta de filmes de luta, de carro, de ação; eu prefiro mais os intimistas, homem não gosta disso, então é difícil a gente assistir”. Nesse campo é mais fácil ela assistir a um filme do qual ele goste do que o inverso: “Às vezes ele pede para ver alguma coisa que eu gosto,

às vezes. Mas normalmente assistimos a filmes mais comerciais. Acho que o último que a gente assistiu foi *Duro de Matar 4* [Len Wiseman, 2007], faz tempo”. Todavia, no caso desse filme, não se tratou apenas da escolha do esposo, ela também gosta de assistir a filmes protagonizados por Bruce Willis: “A maioria das coisas é uma piada, mas eu gosto, de vez em quando é bom ver alguma coisa diferente também”.

Indagada sobre se teria filmes que representassem exemplarmente seu gosto, ela menciona mais os atores que lhe servem como referência que produções: “*Os intocáveis* [Brian De Palma, 1987], lá o primeiro com Kevin Costner, os filmes com Robert De Niro, Al Pacino, como aquele *Alguém Tem que Ceder* [Nancy Meyers, 2003, protagonizado por Jack Nicholson]”. Também entram na lista de artistas que servem de referência para os filmes: Denzel Washington e Benicio Del Toro: “Meus atores estão ficando velhos [risos]”. Entre os critérios de escolha de um filme não estão seus diretores: “Não me ligo muito”. Contudo, menciona Pedro Almodóvar como um dos diretores que chama sua atenção, por exemplo, no filme *Fale com Ela* [2002]: “Acho uma história bem interessante. Ele tem uma visão bem diferenciada das coisas, normalmente são mais dramas intimistas, algumas coisas são

polêmicas, mas gosto, gosto dos filmes dele”.

Assistir a DVDs é mais comum que ir ao cinema. O programa é ver em casa no domingo à noite. O último foi *Marido por acaso* [Lindsay Sloane, 2008]: “Achei engraçado, gosto de filmes que têm uma história, mas que tenham humor também”. O critério de seleção não é muito diferente ao do cinema, o que muda é que é um programa que pode fazer, além de acompanhada pelo marido, sozinha ou junto de algum familiar. Ficam fora da seleção as comédias do tipo “besteirol americano, piadinha demais também eu não gosto”. A escolha também passa por seu estado anímico. Quando o dia a dia fica estressante e cansativo, a tendência é escolher filmes mais leves: “uma comédia para relaxar”.

Não vê muitos filmes brasileiros, mas não tem maiores restrições, é mais o reflexo de uma filmografia menos acessível. O último longa-metragem nacional a que assistiu foi *O Homem que Desafiou o Diabo* [Moacyr Góes, 2007]: “um filme engraçado”.

Gosta de ouvir música. A rádio é sua companhia o dia todo no trabalho (todas as nossas entrevistas têm música de fundo). A estação mais escutada é a Itapema (102.3 MHz): “É uma música mais ambiente, assim que não vai incomodar ninguém”. Em casa ela pode colocar um DVD com shows, mas não fica assistindo; ouve-o

enquanto dá conta de tarefas domésticas. Entre os gêneros preferidos, menciona a MPB (Maria Bethânia), rock brasileiro (Legião Urbana) e pagode: “Mas só alguns grupos, tipo Fundo de Quintal, Exaltasamba”. Entre cantores estrangeiros, faz referência a Rod Stewart, Joss Stone, Amy Winehouse. O marido gosta “mais de pagode e de samba”.

Porém, apesar de sua diversidade no gosto, tem músicas que não escuta sob nenhuma circunstância. Nesse grupo, lista: “o funk, com essas letras ridículas, obscenas; músicas *gaudérias*, tem a *Tché music*, que até algumas são legais (mas não iria atrás de um CD ou DVD), mas aquela gauchesca tradicional mesmo não gosto”. Acrescenta, ao inventário de música desagradáveis, metálica e sertaneja.

O conjunto dos gêneros e as interpretações dos cantores mencionados têm em comum, na perspectiva de Fabíola, a tranquilidade, o fato de serem músicas suaves e, por isso, atrativas. Todavia, que ela goste de música não significa que ocupe seu tempo ou invista na compra de CDs ou coisas do gênero. Os materiais que ela tem são cópias de DVDs e CDs a que tem acesso através de seus clientes ou amigos.

Fabíola, nunca assistiu a um concerto de música clássica, nem a espetáculos de dança clássica, moderna ou contemporânea. Museu visitou apenas quando era adolescente, em época de

escola. Raramente visita exposições de pintura, ainda que seja algo lhe desperte certo interesse: “Há algum tempo atrás à exposição aquela Brasil-França¹⁴⁴, eu queria ir, mas não achava, não casava tempo”. Na linha das visitas, interessasse mais por feiras de artesanato, como as que ocorrem no Gasômetro¹⁴⁵ e no Parque da Redenção, do que por exposições de arte: “Ali que tem muita coisa assim diferente que está à venda, ou coisas antigas, eu gosto, gosto de olhar”. Assiste a teatro amador, particularmente ao grupo que funciona na casa espírita que frequenta. Seu filho faz parte do elenco: “O propósito é assistir [a] ele, não propriamente [ao] teatro”. No campo das diversões, não frequenta nem frequentou bailes, discotecas ou estabelecimentos do gênero: “Não, não gosto de dançar”. Também não aprecia recitais de música.

Comumente, Fabíola não para ao assistir TV. Assiste de modo salteado e aleatório a alguns programas de entretenimento: “Para não dizer que eu não vejo novela, tem uma novelinha que passa de tarde, quando a gente está num tempo ocioso, a gente tem

¹⁴⁴ No ano de 2009, houve em Porto Alegre uma grande mostra nas comemorações do Ano da França no Brasil. Entre um conjunto importante de atividades, estava uma exposição de pintores franceses em museus da capital (http://www.margs.rs.gov.br/imprensa_releases_aberto.php?par_id=97).

¹⁴⁵ Usina do Gasômetro é uma antiga usina de energia, em Porto Alegre. Em 1974 foi desativada e em 1991 passou a ser usada como espaço cultural.

visto”. Também os comentários das clientes sobre os acontecimentos nos *reality shows* podem levá-la a assistir esse tipo de programa: “A gente começa a ver algumas coisas assim quando as pessoas começam a falar: „Ah, o Big Brother!“. Eu não assisto, mas quando as pessoas depois começam falar de fulano e de beltrano, aí tu acabas dando uma olhada”. Nessa linha, também há certa necessidade profissional de conhecer os programas mais populares, já que com frequência os cabelos das artistas são uma referência para os cortes solicitados pelas clientes: “[...] O parâmetro maior para quem vem é a televisão: „Ah, quero o corte da Flávia Alessandra, quero o cabelo da Taís Araújo, e isso às vezes é até difícil porque não tenho o hábito muito de ver novela [...]. Então precisas estar sabendo algumas coisas que tu achas fútil, mas tu tens que saber”.

Em resumo, seu perfil de telespectador aponta para quem usa a TV como uma companhia: “Quando chego [à minha casa] já ligo a televisão, para ter aquele barulho e tal [...]; não tem assim de sentar e ver televisão. Se estou cozinhando sempre fica no Jornal Nacional [Rede Globo], daí tu ouve as notícias”. Ela não assiste a programas específicos (“Normalmente, sou daquelas que fico mudando de canal em canal e acaba não vendo nada”) e procura um tipo de programação recortada pelo

ideal de entretenimento (“Gosto de seriadinhos pequenos, assim, que são histórias rápidas”). Não é que não se interesse por outros, gostaria ver os programas de Jô Soares, Marília Gabriela, Fernanda Young, mas é difícil encaixar os horários da programação em seu cotidiano: “Queria ver esse *Ó Pai Ó* [Rede Globo] que passou aí, me programava mentalmente para ver, mas acabava esquecendo o dia, esquecendo o horário, acabei não vendo nenhum dos capítulos”. Não costuma ver canais culturais.

Fabíola não tem um *hobby*, mas gostaria dispor de tempo para ter. Dois potenciais entretenimentos são mencionados: jardinaria e confeccionar roupas (para uso pessoal): “Com o tempo eu vou conseguir fazer; não desisti deles, só não consegui assim encaixar”. Ela gosta de envolver-se com pequenos reparos da casa, particularmente pintura. Não deixa de ser um trabalho que não se paga a um terceiro, mas é vivido também como algo agradável: “Acho que é terapêutico pintar”. Fabíola não utiliza o computador para acessar redes de relacionamentos: “Não, não gosto muito disso”. É um instrumento para buscar informações sobre seu trabalho, ou alguma coisa dentro da sua doutrina religiosa e manter contato via e-mail com conhecidos.

Práticas corporais

Fabiola não teve experiências de prática regular de esportes ou exercícios físicos durante sua infância e adolescência. Suas lembranças nesse campo vinculam-se a jogos infantis realizados espontaneamente nas ruas do bairro: “No tempo que eu era criança, as crianças brincavam bastante na rua, correr e tal, então a nossa atividade física eram essas brincadeiras”. Quando cursava o Ensino Médio, incorporou uma caminhada diária de uns seis quilômetros para deslocar-se ao colégio, mas tratava-se de uma questão mais de economia que de outra coisa: “A ida ou a vinda fazia a pé, para poupar o dinheiro para poder gastar”.

Quando jovem, trabalhando regularmente, tentou várias vezes incorporar a prática de ir à academia, mas não conseguia ter regularidade. Basicamente, faltava tempo: “Trabalhava lá na Zona Norte e o tempo que tinha disponível [para ir à academia] era o horário do meio-dia; isso impedia de me alimentar direito e, como eu perco peso fácil, acabava emagrecendo, e deixando de fazer”.

Finalmente, há três anos, mais ou menos ao mesmo tempo em que abriu o salão, Fabiola passou a praticar regularmente atividade física. Não parou desde então. Ela faz musculação de três a quatro vezes por semana: “O habitual é quatro vezes, mas, quando acontece alguma coisa assim

fora do previsto, faço três vezes”¹⁴⁶. Os treinos são de terça a sexta-feira no horário das 7h10min às 8h. Após um banho na academia, volta a cuidar de seu salão, que abre às 9h. A distância entre o local de trabalho e a sala de musculação é menos de duas quadras.

Ela faz um treinamento orientado pelos professores da academia. Trata-se de um plano fracionado, em que trabalha diferentes grupos musculares em dias alternados. O engajamento com a musculação não está no plano da paixão, trata-se mais de uma rotina. Não mostra maior entusiasmo quando fala da prática, todavia isso não pode ser confundido com falta de empenho em sua realização ou desconhecimento dos benefícios que lhe são atribuídos: [como vives a prática da musculação?] “Acho que mais como rotina, mas eu sei que, por exemplo, se estás muito estressada, a atividade física vai te ajudar, realmente ajuda mesmo, ao invés de brigar com o outro, vai lá, puxa os teus ferros lá, cansa e gasta essa energia; eu vejo desta forma também”. Assim sua regularidade parece sustentar-se mais na disciplina e na rentabilidade física do

¹⁴⁶ [O que te tira da rotina da academia?] “Acordar tarde e ter que sair correndo, eu não gosto de fazer tudo correndo, aí tem que sair correndo, já não faço então, ou, se tem alguma atividade, se tem que ir ao centro, tem que ir ao médico, alguma coisa assim fora do habitual me tira dessa rotina, mas são exceções mesmo”.

esforço que em outra coisa: [Como defines a relação com a academia, você gosta?] “Olha, é um hábito que tu desenvolves. Tem dias que tu estás cansado, não estás com muita vontade, mas sabe que se deixas de ir uma semana vai ficar mais cansado, não vai ter a mesma disposição. Depende do teu estado de espírito, tem épocas que é legal tu ir, tem épocas que tu vai meio por obrigação. Mas normalmente é bom porque depois tu vês o resultado; na hora, ou antes, não é bom, mas depois tu te sentes muito mais disposto para passar o teu dia, para as atividades do dia”.

Fabíola considera que a musculação é um tipo de exercício com características adequadas ao seu ritmo matutino, mais vagaroso que em outros horários do dia. Desse modo, não imagina participar numa classe *típica* de ginástica aeróbica, caracterizada pela marcada intervenção do professor e uma intensidade de trabalho padronizada: “De manhã estou lenta, custo para despertar, então não gosto de ninguém gritando no meu ouvido: „vamos lá, vamos pular“. Na musculação não tem isso, tu vai ali, tu te cansas, mas é dentro do teu próprio ritmo”.

Nessa linha de preferência por práticas menos agitadas, o ambiente da academia às 7h também ajuda: pouca gente, pessoas um pouco mais velhas, focadas mais no

exercício do físico que na sociabilidade¹⁴⁷. Na sala de musculação, a TV fica ligada e, eventualmente, durante a atividade, pode dar uma olhada no jornal. Também, “se tem alguma colega perto a gente troca alguma conversa¹⁴⁸, mas normalmente cada um fica mais na sua”. O local não se constitui, igualmente, num momento de grandes reflexões sobre a vida: “De manhã, como o meu ritmo é mais lento, eu não fico com elaborações mentais, talvez pensar na rotina, no que tu vais fazer, no que tu tens que fazer”, não mais que isso. Trata-se de um hábito.

O motivo principal indicado por Fabíola para a prática da musculação é a saúde. Por um lado, busca prevenir o aparecimento da osteoporose, doença associada à menopausa, que em seu caso não pode se dar pela hormonioterapia aditiva: “Como eu não posso tomar hormônio para diminuir os efeitos da menopausa, tenho necessidade de fazer exercício físico com regularidade”. Fabíola avalia

¹⁴⁷ “Não tem muita gente, não precisa tá dividindo ou tá esperando pelos aparelhos, que é uma coisa que atrapalha um pouco nas academias. O público que eu vejo de manhã são pessoas já mais velhas, é gente que tá indo antes do trabalho, são senhoras e senhores mais velhos. Já tentei ir em outros horários mas é um pessoal que está ali mais para socializar, conversa um pouco, ocupa um tempão o mesmo aparelho. Então eu prefiro esse horário da manhã que é um público mais maduro, que está com objetivos outros além do culto do corpo.”

¹⁴⁸ “Vai ali com o objetivo da atividade física, tem umas pessoas que tu conversa um pouco, acaba se relacionando com elas, mas não é por isso que tu vais à academia”.

positivamente essa impossibilidade, já que assim se vê obrigada a manter o vínculo com as práticas corporais: “Em função disso eu comecei a fazer, e fazendo tu vê que tem uma melhora [geral]”. Por outro lado, essa atividade física ajuda a gerenciar dores produzidas pelos movimentos repetitivos e o cansaço próprio de sua ocupação: “Tenho necessidade também de fazer alguns exercícios para a tendinite de meu braço [...] e em função da coluna e da postura já que ficamos em pé bastante tempo, horas seguidas”.

Soma-se a isso a justificativa da prevenção de doenças e dos benefícios atribuídos à prática regular de exercícios físicos: “É uma atividade que faço por questão de saúde, porque hoje está bem difundido o tema. Realmente a gente percebe naqueles exames que tu faz, anualmente, de colesterol e tal, tu vê que realmente aquilo te dá um resultado”. Também aponta, como efeito positivo, o auxílio no controle de uma característica pessoal que afeta seu dia a dia: “Sou uma pessoa naturalmente estressada, que tem que estar sempre fazendo alguma coisa, que tem dificuldades de ficar parada sem nada a fazer. Então a atividade física ajuda porque dá uma cansada no físico naquela hora e daí a adrenalina, sei lá, acho que normaliza. Não sei como funciona, mas para mim funciona”. Em síntese, como a própria Fabíola assevera, é o conjunto de

fatores mencionados, vinculados à saúde, o principal motivo que a leva a ser constante na prática de exercício, fato que é uma novidade, quando comparando com outras etapas de sua vida: “Então tem necessidade de fazer, e tudo vai se somando para que te forces a ser disciplinada”.

Fabíola também incorporou uma caminhada à sua rotina semanal. Geralmente aos domingos à tarde e “sempre que tem sol”, em companhia de uma cunhada ou um sobrinho (que vai de bicicleta), anda durante uma hora e meia. Não se trata de um passeio, esclarece, busca uma intensidade que a exija fisicamente. A prática tem mais de um ano e foi incentivada inicialmente para acompanhar o marido. Antes desse período, a caminhada era uma prática vinculada exclusivamente às férias: “ficas muito parada, não tem o que fazer na praia então tu caminhas”. A prática da musculação e a caminhada fazem com que este período seja o mais ativo de sua vida. Nunca Fabíola tinha conseguido fazer tanto exercício durante tanto tempo.

O esposo caminha todos os dias e joga futsal uma vez por semana. Vai de casa ao trabalho, num percurso de pouco mais de seis quilômetros. Quando ele não está de plantão (“trabalha em fins de semana, um sim e um não”), podem caminhar juntos no domingo. O companheiro faz anos que costuma ir a pé ao trabalho: “Ele sempre

gostou de jogar futsal, mas teve um problema no tendão e parou. Como ele tem tendência familiar a engordar, resolveu caminhar, então ele incorporou esse hábito já há bastante tempo, mais tempo do que eu faço academia”.

Cuidados com o corpo

Fabiola avalia sua saúde como boa. Não tem em seu histórico grandes dificuldades nesse campo. Aparecem dois eventos que merecem mais destaque. Primeiro, sofreu de bronquite quando criança, até por volta dos nove anos. Por causa da doença, tinha período no ano que seu dia a dia ficava um pouco alterado: “Quando corria muito, vinha a falta de ar. No período de inverno as crianças iam brincar, mas se estava garoando eu já não podia, tinha mais cuidado assim com relação a essas coisas”. Mas, uma vez a doença desaparecida, não teve maiores consequências.

O outro episódio é mais recente. Aos 40 anos Fabiola fez sua primeira mamografia, ocasião em que foram detectados alguns nódulos. Uma consequência imediata foi que, apesar de ter entrado na menopausa com apenas 38 anos, não pôde fazer terapia de reposição hormonal, já que esta não é recomendada quando há presença desse tipo de enfermidade. Atualmente, faz um acompanhamento anual das características dos nódulos.

Fabiola faz com bastante regularidade exames médicos preventivos. Uma vez por ano faz um *check up* geral, que inclui exames laboratoriais, além dos exames ginecológicos de rotina. Também já fez um teste de esforço. Ainda assim, entende que por aí não é suficientemente atenta em relação ao assunto: “Sei que não tenho os cuidados que eu deveria ter com a minha saúde, porque, em função do tempo, quando vejo já passou dos seis meses que deveria ir no dentista, aí tem que correr para marcar”. Fabiola tem plano de saúde do esposo.

No que diz respeito à adesão às recomendações médicas, Fabiola mostra-se um tanto avessa ao consumo de remédios. Busca alternativas para os tratamentos tradicionais, como foi quando tratou de uma tendinite num de seus pulsos: “O médico sempre reclama porque não tomo os medicamentos, mas não gosto de ter uma dependência do remédio. Eles dizem que é melhor ter dependência ao remédio do que ficar com o problema. Mas, sei lá, como não é uma doença mais grave, acabei deixando de lado os remédios e busquei mecanismos alternativos [...]. Tenho esta visão: só o remédio não vai resolver”. Em outro período de sua vida, quando estava passando por momentos de bastante estresse, para evitar tomar medicamentos,

buscou auxílio na homeopatia. Entretanto teve dificuldades de seguir as prescrições por muito tempo: “Depois acaba esquecendo-se de tomar de tantas em tantas horas gotinhas, bolinhas...”.

Dentro da doutrina espírita, também se usa um procedimento alternativo com o que se busca equilíbrio psicofísico. Noutro momento, Fabíola o utilizou; agora, “não faço uso dela, trabalho com ela”. Nesse ponto, preocupa-se em ressaltar que as práticas vinculadas com o espiritismo não substituem a alopátia, nem são incompatíveis com ela: “Tem que fazer o teu tratamento com o teu médico, cuidar do teu corpo e cuidar também da tua alma através das palestras, porque é *mente sã em corpo sã*”.

Fabíola tem alguns cuidados com sua alimentação, nada muito estrito. Habitualmente se alimenta de forma regular e equilibrada (foge um pouco do padrão seu café da manhã, que geralmente é uma xícara de café e, no máximo, um pão). Tem sido sempre assim, apenas algumas mudanças pontuais em aspectos específicos de seu cardápio: “Como mais carne do que comia; antes tinha dias que não conseguia comer carne, não me apetecia”. Trata-se de um tino gastronômico que não demanda grandes esforços: “Fomos criados assim, em casa

sempre tinha uma verdura e salada, então faz parte da nossa natureza”. Porém reconhece que tem uma “debilidade” por doces, gosta muito de chocolate. Isso não significa, por outro lado, algum tipo de sofrimento ou culpa por isso, é colocado mais como uma reivindicação a desfrutar de seu consumo: “Não abro mão dos meus doces [...]. Ah, não pode? Se estou a fim de comer aquele chocolate, vou comer. Não vou me entupir de chocolate; mas não vou deixar de comer doce em função de estética, talvez por saúde”.

Diferentemente de muitas mulheres, ela não tem uma grande preocupação com o incremento do peso corporal, ainda que não seja um tema sem importância: “Eu não tenho muita neura de „Ah, não é para comer isso; Ah, tem de comer aquilo“, porque não tenho muita tendência a engordar”. Medindo 1,66m, tem como parâmetro não pesar mais de 60kg: “Gosto de mim magra como sou. Nunca fui gorda, então estabeleço esse limite para não passar desse peso”.

Uma das características de suas refeições é que quase nenhuma é feita em família. Os rituais alimentares não são espaços que se colocam ao dia as questões de família.

Define-se como uma mulher preocupada com sua estética. Ainda assim, os receios levantados nesse campo basicamente se

vinculam ao peso corporal: “Gosto de estar magra, sempre foi a minha natureza, eu acharia estranho de repente ficar obesa, porque sempre fui magra”. Quando descreve suas práticas com outros cuidados, a ideia de uma mulher preocupada com a estética não se manifesta claramente: “De vez em quando compro um creme para o rosto, mas não faço todo dia assim, me esqueço! Não tenho essa preocupação de passar creme no corpo como tem gente que toma banho e passa creme pelo corpo. Eu não tenho um ritual, mas sou preocupada, não em excesso, mas como toda mulher”. Não tem marcado zelo com a maquiagem, mas mantém certo padrão (batom, unhas pintadas, “perfume, embora tenha dias em que eu não estou muito a fim”).

Nessa linha, não está nos planos algum tipo de intervenção cirúrgica: seria muito sacrifício, “eu não gosto de sentir dor”. Apenas faz parte dos *devaneios* sobre acabar com a gordura que normalmente se acumula no abdome a partir de certa idade: “Não é nada assim..., mas mulher, de vez em quando, se olha e diz: „que bom se eu não tivesse esse pneuzinho!“, mas acho que não faria não [lipoaspiração]”. Não é diferente com cirurgias, como as faciais, a dor e o risco de ficar com um rosto artificial a fazem pensar que ela não se interessará por uma intervenção desse tipo: “Não me imagino,

não! Eu prefiro me cuidar para ficar bem assim: ser uma velhinha com cara de velhinha, mas uma velhinha bonitinha, que nem tem tantas velhinhas bonitinhas que passam por aí”.

Não usa nenhum tipo de marcadores corporais (tatuagens, piercings): “Parece que a gente é gado para ser marcado. Eu não acho legal!”. Entende que esse tipo de prática é próprio de pessoas inseguras, que procuram utilizar esses recursos para se celebrar: “[...] quem faz esse tipo de coisa em excesso [...] quer chocar, quer chamar a atenção”. Para seu desgosto, o filho usa brincos nas duas orelhas. Fabíola chama a sua atenção de uma forma bastante rude na expectativa de desestimulá-lo da prática: “Parece uma bichinha pagodeira!”, seu temor é de que aumente o número de marcas no corpo: “Daqui a pouquinho está com um piercing no nariz, outro na língua”.

No campo da concepção de vestuário, a ideia da sobriedade volta a aparecer. A ideia é evitar o excesso como forma de chamar a atenção: “Não sou dada assim a roupas muito abertas, muito curtas”. Trata-se de um ideia de vestir-se “mais mediana [...], procuro ser mais equilibrada”. Algo similar são suas preferências com os acessórios; o básico e sem muito volume: “uso brinco, mas não uso pulseira, não uso

anel, só se for a uma festa; [No dia a dia,] é um visual meio despojado assim, meio *clean*”.

A ideia de visual despojado está presente também nas escolhas decorativas de sua casa. O critério é a funcionalidade: “Detesto tirar pó, então, na minha casa não vais encontrar coisinhas, enfeitezinhas assim. Sou mais *clean*, o problema é que tem que ter a televisão, um ou outro retrato, para ver que é uma casa. Mas nas paredes não tem coisas, é bem *clean* [...], não gosto de um ambiente muito poluído [...], gosto de paz”.

Sociabilidade

A rede de sociabilidade de Fabíola não é muito densa. Na atualidade, grande parte de suas relações se confunde com a rede parental: “Acabo mesmo dentro do círculo familiar porque tenho quatro irmãos, então só nesses [...] tem a minha sogra também que a gente vai no mínimo uma vez por mês visitar”. Como ela mora no fundo do terreno da casa da mãe, elas quase diariamente se encontram para conversar: “é um cafezinho preto, uma visitinha”. Além disso, a casa da genitora é uma referência para uma parte importante dos parentes com os quais lá se encontra.

De forma mais esporádica, vai a um jantar com o esposo em companhia de casais vinculados ao trabalho dele, os quais se conhecem há muitos anos. Também participam, em algumas datas do ano, de reuniões de confraternização organizadas na casa espírita.

Isso não é novo. Ela sempre se caracterizou por não estabelecer redes sociais amplas e diversificadas: “Desde criança, nunca me enturmei fácil. Tenho tendência a observar primeiro, de ficar mais na minha, para depois [estabelecer relações]. Não sou de grandes grupos, tem aquele grupo que tem o meu perfil, em turmas com um, dois, faz aquele melhor amigo, melhor amiga, isso tu faz em seguida, mas não grandes turmas”. Também nunca exerceu liderança nos grupos de amizade: “Não é comigo!”.

No antigo emprego, costumavam fazer saídas mensais de confraternização, mas, com o seu afastamento, perderam o caráter de continuidade. Tentou manter-se ligada ao grupo, mas não funcionou. Até a reunião anual cada vez está mais difícil concretizar: “Hoje é só contato eletrônico, troca de e-mails”.

A busca/escolha de Fabíola para participar da pesquisa foi motivada pelo fato de que não tínhamos conseguido, até esse momento, um caso que reunisse algumas características específicas para incluir na discussão: mulher, localizada na macroposição de classe *trabalhador amplo ou destituído*, com família (esposo e/ou filhos) e praticante de uma PMCTL que não fosse caminhada. Além disso, a ideia era que tivesse um perfil de consumos culturais marcadamente pouco legítimos. Isso significa que, como descrito, Fabíola não cumpre plenamente dois dos critérios mencionados. No que se refere à posição de classe, ela, por ser autônoma neste momento, seria melhor classificada na macroposição *detentor de ativos de capital*, e quanto a suas práticas culturais, ela não pode ser classificada como de consonância pouco legítima. No entanto entendi que os fatos de ela ter desempenhado um trabalho assalariado durante grande parte de sua vida e de ter um perfil dissonante deixavam-na perto do espaço social e cultural que eu desejava estudar.

O caso de Fabíola, como o de Paola, também fica difícil de ser colocado em diálogo, já que as características das pessoas que fizeram parte da pesquisa e se encontram próximas no espaço social não estão tão próximas. Ainda assim, sempre considerando a distância mencionada, é possível colocá-las em diálogo para enriquecer o espaço em análise.

Fabíola tem uma trajetória social ascendente, ainda que o deslocamento no espaço socioeconômico não tenha sido muito grande. Seu cotidiano infantil foi marcado pela convivência intensa com a família ampliada, os cuidados da avó e o entorno social homogêneo, do ponto vista socioeconômico. Apesar de ser uma família *pobre*, num contexto econômico bastante restrito, se lhe possibilitou que estudasse sem trabalhar até a conclusão de seus estudos de Ensino Médio. Nessa linha, ainda que fosse a irmã mais velha da primeira leva de irmãos, não lhe foram delegadas tarefas de cuidado ou atividades domésticas específicas. Ela tinha responsabilidades similares às das crianças menores.

A origem socioeconômica do esposo não é muito diferente à dela. Dessa forma, parecem não ter grandes discrepâncias culturais. Ainda assim, Fabíola tem desenvolvido gostos e preferências por consumos/práticas menos populares, o que parece ser produto do entorno social de seus empregos e a leitura intensa no período da adolescência.

O significado atribuído por Fabíola a seu envolvimento com PMCTL, como descrito, está fortemente atrelado à ideia de saúde. Ainda que não descarte interesses/motivações estéticas, ao longo das entrevistas, foi decantando em mim a convicção de que se trataria de

um hábito necessário, construído com base na tenacidade, para regular/prevenir potenciais problemas originados pela menopausa precoce, e a impossibilidade de tratá-los com hormônios: “[O problema dos nódulos] faz com que, de certa forma, eu tenha mantido a musculação, como te disse, sempre comecei atividades físicas, mais lá no meio do caminho começava a ficar muito difícil, acabava parando para mais adiante começar novamente. Então em função disso [a situação criada pelos nódulos] eu acabo me forçando a ter aquela regularidade, e aí tem resultados benéficos como os exames que tu faz, colesterol, enfim, e aí tu vai mantendo aquela continuidade”.

Denise: 29 anos, secretária (jornada de 40 horas por semana), com Ensino Médio completo, solteira, moradora do bairro Bom Fim. Morou no interior do RS até os 13 anos. Pai: juiz, com Ensino Superior. Mãe: psicóloga, com Ensino Superior. Consumos culturais consonantes com tendências pouco legítimas. Entrevista semiestruturada.

Antonia: 52 anos, diarista (jornada semanal de 20h), estudou até a 6ª série, casada (três filhos, apenas o menor, 18 anos, mora com ela), moradora do bairro Santa Teresa. Morou no interior do RS até os 19 anos. Pai: oleiro, nenhuma escolaridade. Mãe: servente, nenhuma escolaridade. Consumos culturais consonantes com tendências pouco legítimas. Entrevista semiestruturada.

Diferente é o caso de Denise, também frequentadora de uma academia de musculação (cinco meses de prática, três vezes por semana), que, sem muito entusiasmo, declara que procura emagrecer (1,65m; 56 kg) e cujos interesses estão centrados em dimensões estéticas, aspectos de saúde não são mencionados. No caso de Antonia, com um Índice de Massa Corporal de 36,3 (1,60m, 93 kg), que a classifica dentro de um nível de obesidade severa, os motivos declarados foram diferentes dos de Denise. No caso da caminhada (seis meses de prática, sete vezes por semana), vinculou-a ao lazer (“adoro caminhar”) e, depois da insistência do entrevistador, a questões de saúde-terapêutica

(“pressão alta”). A musculação (seis meses de prática, três vezes por semana), por outro lado, relacionou-a com a melhora da sua condição física para desempenhar seu trabalho (“devido a meu serviço, eu sou diarista né, exige muito meu esforço né [...] e depois que comecei a fazer me senti melhor”). Nesse caso, foi interessante que o entrevistador não ficou muito contente com a resposta e voltou a insistir na questão (“mais alguma razão, além de gostar e da „recomendação médica“?) e para o qual Antonia afirmou: “Eu me sinto bem, me sinto bem indo à academia, caminhando, me sinto bem”. Na sequência, o entrevistador voltou a perguntar: “Bem, assim... em que sentido?”. Antonia, um tanto surpresa, reafirmou sua postura: “Me sinto bem! Bem! Bem feliz. [Entrevistador: “Fisicamente ou no astral?”] Ah, o astral, o astral levanta [...] Minha autoestima melhorou muito, eu adoro ir à academia, eu não

vou deixar de ir à academia”¹⁴⁹. No entanto Antônia assume de forma mais explícita a ideia de procurar mudanças em seu o corpo (particularmente emagrecer) quando falam sobre suas motivações para controlar a alimentação (“questão de saúde [...] e a estética também [risos] [entrevistador: para manter a forma ou recuperar a forma?] Para recuperar a forma né, guri! [risos]”) e, particularmente, quando *confessa* que ela gostaria de realizar alguma intervenção no corpo para melhorar a forma corporal: “Adoraria sim! [risos] [Qual?] Plástica abdominal, igual poste! [risos] é porque eu gosto de ser vaidosa”¹⁵⁰.

Um aspecto interessante nos casos de Fabíola, Denise e Antonia é a coincidência em justificar seu envolvimento com atividades físicas pelo propósito de controlar/intervir sobre um *problema* orgânico manifesto (potenciais problemas com osteoporose, excesso de peso, comprometimento da aptidão física para desenvolver tarefas cotidianas). Distanciam-se de uma ideia de prática permanente preventiva, como aparece em muitas das mulheres localizadas no espaço social mais privilegiado, sobre as quais pesquisei.

No caso de Fabíola, parece que um fator importante para manter a regularidade na prática corporal vincula-se a que seja uma recomendação médica e, como tal, assumir importância maior que exercícios físicos realizados por causas menos nobres, como gosto ou lazer: “mas agora também é recomendação médica, porque quando tu entras na menopausa eles te recomendam sempre atividade física, então eu me disciplinei a fazer essa atividade física”. Por outro lado, sabe-se que a recomendação medica por si só não desencadeia aderência ao exercício; são necessárias disposições e contextos favoráveis para que tais orientações *deem resultado*.

No que se refere ao plano disposicional, a prática de exercícios físicos, nesta etapa da vida de Fabíola, parece ter encaixado num plano de gestão equilibrada do cotidiano. Várias de suas práticas, em particular, relacionadas ao corpo, vinculam-se com a ideia de equilíbrio. Uma pessoa atenta com os cuidados (alimentação, visitas ao médico, aparência, descanso, trabalho), mas sem exageros.

Também entendo que seu vínculo com a prática corporal permite exprimir outras disposições com as quais ela se sente cômoda e que regulam seu dia a dia: “[...] durante a minha vida inteira eu fui uma pessoa que cumpre com os seus horários, se assumo um compromisso, cumpro [...] até dentro da academia, assumo um compromisso comigo que eu tenho que fazer no mínimo três vezes por semana, então me disciplino a fazer isso, me

¹⁴⁹ A insistência do entrevistador esteve um tanto vinculada à ideia de que a resposta não estava coincidindo com o que ele enxergava: como não estaria preocupada com a obesidade nesse quadro?

¹⁵⁰ Nessa linha, Antonia já participou de sessões de massagem linfática, mas o faz de forma irregular: “só quando é grátis, quando sirvo de cobaia [risos]”.

disciplino com horários”. No entanto isso não significa uma obsessão; a prática é importante, mas a ideia de equilíbrio recoloca-se: “Sempre vou me cobrar, porque é uma característica da minha personalidade [...], por exemplo, dentro da academia, vou me cobrar para que ir esses três dias a fazer minha musculação, mas se não conseguir, como não consegui semana passada, tudo bem, tranquilo, só tenho que cuidar para não cair naquela coisa: „Ah! não fui mesmo, agora não vou de novo“ [...].

Nessa linha interpretativa, a musculação é uma prática adequada à sua ideia de vida ordenada, pois ela é uma mulher de rotinas: “Sempre musculação [...] gosto de ir ali e fazer o meu exercício, de vez em quando se muda o treino, mas aí o professor te orienta, eu gosto de ter uma rotina assim”. É uma prática que encaixa com seu ritmo matutino, mais lento, compassado. Do ponto de vista do contexto, em particular, no que se refere ao tempo disponível para a prática de exercício físico, é importante salientar dois aspectos que me chamaram a atenção e que não podem deixar de ser observados. Primeiro, Fabíola conseguiu incorporar a prática do exercício físico apenas quando mudou de trabalho, deixando de ser empregada e para ser autônoma. Essa mudança não permitiu, necessariamente, mais tempo livre (a descrição da sua rotina mostra isso), mas organizá-lo de forma diferente à do horário comercial. O segundo aspecto é que, segundo a sua descrição, as demandas das tarefas domésticas não são muito exigentes, por três motivos: a) ter uma família pequena com um filho adolescente/jovem independente; b) não ser a única responsável pelos afazeres domésticos (todos têm parte da responsabilidade); e c) ter um *senso prático* em relação à casa: “tudo simples, *clean*”. Ainda no campo de disponibilidade de tempo para a prática, um fato que não pode passar despercebido é o fácil acesso à academia: “Fica aqui na próxima rua, então dá uma quadra eu já estou na academia [...] Então é próximo, não altera o horário que eu tenho que acordar, porque nesse ramo nove horas é o horário mais cedo que eu tenho que estar aqui, então tudo isso facilita [...]”. Confirmando a ideia de uma prática que é adequada ao tempo disponível, perguntei se as horas investidas na academia não eram reivindicadas pela família, ao que respondeu: “Não, porque, como te disse, sempre saí nesse horário para o

Lidia: 29 anos, auxiliar de limpeza (jornada de 44 horas semanais), com Ensino Fundamental completo, separada, uma filha (8 anos), moradora do bairro Santa Tereza. Pai: pedreiro, com Ensino Fundamental incompleto. Mãe: empregada doméstica, com Ensino Fundamental incompleto. Consumos culturais consonantes pouco legítimos. Entrevista em profundidade.

meu [anterior] trabalho [...] então não atrapalha em nada, é o horário que normalmente sairia [caso continuasse trabalhando lá]”.

Neste plano, vale um comentar uma entrevista com Lidia. Quando respondeu à *survey* por entrevista, declarou envolvimento com práticas

esportivas bem diferentes das pessoas que ocupam o mesmo espaço social: vôlei, bicicleta e caminhada. Os dados sobre frequência apontavam certa irregularidade, todavia decidi tentar entender melhor seu caso. Na entrevista em profundidade, ficou claro a dificuldade que era para uma pessoa com seu perfil socioeconômico, ainda com disposições para a prática, dispor de tempo para uma PMCTL: “Acordo às seis horas e volto às sete e meia, oito horas [da noite] para casa e no sábado, como eu te falei, tem os extras, daí ou vai o dia todo ou vai só meio turno, dá em torno das 14, 16 ou 17h... essa é a minha rotina básica durante a semana. É casa, é roupa, é refeição, é cuidar da casa, filha, essa é a rotina corrida sempre”. Logo, as caminhadas e a bicicleta ficam restritas aos finais de semana e o vôlei a algumas tardes no verão.

Voltando ao caso de Fabíola, é importante destacar que a nova organização do tempo se vincula também a uma mudança na perspectiva da organização financeira dela e de sua família. A decisão de sair de seu emprego de telemarketing, em que tinha melhor rendimento (“ganho razoável”¹⁵¹), para melhorar a qualidade de vida, em parte se deve a que Fabíola está conformada com sua situação econômica. A perspectiva sobre o tema tem mudado um pouco no casal, nos últimos anos. A ideia de poupar dinheiro para adquirir bens deu lugar à de usar o dinheiro para usufruir da vida: “[Em relação às finanças] a gente se organiza legal hoje [...]. A gente não pensa como pensava há um tempo atrás, ficar juntando dinheiro para determinadas coisas. Então, quando chega fevereiro, a gente, como não tem muito tempo para ficar juntos [...], viaja para curtir. Não tem pensamento muito em longo prazo [...]. É aproveitar porque a vida é curta”. Essa mudança de perspectiva relaciona-se com metas de consumo atingidas, reavaliação das prioridades e a possibilidade de controlar o próprio tempo: “Nesta fase da vida, tu meio que já estás estabilizado nas coisas que tinhas que adquirir [...]. Tu vais trocando a televisão por outra, vai conquistando trocas que não são necessidades primeiras, então agora a gente pensa em aproveitar o tempo”.

Ainda em relação à mudança na ocupação, ficou claro, durante a entrevista, que a troca lhe permitiu recompor uma relação de maior satisfação com o trabalho, já que exercer um serviço reconhecidamente exigente por mais de uma década¹⁵² a tinha estafado e colocado

¹⁵¹ [“Qual era teu salário quando você chegou, digamos, ao topo?”] “Estava uns três anos lá, mas gerava uns dois mil assim, porque envolvia premiações, é isso. Eventualmente, recebia outros “prêmios” por metas cumpridas, os quais tinham mais um caráter simbólico que pecuniários. Geralmente consistiam em viagens a eventos esportivos no qual a empresa era patrocinadora, mas nem todos achavam interessante”. Fabíola era uma destas: “Depois da primeira vez, para mulher não tem graça nenhuma”.

¹⁵² O Ministério do Trabalho ditou uma norma regulamentadora específica (NR-17) para atividades de teleatendimento/telemarketing, em que se estabeleceram parâmetros mínimos na organização da ocupação com

numa situação de muito estresse: “Teve um desgaste todos esses anos de trabalho [e chegou um momento], em que achei que já era hora de sair, era nesse momento ou não ia ser nunca mais”. Foram muitos anos em tele vendas. Tantos que, pelo regime de trabalho da categoria, faltavam apenas três anos para sua aposentadoria. Assim, não se tratou apenas de outra organização do tempo, mas também de outra relação com o trabalho.

Da mesma forma que em outros casos comentados, a prática da musculação não aparece no relato de Fabíola como um espaço de sociabilidade. Não há expectativas nesse ponto. Em geral, ela não faz grandes investimentos nesse campo e os espaços dos exercícios físicos não são exceção. Nos casos de Denise e Antonia, não é muito diferente. As duas costumam fazer suas atividades sozinhas e não dão centralidade a essa dimensão na descrição da prática de exercícios.

Lídia é um pouco diferente. A caminhada e os passeios em bicicleta (assumindo mais características de passeio) vinculam-se com sua filha, enquanto que o vôlei é um espaço com os amigos. No entanto a pouca frequência de suas práticas tira bastante a força da afirmação precedente.

3.2.5 Classe Social, Mulheres e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre: Casos em Diálogos

A título de síntese dos casos analisados, entendo ser possível fazer algumas afirmações, que se não podem ter pretensões de generalização, podem ajudar a pensar as PMCTL no universo das classes sociais entre as mulheres.

A comparação dos casos *intra* e *entre* os espaços sociais considerados indica que podem se encontrar sentidos similares para o exercício físico entre pessoas localizadas em diferentes classes sociais e com consumos culturais de diferente grau de legitimidade. As descrições permitem observar nuances importantes nas práticas culturais de um mesmo sujeito, quando analisam seus gostos e preferências em diversos campos. Nessa lógica, é possível afirmar que os casos estudados mostram que as diversas esferas das práticas sociais não estão articuladas num único esquema gerador.

os que se buscam preservar a segurança e a saúde do trabalhador. Entre as principais imposições da normativa está que o tempo de trabalho em efetiva atividade, que é de, no máximo, seis horas diárias, nelas incluídas as pausas, sem prejuízo da remuneração, o que mostra que é considerado um trabalho muito exigente. Ver: <http://www.mte.gov.br/seg_sau/comissoes_cne_seminario.pdf>.

As práticas de exercícios físicos parecem fazer parte de uma economia do cuidado do corpo, em que outras dimensões neste campo, particularmente a regulação da alimentação, se vinculam. Nas classes sociais mais altas, há maior probabilidade de encontrar pessoas que façam da prática do exercício físico um dos componentes do arranjo do cuidado de si, com ênfase numa noção de bem-estar e/ou de preocupações estéticas, quando comparada com setores socioeconômicos mais baixos. Maior probabilidade não significa nem maioria, nem que outros vínculos com a prática não sejam possíveis de serem estabelecidos.

Nas classes populares, também a prática do exercício físico é incluída dentro de um propósito de cuidado de si, contudo, aparentemente, é mais provável que ele se efetive quando assume um caráter mais próximo de algo *terapêutico*; isso significa tratar ou intervir em problemas manifestos, sendo a obesidade/sobrepeso o mais comum. Esse aspecto pode estar vinculado a uma relação com o corpo pautado na ideia de uso, mas também à possibilidade e/ou às disposições para despendar tempo em atividades não produtivas, como o cuidado de um corpo sem problemas.

Tomando o caso de Paula como base, é possível cogitar que as pessoas que praticam esportes – aqui, em particular, as mulheres – têm uma lógica diferente do cuidado do corpo, mais pautada na ideia de uso. O corpo está subordinado às necessidades da prática esportiva. Não significa, no entanto, que seja incompatível com outros cuidados do corpo, mas parecem ter bastante independência.

O lazer/diversão e a sociabilidade não parecem ser vetores importantes no engajamento com a prática do exercício físico, ainda que possam ser motivos complementares. O propósito de distração e/ou busca de um espaço para pensar pode estar presente (e ser importante) em alguns casos.

Para as mulheres, se desempenham atividades remuneradas, o exercício físico concorre com o tempo do cuidado doméstico. No caso dos homens, parece ser mais aceita socialmente – em relação às mulheres – a concepção de merecimento de tempo de lazer (também para as práticas corporais) como compensação do desgaste do trabalho.

Mulheres de classe *privilegiada* têm mais possibilidades de ocupar-se com PMCTL no momento que parte importante dos afazeres domésticos pode ser transferida a terceiros. No entanto, relatos apontam que, em alguns casos, a prática de modalidades fora do cuidado de si (exercício físico) é menos aceita. As mulheres de classe popular necessitam arranjar tempo para a prática de exercícios físicos mantendo as tarefas domésticas, as quais se encontram claramente generificadas. Nos casos estudados das classes populares, as configurações familiares favoráveis à prática que apareceram se caracterizam por um número reduzido de

filhos e com idades de bastante autonomia. Em pelo menos dois dos casos também a família teve uma participação ativa no cuidado dos afazeres domésticos.

Ao longo das entrevistas com o grupo feminino, não percebi sinais de práticas de exercícios físicos portadoras de um sentido de distinção (tanto no sentido de acrescentar como de diminuir prestígio) na população feminina. Até se reconhece em alguns esportes essa potencialidade, mas aparece vinculado ao universo masculino.

Apenas no caso de Paola, a PMCTL assume um vetor organizador de sua vida social; nos demais casos, a prática assume um caráter mais próximo de uma rotina, que, uma vez enquadrada na agenda, não *complica* o resto das atividades/obrigações. O exercício físico é adaptável à vida do sujeito; o esporte nem sempre, pois em alguns momentos demanda inverter tal lógica.

3.2.6 Homens Trabalhadores com Práticas Convergentes: Diálogo com Alencar

Serralheiro com uma prática corporal convergente¹⁵³

Alencar, 32 anos, vive em Porto Alegre desde muito novo, casado, sem filhos. Mora com a esposa na casa de seu pai num bairro¹⁵⁴ da região sul da cidade. Serralheiro de ofício, trabalha de forma autônoma. Calcula trabalhar umas 55 horas por semana. Ensino Médio completo, realizou vários cursos de capacitação na área da indústria. Por suas atividades laborais, tem um rendimento mensal de

aproximadamente mil reais e uma renda familiar média perto dos dois mil reais por mês. A esposa tem o Ensino Médio completo, é auxiliar administrativa numa empresa na região em que vivem. Filho do meio de uma família residente num bairro próximo de onde mora atualmente, seus pais trabalhavam como auxiliares de serviços gerais e concluíram a terceira série do Ensino Fundamental.

Rotina

No período das entrevistas, sua rotina era bastante diferente, quando comparada com a de anos anteriores. Basicamente, dividia seu tempo entre o serviço que aparecia e a construção de sua casa.

Normalmente, acorda por volta das 7h e, depois do café da manhã, leva a esposa ao

¹⁵³ Respondeu o questionário *Práticas Culturais no Tempo Livre dos Porto-Alegrenses* para uma das entrevistadoras que colaborou com a pesquisa. Foi escolhido tomando-se como referência a classe social na qual se localiza e as práticas corporais que realiza. O local da entrevista foi a sua casa em construção, no extremo sul de Porto Alegre. No total, foram registradas três horas de diálogo.

¹⁵⁴ Rendimento médio mensal: 4,04 salários mínimos

trabalho, que inicia às 8h. Ela trabalha relativamente perto de onde moram. Logo, segue para o trabalho que muda de semana para semana. Ele sempre almoça no local em que está trabalhando. Uma característica é que, independentemente de onde o faça, procura sempre se alimentar ao meio-dia: “Não vai resolver você almoçar a uma ou às onze, tem que manter o padrão”.

O horário para encerrar o serviço é bastante mais indefinido: “a partir do meio-dia, eu não tenho mais hora para nada até a hora que dá”; “não tenho hora para voltar” “[termino por volta das] “cinco, seis da tarde, às vezes vou [até as] oito, nove horas da noite, depende da empreitada que a gente pegou”.

Não gosta de dormir tarde. Por volta das 23h ou meia-noite ele gosta estar deitado. Pode assistir à TV um pouco antes de dormir.

No final de semana, as atividades não variam muito. No sábado, sua esposa não trabalha, então aproveitam esse dia e o domingo para trabalhar na casa que estão construindo.

À noite, com bastante frequência, o casal janta na casa de uma das irmãs ou de algum outro familiar. Eventualmente, podem participar de um encontro na casa de algum amigo, mas sua preferência é não dormir muito tarde: “não gosto de dormir de madrugada, mas se a gente vai num churrasco não reclamo, eu aguento no osso, mas não gosto de dormir tarde”.

Consumos culturais

O perfil cultural de Alencar caracteriza-se globalmente por preferências e práticas pouco legítimas. No entanto tem um interesse pelas artes plásticas, o que não deixa de estar ligado a certa vontade cultural.

Alencar calcula ler uns dois livros por ano. Entre seus gêneros preferidos estão os livros de *superação pessoal/autoajuda* e as biografias. O critério de seleção se concentra no autor. Calcula que tem uns 15 livros em casa. No momento da entrevista não estava lendo nenhuma obra. Lê revistas com uma frequência mensal, geralmente semanários. Não costuma ler jornal.

Já foi a cinema, mas faz mais de um ano que não vai. O último filme que assistiu foi *O Código Da Vinci* [Ron Howard], lançado no Brasil dois anos antes. Quando indagado sobre protagonistas principais e o diretor, ele não lembrou seus nomes. Seus gêneros preferidos são os de ação e aventura, como também as comédias. Consultado se tem algum filme preferido, Alencar respondeu *Spider-Man* [Sam Raimi]. Não tem diretor preferido.

É frequente que alugue DVDs. Pelo menos uma vez por semana assiste a filmes nesse suporte. O último foi *Marley e Eu* [David Frankel], do qual não lembrava os nomes de seus protagonistas nem diretor. Seus

gêneros preferidos são os mesmos que os do cinema: comédia e ação/aventura. O filme assistido em DVD classificado como preferido é *O Último Samurai* [Edward Zwick].

Gosta de música. O gênero de música preferido é o *rock*, particularmente o cantado em inglês. Entre seus grupos preferidos estão: *Nirvana*, *Metallica* e *Raimundos*. Escuta duas vezes por semana umas duas horas no horário da noite, sendo que seu suporte básico é o rádio.

O rádio é escutado basicamente em casa, nos finais de semana. Os programas que busca escutar são os de música e esportes. Entre as estações de rádios preferidas estão: *Itapema* [102,3 MHz FM], *Ipanema* [94,9 MHz FM] e *Guaíba* [720 kHz AM].

Alencar nunca foi ao teatro, a concertos de música clássica ou ópera, nem a apresentações de dança. Gosta de comparecer às exposições de artes visuais *Bienal do Mercosul*, realizadas em Porto Alegre. Tem pouca experiência com museus; a última vez que foi há seis anos, quando visitou uma feira de *automóveis antigos*, buscando entretenimento, basicamente.

Pelo menos uma vez por ano vai a bailes públicos, pois gosta dos tradicionalistas. Tinha comparecido pela última vez há uns 10 meses. Já foi a discotecas, mas a última vez foi há seis anos. Não vai a recitais de música.

Assiste à TV todos os dias. Calcula que são umas três horas por dia. Não tem TV a cabo. Os programas que mais vê são os de esporte e os jornais. Entre os preferidos estão: *CQC* [Custe o Que Custar, Rede Band], *Escolinha do Barulho* [Rede Record], *TVCOM Esportes* [TVCOM], *Jornal Nacional* [Rede Globo]. Quando indagado sobre se tem algum canal predileto, afirma que é a TVCOM [do grupo RBS]. Algumas vezes assiste à TVE [TV Educativa de Porto Alegre].

Alencar não tem exatamente um *hobby*, se entendemos esse tipo de prática como algo que se realiza de forma regular. Ainda assim, ele tem o *costume* de produzir peças *artísticas*, esculturas em ferro, o que começou um tanto por casualidade. Um dos dirigentes do clube onde trabalhava era um artista que queria montar algumas peças com sucata. Mas, como não sabia soldar, procurou Alencar para auxiliá-lo na empreitada. Os resultados da parceria não foram muitos satisfatórios, entretanto a experiência despertou nele um interesse que não tinha antes: “[na época] não se encaixou, eu não tinha experiência. Mas ele deu aquele impulso, sabe. Aí ele saiu e começou a trabalhar com argila e tal, e eu comecei a criar as coisas sozinho também. Nós começamos um trabalho, ele que criava, eu só era a máquina que dava uns pontos de solda. [todavia] eu comecei a pegar a manha dele [...] e comecei eu

mesmo criar”. Sua primeira criação não foi muito original, como ele mesmo avalia: “Um boneco de ferro, uma chapa, um guarda, é o básico aquele soldado que o escudo e a lança na mão, esse é o básico. Qualquer serralheiro tem um boneco desses no canto da oficina”. Mas tomou gosto pela atividade e começou e desenvolver peças de forma mais sistemática: “Comecei a criar uma linha, [consegui até] vender algumas peças [...]”. Durante a conversa, Alencar descreve um número grande de peças, algumas orientadas à venda e outras a exprimir seu lado artístico.

Essa dimensão artística não é muito reconhecida em seu entorno social. Nem a esposa nem os familiares parecem valorizar suas produções: “A minha esposa não curte arte, aí quando eu chego com um bagulho dentro daquela sacola [ela diz:] „Pah! Mais uma porcaria”. Cara, eu devo ter uns quinze! Cara, e isso é um trabalho para ti limpar [e para] ela mais uma porcaria. Eles [família] não gostam de nada, mas não tem importância, eu gosto! Ela não critica, ela na parede, limpa, mas não curte muito. Também não posso condenar. Ela prefere ir no 1,99 comprar um bibelô lá. Gosto é gosto! Eu não, eu já faço essas paradas”.

Não abandona a ideia de converter suas produções numa atividade rentável, mas isso não é um vetor principal dessa atividade; “De repente crio uma linha de

produção [e] ganho um dinheiro em cima disso, por enquanto não ganho dinheiro [...] vendo quase que de graça [...] para presentear os outros” [mas] “É prazer, faço porque gosto”.

No futuro, talvez passe a trabalhar com madeira e ferro (a mesa da nova casa é uma porta reciclada utilizando o maquinário de seu antigo emprego), vê algumas possibilidades de ser um negócio interessante, como ele diz: “burguês gosta dessas coisas”.

A partir dessa experiência, a arte começou a chamar mais sua atenção. Antes ele achava a arte “uma coisa assim [gesto de quem não se importa muito], achava nada a ver as pinturas de Van Gogh, de Picasso, meio nada a ver [...] Agora não! Hoje vejo a pintura dos caras com outros olhos, até gosto muito de Van Gogh, eu gosto muito desse Van Gogh, mas não gosto muito desse Iberê Camargo, assim não curto muito, mas aí cada um, agora eu tô com personalidade, agora eu posso criticar o cara, agora eu já acho que (risos), Porto Alegre toda vai me xingar, mas eu não curto as obras de Iberê Camargo¹⁵⁵, mas agora eu tenho opinião própria, agora eu já posso sair em minha defesa. Antes disso, não gostava de arte, mas agora eu vou nessas que tem a cada dois anos é outra

¹⁵⁵ Já visitou o museu de Iberê Camargo? Só pela TV depois que inaugurou, só pela TV eu olho as obras e não me sinto incentivado de ir lá olhar.

coisa e vou também na a cada dois anos que tem no cais do Porto ali... [Bienal do Mercosul]¹⁵⁶, não consigo achar nada que preste lá, consigo achar só porcaria. É arte, os caras botam umas porcarias, sou xarope agora (risos). Vou na Bienal, nessas paradas de arte, vou especulando vou criando vou na feira da Redenção, meio que dou uma olhada nos desenhos, nos trabalhos dos caras”. Indagado sobre a frequência, afirma: “Na Bienal eu vou todos os anos para criticar, para nunca achar nada bom [risos]. À Redenção a gente vai mais para passear, mais com aquela visão de especular, de copiar, criar alguma coisa em cima de alguém”.

Outra fonte de informação foi o catálogo de pôsteres da Wall Street¹⁵⁷, que sua esposa conseguiu por casualidade. Esse material ajudou que ele conhecesse diversos nomes das artes visuais “conheço todo o mundo”.

Esse vínculo com o *mundo artístico* estava pautando várias de suas escolhas na construção da própria casa (cor, uso de materiais reciclados, grades), obviamente, dentro dos limites orçamentários impostos pela suas possibilidades econômicas.

¹⁵⁶ Mostra internacional de arte contemporânea que ocorre em Porto Alegre, desde 1997 (<http://www.bienalmercosul.art.br>).

¹⁵⁷ Rede de lojas que comercializa pôsteres em muitas cidades do Brasil.

Práticas corporais

A história esportiva de Alencar confunde-se com o bairro em que viveu em sua infância. Em especial com o campo de futebol do lugar: “Eu me criei num campo e eu como filho de funcionário nunca tive problema [de usá-lo]. O campo é liberado para a comunidade também, não tem problema de entrar e jogar; me criei nesse campo. Meu pai saiu dessa empresa e nós compramos uma casa mais para cima do beco, mas a vida toda eu me criei nessa região”.

Um pouco mais velho, passou a jogar numa das equipes do bairro. Alencar salienta que era um time competitivo, que revelou dois jogadores profissionais. Até ele teve a chance de entrar na disputa pelo “sonho” de ser jogador de futebol, mas não teve condições econômicas de custear os traslados aos treinos, nem o interesse suficiente para isso: “Fomos a um torneio peneira lá no estádio do [Clube Esportivo] Aimoré em São Leopoldo e desse torneio nós ficamos em terceiro lugar, e quatro jogadores nossos ficaram nos juniores deles. Aí eles queriam que eu ficasse no juvenil, eu tinha 13 anos, mas eu não tinha dinheiro, capital para bancar passagem, nem me preocupei com isso, não quis ir”. Esse time, que até chegou a ser notícia no

jornal do bairro, durou uns dez anos, até aproximadamente os 23 anos de Alencar.

Também jogou, numa equipe da zona sul, o campeonato municipal de futebol sete. Os “vinte e poucos” foi uma época de muita “bola”: “jogava os seis dias da semana [...] futebol direto, é futebol direto [...] jogava nesse futebol sete pela manhã com esses caras. A tarde jogava aqui na região, no time do bairro. Aqui era futebol 11, no segundo quadro, mas não gostava de futebol 11, mas ia, tinha torcida, aquela festa toda, cara! O cara gosta de ir mais, mas futebol 11, Ah! [sinal de desagrado]”.

Após essa experiência, procurou jogar em grupos menos organizados, já que não se sentia muito à vontade participando em equipes que demandassem um maior comprometimento: “Mas aí eu não fui muito de organização, não. Tu tens que estar lá, se tiver outra coisa para fazer a opção é minha, então eu nunca me encaixei nesse sistema de times organizados. Por isso eu não joguei nesse times organizados um troço meio *„à volonté*’, quer ir vai, não que ir não vai, é para quem é *„fome de bola*” assim”. Nessa época, também jogava futsal com seus colegas no clube no que trabalhava como serralheiro.

A prática esportiva encaixa-se no tempo disponível. Que, como descrito, não é estável.

A prática do futsal era realizada uma vez por semana com o grupo de “colegas” de

trabalho, todas as quartas-feiras, das 13h às 14h, “que é o horário de intervalo dos funcionários”¹⁵⁸. Essas práticas, que eram semanais, passaram a ser mais esporádicas, dependendo agora de Alencar estar ou não realizando trabalhos no clube.

Já o futebol está mais vinculado com o bairro em que mora. A diferença em relação ao futsal das quartas-feiras é que não há dias fixos para jogar. Trata-se de uma organização mais espontânea: “Não tem um dia próprio, por exemplo, todas as terças, todas as quartas [...] aí de repente passa um [e diz]: *„vamos jogar hoje de noite lá em tal campo, lá em tal lugar*”, [em tom de deliberação] *„não vamos... sim [vamos]”*, um grita o outro passa, é mais ou menos assim”.

Nesse contexto, a sua participação num jogo durante a semana depende de sua disponibilidade de tempo e da organização espontânea dos companheiros. Após retornar do serviço, “vou jogar uma bola, ou eu já marquei com alguém, ou alguém já me ligou”. Pode ser que a prática na semana seja algo mais planejada, exigindo certa antecipação: “às vezes é para o lado do centro mesmo onde eu tenho um jogo

¹⁵⁸ No período que se realizaram as entrevistas, Alencar estava num processo de transição laboral. Ex-funcionário de um clube recreativo, tinha retornado a trabalhar lá como autônomo, entretanto o serviço demandado pela instituição era menor ao pretendido por Alencar, o que fazia que sua presença no clube fosse cada vez menor.

[assim], de manhã, eu já boto no baú da moto um tênis, calção [...]”.

É mais provável, entretanto, que ele jogue aos sábados e/ou domingos: “Aí se não jogo sábado tem que jogar domingo”.

Neste último período, os jogos, de alguma forma, concorrem com o tempo demandado pela casa em construção: “No final de semana é o futebol. Eles avisam sempre na última hora, às vezes sábado de noite [informam] que tem [jogo] no domingo, é sempre assim, então não dá para se programar muito”. Quando o casal está trabalhando na casa no sábado, pode acontecer de ele dar uma escapada para participar: “Deixo ela trabalhando eu vou jogar uma bola, [mas] às vezes não jogo”.

No domingo, parece que é o jogo que organiza a rotina de Alencar: “E domingo pela manhã se não tem jogo a gente vem para cá [casa em construção] [...] A gente acorda cedo também, oito horas, no máximo oito e meia, vem para cá e trabalha um pouco. Se não tem jogo cedo, eu jogo à tarde, aí à tarde eu vou lá jogar bola. [Por outro lado, se] tem jogo cedo, é lá pelas 10 horas da manhã. Aí acordo, tomo chimarrão, às vezes levo chimarrão para o campo, às vezes levo ela junto, às vezes não levo”.

Alencar, além de jogar bola, pode sair a correr. No entanto essa prática, mais que o jogo de bola, necessita de uma maior disposição orgânica – “[quando] chego na

minha casa, conforme as condições que eu estou, aí sim vou fazer um exercício físico [...] dou aquela corrida” –, assim como ter disputado poucas partidas nas semanas precedentes.

No que se refere ao futebol, o relato de Alencar deixa claro que tem dois tipos de jogos. Jogos contra outras equipes que são marcados de improviso e aqueles que se desenvolvem em torneios aos finais de semana. Comenta em relação ao assunto: “Aqui no bairro [...] tem bastantes sítios, cada sítio tem um campo e tem o time dele. Nosso time, [que] não tem um campo próximo, [...] é convidado [...]” a jogar em diferentes lugares. Muitos desses jogos são realizados no sábado à tarde, iniciando por volta das 15h e “vai até obscurecer”. Eventualmente, jogar bola no bairro pode traduzir-se num jogo de futsal em que participam as mesmas pessoas que jogam futebol. Também não existe uma sistemática para organizar esses jogos.

Por outro lado, tem as competições: “Aqui tem os campos da comunidade em que saem torneios, aí valendo”. Uma das características desses torneios é premiação do primeiro colocado: “estão pagando bem, teve um recentemente que pagou dois mil reais. A premiação do último [do qual participamos] foi de 600 [reais]. Às vezes pagam [com uma] vaca, ovelha... sai de tudo, deu porco, terneiro, ternerinho pequenininho [risos]”. Outra característica

é a disputa de partidas de tempo reduzido, sujeito ao número de equipes inscritas (por exemplo, dois tempos de 15 minutos). Também não são frequentes os jogos de futebol 11; dependendo do tamanho do campo, podem ser sete (o mais comum) ou cinco jogadores, o que agrada a Alencar (“Futebol 11 eu não gosto muito, bah! Faz anos que eu não jogo o futebol 11”). Para participar nesses torneios, cada equipe paga uma inscrição, no último que a equipe de Alencar jogou o valor foi de 160 reais: “Estávamos em 12, saiu caro esse aí, saiu uns 14 reais para cada um, saiu meio salgado”.

Alencar esclarece que atualmente não joga tanto como antigamente. Os fatores são diversos: idade, a maior exigência laboral, a necessidade de estar “inteiro” para tocar seu próprio negócio no outro dia. Isso tem levado a que ele passe a escolher de forma mais seletiva os jogos de que participa: “Faz quatro anos assim, uns quatro anos que comecei a reduzir o tempo, comecei a ficar sem tempo para jogar mais seguido. A idade, com 32 anos não aguento mais, não consigo manter o padrão de jogo como eu tinha aos 22 anos, dez anos atrás. Então agora o cara vai dando uma selecionada no que é mais lucrativo, no que é mais prazeroso, joga com os cara de lá, com a empresa de lá, aí os caras da empresa da minha esposa me convidam para jogar com eles, um campo bom e é bom de jogar, os

caras com a idade chegando a minha, mais fácil e eu vou dando uma selecionada agora. Agora a gente vai dando uma selecionada nas coisas, o cara não tem mais resistência, porque às vezes o cara, e agora trabalhando por conta, trabalhando por conta e aí no outro dia tem que estar inteiro em condições de trabalhar para o serviço render, e dinheiro, agora as coisas ficaram um pouco mais apertadas, mantenho umas duas partidas por semana”. As corridas, como a maioria dos jogos, não têm um dia certo: “chego a casa depois do serviço [é penso:] Bah! hoje eu estou com disposição. Faço um alongamento de uns cinco minutos mais ou menos [...] dou uma caminhada rápida e aí já começo a partir para corrida”. Faz sempre o mesmo percurso. Sete quilômetros numa rua de chão batido que vai até o rio Guaíba: “é no interior [...] tem um descampado, uma várzea grande que vai dar lá no rio, é sempre o mesmo percurso. É um lugar lindo assim, é uma paz tremenda, praticamente só eu na estrada. Bah! Assim, um lugar fora de série”. Ainda essa descrição não parece ser exatamente um passeio, já que a intensidade é um aspecto tido em conta: “Eu já fiz 30 minutos, [mas] já baixei de 22 minutos”.

O engajamento com a prática é da ordem da *paixão*: “Eu adoro jogar bola”. Parece que esse jogar bola se refere efetivamente a disputar o jogo, estar envolvido na ação.

Sem deixar de ser atraído por questões vinculadas a um contexto mais formalizado de competição (torneio, premiação, torcida), em vários momentos assinala que prefere jogar, ainda que não signifique estar competindo. Por exemplo, não gosta muito dos torneios organizados na região, porque, pela dinâmica dessas competições, pode acontecer de disputar partidas com duração de 30 minutos e ter que aguardar duas ou três horas para jogar de novo: “Não é muito legal para o cara que gosta de jogar a tarde toda [...] eu não gosto muito, ainda mais eu que sou fome mesmo, o negócio é jogar a tarde toda”.

Uma leitura similar pode se fazer em relação à sua preferência pelo futebol sete, em relação ao futebol de campo (11): “O futebol 11 é mais distante, assim a jogada é mais longa. Eu sou muito participativo, gosto da correria. O futebol de salão e o futebol 7 que é mais contato assim, é mais junto assim a jogada é mais rápida assim. O futebol 11 demora um tempão para chega do outro lado, tu acompanha de um lado, daí o cara perde a bola fica muito longo. Gosto de mais dinâmico, de chegar junto, mais pegada, mais futebol de salão. O futebol de salão sai dos pés assim, vai para frente, já voltou de novo e toda hora tá no cara, o cara pegando alguém ou levantando para cima, eu prefiro assim”.

A corrida, por outro lado, iniciou com uma função específica, ajudar na diminuição

dos efeitos comprometedores da idade no desempenho atlético, trata-se de algo próximo a uma preparação física: [tu poderia caminhar, fazer ginástica. Por que correr?]: “A necessidade. A necessidade de manter a velocidade que eu tinha no futebol. Estava muito travado, muito peso, estava sem arrancada, arrancada lenta, porque eu fui reduzindo as partidas, fui reduzindo e eu não estava tendo aquela... [gesto de um movimento explosivo]. Aí eu pensei, se eu começar a correr de novo, se eu fizer um exercício, vou tentar voltar à forma do futebol que era antes”.

Reconhece que quando jovem a preparação física não o atraía: “Nunca fui muito de fazer exercício, não gostava muito. Meu negócio era chegar e ir chutando a bola”. Contudo a experiência de correr tem despertado um tipo de satisfação que não estava entre os resultados esperados: “Gostei cara! Comecei a gostar dessas corridas. Assim, e o ambiente é muito bom, o ambiente é bom. Algumas vezes estás com problemas particulares, com problemas financeiros, é uma situação na que tu vais refletindo. Fazendo exercício, naquela solidão aí, poucos minutos de solidão tu vais pensando nas outras coisas no exercício. Bah cara! Cavalos, estrada de chão batido, é sensacional o troço. E peguei prazer. Então, quando está caindo o sol e é verão, que está caindo o sol assim, o sol está fechando assim e vai se

aproximando do rio, é um lugar, vai se aproximando do rio, a temperatura vai mudando vai ficando mais frio assim e um ar mais puro, mais gelado. Agora, no inverno, o cara sente bem a troca de temperatura, quanto mais próximo do rio, mais gelado vai ficando. Bah cara!

Alencar se reconhece como um jogador com algumas qualidades: velocidade e disposição para marcar. Mas também com limitações: baixa estatura (“bola aérea para cabecear nem vou, nem vou porque com um metro e sessenta e sete não adianta [riso]”) e pouca habilidade com a bola. No equilíbrio entre qualidades e limitações, tem encontrado um lugar no jogo de futebol que lhe permite participar intensamente: “Eu gosto de jogar na defesa, mas também tem esse defeito da estatura, daí eu inventei uma posição de frente de zaga para mim [riso], para poder estar sempre jogando”.

O grupo com o qual Alencar joga *bola* no bairro é bastante estável. É um “núcleo” de cinco ou seis pessoas, que são “os cabeça”, e para fechar time se convida quatro ou cinco conhecidos dos integrantes. Ele faz parte da “panela” que organiza a equipe: “os mais velhos”. Ele faz parte desse grupo mais estável há uns cinco anos, ainda que conheça a todos desde os 13 anos, quando todos faziam parte de um grupo de adolescente que jogava no “juvenil” de um quadro da várzea.

Uma das características da sua equipe, quando comparada com muitas que disputam os torneios da região, é que não tem dono. Alencar é bastante enfático quando explica que essas equipes têm uma lógica com a qual ele não se sente confortável: “nunca me encaixei com dono da equipe [...]”.

Nas equipes com dono, este seleciona os atletas que participam no torneio e paga a inscrição da equipe e alguns outros gastos dos jogadores (almoço, por exemplo). Isso significa que não há uma estabilidade nos grupos: “Cada torneio ele convida os melhorzinhos que ele acha em cada posição, aí monta uma equipe para ganhar a premiação”, a qual fica com ele. Essa é uma diferença com a equipe de Alencar: “Aquela equipe [a que tem dono] não tem um padrão que nem a nossa, a nossa é sempre os mesmos, ganhando ou perdendo, altera um que outro”.

Além dessa diferença, ele destaca outra. No momento em que o dono paga os custos da participação no torneio, passa existir certa cobrança dele sobre os jogadores, já que existe uma expectativa de recuperar a inversão na forma do prêmio, o que aumenta a seriedade da disputa e coloca aos jogadores numa situação de compromisso extracampo: “[...] ele [o dono] banca para ti, mas o que ganha é dele, é um empresário na verdade. Eu nunca me encaixei com esse sistema assim.

Fica o cara te patrocinando, está te bancando, tu é um funcionário dele, tem que fazer o que ele quer! Comigo não é isso aí, eu vou fazer o que eu quero [risos]”.

Nesse tipo de torneio, o clima dos jogos fica sério: “Esses [jogos] aí pegado, esses aí valendo”. É diferente dos jogos de sábado de tarde, fora dos torneios, nos quais o espírito se aproxima mais da brincadeira, ainda que isso não signifique que o que lá aconteça seja sem importância: “[...] nesses aí, tu pega a bola e vai fazer umas frescurinhas com a bola, aí está liberado. Mas quando estás dentro de campo, aí de vez em quando dá desavença entre os colegas, mesmo estando de frescura e o troço está valendo”. No que diz respeito a ele, durante as partidas acompanha o espírito do grupo “quando é sério é sério”. Contudo seus jogos favoritos são aqueles onde o clima não é tão laborioso: “eu prefiro descontraír. Prefiro o sábado à tarde, faz o que quer com a bola, joga na posição que tu queres, cansas tu sais tomar uma água... eu prefiro esses”. Mas, como ele explica, nem sempre é possível jogar apenas onde se gosta: “como o cara é muito fome, eu me considero um cara fome, vai jogar sério, mas não é muito a „minha praia“, mas vou [risos], como que o cara aguenta [se é convidado]?”. Outro ponto que o incentiva a ir a esses torneios é o espaço de

sociabilidade que o futebol proporciona: “um ambiente que é só futebol, um ambiente que eu tenho amigos que o cara não vê há um tempão, e aí tu vai nesse ambiente do futebol e o cara está lá. Está o cara adversário mais conhecido, estudou contigo no colégio. Assim, é bem legal esse círculo de competição, porque você vê os conhecidos. Por exemplo, se eu fosse num torneio da zona norte, lá é um ambiente ruim, não conheço ninguém”.

Quando consultado sobre os custos da prática, Alencar tem dificuldades de apontá-los. Apenas menciona uns 100 reais no ano para comprar chuteiras e cerca de 10 reais em alimentação por cada dia de jogo.

A esposa já o acompanhou aos jogos, em especial aos torneios, mas agora já não vai mais. Quando mais novos, ela chegou acompanhar Alencar a torneios que colocavam à prova o espírito de parceria da companheira: “Tinha uma época que saía de casa às cinco da manhã para estar lá às oito horas, na Ilha da Pintada¹⁵⁹. O primeiro jogo, aí ela ia junto, cinco horas da manhã de domingo, pô! era sacanagem! Aí eu levava ela”.

Indagado se na atualidade a mulher o apoia para ir a seus jogos, Alencar responde: “É o básico de toda mulher: apoia reclamando

¹⁵⁹ Região metropolitana de Porto Alegre, distante a 50 quilômetros do bairro de Alencar. É necessário cruzar toda a cidade para ir de um lugar a outro.

[risos]! Mas é uma reclamação é daquele jeito... Mulher é mulher, não adianta, é apoiar reclamando [risos]”. As queixas relatadas centram-se no tempo despendido durante os torneios.

A corrida é um exercício solitário. No entanto algumas vezes a esposa acompanha Alencar nas corridas, mas não é muito fácil compatibilizar os ritmos dos percursos. Ela não pode acompanhar o ritmo de corrida dele e, por seu lado, ele não gosta muito de caminhar, além do fato de que apenas andando não consegue o efeito orgânico esperado. Algumas vezes, ela faz o percurso de bicicleta: “me acompanhando, aí é melhor, eu prefiro quando ela vai de bicicleta”.

A esposa não tem em seu histórico um vínculo regular com práticas corporais e também e não tem muito crédito com ele sobre a possibilidade de se engajar futuramente: “ela é daquelas [...] que começa, caminha, e um mês depois já para, deu chuvinha, friozinho já deixa... Todo o ano começa uma caminhada e não executa até o final [...] nunca termina [risos], a mulher é daquele jeito!”. Com a academia, não foi muito diferente. Pagou o primeiro mês e não deu continuidade, “só gastou dinheiro!”. Entretanto não há queixas por parte dele sobre esse aspecto: “deixo ela não me preocupo muito, acho que está bom!”.

Para sua família de origem (pai e irmãs), o envolvimento de Alencar com as práticas corporais produz certa estranheza: “Eles acham que sou meio louco, assim, todos são sedentários, não gostam de esporte, meu pai nunca jogou bola na vida. Quando chegava em casa [machucado], meu pai dizia „se tivesse em casa trabalhando isso não tinha acontecido“. Não dizia por mal, sim para ti não ficar reclamando, está machucado aguenta no osso [risos]. Mas é sedentário, assim, eles não fazem esporte. Eles dizem que sou meio louco [risos]”.

Cuidados com o corpo

Alencar não tem histórico de saúde sem maiores inconvenientes. Dificilmente consulta médico: “Só quando estou muito mal, mas não estou mal nunca!”. Não lembra a última vez em que foi ao médico por *iniciativa* própria. Suas últimas visitas foram produto de exigências laborais de exames/consultas. No entanto, no campo da prevenção, comenta que costuma aderir às campanhas públicas de vacinação: “Nos postos de saúde, quando tem vacina contra qualquer coisa, eu tomo, é de graça! Sendo de graça tomo qualquer coisa: Hn1, tétano, qualquer cosa tudo está bem [risos]”.

Também não costuma cuidar sua alimentação, até estranhou um pouco a pergunta, entende que não é necessário fazê-lo. Porém, bem possivelmente pelo

meu silêncio frente à sua resposta, completou: “Em realidade, como frutas e saladas todos os dias, mas não por nada assim... senão por gosto, não tenho muito cuidados com a alimentação”.

Entende que jogar no sacrifício faz parte do jogo: “Um é meio fome de bola”. Mas não faz associação com a necessidade de ganhar uma competição e sim de poder participar/vivenciar o jogo. Contudo também relaciona esse comportamento com a idade. Quando era mais jovem, “muito jogo no sacrifício”, mas depois dos 30 não é uma opção. Essa lógica foi reforçada. Desde que passou a trabalhar por conta própria, como mencionado, cuida melhor seu patrimônio corporal, não pode arriscar não estar em condições de trabalhar no outro dia.

No que se refere aos cuidados estéticos, Alencar também fica sem muito jeito frente à pergunta. É bastante comum ele não estar barbeado; por outro lado, gosta de usar o cabelo curto. A esposa é a cabeleireira: “cada 30 ou 40 dias ela pega a máquina, coloca quatro e mete bala”.

Em linhas gerais, relata que não costuma seguir a moda: “Não gosto de estar a moda, eu sou mais um cara rock, uso jeans, camisetas, tênis [...] nada roupinha

coladinha como os pagodeiros [...]”. Ele acredita que a esposa gostaria que ele se arrumasse um pouco mais, contudo “o cara é assim mesmo”.

Sociabilidade

A rede de convivência de Alencar está fortemente atrelada à família. Ele tem pouco contato com amigos. Dois elementos são mencionados para isso. Primeiro, o fato de que muitos amigos da juventude foram embora da região. Segundo, desde que está envolvido em seu trabalho como autônomo, sobra pouco tempo.

Os poucos amigos com os que pode fazer algum programa junto durante o ano não coincidem com a rede de relações do futebol, pois são mundos separados. Quando falamos desse assunto em particular, ele se refere a seus colegas de equipe, como companheiros de futebol, “não são assim meus amigos”.

Do ponto de vista da ocupação, Alencar estava em movimento. Tinha saído da condição de trabalhador típico para a condição de trabalhador autônomo, ainda que continuasse prestando serviço para a mesma firma em que era empregado. Como autônomo,

também estava a meio caminho entre um autônomo com ativos (capacitação como serralheiro e proprietário de parte das ferramentas demandadas pelo ofício) e destituído (não tinha nem veículo, nem local próprio para trabalhar). Em realidade, sua expectativa era voltar a ser empregado, pois a renúncia no estabelecimento em que trabalhava foi mais pautada na necessidade (“pegar o fundo de garantia para terminar a casa”) que propriamente a intenção de criar seu próprio negócio. Dez meses após a última entrevista, estava novamente empregado numa metalúrgica.

Diversas foram as pessoas entrevistadas no desenvolvimento da pesquisa que se aproximam ao perfil de Alencar: localização nos estratos socioeconômicos inferiores (macroposição: trabalhador destituído; posição de classe: trabalhador típico), perfil de consumos culturais marcadamente pouco legítimos e prática corporal convergente (os *futebóis*, atividade esportiva mais comum entre os homens de classe popular). No entanto, para dialogar com este caso, escolhi fazê-lo prioritariamente com dois sujeitos que foram entrevistados em profundidade. A preferência foi orientada pelo fato de eles mostrarem formas diferentes de significar a mesma prática, estando bastante próximos de Alencar do ponto de vista social.

Ernesto: 58 anos, casado pela terceira vez, nove filhos (mais velha com 35, a caçula com 14 anos). Os dois filhos menores moram com ele e sua esposa. Ferreiro armador de profissão, desempregado, na época da entrevista, havia três meses. Nesse período, trabalhava na ampliação da casa em que mora, com a ajuda do filho e do genro. Residente da Vila Fátima. Cursou apenas as primeiras séries da educação básica. A renda familiar naquele momento era próxima a 540 reais por mês. A esposa, também desempregada na época, tinha trabalhado pela última vez no setor de serviços gerais de uma rede de farmácias (recebia o seguro-desemprego), com Ensino Fundamental incompleto. Pai: estivador, com nenhuma escolaridade. Ernesto foi criado pela bisavó, sem escolaridade. Entrevistas em profundidade (quatro entrevistas, seis horas de registro de áudio).

Ernesto é um antigo e conhecido jogador da várzea de Porto-Alegre, um quase profissional que viu interrompida sua carreira esportiva aos 17 anos, quando quebraram sua perna numa partida de futebol amador. Na atualidade, seus jogos concentram-se no sábado e no domingo. A equipe em que joga não treina na semana, mas não é a exceção entre os times da várzea. Na realidade, esta tende a ser a regra: as equipes encontram-se apenas nos jogos. Em seu caso, nunca jogou numa equipe que treinasse durante a semana (isso que ele joga há mais de 30 anos, e em muitas equipes¹⁶⁰), apenas se disputavam as partidas.

¹⁶⁰ Disputou campeonatos por muitas equipes de diversas regiões de Porto Alegre. “Todos times fortes”, por onde passaram jogadores vinculados ao futebol profissional (um dos critérios mais importantes para classificar as equipes). Entre outras associações esportivas, mencionou: [Atlético] Lansul [Futebol Clube], onde participou de uma peneira com Paulo Roberto Falcão quando era “um gurizão de cabelos cacheados”; [Esporte Clube] Lomba [do Sabão]; Tamoyo [Futebol Clube], equipe na qual jogava Paulo Roberto, campeão do mundo pelo Grêmio Football Porto-Alegrense; [Grêmio Esportivo] Monte Alegre, “onde jogaram André Luiz e João Carlos,

Normalmente, o campeonato do qual participava na época das entrevistas vai de maio a novembro. Mas, antes de iniciar essa competição, a equipe também participa de torneios organizados em alguns bairros de Porto Alegre (março e abril). Os jogos acontecem todos os sábados à tarde. As reuniões iniciam por volta das 15h. Depois do jogo (independentemente do resultado), sempre é organizado um churrasco, do qual participam jogadores e dirigentes. O retorno à casa dificilmente se dá antes das 20h.

Ernesto joga atualmente para o time do Joãozinho¹⁶¹, que representa um dos clubes que fazem parte da liga de futebol amador num dos municípios da Grande Porto Alegre. No ano anterior, a mesma equipe representou outro clube dessa cidade. No próximo ano, pode mudar novamente. Jogar para um time ou outro depende basicamente da decisão do dono da equipe e das condições oferecidas pelos clubes: “Aonde esse Joãozinho vai, eu vou com ele, porque é gente boa, é gente bacana, sempre me tratou bem, então eu me sinto bem com ele”. Essa prática é muito habitual. Os dirigentes de um clube convidam os *donos* das equipes para representar a instituição num campeonato, e dão o suporte econômico necessário (ou possível) para viabilizar tal participação.

Uma das características diferenciadas das regras nessa categoria é que não há limite no número de substituições, permitido que um mesmo atleta entre e saia do campo várias vezes num jogo. As condições de jogo são boas: arbitragem qualificada, gramado em boas condições, vestiários limpos, torcida comportada ou sem grandes problemas. Joãozinho cuida para que Ernesto seja levado todos os sábados ao campo em que disputa o jogo: “O bom jogador tem que ser procurado em casa”. Ernesto sempre fica para as confraternizações após os jogos.

Seu engajamento com a prática é sério. Joga para ganhar. As *peladas* não são consideradas necessariamente parte do esporte. Quando o indaguei sobre o fato de ele não

„o China”, dois que depois foram profissionais no Internacional”; Santa Rosa [Futebol Clube], “onde jogava Jurandir [Andrade Arrué], um baixinho que jogou no Grêmio e foi campeão Brasileiro em 1981”; Liverpool; São Jorge; Primavera [Futebol Clube]; [União] Harmonia [Futebol Clube].

¹⁶¹ [Quem é Joãozinho?] Político profissional, empregado num dos poderes públicos com sede em Porto Alegre, responsável por organizar um grupo de jogadores, a maioria da capital, que disputam campeonatos de veteranos representando diferentes clubes ou associações da capital e região metropolitana: “Ele é o tipo de cara que é o dono do time. Só que ele é o dono do time em Porto Alegre, mas lá está representando um clube dessa cidade. Tem alguns de lá, mas a maioria tudo é daqui, ele que leva. Ele tem contato com todos os jogadores da várzea [...]. Ele coordena e os homens de lá deram carta branca para ele no clube da cidade. Antes deste campeonato, jogamos no [outro clube], que eram uns torneios. Mas ele foi convidado para ir lá, então ele leva a turma. Ele tem carta branca, paga as fichas e, quando falta gente, o que é muito difícil..., se precisar ele joga. E o pior é que ele joga bem, às vezes o treinador quer que ele jogue”.

jogar nos meses de janeiro e fevereiro, ele me explicou que tudo parava, que não tinha jogos. No momento em que insisti com a pergunta em relação ao não envolvimento em jogos informais durante esse período, acredito ter causado certa estranheza em Ernesto, por haver colocado no mesmo patamar os jogos de futebol com as peladas: “Futebol só em março, quando começam os torneios dos bairros [foi taxativo]”.

O vínculo com a prática do esporte pode definir-se numa expressão que utilizou várias vezes durante as entrevistas – “Futebol é tudo!” – somada a outra, em que manifesta seu desejo de continuar envolvido com a prática: “Eu só não vou mais jogar quando não puder dar mais um passo”.

É um verdadeiro fã do futebol de várzea, valoriza quem se compromete com sua prática e crítica a quem não: “Posso jogar a semana toda em qualquer lugar, mas chega domingo, é sagrado, se eu não jogar, sei lá..., parece uma terapia, sabe? É como eu digo: „Vou ficar muito triste o dia que não puder mais“... Olha, cada um cada um, mas a gente olha um cara com a metade da idade do cara [dizendo]: „Eu larguei do futebol“, então nunca gostou. Porque eu sou um apaixonado pelo futebol..., gosto do futebol, adoro futebol”.

Ele se sente muito bem jogando. Tem um desempenho que é reconhecido pelos outros jogadores, dirigentes e apreciadores do futebol de várzea. Ao longo das entrevistas, são diversos os relatos que dão evidência a suas qualidades como centroavante¹⁶². Isso ocorre ainda hoje, aos 58 anos. Pergunto qual é a fórmula para se manter jogando: “A gurizada corre; eu me coloco... futebol é assim”.

É importante salientar que o futebol de várzea, quando disputado, particularmente, em campos de comunidades de baixa renda, é um espetáculo que atrai muita gente. Os relatos de Ernesto remetem, especialmente nas fases decisivas, a campos lotados, com torcidas celebrando o nome dos times e de jogadores, regados a “apostas em cerveja” entre

¹⁶² Ernesto tem inúmeras provas de seu bom desempenho. Elas se exprimem tanto nas diversas oportunidades profissionais que lhe foram oferecidas por ser um *bola boa*, como também nos testemunhos de estima na sociabilidade cotidiana. Falando sobre o tema, ele destaca como ícone desse reconhecimento um vizinho, que cada vez que passa por ele o lembra de um gol épico protagonizado por Ernesto no jogo que deu a uma das equipes da vila o campeonato de 1990, quase 20 anos atrás. Esse vizinho chegou a gravar uma narração do gol numa rádio comunitária, algumas semanas depois do lance ter acontecido e deu de presente para ele. Por casualidade, após nossa segunda entrevista, caminávamos com Ernesto pelas ruas da vila, quando passamos junto a uma obra em que estava o vizinho mencionado. Sem mediar nenhum tipo de conversa, o vizinho estendeu o braço em direção de Ernesto e, como um mantra, repetiu: “Faltando três minutos o centroavante com seu nariz quebrado para a bola com peito no centro da área, de costas para o gol, gira e sem deixar a bola picar chuta... é gol, é gol”. Enquanto isso, com suas mãos direitas, pegando no antebraço um do outro, se cumprimentaram, dando algumas palmadas nas costas com a mão esquerda, e continuamos caminhando. Alguns metros à frente, ele me diz: “Como te falei, é sempre assim”.

adversários. Jogos e jogadores viram tema de conversa entre vizinhos, lembranças em álbuns de fotos familiares e de clube, notícias nas rádios comunitárias. É nesse mundo do futebol que Ernesto construiu sua história.

No transcurso das entrevistas, fui consolidando a ideia que, no caso de Ernesto, dentro de uma situação socioeconômica quase sempre pouco promissora, em que o reconhecimento social não vem da mão do trabalho, seu desempenho no campo esportivo¹⁶³ é uma fonte importante de reconhecimento à sua pessoa e de diferenciação social. Conseqüentemente, é um elemento basilar de sua identidade. Em minha perspectiva, o futebol o constitui enquanto sujeito e, portanto, esse elemento dinamiza a própria relação que tem com a prática esportiva.

Edson: 39 anos, separado, dois filhos (21 e 15 anos). A filha menor mora com ele. Zelador de condomínio residencial no centro de Porto Alegre. Vive no prédio em que trabalha e, por contrato, sua jornada de trabalho é intermitente, o que significa que além de dar conta das atividades vinculadas à manutenção do prédio, deve atender as urgências que possam vir a acontecer fora do expediente. Tem Ensino Fundamental completo. Rendimento mensal de 800 reais. Pai: vigilante, Ensino Médio completo. Mãe: auxiliar de serviços gerais, com Ensino Fundamental incompleto. Entrevista em profundidade (cinco entrevistas de 90 minutos).

Edson dá um sentido à prática esportiva muito diferente ao de Ernesto e, em menor medida, também ao de Alencar. Joga todas as segundas e quartas-feiras futsal (“poderia ser futebol sete ou qualquer outro, é o que conseguir no horário que posso fugir do serviço”). Quando iniciaram nossos contatos, ele jogava apenas nas quartas, mas, passadas poucas semanas da primeira entrevista, passou a jogar também nas segundas. O jogo das quartas-feiras acontece num ginásio que pertence à

Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer, alugado por 150 reais mensais (“mas até nem é muito caro, é uns 15 „pilã“ por mês” para cada um”), das 20h30min às 21h30min. É um grupo estável de dez, 12 pessoas (“sempre o mesmo grupo, muda um que outro, quando tem algum compromisso, que não pode ir”), muitos deles com algum grau de parentesco, porém não é o caso de Edson.

Para jogar, não há equipes fixas: “[...] chega ali e dois escolhem, faz sempre um grupo diferente pra não ficar sempre o mesmo [...]”. Essa forma de organização já funcionava antes de ele entrar para o grupo. O clima de jogo é descrito como “bom”, sem violência (“é um jogo

¹⁶³ Parece-me importante mencionar que o êxito esportivo, no entanto, é dimensionado em menor medida pelas conquistas de campeonatos reconhecidamente difíceis, como o municipal de Porto Alegre (sua melhor posição foi o terceiro lugar), que em lances memoráveis e na admiração produzida nas pessoas pela sua atuação pessoal. Ele não destaca em suas falas os resultados conseguidos dentro de uma equipe em particular, se bem que muitas foram mencionadas e com muitas ganhou torneios e campeonatos. Na lógica da descrição, o que sempre preponderou foi seu desempenho individual dentro das equipes.

mais calmo, tranquilo, é mais para brincar, descontrair, manter a forma, praticar um exercício”). A partida pode, eventualmente, ficar um pouco mais tensa, mas os próprios participantes procuram distender a situação (“quando o clima fica meio alterado eles já pedem para acalmar: „calma, isso não está valendo nada é só uma brincadeira“, então eles mesmos se acalmam entre eles”). Edson explica que não é necessário ser “bom de bola” para entrar no grupo, “a maioria é [apenas] esforçado [risos]”. O critério mais importante para ser convidado é não faltar muito, para o jogo poder acontecer. Ele é um dos que dificilmente falta. O grupo geralmente permanece conversando e tomando um refrigerante após do jogo. Edson não participa desse momento, pois retorna ao prédio (vai e volta de ônibus). Também não faz parte das pessoas que *administram* o grupo. O grupo com quem passou a jogar nas segundas-feiras é bastante similar ao das quartas. As partidas são numa quadra alugada que fica perto do prédio onde trabalha e vive (vai a pé, porque “fica mais em conta”).

Joel: 41 anos, açougueiro (trabalha 13 horas por dia, apenas folga na quarta-feira à tarde), estudou até a 5ª série, solteiro, um filho (19 anos), morador do Bairro Bom Jesus. Pai: agricultor, estudou até a 4ª série. Mãe: do lar, com nenhuma escolaridade. Consumos culturais consonantes pouco legítimos. Entrevista semiestruturada.

Paolo: 37 anos, guarda de valores (trabalha 72 horas por semana), possui Ensino Fundamental incompleto, casado, dois filhos, morador do Bairro Santa Teresa. Pai: porteiro, estudou até a 5ª série. Mãe: cozinheira, possui Ensino Fundamental incompleto. Consumos culturais consonantes pouco legítimos. Entrevista semiestruturada.

Na mesma lógica de Edson, registramos outros dois casos. Joel, que tinha retomado a prática havia seis meses, após o convite de velhos conhecidos, dá um ar de obviedade à resposta sobre os motivos para sua participação nos jogos de futsal: “Lazer, né!”. A prática não é muito frequente, tenta que seja todas as quartas-feiras, mas nem sempre consegue, já que sobra muita coisa para fazer no *dia* de folga.

Esses casos permitem observar formas bastante diferentes de viver o jogo de futebol, ainda estando em espaços sociais muito próximos. O significado da prática está atrelado às experiências

que os sujeitos tiveram dentro de seus campos sociais, os quais, mesmo sendo estruturalmente muito similares, estão abertos a diferentes sentidos. Isso não significa que todos os significados possíveis de ser atribuídos a uma PMCTL tenham as mesmas probabilidades de surgir nesses contextos (por exemplo, o propósito de Paolo praticar futsal para evitar o sedentarismo e melhorar o condicionamento físico não é muito comum). Possivelmente alguns sejam mais frequentes que outros, mas, por outro lado, isso não faz desse espaço algo homogêneo.

Ainda que os sentidos de *jogar bola* tenham sido bastante diferentes, não consegui perceber entre Alencar, Ernesto e Edson diferenças na forma de lidar com os cuidados do corpo, em práticas como consultas médicas e alimentação, por exemplo. Aparentemente, as disposições subjacentes ao envolvimento à prática esportiva, tanto centradas no lazer como na competição, não se atualizam ou vinculam com outras dimensões do cuidado (ou descuidos) com o corpo (Ernesto, por exemplo, sempre fumou). Parecem estar em registros diferentes.

Desde o ponto das condições sociais de existência, o que aparece como um elemento restritivo de suas disposições para envolver-se com a prática esportiva é a (im)possibilidade de conseguir tempo livre. Os comentários de Alencar sobre cada vez dispor de menos tempo para jogar futebol¹⁶⁴ aparecem também nas descrições de Ernesto e, particularmente, de Edson. Neste último caso, todas as atividades de lazer, inclusive as esportivas, são motivo de preocupação. Com um horário de trabalho *intermitente*¹⁶⁵, Edson está sempre pendente e preocupado por estar perto do prédio onde trabalha. Diversas vezes, nas entrevistas, salientou a necessidade de estar sempre disponível para os condôminos.

Outro elemento que aparece vinculado com o universo social descrito é que a concepção de *lazer* que pressupõe o envolvimento com o esporte é um tanto ambígua no meio familiar. No caso de Alencar e Ernesto, jogar futebol é uma prática aceita, mas sofre certa resistência, particularmente por parte das companheiras. Imaginei que num universo em que sempre há coisas para fazer em casa (reformas, consertos), envolver-se com práticas *improdutivas* não é tão fácil de aceitar. No caso de Edson, notei que ele demorou um pouco a admitir que ele jogava futsal basicamente por prazer/divertimento. Nas primeiras entrevistas, ele preferiu apontar a saúde e o exercício físico como principais razões. Não que essas dimensões estejam separadas, mas fiquei com a sensação que ele se sentia mais confortável justificando, para desconhecidos, seu envolvimento com a PMCTL por razões *sérias*, como a

¹⁶⁴ Num contato dez meses depois da última entrevista, Alencar comentou que estava com dois empregos, o que, junto com o cuidado da casa (consertos, reparos), fazia cada vez mais difícil exprimir sua “loucura pela bola”.

¹⁶⁵ Explica Edson: “Eu tenho minhas funções, varro a calçada, coleteo o lixo, dou uma ajeitada aqui, uma limpada ai. Tipo 17 e 30, 18 horas, saco o lixo à rua para o lixeiro levar, e depois fico por aqui. Depois subo lá pra cima, para o meu apartamento. Então se acontecer alguma emergência – estourar um cano, der algum problema, trancar o elevador ou alguém ficar preso no elevador, faltar luz – tudo isso aí eu tenho que correr para agilizar e, se for o caso, chamar alguém. Continua esclarecendo: “Eles [na imobiliária] sempre explicam que não, a gente tem um horário e depois... mas é difícil dar algum problema. Uma vez ou outra que dá algum problema, ou alguém esquece uma chave. Esse problema já aconteceu, pessoal vai lá ,seu Edson, esqueci minha chave, esqueci minha chave no serviço...” Daí eu desço e abro a porta, é uma coisa assim”. [É pouco provável ser chamado, mas a ideia de ter que estar disponível parece que...] “faz parte... você já ganha o apartamento, não paga luz nem água, já para esse sentido de você estar ali para quando precisar, para estar ali sempre num plantãozinho, qualquer coisa que acontecer, o primeiro que eles vão chamar vai ser a mim”.

saúde e “esse tal de exercício físico”, e não pelo lazer. Pode-se tratar apenas de uma especulação, mas acredito que tem fundamento.

3.2.7 Homens *Trabalhadores* com *Práticas Divergentes*: Diálogo com Joaquim

Um técnico de manutenção com prática corporal divergente¹⁶⁶

Joaquim, 50 anos, porto-alegrense, separado, tem uma filha de 17 anos, é técnico de manutenção num grande centro de compras (8.000 m² de sala comercial). Trabalha de segunda a segunda com uma folga semanal (conforme escala), num horário que vai das 10h até o final tarde ou início da noite, segundo as necessidades da empresa. Coursou o Ensino Fundamental em escolas públicas e concluiu o Ensino Médio já adulto, mediante Ensino Supletivo. Aos 42 anos, realizou um curso técnico numa especialidade similar com a que trabalha atualmente. Vive num bairro da zona leste da cidade de Porto Alegre, numa casa que é herança da mãe e compartilha com a família de seu irmão mais velho. Seu salário, única renda, é de aproximadamente 700 reais por mês. Oriundo de uma família de três irmãos, o

pai era soldado de Exército, falecido quando ele tinha 13 anos. A mãe era dona de casa, enquanto o marido vivia, e auxiliar de serviços gerais depois. Ambos eram provenientes do meio rural, com um nível primário de escolaridade.

Rotina

O tipo de emprego de Joaquim dificulta falar de uma rotina na organização do tempo, tanto nos dias úteis como aos finais de semana. O setor de serviço em que trabalha formata o ritmo de seus dias de outra maneira: a cada sete dias de trabalho, folga um, que pode ser qualquer dia da semana. Comenta que a empresa adota uma política de “folga prêmio”, que consiste em conceder um segundo dia livre como reconhecimento à assiduidade e à pontualidade.

O dia começa por volta das 8h, faz o café de manhã em casa e sai para a firma por volta das 9h30min. Almoça no local de trabalho. O final do expediente parece um tanto incerto, o horário de saída depende das demandas de seu serviço. Calcula que pode ser entre 18h e 20h.

¹⁶⁶ Procurei contatar Joaquim porque tinha um perfil divergente, quando considerada a classe social à qual pertence e as práticas corporais que realiza. Fora o contato inicial, realizei duas entrevistas com um intervalo de 15 dias entre as duas. No total, foram gravadas três horas de conversa. Após as entrevistas, houve mais um contato para *feed-back* do trabalho realizado, além de confirmar e complementar algumas informações.

O trabalho é descrito como tendo um ritmo puxado. É uma loja muito grande e os serviços de manutenção são diversos e permanentes. Após o trabalho, retorna para o bairro e, na maioria das vezes, vai para um minimercado que fica no bairro em que mora, onde se encontra com outras pessoas que moram nas redondezas, um lugar *sagrado* para o exercício da socialização: “difícilmente eu vou para casa sem chegar aqui na igreja, aqui é a igreja”. Lá fica conversando com outros fregueses assíduos ao local. Também de forma frequente, “promovem churrascos” e a reunião pode se alongar um pouco mais. Depois, vai para casa, dificilmente antes das 23h ou meia-noite: “A casa é para tomar banho e dormir, só”. Mas afirma ter cuidado com o tempo de descanso e gosta de dormir, no mínimo, seis horas.

Nos dias de folga, parece que sua rotina não muda muito. Eventualmente visita a filha, dá um passeio, lê ou “paga contas, levo papéis, essas coisas no centro”.

Consumos culturais

Joaquim tem um perfil cultural dissonante, com predominância legítima, não obstante suas origens sociais populares, seu percurso escolar, sua situação profissional e a rede de convivência caracterizada por pessoas de interesses culturais pouco legítimos. As preferências no campo dos

consumos culturais distanciam-se das classes populares, ainda que suas práticas na atualidade sejam um tanto reduzidas em proporção às apreciadas.

Joaquim lê muito. Mostra um particular entusiasmo em relação ao assunto. Esse hábito foi adquirido ainda muito jovem. Relata como uma de suas primeiras lembranças nesse campo, a leitura de um clássico da literatura (escolar) brasileira, *O Guarani* [de José de Alencar], obra que “devorou” num dia. O envolvimento com a leitura sempre foi muito vivo: “Caía no livro, e dali em diante passava a ser um personagem do livro [...]; sempre vivi aquilo que eu li de uma forma muito intensa”.

O gênero predileto, sem dúvida, é a ficção científica, particularmente aquela que em sua trama trata da pesquisa científica, ainda que tenha lido outro tipo de literatura (“com 50 anos, eu li muita coisa”). Quando indagado sobre as obras e/ou autores lidos, dá muitos detalhes da literatura desse gênero: “Eu li muito [Isaac] Asimov, Arthur [C.] Clarke, meu Deus do céu!, [August] Derleth, Aldous Huxley, Michael Crichton, aquele *Enigma de Andrômeda* [1969] eu li numa tarde, imaginei que isso tivesse acontecido”.

Entre os motivos apontados para gostar desse tipo de ficção, menciona seu interesse pela astronomia, mas também seu esforço em se sintonizar com o universo no

sentido de entendê-lo: “[...] Porque sempre fui uma pessoa ligada tanto ao microcosmo como ao macrocosmo. Deu para ver meu interesse pela astronomia¹⁶⁷. Estou tão ligado ao núcleo do planeta, como ao centro do universo, ao centro da galáxia. Parece loucura isso, mas não é”. Mostra uma grande paixão por esse tema¹⁶⁸.

Na atualidade, lê regularmente. Os cenários para essa prática são diferentes, mas todos fora de casa: biblioteca, praça, rua. Um dos locais identificados explicitamente é o Gasômetro, por onde também gosta passear.

Ele vê na leitura um fator importante para sua formação. Uma contribuição para ser o que é e para estar onde ele está. Entre os benefícios apontados, menciona o que define como “musculação neuronal”, ou “ginástica neuronal”, que ajuda em outras dimensões de sua vida. Também a possibilidade de encontrar informações sobre temas de que gosta muito, como é o da física em geral e o da astronomia em

¹⁶⁷ Ele se refere ao lugar de nosso encontro para a segunda entrevista, o Museu da UFRGS, onde estava ocorrendo uma exposição sobre astronomia: “Em casa, no universo”.

¹⁶⁸ A ficção científica como uma coisa que me divertia, me envolvia e, principalmente, me fazia sair fora do útero, sempre foi essa minha... projeção. Me sentir projetado, me sentir... é como se fosse pular de um trampolim. É assim até hoje, desde guri até hoje. Tenho 50 anos e continua a mesma coisa.

“A ficção científica sempre me colocou nesse meu eu, nesse meu universo. Nunca me limitou a nada; muito pelo contrário, sempre me projetou. Por isso esse meu interesse pela astronomia. Por isso esse meu interesse pelo macrocosmo”.

particular. Entende que a leitura lhe permite uma experiência subjetiva particular: superar os limites sensoriais do corpo e aceder a um conhecimento sobre o funcionamento do cosmo que a maioria das pessoas sequer imagina¹⁶⁹.

Joaquim diz que lê o jornal com relativa frequência: “Hoje, quem está desinformado está totalmente parado”. Tem uma clara preferência pelo *Correio do Povo*, pela característica de ser um “tabloide” que apresenta um panorama geral da atualidade de forma sucinta e objetiva: “É o que eu quero saber e pronto”. Contrariamente, mostra grande inconformidade pelo conteúdo do jornal *Zero Hora*, o qual estende de pouco valor: “se salva apenas alguma coisa da parte científica”.

Joaquim não vai ao cinema com frequência. Cansaço, falta de tempo, falta de dinheiro e até falta de uma programação

¹⁶⁹ “Uma estrela já não é um mistério para mim. Uma galáxia, visível ou não, já não é um mistério, eu entendo aquilo. Quantas pessoas não entendem isso? Quantas pessoas não fazem a menor ideia do que é um raio. Quantas pessoas sequer entendem a lua? Quantas pessoas sabem que neste momento em que estou conversando contigo, estamos a mil e setecentos e quarenta quilômetros por hora naquela direção [apontando com seu braço o leste]? Que é a velocidade de rotação da terra, que vai levar 23 horas cinquenta e nove minutos e quarenta e cinco segundos para dar uma volta completa em torno dela mesma. Por isso o dia não tem 24 horas. Por isso existe o ano bissexto. Estamos a cento e sete mil, duzentos e quarenta e quatro quilômetros por hora em torno do sol, neste momento, e a essa velocidade nós vamos levar 365 dias para estar no mesmo ponto onde estamos hoje. Por isso é que isso aquilo lá [apontando para a sala de exposições] mexe com a gente. Por isso aquilo lá mexe comigo”.

(oferta) interessante estão entre os principais motivos de seu afastamento do circuito comercial. Destaca, por outro lado, que, em “nível [de cinema] underground, sim, tem aparecido muita coisa boa, essas outras formas de projeção aí... que não são as grandes telas. Tipo assim, vou ver muita coisa boa na casa Mário Quintana hoje [...] – e sempre tem alguma coisa muito interessante, algum filme que quer dizer alguma coisa”. Contrapõe ao tipo de filme de que gosta as grandes produções da indústria cultural, como os filmes *X-Men* [Bryan Singer], *Batman* [Tim Burton], *Quarteto Fantástico* [Tim Story], *Homem Aranha* [Sam Raimi], “que arrastam milhões e milhões de pessoas para os cinemas”. Assiste a filmes em DVD, mas não é habitual. Passa pouco tempo em casa.

Escuta muita música. Quando indagado sobre qual é o gênero preferido, responde: “o que agrada meu ouvido”. Mas, basicamente, trata-se de música clássica, new age, rock. Entre os gêneros que não gosta, estão o funk, o pagode e o hip-hop: “Isso pode ser música para aquelas pessoas, mas não para mim [...]”. Na continuidade da conversa, rapidamente explica que, frente aos gêneros mencionados, sem dúvida, vai inclinar-se por outros músicos mais *legítimos*: “sempre vou preferir um [Antonio Lucio] Vivaldi, um [Ludwig] Beethoven, um

[Johann Sebastian] Bach, um [Heitor] Villa-Lobos, Pink Floyd, Led Zeppelin, Nazareth, „Oh, meu Deus do céu!“, vou preferir um Oswaldo Montenegro, Enya, Milton Nascimento, Chico Buarque, porque é música e diz alguma coisa, para mim”. E ele sintetiza o motivo da escolha na expressão: “É música que tem conteúdo!”. Utiliza como suporte um leitor de mp3, que geralmente carrega consigo.

Indagado sobre seu vínculo com a música clássica, Joaquim não identifica nenhum espaço social que lhe tenha oportunizado conhecer/apreciar esse gênero musical, apenas aprendeu “a gostar desde guri”. Atribui às características da própria música clássica, em particular, a harmonia, a origem do gosto. Essa propriedade na música não seria apenas um elemento estético, mas também um elemento que facilitaria o equilíbrio pessoal: “Porque, se tu tens harmonia na música, essa música vai servir como um instrumento de harmonização para ti, para teu espírito, de teu eu, de tua pessoa”. Em contrapartida, há tipos de música que teriam efeito contrário, estimulando a desagregação, o conflito, o estresse e, conseqüentemente, [para ele] perdem valor (“não presta”): “Não posso ouvir Racionais... tiroteio na Rosinha [...] Essa não é minha realidade. Eu estou dentro dessa realidade, mas não é minha realidade, estou vivendo ela forçosamente porque não gosto da

violência. [...] Mas eu não posso condenar as pessoas que gostam disso, embora eu tenha uma opinião sobre eles: fazem para vender”.

Joaquim não costuma frequentar concertos de música, pelos mesmos motivos apontados para o cinema: “falta de tempo, cansaço, falta de dinheiro. Porque hoje nada é barato, um concerto não é barato”.

Entretanto, no campo da música orquestrada, a ideia que o atrai não é tanto a de assisti-la, como a de protagonizá-la. Confessou: “tenho um grande projeto para o ano que vem, vou falar”, deseja aprender a tocar contrabaixo elétrico, juntando seu gosto pela música à possibilidade de criar outro vínculo com sua filha, que canta, toca violão e teclados e faz parte de um coral. Esse projeto tem antecedentes na trajetória de Joaquim, ele já teve outras experiências no espaço da interpretação musical¹⁷⁰. A ideia é comprar um instrumento (“nem que seja usado”) e num ano estar estudando o contrabaixo. Ele foi muito assertivo sobre o assunto.

Joaquim praticamente não assiste à TV: “Eu tenho uma televisão para assistir

¹⁷⁰ “Sempre quis desenvolver alguma coisa além do canto coral. Tocar, cantar, dominar um instrumento. Sempre fiquei devendo isso para mim mesmo, sempre. Me culpo por isso. Gastei dinheiro em tantas outras coisas, tantos projetos mirabolantes, e não atingi esse objetivo, apesar de ter tentado. Comecei a estudar flauta transversa, não terminei; vendi a flauta. Comecei a estudar violão clássico, não terminei; estudei seis meses. Comecei a cantar numa banda, mas a banda se extinguiu [...]”.

DVDs”. Faz tempo que não se interessa pelos programas comuns da “telinha”: novelas, séries, variedades. Quando assistia, era mais a programas informativos, mas isso na atualidade também é diferente: “Para dizer a verdade, nem jornal [assiste hoje]”. Entretanto, no período em que esteve casado, particularmente na fase final do matrimônio, descreveu-se como alguém que “não sai da frente da TV”.

Poderia se dizer que Joaquim tem um *hobby*, ainda que pareça ocupar um espaço muito mais importante que a de uma simples distração, a astronomia. No transcurso da conversa, ele explicita um conjunto importante de dados sobre fenômenos astronômicos que testemunham familiaridade com o tema¹⁷¹. É um

¹⁷¹ “Isso foi desde guri. Essa luz lá fora [referindo-se a uma estrela que começava a aparecer no crepúsculo], muito embora possa não existir mais, ela sempre foi muito mais que aquilo para mim [...], aquela luzinha piscando lá. Sabes que a velocidade da luz é de 300.000 quilômetros por segundo no vácuo. Só que essa luz pode estar viajando há tanto tempo no espaço que o astro que a originou pode não existir mais! E essa luz pode estar viajando, viajando e viajando e daqui a pouco vamos ter um clarão e serão os últimos momentos daquele astro, chegando há anos através da luz. Por que, nesse caso, nosso corpo é muito limitado, o ser humano é extremamente limitado. Pelo menos fisicamente, extremamente limitado. Nós ainda precisamos da luz para perceber as coisas, e a luz é uma coisa que pode ser irreal. A luz é uma distorção, principalmente a luz viajando pelo espaço. Ela pode estar sendo refratada, então o que a gente está vendo pode não ser mais real. Mas está ali. Tu estás vendo. Então sempre foi essa minha concepção. Sempre... Eu nunca fui localizado, nunca fui ali, aqui. Nunca fui disso, sempre vi, mais do que isso...”.

interesse que vem desde a infância. Na adolescência, chegou a ter um telescópio, comprado em sociedade com um vizinho. Também participou, em sua juventude, da Associação de Astrônomos Amadores de Porto Alegre.

Atualmente, não faz mais parte de nenhum grupo que cultive tal conhecimento, mas continua interessado no tema. Comenta que com frequência utiliza a internet para conhecer questões vinculadas ao assunto. Habitualmente, o faz desde uma *lan house*, destacando que, por um valor modesto (“dá 5 ou 6 cervejas”), ele está informado. Acessa com frequência, “três, quatro, cinco vezes por semana”, na empresa que funciona no Centro Comercial em que trabalha.

Práticas corporais

O histórico de Joaquim, no que diz respeito a práticas corporais, é bastante diverso. Quando jovem, jogou *bola*/futebol, nadou, correu, jogou futsal, andou de bicicleta. Várias dessas práticas efetuava nas instalações de um clube do Sistema S¹⁷² que funciona perto de sua casa.

¹⁷² Sistema S é a denominação convencionada a um conjunto de 11 instituições de interesse de categorias profissionais que oferecem serviços educação, saúde, serviço social, esporte e lazer, para funcionários de empresas vinculados a distintos setores da economia (SESI, SENAT, SESC).

Interrompeu tais práticas por volta dos 27 anos, sendo dois os motivos principais. Primeiro, sequelas de um ferimento a bala, produto de uma tentativa de assalto à qual ele reagiu, que passaram a dificultar um leque de atividades esportivas devido à perda de controle sobre seu pé. O segundo motivo, seu matrimônio: “Em 1987 me casei, e aí mudou tudo [...]; não corria, não nadava, não pedalava, virei uma pessoa extremamente sedentária”.

Seu retorno à atividade regular foi um tanto sem planejamento, com cerca de 40 anos. Há mais ou menos dez anos, Joaquim decidiu fazer um curso de capacitação profissional numa instituição que ficava afastada do local em que residia. Tendo que deslocar-se até lá, com restrições a viajar de ônibus e um orçamento sumamente apertado, um dia experimentou fazer o percurso no transporte alternativo: “[...] um dia fui de *bike*. Fui e voltei! [Falando para si: „Não é que dá!“ „Vou de novo amanhã“]. Mas estava todo doído. Doía até a orelha. No terceiro dia já não doía tanto, fui de novo. Quarto dia pronto, acabou...”. Joaquim tinha adotado a bicicleta como veículo e prática de lazer.

Somou-se a essa experiência a orientação médica sobre a necessidade de não mais fumar e passar a realizar algum tipo de atividade física. Devido a suas limitações motoras, em consequência do ferimento a bala, o ciclismo aparecia como uma

possibilidade de retomar a prática regular de atividades físicas: “Troquei um vício ruim por um vício bom”.

Atualmente, a *bike* é seu meio de transporte para trabalho e lazer. Da casa ao trabalho leva entre dez e 17 minutos (o percurso é em descida). Já o retorno é mais demorado: na subida, demanda de 35 a 40 minutos. A *bike* serve, inclusive, para saídas sociais, para lugares afastados da cidade, sem restrições a clima (chuva, frio) nem horário (noite, madrugada). Como prática física recreativa, anda tanto pela cidade como também em municípios vizinhos. Já fez percursos até o litoral gaúcho.

Em Porto Alegre, há grupos que se reúnem para pedalar juntos. Joaquim explica: “Temos um ciclo de passeios semanais, segunda, quarta e sexta-feira, que sai de pontos diferentes da cidade. Mas é uma atividade bem *light*, bem leve, numa [velocidade] média para todos [...]. Outro grupo sai do Ecoposto, em frente à [da redação do jornal] Zero Hora, que vai para Viamão. Ali o percurso é mais pesado, porque a gente estabelece uma média de velocidade, mais alta [...]”. Apesar de conhecer e ter frequentado esses grupos, na atualidade sua participação praticamente se limita às férias, porque não tem um horário livre “para sair do serviço”. Quando dá uma folga, entra em contato com uma das

associações¹⁷³ que funcionam em Porto Alegre e procura participar dos passeios.

O engajamento de Joaquim com essa prática é forte. Não apenas “vive” sobre a *bike*, mas pode-se dizer que é um militante do uso desse veículo: “tornou-se uma filosofia de vida”. Em relação ao uso como transporte, ele entende que não se justifica andar de ônibus sendo possível fazer as mesmas atividades em menos tempo, com a vantagem de qualquer atividade física: “Depois que comecei a utilizar a *bike* como meio de transporte, me sinto mal dentro de um ônibus, me sinto mal dentro de um carro”. Enquanto prática de lazer, considera-a como uma fonte de prazer vinculada à liberdade: “Posso estar em casa agora seis horas da tarde, de repente vou lá, no Gasômetro, olhar o pôr-do-sol e curtir uma música, e vou, pego a *bike* e vou... volto a hora que eu quiser”. A bicicleta em que estava na época da entrevista era a de número nove. As anteriores foram literalmente gastas: “Na realidade, sou um consumidor de *bike*”.

Após todos estes anos, ele se considera um ciclista hábil, que consegue tirar vantagens e sobreviver no trânsito, exatamente por ter incorporado os macetes da arte de conduzir uma bicicleta na cidade: “Eu diria que o ciclista usa o espaço que ninguém usa, porque ele tem que usar, porque não tem

¹⁷³ Joaquim destacou particularmente a Associação de Ciclistas da Zona Sul. <http://www.aczs.com.br/>

outra forma. Ele tem que arrancar antes dos carros na sinaleira, tem que ser oportunista, tem que aproveitar o espaço que fica entre os carros. Isso vai dando para a gente uma prática, uma capacidade de movimentação muito grande”. Inclui, no conjunto de habilidades adquiridas, subir e descer cordões, pular buracos, não se intimidar frente aos sustos pregados pelos motoristas. Esses são os elementos que lhe permitem andar no trânsito caótico das 18h em Porto Alegre. No dia da primeira entrevista, ele tinha ido um de seus passeios e comentou a respeito: “Agora, por exemplo, vim de lá do Gasômetro e uma das poucas coisas que andava era eu, porque está tudo engarrafado”.

Também percebe que todos esses anos de ciclismo têm-lhe dado uma condição física diferenciada quando comparada com a de pessoas da mesma faixa etária de seu convívio. Contudo, enquanto esportista, sabe que não dá para encarar um percurso de longa distância sem uma preparação prévia. Assim, frente à possibilidade de fazer um passeio para fora da cidade, busca treinar de forma mais intensa durante as semanas anteriores, para poder acompanhar os mais jovens.

Um dos efeitos diretos do uso da bicicleta foi a recuperação quase total do movimento da perna que ficou com sequelas após o tiro. Poucos meses após ter incorporado a *bike* a seu dia a dia, ele

sentiu que a “força da perna começou a voltar” e, logo depois, recuperou o controle quase total do movimento do pé.

Joaquim reconhece que andar de bicicleta em Porto Alegre é muito perigoso. Em geral, quase todos apontam os condutores de automóveis como transgressores das leis de trânsito e desconsiderados com os ciclistas, especialmente os motoristas de ônibus. Na perspectiva de Joaquim, “parece que nunca se vai incorporar no motorista gaúcho a ideia da ciclovia [...], do respeito ao ciclista e à *bike* como meio de transporte [...]. Eles têm como profunda convicção a ideia de que o ciclista não paga impostos e não pode usar o asfalto”. Ele mesmo já foi atropelado três vezes, mas nenhuma com maiores danos, apenas escoriações.

Estende que utilizar a *bike* é uma atitude altamente racional, que deveria ser aceita e incorporada pela maioria da população. Entre seus argumentos, pensa que “milhões de chineses não podem estar errados”, referindo-se à adoção massiva das bicicletas nesse país. Nova Iorque, Londres e Califórnia são mencionadas como cidades em que a prática tem se incrementado, como também que em países europeus existe um serviço de aluguel de bicicletas que permite pegar um veículo numa região do continente e devolvê-lo em outro: “Um amigo meu atravessou a Europa de *bike*. Em lugares

mais desenvolvidos, as pessoas se adaptaram a esse veículo”.

Entende que o uso da bicicleta, no futuro, será uma imposição dos próprios limites das metrópoles: “Estou chegando à conclusão de que a malha rodoviária de Porto Alegre já não atende seu trânsito. Assim, alguma coisa vai acontecer”. Está convencido de que o trânsito deverá adaptar-se à bicicleta.

O entusiasmo com o uso da bicicleta, porém, não levou a filha a assumir o mesmo hábito que ele, que entende ser muito perigoso andar em Porto Alegre sem os devidos cuidados: “Até nem gostaria que minha filha se arriscasse a andar de *bike*, já chega um louco na família”. Ela começou a andar, acompanhando Joaquim em alguns passeios, mas “graças a Deus, não se adaptou [...]: ela tem uma *bike* lá, mas nem usa, não dá, não há condições”.

Cuidados com o corpo

Joaquim não tem problemas de saúde. Podem ser apontadas duas afecções mais sérias em seu histórico: asma, quando jovem (tanto que comprometeu seu plano de permanecer no Exército para converter-se em sargento especialista), e o ferimento a bala comentado.

Joaquim hoje tem um esquema de alimentação estruturado. Tem especial cuidado com o café da manhã e o almoço,

suas refeições mais fortes (“janta ignoro, lanches, essas coisas no meio do caminho, ignoro [...], meu café da manhã tem que ser meio inglês, café reforçado, ovo frito, bacon, tem que ter um pão, e dificilmente menos de duas canecas de café, porque sou viciado em café preto”). Também consome alguns complementos alimentares e isotônicos.

Tem hábitos com os quais busca preservar-se fisicamente. Evita excessos que possam resultar em uma noite mal-dormida ou numa ressaca, para não sentir os efeitos no dia seguinte. Avalia que, estando com 50 anos, é fundamental que cuide de sua “hidratação, alimentação e sono”, já que negligências nesse campo não apenas podem complicar seu dia a dia, como podem também ser perigosas: “Um ataque cardíaco, um acidente vascular cerebral, sei lá. Então tem que cuidar, e cuidar muito”.

Durante vários anos fumou. Mas há aproximadamente 10 anos, quando se separou, largou o cigarro.

Não manifestou maiores cuidados com a forma física. As referências ao peso corporal estiveram mais vinculadas à sua preocupação com a obesidade. Anos atrás chegou a pesar 92 kg, mas seu peso atual é de 72 kg.

Sociabilidade

O seu universo de sociabilidade está basicamente centrado no grupo que se reúne na “igreja”. É um grupo de homens, todos mais ou menos da mesma idade, que buscam um espaço para “relaxar”, “extravasar”. É com frequência que comem um churrasco, tomam algumas cervejas e ficam de “papo” até tarde. O encontro também pode se resumir apenas a uma conversa em grupo. Joaquim destaca a heterogeneidade dos sujeitos que acorrem a esse local como um de seus atrativos (“são várias cabeças, filosofias diferentes, não há nenhum ciclista”).

Contudo, destaca em especial uma das pessoas que frequenta há pouco tempo

o grupo, com o qual tem conseguido discutir temas de seu interesse e para os quais, habitualmente, não há muito espaço no entorno social em que circula: “Uma pessoa extremamente inteligente. Com ele eu falo de música, futebol, arte, „Meu Deus do céu“, literatura! Mas eu diria que em 30 anos essa foi a primeira pessoa que apareceu com essa capacidade, com essa formação... esse universo. É uma pessoa que não é daqui. É do Rio de Janeiro, é um artista plástico, um cara fantástico, muito inteligente!”.

Procurei contatar Joaquim porque tinha um perfil divergente, quando considerada a classe social à qual pertence e a prática corporal que realiza. Nesse caso, a divergência não é necessariamente porque o *ciclismo* seja uma modalidade de que participem, proporcionalmente, menos pessoas das classes populares (ainda que as estatísticas tenham dificuldades para distinguir claramente quando se trata de uma prática de lazer e quando a bicicleta é um meio de transporte), e sim porque é uma prática com pouca adesão, quando comparada ao futebol e à caminhada.

Fiquei sabendo de Joaquim por intermédio de um colega do grupo de estudo, GESEF/ESEF/UFRGS, que o conhecia há muitos anos. Ele e o irmão do colega foram amigos próximos durante a adolescência.

Após a primeira entrevista, percebi que Joaquim não cumpria um dos critérios, de ter práticas culturais com tendências pouco legítimas. No entanto entendi que seu perfil poderia ilustrar bem a ideia de como a trajetória de um sujeito pode ser um tanto inesperada dentro de um determinado espaço social, ainda que isso não seja frequente.

Para dialogar com o caso de Joaquim, escolhi um sujeito com uma prática corporal ainda menos frequente nas classes populares, com uma localização próxima no espaço social, no entanto com um perfil cultural bastante diferente.

Neri: 47 anos, distribuidor de jornal (carteira assinada) e lavador de carros (sem carteira assinada). Eventualmente, nos últimos dias da semana (quintas, sextas e sábados), vende espetinhos de carne num pequeno “quiosque” que construiu no terreno da casa. Possui Ensino Fundamental completo. Casado em segundas núpcias, três filhos e seis enteados. Reside no Bairro Bom Jesus. Renda mensal de 700 reais. Esposa: do lar, estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental. Pai: soldado da guarda municipal da prefeitura, tem Ensino Fundamental incompleto (falecido quando Neri tinha 10 anos). Mãe: do lar, deficiente visual. Consumos culturais consonantes pouco legítimos. Entrevista em profundidade (quatro entrevistas, seis horas de registro de áudio).

Neri participa de “rústicas”¹⁷⁴, com uma frequência que varia de ano para ano. Sua última corrida tinha sido quatro meses antes das entrevistas. Treina de uma a quatro vezes por semana, segundo o tempo que esteja faltando para a prova. O horário geralmente é depois do segundo serviço, por volta das 19h, e dura aproximadamente uma hora. De acordo com o ritmo de trabalho e as condições climáticas, pode acontecer que passe algumas semanas sem correr. Treina sozinho.

Regularmente, treina numa praça que se encontra na saída do bairro.

Joaquim e Neri têm perfis de consumos culturais e PMCTL diferentes, no entanto entendendo que compartilham um tipo de envolvimento semelhante com suas respectivas modalidades. Nos dois, percebi o que chamei na descrição de Joaquim de *militância* da prática. Não descarto a possibilidade de se tratar de um esforço legitimador, a final de contas eles estavam sendo entrevistados por serem praticantes de suas respectivas modalidades. Contudo outros sinais indicaram que para eles a prática transcendia as dimensões de utilidade e do gosto; ocupava o lugar de prática identitária, algo que os constitui enquanto sujeitos. Não apenas anda de bicicleta, é um ciclista; não apenas corre, é um corredor.

No caso de Joaquim, arrisco-me a afirmar que o conjunto das práticas culturais é descrito no sentido da diferenciação. Suas preferências musicais, cinematográficas e o conhecimento sobre astronomia servem para diferenciar-se *deles*, a classe popular (que gosta de música brega, filmes comerciais, não lê e não sabe sobre o planeta que os carrega). A *bike* talvez possa assumir um registro, não apenas se diferenciando *deles*, que se amontoam nos ônibus, como também dos *outros*, que poluem e perdem seu tempo no trânsito.

Neri, quando descreveu seus consumos culturais, buscou também marcar diferenças com seu entorno social. Contudo, na descrição de suas preferências, ficou mais evidente que

¹⁷⁴ Corridas de rua com distâncias variáveis (de cinco a 100 km) e diferentes níveis de institucionalização, realizadas por distintas organizações, na qual participam corredores patrocinados e amadores.

se trataria de um esforço legitimador, e não tanto um *efetivo* conhecimento/preferência dos autores, gêneros, escritores mencionados¹⁷⁵. No entanto, quando falou de sua participação/experiências no campo das corridas, essa ideia da distinção ficou mais clara. Na sala simples de sua casa, encontram-se penduradas “mais de 30 medalhas”, recebidas por sua participação em diferentes corridas. Ele guarda certificados de participação (tem diplomas do ano de 1999), uma folha de um jornal onde foi publicada a lista dos corredores que participaram de uma rústica com o respectivo tempo (ano 2001) e camisetas. Esses registros são guardados com outras relíquias de família, como recortes de jornais de circulação nacional em que a família foi notícia, vinculada com sua avó longeva.

Tive a impressão que, para ele, as corridas davam a possibilidade de transcendência: “[Conversando sobre suas medalhas] quero colocar mais aí... outros mais jovens, até meus netos mesmo, [vão dizer] mas o vô correu tudo isso, o vô não ganhou dinheiro, não está rico, mas [...]”. Será que completaria a ideia com a expressão: *deixou sua marca?*

Todavia, em espaços sociais próximos ao dos casos comentados, também é possível encontrar práticas de exercícios físicos vinculados à ideia de saúde. Entrevistado na segunda parte da pesquisa, André é um dos poucos casos com esse perfil, que realiza musculação e

André: 40 anos, rodoviário (motorista, 42 horas de trabalho por semana), com Ensino Fundamental completo, casado, reside no Bairro Sarandi. Renda mensal de 752 reais. Pai: rodoviário (motorista), com Ensino Fundamental incompleto (3ª série). Mãe: do lar, com Ensino Fundamental incompleto. Consumos culturais consonantes pouco legítimos. Entrevista semiestruturada.

corrida com propósitos vinculados a “bem-estar, saúde [...] preparo físico”. Uma das características em seu envolvimento com essas atividades é o fato de ele frequentar a academia com a esposa. Em seu caso, a atividade física é um programa de família.

Uma questão que coloquei para Joaquim e Neri foi por que não jogavam futebol. No caso de Joaquim, a retomada da prática esportiva ocorreu depois da separação com mais de 40 anos e com limitações em seu pé, ficou “sem condições”. O caso de Neri trata-se de

¹⁷⁵ Na descrição de seus gostos musicais, faz uma mistura entre gêneros e cantores/compositores: música “gaudéria” (em particular a rancheira), samba, Bob Marley [Reggae], Beethoven [Clássica], Michael Jackson [Pop], Armandinho [Reggae nacional], Jovem Guarda [*rock and roll*], Os Farrapos [Nativista], Baitaca [Nativista]. “Só não escuto Beethoven porque me vão chamar de louco [Quem não gosta?] [...] Não apenas a família, senão aqui [referindo-se aos vizinhos]”. Entretanto refere-se a este último como o compositor das “vaqueanas” [bachianas], confundindo-o com Heitor Villa-Lobos. Entende que essas músicas são diferentes das que mais se escutam na comunidade, identificadas por ele como sendo o pagode e o *funk*. Entre as músicas que não dá para escutar, estão as das bandas Bonde do Forró e Calcinha Preta. Na continuidade da conversa, engata a descrição de sua leitura que também reconhece como diferenciada (“quem diria que eu gosto de ler [...] aqui na vizinhança ninguém sabe, mas eu sou muito fã de Machado de Assis, Eça de Queirós [...] Aqui de Porto Alegre, Mario Quintana”). De forma similar com a música, mistura entre os autores que gosta de ler a Antônio Carlos Gomes.

incompatibilidade com bola. Ele nunca jogou futebol em equipes que participassem de campeonatos. Ele apenas jogou bola: “meu negócio nunca foi jogar...”, marcas de sua origem socioeconômica: “A gente nunca teve assim muita liberdade para brincar como criança, porque eu tive que trabalhar muito cedo. Então na falta do meu velho tive que me virar e ir trabalhar para sustentar a casa, porque a minha mãe, ela era uma pessoa muito doente também. Então ficou meio complicado esse negócio de criança assim de brincar, jogar bola, né, muito cedo eu fui à luta”. Além disso, ou melhor, como consequência disso, quando não se tem um bom desempenho em campo, a possibilidade de jogar no bairro diminui: “Se não mostra certa intimidade com a bola... já é excluído do time [...] já não serve para esse time aí... então eu tinha muito medo disso aí... nunca joguei muito bem... meu negócio não é o futebol”.

Em nenhum dos casos percebi uma sorte de distinção em relação a essa prática *popular*, como se marcou diferença em relação a outras como a música, por exemplo. Talvez tenha ocorrido num comentário de Neri, mas pareceu mais uma forma de exaltar *seu* esporte do que desprestigiar a prática do futebol.

Finalmente, sobre a relação de prestígio pelas práticas realizadas, parece que eles disputam/buscam reconhecimento do entorno, no entanto nem sempre o conseguem. Neri, particularmente, salienta certa incompreensão do entorno familiar, em especial da companheira, com seu gosto pelas corridas: “Eu não tenho apoio de minha mulher, eu não tenho apoio dela em minhas corridas. Ela acha até xarope, acha ridículo”¹⁷⁶.

Tanto Joaquim como Neri, do ponto de vista socioeconômico, passam pelas mesmas dificuldades para se vincular de uma forma mais regular com suas práticas: a falta de tempo. Com longas jornadas e horários particularmente exigentes¹⁷⁷, os dois realizam a prática *quando dá*. No caso de Neri, somam-se às demandas de suas três ocupações o concerto e a modificação da própria casa (durante as entrevistas, próximo ao Natal, Neri pintou e arrumou toda a casa). Talvez parte do menosprezo ou incômodo que a prática de Neri potencialmente ocasione na esposa possa passar por concorrer com atividades mais *produtivas*.

¹⁷⁶ A discussão em torno de onde colocar as medalhas, após a sala ter sido pintada, tinha deixado esse tema mais evidente na época da entrevistas. Neri falava bastante magoado em relação à incompreensão da esposa sobre o significado de suas medalhas por participação: “eu dou valor a cada uma dessas medalhas dali, porque para cada medalha aí, foi corrido dez quilômetros, foi sofrido [...] cada uma dessas medalhas foi corrido, não foi comprada”, “são dez quilômetros que foram percorridos”.

¹⁷⁷ “Agora vai ter uma corrida em Farroupilha, aí eu não vou poder ir, vai cair em um sábado. Então quando cai corrida no sábado não vou, porque trabalho duas vezes no jornal de manhã [...] e de tarde. Para mim ir mesmo, a corrida tem que ser no domingo. Domingo... nem feriado pode [...], lá no jornal também, eles não dão feriado para gente, só tem o domingo de folga, então para mim a corrida tem que ser no domingo, porque daí eu tenho aquele tempo disponível”.

O custo da própria prática é problema. Em orçamentos tão restritos, investimento em equipamento, no caso de Joaquim, é o custo que envolve a participação. No caso de Neri, são questões que pesam na hora de se envolver nessas práticas: “Eles estão cobrando na faixa de 40 a 50 reais a inscrição. Bom! Aí tu pesa, põe na balança: 50 reais mais o transporte, mais alguma alimentação, que tu tens que comer antes de disputar a prova, te quebra!”. Na época das entrevistas, Neri estava empenhado, junto a uma liderança da comunidade, para organizar a primeira rústica que seria corrida dentro da vila. Todavia problemas orçamentários para o pagamento de serviços obrigatórios (presença de serviço emergencial, contratação de seguro obrigatório), exigidos pela Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, estavam dificultando a concretização do evento. Entre os diferentes argumentos que Neri mencionou para realizar a corrida no bairro, estava a possibilidade de ela ser gratuita para os potenciais participantes.

Em linhas gerais, ambas as práticas não foram vinculadas à socialização. Não apenas por serem modalidades individuais, mas particularmente por eles não estarem vinculados a grupos de outros praticantes.

Nos casos de Joaquim e Neri, não percebi que o envolvimento com PMCTL fosse referenciado como parte de um plano global de cuidados com o corpo. Ambos aludem a suas modalidades como atividades promotoras de saúde, até iniciadas quase como consequência do abandono do fumo, no entanto não citaram outros cuidados com alimentação, controle de peso e consultas preventivas ao médico que apontassem disposições de cuidado mobilizadas em várias práticas sociais vinculadas ao cuidado com o corpo. Um pouco diferente foi o caso de André, que admitiu regularmente cuidar de sua alimentação, justificando: “para ter uma saúde... [pensa] longa, de dias de vida”. Esses casos reforçaram minha percepção da diferença entre a prática de esporte e exercícios físicos, no que diz respeito aos vínculos com o cuidado do corpo. Envolver-se com práticas esportivas não se vincula necessariamente a uma ideia de cuidado do corpo, ainda que não signifique que não possam estar relacionadas.

3.2.8 Homens de Classe Popular e Práticas de Movimento Corporal de Tempo Livre: Casos em Diálogos

Na análise dos estudos de casos masculinos localizados na classe popular, tanto com PMCTL convergentes quanto com divergentes, fui construindo algumas representações que passo a descrever a seguir. Por um lado, parece que a ideia de exercício físico orientado à saúde é menos presente do que no grupo feminino, mesmo que isso não signifique que as

práticas não sejam tangencialmente relacionadas com a saúde ou ainda que não haja praticantes que priorizem esse propósito. É apenas algo menos comum.

A prática de esportes pode tomar diferentes significados, que muito dependerão das experiências do sujeito dentro desse universo social. Significados vinculados ao lazer se sobressaem sobre outros, mas também se destaca (sem romper com a anterior) uma concepção de competição/transcendência esportiva.

Não percebi em geral que as práticas esportivas (particularmente o futebol) estivessem marcadas por uma vontade de cuidar do corpo. Mais uma vez, não há incompatibilidade entre essas dimensões, mas o envolvimento com esse tipo de PMCTL não parece integrar um plano mais amplo de gestão do corpo. Não é estranho, então, que jogar futebol e fumar sejam atividades compatíveis, por exemplo.

Um tema que mereceria bastante atenção em futuras pesquisas se refere à forma com que o entorno social imediato de praticantes de atividades esportivas das classes populares significa esse envolvimento. Como comentei, aparecem nos relatos dos esportistas sinais de certa incompreensão por parte de suas companheiras e, possivelmente, de outros membros de sua rede social, com o envolvimento com PMCTL pautadas apenas numa ideia de lazer. Provavelmente, esse envolvimento concorre na utilização do pouco tempo disponível (extralaboral) com outras atividades, como tarefas de manutenção e reparo da residência e a própria convivência familiar.

Não percebi, nas entrevistas, marcas de que algum tipo de prática corporal fosse carregado de um sentido de distinção (particularmente de desqualificação). Isso ocorreu inclusive nos casos em que outras práticas culturais representavam um claro espaço de demarcação social.

Em alguns casos, percebi que a prática esportiva assume um caráter identitário. Não se trata de mais uma prática cultural (como ler ou não o jornal, ou assistir um ou outro programa televisivo), mas de uma dimensão que o faz diferente de outras pessoas. Essa é uma dimensão que merece ser bastante estudada nas classes populares, já que, não ganhando maior reconhecimento nas ocupações laborais, possivelmente encontrem na prática esportiva um espaço de expressão da singularidade.

É importante salientar que a vivência das PMCTL não pode ser descolada de condições materiais, como tempo e dinheiro. Jornadas extensas de trabalho, falta de autonomia nos horários, envolvimento com trabalhos de manutenção e/ou reforma de artefatos e/ou da estrutura domiciliar comprimem a disposição de tempo para o envolvimento com a prática de exercícios físicos ou esporte. Não é casual, então, que muitas dessas práticas,

particularmente o futebol, sejam praticadas uma vez por semana. Dinheiro, sendo também um recurso escasso, é um potencial limitador do envolvimento com as práticas corporais, não apenas pelo custo implicado na realização das atividades, senão também pela impossibilidade de *terceirizar* tarefas domiciliares vinculadas à reparação da casa, por exemplo.

Não pode passar despercebido na análise deste grupo social que frequentemente as ocupações demandam um elevado desgaste corporal, o que deixa pouca energia para pensar em PMCTL. Assim, a falta de tempo soma-se ao próprio cansaço da jornada laboral.

Finalmente, não quero deixar de passar a ideia de que, na realidade dos setores empobrecidos da cidade, os sujeitos com baixa escolaridade têm pouca probabilidade de incorporar o capital cultural/corporal/esportivo exigido para praticar outras modalidades esportivas que não o futebol. No caso de Nery, o próprio saber jogar bola é um desafio, dado que nem tempo para jogar teve. Caso não seja portador de competências mínimas para jogar *bola* ou esteja impossibilitado de fazê-lo, não sobram muitas modalidades para serem praticadas quando adulto. Talvez apenas corrida e bicicleta, apesar de demandarem conhecimento para sua realização, corporalmente podem ser realizadas/aprendidas sem tanta necessidade de processos de ensino formalizado.

3.2.9 Finalizando A Segunda Etapa

Como comentei na descrição metodológica desta fase do estudo, a tematização dos sentidos encontrados entre sujeitos localizados na macroposição de classe *privilegiado* será realizada na terceira etapa, já que selecionei dois desses casos para aprofundar o estudo das disposições e o significado atribuído às PMCTL, fazendo parte dos *retratos sociológicos* desenvolvidos para abordar a temática.

Pensei em concluir esta etapa descrevendo outros dois casos localizados no estrato social mais privilegiado, seguindo a lógica desta etapa (um sujeito com PMCTL convergentes e outro, divergentes), todavia isso faria o trabalho ainda mais longo.

4 TRANSFERÊNCIA, ATUALIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DAS DISPOSIÇÕES PARA O ENVOLVIMENTO EM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE

Na primeira etapa da pesquisa ficou evidente que há uma marcada relação entre a posição de classe dos sujeitos e probabilidade de engajar-se em PMCTL. Também que a localização no espaço social está associada ao tipo de prática corporal realizada, ainda que com uma força menor que quando se considera a probabilidade do sujeito praticar ou não atividades físico-esportivas. No mesmo movimento ainda, se explicitou que outras características sociais, como gênero, renda, nível de escolarização estão associado ao envolvimento e ao tipo de prática realizada, assim como que esses marcadores sociais se entrelaçam com a posição de classe dos sujeitos.

Na segunda etapa, surgiu que a posição de classe não apenas atravessa as PMCTL, senão também outras práticas culturais. Consumos culturais se distribuem de forma desigual entre os estratos sociais, o que outorga a estas práticas diferentes níveis de legitimidade. No entanto, quando se analisam as práticas culturais de um mesmo sujeito fica bastante claro que, ainda se observando tendências à consonância e à dissonância, segundo a posição social, a homogeneidade no grau de legitimidade das preferências de um mesmo sujeito não é o mais frequente. Nessa mesma linha, quando se estabelecem relações entre os perfis de consonância e dissonância de consumos culturais e as PMCTL se constata que, se bem é possível observar tendências (certas práticas são mais frequentes em alguns perfis que em outros), é provável encontrar casos com práticas culturais num registro de legitimidade bastante consonante, mas envolvidos com práticas corporais divergentes do grupo social de referência. Também podem ser dados sentidos/significados similares a um tipo de PMCTL por sujeitos afastados no espaço social (e vice-versa). Ou, ainda, os significados atribuídos ao envolvimento esportivo podem ou não estar vinculados a outras práticas culturais (cuidados do corpo e sociabilidade), dependendo em parte do tipo de exercício físico e/ou esporte realizado, assim como o espaço social ocupado pelo sujeito. Em resumo, se sustenta que as disposições atualizadas no contexto das PMCTL se vinculam tanto às experiências do sujeito (trajetória), dentro do espaço em que teve oportunidade de ser socializado, como das possibilidades de acesso ao universo de exercícios físicos e/ou esportes disponíveis num determinado momento histórico.

Frente a essa interpretação, este estudo parte do entendimento de que as práticas culturais e os significados atribuídos a elas se originam num conjunto de disposições

(constituídas através de processos de socialização que combinam as dimensões próprias do espaço social onde o sujeito vive ou se constitui e a trajetória biográfica particular dentro desse contexto) e as possibilidades de atualizar as mesmas em contextos específicos. Dessa maneira, interpreto que este trabalho, quando procura compreender as disposições que subjazem as PMCTL, em quanto práticas culturais, dentro das teorias da ação, se inscreve na tradição disposicionalista, que, segundo Lahire (2004a, p. 21), “tenta levar em consideração, na análise das práticas ou comportamentos sociais, o passado incorporado dos atores individuais”.

O interesse central desta parte do estudo foi conhecer como se combinam fatores específicos da classe social à qual o sujeito pertence (e/ou pertenceu) e sua trajetória biográfica nesse universo na constituição das disposições para o envolvimento em práticas culturais – particularmente, nas disposições que impulsionam práticas corporais, consumos culturais, cuidados do corpo, sociabilidade e práticas de lazer-diversão. Nas palavras de Lahire (ibidem, p. 27), trata-se do “estudo da constituição (e das condições sociais de produção) das disposições”.

Tendo esse propósito como eixo, neste tópico aprofundo os conceitos teóricos que sustentam, com base na teoria de Lahire, a noção de disposição. Logo, continuo com uma apresentação das considerações do mesmo autor sobre as características do processo de constituição das disposições nos sujeitos. Na sequência, detalho aspectos metodológicos desta parte da pesquisa, para coletar informações que permitiram interpretar o processo de constituição das disposições mobilizadas nas PMCTL em dois sujeitos com envolvimento diferenciado nessa dimensão. Na sequência, apresento os retratos sociológicos dos pesquisados. Além da descrição de aspectos biográficos e das práticas culturais, apresento, ao longo do caso, interpretações parciais sobre disposições subjacentes na forma de o sujeito pensar, avaliar, sentir, operar em diferentes espaços sociais, buscando, dessa forma, criar uma representação plausível de seu patrimônio disposicional. Como parte do retrato, exponho um diálogo entre o significado dado à PMCTL pelo pesquisado e por outros sujeitos localizados no mesmo espaço social (completando a segunda etapa da pesquisa, conforme explicado anteriormente). Fecho a descrição com uma síntese analítica do caso. Finalmente, para encerrar a terceira etapa, reúno os *insights* sobre a mobilização/atualização das disposições e de seus atravessamentos com as PMCTL, assim como sobre a constituição das mesmas.

4.1 DISPOSIÇÕES E PRÁTICAS CULTURAIS

No marco teórico em estudo, as práticas dos agentes são interpretadas como uma atualização (ou inibição), frente a contextos específicos de ação, de um conjunto de esquemas mentais sedimentados ao longo das experiências vivenciadas pelo sujeito, que dão sentido a esse contexto e impulsionam a atuação. Nessa linha, Lahire (2004a, p. x-xi) explica que “cada indivíduo é o „depositário“ de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais”.

É fundamental destacar que essa proposta entende que não há nada de *nós* em *nós mesmos*, no sentido de algo original ou próprio, com exceção da forma particular como o mundo social se inscreve em nós. Assim, quando olhamos para o outro (e, é claro, para nós mesmos), estamos olhando para o mundo social nele incorporado; mundo social que toma uma forma específica em cada sujeito, mas que não deixa de ser mundo social. Na citação que segue, Lahire consegue produzir um bom esclarecimento em relação a essa ideia.

O mundo social está tanto dentro de nós como fora de nós. Na origem de nossas desgraças e de nossa felicidade, tanto individuais como coletivas, ele se diferenciou e se tornou tão complexo que produziu o sentimento de que o íntimo, o singular, o pessoal, se distinguiriam por natureza da sociedade (como dois objetos claramente distintos) a até mesmo se contraporiam a ela. (ibidem, p. xii).

O autor indica que temos a sensação de uma vida única, subjetiva, sem relação com o social, em um estado de diferenciação avançado, criado por paradoxo ou artimanha do próprio mundo social. Segundo Lahire (ibidem, p. xii), “o indivíduo, o foro íntimo ou a subjetividade como local de nossa liberdade primordial é um de nossos grandes mitos contemporâneos”, os quais podemos simplesmente apreciar ou desejar livrar-nos deles. O sociólogo detalha como ocorre esse jogo entre “indivíduo” e a influência ou o domínio do meio social sobre ele:

Parece-me – mas talvez esta seja apenas outra ilusão ligada ao fato de que acredito demasiado nas virtudes das ciências do mundo social –, apenas outra ilusão de “subjetividade”, de “interioridade” ou de “singularidade” não determinadas de livre-arbítrio ou de existência “pessoal”, sem qualquer influência do meio social, para deixar surgir as forças e contraforças, internas (disposicionais) e externas (contextuais), às quais estamos constantemente submetidos desde nosso nascimento, e que nos fazem sentir o que sentimos, pensar o que pensamos e fazer o que fazemos, representa um precioso progresso no conhecimento. Modelados por esse mundo que contribuimos para modelar, não escapamos dele de forma alguma: conformistas ou marginais, dominantes ou dominados, todos fazemos (diferentemente) o que ele fez de nós e aquilo que podemos fazer em função das situações em que nos encontramos imersos. No jogo perpétuo das relações entre o que interiorizamos (através de nossa experiência de mundo) e o que enfrentamos

continuamente como novas situações, dificilmente aprendemos a nos conhecer, por vezes nos surpreendemos e, em todos os casos, nunca somos detentores de uma espécie de “verdade pessoal” (daquilo que “realmente” seríamos). (ibidem, 2004a, p. xii-xiii).

Nessa forma de entender o sujeito e suas práticas culturais, a compreensão da noção de *disposição* é capital. Por isso, passo a descrever algumas das características fundamentais desse conceito teórico com o qual opero na interpretação da fórmula geradora de práticas e preferências culturais. Posso afirmar, conforme Lahire (2005), que o conceito disposição tem sido usado pela sociologia, particularmente por Pierre Bourdieu, sem explicitar a forma como acontece sua constituição social. “Não temos nenhuma indicação do modo como poderemos reconstruí-las, nem de que maneira elas agem [...]. Elas são simplesmente deduzidas das práticas sociais, mas freqüentemente observadas – estatisticamente – nas pessoas objeto de investigação” (ibidem, p. 15). Nesse caminho, o autor levanta uma série de questões sobre o assunto:

como se formam as disposições (ou os esquemas)? Será que essas disposições se podem ir apagando progressivamente, ou podem mesmo desaparecer completamente, por falta de atualização (Peirce dizia que as disposições podem “cansar-se”)? Será que elas podem ser destruídas por um trabalho sistemático de contra-socialização (por exemplo, todas as vontades missionárias, sectárias, totalitárias ou escolares de destruição dos hábitos existentes, considerados como maus hábitos a erradicar)? Poderemos avaliar os graus de constituição e de reforço das disposições, segundo, nomeadamente, a freqüência e a intensidade do treino seguido, distinguindo assim as disposições fracas (crenças passageiras e frágeis, hábitos efêmeros ou desajeitados) das disposições fortes? Como é que as múltiplas disposições incorporadas, que não formam necessariamente um “sistema” coerente e harmonioso, se organizam ou se articulam? (2005, p.17).

Essas são questões que o autor vai elucidando de forma conjectural e empírica ao longo do conjunto de suas obras (LAHIRE, 2002b; 2004a; 2005; 2006a). Assim, para apresentar suas principais respostas, descrevo quatro pontos que considero importantes para esta pesquisa: a) a origem das disposições; b) a relação que os sujeitos podem estabelecer com suas inclinações para a ação; c) a dimensão da transferibilidade ou a unicidade do núcleo disposicional; e d) a diferenciação entre as naturezas das disposições.

Está no conceito básico dessa proposta que as disposições são constituídas no processo de socialização dos sujeitos; sendo assim, são potencialmente tão diversas quanto os contextos nos quais o sujeito as incorporou para a atuação social, bem como da heterogeneidade das relações que ele estabeleceu no interior desses espaços. Em sociedades contemporâneas como as atuais, os sujeitos iniciam processos de socialização desde muito cedo em espaços bastante diversos, fato que contribui para incorporar disposições diferentes e, muitas vezes,

contraditórias, quando comparadas com os agentes tradicionais de educação (SETTON, 2005).

É fundamental ter presente que o sujeito, nesse marco conceitual, é entendido como um produto complexo de diversos processos de socialização, que se desdobram numa marcada pluralidade interna (LAHIRE, 2005, p. 25). Aceitando essa ideia, obrigo-me a indagar, junto com o autor, sobre qual concepção do determinismo social devemos ter para explicar essa indeterminação relativa do comportamento individual que faz o fascínio da vida social. Respondendo, Lahire (2005, p. 35) assim se manifesta:

É, de fato, impossível prever o aparecimento de um comportamento social como se prevê a queda dos corpos a partir da lei universal da gravidade. Esta situação é o produto da combinação de dois elementos: por um lado, a impossibilidade de reduzir um contexto social a uma série limitada de parâmetros pertinentes, como no caso das experiências físicas ou químicas; e, por outro, a pluralidade interna dos indivíduos, cujo patrimônio de hábitos (de esquemas ou de disposições) é mais ou menos heterogêneo, composto de elementos mais ou menos contraditórios. É, portanto, difícil prever com exatidão o que, num contexto específico, vai “jogar” (“pesar”) sobre cada indivíduo e o que, dos múltiplos hábitos incorporados por ele, vai ser desencadeado num/por um determinado contexto.

O autor aponta diversas forças de influências a que o indivíduo pode ser submetido em seu patrimônio de disposições e competências: pessoas com quem coexiste de forma duradoura (cônjuge, filhos) ou temporária (amigos, colegas), ou o lugar que ele ocupa na relação com tais pessoas no que diz respeito a atividades que desenvolvem juntos (dominante ou dominado, líder ou seguidor, responsável ou simples participante...). Para Lahire, o que originaria a ativação de certa disposição em um determinado contexto, “pode ser concebido como o *produto da interação entre (relações de) forças internas e externas*”, ou seja:

[...] relação de forças internas entre disposições mais ou menos fortemente constituídas durante a socialização passada, e que estão associadas a uma maior ou menor apetência, e relação de forças externas entre elementos (características objetivas da situação, que podem estar associadas a pessoas diferentes) do contexto que pesam mais ou menos fortemente sobre o ator individual, no sentido em que o constroem e o solicitam mais ou menos fortemente (por exemplo, as situações profissionais, escolares, familiares, de amizade... são desigualmente constrangedoras para os indivíduos). (ibidem, p. 35).

As disposições não são todas incorporadas do mesmo modo, como também não são vividas da mesma maneira. Lahire (ibidem, p. 20) afirma a esse respeito que “uma parte das investigações de sociologia da educação e da cultura leva progressivamente os investigadores a estabelecerem diferenças entre modalidades de interiorização ou de incorporação de hábitos, maneiras de fazer, de ver, de sentir”, como também que, na forma como os agentes falam sobre suas próprias práticas, é possível perceber que os mesmos “não têm a mesma relação

com os seus múltiplos hábitos incorporados”. Em relação ao segundo ponto, Lahire opõe-se a uma concepção que supõe disposições sempre experimentadas como uma “necessidade feita virtude”, conforme aponta Bourdieu. Essa concepção *bourdieusiana* opera com a noção de que uma disposição se institui do “constrangimento objetivo exterior transformado em motor interior, em gosto (ou em paixão) pessoal, em necessidade vital”, fato que as pesquisas empíricas, desenvolvidas por Lahire, não corroboram.

Lahire afirma que é possível diferenciar pelo menos três níveis de apetências diferentes de uma disposição ou inclinação para a ação. Teríamos uma apetência caracterizada pela *paixão* (disposição com gosto pela ação), outra pela *rotina* (disposição com traços de indiferença) e até um *mau hábito* ou *mania perversa* (disposição realizada num clima de contrariedade – nojo ou rejeição – em relação à própria disposição). O mesmo modelo mencionado, da “necessidade feita virtude”, opera com uma concepção de homogeneidade na intensidade das disposições, todas elas tratadas como fortes inclinações para agir. Nesse ponto, Lahire contra-argumenta a premissa de que as disposições, na realidade, “distinguem-se entre elas segundo seu grau de fixação e de força. Existem disposições fortes e disposições mais fracas, e a força e a fraqueza relativas das disposições dependem, em parte, da recorrência da sua atualização” (2005, p. 21). Isso significa que as disposições não se incorporam de uma hora para outra, como, também, que essas podem perder sua força geradora, ou podem simplesmente desaparecer se não são atualizadas ou quando são reprimidas.

As regras de ação incorporadas pelos sujeitos estão atreladas às diferentes experiências que permitiram sua constituição, ao momento da biografia individual em que essas tendências se sedimentaram, como também ao espaço de ação onde elas são mobilizadas. Dessa forma, como afirma Lahire (*ibidem*, p. 22):

[...] os hábitos que foram interiorizados precocemente, em condições favoráveis à sua boa interiorização (sem fenômenos de injeção contraditória, sem interferências na “transmissão cultural” devido a dissonâncias culturais entre os pais ou entre o que dizem os adultos e o que eles fazem, entre o que eles dizem e a maneira como o dizem...) e que encontram condições positivas (socialmente gratificantes) de concretização, podem dar lugar àquilo que é comumente denominado por paixão.

Adverte Lahire que desconsiderar as nuances na forma em que as disposições foram internalizadas, nas maneiras como esse processo aconteceu, as diferentes formas da introjeção, como também os termos em que as mesmas são atualizadas, nos levaria a operar com uma ideia de senso comum, ou da própria ideologia, no esforço de discernir as preferências e as ações dos agentes. Isso porque, quando aspectos como as condições, as

modalidades e os efeitos da socialização não são considerados, a tendência é interpretar a atuação dos sujeitos como uma ação espontânea, ou seja, um ato que se origina em sentimentos ou tendências naturais, sem determinações, sem constrangimentos, livre de condicionamentos externos. Lahire (ibidem, p. 23) exemplifica esse pensamento com as atuações generificadas dos agentes:

[...] salvo algumas exceções, a interiorização dos modelos de comportamentos sexuais não é vivida no modo de interiorização de uma obrigação, do constrangimento? No entanto, não há nada mais constrangedor e arbitrário (cultural, historicamente...) do que os modelos sexuais, constituindo o mundo social uma espécie de instituição total que socializa de maneira permanente os indivíduos em tais diferenças (LAHIRE, 2001c). O mundo social é continuamente sobressaturado de diferenças sexuais. No entanto, é justamente porque essas diferenças são simultaneamente precoces e onipresentes que os constrangimentos são raramente sentidos como tais ou, em todo o caso, com bem menos força que outros tipos de coerções sociais.

A transferência e a suspensão das disposições em diferentes contextos em que atua um sujeito é outro aspecto fundamental na caracterização desse conceito. Como já mencionei na segunda parte da pesquisa, a transferibilidade das disposições socialmente constituídas confunde-se com a ideia de *habitus*, já que, na proposta de Bourdieu, essa noção representa a fórmula geradora que está na base de toda e qualquer prática cultural do sujeito. Para Lahire, essa capacidade indiscriminada de transponibilidade atribuída às disposições produz sérios problemas para o estudo nesse campo, vinculados, por exemplo, à ideia de que cada pesquisa, indiferente da prática cultural investigada, permite apreender o núcleo disposicional do agente, que se pressupõe transferível para outras situações, descartando a necessidade de investigar empiricamente os limites dessa concepção.

Estudando os indivíduos em cenários particulares, no quadro de um só domínio de práticas (seguindo um recorte subdisciplinar particularmente contestável cientificamente: sociologia da família, da educação, da cultura, da arte, do trabalho, da saúde, da juventude, sociologia religiosa, política, jurídica...), os sociólogos apressam-se, muitas vezes, de maneira errada, a deduzir, da análise dos comportamentos observados nestes cenários, disposições gerais, *habitus*, visões do mundo ou relações gerais com o mundo. (LAHIRE, 2005, p. 27).

Dessa forma, o problema central desse entendimento localiza-se no “processo de generalização abusiva ou prematura”, a qual supõe que “os esquemas ou disposições seriam *todos e em todas as* ocasiões transferíveis e generalizáveis” (ibidem, p. 23). Entretanto Lahire (ibidem, p. 23-24) tem claras objeções a essa ideia e sustenta:

Se a noção de disposição implica uma operação cognitiva de evidenciação da coerência dos comportamentos, opiniões, práticas... diversas e por vezes dispersas,

ela não deve, no entanto, conduzir à idéia segundo a qual a disposição seria necessariamente geral, transcontextual e ativa em cada momento da vida dos atores. A procura da coerência tem que ser acompanhada por uma preocupação com a delimitação das classes de contextos, das áreas de pertinência e de atualização da disposição reconstruída.

Para esta pesquisa, tal característica exigiu que fossem mantidas em espreita perguntas como:

evidenciam-se, nas práticas culturais vinculadas a diferentes universos, elementos que permitam ser interpretados como produtos de uma mesma disposição ou sistemas de disposições? E em práticas vinculadas ao mesmo universo? Qual é a natureza da transferência em questão (que aspecto é transferido)? E se, em vez de se generalizar, as disposições estivessem, por vezes, simplesmente inibidas ou desativadas para deixar lugar à formação ou à ativação de outras disposições? E se elas se pudessem limitar a não ser mais do que disposições sociais específicas, com domínio de pertinência bem circunscrito, aprendendo, o mesmo indivíduo, a desenvolver disposições diferentes em contextos sociais diferentes? E se, em vez de um simples mecanismo de *transferência de um sistema de disposições*, estivéssemos a lidar com um mecanismo mais complexo de *suspensão/ação* ou de *inibição/ativação* de disposições que supõem, com toda a evidência, que cada indivíduo singular seja portador de uma pluralidade de disposições e atravesse uma pluralidade de contextos sociais? Como é que o indivíduo vive a pluralidade do mundo social, bem como a sua própria pluralidade interna? O que é que esta pluralidade (interior e exterior) produz na economia psíquica, mental dos indivíduos que a vivem? Que disposições o indivíduo investe nos diferentes universos (no sentido lato do termo) que é levado a atravessar? Como distribui ele a sua energia e o seu tempo entre esses mesmos universos? (LAHIRE, 2005, p. 25).

Nas disposições, é possível identificar pelo menos duas “naturezas”, as disposições para crer e as disposições para agir. As primeiras “são mais ou menos formalmente incorporadas pelos atores individuais, mas não podem ser sistematicamente assimiladas a disposições para agir” (ibidem, p. 17). Esse aspecto é muito importante porque permite diferenciar crenças, com uma efetiva disposição para a ação, ou seja, acreditar em alguma coisa não é suficiente para impulsionar o sujeito à ação (Figura 12). A diferença entre essas duas disposições estaria, segundo Lahire (ibidem, p. 18), na base de “fenômenos como a *ilusão*, a *frustração* ou a *culpabilidade*”.

O fenômeno da inconsistência entre os hábitos de ação e os hábitos mentais ou discursivos explica-se pelo fato de que os agentes que carregam determinadas crenças podem sedimentar essas convicções de forma independente das disposições para agir, as quais podem ser incorporadas num processo paralelo (ibidem, p. 19). Isso implica que devem ser observadas, de forma cuidadosa, quais são as disposições que estão sendo avaliadas quando se investigam as práticas culturais.

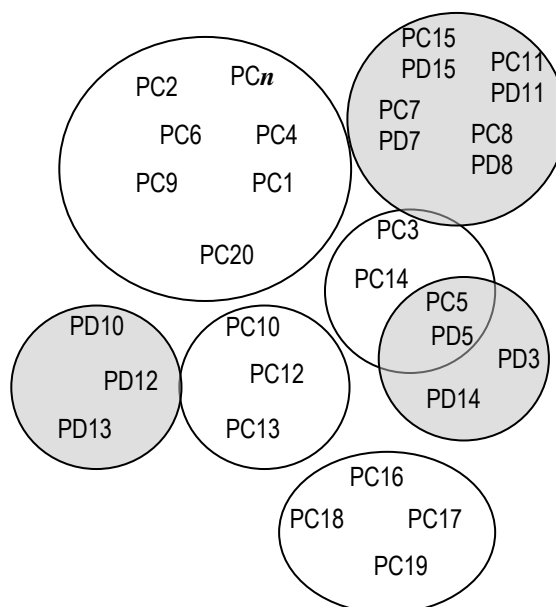


Figura 12 - Relações possíveis entre as disposições para agir e as disposições para crer

Legenda: Círculos: disposições indutoras; PC: práticas culturais realizadas pelo sujeito; PD: prática discursiva (crença sobre o universo da prática cultural considerada).

Fonte: elaboração própria.

Tomando como parâmetro as ideias (e questões) sobre as disposições apresentadas por Lahire, procuro compreender disposições que subjazem ao envolvimento com PMCTL, no bojo do patrimônio disposicional que sujeitos mobilizam nos diferentes contextos que atravessam cotidianamente. Será que disposições para o envolvimento com o campo dos exercícios físicos ou esportes têm origem em contextos de socialização específicos (experiências esportivas) ou podem ter sua origem em outros contextos sociais? Que tipo de relação sujeitos podem estabelecer com suas inclinações para o envolvimento (ou abandono) com as PMCTL? As disposições para o envolvimento com PMCTL são comuns a outras dimensões das práticas culturais do sujeito (transferibilidade) ou se restringem apenas a essa dimensão? d) É possível identificar a coexistência de disposições para crer e para atuar no universo das PMCTL?

4.2 IDENTIFICAÇÃO DAS DISPOSIÇÕES PARA O ENVOLVIMENTO COM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO: PROCESSOS METODOLÓGICOS

Para esta terceira etapa da pesquisa, os caminhos metodológicos foram diferentes dos instrumentalizados nas fases anteriores. Tendo como objetivos: a) Descrever as disposições

dos sujeitos para o envolvimento em distintas práticas culturais, os vínculos com as PMCTL e os contextos de atualização; b) Compreender o processo de constituição e atualização nos contextos disponíveis e acessíveis de atividades esportivas e programas de exercícios físicos em diferentes momentos da trajetória dentro do espaço social e c) Interpretar a constituição das disposições para o envolvimento em PMCTL, escolhi desenvolver um estudo com base em “retratos sociológicos” (LAHIRE, 2004a).

O retrato sociológico é um dispositivo metodológico inédito desenvolvido por Lahire (2004a), que tem como base a ideia de que as disposições para a atuação no universo social se constituem no conjunto de processos de socialização. Para tanto, os atores guardariam em si, sob a forma de disposições mais ou menos densamente constituídas, os traços do conjunto dessas experiências socializadoras heterogêneas e, às vezes, claramente contraditórias (idem, 2006a, p. 351). Além disso, as disposições seriam passíveis de serem reveladas, assim como a origem das mesmas, se o pesquisador tivesse acesso a um conjunto importante de dados sobre diferentes formas de atuar, pensar, avaliar, sentir, operar de um mesmo sujeito, bem como a informações sobre sua trajetória pessoal, ou seja, se elaborado um retrato¹⁷⁸ do agente pesquisado.

Tendo esses pensamentos como pano de fundo, escolhi fazer esse estudo com diversos¹⁷⁹ sujeitos com características sociais e padrões diferentes de envolvimento com as práticas corporais. No entanto, como já comentei, devido a ter subestimado o tempo necessário para a exposição completa das análises de cada caso, reconfigurei essa parte da pesquisa, apresentando dois casos dos que inicialmente tinha imaginado como possível.

A escolha dos casos de Leonardo e Rodrigo teve como base a ideia de que ambos são oriundos de espaços socioeconômicos e familiares semelhantes, mas com percursos diferentes no que diz respeito ao seu vínculo com as práticas corporais. Dessa forma, parti da concepção de que o espaço social potencialmente teria oferecido possibilidades similares enquanto os sujeitos compartilharam uma série de vantagens de sua posição de classe. Por exemplo: não ter necessidade de trabalhar até serem jovens-adultos, não ter restrições econômicas para frequentar espaços potencialmente incentivadores de PMCTL, acesso a educação básica e superior sem nenhum tipo de interrupção e vínculos sociais com uma rede de consumos socialmente legítimos. Nesse contexto, as experiências familiares e em outros espaços institucionais de formação assumem um peso maior na socialização.

¹⁷⁸ Retrato é definido como uma “representação da imagem de uma pessoa real, pelo desenho, pintura, gravura, etc., ou pela fotografia” (FERREIRA, 1999). Neste caso, o material utilizado para elaborar a representação são as informações sociológicas.

¹⁷⁹ Inicialmente pensei desenvolver esta parte da pesquisa com aproximadamente 16 casos.

Diferente seria se fossem espelhadas pessoas oriundas de diferentes espaços sociais, já que a distância socioeconômica se traduz, na maioria das vezes, em oportunidades de vida muito diferentes. Por exemplo, todos os homens de classe popular entrevistados nesta pesquisa começaram a trabalhar antes dos 15 anos de idade; as ocupações desenvolvidas não tiveram um caráter propedêutico, e sim de auxílio no sustento da família; todos relataram restrições econômicas que dificultaram o acesso a outras formas sistematizadas de cultura que não a escola; frequentaram redes de socialização caracterizadas pelos consumos de pouca legitimidade; e, ainda, muitos deles interromperam a escola antes de completar a educação básica.

Na mesma lógica, entendo que teria menos proveitoso descrever um caso de cada gênero. Também assinalado em etapas anteriores, o vínculo de homens e mulheres com as PMCTL (quando considerado seus conjuntos) são diferentes, logo o *diálogo* faria sobressair as experiências generificadas sobre aquelas originadas pela sua trajetória no universo social do sujeito.

Assim, inevitavelmente, a escolha dos sujeitos analisados moldou as possibilidades de reflexão, ao passo que ajudou a evidenciar algumas características e não outras. A escolha desses dois casos faz com que a análise se detenha mais na trajetória do sujeito na conformação de suas disposições do que no espaço social e nas oportunidades e demandas generificadas. No entanto são os limites e as possibilidades deste momento-síntese da pesquisa.

Também nessa linha é importante salientar que a ideia de trabalhar com dois casos, e não apenas com um, teve como propósito que *um objeto iluminasse o outro* e não o da comparação o da generalização. Tratam-se de casos particulares, olhados um com ajuda do outro.

Seguindo o dispositivo metodológico proposto por Lahire, a coleta dos dados constituiu-se de uma série de entrevistas com os mesmos sujeitos, que versaram sobre suas práticas, seus comportamentos, suas maneiras de ver, sentir, agir, em diferentes domínios de práticas (ou esferas de atividade) e em microcontextos (no interior desses domínios de práticas) diferentes (2004a, p. 33). Desse modo, entrevistei várias vezes o mesmo sujeito sobre temas relacionados a profissão, formação escolar (acadêmica), família, sociabilidade, lazer, práticas culturais e cuidados com o corpo (saúde, alimentação, práticas corporais e estéticas).

As entrevistas tiveram como propósito revelar um agregado de dados que permitisse descrever as disposições que embasam o engajamento dos pesquisados com práticas corporais

e os possíveis vínculos com outras disposições, bem como entender sua relação com os espaços sociais a que os sujeitos pertencem e/ou pertenceram e seu respectivo percurso biográfico. Assim, para colher elementos que permitissem tecer conjecturas sobre a origem dessas disposições, procurei selecionar informações sobre os seguintes aspectos:

- o grau de extensão e heterogeneidade dos universos, grupos ou indivíduos freqüentados; trata-se de ver especialmente se os pesquisados sofreram uma exposição (mais ou menos precoce) a contextos socializadores (instituição, grupo) ou a indivíduos [...] com os quais o pesquisado tenha podido se identificar portadores de princípios de socialização diferentes [...]. De fato, em um estado particularmente avançado da diferenciação das condições e funções sociais (da divisão do trabalho social) impõe-se a questão das influências socializadoras heterogêneas e de seus efeitos sobre a constituição dos patrimônios de disposições individuais;

- a variação *diacrônica* das disposições, em função dos momentos no percurso biográfico, e a variação *sincrônica* das disposições em função dos contextos (atualização específica ou geral das disposições) [...]; e

- as crises – grandes ou pequenas – ou as tensões que podem ser reveladoras de contradições ou defasagens entre as disposições do pesquisado e as requeridas por uma situação, uma instituição... ou portadas por outros indivíduos freqüentados; a adaptação e o ajuste progressivo das disposições ou seus estados de vigília (vividos ou não como “frustração”); os confrontos (e possíveis atritos) de disposições. (LAHIRE, 2004a, p. 26).

Um elemento importante, do ponto de vista metodológico, que levei em conta no desenvolvimento do trabalho se refere ao efeito que o entrevistador causa sobre as informações fornecidas pelos pesquisados. A realização de várias entrevistas por um mesmo pesquisador, como apontado por Lahire (ibidem), pode ter efeitos sobre as narrativas dos entrevistados, especialmente no que se refere a diminuir os indicativos sobre a heterogeneidade do patrimônio de disposições. Possivelmente, se as entrevistas desenvolvidas com um mesmo pesquisado fossem conduzidas por entrevistadores diferentes, se favoreceria a expressão de disposições heterogêneas e, mesmo, conflitantes. Isso porque, por um lado, o entrevistado teria menos compromisso em guardar coerência no relato de uma entrevista a outra e, por outro, pela tendência a não se posicionar da mesma forma frente a entrevistadores com características diferentes (dirigir-se a um homem ou a uma mulher, a uma pessoa mais velha ou mais jovem). Entretanto compartilho com o autor quanto à ideia de que colocar os pesquisados na situação em que sejam entrevistados por um pesquisador diferente, em cada nova entrevista, tornaria mais difícil ainda um dispositivo metodológico que já é pesado (muitas horas de entrevista), ficando mais complicado encontrar sujeitos dispostos a participar da investigação.

Além disso, há pelo menos uma vantagem nessa forma de proceder: um maior nível de confiança do entrevistado em relação ao pesquisador, facilitando possíveis *revelações* que seriam mais difíceis de serem expostas para um desconhecido. Isso foi particularmente surpreendente com alguns entrevistados que *confessaram* detalhes de suas vidas sobre os quais mantinham bastante reserva, inclusive para pessoas muito próximas. Assim, tratando de diminuir a possibilidade de forçar o pesquisado à coerência, implícita ou explícita, com relatos precedentes, segui as recomendações do autor, de realizar as entrevistas com intervalos de, no mínimo, uma semana, dificultando desse modo apresentações muito controladas de si mesmos.

Na mesma linha, evitei ouvir o áudio ou fazer leituras das transcrições das entrevistas durante o processo de coleta de dados. Tive dúvidas em fazê-lo ou não. Mas, em conversa com o orientador do trabalho, concluímos que seria melhor acompanhar a lógica das entrevistas: *Não ir atrás de regularidades* que pudessem, de alguma forma, *contaminar* ainda mais as entrevistas, no sentido de as perguntas estarem balizadas por um esforço confirmatório, de minha parte, de uma hipótese construída nas primeiras entrevistas sobre o patrimônio disposicional do investigado. Tentei ir aos encontros com um *espírito* de me deparar com alguém *novo* a cada entrevista.

Um dos grandes desafios da pesquisa foi conseguir sujeitos, dentro dos perfis necessários, dispostos a participar da investigação. A primeira estratégia foi contatar pessoas dentro do universo dos que participaram das etapas anteriores, mas, como não consegui todos os voluntários, tive de procurar outros sujeitos. Em relação a esse aspecto, segui, em parte, uma sugestão de Lahire (2004a). O autor destaca que um cuidado metodológico a ser levado em conta quando se trabalha com essa proposta é que o entrevistador seja conhecido dos pesquisados, sem ser próximo, para que eles possam falar num clima de confiança. No entanto, como não se tratava de entrevistar *qualquer*¹⁸⁰ sujeito, e sim pessoas com perfis específicos (combinação de envolvimento em PMCTL e localização social), busquei o auxílio de pessoas conhecidas para intermediar os contatos.

Além da entrevista, em todos os casos foram efetuadas anotações etnográficas sobre a forma como aconteceram os contatos, o modo e o local em que se desenvolveram as entrevistas. Tentei, ainda, conseguir outros recursos, afora as entrevistas, para obter informações sobre os pesquisados (por meio de terceiros, conhecidos comuns, internet), ou para ter acesso a suas atividades. As entrevistas foram realizadas no lugar de preferência dos

¹⁸⁰ No sentido que no trabalho de Lahire (2004) a ideia era compreender o funcionamento das disposições em seu conjunto, enquanto neste era conhecer o as disposições vinculadas às PMCTL, em particular.

pesquisados e gravadas com o devido consentimento. Também foram observados, nesse aspecto, os cuidados éticos determinados pela Resolução 196/96, relativos ao *Consentimento Informado* (Apêndice 15).

4.3 ANÁLISE DOS CASOS

A análise dos casos foi um processo longo e cheio de dúvidas. Em linhas gerais, seguiu três etapas. A primeira constituiu-se da leitura das transcrições e divisão dos diferentes fragmentos nos temas que conformaram a descrição do caso. A segunda foi a elaboração da descrição do caso, durante a qual busquei fazer uma síntese sobre as formas de atuar, pensar e valorar descritas pelo sujeito em relação a diferentes âmbitos de sua vida e trajetória. Enquanto fazia esse procedimento, mantinha aberto outro texto no qual ia lançando as interpretações e hipóteses que formulava na medida em que avançava no relato. Finalmente, a terceira etapa consistiu na produção de um texto analítico para cada um dos casos, tendo como propósitos balizadores a identificação da existência (ou não) de disposições comuns em diferentes práticas sociais dos sujeitos e sua relação no envolvimento com as PMCTL; a relação entre disposições subjacentes às PMCTL e o contexto de atualização (inibição) na trajetória de vida do sujeito dentro do espaço social e, ainda, quanto à localização dos possíveis espaços/relações/situações em que as disposições subjacentes (junto com as competências e os significados atribuídos) foram socialmente forjadas/constituídas. As análises mantêm certa independência, mas, inevitavelmente, interpenetram-se.

Na leitura das entrevistas, procurei operar com a ideia de que uma disposição é uma “realidade construída” (LAHIRE, 2004a, p. 27) e, como tal, não pode ser apreendida a olho nu. Logo, falar de disposições significa sempre falar de interpretações. Isso implica dizer que, como salienta o autor, no momento em que passamos a trabalhar com um conceito que assume contornos mais definidos, com o qual podemos pensar práticas, representações, decisões e apreciações dos agentes, é fundamental conhecer os limites empíricos de seu uso e, conseqüentemente, os cuidados metodológicos e teóricos que devemos observar quando operamos com ele. Nesse sentido, Lahire (ibidem, p. 27-31) lista um conjunto de orientações, que reproduzo a seguir: 1) Toda disposição tem uma origem que podemos, pelo menos, nos esforçar para situar (instância e momento da socialização) ou para reconstruir; 2) A noção de disposição supõe uma série de comportamentos, atitudes e práticas que sejam passíveis de observar de maneira coerente. Não é correto aventar a possibilidade de deduzir uma

disposição a partir de apenas um acontecimento registrado ou observado; 3) Por ser o produto incorporado de uma socialização passada, a disposição só se constitui a partir da repetição de experiências semelhantes. A incorporação de hábitos ou disposições não se realiza de uma só vez. Da mesma forma, as percepções não são todas equivalentes quanto a precocidade, duração, sistematicidade e intensidade de sua incorporação. O autor prossegue na elaboração de suas orientações (LAHIRE, 2004a, p. 28-29):

4) Embora a noção de disposição implique uma operação cognitiva que evidencia a coerência de comportamentos, opiniões, práticas diversas e muitas vezes dispersas, não se deve pensar que, obrigatoriamente, a disposição deve ser geral, transcontextual e ativa em todos os momentos da vida dos atores. A busca da coerência deve ser acompanhada de uma preocupação com a delimitação das classes de contextos, áreas de pertinência e atualização da disposição reconstruída. Deve-se lutar contra os abusos de generalizações e os supostos efeitos de uma disposição [...]. A questão de saber se a disposição é específica a um contexto particular (especializado) ou geral não deve ser resolvida antes da pesquisa empírica [...]. Há um grande risco de fazer surgir “disposições genéricas”, devido ao simples abuso de linguagem (no sentido de Wittgenstein), tornando comuns realidades perfeitamente diferentes [...]. Para poder falar da transferência de uma disposição de um contexto para outro, os contextos em questão devem ser necessariamente diferentes. No caso em que a mesma situação se repete, não se pode falar de transferência como aproximação prática de natureza analógica (semelhança na diferença);

O quinto ponto destacado por Lahire indica que “uma disposição não é uma resposta simples e mecânica a um estímulo, mas uma maneira de ver, sentir ou agir que se ajusta com flexibilidade às diferentes situações encontradas”. No entanto, continua o autor, não é sempre que a disposição se ajusta ou adapta, e este tampouco é o único processo na vida de uma disposição, que pode ser inibida (colocada em vigília) ou transformada (devido a sucessivos reajustes). O sociólogo dá continuidade às suas orientações (ibidem, p. 30):

6) Conceitualmente, é importante distinguir realidades ou situações diferentes, em vez de reduzir tudo a uma noção muito vaga de “disposição” que, pela sua amplitude, acaba perdendo sua pertinência relativa. Portanto, é importante, mesmo a título de clarificação analítica, distinguir “competências” (ou “capacidades”) de “disposições” (reservando este termo para as situações em que há tendência, inclinação, propensão e não um simples recurso que pode ser mobilizado potencialmente), ou ainda distinguir as disposições que estiverem acompanhadas de apetências (*paixão*), de desgostos/rejeições (*mania de limpeza, mau hábito*) ou de indiferença (*rotina, automatismo*);

Finalizando, Lahire afirma que “o problema da natureza e da organização do patrimônio individual das disposições deve ser estudado por meio do trabalho empírico e não deve ser resolvido antes de ter sido colocado pelo uso de termos muito exigentes, como sistemas de disposições”. E ainda traz questões as quais considera que devam ser resolvidas empiricamente, não meramente regulamentadas na ordem teórica e retórica: “Como certas disposições se combinam entre si para dar conta dos comportamentos neste ou naquele

contexto de ação? Como podem entrar em conflito e travar a ação ou a decisão?” (LAHIRE, 2004a, p. 30).

Outro ponto importante nesse processo, como já mencionado, refere-se à necessidade de diferenciar as disposições para crer (crenças) das disposições para agir. Nesse aspecto, Lahire (2005, p. 20) adverte que essas diferenças “complicam a investigação sociológica e obrigam o investigador a perguntar-se sempre que efeitos precisos de tipo de socialização ele realmente mediu”. O alcance de cada análise dependeu, também, do grau de aprofundamento que consegui nas entrevistas. Se não avancei no mesmo grau com os dois sujeitos, foi por imperícia de minha parte, mas também porque nem todos os sujeitos conseguiram ou estiveram dispostos a permitir a imersão em sua vida. Não quero com isso me alienar da responsabilidade sobre o processo, mas apenas marcar que, no espaço de negociação entre o entrevistado e o entrevistador, os resultados não foram iguais.

4.3.1 Leonardo CARRARO

Leonardo, 37 anos, nasceu numa cidade média do interior gaúcho. Residente em Porto Alegre desde 1995, é casado há sete anos e tem uma filha (2 anos). É funcionário especializado da área jurídica na administração pública, formado em Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mora num apartamento próprio num bairro¹⁸¹ da região noroeste da cidade¹⁸². Por suas atividades laborais, tem um rendimento de aproximadamente 18.000 reais por mês. A esposa trabalhou durante vários anos numa empresa familiar, mas há pouco mais de um ano basicamente se dedica a estudar para concursos públicos. É formada em Relações Públicas numa universidade particular. Leonardo faz Pilates duas vezes por semana, numa academia especializada relativamente perto de sua residência.

A escolha de Leonardo foi motivada por ele ter um perfil de tendência convergente quando considerando o tipo de prática corporal que realiza e o espaço social em que se localiza, segundo o estabelecido na primeira parte deste trabalho.

O contato foi mediado pelo orientador da pesquisa e, quando sondado sobre seu interesse, se mostrou imediatamente disponível. Depois de uma conversa inicial por telefone, marcamos uma entrevista na qual acordamos a possibilidade de continuar com a investigação.

¹⁸¹ Rendimento médio mensal no ano 2000: 25,76 salários mínimos.

¹⁸² Segundo a regionalização da cidade no Orçamento Participativo.

Foram realizadas cinco entrevistas, com intervalos regulares de uma semana. Após as entrevistas, houve ainda mais um contato (sete meses depois), para uma explanação sobre o andamento do trabalho, como também para confirmar e complementar algumas informações. No total, foram dez horas de conversa. Todos os encontros aconteceram no seu domicílio, entre as 9 horas e o meio-dia. Os diálogos não tinham hora marcada para terminar; porém, procurei fazer com que não excedessem o meio-dia. Leonardo mostrou-se muito disponível para participar das entrevistas, chegou a propor que fizéssemos mais de uma entrevista por semana para auxiliar-me antecipar a conclusão da etapa de coleta de dados.

As entrevistas transcorreram sem problemas. No transcurso dos diálogos, Leonardo se descreveu como uma pessoa tímida e com algumas dificuldades para estabelecer conversações com desconhecidos. No entanto, não percebi nenhum tipo de dificuldade para falar de si. Parece que não entrevistei a pessoa que ele descreveu. Da mesma forma, sempre se mostrou bastante interessado em expandir as conversas, querendo conhecer aspectos de minha vida e da pesquisa. A família foi um tema que o emocionou bastante. Mas, fora esse assunto, não notei maior acanhamento para falar sobre as diferentes dimensões de sua vida. Leonardo teceu, em vários momentos das entrevistas, análises sobre a origem de sua forma de atuar e pensar. Parece que ele reflete com frequência sobre esse aspecto. Nunca fez terapia.

Sempre se mostrou satisfeito com a ideia de estar participando de uma pesquisa. Em vários momentos, perguntou sobre o trabalho e os pressupostos teóricos que o suportam. Dentro do possível, tentei evitar dar maiores detalhes sobre as linhas de análise da pesquisa. A ideia era evitar que ele aprofundasse os exercícios de autoanálise. Indagado diretamente sobre a experiência de ser entrevistado, manifestou sua conformidade com o trabalho, destacando apenas a conversa sobre as relações parentais como um tanto desestabilizadora: “Me senti desconfortável, naquela nossa conversa de família, fora isso não. Mais ou menos lido bem com as minhas limitações, mais ou menos me aceito, na maioria dos assuntos. Essa questão de convívio social é um pouco, é um troço em que preferia ser diferente, mas não ao ponto de resolver. O resto [sem problemas]”.

Uma rotina impregnada pelo trabalho e fortemente centrada na vida familiar

Leonardo acorda por volta das 6h 30 min, 7h, todos os dias. Toma chimarrão e lê o jornal. Fora das duas vezes na semana que vai fazer Pilates e, dependendo da demanda de trabalho, ocupa o resto da manhã com os processos que não conseguiu dar conta no serviço no

dia anterior. O almoço é ao meio-dia, em casa e em família. Eles têm uma empregada que, além de cuidar da sua filha, faz as tarefas domésticas e cozinha.

À uma hora da tarde sai para o trabalho. Fica lá até por volta das 17h. Tem procurado sair antes das 18h para evitar o engarrafamento que toma conta da cidade nesse horário. À noite, se a demanda do trabalho está muito grande, eventualmente pode continuar trabalhando nos processos que não conseguiu dar conta no horário normal: “Tenho essa facilidade de trazer o trabalho para casa, então, o que não consegui fazer da 1 às 5h, trago pra casa e faço”. Quando não, Leonardo cuida da filha, liberando a esposa para que ela continue estudando para concursos públicos. Esse projeto familiar tem sido um importante vetor de organização da rotina do casal no último ano. Não costuma jantar. Come diversos lanches desde que chega do trabalho até à hora de dormir. Deita por volta das 22h 30 min e 23h.

No sábado, acorda no horário de sempre e vai à "Feira da José Bonifácio"¹⁸³ comprar frutas e verduras para a semana. Quando retorna, atende à filha, que nessa hora está levantando. Com clima favorável, leva a menina à pracinha e ficar lá das 10h às 11h 30 min. O almoço é geralmente em alguns dos restaurantes do “Bom Fim”¹⁸⁴. Antes de a esposa começar a estudar, era comum ficar à tarde nos cafés do passeio, conversando com amigos. Atualmente, retorna a casa. No domingo, Leonardo acorda um pouco mais tarde. Gosta de assistir ao “Globo Rural” (8h). O almoço geralmente é na casa dos sogros. À tarde, normalmente ficam em casa.

Família: ontem e hoje

Leonardo é o primogênito de uma família de quatro filhos que residia no interior gaúcho até o final da década de 80, quando se mudou para a cidade de Campo Grande-MS. O pai dele é filho de imigrantes italianos assentados na região rural do noroeste rio-grandense. Formado em Agronomia numa universidade pública, se dedicou basicamente à comercialização de insumos para agricultura (fertilizantes) até à sua aposentadoria. A mãe nasceu numa família tradicional da cidade, se formou em música e letras e trabalhou como professora numa universidade comunitária até a mudança da família para o Mato Grosso do Sul. Na nova cidade, se dedicou a trabalhar com aulas particulares e, em algumas escolas, com música.

¹⁸³ É uma feira de alimentos sem agrotóxicos, produzidos e comercializados, em grande medida, por pequenos proprietários, conhecida também como Feira da Colmeia.

¹⁸⁴

A origem socioeconômica dos pais é muito diferente. Quando conversamos sobre isso, Leonardo percebeu que ele não sabia como as famílias dos genitores tinham lidado com essa diferença na época que eles começaram a namorar: “Não sei como é que meu pai, de família pobre, casa com a minha mãe. Não entendi bem como é que..., não sei como é que eles casam”. A família de origem foi um tema muito presente nas entrevistas. Particularmente a figura do pai foi invocada diversas vezes durante as entrevistas, na descrição das diferentes dimensões da vida de Leonardo. Também descreveu a si mesmo, mostrando as semelhanças e diferenças com o progenitor.

Ao longo das entrevistas, se evidencia a importância da matriz de socialização familiar, marcada, de forma particular, pela figura do pai, na construção de disposições fortes, e transferíveis, mais tarde, às diversas situações extrafamiliares (trabalho, estudo) e, em menor grau, para o familiar. Isso, em parte, pela luta interna de Leonardo para controlar algumas disposições “herdadas” no que respeita à gestão de suas relações afetivas. Particularmente, no que respeita a ser pai.

O pai de Leonardo teve uma marcada ascensão socioeconômica, tomando como referência sua origem familiar. Esse deslocamento foi produzido, tanto pela trajetória acadêmica, quanto e, particularmente, pelo crescimento no campo profissional, em especial na etapa compreendida entre os 25 e os 47 anos. O ápice foi durante a época em que atuou como gerente regional de uma empresa que comercializava adubos. Era responsável pela zona oeste dos estados do sul do país, gerenciando um grande grupo de funcionários. Foi um período de marcado crescimento patrimonial: “Além de ter [dinheiro], construiu uma casa muito boa, comprou uma moto, comprou um carro antigo e reformou, e construiu um edifício; então as coisas estavam bem”.

Leonardo dedicou várias passagens da entrevista à descrição do pai. Em linhas gerais, o retrato não sofreu mudança nas diferentes épocas descritas. Ele foi sempre o condutor da casa e quem marcou o ritmo de seus integrantes: “É o comandante da família, um cara que coordena tudo, que centraliza”. Aparece como um sujeito reservado, de poucas palavras, geralmente mal humorado ou com aparência de está-lo: “Meu pai é um cara muito carrancudo, muito brabo, muito briguento”. Nunca foi de conversar. Duas características se vinculam com essa dimensão. Por um lado, ele não gosta de (e se irrita com) conversas que não sejam pautadas por algum fim prático ou claramente informativo. Os diálogos com Leonardo, geralmente, são pautados por perguntas quase protocolares sobre o trabalho e estado de saúde. Isso não significa, no entanto, desinteresse pela vida do filho, mas no entendimento de que ter informações básicas sobre esses assuntos mais importantes é

suficiente, o diálogo não flui muito além disso. Até já se irritou com a esposa de Leonardo, por ela ter um perfil diferente de interação, mais comunicativo: “Meu pai estranha muito, ele tem uma resistência [à forma de agir da esposa]. Ela chega e senta e pergunta no almoço: „Ah, como é que tu estás? E a tua amiga fulana de tal está bem? Ah, nasceu o filho? Que dia? Por quê? Nanana“. O meu pai fica bravo e diz: „Ah, por que tu quer saber tudo isso?“ [...] „Eu só faço pergunta importante, não essas coisas aí“”.

Por outro lado, outra característica que atravessa o diálogo com o progenitor é o fato de que fica irritado com muita facilidade frente às diferenças com seus interlocutores, não aceitando divergências: “Tenho esse problema com meu pai, de não conversar sobre nada, tem que cuidar muito para não estabelecer um conflito, senão é um horror”. Quando o conflito acontece, a interrupção do diálogo é total. Pode que o não falar mais do pai com essa pessoa dure bastante tempo. É assim desde que Leonardo era criança. Após uma discussão, o pai podia ficar sem falar com ele por uma semana. Os relatos sobre esse assunto são particularmente desconfortáveis para Leonardo.

Outro traço do perfil acentuado nas descrições do pai é o controle rígido sobre os gastos. O limite do que seria um consumo admissível parece ter sido sempre bastante estreito: “Tem uma enorme dificuldade em ir a um restaurante e pagar o valor da refeição. Ele acha um absurdo, porque ele faz as compras no mercado e compara os preços. Ele raciocina que poderia ter comprado [os ingredientes] e feito a refeição em casa. Ficaria tão bom quanto e ele pagaria um terço do preço [...]; ele não consegue, é um tormento para ele pagar R\$ 50 por um almoço, independente se é justo ou não. Ele não consegue”. O custo da compra condiciona o desfrute que possa conseguir com o serviço e/ou produto adquirido. Essa opinião não é apenas a de Leonardo, seus irmãos fazem uma leitura similar. Por outro lado, a família reconhece que o pai é uma pessoa competente quando o assunto é lidar com as finanças. Não é raro que ele e os irmãos o consultem quando necessitam tomar decisões neste campo: “A gente sabe que ele lida bem com o dinheiro, ele não desperdiça, isso ele nos ensinou: a não gastar dinheiro com bobagem e tal; sempre que tenho dúvidas, converso com ele sobre esse assunto”.

A ascensão social do pai não foi acompanhada da incorporação dos modos de etiqueta aparentemente exigidos no novo espaço social. Isso faz Leonardo supor que o pai nunca se sentiu à vontade nos cenários de sociabilidade que seu progresso econômico oportunizou: “O meu pai tem um pouco disso, essa insegurança com o comportamento junto a pessoas que têm um pouco mais de dinheiro. [Esse fato] foi muito presente na vida dele”. Nessa linha, também suspeita que o pai evite espaços sociais em que o prestígio esteja fortemente atrelado ao patrimônio, sendo este um dos motivos pelo qual o pai faz tudo o possível para não visitar a

cidade natal. Parece que as comparações sociais que enfrenta por lá o deixam bastante desconfortável: “Ele sempre foi de ter a autoestima mais baixa”.

O pai tem problemas para ocupar-se com atividades de lazer, reservar um tempo para fazer o que gosta. Em geral, as atividades produtivas parecem ser as únicas a que ele dá valor: “Ele tem certa dificuldade de fruir as coisas da vida, não se dá o direito de ficar sem fazer nada¹⁸⁵”.

A mãe aparece como um contraponto em várias das características descritas no pai. Ela, em geral, é apresentada em contraste com seu esposo: “A minha mãe é mais de conversar, de ouvir, de ponderar [...], é mais doce [...], mais atenciosa. Ela não é muito de tocar e beijar nem meu pai, não tem muito contato físico lá em casa, [mas] sempre foi alguém muito próxima, muito disponível”. Ela também tem um padrão de consumo bastante econômico, mas menos rígido que o pai. Também não tem as mesmas competências no que se trata do manejo de finanças: “Ela não tem nenhuma habilidade para isso, nenhuma é maldade, mas [...] acho que por perfil e porque nunca deixaram ela fazer. Na casa do meu avô era ele quem administrava, praticamente a minha avó não sabia fazer isso e, na casa do meu pai, a mesma coisa, mesmo as coisas dela [propriedades herdadas]”.

A família de origem de Leonardo se caracteriza pela pouca comunicação. Em geral, não é comum aprofundarem as conversas. Fala um pouco mais com a irmã e com a mãe, mas não como sua esposa consegue: “Aquela conversa leve, amena, não flui”.

A família de sua esposa representa um modelo de convivência muito diferente, identificando aspectos positivos e negativos. Os positivos se vinculam à explicitação do afeto (“Eles dizem mais „te amo”, tocam mais, dão mais beijos, a minha família é muito mais formal”) e pelo fato de as desavenças não impossibilitarem o convívio (“brigam e dali a pouco dão um beijo; na minha família, tu brigas e estás brigado [...]. Quando minha esposa trabalhava com o pai dela e com as irmãs, eles brigavam muito por causa da empresa. Umhas divergências absurdas, só que saíam dali e iam jantar na casa um do outro superbem”). Essa forma de relação por muito tempo causou estranheza a Leonardo, pois, em sua concepção, briga é briga: “Aquilo, para mim, era inconcebível. O meu cérebro não funciona assim. Meu comportamento não é esse, então procuro controlar, sou briguento. A minha briga não é uma coisa de momento. Guardo aquilo, e fico com aquilo guardado. Eles não; dizem que está chato

¹⁸⁵ “E o meu pai se aposentou e ficou muito atrapalhado no começo. Não sabe sentar e não fazer nada, não consegue sentar e olhar para a rua. Ele tem que fazer alguma coisa. Então agora ele começou a operar com a Bolsa de Valores, e acho que fez muito bem pra cabeça dele. Com o jeito de ser produtivo ele não consegue isso, fruir a aposentadoria, então acho que está bem, a cabeça está ativa, conversa, circula e tal, acho que tá fazendo bem para a cabeça dele”.

mais dali a meia hora convidam para jantar”. Por outro lado, como ponto negativo, estranha bastante a falta de organização no “funcionamento” da família da esposa, particularmente, no que se refere a misturar relações afetivas com o negócio no qual todos trabalhavam (“Acho um horror, acho uma bagunça!”).

Ascetismo familiar centrado no trabalho

Leonardo passou a infância e parte da adolescência no Rio Grande do Sul. As lembranças da época são bastante positivas. Uma infância marcada por pautas da organização familiar bastante rígidas.

Integra a lista, entre outros, o consumo controlado. Era uma pauta que atravessava o conjunto dos gastos, mas, em seus relatos, se destacam as negociações em torno da compra de vestuário: “Lembro de querer um tênis um pouquinho melhor e a minha mãe dizer: „Não, esse tênis é muito caro, não se justifica [... ela dizia:] „A mãe te dá X“. Só que com esse X não comprava um tênis que gostaria de ter, aí peguei a minha mesada guardada, fui lá e comprei”. Nesse marco, Leonardo também tinha o hábito de poupar sua mesada.

É possível identificar, neste ponto, que a defasagem entre o padrão de consumo do grupo de referência de Leonardo e aquele estabelecido pela família, o incomodava. Tanto que ele sempre admite ter chegado a ser um poupador da mesada e, inclusive, dispôs-se a sacrificar parte desse recurso para salvar a diferença simbólica com os colegas. Aparentemente, a relação com o consumo conspícuo continua sendo tensa.

Também foi uma educação pautada sobre o dever e a responsabilidade: “Lá em casa era mais ou menos assim: nós tínhamos a escola e tínhamos obrigações em casa. Quanto mais crescíamos, mais obrigações nós tínhamos [...]. Sempre tinha uma pergunta [do pai]: „O que vocês vão fazer à tarde?“ Nós não tínhamos a tarde livre, nós tínhamos que fazer sempre alguma coisa pela casa. Ou cuidava das galinhas e dos coelhos, ou cortava a grama, ou lixava a madeira da sacada para passar verniz. Desde muito cedo, a gente tinha esse senso de obrigação na família. Nós não éramos crianças que chegavam da escola e os pais iam trabalhar à tarde e nós ficávamos sem fazer nada. Nós sabíamos que nós tínhamos obrigações”. Parece que a ideia de educação adequada passava mais pela ideia do trabalho que por outro tipo de investimento formativo (estudar, fazer cursos complementares, praticar esportes). Não significa que os irmãos fossem proibidos de participar de atividades de lazer, e sim que a atividade produtiva era a que recebia mais valorização parental: “Nós tínhamos

tempo para brincar, de ir ao clube, ir à casa dos meus amigos, jogar bola, mas não era só isso, nós tínhamos tarefas da casa distribuídas entre todo mundo”. Leonardo entende que essa pauta se sustentava na ideia de educar para a responsabilidade: “Todos os filhos têm esse senso de compromisso, de obrigação, e não de, simplesmente, aproveitar o que os pais proporcionavam”.

Essa ideia de educação é coerente com a forma que o pai lidava com seu tempo livre. O importante era sempre estar fazendo algo produtivo.

Neste ponto também é importante salientar que, fora o intento da mãe em ensinar-lhe a tocar o piano, não lembra de os pais investirem para os filhos ou se envolverem com práticas culturais legítimas, como, por exemplo, leitura fora a das obrigações da escola.

Terminado o Ensino Médio, se impôs para Leonardo a necessidade de estudar noutro estado: “Campo Grande não tinha uma boa faculdade de Direito. Então, decidido que ia fazer Direito, tinha duas opções: São Paulo ou Porto Alegre”. A escolha de Porto Alegre foi pautada pelo projeto familiar de voltar a morar no Rio Grande, mas o plano não se concretizou: “Vim com a ideia de que estava vindo antes, mas eles não vieram, o trabalho não permitiu, tiveram que ficar”. Os primeiros anos de faculdade foram bastante desconfortáveis para Leonardo, pois não conseguia achar seu lugar na capital gaúcha: “[A distância da família] foi um enorme problema. Os primeiros três anos foram muito ruins”. Seus vínculos de sociabilidade basicamente se restringiam aos colegas de aula, que também não eram muitos. O desconforto era tanto, que cogitou retornar ao convívio familiar: “Estava pensando em sair de Porto Alegre e voltar para o Mato Grosso do Sul, porque eu estava sentindo falta da minha família, aí, nessa época, abriu concurso para a Receita Federal: fiz e passei”. Até começar a trabalhar ele passava grande parte de seu tempo de férias em casa.

A relação com seus pais, em geral, foi descrita como bastante positiva. Durante sua adolescência e início da juventude, no entanto, manteve uma relação mais tensa com eles, atribuindo isso à idade: “Teve um momento mais tormentoso meu com os meus pais, lembro muito que dos 15 aos 25 eu me achava „o cara“, achava que sabia tudo”.

Leonardo sempre entendeu que o pai teve condicionamentos excessivos no que tange ao gasto do dinheiro. Contudo, passados os anos, ele entende que as posturas do pai não estavam tão erradas como ele acreditava numa época: “Ele tem restrições demais para gastar, só que eu achava que esse „demais“ ia mais longe do que eu acho hoje, que tenho família e filha para sustentar e preocupações com a velhice”.

O sentimento de perda da relação familiar é ainda bastante forte. Mas já foi pior em outras épocas: “Hoje, eu sinto falta, às vezes; dá tristeza, mas tu te acostumas. Eu estou fora

de casa desde 90, então, são 19 anos, mais da metade da minha vida fora de casa, então me acostumei; mas acho que paguei um preço muito caro, não sei se faria isso de novo”. Pensa que, no futuro, quando os pais não puderem mais viver de forma independente pelo avanço da idade, ele os acolherá em casa. Especula, assim, que a convivência com a mãe será muito tranquila, enquanto que a relação com o pai, não.

De alguma forma, o afastamento de Leonardo, da família, significou também o distanciamento de sua rede de sociabilidade mais densa, a qual nunca foi efetivamente reconstruída. A família, apesar da distância e dos anos transcorridos de sua saída, parece continuar sendo uma forte referência para o conjunto de suas práticas.

Família hoje

Leonardo tem uma relação familiar estável e harmoniosa. No conjunto das entrevistas, destaca uma relação conjugal positiva e mostra muito entusiasmo com o papel de pai. A companheira é descrita como uma pessoa que não se parece com ele em quase nada: “É muito diferente, acho que a gente se complementa”. Destaca, particularmente, a capacidade de sociabilidade da esposa e seu jeito de lidar com o humano: “Ela é muito sociável, comunicativa [...]; relação social é muito mais por ela do que por mim”.

O cuidado, tanto da casa, quanto da filha, na semana, são de responsabilidade da empregada doméstica do casal, que os acompanha desde alguns meses antes do nascimento da menina. Leonardo tece diversos elogios à empregada no que respeita aos cuidados dispensados à filha. E reconhece que o mérito da seleção da pessoa adequada foi da esposa: “Às vezes, tomo sermão [da empregada] porque sou menos atencioso com minha filha. Ela, educadamente, consegue me mostrar que deveria fazer diferente e tal, então a relação está indo muito bem. O mérito é de minha esposa”.

Na divisão das tarefas da administração familiar, Leonardo se envolve com tarefas como compras no supermercado, organização das férias e das viagens, gestão das finanças da família, enquanto a esposa cuida mais da direção das atividades domésticas. Leonardo também compartilha os cuidados da filha, quando a empregada não está em casa. Particularmente, neste último período, em que a mulher está estudando, ele acompanha o jantar e encaminha a menina para dormir, bem como acompanha a filha às consultas médicas regulares: “Até agora apenas não compareci a uma consulta, gosto de ir [comenta com satisfação]”.

No que tange à relação com sua família, particularmente, no que se refere à sua filha, Leonardo procura fazer com que algumas disposições incorporadas em sua experiência familiar não se atualizem. Ele destaca que, frente a comportamentos inadequados da criança, a primeira reação é deixar de falar com ela, tal como seu pai fazia. No entanto, quando se acalma, busca estratégias alternativas para resolver o impasse criado.

Uma trajetória escolar “naturalmente” fácil, instrumental e pouco popular

Não consegui reconhecer nas falas de Leonardo que a escola tenha tido uma contribuição específica em seu patrimônio disposicional. A escola foi mais um lugar onde se atualizavam as disposições ascéticas construídas no seio familiar. No entanto, duas autopercepções dele parecem reforçar-se em suas experiências escolares desde bastante cedo: a falta de talento para a prática esportiva e a pouca popularidade.

Leonardo fez sua formação básica em escolas privadas. Tanto quando morou no interior do estado, quanto quando foi viver em Campo Grande, estudou em instituições confessionais de prestígio. Destaca, particularmente, a escola mato-grossense onde estudou os últimos dois anos do Ensino Médio, que o preparou para fazer vestibular na universidade pública.

Durante o Ensino Médio, Leonardo não fez curso pré-vestibular, apenas frequentou um durante um mês, pouco antes do exame, para estudar conteúdos específicos vinculados ao Rio Grande do Sul, cobrados pela universidade gaúcha. Entretanto, não ter frequentado cursinhos não significa que ele não tenha se preparado para o vestibular; bem pelo contrário, se dedicou intensamente de forma individual: “De tarde, estudava duas, três horas por dia, sempre. Pelo menos uma semana antes do período de provas [na escola de Ensino Médio, que imitava o vestibular], estudava todo o meu tempo disponível, que era o tempo que eu não estava dormindo, comendo ou no colégio”. Teve um bom aproveitamento no exame vestibular: “Fui bem, fui o décimo sétimo da minha turma”.

Leonardo sempre foi um bom aluno. Nunca teve problemas: “Eu tinha uma razoável facilidade para um bom desempenho nas provas”. Os pais acompanhavam seu desempenho, mas não necessitavam despender muita atenção na tarefa, pois estudar era parte das obrigações que ele tinha de dar conta: “Meus pais queriam saber como estava indo meu desempenho na escola, mas eu não me sentia pressionado, era uma coisa razoavelmente natural para mim, então, não demandava um enorme esforço, não ficava preocupado, foi uma coisa tranquila”. Não foi diferente com o vestibular: “Não senti cobrança familiar, não senti

cobrança pessoal fora do normal, não me estressou, acho que foi tranquilo. Mas muito por isso, por esse histórico das coisas irem bem desde o começo”. O caminho, em sua concepção, estava traçado desde o início: “Família presente, escola boa, as coisas foram bem”.

Uma de suas recordações escolares é o fato de não ser procurado pelos colegas para ser consultado sobre o que o grupo ia fazer, por exemplo. Ele sempre teve grupo, mas não fazia parte dos garotos *populares*. Também na escola começou a construir a ideia de que não tinha talento para os esportes, particularmente para o futebol. Ele era uns dos últimos escolhidos quando o jogo era para valer.

Dar continuidade ao ensino superior, também foi algo “natural”. No entanto, a definição pelo curso de Direito não foi automática. Tinha muitas dúvidas sobre que carreira seguir: “Pensei em fazer Agronomia, Veterinária, Informática. Estava muito confuso quando entrei na faculdade de Direito. Entrei mais ou menos na ideia de, „se tu não sabes o que fazer, faz Direito que alguma coisa de bom te traz”. Não que fosse alguma coisa que me atraísse”. O pai teve um papel importante na definição do curso/profissão, num período em que tudo era incerteza. Leonardo reconhece que foi muito bom dar ouvidos às suas recomendações: “Eu queria fazer Agronomia muito porque era o que meu pai fazia, por ser aquilo que conhecia [...], queria fazer Agronomia não para ser agrônomo, mas [...] para repetir aquilo que via em casa e parecia bom. Aí meu pai disse: „Tu não vai fazer Agronomia”. Lembro-me que o meu pai perguntou: „Por que tu queres fazer [esse curso]?” Disse que queria ter uma fazenda, mas era meio confuso para mim. Daí ele disse: „Então tu vai fazer um outro curso que dê mais dinheiro para tu poder comprar a tua fazenda e, quando tu tiver mais dinheiro, tu contrata um agrônomo para ganhar um décimo do que tu ganhas” [...]. Acho que foi muito positiva a interferência dele, agradeço a ele por isso”. Além da orientação do pai, também o fato de haver outros membros da família formados em direito foi importante para escolher a carreira.

O desempenho na faculdade, como nas etapas anteriores, foi bom, sem nenhum tipo de sobressalto. Em linhas gerais, os estudos universitários não exigiram um engajamento diferente daquele conhecido anteriormente: “Quando fiz faculdade, era muito parecido com uma escola. Não havia muita discussão, muita construção, era mais aquela relação professor transmite a matéria e depois te avalia por uma prova formal, tu tens que colocar na prova o que ele te disse em aula”. No que respeita ao tipo de estudo, reconhece que tem pouca facilidade para tratar com conhecimentos mais teóricos que exijam operar antes com ideias do que com fatos: “Senti alguma dificuldade em disciplinas mais abstratas. Filosofia é uma coisa que meu cérebro tem dificuldade em trabalhar [...]”. Fora essa restrição específica, não identificou no curso uma área que fosse sua preferida e consolidou a ideia de que seu futuro

seria encaminhado via um concurso público, no qual o conhecimento aprofundado seria aquele demandado pelo trabalho. Sempre manteve uma relação de engajamento distanciado com a profissão: “Nunca fui muito apaixonado pelo Direito”. Tratava-se muito mais de ter um bom emprego: “Foi uma faculdade que me deu uma boa situação profissional, no sentido de uma boa remuneração, uma razoável estabilidade, mas não é algo que adore fazer. Vários dos meus colegas tiveram esse mesmo sentimento, não todos, alguns adoram, adoraram a faculdade, alguns adoram o que fazem, mas muitos do grupo tinham esse sentimento”. Terminou o curso no tempo previsto, mesmo trabalhando nos três últimos anos da graduação.

Concluída a faculdade, e após um ano de “férias”, voltou a estudar sistematicamente, agora com o propósito de passar num concurso público (na entrevista, ele assumiu uma postura de reprovação do período em que ficou apenas trabalhando e aproveitando o tempo liberado dos estudos). Ainda estando num bom emprego, percebeu que seus colegas de faculdade estavam sendo aprovados para desempenhar cargos que ofereciam melhores remunerações e decidiu ir atrás do tempo perdido. Inicialmente, fez a Escola Superior da Magistratura (Ajuris). Terminado o curso, passou a estudar sozinho. Entre a retomada dos estudos e os primeiros sucessos nos concursos, houve um tempo considerável: “No começo não passei, fiquei uns três anos tentando..., depois comecei a passar” (foram oito concursos, no total). Foi classificado para a Magistratura Militar, para a Procuradoria do INSS e chamado na Defensoria Pública e, pouco tempo depois, para a função em que trabalha atualmente.

O êxito nos concursos é atribuído a dois fatores muito importantes: disciplina e método de estudo. Disciplina para dedicar-se integralmente à tarefa, durante todo o período que passou até conseguir sucesso: “Era todo o tempo que não estava dormindo ou trabalhando. Era dedicação plena”. O método, manifestação do próprio senso de disciplina, consistia em focar-se num tema e ir até o fim, independente de qualquer coisa: “Meu jeito de estudar era pegar uma matéria e esgotar. Então, estudava direito administrativo, depois estudava direito penal e, mesmo se me cansasse muito, que causasse uma estafa, mantinha o estudo daquela matéria”.

Atualmente seus estudos se concentram naqueles aspectos necessários à sua função profissional. Por um lado, o excessivo número de autos que deve atender não o deixa com muita opção: “O volume de trabalho, hoje, me permite estudar apenas o processo que está comigo. Se eu tenho uma determinada situação que precisa ser estudada, ser analisada, trato daquele assunto específico”. Por outro lado, não tem como hábito envolver-se em estudos sem um propósito mais objetivo: “Não tenho o costume de estudar outras coisas [...]. Aquele

estudo genérico que talvez fosse melhor, me manter atualizado sobre todas as coisas do Direito, não faço”.

O êxito e a dedicação nesse campo não podem ser confundidos com gosto pelo estudo. Leonardo não aprecia o estudar por estudar, a relação sempre foi instrumental, tem que ser feito e pronto: “Nunca estudei pelo prazer, na verdade. Nem na escola, nem na faculdade, nem agora. É muito uma questão de obrigação. Na verdade, o meu prazer é o resultado. Mas o estudar não é uma coisa que me atraia. Estudar é uma ferramenta de progresso socioeconômico¹⁸⁶”. Entretanto, uma experiência que rompe em parte com essa lógica é seu envolvimento com um curso de idiomas, que realizou durante três anos, antes do nascimento da filha. Estudou ainda o italiano apenas pelo desejo de conhecer melhor a língua de seus antepassados, mas sem nenhum tipo de aplicação profissional dos novos conhecimentos: “Foi um estudo que fiz por gosto. Fiz por gosto, mas o estudar em casa não me atraía; gostava de estar na aula, de aprender aquela língua”.

A busca de um bom emprego e o trabalho sério

A profissão é outro espaço no qual as disposições ascéticas parecem se atualizar. Não se trata de paixão pelo que se faz, trata-se de fazer bem feito porque corresponde. Não são necessários maiores motivos. Ainda assim, procurou por um cargo que não confrontasse, excessivamente, seus “valores” pessoais.

Leonardo sempre trabalhou como funcionário público. Primeiro, na Receita Federal. Fez o concurso quando cursava o terceiro ano da faculdade. Ter passado foi o fator que definiu a permanência dele em Porto Alegre, quando estava inclinado a retornar para Campo Grande por sentir muita falta da família: “Fiquei por conta disso, desisti de ir embora, resolvi terminar a faculdade e trabalhar na Receita Federal. Foi muito bom, era um ambiente novo, conseguia trabalhar direitinho”. Tinha 21 anos.

Nunca cogitou em advogar. O propósito de Leonardo sempre foi fazer um concurso público na área jurídica, sendo o cargo a desempenhar mais uma questão de oportunidade que de escolha: “Com a missão de fazer concurso público, é difícil o sujeito estabelecer „eu quero

¹⁸⁶ [Você falou em mestrado, isso é uma possibilidade?] Não, não. Seria um enorme esforço e o mestrado não seria um ganho profissional. Faria por prazer, quem sabe, mas é o que eu te disse, não tenho prazer em estudar. Lá em casa, só o meu irmão mais novo tá fazendo mestrado, os outros três não fizeram e, pelo que eu sei, não pretendem fazer”.

ser juiz”, „eu quero ser promotor“. O que acontece? Tu estudas para passar em algum que pague bem. Foi o que eu fiz. Nunca tive o desejo de desempenhar a função que desempenho”. Teve concursos para funções as quais ele imagina não teria o perfil adequado; contudo, isso não implicou não fazê-los: “Se tivesse passado, teria assumido”.

Depois de formado, o primeiro concurso em que passou foi para a Defensoria Pública. Trabalhou durante um ano numa cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Descreve a experiência como muito enriquecedora do ponto de vista pessoal: “Foi muito legal de ter contato com um mundo diferente do teu. Enquanto tu vives num mundo meio estanque, teus amigos são parecidos contigo, teus vizinhos são parecidos contigo, tu tens contato com outros níveis sociais de uma forma muito abstrata, muito distante [...], desde o cara que ganha muito mais que tu, até o cara que ganha muito pior que tu; então, é uma realidade muito distante. No momento que tu te aproximas, tem um contato diário com essas pessoas, tu te dá conta de como é complexo aquilo, de como as pessoas podem estar passando problemas que tu não imaginas que possam ter”. No entanto, o volume de trabalho, a pouca infraestrutura oferecida, o contato direto com o crime e com pessoas com valores muito diferentes, também o levaram a enxergar a profissão como algo pouco atrativo no longo prazo: “Se tu és uma pessoa que te envolve com teu trabalho, se não é um mero ganha-pão, é uma cosia que te desgasta muito [...], meio Dom Quixote¹⁸⁷”. Continuou fazendo concursos durante o tempo que trabalhou lá.

Quando passou para o atual cargo, decidiu deixar a Defensoria Pública. A mudança não foi pautada por uma melhor remuneração e sim pelo tipo de função: “O salário era muito parecido, mas o tipo de atividade me agradava mais; definitivamente, gosto mais do que faço hoje do que fazia na época”. Considera que é uma área mais “neutra” do ponto de vista dos valores e com um volume de trabalho menor.

Trabalha há oito anos na atual função. O primeiro ano desempenhou numa cidade do interior do estado; os últimos sete em Porto Alegre. O cotidiano laboral é intenso. Mexe com processos de alto valor pecuniário, que devem ser encaminhados em prazos exíguos. O trabalho não pode ser muito planejado. Pela dinâmica do próprio setor, a demanda varia bastante de um dia para o outro. Além disso, deficiências estruturais têm incrementado de forma desproporcional o trabalho. Houve épocas em que o volume de processos atendidos chegou a ser quatro vezes maior ao estipulado como adequado: “Então acontecia de eu chegar para trabalhar e ter um processo com um valor muito alto lá, às vezes mais de R\$ 1 milhão,

¹⁸⁷ “Eu não tenho habilidade de sair do trabalho e esquecer. Se tem uma coisa me preocupando, eu durmo mal, eu não como direito, eu não penso em outras coisas, eu fico mal humorado com minha família”.

para encaminhar naquela tarde. Então, parece emergência médica, ou tu resolves agora ou o cara morre”. Nesse contexto, Leonardo tem sentido muito a exigência laboral, pois, apesar de apreciar sua função, por momentos, a demanda do serviço vai muito além de sua capacidade: “Gosto bastante do que eu faço, mas há uns dois anos e meio o volume de trabalho está muito pesado”. Isso significa dedicar bastante tempo de seu dia à profissão: “O problema é que eventualmente o trabalho tem avançado no meu horário de casa; às vezes, preciso trabalhar de noite e de manhã para atender isso tudo”.

Essa situação também é produto do tipo de envolvimento que Leonardo tem com sua ocupação. Apesar de saber que não são dadas as condições necessárias para desempenhar bem seu labor, não abre mão de fazer o melhor: “Cubro muito de mim a qualidade do meu trabalho; então, esses últimos dois anos têm sido muito complicados”. Ao longo das entrevistas, se descreve com um perfil de trabalho de bastante dedicação e seriedade: “Considero-me muito organizado, acho que dos mais organizados, dos mais responsáveis, acho que eu toco direitinho essas coisas¹⁸⁸”. Revela que não tem uma relação burocrática com o resultado do trabalho, mas um engajamento pessoal na tarefa: “Me importo com o que faço, procuro fazer direitinho porque é uma coisa que me incomoda um pouco [quando não dá certo]”. O desdobramento de seu trabalho também é uma fonte de satisfação pessoal: “Quando um processo encerra e te dá conta de que teu esforço teve um resultado positivo, dá uma enorme satisfação. Porque se tu só perder, perder, perder, talvez uma hora desanime, então, é bem importante”.

Embora aprecie fazer a revisão pessoal de todos os processos que estão sob sua responsabilidade, ele está tendo que aprender a ser mais flexível com a forma de trabalhar. Delegar parte das tarefas das quais é responsável, dispensar processos menos importantes do ponto de vista econômico, tomar decisões sem o apoio técnico adequado, são procedimentos cada vez mais comuns. Isso tem tido um preço em seu envolvimento: “Tu começa a abrir mão de coisas em que tu acredita para poder atender à demanda e o compromisso cai um pouco. Hoje meio que desisti de fazer tudo o que queria fazer. Mas estou organizando minha vida”.

No que se refere às relações humanas dentro do trabalho, reconhece que não é muito habilidoso para lidar com as diferenças e conflitos. Parece atualizar disposições pautadas numa ambivalência, entre a renúncia de si e o enfrentamento conflituoso das diferenças: “Acho que eu sou brabo, meio briguento demais, então, quando uma coisa me incomoda, eu

¹⁸⁸ “Então, eu gosto sempre de estar com as coisas em dia, porque, num momento que chegar um processo muito complicado que eu tenho que parar tudo pra fazer ele, eu não perco o prazo dos outros, né?”

suporto, suporto e estouro – e vou para o enfrentamento”. Também não se sente confortável dirigindo grupos de trabalho: “Não tenho nenhum perfil de liderança”.

Pode-se afirmar que Leonardo está no topo da carreira. O órgão em que trabalha oferece como espaço de progressão apenas cargos de coordenação, para os quais não se sente capaz. Leonardo teve uma experiência como coordenador de equipe, a qual reforçou sua ideia em relação ao assunto: “Não queria fazer, fiz por meio ano, a pedido de um colega, e disse: „Ó, não é o que eu faço bem e não gosto de fazer coisas que não faço bem; gosto de fazer coisas que sei que estou fazendo direitinho e o resultado é bom””. Teve novas ofertas, mas não as aceitou, ainda que a negativa implique perda de gratificações: “Se tu assumes uma função, inclusive no poder público, tem que ir lá para fazer bem feito, fazer porque tu vais ganhar dinheiro ou porque tu vais ter status é uma coisa que os meus valores não aceitam”.

Fora as questões vinculadas ao volume de trabalho, Leonardo está muito satisfeito com seu emprego. A melhoria que espera no futuro se refere a um melhor funcionamento do setor, que evite a sobrecarga na demanda de processos a atender. Dois meses antes de iniciar as entrevistas, tinham sido implementadas algumas mudanças nesse sentido, que davam os primeiros sinais positivos: “A coisa está começando a mudar de figura [...]. Vou conseguir dividir essa carga de trabalho, acho que as coisas vão se organizar de novo para fazer o que eu fazia antes, que é cuidar um pouco melhor das coisas. Aí eu sinto mais satisfação”. Leonardo também não tem planos de inovar no campo profissional. Fora da profissão, avalia alternativas para potencializar a renda da família. Ainda não encontrou uma atividade adequada a suas possibilidades, mas é um aspecto que o preocupa: “É uma coisa que a gente tem pensado bastante: como ter outras rendas? A gente tem cogitado isso”. Nessa linha, tem começado a fazer aplicações na Bolsa, mas, na época das entrevistas, tratava-se mais de uma etapa de experimentação.

Consumos culturais heterogêneos: entre a informação e a distração

As práticas e preferências no campo dos consumos culturais de Leonardo são marcadas por uma legitimidade heterogênea. Em linhas gerais, parece que seu pouco envolvimento com práticas culturais em geral e algumas preferências pouco legítimas nesse campo (em especial, filmes e livros) não o deixam desconfortável. Por outro lado, surge um esforço legitimista quando viaja a outros países, em parte, suponho, para fazer jus ao investimento realizado.

Leonardo tem um padrão de consumos culturais não muito diverso. Um elemento que justifica em parte a não adoção de outras práticas culturais se vincula ao custo que elas implicam: “A questão cultural é uma coisa com que não ocupa o meu tempo. Tenho colegas, amigos bem próximos, que têm esse tipo de atividade, que fazem oficina literária, que fazem curso de teatro, que fazem músicas, coisas bem diferentes. Mas a questão financeira pauta muito isso”.

Ler livros faz parte do ritual de preparação para o descanso noturno. Sempre, antes de dormir, lê durante uns 20 minutos: “A regra é que de noite a gente não vê televisão no quarto, para conversar e ler, então a hora que leio é a hora que vou dormir”. Dependendo do interesse que o livro desperte, pode ler noutros horários. Indagado sobre o gênero, afirma: “Consumo muito livro comercial, tipo esse Dan Brown que escreveu *Código da Vinci*. Ele escreveu cinco livros iguais e estou lendo todos. É um tipo de livro que não me demanda muito raciocínio [...], são livros com aventura, suspense [...], livros menos profundos, que não propõem reflexões, é mais uma forma de descansar a cabeça do que me informar ou formar opinião”. O último livro lido antes do período das entrevistas tinha sido *O senhor dos anéis* [J. R. R. Tolkien]. Logo, continuou com a leitura do manual para a prova de “Arrais Armador”, texto para iniciantes na navegação que pretendam obter a carteira de habilitação náutica: “Estava muito chato. Terminei de ler a apostila, mas não fiz a prova”. Na semana da entrevista específica sobre o tema de consumos culturais, estava com uma nova leitura: “Passei na livraria e comprei *O Símbolo* [Perdido, 2009]”, é o último livro do Dan Brown, ainda estou lendo, devo terminar na semana que vem”.

Tem experiências de leitura com obras de autores reconhecidos na literatura clássica. Contudo não lhe atraem: “Tem alguma coisa, alguns escritores mais conhecidos, tipo José Saramago, que eu gostei de ler, Jorge Amado fica entre um e outro que gostei de ler, mas não leio essas obras mais clássicas, mais profundas, não leio muito. [Franz] Kafka, por exemplo, achei uma chatice, aquele *O Processo*, que tentei ler porque tinha uma proposta, uma análise crítica, pô!, achei difícil!”.

Ler não é uma prática que ele traz de criança. É um hábito adquirido na época da universidade. Nesse contexto, a leitura não assumiu um caráter de fruição, mas apenas instrumental. Porém, agora, que não necessita estudar, prefere obras menos densas, com um caráter mais recreativo: “Na minha infância não lia muito, na minha época da faculdade e concurso só lia livros técnicos, mas aquilo me cansou bastante. Quando voltei a ler literatura, a minha opção foram livros mais leves, livros comerciais”.

Quando se trata de leitura de jornais, as preferências voltam a apontar a atualização de disposições mais ascéticas e legitimistas. A informação sobre os temas de atualidade é um foco central. Neste sentido, lê o jornal todos os dias. É sua primeira atividade matinal, junto com o chimarrão.

Assina e lê *Zero Hora*. Nos dois meses anteriores às entrevistas, também tinha incorporado a leitura de alguns informativos do *Mercado Financeiro* pela Internet, tendo em vista as aplicações que começou a fazer no mercado de ações: “Ainda não posso dizer que isso é um hábito, me demanda um pouco de esforço”. Comenta que tempos atrás tentou manter a leitura do jornal *Folha de São Paulo*, também por Internet. Indagado sobre o porquê de diversificar a leitura dos diários, Leonardo explica: “Na minha cabeça, [a *Folha de São Paulo*] é um jornal mais completo, mais bem escrito, as pessoas que escrevem ali têm uma opinião mais consistente sobre os assuntos que abordam. Às vezes tu lêes duas opiniões sobre o mesmo assunto e tu consegues ter uma visão mais crítica. O *Zero Hora* é um jornal mais simples, que apresenta uma visão só das coisas, as pessoas parece que têm uma avaliação um pouco mais limitada”. Ainda assim, não conseguiu manter a leitura do jornal *Folha de São Paulo*: “É muito grande e não deu certo”. As seções preferidas do jornal são a econômica e notícias gerais do estado, país e mundo, colunistas, ciência. Também aprecia ler os cadernos especiais de informática e meio ambiente. Na parte de cultura, procura alguma atividade para a filha, nada mais. Outras seções diretamente ficam fora: “Não leio a página policial e nem a de esportes”. Não lê revistas. Chegaram a assinar algumas publicações por um tempo, mas “por falta de hábito” de lê-las, terminaram desistindo. A Internet, em parte, substitui a informação dos semanários.

No que tange às preferências por filmes, especialmente cinema, aparecem sinais de disposições hedonistas pouco legítimas. Ele se diverte contando que gosta de filmes indefensáveis de uma perspectiva mais legitimista. A ideia é basicamente se distrair, passar um momento agradável, sem demasiadas exigências intelectuais.

O cinema não está entre as saídas preferidas de Leonardo, é um programa mais da mulher: “Minha esposa gosta de ir, eu vou meio de arrasto”. Antes do nascimento da filha e da esposa passar a estudar para concurso público, o casal ia duas ou três vezes por mês. Agora é muito esporádico: “Neste último semestre, nós fomos duas vezes ao cinema”. Os tipos de filme preferidos por Leonardo e sua esposa são muito diferentes. Isso significa que geralmente um se abnega para assistir à escolha do outro: “Conciliávamos esforços e gostos dos filmes. Cada vez um se esforça pelo outro”. Ele gosta de “aventura, briga, luta, ficção científica [...], gosto muito de filmes em que o mundo vai ser destruído, e aí chega um cara e

salva todo mundo”; a esposa “é mais de romance”. Entre os filmes que caracterizam o tipo de cinema de que gosta, menciona a trilogia *O Poderoso Chefão* [Francis Ford Coppola, 1972, 1974, 1990] e *Independence Day* [Roland Emmerich, 1996]. Após mencionar os filmes, Leonardo justifica suas preferências: “Acho eles muito parecidos, me divirto com eles, é tipo o que acontece com esses livros do Dan Brown, me divirto, mas são todos meio iguais”. Na época da entrevista, aconteceu de eles terem ido ao cinema. Diferente do que habitualmente ocorre, os dois gostaram do filme a que assistiram: “um filme muito gostoso com a Meryl Streep [*Julie & Julia*, Nora Ephron, 2009]”. Não costumam assistir a filmes em DVDs.

Não costumam, igualmente, ouvir música. A esposa gosta bastante de escutar, mas é difícil ter música ligada em casa: “Não é muito nosso hábito”. Leonardo, porém, diz que ouve rádio, geralmente – e em casa, para dormir. Novamente, disposições ascéticas se atualizam neste campo, não na busca de entretenimento, mas basicamente de informação de qualidade sobre temas de atualidade. Entre suas emissoras preferidas, estão a *CBN* [Rede Globo, 1340 AM], da Cidade de São Paulo e a *Gaúcha* [Grupo RBS, 600 kHz AM]. Na primeira emissora, procura notícias mais confiáveis: “Em São Paulo, tu pegas pessoas que têm repercussão nacional, que estão mais bem preparadas, me agrada mais escutar”; na segunda, o “noticiário local”. Evita escutar programas esportivos.

Não costumam realizar saídas culturais. Não assiste a concertos de música clássica, nem a espetáculos de danças cênicas. É difícil visitar museus em Porto Alegre, também não o faz quando viaja a outras cidades brasileiras. No entanto, esse comportamento muda quando passeia no estrangeiro, como comenta mais à frente.

Também não vai ao teatro. É uma questão de falta de costume, mas também de preço: “Minha esposa é econômica, um pouco como eu, às peças daqui, uma ou outra a gente vai e tal, gosta, mas não é comum. Aquelas peças que chamam mais a atenção, que vêm de fora, com uma publicidade maior, uma venda maior, a gente acha caro, então, não é comum”.

Leonardo não aprecia dançar em boates e discoteques. Nunca gostou muito. Foi quando mais novo por ser um espaço de sociabilidade, mais nada. Atualmente, até poderia comparecer se a companheira propusesse ir a locais menores, mas a ideia não o entusiasma muito: “Aí tem espaço para dançar, tu dança sem cotovelada e aperto, aí até acho mais divertido [...]. Gosto de conforto agora”.

Também não se entusiasma muito com a ideia de assistir a recitais. O preço é um elemento importante na decisão: “Minha esposa, apesar de gostar de música, acha muito caro o ingresso dos shows. Coisa de pagar R\$ 200,00 para ver um show a gente não acha razoável [...]. Tenho visto vários que gostaria de assistir, aí ligo pedindo o preço do ingresso e desisto,

acho caro”. Fazia tempo que tinham assistido ao último recital, antes da filha nascer. Teria maior predisposição caso fossem shows de artistas internacionais, mas as variáveis custo e comodidade incidiram muito na decisão: “Uma amiga nos convidou para ver o show da Madona. Tinha o assunto do preço, que era caro, não deu para comprar. Além disso, tinha que chegar quatro horas antes para ficar na fila e conseguir um bom lugar. Isso para mim é inconcebível, não vou. Fosse só pelo dinheiro, talvez fosse, porque é a Madona, porque vou ver uma coisa legal. Mas ficar quatro horas na fila, num lugar aglomerado, onde não se pode ir ao banheiro para não perder o lugar, isso não me disponho mais a fazer”.

No que se refere à televisão, mistura a preferência pouco legítima por um consumo que o atrai (“se der um programa bom, passo o dia sentado na frente da televisão”), com gosto por programas mais informativos que de entretenimento. Neste campo, mais que noutros, parece misturar disposições ascéticas e hedonistas.

No entanto, apesar de gostar bastante de TV, não a assiste muito. Destaca dois motivos para assistir pouco: por um lado, a Internet, que permite ir atrás de informações que lhe interessam e termina concorrendo com a TV; por outro, o fato de ter que dividir o aparelho com a filha. Isso, porém, não significa que ela tenha o monopólio da programação: “Eventualmente quero ver noticiário tal dia, porque vão comentar tal assunto, então digo „Ó filha, agora o pai vai ver”, ou, às vezes, estou muito a fim de ver televisão [e digo:] „Ó, só um pouquinho, papai vai ver e depois tu vais””. Os programas favoritos são os oferecidos pelos canais da TV a cabo *Discovery Channel* e *History Channel*: “É história ou são grandes evoluções humanas, tipo inventos da antiguidade, megaprojetos [...], são coisas que vejo por prazer”. Também tenta assistir programas sobre o mercado financeiro, mas assume outro caráter: “Ah, é importante que saiba isso, então vou saber, mas não é por prazer”. Filmes, de “vez em quando”; se na busca de algum programa estiver passando algum que lhe interesse, termina assistindo, mas não se programa para isso. Não vê nenhum tipo de seriado.

Leonardo e sua esposa viajam com alguma frequência ao exterior. Este é um dos campos em que parece atuar uma disposição legitimista. Esse efeito, aparentemente, está vinculado ao investimento econômico envolvido nas viagens.

A escolha dos passeios tem critérios diferentes: o contato com a natureza e lugares com tradição histórica. Nas últimas viagens, tem prevalecido o segundo critério sobre o primeiro: “O contato [...] com a história das cidades antigas [...], para ver cultura, a gente acha gostoso”. Nessa linha, a ideia é não repetir os lugares que já conhecem. Visitaram a Europa em três oportunidades. O destino da última viagem foram os Estados Unidos. Não viajam com “pacotes turísticos”. Como forma de diminuir os custos da viagem, costumam ficar em

albergues e evitam ter grandes gastos com alimentação: “O caro da nossa viagem, normalmente é a passagem; transporte fica meio sem opção. Na última viagem à Europa, entrei num *site* chileno que tem um sujeito que para num albergue e comenta o que é bom e o que é ruim e tal; e escolhi alguns albergues pela Internet, *hostel* que eles chamam, nem aquele albergue de quarto coletivo, nem um hotel bonito, com café da manhã. Então a gente vai, dorme, passeia e come na rua, come sanduíche”.

Durante essas viagens, eles mudam bastante seu comportamento em relação às visitas culturais. Frequentam muitos lugares e com isso o nível de gastos fica acima do investimento habitual neste tipo de consumo: “No período de férias, a gente estabelece outro padrão de vida, acima, para aproveitar. A gente não faz tudo o que gostaria, no preço que gostaria, não é isso, mas a gente permite ir mais..., aproveitar mais o lugar [...], se permite bem mais coisas do que a rotina de Porto Alegre”.

Tentam conferir todas as atrações recomendadas, principalmente, por publicações especializadas, mas também por pessoas que já conhecem o lugar: “Normalmente, leio sobre a viagem, pego um guia onde diz „Ah! estas coisas são imperdíveis“. Normalmente, nessas coisas, tem igreja e tem museu, então a gente vai conhecer aquilo que alguém avaliou e disse que era muito bom”. Numa de suas viagens, foram a 26 museus. Visitar esses espaços assume um caráter quase de missão: “A gente se sente meio obrigado a visitar essas coisas que todo mundo vai e acha importante. No final, fica chato, mas a gente procura olhar todas as catedrais [risos]. Na última viagem para a Europa, no final da viagem a gente disse: „Chega! Agora a gente já olhou, não olha mais“. Mas, é muito isso, estamos indo para um país estrangeiro, vamos olhar as coisas que as pessoas julgam importante. Mas não é nosso hábito essa atividade cultural”. É o mesmo com espetáculos culturais, mas a escolha é mais pelo tipo de atração: “Quando a gente foi para o leste da Europa, nós vimos algumas formas de teatro na República Tcheca, por exemplo, que não tem aqui, então nós fomos para conhecer, pareceu interessante aquela proposta. Em Nova Iorque, que era uma outra coisa diferente então..., eram aqueles musicais maiores, que não chegam a Porto Alegre, então a gente resolveu ver para conhecer aquilo, porque [no Brasil] teria que ir a São Paulo para assistir. Daí não é porque alguém disse que é bom, e sim porque a proposta para nós parece interessante”¹⁸⁹. O fato de assistir às peças com preço proporcionalmente mais barato que em Porto Alegre também é apontado como uma vantagem de fazê-lo quando estão viajando: “Nos Estados

¹⁸⁹ Essa fala parece-me ter sido induzida por uma pergunta que fiz, mais precisamente por um gesto em que destaquei a fala anterior dele na qual afirmou: “[...] vamos olhar as coisas que as pessoas julgam importante”. Acredito que o molestou uma certa exposição de seu esforço legitimista.

Unidos, a gente foi no *Circo de Soleil*, que era mais barato, foi ver ópera, aquelas peças em Nova Iorque, que eram muito boas, os musicais. Daí, pagamos por uma peça extraordinariamente boa o que se paga aqui [por uma peça média]”.

Também muda um pouco o padrão de saídas quando se trata da filha. Ele busca, dentro do possível, que a menina assista a teatro, caso “for um preço razoável” e, na época das entrevistas, esteja adequado à idade. A ideia é diversificar os programas de lazer. Cabe salientar que, quando se trata da filha, as disposições legitimistas parecem atualizar-se de forma mais intensa. De alguma forma, reconhece nessas expressões culturais valores legítimos que devem ser estimulados.

Leonardo não tem *hobbys*. Não entanto, neste campo já teve uma “paixão”, que hoje está suspensa: jogar videogames. Em seus relatos, essa prática é uma das poucas que assume um caráter plenamente hedonista. Ele garante já ter sido um assíduo jogador, mas que hoje isso é algo bastante esporádico: “Tenho jogado muito pouco. [Última vez?] Há uns três, quatro meses atrás”. Começou a jogar desde que comprou computador, há uns quinze anos, quando estava nos últimos anos da faculdade e já trabalhava. As preferências sempre foram games de “tiro em primeira pessoa, aqueles em que tu és o personagem e saís, ou para combater outro exército ou para combater um monstro; também [gostava] dos de automobilismo”. Teve um período em que jogou por rede e ia a *lan houses* para encontrar amigos e outros jogadores. Depois de casado, continuou jogando de forma sistemática, mas quase que exclusivamente em casa: “Jogava de noite, certo, duas horas por dia. Eventualmente, se o jogo estava muito bom, de sexta-feira jogava três ou quatro horas”. Não era frequente, mas, em alguns momentos, quando Leonardo “extrapolava” o tempo de permanência frente ao computador, a esposa chamava-lhe a atenção: “Chegava a casa por volta das 6h, 7h, ia jogar das 8h à meia-noite, ela ficava brava, reclamava. Se acontecesse uma vez ela não achava ruim, mas acontecia de estar mais envolvido no jogo e chegar a casa e querer jogar, aí aconteceu uma semana isso. Aí ela disse: „Está atrapalhando nosso casamento, quero que tu jantes comigo, vejas filme comigo, hoje a gente vai sair“. Mas, assim, quando a coisa passava do ponto, ela reclamava e tinha toda a razão”.

Parou de jogar após o nascimento da filha. Quando planejaram a gravidez, ele sabia que seria uma das práticas que deveria interromper: “[Trata-se de] tu chegares a casa e estar disponível para o filho. Isso é uma coisa que a gente conversou muito antes de ter a menina”. Raciocina que poderia acomodar seus horários e jogar um pouco, mas, pelas características de seu envolvimento, o *hobby* terminaria atrapalhando: “O que é que poderia fazer? Minha filha dorme às 10h 30 min, 11h, poderia jogar das 11h às 12h, mas é uma hora em que estou muito

cansado [...]. Dependendo do tipo de jogo, acordaria, mas é um *game* que quero jogar duas, três horas, daí só vou dormir às três da manhã. No outro dia, ou não acordo para dar atenção e fazer as coisas da casa no sábado e no domingo, ou não acordo para trabalhar. Então, atualmente não tenho tempo disponível para isso”.

Não significa, contudo, que se tenha desinteressado pelos *games*, uma prática que o atrai: “É uma coisa que, se tivesse tempo livre, faria [...], parei pela necessidade de tempo, mas acho que teria prazer em jogar de novo. Até hoje olho o preço de um computador novo, de jogo, olho o preço de um videogame, preço de jogo. Não compro mais, mas é um assunto que me interessa”. Por outro lado, não vive isso como uma perda, está dentro do que é possível nesta etapa da organização familiar: “Gostaria de fazer o que faço hoje e ter tempo para jogar, mas a escolha é tranquila, não acho chato não poder jogar”. O principal motivo para a prática é o prazer que sente ao jogar: “Nesses jogos, em que formam uma equipe para combater outra equipe, chegava a ter alteração de adrenalina, ficar tenso, mão dura, era uma coisa que eu me envolvia muito. Era divertidíssimo..., a disputa em si do jogo”. Ele se motivava, especialmente, quando comprava um *game* novo, tratava-se de “terminar” o jogo, vencer todas as etapas de dificuldades propostas pelo entretenimento.

Neste ponto se manifesta a combinação de algumas disposições que, acredito, se operam em Leonardo: a) as disposições ascéticas e de planejamento, b) a renúncia de si, e c) as disposições de controle de algumas de suas propensões hedonistas. Como ele relata sobre quando discutiu com a esposa a opção de ter ou não filhos, entre tanto temas sopesados, um foi o do tempo disponível. Eles sabiam que teriam renúncias a serem feitas e, em seu caso, uma delas se vinculava a continuar jogando videogames. Nessa lógica, como ele sabe que *perde o controle* durante o jogo, prefere simplesmente não iniciar o jogo.

A ideia de paixão, como a da que aparece investida seu gosto pelos *games*, também aparece com força no consumo de tecnologia. Leonardo tem uma tendência a gastar mais com aparelhos eletrônicos do que em outros âmbitos (vestimenta, alimentação, lazer, cultura). Se na maioria dos outros a predisposição é “gastar o mínimo dentro do aceitável”, neste campo ele tende a “gastar o máximo dentro do aceitável”. Ele explica: “Em eletrônicos é mais difícil me satisfazer [...]; na hora que for comprar, vou comprar o [aparelho] top da faixa de ser humano normal. [...]. Carro não é assim, roupa não é assim, eletrônico é assim”. Ele percebe que perde um pouco o controle quando se trata de comprar tecnologia. Não consegue explicar por que (diferente da maioria de seus comportamentos), apesar de saber que produtos mais baratos satisfariam suas necessidades, opta por escolher produtos mais caros: “Gastei nessas

coisas, o que não é muito racional, é meio incomum, sei lá o que é [...]; na verdade, não me satisfaço”.

De alguma forma, Leonardo fica surpreso com a perda de controle sobre si que admite ter nesse campo, dado que, na maioria de suas outras esferas de prática social, entende ter controle, mas não tem o mínimo conhecimento sobre o que o leva a atuar de uma forma ou outra. No entanto, isso significa que tenha algum tipo de vergonha sobre essa sua suposta “irracionalidade”, vendo-a apenas como uma característica.

No que diz respeito aos consumos esportivos (informação, espetáculos, produtos de torcedor), Leonardo afirma ter poucos vínculos com esse universo. E mais, tem dificuldades de entender a lógica ou a razão de tanta preocupação que algumas pessoas de seu entorno familiar e profissional demonstram com o esporte profissional.

Nessa linha, ele não tem paixões futebolísticas: “[Torcedor?] formalmente, do Grêmio”. Porém não tem o menor interesse pela vida do clube: “Não faço a menor ideia [do está acontecendo com o time]”. Também não conversa muito sobre a modalidade, no entanto, quando fica por dentro de notícias mais importantes, procura participar do falatório esportivo: “Entro na brincadeira e nem sei comentar muito, porque estou pouco informado. Quando são coisas relevantes, final de campeonato, por exemplo, se o Grêmio vai ganhar ou não, e a informação está mais fácil, me aproprio um pouco, querendo ou não, e faço uma brincadeira ou outra”. Na mesma linha, não tem nenhum tipo de envolvimento anímico com os resultados de seu time. E mais, se surpreende com os comportamentos apaixonados em relação ao futebol: “Acho estranha essa preocupação toda com o esporte, sem essa preocupação com outros assuntos mais importantes na minha cabeça”.

Leonardo não tem maior interesse em assistir ao futebol: “Fui só três vezes ao estádio”. Sempre como acompanhante de conhecidos interessados em assistir a um jogo. Foram experiências simpáticas (“Essas três vezes foram bem divertidas, o clima agitado, a torcida, foi legal”), mas não desencadeadoras de qualquer interesse. Além disso, os eventos de violência protagonizados pelas torcidas o preocupam bastante: “Esse comportamento de grupo [sem controle] acho um absurdo, não tenho vontade nenhuma de me expor a isso”.

Em linhas gerais, Leonardo consome pouca informação esportiva. O futebol televisionado não lhe desperta quase que nenhum interesse, pode ficar um pouco mais curioso com jogos de final de campeonato, mas não muito mais que isso: “Nos jogos do meio do campeonato, que não valem nada, sento, fico 20 minutos na frente da televisão, e vou fazer outra coisa”. O que pode chegar a assistir na TV são corridas de carros. Quando criança, gostava muito de automobilismo. As lembranças do esporte se misturam com reuniões

familiares de final de semana. Na atualidade, continua assistindo, todavia com menos interesse. Gosta de olhar *Stok car*, eventualmente, o campeonato alemão de automobilismo, todavia “não é uma coisa que tenha acompanhado, que consiga conversar contigo sobre o piloto tal [...]”. Assistiu a algumas corridas ao vivo. Tinham passado uns cinco anos da última. Nesse aspecto ele compartilha as preferências com o genitor; “meu pai gosta [do automobilismo] então talvez por isso [eu goste]... e ele não gosta de futebol”, então ... A esposa não gosta de assistir aos esportes.

(Des)Cuidados com o corpo

Leonardo não tem, em seu histórico, problemas sérios de saúde. Na infância, apresentou somente doenças típicas da idade e, na adolescência, uma síndrome de dor patelofemoral, que atrapalhou um pouco nas atividades esportivas: “Era uma coisa que me incomodava [...], teve um tempo que parei de jogar futebol por causa disso; me lembro de não conseguir me ajoelhar”. Passou, quando cresceu.

Nos últimos anos, todavia, ele tem percebido uma deterioração orgânica geral: “Cara, estou ficando velho! Começando a ter dor. Estou começando a ficar mais cansado; muito engraçado isso. Notei o meu corpo mudar nos últimos cinco anos [...]. Comecei a ter dor. Dói o ombro, ta?, daí vai lá e trata, aí, quando começa a ficar bom, aparece dor na perna, tem sido uma [sequência] [...]. Tenho notado o meu corpo mais frágil nesse sentido, nada que me incomode, mas era mais tranquilo antes”. Basicamente, trata-se de moléstias osteoarticulares. A mais séria é uma hérnia de disco entre a L4 e a L5, que lhe causa bastante dor quando não se cuida. Além disso, problemas vinculados a contraturas musculares e dores nas articulações, bastante relacionados com as posturas e movimentos exigidos pelo trabalho.

Em linhas gerais, não tem muita preocupação com o cuidado de sua saúde. Neste campo parece que disposições ascéticas e de planejamento que funcionam em práticas sociais envolvendo terceiros (trabalho, cuidado da família) não operam quando se trata de cuidar de si. Opera muito mais uma ideia de saúde curativa do que preventiva: “Vou ao médico quando surge o problema [...]. Não tenho o hábito de ir ao médico, fazer revisão, não tenho esse cuidado”. Fez dois *check ups* nos últimos quatro anos, mas não foram por iniciativa própria, e sim porque sua companheira os exigiu: “A minha mulher me manda fazer e eu faço [risos]. Ela marcou isso - e tenho que fazer”. Ele atribui essa conduta a seus antecedentes e a seu

histórico de saúde: “Na verdade, como sempre fui muito saudável, nunca achei que fosse ficar doente. Sempre acho que estou bem”.

No entanto, essa relação pouco cautelosa no sentido da prevenção, não se traduz num descuido quando os problemas de saúde se manifestam. Pelo contrário, quando vai consultar, tem uma relação precavida com os profissionais da saúde. Um parente médico, no qual confia muito, o advertiu de que, na classe, há muitos incompetentes, o que faz com que ele seja precavido: “Nunca vou muito aberto. Como consulto em médico de convênio, nunca vou naquele cara que é o *top ten* [...]. Sei que estou indo num cara médio, porque, se ele é muito bom, não atende por convênio. Então, sempre vou sabendo que ele pode ser um dos 70% que são ruins. Aí depende muito de como ele conduz a conversa. Se mostra que entende do assunto, se examina, testa, faz pergunta, toca, estabeleço uma relação com ele. Agora, se senta do outro lado da mesa, olha, faz pergunta e anota e em cinco minutos te dá o diagnóstico, vou num outro cara. Mas, assim, no momento em que ele consegue me convencer de que domina o assunto e que sabe o que está fazendo, aí vou fazer”. A suspeita sobre a qualidade do profissional está fortemente atrelada ao fato de o médico atender ou não por convênio, desconfiando do que é barato: “Isso te deixa apreensivo, porque só tenho esse corpo; se alguém estragar, acabou”.

Uma vez estabelecida a relação de confiança, Leonardo costuma aderir às recomendações médicas. Pelo menos, àquelas que se vinculam com a superação do problema que o levou a consultar: “Quando é medicação eu atendo integralmente, tudo o que for recomendado, faço; [se] tem que fazer fisioterapia por causa da dor, vou lá e faço o que tenho que fazer”. Não acontece o mesmo com práticas que têm um caráter preventivo, sem efeitos imediatos.

Numa linha um tanto diferente, no ano da entrevista Leonardo tinha aderido à vacinação contra a gripe. A decisão, no entanto, não foi pautada pela ideia de preservar sua saúde, e sim a da filha: “Este ano tomei vacina da gripe [...], por sugestão do pediatra da nenê. Na verdade, ele sugeriu que todos tomassem porque, mesmo que ela ficasse mais em casa e tal, a gente circula, vai e volta, e aí ele disse que era uma opção boa”. Parece-me que nesse comportamento aparece, mais uma vez, que, quando se trata de cuidar dos outros, particularmente da filha, Leonardo se predispõe a atualizar disposições de planejamento que não seriam atualizadas caso se tratasse apenas de cuidar de si.

Normalmente, quando está com dores ou afecções “corriqueiras”, é comum que se automedique. Frente à persistência de uma dor de cabeça, por exemplo, a tendência vai ser tomar analgésico e não fazer uma consulta: “Não vou. Ah, dor de cabeça faz dois dias, quem

sabe pode ser um problema cerebral ou ocular, mas não vou: preciso me incomodar mais [para procurar uma consulta]” O primeiro comportamento frente à dor vai ser procurar uma farmácia e comprar o que for sugerido por quem esteja atendendo. Não seria igual em problemas que achasse mais sérios (“pressão arterial”, por exemplo). Ou talvez se a dor o estivesse incomodando a ponto de impedi-lo de ir trabalhar.

Na mesma linha consome própolis, quando começa a sentir-se fraco por um aparente estado gripal. Também tentará incluir em suas refeições o consumo de alimentos sobre os quais ouviu dizer que auxiliam no controle de alguma doença, mas é bem possível que não consiga incorporá-los efetivamente: “Tenho usado farinha de linhaça, porque eu li numa reportagem, acho que foi isso ou alguém me disse que é bom. Então essas coisas de usar o alimento como medicamento eu faço sem o médico dizer que pode ou não pode”.

Leonardo tem algumas experiências em práticas curativas alternativas. Experimentou tratamentos com fitoterápicos, quiropraxia e acupuntura. Mas o padrão de consulta é igual ao da medicina alopática: ir quando o problema está presente e após as consultas clínicas comuns não terem dado resultado.

É importante destacar que disposições ascéticas atualizadas no campo do estudo não se atualizam quando se trata de incorporar hábitos no campo do cuidado de si. Leonardo mostra que tem consciência dos atos mais legítimos em matéria de saúde, como também que está atento a tendências legitimistas neste campo, mas não tem força suficiente para produzir incorporações efetivas em seu estilo de vida.

Especificamente no campo da aparência corporal e alimentação, seu comportamento não é muito diferente no que tange aos cuidados de sua saúde. Aparentemente, as disposições ascéticas também não encontram espaço para operar nesse universo. Leonardo não manifesta maiores preocupações com sua forma corporal. No entanto, lamenta estar com um pouco mais de peso do que sempre esteve: “Olho no espelho e acho feio”. Todavia, isso não é suficiente para mobilizá-lo a fazer algo mais concreto a respeito: “É uma preocupação, mas não é uma preocupação efetiva, senão já teria emagrecido”. Calcula ter engordado uns 10 quilos da última década: “E não é músculo [...], é gordura, acho que é só gordura”. Medindo 1m 78 cm, estima que seu peso esteja entre os 70 e os 75 quilos. Tempos atrás, tinha uma balança em casa e fazia um controle mais regular de seu peso. Hoje o faz de forma mais esporádica.

Algumas semanas antes da primeira entrevista, ele havia consultado um cardiologista que o advertiu sobre seu excesso de peso: “Ele disse: „Ó, tu estás no limite da gordura saudável“, eu sei disso”. No entanto, Leonardo não parece muito preocupado com o assunto. A esposa também tem feitos comentários a respeito. Mas, ela não tem maior cobrança em

relação ao assunto. Aparentemente, o não envolver terceiros facilita que as disposições ascéticas não sejam atualizadas. Refletindo sobre o assunto, ele se pergunta se em realidade não se trata de um desencontro entre o que ele sabe (a necessidade de cuidar-se) e o que ele acredita/sente (“me sento bem, parece difícil que terei problemas por não cuidar dessas coisas [...] e algo distante”), ao final de contas ele teria que tomar alguma providência, mas não consegue.

Nessa mesma linha, a alimentação não é um aspecto que Leonardo cuide muito. Particularmente, a sequência de suas refeições é bastante irregular. A única refeição mais fixa é o almoço. Não toma café da manhã, nem janta: “O jantar aqui em casa é meio bagunçado, desde a época de solteiro. É muito mais tomar café, assim sanduíche com leite e, muitas vezes, na frente da televisão. É um troço meio esculhambado que, na teoria, eu discordo, mas que faço”. Ele e a esposa tentaram mudar a sistemática, mas não tiveram sucesso; basicamente, faltou persistência: “[Falhou] por displicência, por desorganização, bagunça da casa mesmo. Nós fizemos isso por causa da minha filha, na ideia de que, naquela hora, nós vamos sentar, conversar, desligar a televisão, mas não foi adiante, porque eu como num horário, minha esposa come em outro e a nenê come num outro. Mas acho que é uma coisa que temos que tentar de novo”. Neste campo, observa-se que o envolvimento de terceiros, particularmente a filha, pode ser desencadeador de disposições ascéticas, ainda que os primeiros intentos não tenham sido exitosos. Existiria aqui um conflito entre o que se acredita mais adequado fazer e o que é efetivamente realizado. Não são muitos os espaços da vida de Leonardo caracterizados por esse tipo de situação.

Ainda no campo da alimentação, Leonardo, diferente de sua esposa, tem dificuldades para controlar sua gula caso guloseimas estejam disponíveis em casa: “Minha esposa come mais doce, mas ela não é gulosa como eu. Ela consegue ter uma barra de chocolate e comer um pedacinho; se tiver uma barra de chocolate, eu como toda”. Assim, aproveitando que ele é quem faz as compras no mercado, a estratégia para evitar o consumo desse tipo de alimento é não levá-los para casa: “Não compro chocolate, bolacha, salgadinho, a minha rotina no mercado é assim: carne, leite, pão, frios, fruta, verdura, tempero, farinha. Açúcar não compro, só quando acaba, então aí se dá a restrição alimentar aqui em casa”. O raciocínio é simples: “Se tu não sabes comer, não vai comer. Isso se acentuou muito quando minha filha nasceu”. Como comentado em relação aos videogames, sua conhecida relação compulsiva com os doces coloca em funcionamento disposições de controle de suas propensões hedonistas, mais ainda quando essas podem vir a afetar sua filha. Nesta linha, poderia afirmar que, em algumas dimensões de seu estilo de vida, Leonardo não é um sujeito disciplinado (comportamento

espontâneo dentro de determinadas regras), e sim um sujeito que se controla (busca condicionar o contexto para não incorrer em determinados comportamentos).

Se Leonardo não é muito cuidadoso com suas refeições, o é com as da sua filha. Ele, junto com a esposa, pautou a alimentação da menina pela regras da boa nutrição e, mais, cuida para que sejam cumpridas. Isso tem trazido alguns problemas com a família da esposa, que tem um padrão gastronômico muito diferente do que se considera adequado. No entanto, isso não abala sua determinação em relação ao assunto: “Tenho um conflito com a minha sogra. Sou chato, de um lado, por não deixar comer; e ela é chata, de outro, de ter aquilo em abundância – e uma coisa que me incomoda é que já causou discussão em casa. Ela tem um hábito alimentar que acho absurdo e vi esse hábito interferir na vida dos meus quatro sobrinhos. Então, quando minha menina nasceu, acho que montei guarda, me armei: „Eu é que mando, eu é que sou o responsável pela saúde da minha filha e vai ser assim e pronto””. Ainda hoje “tem um pouco de embate sobre isso¹⁹⁰”, percebe que, quando ele se descuida um pouco, o outro lado avança sobre as regras estipuladas. No entanto, ele está satisfeito ao observar que os cuidados estão se refletindo nas preferências alimentares da menina. Em festas e saídas, ela tem demonstrado pouco interesse por doces, por exemplo. A intenção não é proibir esse tipo de alimento e, sim, que ela consiga um controle que Leonardo não tem sobre si: “A nossa ideia é que ela coma doce, mas que não tenha a gula do pai, por exemplo [...], que não termine o almoço e sinta ânsia de comer um doce depois”.

Esse cuidado com a filha tem levado o casal a modificar, em parte, seus hábitos alimentares, por exemplo, em relação à sobremesa: “É muito engraçado o fato de a gente não ter doce em casa. Pode ser que eu e a minha esposa tenhamos perdido o hábito de comer depois do almoço uma sobremesa. Quando almoçava fora era automático, terminava de comer e sentia necessidade de comer um doce. Hoje não me ocorre mais: eu terminei o almoço e o almoço terminou”. Como se pôde constatar, em relação ao comportamento preventivo na saúde, quando o contexto da prática cultural envolve pessoas sobre as quais tem responsabilidade, particularmente sua filha, se ativam em Leonardo disposições ascéticas que parecem não encontrar espaço quando se trata de cuidar de si.

Leonardo não consome muito bebidas com álcool. Poderia beber mais, no entanto, como não acha adequado fazê-lo durante a semana, opera estratégias restritivas a certa

¹⁹⁰ “E acho que ela respeita assim. Como eu adoto uma posição muito azeda, muito brava com isso, intransigente, acho que... não tenho um controle pleno, e até porque minha menina agora está tendo vontades que até antes ela não tinha. Mas eu tento deixar claro, acho que precisa. Na minha opinião, eu acho ruim, é um troço que me cansa mas acho que precisa”.

propensão neste campo. Isso, particularmente, desde que passo a apreciar a bebida independente do contexto social.

Cerveja é praticamente a única bebida que toma. O motivo de sua preferência com a bebida mudou no tempo: “Antes, tomava porque as pessoas tomavam; hoje gosto, tenho prazer de tomar”. A escolha começou a ficar um pouco mais seletiva e sofisticada no último período: “Quando comecei a gostar mais, nestes últimos sete anos, comecei a ter gosto por marca. E faz um meio ano que comecei a provar cervejas diferentes”. Esse interesse, porém, não tem significado uma *intelectualização* do gosto, buscando conhecer detalhes técnicos de sua produção e características. Geralmente, bebe em reuniões sociais. Também bebe em casa, mais evita fazê-lo. Uma estratégia para isso é, por exemplo, a decisão de não comprar guloseimas, nem ter bebida na geladeira: “Até tenho evitado ter cerveja gelada, para não se tornar muito comum [seu consumo]”. Não costuma cometer excessos com a bebida: “Ficar bêbado hoje não me agrada mais, a ressaca me chateia”. A esposa também não gosta de bebidas alcoólicas.

Leonardo não tem hábitos de práticas auxiliares do cuidado do corpo. Até já ficou curioso por fazer massagens, mas não o suficiente para converter o desejo em iniciativa e, além do mais, o custo do serviço é um elemento que pesa na decisão: “Anteontem, a gente foi no *shopping* e tinha um cara fazendo massagem, aí pensei que seria legal fazer, mas não fui nem perguntar o preço, tomar iniciativa, não. Se fosse de graça talvez fosse fazer, mas não. Não tenho esse hábito, não tenho nem vontade, na verdade, de gastar dinheiro nisso”.

Quanto a cuidados estéticos com sua aparência, Leonardo não mostra grande preocupação. Em relação a esse ponto, ele se considera muito “relaxado”. Tomando o cuidado da barba, para exemplificar o tema, comenta: “Tanto que faço dia sim dia não, se cair numa quinta-feira e me esquecer, se puder emendar com a sexta eu já não faço mais”. Algo similar acontece com o cabelo: “Sei que não está legal, mas não vou cortar [...]. Quando minha esposa diz: „Está bagunçado teu cabelo“ e mandar cortar, eu vou e corto [risos]”.

Um dos efeitos da idade que ele está percebendo se relaciona à perda de cabelo: “É uma pena [risos]”. Relata certo aborrecimento quando percebeu o que estava acontecendo, até procurou frear o processo, mas o empenho não durou muito: “Quando começou a cair, passei a me incomodar com o assunto, tomei finasterida um tempo. Mas é um negócio complicado de tomar, tu tens que ser muito disciplinado. Tomas para não continuar caindo, tipo religião, tu tens que acreditar que o troço está funcionando. E eu não..., dali a um pouco parei. Notei que caiu mais depois. Mas agora já está num nível, que tento não me incomodar. Paciência, o corpo é assim”. Outro dos efeitos constatados com o avanço da idade são as rugas. Numa

ocasião, uma colega chamou sua atenção em relação ao assunto, e o fez pensar a respeito: “Cheguei em casa e olhei [no espelho, falando para si mesmo:] „Estou ficando mesmo [com rugas], vou ter que passar algum creme“. No outro dia, tinha me esquecido do assunto”.

As transformações no corpo produzem em Leonardo certa saudade de épocas passadas, nas quais ele gostava mais de sua aparência. Todavia, as mudanças percebidas não são suficientes para mobilizá-lo na direção de iniciar ações para atenuar o efeito do tempo: “Me achava um cara muito bonito, quando era criança, e me incomoda um pouco já não ser mais tão bonito. Mas não me esforço para voltar [a ser como era]”.

Nos aspectos relatados aparecem, conforme minha interpretação, por um lado, a ideia de que há sim algum grau de preocupação por estar se afastando de um determinado padrão estético vinculado basicamente com a idade. No entanto, isso não se desdobra em ações efetivas regulares para evitar o afastamento. De alguma maneira, estaríamos presenciando a manifestação de certa disposição indolente presente no acervo disposicional de Leonardo.

Algo similar acontece no campo da indumentária. No entanto, surge um elemento que parece não estar presente no que respeita ao cuidado da aparência: uma preocupação legitimista com respeito ao padrão estético do grupo social de referência. Particularmente, do padrão econômico sinalizado pelas marcas da roupa. Isso, contudo, parece contrabalançado pela atualização de certo ascetismo na gestão do orçamento familiar.

Em linhas gerais, Leonardo não revela grandes inquietações na forma de vestir, baseando-se em critérios estéticos próprios: “Não sou muito preocupado e não tenho despreocupação. Preocupo-me um pouco, mas não é um troço que me tome assim muita atenção”. Trata-se apenas de não destoar do ambiente social em que se encontra: “Cuido para estar na média, da repartição, estar um pouquinho abaixo não é problema”. Trata-se de evitar “vestimentas muito diferentes da minha faixa etária e do meu grupo social”. O entendimento de que a roupa é um fator de distinção importante o levou a usar terno e gravata quando trabalhou fora de Porto Alegre, ainda que isso não lhe agrade: “Não gosto [de terno e gravata]. No interior, usei bastante. Lá tu és mais conhecido, sais para almoçar, encontras o prefeito, encontras o engenheiro, o cara sabe quem tu és, então tu tens que manter certa expectativa da sociedade. Aqui em Porto Alegre isso não faz a menor diferença [...]; não uso mais”.

Neste campo, um fator decisivo para sua indumentária é o custo. Ele entende de marcas e tem parâmetros para reconhecer quais as mais valorizadas: “Noto se alguém está usando uma camiseta cara, não sou imune à marca, isso ali representa alguma coisa. Então, se estou com uma roupa de marca, acho legal, mas eu não vou comprar”. Todavia, reconhecer e

apreciar uma roupa de *griffe* não é suficiente para levá-lo a pagar o que se exige por elas: “Não me disponho a gastar muito com roupa. Então, essa história de ficar trocando de guarda-roupa para acompanhar a moda não é comigo”. Na equação entre estar dentro dos padrões socialmente exigidos e o gasto atrelado ao *bom vestir*, a segunda variável ganha mais peso: “Gostaria de ter só coisa legal, da última coleção, que eu sei que a imagem, quando tu passas perto de um cara do teu lado, é uma imagem legal. O cara até te avalia de outra forma, mas é isso, não fico incomodado de não estar vestindo [em alto padrão]. Incomoda-me mais ter que gastar R\$ 200,00 por uma camisa”. Ele tem algumas roupas de marca, mas são aquelas adquiridas quando viajou ao exterior: “Aí consegues comprar por um preço que acho razoável”, o que o deixa claramente à vontade.

Em síntese, no que tange ao espaço profissional, entende que o fato de não ser muito vaidoso e o custo da roupa são os fatores mais importantes para compor seu vestiário. Apenas trata de não estar muito “esculhambado”. No dia a dia, prefere roupas informais. Trata-se também de não destoar em relação ao contexto: “Quando a gente vai aos lugares em que as pessoas se arrumam mais, eu me adapto ao comportamento”. Procura evitar com isso estar muito diferente do entorno, já que essa situação o poderia deixar um tanto incomodado: “Acho que um pouquinho sim, se tiver muito diferente de todo mundo, acho que sim”. Por isso prefere ir a lugares mais informais, que lhe permitem se expressar melhor no que diz respeito à sua forma de vestir: “Se a gente puder ir num lugar em que posso estar meio bagunçado, vou ir bagunçado [...]. Quando a gente vai à Cidade Baixa¹⁹¹, coloco uma calça, uma camiseta, um tênis e me sinto bem”.

No dia a dia, os critérios para comprar roupas e se vestir são pessoais. Eventualmente, pergunta à esposa, mas é difícil. De fato, ele é quem tem uma vigilância maior sobre a forma de vestir da mulher. Entende que ela não tem muito critério na escolha, o que, ocasionalmente, pode levá-lo a interferir na forma de vestir da companheira: “O bom gosto no vestir não é a melhor qualidade dela [...]; era muito descuidada com isso. Ela mudou um pouquinho por causa de minha pressão, mas é absolutamente despreocupada com isso”.

Essa preocupação também se coloca sobre a forma como a filha é vestida. Reconhece que ele tem uma atitude diferente em relação à menina quando comparada com os cuidados na sua forma de vestir: “É engraçado; se minha filha não está arrumadinha, me incomoda mais”. Conhecendo a despreocupação da esposa em relação ao assunto, ele tenta ficar mais atento: “Com essa nossa despreocupação em casa, se minha filha vai sair meio não combinando, olho

¹⁹¹ A Cidade Baixa é um bairro localizado na região central da cidade, que se caracteriza pelo grande número de bares e fama de reunir a boemia porto-alegrense.

[e digo:] „Não, isso aqui é demais“. Acho que a minha preocupação é um pouquinho maior com ela talvez”. Cria-se, assim, certo impasse sobre o tema: “Tanto que é um problema vestir a menina. Minha esposa não se preocupa muito e eu assumo isso meio sem saber fazer”. O padrão com que vestem a filha é muito similar ao deles. Trata-se de não destoar, mas dentro de um padrão de gasto “razoável”. A roupa de *griffe*, porém, não é uma opção: “Não gosto, acho desagradável se ela está esculhambada. Mas, também não entro em loja de marca para comprar roupa para a minha filha”. Usa basicamente roupas compradas em hipermercados e lojas de departamento.

Em joias, o critério é muito similar ao das roupas. Procura não chamar a atenção: “Não sou de me enfeitar com metal”. O relógio, particularmente, segue a equação das roupas: “Não é dos mais baratos e também não é dos mais caros, fica numa [média]. Acho que cuido isso para ficar numa média aceitável. Não me disponho a gastar muito, mas também me preocupo em não usar um troço esculhambado que eu passe a imagem de decadência ou de esculhambação”. Na relação entre custo e posicionamento no *ranking* das marcas socialmente aceitas, a ideia é privilegiar o primeiro e não o segundo: “Tenho essa preocupação, mas, estando numa média, ou um pouquinho abaixo da média, estou satisfeito”. Nessa lógica, se fosse possível combinar essas duas dimensões, ele ficaria mais satisfeito ainda: “Na verdade, os últimos três relógios foram presentes de minha esposa. Eram marcas conhecidas só que vieram de fora, alguém trouxe, aí tu pagas R\$ 100 por uma coisa que aqui custa R\$ 1.000. Então acho legal dizerem: „O Leonardo pode gastar R\$ 1.000,00“, mas eu não gastaria os mil”.

(In)Sociabilidade: a difícil tarefa de comunicar-se

Leonardo tem uma rede de sociabilidade não muito diversa e pouco densa. Ele manifesta, diversas vezes ao longo das entrevistas, suas limitações nesse campo (“Não sou nada sociável”). Faltam disposições para o cultivo de relações sociais. Ter que “enfrentar” situações de sociabilidade formal o deixa bastante inseguro. O convívio mais frequente é com um ex-colega de faculdade e sua esposa, com uma colega de trabalho e outro casal “herdado” de uma amiga da companheira. Soma-se à rede, um vizinho de prédio com o qual tem intensificado o contato nos últimos tempos.

Antes do nascimento da filha, as saídas a cafés e bares eram um pouco mais comuns. Agora, os encontros são mais em sua casa. Os casais se visitam com certa regularidade (duas

ou três vezes por mês), embora seja menos desde que sua esposa passou a estudar para concurso público. Geralmente é a esposa quem toma a iniciativa para os encontros acontecerem: “Ela é muito sociável, comunicativa, então está sempre em contato [...]; agora, como está com outro foco, provoca menos isso”. Fora esse grupo, o contato com outras pessoas se origina no círculo de amizades da esposa.

Suas dificuldades para interagir com as pessoas são conhecidas pelos colegas de trabalho (“Ontem teve uma festinha na repartição e eu não fui. Não fui com a desculpa de cuidar da minha menina, porque a mãe tinha que estudar, mas, se não tivesse, eu sei que talvez não fosse também. Eu sei que, às vezes, é só uma desculpa”). É costume de seus companheiros buscarem a cumplicidade da esposa, para Leonardo participar em reuniões sociais do trabalho: “Virou meio brincadeira entre esses colegas mais amigos. Ah, dia tal tem janta de tal coisa, tem que falar com a esposa do Leonardo para ir. Geralmente acontece de os meus amigos ligarem para casa e dizerem: „Ó, tem janta, o teu marido já te avisou? [...]. Então já virou piada, mas eu nem me incomodo, me incomodo é com o desconforto que me produz participar desse tipo de reuniões”.

Ele sofre imaginando a possibilidade de ter que manter uma conversa com pessoas desconhecidas sem um propósito objetivo. Por isso, se sente mais cômodo participando de um encontro em que o outro assegura o ritmo da conversa: “Se a pessoa for muito comunicativa, muito aberta, me sinto mais tranquilo. Se tem pessoas do meu lado mantendo aquela conversa formal [...], simplesmente por obrigação social, e eu perceber, me sinto plenamente desconfortável [...]”. Quando tem mais pessoas participando da conversa, ele se sente mais aliviado e à vontade: “Não preciso necessariamente manter a conversa, como tem o segundo e o terceiro interlocutor na minha cabeça, divido a obrigação de conversar entre as pessoas. Então, se tiver um silêncio não sou o causador do silêncio, tem outras pessoas que o estão causando e, às vezes, falo, às vezes, não. Acho que o que me incomoda é a obrigação de manter uma conversa, aquele silêncio constrangedor, me sinto desconfortável”. Essa sensação de desconforto se acentua se o interlocutor assume uma postura de “ostentação”, fato que considera comum no universo em que trabalha: “Parece ser muito mais a questão social de avaliação pelo dinheiro [...], só que lá, como as pessoas têm uma média salarial melhor do que a sociedade em geral, as coisas parecem ser mais frequentes”.

Nesses termos, um critério importante na seleção das relações a serem cultivadas no espaço laboral passa pelas pessoas darem mais ou menos centralidade ao padrão de consumo que costumam ter: “Tem pessoas, lá dentro, que gostam muito de ostentar, que se preocupam muito com isso, e não me sinto... não estabeleço intimidade com elas. Não que sejam pessoas

ruins, mas isso eu acho desagradável”. Nessa linha, os companheiros com os que ele tem melhor relação caracterizam-se por não terem esse perfil: “São as pessoas menos preocupadas, eu não tenho assim algum colega-amigo próximo, que esteja sempre preocupado em mostrar o que fez, o que comprou, essas coisas do tipo”.

De alguma forma, Leonardo se sente interpelado sobre seu padrão econômico e teme as comparações que possam ser feitas sobre a qualidade/quantidade de seus bens materiais. Parece reeditar comportamentos descritos por ele sobre seu pai, no que respeita a certa necessidade de marcar posição em suas possibilidades econômicas (Comentando sobre certo receio do avô em sair a restaurantes com a família por sentir que não estaria à altura das dos outros comensais, Leonardo comenta: “Meu pai tem um pouquinho disso talvez. [Por que você coloca isso? O que te leva a pensar isso?] Ele está sempre muito preocupado com essas coisas assim, por exemplo, quando a gente foi morar para Campo Grande, fomos morar numa casa muito menor do que a que nós tínhamos no Sul. Me lembro do meu pai pedir para eu ir em casa buscar as fotos dessa outra casa para mostrar para um amigo tínhamos uma casa maior que a nossa. Eu acho que era um pouco de insegurança. Ele queria mostrar que ele estava numa casa menor por circunstância, que a nossa casa grande estava „lá”. Meu pai não gosta de ambientes muito refinados, acho que ele fica um pouco deslocado, parece que esse convívio em casa deixou muitas marcas no pai. [De igual modo,] o assunto do dinheiro também é muito pesado para o meu pai; ele viveu numa família pobre e passou muito trabalho”.

Ainda sobre seus laços de sociabilidade, Leonardo reconhece que deveria fazer um maior esforço para melhorar suas relações sociais; entretanto, não tem feito movimentos significativos nesse sentido. A esposa também pensa que é importante ele avançar no campo das relações profissionais e tem cobrado a participação dele nas reuniões sociais do trabalho. O êxito tem sido relativo: “A mulher me manda ir de vez em quando, então eu vou [risos]”.

Essa dificuldade de estabelecer laços sociais o acompanha desde criança: “Sou muito retraído, muito retraído. Desde as minhas lembranças, são desde a escola de ser assim, ser mais fechado e tal”. Uma de suas recordações escolares, como comentado, é o fato de não ter protagonizado a liderança dos grupos de colegas ou amigos que frequentou.

Quando foram morar em Campo Grande, foi um dos membros da família que mais sofreu a mudança, exatamente pela dificuldade de fazer novos amigos. Sua saída da cidade interiorana é lembrada como uma perda importante nas relações sociais. O mesmo aconteceu quando foi morar em Porto Alegre: “Não tenho facilidade de me adaptar, de me entrosar no grupo onde estou. Então, no interior era muito confortável, tem uma história de vida, uns amigos, os vizinhos, já havia um grupo formado onde era aceito, onde conhecia as pessoas,

onde as relações já estavam estabelecidas, então, vivia melhor. Em Campo Grande, tinha dificuldade, tive poucos amigos lá nesses dois anos. Em Porto Alegre, também; nesse sentido mais social, de me entrosar com a cidade em si, foi ruim”. Ele chegou, inclusive, a cogitar de voltar a Campo Grande antes de concluir o curso, pelas dificuldades de localizar-se socialmente na capital gaúcha: “Antes de passar para a Receita, estava muito desconfortável com a cidade, não tinha muitos amigos, tinha poucos amigos da faculdade e sentia muita falta da família”.

Leonardo fala com bastante naturalidade do assunto. Parece ter aceitado essa característica: “[Tu fazes um esforço de enfrentamento dessa característica?] Mais ou menos. Eu lido com isso. Eventualmente, faço algumas, mas não é aquele enfrentamento para resolver ou para aprender. É enfrentamento que tem que fazer em algumas situações, coisas mais importantes de trabalho ou de família ou de amigo ou de vizinho, ou levar filho em aniversário em que eu não conheço ninguém. Essas questões que não têm muita escolha, eu faço; tem que fazer, vamos fazer. Mas o resto... Algumas coisas me incomodam disso, mas não a ponto de ir procurar psiquiatra, por exemplo, para ajudar a resolver; não chega a me incomodar a esse ponto”. Ele pensava que o tempo o ajudaria a mudar, contudo, as dificuldades para relacionar-se são as de sempre: “É uma coisa que imaginava resolver na medida em que fosse ficando velho, mas não mudou, a coisa continua. Aprendi um pouquinho a administrar e tal, mas o desconforto em si existe”.

Práticas corporais: por obrigação sim, por lazer é difícil

Leonardo sempre jogou futebol na escola, ainda que não tenha se destacado no esporte. Jogava bastante com os companheiros em práticas informais; já nas mais formais, era mais difícil ter chances de participar: “No futebol, se era um grupinho mais dos meus amigos, eu jogava bem. Se era um grupo maior, que tinha que escolher para campeonato, era o último a ser escolhido”. A história se repetia em outras modalidades: “Tênis também geralmente jogava pior que todo mundo”. Na sua percepção, a dificuldade era constatável em todos os jogos esportivos coletivos. Não poder ter um bom desempenho produzia-lhe certa decepção. Não era muito bom não estar à altura dos colegas: “Incomodava um pouquinho”.

Teve melhor desempenho na natação. Durante o tempo em que realizou a prática, conseguiu constatar que, “por alguma razão”, tinha certa facilidade.

Quando passou a viver em Porto Alegre, se integrou a um grupo de colegas da universidade que jogava bola semanalmente. Também, durante a faculdade e até um ano e pouco depois de concluída, realizou com certa regularidade práticas aeróbicas: “Morava no centro da cidade, perto do Gasômetro [e] era muito fácil sair para caminhar de manhã ou pegar a bicicleta e andar ali”. Destaca várias vezes o vínculo entre o fazer e a comodidade de acesso a um local agradável.

Terminada a faculdade, os integrantes do grupo de futebol começam a ir para o interior e a parceria esportiva se desmanchou. Assim, Leonardo para de praticar: “Como jogo bola muito mal, não jogo bola com gente que não conheço. Gosto de jogar bola, mas jogo mal. Então, tem que ser com um grupo de amigos e esse grupo de amigos se pulverizou, não está mais em Porto Alegre, então, parei de jogar bola”. Aproximadamente pela mesma época, um ano e meio após concluída a faculdade, Leonardo define empenhar-se para passar em algum concurso público na área jurídica. Nesse contexto, a prática de atividades físicas cessa completamente: “Decidi estudar todo meu tempo livre. Com isso, o exercício ficou de lado e, desde aquela época [...], parei de fazer com regularidade”.

Esse episódio mostra certa incompatibilidade, na lógica de Leonardo, entre empenhar-se seriamente nos estudos, expressão de disposições ascéticas, e a manutenção de práticas corporais sustentadas em disposições hedonistas. Depois de passar no concurso de seu atual cargo e já casado, teve vários reinícios na prática de exercício. Contudo, nunca regulares: “Após aquela parada longa [...] para estudar, os meus retornos têm sido complicados. Normalmente, perto do verão decido caminhar ou correr. Eu gosto de fazer isso, me dá prazer fazer isso. De regra, porém, surge algum problema físico e tenho que parar. Depois que paro, também gosto de ficar sem fazer exercício [risos]”.

Há cerca de um ano e meio, Leonardo faz Pilates nas segundas e quartas-feiras, das oito às nove horas da manhã. A atividade é realizada numa academia pequena, que comporta duas pessoas fazendo simultaneamente, mas não tem companhia no horário em que vai (“Porém, o valor que pago corresponde à hora dividida com mais um companheiro”). Os exercícios são orientados por um professor de forma permanente. Ele começou a prática por indicação médica, após diagnosticada uma hérnia de disco: “Precisava fazer reforço na musculatura abdominal”. Começou a prática após uma crise de dor, que tratou com medicamentos e fisioterapia. O que o mantém ligado à prática é o mesmo propósito do início: “Comecei a fazer Pilates e continuo com este propósito: manter a musculatura abdominal mais firme para sofrer menos”.

De início, afirmou que dificilmente faltasse às aulas: “Só não vou quando estou viajando. Eu sou bem disciplinado nisso. As coisas que preciso fazer, eu faço. Tenho bastante disciplina”. Contudo, ao longo das entrevistas, evidenciou que a assistência poderia ser um pouco menos regular que o descrito inicialmente. Também assume que a assiduidade tem uma relação direta com os efeitos da falta de treinamento: “[Manter a regularidade] é fácil, porque, se eu parar, sinto dor, então, é uma coisa fácil. Eu sei que, se ficar um mês sem fazer exercício, vou começar a sentir um pouco de dor; por isso, faço regularmente. A ausência do exercício noto logo”.

A relação que mantém com a prática foi exposta claramente toda vez que falamos do assunto, é praticamente um remédio que deve ser tomado regularmente: “Obrigação, como um tratamento médico, obrigação para manter o corpo melhor¹⁹²”. Alinhados a esse propósito, os motivos com a prática são basicamente utilitários. Não há elementos intrínsecos que o atraiam a praticar, ainda que não tenha rejeição pela mesma: “Não, gosto, me sinto bem. Não tenho um enorme prazer em fazer, mas também não é um problema, não é um tormento [...]. Na verdade, o que mais me atrapalha, entre aspas, é esse horário em que, a princípio, estaria trabalhando e tenho que separar do meu dia para cuidar desse assunto. Mas o estar lá não é problema. Sinto-me bem, gosto de fazer, gosto do professor, ele é bom e traz um resultado bom. Esqueço-me de que tenho hérnia de disco, me sinto muito bem, não tenho dor alguma”. Por outro lado, estabelece algumas estratégias para facilitar a continuidade. Uma é o fato de fazer atividade cedo, de tal forma que seja realizada quase por hábito: “Acordo e vou fazer. O exercício, na verdade, não é uma prioridade na minha vida [...]. Por isso preciso acordar e fazer. Aí, consigo encaixar”.

Entendo que estamos em presença de mais uma manifestação de suas disposições de controle de sua propensão hedonista (“gosto [também] de não fazer [risos]”) e ascéticas vinculadas a terceiros (dar conta das obrigações laborais). Leonardo percebe que, se não desenhasse um contexto favorável em que suas outras disposições ficassem um tanto inibidas, teria grande chance de desistir, com a importante consequência que isso teria em seu bem-estar, mais particularmente nas possibilidades de cumprir suas obrigações.

Leonardo afirma que tem tentado manter atividades aeróbicas, mas não tem conseguido regularidade. Duas semanas antes da primeira entrevista, tinha voltado a caminhar/correr após uma interrupção de unos cinco meses. Indicação do cardiologista, ao constatar que ele estava com excesso de tecido adiposo: “Tens que voltar a fazer exercício”. No entanto, “anteontem

¹⁹² “Eu conto mais como um tratamento médico, menos como cuidado com a saúde, mais como tratamento médico, que é permanente. Tem que fazer, eu faço, mas é mais nesse sentido. Não posso parar de fazer”.

já me machuquei de novo [...]. Normalmente, começa o verão e decido caminhar ou correr [...]. De regra, surge algum problema físico e eu tenho que parar”. É um tipo de prática que faz sozinho e pela manhã.

No transcurso das entrevistas, enumera, enquanto razões para a falta de regularidade dessa prática, a dificuldade de retomar as atividades depois de suspendê-las por um período (“No momento que interrompo, para retomar a atividade é bem difícil, bem complicado”), o desgaste produzido pelo seu trabalho¹⁹³ e o entorno próximo de seu domicílio não ser favorável. No entanto, aponta seu pouco engajamento com esse tipo de exercício físico, como o principal motivo.

Não desconhece os benefícios atribuídos à prática regular de atividade física, mas isso não é suficiente para conseguir mudanças no que tange à assiduidade: “Esse exercício, para me manter saudável, não é prioridade. Racionalmente é, mas, na prática não é. Sempre que preciso de tempo, quem perde espaço é o exercício, invariavelmente”. Nesse ponto, reconhece que, possivelmente, outro elemento que não colabora é o fato de que esse tipo de exercício trata-se de um investimento em longo prazo e sua inatividade não acarreta consequências imediatas: “A história do caminhar e do correr tu vai sentir mais tarde, em teu coração ou em teu fôlego menor”. Nesse campo, das atividades físicas *preventivas*, as disposições ascéticas presentes noutras dimensões de suas práticas culturais não têm espaço, como acontece com o cuidado de si (saúde preventiva e alimentação). Mais uma vez, portanto, não se trata de desconhecer as práticas legítimas nesse campo, mas de considerar que isso não é suficiente para implementar a ação.

Nos últimos dois anos, no entanto, tem-se envolvido com outras atividades esportivas, que assumem um caráter mais recreativo, como vela e *karting*, ainda que não se possa falar de práticas regulares: “Coisas que eu tenho feito nos últimos anos por prazer, mas é bem esporádico”. A vela foi uma experiência realizada no ano anterior ao da entrevista. A iniciativa foi de um colega de trabalho, que o convidou para participar de um curso ofertado por um dos clubes da cidade. Ele passou a ter especial interesse na prática, quando seus pais foram morar em Florianópolis, o que lhe tem permitido ter maior contato com pessoas vinculadas a esse universo: “A gente sempre encontra ou conversa com alguém que tem barco, que sai para velejar, era uma coisa que sempre me agradou”. Leonardo descreve a

¹⁹³ Comparando o período em que realizava práticas aeróbicas regularmente com o atual, afirma: “Meu trabalho é mais pesado daquele que fazia quando morava no centro, cansa mais, chego em casa mais desgastado. Ai, como o esporte não é uma coisa que faz parte da minha vida com muita força [não tenho disposição para praticar]”.

experiência no clube de vela como muito positiva: “[...] Adorei [o curso]. Foi uma coisa que gostei muito de ter feito. Depois do curso, conseguimos sair duas vezes para velejar”.

Ele tem feito alguns movimentos que sinalizam a intenção de incorporar a prática em seu cotidiano. Mas, na época das entrevistas, ainda eram basicamente planos. Como mencionado, ele tinha lido, na época, o manual de instrução para fazer a prova da carteira de habilitação náutica. A ideia é de, no futuro, passar a navegar dentro das regras: “Me sinto meio desconfortável de estar pilotando o barco sem ter autorização”, ainda que as possibilidades de ter problemas por não ter carteira de habilitação sejam mínimas¹⁹⁴. Também estava negociando, com companheiros de trabalho, uma sociedade para a compra de um barco. Porém, diferenças em relação às pretensões sobre a embarcação¹⁹⁵ (tamanho e características esportivas¹⁹⁶) e ao investimento a fazer estavam retardando a aquisição: “Há dois meses converso com dois colegas, que são mais próximos, sobre comprar um barco. A gente tem olhado, mas é um pouco caro, tem que se associar num clube, custa R\$ 300,00 por mês. A gente quer sair comprar um barco, mas agora não é o momento. Se não fosse a questão financeira, hoje teria comprado um barco já”. A preferência de Leonardo é por um barco barato e que permita a participação em atividades esportivas: “Prefiro um que dê para participar de regatinhas e tal [...]. Não precisa ganhar, tu vais só pelo compromisso de encontrar gente que veleja e gosta de fazer a mesma coisa”.

No ano das entrevistas, Leonardo tinha recebido alguns convites para navegar; contudo, conseguiu concretizar apenas um. Geralmente, a prática é realizada aos finais de semana e, no caso, o plano familiar da esposa dedicar-se aos estudos para concurso estava exigindo que ele

¹⁹⁴ Aqui em Porto Alegre até dá para a gente fazer isso. Ontem até um amigo meu me ligou pra gente sair velejar, mas eu não podia, nós dois não temos carteira, mas aqui até daria, não tem muita fiscalização. A gente pega barco pequenininho, um lugar com pouco barco, que não tem banhista, então tu não vai machucar ninguém, se tu machucar é a ti mesmo. Tô indo a Florianópolis agora no verão, quero alugar um barco. Se eu não tiver carteira, acho que não vou alugar, porque eu gosto das coisas organizadas; dessa coisa de infringir normas, não. Mas é isso aí, só para nós termos as coisas organizadinhas.

¹⁹⁵ [E quanto sai cada barco, querem um barco pequeno?] “É, na verdade, esse grupo de três aí tem opinião um pouquinho diferente, mas tu compras barco de R\$ 10.000,00 e aí não tem limite, né? Pra nós, tem limite. A conversa ali varia entre 10 e 30 mais ou menos. Eu prefiro ficar nos 10, mas a gente está conversando. Até o conceito de barco está diferente. Eu prefiro um barco menor, um dos meus colegas quer um barco maior, pra poder levar a esposa e a filha. Então a gente vai conversando, mas é muito a questão financeira que tá dando uma segurada, senão já teria comprado um barco”.

¹⁹⁶ “[...] Na verdade, tu podes ter esportividade ou não mesmo nos barcos grandes, mas o que está acontecendo é, assim: eu prefiro um barco menor, mais fácil de velejar, mais fácil de carregar, e o Evandro prefere um barco maiorzinho, para levar esposa e filho com maior segurança, uma cadeirazinha pra dormir, se quiser. Mas o que acontece é que ele quer um barco menor, esportivo, eu prefiro um que dê para participar de regatinha e tal. Imagina os caras velejando uma hora sozinhos no mesmo lugar, enche o saco! Então uma coisa assim, tu te inscreve numa regata lá, não precisa ganhar, tu vai só pelo compromisso de encontrar gente que veleja e lá faz a mesma coisa, mas é uma das coisas que eu gosto de fazer”.

ficasse em casa: “Os meus finais de semana são mortos atualmente, porque, se eu não fico com a menina, minha mulher tem que ficar, e aí não tem alternativa”.

Numa linha similar à vela, estava tentando voltar a ter uma prática que foi comum durante o tempo em que trabalhou na Receita Federal: corridas de *karting*. Naquela época, tinha a “turma do *karting*”, que participava de corridas uma vez a cada dois meses. Um mês antes do início das entrevistas, ele tinha participado de uma corrida com colegas de trabalho. Estava apostando em montar uma nova turma com o grupo de interessados. A expectativa era de organizar uma nova prova em pouco tempo. Ele sempre se identificou com esse tipo de prática: “Gosto de automobilismo desde criança”. As provas são disputadas em autódromos especializados, que alugam a pista e os equipamentos. Competem em *karts* de 9 HPs, em baterias que duram 30 minutos, mas em que participam entre 10 e 20 pilotos. Os corredores, dentro do pacote do aluguel, recebem macacão, capacete e luvas: “Basta tu gostares de correr, alugas a pista, chamas teus amigos e vais lá correr uma hora. É muito legal, bem gostoso!”.

Entre as práticas físicas recreativas experimentadas, das que gostou muito e gostaria de realizar se as condições estiverem dadas, está o mergulho. Ele teve algumas experiências nesse esporte quando mais novo, contudo o problema do custo aparece como um empecilho: “Quando fui fazer mergulho, foi uma coisa que me apaixonei por fazer, mas aí, pela questão da distância e do custo disso, não se tornou uma atividade rotineira”. Pensa em fazer uma experiência em Fernando de Noronha. Mas o fato de a mulher não gostar das atividades aquáticas diminui a possibilidade de conseguir companhia para a aventura: “Necessitamos ir com um casal de amigos em que um mergulhe e o outro não, porque, se a minha mulher ficar sozinha, perde o propósito da viagem do casal”. Porém, esse não envolvimento efetivo de Leonardo com a prática, em linhas gerais, entendo não ser estranho, pois, apesar de dizer gostar, parece que um conjunto de disposições ascéticas parece operar com mais força em seu interior com mais força que suas disposições hedonistas.

Para finalizar a descrição das práticas corporais de Leonardo, comento rapidamente sobre o que parece ter significado para ele não jogar bola, particularmente no que se refere à constituição de possíveis contextos que podem ter reforçado algumas de suas disposições. Não ter um desempenho razoável no futebol, conforme explicita, teve impacto em suas relações sociais. Na época de escola, se é verdade que tal fato não impediu construir laços de amizade (“no meu grupo, tinha amigos que praticavam esportes muito bem”), também é verdade que diminuiu as possibilidades de tornar mais densa, intensa e diversificada a rede de sociabilidade: “O fato de tu jogares bem fortalece os laços, te chamam para treinar, te

chamam para jogar contra outra escola e tal. O cara que joga mais ou menos fica fora, né? Razoável que seja assim. Algumas portas não se abrem, acho que interfere na vida social”.

Suas vivências escolares, em parte, também se atualizaram em sua vida de profissional, já adulto. No local onde trabalha, tem uma equipe que joga regularmente. Contudo, Leonardo não se sente bem jogando nesse grupo. A concepção dos colegas sobre o jogo o constrange: “Nós temos um grupo de futebol de funcionários. Não vou jogar porque, se entrar no time, acabo com o time. Como é um grupo mais competitivo, não me sinto bem, me sinto desconfortável em atrapalhar”. Leonardo percebe que essa (auto) exclusão significa perder a oportunidade de robustecer os vínculos com uma parte dos colegas de trabalho: “Esse tipo de encontro esportivo acaba fortalecendo as relações. Relações mais fortalecidas no trabalho fluem melhor. Se tu precisas que algum colega teu ceda por alguma razão, ele se sente mais..., eu não diria pressionado, mas a tendência de ele ceder é para o cara com quem ele convive mais, com quem ele conversou, com quem ele comeu churrasco depois do futebol. Então, acho que o esporte é bem importante no mundo profissional [...]. Se tu for jogar tênis com teu chefe, com mais simpatia ele vai te escutar no escritório no dia seguinte. O esporte é muito importante nesse campo”. Em seu caso, porém, não vê muita alternativa.

Sabendo de seu desempenho, quando joga procura fazê-lo em situações em que a lógica do lazer impere sobre a do rendimento. Quando aparecem ofertas de espaços, onde o espírito de competição e o resultado se impõem sobre a prática, não joga: “Se é um grupo mais próximo, são só amigos, muito amigos, jogando simplesmente para se encontrar e comer churrasco depois, eu me sinto bem. Jogo mal, tiram um sarro, mas não me importo. Quando é um grupo mais competitivo, que noto que o time está indo mal por minha causa, me sinto desconfortável, então, não vou jogar”.

Desta forma, os contextos de prática esportiva aos que a ela têm acesso parecem ter facilitado pouco a construção de vínculos sociais, como também reforçaram a ideia de incapacidade neste universo. Sobre este último tema, surge, em seus relatos, como também aparecerá mais à frente, nas descrições sobre o desempenho esportivo do seu pai, que Leonardo opera com um conceito de talento ou dom que o leva a acreditar que pessoas nascem ou não com competências para essas práticas culturais, fator que colaborando para que aceite sua falta de habilidade como algo quase que “natural”.

Os antecedentes familiares, no campo dos exercícios físicos e do esporte, são mínimos. Na percepção de Leonardo, não se trata apenas de falta de hábito, e sim de competência: “Na minha família, ninguém tem grandes habilidades para o esporte”. Seus pais, quando mais novos, não praticavam exercício físico de forma regular: “Meu pai tem uma coisa que eu

repito: tentar fazer exercício. Lembro que ele jogava futebol muito mal. Então, quando tinha as reuniões dos grupos e jogavam, o meu pai saía. Ele não tinha o grupo do futebol. Duas ou três vezes comprou raquete para jogar tênis, mas também jogou pouquíssimo”. Na casa em que moravam no interior, tinham uma quadra de tênis (“um enorme lugar com concreto”) e lá tentaram, várias vezes, incorporar, sem sucesso, a prática esportiva.

Leonardo comenta que o baixo desempenho de seu pai, tanto como com ele, se manifestava nas diferentes práticas corporais: “Eu vi ele jogar. Ele é como eu, acho que um pouco pior. Era muito atabalhado. A gente botava a rede para jogar vôlei, iam amigos lá em casa para jogar e, às vezes, o meu pai parava para brincar um pouquinho: era um completo desastre. No tênis, também. Ele não teve essa coordenação motora mínima que o esporte pede. Meu pai tem outras habilidades, enormes habilidades manuais para fazer coisas, consertar, inventar, criar, desenhar, mas do esporte especificamente, não”. A mãe também nunca teve envolvimento com o exercício físico.

Na atualidade, o pai continua tentando: “Começa a caminhar, o faz por dois meses e para”. A mãe, após um acidente em que machucou o braço, passou a fazer, de forma mais sistemática, “um pouco” de musculação e Pilates: “Muito nesse cunho terapêutico e, às vezes, para emagrecer”. Leonardo lamenta que seja dessa forma. Ele percebe que, principalmente seu pai, perde oportunidades para o exercício da sociabilidade por não conseguir um desempenho minimamente proficiente em suas práticas.

Os irmãos são mais ativos. A irmã menor foi componente de uma equipe de natação durante vários anos na adolescência. Na atualidade, as duas irmãs mais praticam exercícios físicos para manter a forma. O irmão, por outro lado, tem práticas mais diversificadas: “Joga mais futebol com os amigos, com os colegas de trabalho, faz *trekking* e tal, joga um pouco de tênis, é um pouco mais ativo nesse sentido”.

A esposa de Leonardo também não tem nenhum tipo de envolvimento com práticas corporais. Até eles tentaram manter uma atividade juntos, mas não funcionou: “Quando comecei a fazer Pilates, por terapia, a gente resolveu fazer, o casal, fazer os dois juntos, para ter uma atividade em comum. Só que, com a história de estudar para concursos, ela parou”.

4.3.1.1 Homens *Privilegiados* com *Práticas Convergentes*: Diálogo com Leonardo

Como anunciado anteriormente, esta parte do texto tem um duplo propósito. Por um lado, analisar de forma particular o sentido que a PMCTL assume no caso de Leonardo,

ampliando as reflexões do retrato sociológico. Por outro, busca continuar a discussão desenvolvida na segunda parte da segunda etapa da pesquisa sobre os significados que o esporte pode assumir entre sujeitos localizados no mesmo espaço social e envolvidos em práticas corporais convergentes.

Leonardo, tomando como referência a estrutura de posições socioeconômicas que serve de base para este trabalho, teve uma ascensão social dentro da macroposição de classe *privilegiado*. Em linhas gerais, isso significa que sua trajetória está marcada por uma série de vantagens materiais, quando comparada aos casos localizados nos setores socioeconômicos mais baixos: entrada tardia no mercado de trabalho, possibilidade de preparar-se para aceder a um emprego qualificado, família com capacidade econômica capaz de custear a participação em espaços potencialmente incentivadores de PMCTL (clubes, academias), chance de realizar educação básica e superior sem nenhum tipo de interrupção, rede de vínculos sociais em que a prática de esporte é mais comum e diversificada, entre outras.

Na atualidade, localiza-se num dos grupos sociais que têm algumas vantagens associadas ao envolvimento com PMCTL. Quanto ao tempo, como grande parte das pessoas que se encontra em sua posição de classe, tem possibilidades de contratar trabalhadores para desenvolver parte das tarefas de reprodução da vida social, o que libera uma porção de seu tempo para outras atividades. Pelo tipo de ocupação, também possui autonomia na organização de seu horário de trabalho. Leonardo escolhe a hora de entrada e de saída da repartição, assim como o tempo de permanência. O tempo dedicado à sua tarefa também não deixa de ser algo negociado com a instituição em que trabalha, ainda que seja algo mais complexo que a organização de seus horários de trabalho.

Na lista de vantagens entra a sua renda, a qual é compatível com o pagamento de serviços especializados na área do exercício físico, garantindo um atendimento específico para suas necessidades. Tal capacidade econômica permite à família ser sócia de um clube recreativo que fica próximo ao lugar onde moram e que oferece diferentes tipos de práticas corporais. Na mesma linha, possui veículo próprio e mora num lugar da cidade onde são oferecidos diversos serviços de atividades físicas. Além disso, como ocorre com os demais bairros que concentram as famílias com melhor poder aquisitivo de cidade de Porto Alegre, conta com a oferta de espaços públicos relativamente próximos de casa e em boas condições de conservação. Inclusive, como é cada vez mais comum em residenciais de alto padrão, o prédio onde reside disponibiliza uma academia para os condôminos, com equipamento compatível à prática regular de exercícios físicos.

Nessa linha, é possível afirmar que Leonardo conta com uma série de vantagens facilitadoras de seu envolvimento com diferentes tipos de PMCTL e que, em consequência disso, o vínculo mantido por ele com esse universo está fortemente atrelado às suas disposições e às possibilidades para prática oferecidas pela rede social com que interage. Nesse contexto, o fato de Leonardo ter um envolvimento com a prática de exercícios físicos marcado por seu caráter *terapêutico* e não preventivo fala mais de suas disposições do que das condições materiais em que vive.

Na leitura do caso de Leonardo, ganha relevância uma citação de Bourdieu sobre o caráter que o exercício físico orientado à saúde assume¹⁹⁷ nas frações mais ricas em capital cultural das classes médias e da classe *dominante*, espaço social em que aparentemente se inscrevem algumas das disposições para o esforço e a disciplina do sujeito em estudo:

[...] a ginástica e [outras práticas] estritamente orientadas à saúde [...] são atividades altamente racionais e racionalizadas. Isso é assim, em primeiro lugar, porque pressupõem uma fé racional nos benefícios posteriores e freqüentemente intangíveis que a razão promete [...]; em segundo lugar, porque essas atividades têm geralmente significado só com relação a um conhecimento abstrato e completamente teórico dos efeitos de um exercício que em si mesmo com freqüência se reduz, como é no caso da ginástica, a uma série de movimentos abstratos, descompostos e reorganizados com referência a um fim específico e tecnicamente definido (por exemplo, “os abdominais”) [...]. Assim, compreende-se que estas **atividades possam estar apenas enraizadas nas disposições ascéticas dos indivíduos que desejam ascender socialmente**, os quais estão preparados para encontrar sua satisfação no esforço mesmo e **para aceitar incondicionalmente – esse é o sentido de toda sua existência – as satisfações diferidas que são prometidas a seu sacrifício presente**. (BOURDIEU, 1993, p. 80-81, [2008, p. 202] grifo meu).

Tomando a citação de forma literal, seria lógico esperar que sujeitos com o perfil de Leonardo – não apenas do ponto socioeconômico, mas, particularmente, com disposições para o esforço e a disciplina que em seu caso atualiza em universos como o profissional e dos estudos – também estivessem presentes no envolvimento com os exercícios físicos. No entanto não é assim. O envolvimento de Leonardo com o pilates é sustentado numa necessidade imediata e ele duvida se conseguiria manter a prática caso a dor não se intensificasse quando ele deixa de ir às aulas. Da mesma forma, as disposições para aceitar as *satisfações diferidas que premiaram seu sacrifício presente*, que entendo se manifestarem em várias dimensões de sua vida, não se atualizam nesse campo. A lógica é outra.

¹⁹⁷ “Tudo parece sugerir que” (BOURDIEU, 1993, p. 80).

David: 52 anos, gerente de indústria (jornada de 44 horas por semana), com Ensino Superior completo, casado, dois filhos (23 e 19 anos), morador do Bairro Rubem Berta. Consumos culturais dissonantes com tendências legítimas. Entrevista semiestruturada.

Na mesma linha de Leonardo, encontramos outros casos, como é o de David, que foi para a academia para intervir sobre um problema específico. Ele comenta sobre sua prática regular de exercícios físicos, iniciada três anos atrás: “na verdade comecei musculação pela questão que eu tenho problema no joelho, então eu faço reforço muscular, então o principal motivo é o reforço muscular da perna. Mas, aí... já aproveitei e estou fazendo para melhorar a condição física como um todo”. Revisando vários casos neste espaço social, pode-se ver certa tendência a iniciar uma prática de exercício físico após problemas manifestos. Mantém-se a atividade, produto do controle/melhora do agravo que levou à prática, como é o caso de Leonardo, ou incorpora-a ao dia a dia como produto dos efeitos agregados fora do problema inicial, como parece ser o caso de David. Nessa linha, acredito que seria importante aprofundar, em futuros estudos, a relação entre PMCTL e a ideia de saúde na tensão entre o propósito *terapêutico* e *preventivo*.

Marcelo: 52 anos, gerente de indústria (jornada de 58 horas por semana), com Ensino Superior completo, casado, três filhos (25, 22 e 20 anos), morador do Bairro Santa Ana. Pai: gerente de banco, com Ensino Médio completo. Mãe: do lar, com Ensino Fundamental completo. Consumos culturais consonantes com predomínio legítimo. Entrevista semiestruturada.

Analisando outros casos que participaram da pesquisa, encontram-se razões mais próximas da ideia de saúde preventiva. Marcelo é um desses casos. Quando indagado porque fazia *academia* (basicamente combina corrida em esteira e exercícios de resistência), sua resposta trouxe uma concepção de saúde mais preventiva que

Jerônimo: 31 anos, analista de sistemas (jornada de 40 horas semanais), com Ensino Superior completo, casado, dois filhos (12 e 7 anos), morador do Bairro Alto Teresópolis. Pai: motorista de taxi, com Ensino Fundamental incompleto. Mãe: cozinheira, com Ensino Médio completo. Consumos culturais dissonantes. Entrevista semiestruturada.

terapêutica: “para evitar o sedentarismo. Ter uma atividade regular que é necessária, mais na medida em que vai avançando a idade”. Numa linha similar está Jerônimo, que desde o último ano e meio tem incorporado a prática da musculação e *spinning* (três vezes por semana cada modalidade). Indagado sobre os motivos, ele para e pensa [demora a responder]. Depois, um pouco inseguro, começa afirmando: “Como que é... a... bem-estar né? [volta a ficar em silêncio], é que alguma atividade física tem que fazer [saúde, pergunta o entrevistador, algo impaciente]. Isso saúde!”. Uma questão comum a esse tipo de caso (tanto na saúde terapêutica como preventiva) é que as atividades descritas têm relativamente *pouco* tempo de iniciadas (tomando como referência a idade dos sujeitos). Não é comum encontrar praticantes vinculados a esse tipo de exercício físico desde um período de tempo superior a 10% de sua

idade. Nessa lógica, seria importante conhecer em detalhe o elemento desencadeador do vínculo com a PMCTL e os elementos facilitadores da permanência dos sujeitos na prática corporal e sua posição e trajetória de classe.

Eddy: 33 anos, empresário, com Ensino Superior completo, união estável, um enteado (9 anos), morador de um condomínio privado na zona sul da cidade. Renda mensal aproximada de R\$ 18.000. Pai: empresário, com Ensino Superior. Mãe: do lar, com Ensino Superior completo. Consumos legítimos. Entrevista em profundidade (quatro entrevistas, 10 horas de áudio).

Um dos casos estudados, no entanto, tem um vínculo com o exercício físico diferente dos casos anteriores. Eddy, atualmente¹⁹⁸, faz musculação, corre e joga golfe com regularidade (várias vezes por semana). Eventualmente, pode nadar. Não é raro fazer duas atividades diferentes num mesmo dia (correr e ir à academia, por exemplo). Em seu caso, os exercícios físicos assumem um caráter com forte conotação estética, a ideia é “estar em forma”. Diversas vezes durante as entrevistas fez referência ao desenvolvimento muscular como um vetor importante para “puxar ferro”. Na lógica de Eddy – exercício físico centrado na dimensão estética – não há contradição entre o forte envolvimento com PMCTL e o hábito de fumar. Nessa perspectiva, fumo e exercício físico são compatíveis: “corria para manter a forma, uma ou duas vezes por semana, na academia na maioria das vezes, até o dia que resolvi correr para não deixar o cigarro me atrapalhar. Então comecei a correr, e aí veio aquele desafio, quer que eu pare de fumar, corra mais do que eu. Eu comecei a correr para me garantir contra os outros. Tem gente que não fuma, corre cinco quilômetros e está morto. Eu fumo uma carteira, corro 15 km, se quiser que corra mais, eu corro mais, tá! Eu não vou deixar o cigarro me atrapalhar. Então hoje eu corro umas quatro vezes por semana, no mínimo. Claro, às vezes nem tudo isso [...]”.

Sinteticamente, poderia apontar que o envolvimento com o exercício físico nesse espaço social pode estar atravessado por diferentes significados. Porém conjecturo que as práticas de atividades físicas centradas na ideia de *intervenção terapêutica* são tão ou mais presentes que as centradas num propósito *preventivo*, enquanto que preocupações *apenas estéticas* são menos frequentes que as vinculadas a uma ideia de saúde (terapêutica e preventiva), ainda que não estejam descoladas. Todavia parece que preocupações com o cuidado da forma corporal podem ser mais comuns em setores sociais privilegiados do que nas classes populares.

¹⁹⁸ Eddy praticou diversos esportes: polo aquático, natação, muay thai, surfê. Quando criança jogou futebol, mas é uma prática que não o atrai.

4.3.1.2 Disposições e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre em Leonardo

Após a digressão do tópico anterior, retomo aqui o desenvolvimento da terceira etapa da pesquisa. Volto a centrar a análise nas disposições. Inicialmente, apresento uma síntese analítica das disposições de Leonardo e, posteriormente, uma interpretação dos espaços/relações/situações que potencialmente podem ter propiciado a constituição dessas disposições.

Ao longo das entrevistas, das leituras das transcrições e da descrição da *vida* de Leonardo, construí uma representação das disposições que parecem operar em diferentes dimensões de sua atuação social. Essa representação permite-me conjecturar como elas operam em diferentes contextos e quais são seus vínculos com as PMCTL. Em formato de tópicos, recapitulo os aspectos que considero mais importantes de minha leitura sobre o caso:

- No patrimônio disposicional de Leonardo, coexistem lógicas de atuar, pensar, avaliar e sentir diferentes (disposições), algumas opostas, que se atualizam segundo a área de práticas e a relação com a atividade que ele mantém (por exemplo, disposições ascéticas e planejadoras *versus* as hedonistas e espontâneas: à ascese laboral cotidiana opõe-se o hedonismo ou a indolência que toma conta de sua alimentação nas noites; enquanto o planejamento financeiro e o controle bastante estrito do orçamento familiar opõem-se à relação terapêutica – *versus* preventiva – com a saúde);
- Esse patrimônio disposicional parece operar também no campo das práticas corporais. O pilates vincula-se com disposições mais ascéticas, em grande parte porque há uma relação direta com os resultados imediatos de sua prática: o controle da dor. Já os exercícios físicos aeróbicos não parecem ativar as disposições ascéticas porque os resultados operam no longo prazo, o que tira a recompensa imediata que poderia dar suporte motivacional para sua prática regular. Finalmente, práticas como a vela, o karting e o mergulho têm, na base, disposições hedonistas, as quais são bastante frágeis na estruturação das práticas culturais de Leonardo;
- A autonomia relativa das diferentes disposições constituídas (disposição ascética e racional, legitimistas, à renúncia de si, controle de propensões inadequadas, hedonista e espontânea ou, segundo os casos, etc.) não forma um *sistema de disposições* e não pode se resumir em uma *fórmula geradora* dos comportamentos. Assim, não é possível atribuir o conjunto de práticas culturais de Leonardo a um *habitus*, entendido como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que [...] funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (BOURDIEU,

1983c, p. 61);

- No que se refere às práticas corporais, não é possível identificar uma única fórmula geradora, operando na formação de seus gostos e preferências;
- A força relativa de certas disposições (por exemplo, ascéticas), em relação a outras opostas (por exemplo, hedonistas), manifesta-se pelo fato de as segundas ganharem menos espaço do que as primeiras nas decisões sobre as prioridades na organização da vida cotidiana (em minha interpretação, não é estranho que Leonardo diminua o contato com os amigos, as saídas de lazer e postergue a possibilidade de velejar frente à necessidade de criar um clima familiar no qual a esposa possa dedicar todo o seu tempo para estudar e passar num concurso, como ele fez, e faria novamente, caso fosse necessário);
- A força relativa das disposições está vinculada ao contexto de atualização. Atividades que envolvem terceiros (como o trabalho e o cuidado da filha) permitem a atualização de disposições ascéticas; por outro lado, práticas vinculadas ao cuidado de si, não permitem, a menos que práticas vinculadas ao cuidado de si possam afetar terceiros (práticas de saúde preventiva – vacinas – e controle sobre a alimentação);
- No universo das práticas corporais, particularmente aquelas que se vinculariam a um investimento de mais longo prazo (exercícios aeróbicos), manifesta-se que as disposições ascéticas, que parecem ser fortes em outras esferas de suas práticas culturais, não se transferem, apesar de suas intenções: [É regular nas práticas de exercícios físicos?] “Quando eu decido fazer uma coisa, eu consigo manter uma regularidade, eu sou disciplinado”. Ser disciplinado em várias esferas de atuação social e desejar sê-lo no campo das PMCTL não é o suficiente para que disposições ascéticas sejam atualizadas;
- Disposições legitimistas parecem estar na base de decisões e práticas percebidas como socialmente prestigiosas, particularmente no que diz respeito à exposição de certa capacidade econômica (consumo de bens, vestuário, visitas culturais em suas viagens ao exterior); no entanto disposições legitimistas não operam em todas as esferas culturais (consumo de cultura: livros, filmes/cinema, saídas culturais);
- No campo de práticas vinculadas ao cuidado da forma corporal e aparência, as disposições legitimistas também não operam. Quando conversamos sobre o assunto, ficou claro que, a respeito da deterioração *natural* da forma física (aumento de peso, flacidez muscular) e do envelhecimento da aparência (rugos, perda de cabelo) – ainda

que sejam aspectos notados e, em parte, conotados negativamente em seu universo de relações –, o envolvimento com práticas orientadas a desacelerar esses processos não é vivido como uma exigência. Ele entende que preocupações no campo da aparência são mais características das mulheres. Também disposições legitimistas não são explícitas no desejo de praticar esportes claramente vinculados a setores socioeconômicos diferenciados, como a vela e o mergulho; no entanto não as descarto por completo;

- Disposições ascéticas vinculadas a uma gestão bastante estrita do orçamento e dos gastos familiares são um forte condicionamento de um conjunto de práticas culturais que se sustentariam em inclinações hedonistas (visitas culturais e de diversão) e legitimistas (consumo de bens, vestuário, visitas culturais em suas viagens ao exterior). Todavia, em alguns consumos (aparelhos eletrônicos), essas disposições perdem parte de sua força.
- O investimento econômico nas práticas corporais ganha uma consideração lógica, observando como operam as disposições neste campo. Investe em práticas que são imprescindíveis por seu caráter terapêutico e, portanto, sério (pilates), mas não em práticas que se justificariam apenas pelo lazer e pela atualização de disposições hedonistas (vela);
- Há defasagem entre as crenças (por exemplo, reconhecimento da cultura legítima, os clássicos da literatura, e crenças em normas alimentares) e as disposições para agir (por exemplo, disposições culturais pouco legítimas, como a leitura de livros comerciais, e hábitos alimentares desregrados);
- Não é diferente no campo das práticas esportivas. A crença nos benefícios sociais e/ou orgânicos do envolvimento com PMCTL não opera como disposição para agir (ele sabe e reconhece que seria positivo ter um maior envolvimento em PMCTL, todavia suas disposições para a ação não funcionam no mesmo registro);
- Implementa estratégias para o controle de suas próprias disposições sobre a base de um conhecimento de si e de suas propensões, com o propósito de impedir seus efeitos (por exemplo, não comprar guloseimas e gelar cerveja, para esses produtos não estarem disponíveis em casa na hora em que suas disposições hedonistas se sobreponham às ascéticas);
- Essa disposição, de forma inversa, parece estar na base do envolvimento com o pilates, quando escolhe um horário de aula que o ajuda a converter a prática corporal num hábito, mais sustentado no costume que no desejo ou vontade (que ele sabe nem

sempre ter para as práticas corporais).

Essa leitura do caso de Leonardo permitiu-me uma noção da complexa relação entre as disposições sociais de um sujeito e a forma que atua, pensa, avalia, sente suas práticas culturais – e, em particular, a relação com suas PMCTL. Durante a análise do caso, utilizei alguns recursos gráficos na busca de explicitar melhor minha representação das disposições referentes às práticas culturais de Leonardo. Na Figura 13, apresento um desses recursos que, através de círculos (que representam as disposições) e do nome das práticas culturais, busca exprimir minha concepção de como essas duas dimensões (disposições e práticas) se interpenetram no cotidiano do sujeito pesquisado.

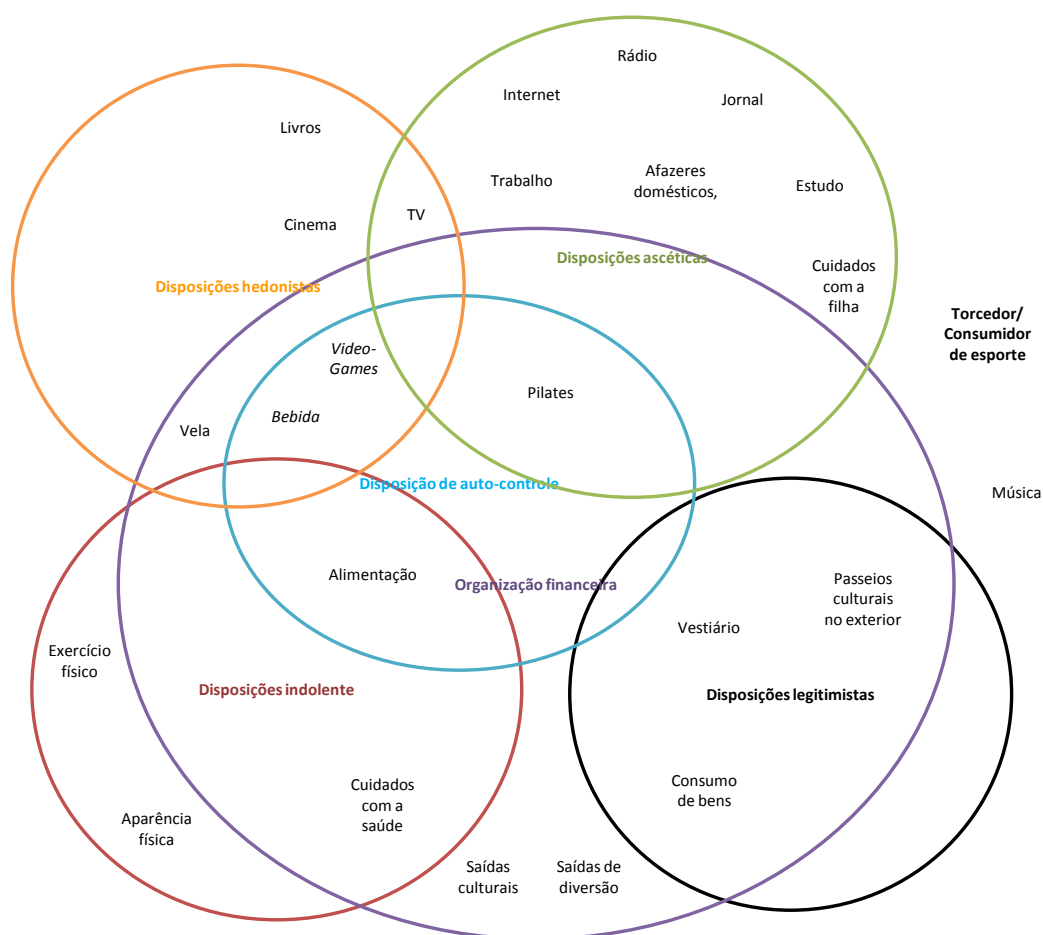


Figura 13 - Representação esquemática das disposições subjacentes às práticas culturais de Leonardo.

Na sequência da análise, compartilho alguns entendimentos sobre a *constituição das disposições* de Leonardo e as possíveis manifestações que indicariam a *atualização delas* na sua *trajetória*. A interpretação sobre possíveis espaços/relações/situações em que as disposições subjacentes (junto com as competências e os significados atribuídos) foram socialmente incorporadas pelos sujeitos é, sem dúvida, a parte mais especulativa deste trabalho. No transcurso das entrevistas, foi ficando clara a dificuldade de captar os processos de socialização que deram origem às disposições; supõe-se um tipo de imersão na vida dos sujeitos que não é fácil conseguir. Tenho muito que avançar nesse procedimento metodológico. No que se refere às PMCTL, fica evidente também que, sendo esta prática cultural, nos casos com o perfil de Leonardo, um elemento de pouca relevância na organização de sua vida, os relatos sobre suas vivências nesse universo são bastante incompletas, carentes de detalhes. Porém, por sua vez, esse pouco espaço que as PMCTL ganharam no transcurso de sua socialização permite pensar que as disposições que operam na atual gestão do exercício físico e/ou esportes se consubstanciaram fora desse universo, logo, potencialmente são passíveis de serem observadas em outras práticas culturais.

Na sequência, como no tópico anterior, apresento os pontos principais de minha interpretação sobre a forma que essas propensões foram incorporadas na atuação. No caso de Leonardo, em relação aos processos de constituição e atualização das disposições, é possível salientar:

- A importância da matriz de socialização familiar, marcada, particularmente, pelo modelo parental, na construção de disposições fortes e transferíveis, mais tarde, às diversas situações extrafamiliares (trabalho, estudo) e, em menor grau, às familiares. Diversas são as oportunidades, ao longo dos relatos, em que Leonardo descreve e dá pistas de como diversas formas de sua atuação se assemelham às do pai, ainda que possam ter diferença de grau (relação com o trabalho, responsabilidades com o estudo, gerenciamento do dinheiro, consumo de bens);
- Aparentemente, no que diz respeito à valorização do lazer, do tempo livre e, também, das práticas corporais, a marca da família foi basilar. As práticas esportivas nunca foram um elemento importante na vida dos genitores, particularmente do pai, e também não o são na vida do filho. Leonardo constituiu disposições fracas para o investimento temporal, financeiro e afetivo nesse tipo de prática;
- Na trajetória de Leonardo, há um momento em que as práticas de exercício físico tomam certo volume, em especial entre o final da faculdade e o início do ciclo de

estudos para os concursos. Nessa época, ele conciliou corridas e passeios de bicicleta junto ao Guaíba com o trabalho. Contudo, no momento que percebe que colegas de faculdade estão passando em concursos para cargos mais bem remunerados, conclui que está “perdendo seu tempo” e decide voltar a investi-lo todo nos estudos. As disposições ascéticas parecem incompatíveis com práticas que possam estar orientadas apenas por uma ideia de lazer;

- A socialização de Leonardo na crença do talento esportivo (constatada pelo uso frequente que faz da ideia de falta de dom como princípio explicativo de seu baixo desempenho no campo nos esportes) nos ambientes de práticas esportivas institucionalizadas (escola e clube), como também na família, pode ter contribuído na aceitação de sua exclusão dos campos de jogos. A Educação Física não se diferenciou de experiências em outros espaços esportivos (Leonardo tem dificuldades para diferenciar o que era aula de Educação Física e o que era escolinha dos esportes na escola);
- Certa estabilidade diacrônica da situação social global de Leonardo (profissional, entre as amizades e conjugal) não demandou grande recomposição de seu patrimônio disposicional (ele teve poucas oportunidades de fazer rupturas importantes com sua socialização primária, como já citei. Talvez por isso descreva seu mundo, até chegar à Defensoria – na qual permaneceu menos de um ano – como meio estanque: “Teus amigos são parecidos contigo, teus vizinhos são parecidos contigo”), ainda assim é perceptível a busca de distanciamento de algumas disposições “herdadas”, particularmente do pai, no que se refere à gestão de suas relações afetivas;
- No campo das práticas esportivas, o percurso socioeconômico ascendente lhe permite ter contato com sujeitos que têm preferências por outras práticas corporais (caso da vela, por exemplo). Apesar de ele se ver atraído pela prática e por seu ambiente, são as disposições ascéticas, particularmente, de forte controle orçamentário e da renúncia de si, as que *tomam* o controle das decisões frente à nova prática cultural, ficando pouco espaço para as disposições hedonistas se atualizarem;
- Também sua *insegurança*, no que tange a estabelecer vínculos de sociabilidade com pessoas desconhecidas (que interpreto mais como falta de competência do que como uma disposição), presente no conjunto de práticas sociais, potencialmente pode ter afetado seu envolvimento com outros universos de práticas corporais. Por exemplo, não imagino Leonardo se aproximando de grupos que se reúnam espontaneamente

para *jogar bola* nos espaços públicos da cidade, porque, para além de sua desconfiança sobre sua competência futebolística, também teria a barreira de colocar-se socialmente nesse grupo.

4.3.2 Rodrigo GOMES NETO

Rodrigo, 36 anos, porto-alegrense, casado, sem filhos. Gerente-geral para o Rio Grande do Sul da filial de uma empresa multinacional do setor industrial (215 funcionários diretos e 120 terceirizados). Graduado em Engenharia Civil numa universidade pública do sul do país, com mestrado em administração nos Estados Unidos, vive numa cobertura num dos bairros com o maior nível de renda da cidade e maior nível de instrução dos(as) chefes(as) de família. Sua remuneração é de uns 10.000 reais por mês e, anualmente, recebe um prêmio de, aproximadamente, cinco vezes seu salário (dependendo do desempenho da empresa). Agregam-se à renda familiar os ganhos da esposa, que oscila entre dois e três mil reais mensais.

Atualmente, Rodrigo joga futebol amador em diferentes competições de várzea da cidade de Porto Alegre. Compete pela equipe a que pertence há bastante tempo, mas também com frequência joga para outras equipes como convidado. Durante o período das entrevistas, chegou a participar de três campeonatos diferentes simultaneamente, tendo finais de semana em que estava escalado para três jogos (um em cada competição). Além de jogar futebol, treina três vezes por semana, duas horas, com um *personal*. Eventualmente, nas quintas-feiras tem “coletivo” com sua equipe.

Procurei contato com ele por ter um perfil divergente quando considerada a prática esportiva que realiza e o espaço social em que se localiza, ou seja, pratica futebol quando a maioria das pessoas de sua classe se envolve com outras práticas corporais, particularmente com exercícios físicos. Um colega do grupo de estudo que pesquisa o futebol de várzea apontou-o como um possível candidato para meu trabalho e intermediou o primeiro contato.

Na primeira ligação, praticamente não conversamos, notei que tinha chamado num momento inconveniente. Cheguei a pensar que não conseguiria desenvolver o trabalho com ele. Não obstante, na segunda ligação e nas demais comunicações sempre foi amável e disponível. No total, foram seis entrevistas, com intervalo mínimo de uma semana e máximo de seis; a coleta de dados com ele se estendeu por seis meses. Após as entrevistas, houve ainda mais um contato (sete meses depois), para uma explanação sobre o andamento do

trabalho, como também confirmar e complementar algumas informações. No total, foram gravadas cinco horas de conversa. Todos os encontros aconteceram no seu local de trabalho, entre as 11 horas e o meio-dia. Em geral, não foi simples agendar as entrevistas. Utilizamos bastante o e-mail para coordenar as agendas.

As entrevistas ocorreram sem problemas, num clima descontraído e amigável. Mesmo com uma agenda cheia, não percebi impaciência pelo tempo dedicado às nossas conversas ou o número das entrevistas. Por várias vezes foi chamado ao telefone celular, que sempre atendia, mas transferia a comunicação para depois do horário em que a entrevista estava marcada para terminar. Sempre estive de bom humor. Rodrigo é muito comunicativo e, em geral, as respostas estavam na ponta de língua (não demorava muito para responder). Fala muito rápido e faz um uso frequente de gírias (“Os caras brincam muito comigo, que eu falo muito rápido, que não entendem, tem muita brincadeira assim, que eu falo rápido de mais”).

Rodrigo não fez nenhum tipo de pergunta ou comentário sobre a pesquisa. Quando indagado diretamente sobre o assunto, manifestou que tinha aceitado participar porque queria ajudar, afirmou ter-se sentido à vontade durante as entrevistas.

Rotina intensa e estruturada

A rotina de trabalho dele é bastante concorrida. Ele acorda por volta das 7 horas da manhã e chega ao trabalho sempre antes das oito. Trabalha basicamente na empresa, ainda que possa sair algumas tardes para participar de reuniões. Um pouco depois do meio-dia almoça em restaurantes próximos à empresa (“Voltar para casa é complicado e dificilmente acontece”). Depois da refeição, que dura em torno de 30-40 minutos, trabalha direto até exatamente às 18 horas: “Isso é uma regra minha, às seis horas acaba o dia, não tem esse negócio de ficar aqui se matando e dando ordem, não pode”.

A atividade gerencial que ele desempenha é caracterizada basicamente pela organização e direção de grupos de trabalho e leitura de relatórios sobre o desempenho dos diversos setores e, ainda, pelo acompanhamento direto do funcionamento da empresa: “Basicamente são reuniões, relatórios, estudos e [articulação] com pessoas”. Dentre suas atividades profissionais, visita, a cada duas semanas, as sucursais em cidades do interior do estado. Passa, em média, dois dias fora. Também mensalmente viaja a São Paulo, onde fica a sede da empresa no Brasil.

Nas segundas, quartas e sextas-feiras, após o trabalho, vai para a sessão de treinamento personalizado. Quinta-feira, dependendo da época do ano, tem jogos-treinos com sua equipe, eventualmente podendo disputar amistosos nesses dias. Nas terças-feiras, não tem atividades esportivas programadas após o expediente: “É um dia que reservo e não faço nada, não faço exercício, me poupo mesmo”. Quase sempre, chega a casa por volta das vinte e uma horas. Entre nove e meia e dez da noite, janta. Dorme por volta das vinte e três horas. Não costuma sair entre segunda e quinta-feira: “Faço de tudo para não fazer nada durante a semana¹⁹⁹”.

No final de semana, vai com a esposa e amigos a restaurantes/ churrascos e encontros gastronômicos na casa dos pais ou sogros são bastante habituais: “A gente sai muito, é difícil ficar sexta ou sábado em casa”. Esporadicamente, quando ficam em casa o programa é assistir a um DVD e “cozinhar algo”. Durante o verão o programa é ir para a casa dos pais na praia. Sábado à tarde e/ou domingo pela manhã o programa é jogar futebol.

A ideia de manter a rotina na semana é apresentada como a necessidade de um atleta. O futebol é um fator que determina a organização de seu cotidiano: “É o princípio, de qualquer cara que goste de esporte, ter um pouco de disciplina nos hábitos, senão não dá certo. Convites para beber e fazer outra coisa tem todo dia, não é verdade? [risos]. „Ah, vamos tomar uma cerveja? Ah, vamos bater um papo!“ Isso é uma barbada”. Essa disciplina também é adequada ao desempenho profissional na posição gerencial que ocupa: “[...] Tipo assim: tem jogo do Grêmio na quinta-feira, vou tomar um monte de cerveja [...]; na sexta-feira vou estar quebrado para trabalhar. A minha performance na sexta-feira, não vai ser a mesma. Vou ter dormido pouco, vou ter bebido, tinham que me pagar menos na sexta-feira [risos]”. Isso não significa descartar qualquer tipo de comemoração o saída durante a semana, como foi o caso da despedida de solteiro do irmão – numa quinta-feira – durante o período das entrevistas. Mas, a ideia é se desregrar o menos possível.

Na gestão de sua rotina, parece atualizar disposições entre ascéticas e pragmáticas. Entre disposições para uma vida ordenada como expressão de sua disciplina (“Durante a semana, um funcionário tinha feito um churrasco na casa dele, e eu odeio churrasco, não vou! [...] A minha mecânica não funciona assim. Não tenho vontade de tomar cerveja hoje e chegar em casa às dez e meia/onze horas.) e uma vida ordenada e orientada para um propósito ou

¹⁹⁹ “Durante a semana, um funcionário tinha feito um churrasco na casa dele, e eu odeio churrasco. Eu não vou, daí tu chegas aqui, tem cerveja, ficas das sete e meia às dez horas. Tu chega em casa às 10 horas; não me serve. A minha mecânica não funciona assim. Não tenho vontade de tomar cerveja hoje e chegar em casa às dez e meia/onze horas. Não tenho vontade. Prefiro chegar em casa depois do treino, a gente come comida mesmo, tem uma moça que trabalha lá em casa, deixa a comida. A gente chega em casa, come, vê televisão, um vídeo, às vezes uma ou outra ida ao cinema, mas nada de atividade mesmo”.

objetivo (no álibi antes alegado, admite que não acharia tão ruim participar do churrasco, mas não vai por temer as consequências da intemperança). Ao longo das análises, não consegui reconhecer predominância entre essas disposições, pois, quando examinadas as práticas culturais em que tais disposições aparentemente se atualizam, sempre aparecem imbricadas.

Modelos diferentes de socialização, mas generificados

A família surge como um espaço muito importante na constituição das disposições de Rodrigo. Os pais, pelas suas trajetórias e, particularmente, pelas suas atividades profissionais, desempenharam papéis bastante diferentes em sua socialização. Foi o pai, no entanto, quem parece ter gravitado de forma especial na constituição de muitas de suas disposições. Ao longo das entrevistas, surgem outros homens (mas não mulheres) da família como referenciais importantes. O apagamento da mãe, em seu discurso, talvez esteja relacionado tanto à visão de mundo familiarmente transmitida, quanto a disposições generificadoras que parecem estar ativas nele.

O ambiente no qual cresceu é descrito como bastante homogêneo do ponto de vista social. Parece ter tido pouco contato com pessoas portadoras de experiências diferentes, capazes de tensionar as maneiras de agir, sentir ou pensar presentes no ambiente familiar. Parentes e amigos provinham de estratos sociais bastante similares. Pouco loquaz sobre seus pais e irmãos, nas entrevistas sempre passou a ideia de conviver com a família de maneira próxima e sem conflitos.

Rodrigo é o primogênito de uma família de quatro filhos que sempre residiu num bairro nobre de Porto Alegre. Seu pai, originário de uma cidade do interior gaúcho, veio a Porto Alegre para realizar o segundo grau e, após cursar Engenharia Civil, fez pós-graduação, e mais tarde a graduação em Direito. Trabalhou durante 37 anos como executivo de uma grande empresa multinacional brasileira (“foi mais um administrador que engenheiro”). Sua mãe, também do interior, formou-se em Magistério e se especializou no trabalho com deficientes mentais, mas parou de trabalhar quando se casou. Depois de alguns anos de casada, começou a trabalhar como artista plástica, ganhando significativo reconhecimento no campo das artes visuais, tanto no Rio Grande do Sul, como no Brasil.²⁰⁰

Em síntese, caracteriza os pais da seguinte forma: “[Minha mãe,] artista plástica, com uma cabeça de artista e meu pai pensando em dinheiro”. Durante a entrevista, avança um

²⁰⁰ Recentemente expôs num reconhecido museu europeu.

pouco na descrição. O pai é apresentado como: “muito tranquilo, muito família, muito inteligente, de uma inteligência um pouco superior, trabalhador que nem um cavalo [acentua várias vezes essa característica]”. No que se refere particularmente ao mundo profissional, aponta-o como um sujeito de “personalidade muito forte, um profissional violento, de muita capacidade, trabalhar duro e estudar muito”.

A mãe é destacada, em sua condição de artista, como uma pessoa dedicada em seu trabalho e com um reconhecimento expressivo de sua produção. Também caracteriza a pessoa dela por essa condição: “Minha mãe é uma artista na sua essência”. Isso significa uma disposição anímica acíclica: “Nunca teve um dia médio; ela teve dias felizes e tristes”. Mas, em geral, a descreve como uma pessoa muito alegre. Ela sempre trabalhou em sua residência; por isso, Rodrigo cresceu com um atelier em casa e um contato frequente com outros artistas. (Por exemplo, durante o ano em que efetuamos as entrevistas um reconhecido artista americano que visitou o Brasil passou uns dias na casa dos pais do Rodrigo, pela amizade que tem com sua mãe).

Uma característica comum identificada em seus pais se refere à centralidade dada à família: “São muito de casa. A casa é o centro do universo”. Também, que constituíram um espaço familiar sempre aberto aos amigos dele e dos irmãos, “uma casa cheia de gurizada”, tanto em Porto Alegre quanto na praia. Rodrigo mostra-se particularmente orgulhoso de seus pais.

Uma presença familiar importante na infância de Rodrigo também foi seu avô paterno: “O vô é meu herói”. Morador de uma cidade localizada a centenas de quilômetros de Porto Alegre, frequentava regularmente a casa do filho em Porto Alegre. Do ponto de vista econômico, é descrito com um viver razoável: “Nunca teve dinheiro, trabalhador normal, [mas] sempre teve uma boa vida”. Do ponto de vista de como conduzir-se, é descrito como uma pessoa de muitas amizades, empreendedor (fábrica de erva-mate, venda de carros, seguros) e “grande líder onde andava”. O avô teve um forte vínculo com o universo esportivo. Foi jogador de futebol na equipe da cidade e dirigente do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Rodrigo aponta uma relação de cumplicidade com seu avô: “Lembro que quando ele tinha as reuniões do Grêmio eu ia com ele”.

Na descrição, a infância, em grandes linhas, aparece recheada de atividades de convivência familiar, práticas esportivas e algumas saídas culturais: “Sempre bem família, muito almoço de família, janta de família, ida junto para visitar os avôs, os jogos do colégio, os jogos do Grêmio, o pai nos levava nos jogos. Onde a gente morava tinha uma quadra de futebol que a gente jogava bola ali, o pai às vezes jogava [...], a mãe nos levava nos teatros,

ela sempre junto”. É importante salientar que muitas dessas características descritas por Rodrigo sobre seu pai e avô são as mesmas que ele reconhece em sua própria pessoa. Liderança, capacidade de trabalho, dedicação aos estudos e gosto pelo futebol, entre outros, são aspectos que compartilha com seus ascendentes.

No que respeita à sua própria família, Rodrigo é casado há sete anos. Por decisão do casal, ainda não têm filhos. Em linhas gerais, não aparecem em sua fala sinais de que o matrimônio tenha provocado um tensionamento em suas disposições. A esposa, com uma origem socioeconômica muito similar à dele, não tem práticas e preferências culturais muito diferentes das que ele reconhece como próprias das mulheres de sua classe social. A relação parece ser adequada às suas disposições generificadoras no que respeita a papéis masculinos e femininos no casal.

Sua esposa é artista plástica, com formação universitária na área (“Não se parece com a minha mãe, só têm em comum a área, mas nada mais”, se apressa em esclarecer). Entretanto, está num processo de transição, afastando-se das esculturas e concentrando mais tempo na administração de uma pequena empresa da sua família: “tamanhozinho legalzinho”. Atualmente ela tem um retorno financeiro que lhe permite certa autonomia de Rodrigo: “Tem uma remuneração já legalzinha. Ah, vamos dizer assim que é independente, „entre aspas”, de mim, de grana. Claro que quem mantém a casa sou eu basicamente, os investimentos quem faz sou eu. Mas ela paga suas contas, suas despesas, sua gasolina, seguro do seu carro, a empregada que faz a limpeza; e eu pago o resto, digamos assim. Temos meio que um acordo, às vezes ela usa meu cartão de crédito, mas não é nada de mais. Eu seria o provedor, mas ela não é a dona de casa; é um misto disso aí”.

Rodrigo descreve a organização familiar como bastante simples. Imagina que a coisa irá “complicar” quando nascer seu filho, plano para o curto prazo. No dia a dia, ele cuida mais da organização financeira do casal e ela cuida mais do sossego familiar: “[Tem alguma outra área da vida familiar que fique mais com ela?]: puxar minhas orelhas às vezes, mandar-me acalmar, manter a harmonia da casa, eu sou muito agitado”. Entende que, quando comparado com a esposa, são parecidos quanto a “valores” como vínculos familiares e criatividade. Mas diferentes em outros pontos: “Sou um cara disciplinado, organizado, veloz; e ela é uma pessoa mais..., não desorganizada, mas o ritmo não é o mesmo. Sou muito mais acelerado que ela; ela tem a ordem dela, é diferente de fazer as coisas da minha ordem [...], a relação de ordens de organização dela é totalmente diferente”.

Nascido para gerenciar; em casa, nem tanto

Na descrição do campo profissional, como na maioria das outras dimensões de suas práticas sociais, Rodrigo passa uma ideia de que sua tarefa é simples, óbvia e totalmente sob controle. Também caracteriza seu envolvimento como o faz em outras esferas do campo cultural: enérgico, disciplinado e prático. Há, em suas descrições, um ar de naturalização de seu cotidiano profissional, que dá a impressão de que nunca fez outra coisa.

A trajetória profissional dele foi toda realizada na empresa onde trabalhava na época da entrevista. No total, são 12 anos: “Comecei a trabalhar em algumas empresas de engenharia durante a faculdade; quando faltava um ano para concluir, vim estagiar nesta empresa, isso em 97. De estagiário, fui efetivado e estou aqui [gerente]”. Rodrigo fez questão de ressaltar, frente a uma insinuação de minha parte, que sua trajetória na empresa não foi influenciada pelo prestígio nacional de seu pai no setor industrial: “Eu não trabalhei aqui por causa do meu pai: fiz engenharia, fiz estágio e fui efetivado”. Faz cinco anos que ocupa um cargo de gerência; tinha 31 anos quando assumiu.

Rodrigo afirma que está satisfeito com seu trabalho. E o mesmo se coloca em relação à rentabilidade de seu emprego e sua situação econômica. No entanto, em nossa última conversa manifestou, frente a uma indagação de minha parte, que não estava em seus planos continuar na empresa. Sabia que tinha chegado ao posto mais alto que a competência na gestão o podia levar. Dali em diante, progredir na estrutura gerencial se fazia muito mais complicado, basicamente por questões vinculadas à política da empresa. No ano anterior, ele tinha avaliado algumas propostas de mudança no campo profissional, mas a crise econômica mundial, que eclodiu no último trimestre do ano 2008, o fez adiar o plano. Todavia, no final de 2009, frente à previsão, para os próximos anos, de uma economia nacional aquecida, tinha atualizado seus planos de buscar/aceitar novos desafios profissionais. Em maio de 2010, recebi um e-mail de Rodrigo anunciando sua saída da empresa, da qual era gerente, para assumir, em sociedade com um irmão, uma empresa de construção civil do setor imobiliário. Quando conversamos sobre o tema, na última entrevista, foi o único momento em que o percebi hesitar sobre suas certezas.

Indagado sobre a forma de operar em seu trabalho, Rodrigo não é muito explícito. Passa uma ideia de algo “normal”, como todo gerente faz: lidera, motiva, cobra, propõe soluções (“Estou sempre agitando muito as coisas para que aconteçam, basicamente isso”). Trata-se de tarefas que se encaixam em seu perfil: “disciplinado, organizado, veloz”. Questionado sobre se essa organização contava com o apoio de algum tipo de agenda ou outro mecanismo de registro,

ele afirma: “[...] Na administração do tempo eu sou um relógio biológico. Meu dia está todo programado [e toma como exemplo esse próprio dia]: saí de casa no horário que saio sempre, tinha uma agenda pronta, tenho aqui [a entrevista], vou sair daqui tenho uma reunião ao meio-dia com um cara, às duas já estou aqui, às seis e meia já estou treinando. Às nove tem jogo do Grêmio, tem que chegar cedo, quero jantar antes do jogo. Meu dia até dormir está... [planejado]”. Também no campo dos investimentos financeiros Rodrigo se descreve como um sujeito organizado. Aplica, com certa regularidade, na Bolsa de Valores e acompanha com bastante atenção o comportamento do mercado (consulta amigos – especialistas, segue o desempenho das ações, controla os investimentos).

Essa organização, no entanto, não se exprime necessariamente noutras dimensões, como o espaço de trabalho (“A minha mesa é uma porcaria; ela não reflete a minha cabeça. Não tenho a minha mesa organizada; não tenho necessidade de outras coisas organizadas além da minha cabeça. A minha agenda tem pouca coisa anotada; é que eu sei o que vou fazer; não gosto de muita coisa na agenda, não preciso. Está tudo aqui [sinaliza sua cabeça]. Não faço ata de reunião, eu lembro”) ou doméstico (“Se tu olhas a minha casa não reflete..., agora até que melhorou, tentei disciplinar um pouco, mas perder a chave para sair já foi uma crise, [...] chave e carteira já perdi dentro de casa 10 vezes”). Com outros temas domésticos também não se mostrou muito metódico, por exemplo, no cuidado dos carros. No período da entrevista, o casal tinha trocado o carro da esposa, e Rodrigo estava prevendo complicações em seu cuidado, já que dificilmente lembrar-se-ia das revisões periódicas (“Vai ser um desastre para eu controlar esses negócios”). Em seu caso é, porém, mais fácil: sendo o carro da empresa, os cuidados são assumidos pela própria firma: “Então os caras fazem para mim, eu nem vejo essas coisas. Quando vejo, trocaram o óleo [...], não sou muito de carro”.

Finalizando a conversa sobre o assunto, ele confirma que sua organização profissional não é uma característica que se estende a todas as suas outras práticas sociais. Em linhas gerais, são nas dimensões que ele entende importantes que as disposições ascéticas e de planejamento (e/ou pragmáticas) se atualizam: “[Além da agenda de trabalho e investimentos financeiros, há alguma outra dimensão da tua vida que reconheces bem organizada?] Não, não sei Fernando, tem a parte física do treinamento, isso é perfeito, essas três coisas são bem organizadas; no resto, não sou um cara organizado, no resto nem pareço organizado, o armário, essas coisas, não são [...]”.

Em nossa primeira entrevista, ele associou parte de suas características como executivo ao universo esportivo: “Eu sou um cara que treino muito e o meu treino [para ser executivo] é o estudo. Estudo bastante para poder exercer melhor minha função aqui dentro,

considero que meu estudo é meu treino [...]. Treino bastante, aprendi a treinar, a ter disciplina. É uma característica minha, sou um cara com um grau de energia alto²⁰¹”. É bem provável que isso contemple certo esforço legitimista; afinal de contas, ele foi inicialmente incluído na pesquisa por ser um praticante de esportes. Não obstante, ao longo das entrevistas deu outros sinais de que a ideia de ocupar-se/focar-se numa prática para melhorar é uma característica que pode ser associada à sua socialização esportiva.

Neste sentido, entende que parte de sua disposição para o trabalho (energia, baixo nível de estresse) vem de sua boa condição física: “Eu acho que treino tem um pouco a ver até com preparação física, o cara tem mais resistência [...]. Não sou um cara estressado”. Acreditando nisso, salienta positivamente que, em sua “equipe [de trabalho], a maioria é esportista, tem um cara que é triatleta, é o segundo Ironman dele”, assim como o incentivo que dá para seus funcionários se envolverem primeiro com atividades físicas, do que com outras práticas de lazer: “Acho que, se tu saíres daqui e ires para uma academia, é melhor que ir para um bar. Isso [ir a um bar] a gente não pratica, aqui a gente não tem esses hábitos – ou acontece com alguns. Prefiro que saiam daqui às seis horas cravadas e vão para um exercício, do que saiam daqui às sete horas, estressados, e vão para um bar”.

Estudar apenas o necessário

No que se refere à sua trajetória escolar, diz não ter tido dificuldades, mas também não foi um aluno de destaque. O mundo acadêmico aparece basicamente como um investimento para o bom desempenho profissional. Isso inclui o estudo de idiomas. Parece que disposições pragmáticas conduziram a relação durante grande parte de sua trajetória nesse campo. Ainda que entenda o estudo como um elemento central de seu dia a dia, não manifestou interesse por áreas fora do campo do *business*. Aparece na descrição de sua trajetória escolar também uma tendência à naturalização dos acontecimentos, como se não houvesse existido espaço para outro tipo de relação com o mundo escolar além da que teve [sem arrependimentos].

Rodrigo cursou a Educação Básica em escolas confessionais tradicionais de Porto Alegre. Ensino Fundamental numa e Ensino Médio noutra. Em geral, não teve problemas na escola, mas “não fui um grande aluno”. Na adolescência (“aquela fase que o cara está mais abobado”), pegou algumas recuperações, mas nunca reprovou.

²⁰¹ “Estudo muito, treino muito, eu digo assim. Ontem me chamaram para fazer uma avaliação de *feedback* das pessoas que compõem minha equipe. Eu tive que estudar, ler, é como se fosse o treino do futebol”.

O envolvimento esportivo é apresentado como um elemento que disputava espaço com a dedicação acadêmica, mas sem comprometer a desde o ponto de vista da aprovação: “Muito volume de atividade esportiva diariamente, mas nada que atrapalhasse o estudo”. Quando o descuido parecia ir além da conta, a intervenção paternal se fazia presente: “[...] Normal, dava umas porradas quando a gente bobeeava, mas nada assim que foi muito importante. Um ano, o 2º ano do 2º grau, foi o que eu fui bem mal: peguei 6 recuperações, 7 recuperações, foi uns dois mês de bronca. Eu passei depois, nada de mais, nada difícil assim [...]”.

Cursou, na UFRGS, Engenharia Civil, mas sua intenção nunca foi trabalhar na área: “Não fiz engenharia para ser engenheiro. Fiz engenharia para ser administrador, pois isso é conhecido no mercado: os melhores administradores são engenheiros [sentencia]”. A vantagem estaria no desenvolvimento do raciocínio lógico e na capacidade analítica estimulada na carreira escolhida, quando comparada ao próprio curso de administração, motivo pelo qual reforça sua ideia, afirmando que: “Na maioria das empresas, os diretores são engenheiros”. A escolha não foi movida por um desejo em particular e sim por uma avaliação da relação custo-benefício, além de certa orientação familiar: “Um pouco, a vontade do meu pai, que dizia „o melhor é fazer engenharia“, e eu fui acreditando. Também não tinha nenhuma vocação especial para nenhuma outra coisa. Não poderia ser um médico, não poderia ser um advogado, não poderia ser um psicólogo, não é da minha característica. Então, não adiantaria muito, eu poderia ser jogador de futebol ou engenheiro, são as duas coisas que eu poderia ser na minha vida [risos]”. A escolha da profissão, além de ser coerente com o modelo parental, permite realizar disposições pragmáticas que parecem subjazer em várias de suas práticas sociais: “Eu sou engenheiro mesmo, eu gosto de simplificar”.

Na universidade, não se destacou academicamente: “Fiz do mínimo ao bom, para passar, não fui um grande aluno na engenharia, não fui mesmo”. Em parte, porque estava convencido de que muitas das disciplinas específicas não contribuiriam muito para sua formação de administrador: “Na universidade, fiz o mínimo para passar, não me incomodava muito com as matérias, não ligava muito para a nota no final, sabe? O interesse real era muito mais de passar do que de aprender. Foi que aconteceu na faculdade, sabia que aquilo ali não ia fazer muita diferença, para mim, se soubesse mais sobre cimento ou concreto”. Em geral, entende que seus professores, ainda que bons técnicos, eram didaticamente limitados. O que, sem tirar sua responsabilidade, comprometia bastante o desempenho dos alunos.

Estando no primeiro ano da faculdade, iniciou-se uma longa greve de professores e funcionários universitários. Observando que a greve duraria bastante tempo, decidiu organizar uma viagem aos Estados Unidos para estudar inglês: “No outro ano, teria que servir ao

Exército e não estava a fim, na época; também estava há três meses sem fazer nada em Porto Alegre, com 19 anos. Putz! Isso enlouquece qualquer pai! Aí comecei a procurar e achei o curso numa escola de línguas que dá uma graduação em inglês. Achei essa escola, procurei aqui, me inscrevi e fui sozinho. Eu que inventei; meus pais não gostaram. Fui lá e estudei mesmo. Eu fiz 6 meses de aula, eram cursos mensais, eram estágios mensais, fiz os 6 meses, me formei e aprendi inglês. Foi a base para meu mestrado. Claro que estudei um pouco mais, mas realmente aprendi inglês”. Perdeu dois semestres de aula na universidade.

Depois de cinco anos contratado na empresa, foi aos Estados Unidos fazer um *master* na área de administração. Ficou dois anos estudando, num regime acadêmico bastante exigente. Comparado com sua graduação, Rodrigo teve um desempenho muito melhor nesta etapa educativa: “Tive mais maturidade, fui um excelente aluno, um dos melhores da classe”. Descreve sua passagem na pós-graduação como a sua melhor experiência acadêmica. Pela primeira vez em sua trajetória escolar, Rodrigo vai-se aplicar intensamente em seus estudos, atualizando certa cota de ascetismo que ainda não tinha sido uma de suas características em etapas anteriores. A relação mais pragmática com esse campo parece dar lugar a maior dedicação intelectual. Pouco tempo depois de retornar, passa a ocupar o cargo de gerente na empresa.

Na atualidade, continua estudando de forma autônoma. Basicamente, trata-se de leituras na área dos “*business*”, mas também de outros idiomas: “Tento estar sempre estudando”. Depois de estudar meio ano de alemão, na época da entrevista fazia quatro meses que estava aprendendo outra língua: “Resolvi aprender espanhol. Hoje tive aula aqui [na própria empresa], das sete às oito e meia. Estou fazendo aulas com um professor, uma vez por semana”. Buscando complementar seus estudos do novo idioma, passou a ler livros apenas em espanhol. A meta era em um ano estar com “o espanhol OK”.

Um aspecto explicitado ao longo da entrevista é que entende o estudo como um elemento fundamental para continuar sendo profissionalmente competitivo: “Não pode deixar o cérebro parar, né?”. Relata que, após o mestrado, diminuiu o ritmo de estudos, já que estava cansado. Mas, passado algum tempo, retomou seu exercício intelectual: “Aí, estudei alemão [...], fiz por uma brincadeira. Fui à última Copa do Mundo de Futebol [Alemanha, 2006] com os meus dois irmãos e amigos e ficamos passeando de *motorhome*. Assim, estudei 6-7 meses escondido, cheguei ao aeroporto, comprei um livro em português-e-alemão, dei um para cada irmão [e disse:] „Vamos dar uma lida aqui para a gente aprender o básico“. Chegava nos restaurantes, pedia informação e falava [...]: Eles ficaram putos da cara [...]. Durante vinte dias perguntavam: „Como é que você sabe disso?“ Oh, o livrinho [do aeroporto], vocês são

muito burros! Foi muito engraçado!”. Contudo, não se tratava de aprender o idioma, que acha muito difícil e pouco interessante: “Fiz por brincadeira, para isso aprendi, mas aí larguei”. Nessa descrição de suas atividades intelectuais, aparece, novamente, a imagem de *treinamento intelectual*: a ideia de exercitar para preparar/manter sua capacidade intelectual (“Tem que faz alguma coisa, não pode parar”). Aparentemente, se atualizam nesse campo disposições ascéticas e/ou pragmáticas subjacentes em seu envolvimento com o treinamento físico.

Consumos culturais

Rodrigo tem um perfil dissonante de consumos culturais. Mistura práticas e preferências legítimas e pouco legítimas. Sabe que suas preferências não cumprem estritamente as regras do bom gosto neste campo, mas não percebi esforços legitimadores importantes em relação a suas práticas, exceto quando se referiu ao teatro e quando justificou o porquê “termina” assistindo a novelas. Na descrição de seus consumos culturais, parece que os esforços maternos para os filhos homens se sensibilizarem com as artes não foram muito bem-sucedidos, ainda que exista uma relação de respeito com esse universo.

Calcula que lê seis ou sete livros por ano. Basicamente, trata-se de obras do campo profissional: negócios e administração. Entretanto, os livros não são comprados para resolver problemas específicos do que esteja se ocupando no momento: [qual é o critério de compra?]: “Ah, meio maluco [...]. Quando viajo, geralmente compro livros; quando ouço sobre algum livro, vou lá e já compro, compro sem responsabilidade de ler. Aí fica do lado da cama. Então, está sempre comigo e eu vou lendo”. Não tem interesse em outros gêneros. No que tange a periódicos, lê diariamente o jornal *Zero Hora*, no trabalho. Centra sua atenção em “negócios e futebol”. Já assinou uma revista semanal, mas se cansou da proposta da publicação.

A esposa não compartilha dos mesmos gostos de leitura. No entanto, eles organizam saraus de leitura em sua casa, dos quais participam outros casais: “Cada um leva textos, vinho e ficamos discutindo; bem legal!”. Na época das entrevistas, eles organizaram um: “Textos livres, cada um traz um, religião, arte, coisas variadas. Eu levei um texto do Cazuza”. É uma prática que realizam com frequência trimestral: “Quando a gente tem tempo, demora muito para organizar”. A iniciativa de envolver-se com essa prática foi dele: “Tem um livro chamado *Sagres: A Revolução Estratégica* [Luiz Fernando da Silva Pinto], sobre a Escola

Naval Portuguesa, que tem a história do sarau. Aí pensei: Ah, vou fazer lá em casa, e inventei essa brincadeira. É bem legal!”. Os convidados são “amigos que a gente acha meio inteligentes, os burros a gente não convida não [risos]²⁰²”.

Ir ao cinema é um programa que realiza com frequência, sempre em companhia da esposa, que é apresentada como a promotora da saída: “Mulher adora ir ao cinema, vou uma ou duas vezes por mês”. Os filmes preferidos de Rodrigo são os de ação, mas não se incomoda de ver comédias românticas (“Até acho legal”). Estão fora de cogitação os filmes de terror. Também evita assistir a filmes de suspense: “Vou para me divertir”. O último filme assistido foi *Bastardos Inglórios* [Quentin Tarantino, 2009]. Assistir a DVDs é uma possibilidade na semana ou no final de semana, quando não têm alguma saída social, o que é difícil. Os gostos não são diferentes; contudo, a escolha fica mais na mão da esposa: “Ela pega os filmes, ultimamente tem pegado só filme ruim”.

Não escuta música. Quando ouve, prefere bandas de *rock and roll*, dentre as quais menciona as suas preferidas: *Guns N' Roses*, entre as estrangeiras, e Charles Brown Jr., entre as nacionais: “No geral assim, as músicas boas”. Gosta também de pagode, mas diz que o cansa um pouco. É um tipo de música vinculada ao espaço social: “Uma vez ou outra, ontem tinha uma pagodeira legal na comemoração [tinham vencido um campeonato de futebol], foi uma bandinha tocar lá, daí é legal, mas [não é uma música para ser escutada]”. Entre as que não gosta está a música eletrônica: “festas *rave*, nem entro”. Escuta bastante rádio. Basicamente no carro. Sempre é a *Rádio Gaúcha* [600 KHz AM e 93,7 MHz FM]: “Tem muita informação [...]”. A ideia é estar por dentro do que está se passando. É seu principal meio de notícias.

Ir ao teatro é uma saída que aprecia, ainda que não seja um programa fácil de encaixar no dia a dia: “Vou menos do que gostaria. Gosto bastante, mas vou pouco [...], é uma falha”. Trata-se de um problema de „logística“, é uma saída que exige bastante antecipação. Foi ao teatro no período das entrevistas, assistiu a Marco Luque, comediante do programa televisivo CQC (Rede Band), num espetáculo no formato *stand up comedy*. Quando sua esposa estava mais ligada ao universo artístico, assistiam a muitas peças gaúchas, mas agora que ela se afastou não comparecem mais.

A visita a exposições de pintura e escultura é programa bem familiar: “A minha mãe é artista, então eu acabo indo em alguma coisa, mas vou mais às da minha mãe [...]”, também

²⁰² “Até este fim de semana teve um bem burro, eu falei que não dava, pô... [risos]. Eu falei: „Esse casal não vai dar não!“ Bah, o cara só encheu o saco, só falou besteira. Não consegue refletir..., daí está eliminado agora [...]; não, não tem mistério, só que esse não pegou. Esse está fora, está eliminado.”

apenas quando ela expõe alguma “coisa”. Em Porto Alegre, ir aos museus é um programa mais da esposa, como foi o caso da exposição que se realizou no período das entrevistas dentro da programação do “Ano da França no Brasil”. É mais comum visitar museus quando viaja ao exterior. No período das entrevistas, ele viajou com a esposa a Nova Iorque, de férias por duas semanas, e visitaram o *Museu de Arte Moderna* (MoMA) e o *Whitney Museum*.

Nos relatos de Rodrigo, se percebe que a mãe fez um razoável investimento para que seus filhos incorporassem práticas culturais legítimas, às quais parecem ter desenvolvido altas resistências desde muito cedo: “[Ela] sempre nos levava ao teatro. [Mas] eu não era muito de teatro quando era piá. Ela ensinou a gostar; é bom. Quando viajávamos, tínhamos que ir aos museus. Para piá, é uma merda! Depois tu vai ver que aprendestes alguma coisa, que puxou a arte forte em nós. Adoro, por onde viajo eu vou, eu adoro, tem que ir também”. Relembra as visitas culturais organizadas pela mãe como algo sofrido: “É briga, aquela coisa. Uma vez estávamos numa viagem e fomos a um museu enoorme, cara! Um negócio gigante, ninguém aguentava mais. Nós combinamos de revezar: cada um ia atrás da mãe conversando com ela enquanto os outros sentavam naqueles bancos [risos]”.

Ir a uma discoteca está entre as saídas possíveis: “Meu irmão, o mais novo, é amigão de todos os donos das boates de Porto Alegre; então, às vezes, a gente vai”, ainda que não seja frequente (duas vezes por ano, na cidade). Na praia, durante o verão, também vai uma ou duas vezes: “É do mesmo dono, amigo nosso”, e um programa sempre entre amigos.

Assistir a um recital não é um programa que lhe agrade; entretanto, acha a oferta local pouco atrativa. Em sua leitura, apresentam-se em Porto Alegre apenas grupos em decadência. Além do mais, considera que a infraestrutura para espetáculos é muito ruim. Ainda assim, há algumas semanas antes de iniciar as entrevistas, conferiu Emerson Nogueira, no Teatro do Sesi. É mais comum, porém, assistir a recitais na praia: “Aquele Planeta Atlântida, que é pertinho da minha casa [de praia], apresenta seis ou sete shows por noite. A gente escolhe os quatro, três melhores, e vai [...]. Te levam num veículo desde o centro da cidade, chegas lá na hora, te deixam no camarote, tem segurança, comida farta, banheiro fácil, tem tudo, tu podes ficar bem tranquilo com a tua mulher lá”. Vai todos os anos, com amigos.

Interessa-se por grandes shows musicais internacionais (*Madonna*, *U2*, *Rolling Stones*), que, com frequência, são apresentados em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Contudo, são empreitadas para as quais não tem a disposição necessária: “*U2* é um show a que eu gostaria de ir, mas essas coisas demandam muita organização, acabo não fazendo”.

Rodrigo assiste pouco à TV. Trata-se mais de uma prática de acompanhamento: “Quando o cara casa, tem que ver novela. Uma das coisas que ela faz é ver novela; a porcaria que a mulher vê é novela²⁰³!”. Explica que, mesmo estando juntos frente à TV, busca se envolver com outras práticas: “Viro de lado e fico lendo um livro, [mas] dali a pouco tem uma cena da novela e eu tô olhando [risos], mas eu não gosto de novelas. Vejo porque é a companhia”. Entre os poucos programas que busca assistir, estão *Irritando Fernanda Young* (GNT) e *CQC* (Band): “O resto é meio chato [...], acabo vendo outras coisas que tem, na Globo, de noite, às vezes meio engraçado, mas sempre fazendo outra coisa; não assistindo é comendo, fazendo algum negócio, conversando”. Em sua justificativa para assistir à novela, sua preocupação esteve mais centrada em marcar que a entende mais como uma prática generificada (portanto, como homem, não gosta) do que como consumo ilegítimo.

A Internet é, basicamente, um instrumento de trabalho; não costuma ler *sites* de notícias, nem de outro tipo de conteúdo. Até optou por não ter esse serviço na residência. A ideia é evitar que o casal desperdice o tempo que fica em casa acessando a rede: “A Internet virou uma coisa que demanda tempo, tu sempre tens uma coisa para fazer na frente do computador, tu sempre arranjas uma coisa para fazer. É muito ampla [...]. Ah, vou pagar uma conta, vou olhar no banco, tu olhas um *site*, aí olhas uma reportagem, olha teus e-mails e foi”.

Rodrigo viaja todos os anos ao exterior. Os Estados Unidos são um dos países que mais visita. Não costuma fazer turismo no Brasil.

Sua família é de tradição católica. Ele, contudo, não tem nenhuma prática religiosa. A esposa tem o hábito de frequentar a igreja, não de forma sistemática. Rodrigo acredita numa força superior, com a qual conversa de forma direta e esporádica. Em alguns dias, acompanha a esposa nas orações que ela faz antes de dormir. Todavia, confessa que não é muito sistemático.

Um capítulo à parte são seus consumos e práticas culturais vinculados ao esporte espetáculo. Rodrigo é um torcedor com um grande envolvimento. Aos finais de semana, assiste ao vivo a todos os jogos da sua equipe, acompanhado dos irmãos, dos amigos, do pai. Desde que era novo: sua família tinha cadeiras no estádio. Nos dias em que há jogos importantes, participa num dos grupos que improvisa um churrasquinho antes de iniciar a partida, na praça que fica na frente do estádio.

Ele participa intensamente da discussão futebolística e acompanha bastante a vida de seu clube no dia a dia. Os homens da família são seus principais interlocutores nesse tipo de

²⁰³ “Minha mulher vê novela todo dia, e eu sou obrigado a ver; agora eu descobri que o cara, quando é casado, é obrigado a ver novela”.

conversa: “Termina o jogo e, quando o pai não vai, a gente se liga, e fica falando no telefone. [Com os irmãos] vem brigando até em casa, [dizendo o] que achou ou não achou, essas coisas: falo muito em futebol, falo muito!”. Também é dos torcedores que veste a camisa de sua equipe para assistir aos jogos, tanto quando vai ao estádio, quanto quando fica em casa e os vê por televisão: “A camisa do Grêmio uso sempre, tenho um monte”.

É um dos torcedores que padece com os maus resultados de sua equipe e torce contra o adversário histórico de seu time: “Eu seco o Inter! Não brinco, não gozo, não ligo para ninguém para dizer: „Ah, te *fodeu!*”, não mando e-mail, mas eu seco. Mas isso é meu, o problema é meu, eu seco sempre. Eu ligo para os gremistas para gozar do Inter, mas eu não ligo para os colorados para falar dos colorados. O Inter leva bomba lá, perde a partida, eu ligo para o meu pai, meu pai liga para mim, eu ligo para o meu primo, [a gente] se fala „se *fodeu!*”. Mas eu não ligo para nenhum colorado para dizer [palavrão]. E ninguém liga para mim; se ligar, já mando „à merda””. Rodrigo fica mal frente à equipe adversária ganhar uma competição, contudo seus conhecidos que torcem pelo outro time não se atrevem a zoar dele: “Não vêm muito porque os caras acham que eu sou meio ignorante, já mando „à merda” direto. Ganhou, ganhou. Dou parabéns numa boa, mas não vem me abraçar, para cima de mim essas coisas aí não”. No caso de sua equipe ser campeã, não seria estranho vê-lo em carreata com a bandeira do time. Ainda que seja mais provável que fique em casa curtindo o momento.

Também gosta de assistir, na TV, a jogos em que não envolvam sua equipe. Prefere o Campeonato Brasileiro ao Europeu. Também aprecia assistir a disputas de tênis e futebol americano. O gosto por este último esporte desenvolveu quando morou nos Estados Unidos. Em menor grau, também se interessa pelo basquete. Ao vivo já assistiu a, e gosta de ver, outras modalidades esportivas. Mas Porto Alegre não oferece espetáculos do nível que ele iria ver – e vê – quando vai ao exterior: “Como eu viajo muito, sempre procuro ver [algum espetáculo] na cidade em que estou”. No período das entrevistas, Rodrigo, quando de férias nos Estados Unidos, assistiu a jogos do „*U.S. Open*’ de tênis. Na sua lógica, está fora de cogitação assistir a jogos amadores fora de competição: “Se não valem, não dá”.

Entendo que, nos consumos culturais de Rodrigo, se manifestam sinais de uma socialização familiar clivada: o respeito às artes, construído junto ao universo materno, e de consumo de produtos de menor prestígio, como o espetáculo esportivo, vinculado ao universo familiar masculino (avô, pai, irmãos). Dessa forma, posso afirmar que se atualizam, nesse campo, disposições pragmáticas, de generificação das práticas sociais e de competição e liderança, presentes noutras práticas culturais. Todavia também aparecem, não muito

explícitas, outras disposições hedonistas (filmes, saídas para diversão) e legitimistas (“falha” no teatro, visitas culturais).

Cuidados com o corpo: *forte sim; bonito, nem pensar*

No que se refere ao cuidado com o corpo, Rodrigo é bastante estrito. Várias de suas práticas atestam ser um sujeito precavido com esse assunto: cuida da alimentação, controla seu peso, não exagera na bebida, faz sauna e massagens com certa frequência para melhorar sua disponibilidade corporal. Mas não é uma prática pautada por preocupações com a saúde ou a estética. Também não se trata de uma disciplina asceta (em que a virtude está na própria manutenção da disciplina), são práticas apresentadas dentro de uma lógica do cuidado com o desempenho esportivo, disposições pragmáticas.

Rodrigo sempre teve uma saúde “excelente”. Não tem em seu histórico doenças que tenham produzido alterações em seu cotidiano. Apenas contratemplos menores, como duas quebras em ambas as pernas, produto de lances do futebol: “[coisa] normal”. Faz *check ups* anuais. Contudo, não são voluntários, mas parte das exigências da empresa com seus executivos. Dificilmente, porém, leva os resultados ao médico. Ele mesmo coteja os resultados com os indicadores de normalidade que aparecem nos exames, o que não significa acreditar que não seja importante; trata-se mais de acreditar que é um pouco cedo para uma pessoa com seu perfil: “[Se não fosse obrigatório, farias os exames?] Não, acho que não teria começado ainda. Mas acho que está começando a chegar a hora... Aos 40 anos é hora de...”.

No que diz respeito à administração das lesões e dores vinculadas ao futebol, Rodrigo assume uma postura de sacrifício: “Quem é jogador joga mesmo [lesionado], jogador joga machucado”. Vai ao médico apenas quando o quadro realmente é grave, o que é difícil: “Não dá para ir muito a médico, se o cara vai muito a médico, o cara sempre te tira, te corta do esporte”. Exemplifica essa ideia com uma situação que ele estava vivendo naquele momento: “Estou com uma dor na minha coxa faz três semanas; se for ao médico fazer uma ressonância, „Ah [imitando o médico:], tem um rompimento de grau 1; para 20 dias”. Não vou parar de jeito nenhum; isso é muito comum. Sai machucado, mas dá pra jogar. Se tu quiseres [efetivamente, te recuperar], teoricamente tu tens que parar, fazer gelo, tomar anti-inflamatório, então não dá”. Em seguida, volta a afirmar que isso é próprio dos “jogadores profissionais” e dá, como exemplo, as decisões que (imagina) foram tomadas por jogadores e técnicos nos vestiários dos arquirrivais gaúchos, momentos antes de iniciar o último Gre-Nal:

“Jogar no sacrificio é normal”. Nesse mesmo sentido, lembra a famosa declaração de Oscar Schimt em relação ao esporte e à dor: “O Oscar tem uma frase aí, fantástica, o cara, que é jogador de basquete: „A dor faz parte do meu uniforme“. Está certa essa frase [...]; é exatamente isso”.

Nessa linha de raciocínio, ele percebe que seu organismo, cada vez mais, demora para recuperar-se. Particularmente, isso fica mais explícito quando joga mais de uma partida no mesmo final de semana, como aconteceu na época das entrevistas: “Quando jogo sábado e domingo, como joguei neste fim de semana, segunda-feira é um inferno, dói até a orelha; se toca, dói. Pego dois jogos fortes final de semana, pô [sacudindo a cabeça]! Segunda de noite estava um caco, já não é saudável [...], nem profissional joga dois dias seguidos”. Não obstante, não deixou de participar de nenhum jogo no período.

Para aliviar, paliativamente, as dores, efetua práticas próprias do futebol mais profissionalizado, como massagens com óleos antes dos jogos e massagens durante a semana, como descrevo mais à frente. Também, nas épocas mais duras do ano, costuma se automedicar, tomando anti-inflamatórios: “Chego em casa, tomo *Dorflex*; quando está meio ruim, tomo um *Cataflan* junto. Sempre faço, sei que é algo meio errado, mas a gente sempre faz”. No que tange à administração da dor, parece ativar-se em Rodrigo disposições de renúncia de si, fortemente atreladas à ideia de práticas sociais generificadas. O esporte, como espaço masculino, exige a capacidade/obrigação de suportar a dor e do sacrificio corporal. Essas disposições não apenas se atualizam no que diz respeito ao cuidado do corpo, como também a outras dimensões do jogo, como saliento mais adiante.

Rodrigo se alimenta de forma regular e equilibrada. Café da manhã, almoço, um lanche por volta das dezoito horas, e o jantar por volta das nove e pouco da noite. Acha muito tarde a última refeição, mas não consegue chegar mais cedo a casa. Procura um padrão alimentar sem grandes variações: “Como comida normal, feijão, arroz, carne, batata, como pouca salada, mas a minha alimentação é normal”. No jantar, sempre uma carne, salada ou verdura (“estamos fazendo da verdura em casa um hábito”); eventualmente, arroz e feijão. Costumeiramente, não come doces, não come sobremesas, nem pão, nada de “porcarias” ou “bobagens”. Seguir essas regras, no entanto, não é um problema, pois refletem, em grande parte, seus gostos alimentares: “Doce não é um negócio do qual preciso [...]; gosto muito de carne, feijão e arroz: adoro!”. Ainda assim, tem algumas orientações de alimentação correta que sabe que ainda não dá conta: “Tenho que aprender a comer um pouco mais de salada” e alguns consumos calóricos que não o preocupam demasiado: “Gosto de sorvete,

principalmente à noite. No verão, vou ali na frente [do apartamento], num botequinho, e tomo um sorvete, tem que fazer”.

Rodrigo controla seu peso corporal: “Me peso todos os dias. Tenho uma balança em casa e me peso todos os dias”. Ele entende que tem uma tendência a dar uma “engordadinha”. Com uma altura de 1m 88cm, seu “peso ideal é 85, 86 kg”, mas chega sem muita dificuldade aos 88 kg quando se descuida. Ele está seguro de que, se “não fizesse tanto esporte e não fosse tão regrado na comida, seria bem mais pesado”, como é comum entre executivos que ocupam postos similares ao seu. Bebe cerveja e vinho. Mas não acostuma exagerar. Não consome nenhum tipo de bebida destilada.

Tanto os cuidados com a balança, como com a bebida, aparecem vinculados à ideia de preservar o desempenho esportivo e não a outras razões, como a saúde, por exemplo (disposições pragmáticas). Todavia, esses parâmetros não são totalmente abandonados quando se encontra fora da temporada de competições, mas confirmam certo hábito, sem ser um padrão inabalável de comportamento: “No sábado tive um casamento e, no domingo, tinha que jogar, mas o jogo não valia nada. Aí, tomei um monte de cerveja, claro, não tomo cerveja de ficar bêbado, mas tomo assim, para se animar. Mas eu não bebo”. Isso não é diferente com o controle do peso: “[Teu peso aumenta no verão – época de recesso nos campeonatos dos quais participas?] Um pouquinho, mas nada de mais. É que o verão, ele te deixa mais magro. [O controle da alimentação continua?] Ah, continua. Mas eu vou de férias para o Uruguai, por exemplo, aí tomo cerveja todo o dia, aí tu dá uma folgada. Vou com um amigão meu que jogava comigo, a gente vai entre casais... Olha, eu gosto de beber um pouco todo dia, sabe?, exagerar um pouco, mas nada de... [voltar com 90 kg?]. Não, não. Normal, vou tomar cerveja todo dia, vou comer mais carne, vou comer uns doces, nada de mais também. Não tem essa necessidade”.

Não nega certa preocupação com a estética corporal; contudo, sua preocupação central é não perder a aptidão física: “[Tens uma preocupação estética?] Tenho um pouco, mas não é por estética, é por desempenho [...]. Claro que o cara gosta de ficar mais magro, mas mais é desempenho. Chegar ao peso certo tem um lado de motivação, acerta tudo no final, na hora que precisa, parece que o corpo ajuda [se referindo ao final do campeonato]”. Na lógica de Rodrigo, os resultados estéticos de seu envolvimento esportivo são apenas uma consequência e não um propósito. Pelo menos, não dos que podam ser declarados. Nesse caso, parecem atualizar-se disposições generificadoras em relação a esse campo.

A bebida é um tipo de consumo em que as preferências são fortemente marcadas pela estratificação social, pois nele a legitimidade dos gostos está claramente distribuída

(CHALITA, 2008). Indagado sobre o tema, em particular no contexto profissional, Rodrigo confirma que o tema marca/tipo de bebida é um “papo da empresa”, mas que a ele não tem interessado: “Eu tô por fora”. Na seqüência, porém, relativiza a afirmação anterior, comentando que o presidente da multinacional é uma das pessoas que aprecia muito o vinho, e que ele, algumas vezes, segue suas orientações: “Um cara que gosta muito de vinho [...]. Até eu compro os vinhos que ele me diz [...]”. Neste contexto, frente a seu assumido desconhecimento no campo da bebida e o pouco interesse de fazer investimentos, opera com uma regra simples (pragmática): “Pagar um preço bom, por um vinho bom; então a minha lógica é essa”.

Houve uma época em que tomou complementos alimentares. Mais precisamente, se tratavam de aminoácidos, e os consumia com o propósito de melhorar seu desempenho físico. Não obstante, não continuou com o consumo do produto: “Parei de tomar, mas nem sei por que parei; perdi o hábito”.

Entre os cuidados que tem com o corpo, uma prática habitual é fazer sauna. No residencial onde mora, é oferecido o serviço e ele, numa média de duas vezes por semana, passa uma meia hora lá: “É muito bom, para relaxar durante a semana [...]. É um belo recondicionador”. Também, nas épocas mais duras do campeonato, se submete a sessões de massagem uma vez por semana, com o propósito de auxiliá-lo na recuperação do esforço físico decorrente dos jogos: “Eu faço massagem sempre [...], para esportistas. É uma massagem de futebol que „dói pra caramba!“, a gente quase berra na mesa, o cara vai em todos os músculos, as minicontraturas que eles chamam, aqueles carocinhos que dão no músculo. Ele pega as pernas e tira todos os caroços, nos dedos, „dói pra caramba!“ [risos], mas isso aí evita lesão muscular [...]. Não é todo mundo que faz, eu faço porque eu já aprendi que isso ajuda muito”.

No campo dos cuidados com a aparência, se manifestam, mais uma vez, suas disposições generificadoras das práticas sociais. Aceita de que certos cuidados são necessários (“o mínimo que o cara tem que fazer para..., mas nada assim...”), mas deixa transparecer que exageros nesse campo poderiam denunciar certa perda ou falta de masculinidade.

Nessa lógica, Rodrigo não tem uma rotina muito extensa de cuidados com sua aparência: “Não tenho „balaca“, digamos assim”. Faz a barba todos os dias por uma questão profissional, evitando fazê-la nos finais de semana: “Sempre deixo a barba, porque prefiro não fazer”. Faz sete ou oito anos que usa o cabelo muito curto. Ele é o seu próprio cabeleireiro: “Eu rapo, eu corto o meu cabelo, tenho máquina em casa, aí eu corto”. Tem duas razões para essa decisão: por um lado, gostar do cabelo curto; por outro, estar “ficando careca”. Também

por isso, há seis anos, utiliza diariamente um produto para evitar a queda de cabelo: “Comecei a usar e não perdi mais cabelo, falei: „Está ótimo!“. Soma-se às vantagens de cortar ele mesmo o próprio cabelo o fato de que, dessa forma, consegue ficar dentro de uma determinada estética masculina, na qual ele se sente confortável: “Odiava cortar o meu cabelo, [porque] sempre ficava meio bonitinho”.

Sua forma de vestir é bastante casual. Um pouco mais arrumado quando vai ao trabalho e bastante menos quando está fora da empresa. De alguma forma, é a esposa quem o impede que saia apenas de traje esporte quando vão a eventos sociais. Também nesse campo um critério importante é não ficar muito pomposo: “Eu não gosto muito „modão“ assim, tipo „bundinha“, muito arrumadinho, sabe essas roupinhas assim, bah! [gesto de desagrado]. Hoje em dia tem aquelas camisas, cheias de emblemas, sabe?, aquelas coisa de polo, coisas gay, Minha irmã me deu uma dessas, pelo amor de Deus! Não podia me ver com aquelas camisas [...] nem pensar! Sapato muito fresco, sabe? [...] Não gosto de homem querendo ser lindo, fica horroroso [risos]”.

Uma intensa vida social

A vida social de Rodrigo é bastante intensa. No semestre em que aconteceram as entrevistas, estava convidado para 17 casamentos (“é o recorde mundial”); foi a todos. Sua rede social é bastante densa, mas não muito diversificada. Além da família, com a qual tem um vínculo forte e regular, o grupo com que mais se reúne é constituído por alguns integrantes e ex-integrantes da equipe de futebol em que joga: “Muitos que pararam [de jogar] são meus amigos, são os caras com quem saio para jantar, vou ao cinema, vou ao aniversário do filho, casamento”. É possível inferir disso que a rede social foi bastante homogênea durante toda a sua vida. Os amigos da escola, do bairro, do futebol e do surf se confundiam. Aparentemente, suas amizades não lhe permitiram muito contato com outras lógicas ou outros modos de atuar fora daqueles que faziam parte de um determinado universo socioeconômico.

Não cultiva relações de sociabilidade com o pessoal da empresa: “do trabalho, pouco; a gente [na firma] tem uma cultura de não ter muito relacionamento fora”. Explica, a esse respeito, que, nas reuniões sociais, as relações de hierarquia continuam, dificultando a sociabilidade, o que, por outro lado, não pode ser diferente, para preservar o clima de trabalho na empresa: “A posição de chefe se mantém, enfim, não adianta, e se não se mantém, atrapalha!”. Trabalha há mais de quatro anos com o mesmo grupo de pessoas e, no período

das entrevistas, estava organizando, pela primeira vez, uma reunião social de que participariam as esposas. No tempo em que trabalhou na matriz da empresa, em São Paulo, as práticas sociais foram muito similares às que cultiva hoje como gerente da filial: “[Na matriz,] ambiente interno muito bom, sem atividades externas. Basicamente zero! A empresa não curtia isso e eu não gosto muito, é complicado misturar”. Além de poder descaracterizar um pouco as relações profissionais, as reuniões sociais fora da firma estendem o horário do expediente: “Empurram o teu dia de trabalho para a noite, que é uma coisa muito chata”.

Também participa da rede social originada nas relações de amizade da esposa. Acredita ter sorte por gostar desses vínculos, já que poderia “odiar” frequentá-los, pois teve experiências anteriores que não foram positivas nesse sentido: “Está bem bacana, me dou muito bem, até tenho prazer [de sair com eles]”. Fazendo um balanço das relações vinculadas ao casal, calcula que é “de sessenta a quarenta, no meu caso, mais a minha turma”. Ele tem mais iniciativa para a organização de saídas e encontros: “Eu sou mais pra isso do que a minha esposa”, que é mais de eventos sociais. Suas saídas são sempre em companhia da esposa, saídas individuais “pouco, quase nada”.

Não reconhece, entre seus amigos, outras características específicas, apenas o interesse pelo esporte: “Tem o gosto comum que é o futebol, normalmente, mas são pessoas bem diferentes, bem diferentes! Com vidas totalmente diferentes”. Uma das características de suas relações de amizade é que não se colocuem em discussão temas pessoais. Até tem amigos que podem dividir problemas relacionados com a família ou o trabalho, ainda que não seja muito comum (“talvez eu não seja um bom ouvinte, para essas conversas mais íntimas...”). Possivelmente essa se trate de outra manifestação de suas disposições de generificação das práticas culturais, as quais o levem a entender que conversas sobre os problemas pessoais sejam mais próprias do universo feminino.

Rodrigo exerce certa liderança entre suas amizades. Geralmente, provoca a reunião e acaba sendo o animador da festa: “O organizador, muitas vezes, é um pouco palhaço. Às vezes estressado, aquele chato que quer fazer dar certo [...]. Sou um cara que me acho bastante carinhoso com as pessoas; assim, não sou um cara chato de implicar com ninguém não, nunca fui assim, de implicar, de gozar, normalmente é uma gozação mais para positiva do que para negativa. Até o meu grupo tem um pouco assim, tu guardas as coisas boas do cara, guardas poucas coisas ruins, sabe? Eu me acho um cara bem positivo, e muito organizador, o que faz acontecer. Sou, às vezes..., um pouco chato, de ficar cobrando, de ficar,

pô, cara, é horário!²⁰⁴”. Em linhas gerais, entendo que ele atualiza, nesse campo, disposições de liderança que expressa noutros práticas sociais, como a profissional.

Práticas corporais: *apenas competir tem graça*

Lahire salienta que, na atualidade, quanto à diferença de períodos anteriores das teorias da socialização, o esporte é essencialmente entendido como um espaço de realização de disposições previamente constituídas e não necessariamente uma frágua destas. Em seu entendimento, a prática esportiva “já não é encarada como um *lugar de socialização, de construção de disposições específicas*, e sim como um *espaço de atualização* desses hábitos já incorporados” (LAHIRE, 2005, p. 298). Não obstante, continua o autor, dependendo do grau e tempo de envolvimento do sujeito, assim como da etapa de vida em que o vínculo com o universo esportivo se estreita, essa prática pode ter uma contribuição na “fabricação social do sujeito”. Inclusive quando oportunizada uma socialização longa, sistemática e intensa dentro desse ambiente é possível:

pensar que o esporte contribui ativamente à construção das disposições sociais, particularmente vinculadas ao grupo social de pertencimento e o sexo. E que cumpre uma parte importante na produção e reprodução das diferenças sociais, especialmente nas diferenças nas maneiras de ver, de sentir e de atuar (2005, p. 298).

Nessa lógica, no que respeita a este caso, entendo que é possível interpretar que o universo da prática esportiva teve um peso importante na conformação/consolidação de disposições pragmáticas, de competição e liderança, como também de generificação das práticas sociais. Afinal, Rodrigo tem um histórico repleto de atividades esportivas. Joga futebol desde os cinco ou seis anos de idade. Além de ter praticado intensamente capoeira (“sou professor graduado em capoeira”) e surfe (“dos 13 aos 16, 17 anos, aprendi a surfar; todo mundo aprendeu junto. Participava de campeonatos, sabia surfar bem naquela época, mas não era bom para me destacar, nunca fui”). Sua trajetória futebolística até os 17 anos foi basicamente no colégio. Particularmente no Ensino Médio, participou de campeonatos escolares bem estruturados e regulares: “Tinha alguns alunos do colégio que eram do Grêmio, outros do Inter”.

²⁰⁴ “Os caras brincam muito comigo, que eu falo muito rápido, que não entendem, tem muita brincadeira assim, que eu falo rápido demais. Não, tudo misturado, e eu sou o agitador da mesa, é? Sou, começo a falar, brinco com um, brinco com outro, meio atração... Sabe aquele cara que fica fazendo [algo], a mesa não fica quieta”.

O trabalho realizado no time de futebol da escola era “intenso” e “sério”. Algo que ele desfrutava, pois não gostava apenas de jogar, mas também de treinar: “Eu adorava; sempre gostei de treinar. Tem atleta que não gosta de treinar [...], eu sempre gostei de treinar. Treinar, para mim, sempre foi muito prazeroso. Nunca tive aquele negócio... [de fazer corpo mole], não é o meu perfil, treinar para mim era ótimo”. A capoeira é apresentada no mesmo registro: “Treinei muito forte capoeira durante muitos anos, junto com o futebol”.

Na metade do curso universitário, parou com a capoeira: “Os caminhos se separaram, não consegui mais treinar forte capoeira. Mas eu gosto muito, quando tem uma roda, participo”. O abandono da prática foi produto da distância social que separava Rodrigo dos participantes da modalidade. O nível socioeconômico, as perspectivas de vida, as práticas culturais do grupo fizeram com que ele se afastasse completamente da prática.

Após esse período, passou a atuar numa equipe que disputava a terceira divisão da Federação Gaúcha de Futebol: era um clube “amador quase profissional”. Nesse período, recebeu um convite para treinar no Internacional, mas isso significaria abandonar a universidade, dada a incompatibilidade entre os horários do curso e o treinamento em dois turnos, exigido pelo clube. Assim, escolheu continuar treinando num time menor, no qual era possível adequar os horários à faculdade.

A escolha entre se *aventurar* na carreira de jogador profissional ou investir na formação universitária é descrita, por Rodrigo, como algo bastante tranquila (“Eu sabia o tamanho da decisão!”). Na sua lógica, pessoas de sua posição social não apostam numa carreira esportiva incerta, pelo menos na época que teve sua oportunidade²⁰⁵: “Chega uma idade que você tem que decidir se vai estudar ou ficar na carreira de profissional. Normalmente, as pessoas que têm um grau de educação um pouco mais alto, como a gente, acabam deixando o sonho da bola e vão para a vida real, que é o trabalho, é estudar, é fazer a faculdade, é trabalhar. Eu joguei bola muito tempo, quando chegou a época da faculdade eu resolvi deixar de tentar ser profissional”. Ele tinha 17 anos. Indaguei sobre a postura da família frente ao dilema. Lembrou basicamente a posição paterna: “Meu pai disse: „Oh! O negócio é contigo, mas pensa“. Deixou para mim decidir”. O pai de Rodrigo comemorou a decisão do filho.

No clube que continuou jogando, treinou durante três anos, com quatro sessões semanais de duas horas e meia cada, a maioria das vezes com horários diferentes aos dos

²⁰⁵ “Tem uma diferença nas coisas hoje, naquela época futebol não dava dinheiro. Em 1990, o futebol não dava dinheiro. O futebol começou a dar dinheiro em 1994, após a Copa do Mundo nos Estados Unidos. Ali as coisas mudaram [...] Aqui no Brasil, um titular do Grêmio ganhava o equivalente, hoje, a 21 mil reais por mês, um bom salário, mas não assim tão significativo [...]”.

colegas: “Aí era treino mesmo, era cumprir tarefas, preparação física profunda [...]: bons treinadores, maus treinadores, boa orientação, má orientação, tu vê tudo”. Jogos de campeonato todos os finais de semana. Na época, também jogou durante anos na Liga Serramar, de Osório,²⁰⁶ na qual muitas das equipes remuneram seus jogadores, motivo pelo qual a considera uma competição semiprofissional: “No time que joguei dois anos, nessa liga, eram todos profissionais. Só não eram profissionais eu e outros dois caras”. Esse campeonato é o que mais se aproxima do futebol de alto rendimento: “Clube, torcida, rádio, jornal, tudo”, ainda que não o fosse: “[Mas] só que disso ao profissional a distância é grande”.

Nesse universo os convites não paravam de chegar para jogar em diferentes equipes amadoras: “Aí tu vai indo, a bola vai chamando”. Jogou muito e com diversas equipes. Contudo, nunca foi uma dedicação exclusiva: “No profissional mesmo tu tens que ter dedicação total, e nunca quis, sempre trabalhei, sempre estudei”. Simultaneamente à participação no clube da terceira divisão gaúcha, passou a jogar na equipe de várzea onde ainda joga. A equipe se organizou por e com jogadores que disputaram os campeonatos escolares da rede privada quando Rodrigo era aluno de uma das instituições que participava. Ele é praticamente do grupo pioneiro, entrou apenas um ano após a equipe ter começado a participar de competições.

Prática corporal e rotina

Rodrigo joga futebol na mesma equipe há 18 anos. O time participa todos os anos, no primeiro semestre, das disputas organizadas por uma das ligas de futebol de Porto Alegre.²⁰⁷ No segundo semestre, as competições variam de ano para ano.

²⁰⁶ Reconhecida liga de futebol amador organizada no município de Osório, disputada entre agosto e dezembro.

²⁰⁷ Porto Alegre tem um sistema de competições de futebol amador organizado com o apoio da Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME). Em linhas gerais, a competição da cidade tem duas fases e duas categorias, a Livre (idade mínima de 16 anos) e a Veterano (idade mínima de 38 anos, com cinco vagas para jogadores com até 35 anos). A primeira se organiza com base em Ligas de Futebol Amador que funcionam em diversos bairros e praças (em 2009, eram 26 ligas). As competições acontecem entre março e julho. A segunda fase é uma competição municipal, disputada no segundo semestre, na qual têm direito a jogar as melhores equipes de cada liga. O número de equipes que cada liga classifica para o Campeonato Municipal, em cada categoria, depende da quantidade de times que participam nessa fase da competição (ligas com mais equipes têm um maior número de vagas na fase municipal). O Campeonato Municipal tem duas séries: A e B. Classificam-se diretamente para a Série A os campeões de cada liga, e o restante das equipes que conseguem vaga no campeonato são distribuídas entre as séries A e B, segundo o histórico de seu desempenho. No ano de 2009, classificaram-se 87 equipes para a fase Municipal, 56 na categoria Livre (30 na Série A e 26 na Série B) e 31 na categoria Veterano (MYSKIW, 2010).

No ano das entrevistas, a equipe disputou, no primeiro semestre, a liga da qual sempre participa e foi, por duas vezes, campeã. No total jogaram, entre março e junho, nove jogos, sendo desclassificados nas quartas de final. No segundo semestre, a equipe passou a jogar numa liga tradicional de um bairro na qual foi campeã. Rodrigo, além de jogar com sua equipe, disputou o Campeonato Municipal (Série B) como convidado de uma das equipes adversárias da liga do primeiro semestre e, também, de outro campeonato na categoria *Master* (mais de 36 anos), com ex-integrantes da sua equipe *oficial*. Teve finais de semana, na época das entrevistas, em que foi escalado nos jogos dos três campeonatos (estaria escalado num quarto jogo se não coincidisse os horários).

Além dos jogos nos finais de semana, Rodrigo faz uma preparação física específica, orientada por um treinador pessoal, três vezes por semana. As sessões duram, em média, duas horas e combinam trabalhos de resistência aeróbica, força potência e força muscular localizada: “Academia e pista, que é corrida ou saltos direcionados ao futebol”. O motivo para fazer essa preparação é muito simples, continuar sendo competitivo: “Se não fizer isso..., estou com 36 anos, é a única chance de continuar jogando contra guri de 18 anos, [...] é uma diferença incrível; se não tiver um acompanhamento físico, não resistes. É o que acontece com todos os caras do time, eles vão chegando a uma idade e as pernas não aguentam mais. Quem não tem um acompanhamento físico, não pratica mais”. Do grupo de pessoas que iniciou jogando com ele, é o único que continua sendo parte da equipe. Quatro jogadores com idade semelhante à dele, em sua equipe, realizam treinamentos similares, para poder seguir jogando. Os mais novos, ainda que tenham a vantagem da idade, também fazem uma preparação física individual.

Além de cumprir o objetivo principal, a de mantê-lo competitivo, o treinamento na semana também é apontado como uma prática *desestressante*, que o ajuda no dia a dia: “Saio daqui [da empresa] às seis horas, muito cansado, não quero ver ninguém; saio com dor de cabeça. E saio do treino de cabeça boa, chego em casa leve, isso é muito bom”. Também é valorizado por ajudar na manutenção da forma corporal.

Como se percebe, Rodrigo apresenta o exercício físico regular como uma necessidade. Em sua lógica de organização, sempre é possível encontrar tempo para fazer atividade física: Indagado sobre períodos em que o trabalho demanda mais tempo, ou mesmo quando está de viagem, ele responde: “De tardezinha, sempre consegues fazer alguma coisa; antes da janta, dar uma corridinha [...]. Quem não faz é porque não tem necessidade de fazer, não porque não gosta [imitando a fala de outro interlocutor] „Ah, porque é vagabundo!”. Acho que não tem necessidade, [mas] eu tenho necessidade de fazer alguma coisa! Chega por volta das 6 horas,

7 horas, eu estou fazendo alguma coisa: é a minha característica. Tem gente que não gosta, chega em casa e prefere tomar um uísque, olhar TV... Cada um é cada um [...], mas, para quem tem necessidade, o cara sempre acha tempo, pô! Cheguei no hotel às onze e meia e fui correr, tu sais é sempre tem gente [fazendo exercício...]. É normal, sempre dá tempo. Eu fazia curso [de mestrado, nos EEUU], acordava às 6 da manhã, corria antes da aula, [mas] não gosto mas fazia, fazia e faço”.

Sentido da prática

Desde a primeira entrevista e ao longo dos seis meses de coleta de dados, a posição de Rodrigo a respeito do sentido de jogar futebol de várzea sempre foi a mesma: “competição”. Por diversas vezes, e de distintas formas, asseverou que, de sua perspectiva, para a prática esportiva ter valor, tem que ser séria: “Tem que ser campeonato, tem que ser eliminado, tem que ganhar”. Para ele, “a competição é a magia do esporte. O esporte sem competição não se paga”.

Com 36 anos, calcula que não tem muito mais anos jogando na categoria Livre, impondo-se para ele a necessidade de armar um grupo de veteranos que lhe permita continuar competindo. Quando falamos sobre o tema, mencionou que estava com um pouco de medo em relação a essa transição, já que era possível não conseguir conformar um grupo à altura: “Jogam bem, cara, os campeonatos [de veteranos] são bons! Muita gente que joga o amador joga lá, não sei, vamos ver... isso é uma dúvida, é um medo... [O quê?] Um medo, também, [Medo?] É, de ir lá e jogar, competitivo mesmo... [Não te imaginas jogando só por jogar?] Só pelada? Nem pensar! Os caras estavam dizendo, vou ter que inventar um negócio para mim [risos], um arco e flecha, vou ter que fazer alguma coisa! [risos]. Alguma competição vou ter que manter... [Seria mais fácil você deixar de jogar bola e competir em alguma outra coisa do que você continuar jogando bola...] Sem competição nem pensar, nem pensar, se não valer três pontos, nem que sejam esses três pontos coisa pequena, tem que valer...”.

Nessa lógica, fala com certo desprezo de um futebol pautado na ideia de divertimento: “Futebol [entre amigos] não provoca nenhuma [adrenalina], não traz nenhum sentimento em ti [...], ganhar no fim de semana uma pelada não tem muita graça.” Assim também explica o forte investimento em manter sua condição física: “Justifica-se te preparar, quando tem um objetivo, é disso que eu gosto; quem está na competição é porque é jogador mesmo”. E marca,

novamente, a diferença com os peladeiros: “Quem joga aqui [campos de aluguel] gosta de jogar uma bola, mas não se prepara, não tem um objetivo maior”.

Desempenho esportivo

Rodrigo tem uma avaliação muito positiva de seu desempenho esportivo. A imagem de bom jogador o acompanha desde novo: “Ah, no colégio, ganhei quase todos os campeonatos, era um dos melhores jogadores [...], era o goleador do campeonato”. Ele sabe que integra o grupo dos que, no universo do futebol amador de Porto Alegre, são considerados *bola boa*: “[...] Acabas num circuito de futebol de quem joga pesado, melhor mesmo”.²⁰⁸

Atestam seu bom desempenho os convites que recebe de diferentes times da cidade para disputar os campeonatos que iniciam depois de terminada a competição das ligas dos bairros e praças: “Sempre jogo no segundo semestre para outro time. Joguei para 10 times da cidade”. Naquela época, a equipe que o tinha convidado estava constituída por um grupo de jogadores bem jovens (“uma gurizada”), a maioria da sua mesma classe social, e estava se sentindo muito confortável com seu desempenho: “Em quatro jogos já fiz cinco gols, estou com moral”. Além disso, compartilha da ideia que “guri ganha jogo, velho ganha campeonato²⁰⁹” e o convite de uma equipe tão jovem e de bom desempenho reforça-lhe a ideia de que sua inclusão esteve fundamentada na possibilidade efetiva de poder ajudar a ganhar a competição: “Falta boleiro! Falta cara experiente! [Explica:] “Para ganhar campeonato, tem que ter cara que na hora que levantou a fumaça no campo o cara fica mais valente, ou não sente tanto a fumaça, essa é a hora [...]”. Ele percebe que o reconhecimento ao seu bom desempenho é um dos motivos que o levam a jogar tanto: “No meio dessas coisas há um pouco de vaidade. Os caras dos times bons

²⁰⁸ “Ah, no colégio, ganhei quase todos os campeonatos de colégio, era um dos melhores jogadores do colégio, tinha alguns do colégio que eram do Grêmio ali, outros do Inter, e aí te indicam e só que eu sempre me destaquei nos campeonatos, era o goleador do campeonato, era um dos melhores jogadores do campeonato, então acaba num circuito de futebol de quem joga pesado, melhor mesmo, é curto, entendeu? Tu acabas se batendo toda hora. Tu entra no campo, tem dois lá do outro lado, tu conhece sempre, depois de anos, é engraçado, tipo vou jogar a semifinal agora sábado. Cheguei lá tinha umas duzentas pessoas, só boleirada que dava no jogo, o Réver que jogou no Grêmio tava lá assistindo o jogo. Sabe, jogador profissional que é amigo de gurizada, incomum, que vai lá ver um jogo de bola, uma pelada boa, então tava o outro lá, o Gabati, que é do Inter, estavam lá vendo o jogo, e os caras do time Moinhos, que eu joguei no campeonato, estavam lá assistindo e aí tava os cara lá do, os cara vão ver jogo, entendeu?, vai ver um grupo de pessoas que jogam boa bola, Boa bola e que gosta não é tão grande assim. No campo lá tinha uns três amigos meus jogando, então tu acabas se batendo toda hora com os caras, muita gente joga, mas que joga direitinho... [risadas]”.

²⁰⁹ “Para ganhar campeonato, tem que ter cara que na hora que levantou a fumaça no campo o cara fica mais valente, ou não sente tanto a fumaça, essa é a hora, já fui guri, agora tem que se acostumar [risos], tem que servir para alguma coisa”.

chamando e tu gostas de jogar, tu gostas de ir lá ganhar jogo. Tu ainda ficas chamado como um dos melhores jogadores, conhecido de ir lá e ganhar jogo. É um negócio legal!”.

Dentro do campo, Rodrigo assume certa liderança em relação à sua equipe. É um dos que mais fala e, também, dos que ficam mais “possuídos” pelo jogo, ainda que o tempo venha (re) modelando seu comportamento em campo: “[...] Sou bastante enérgico, boto muita energia [...], sou muito agitado; já fui mais explosivo, mais brigão, podia ter sido menos, agora sou um cara mais tranquilo”. Já foi o capitão da equipe, mas passou a função para outro com o propósito de dividir as responsabilidades pelo funcionamento da equipe: “A gente vai aprendendo que, quando tem um grupo grande, tem que delegar, não se pode ser tudo em um time [...]. Poderia ser o capitão, mas não sou”.

Ele confessa ficar um pouco nervoso antes de partidas importantes. Já sentiu o efeito mais forte quando mais novo: “Antes ficava mais, agora..., até brinquei no último jogo, pô!, essa final tinha bastante gente, o estádio tava bem cheio, um ambiente legal de jogo, há um tempo atrás entrava grilado, aí a única vantagem da experiência é essa, né?. Entrei no campo muito bem, tranquilo, isso é bom, dá uma diferença incrível”. E faz boa avaliação sobre seu desempenho, e não apenas sobre ele, mas também da equipe: “Nós somos o melhor time de Porto Alegre, de várzea, de time assim... de bom nível social. Nós fizemos história na várzea. Foi o time que mais ganhou. Pega qualquer time de qualquer vila: sabem que ganhar de nós é quase impossível”.

Ainda sobre seu bom desempenho, Rodrigo diz que está sentindo o passar dos anos: “Depois dos trinta, cada ano é um peso, tu levas nas costas, entrar no campo... tem um limite também e aí é o grande perigo para o atleta! O que ele faz depois? Tem que achar um escape, outro tipo de competição: para jogar com gurizada, tem um limite!²¹⁰. Não é apenas o desempenho, também o tempo de recuperação do cansaço e das lesões aumenta”. Nesse sentido, na época da entrevista, tinha iniciado os movimentos para, num futuro próximo, formar a equipe de veteranos de seu time. A ideia não é parar de jogar, apenas adequar o ritmo de jogo (frequência, volume e intensidade das práticas) ao condicionante físico.

No dia em que Rodrigo me mostrou sua agenda com os 17 casamentos do semestre, notei que tinha anotado o placar dos jogos: apenas perguntei para ter certeza. Prontamente, ele confirmou que eram os resultados das partidas – e continuou explicando: “O time tem uma estatística completa [...]: quantos gols já fez, quem fez, quem jogou, quem não jogou, recordes, tem tudo”. Sabendo que é o centroavante e o que faz mais tempo que joga, perguntei

²¹⁰ “[Você tem pensado nisso ou está longe?] Não quero pensar! [risos] Está chegando próximo de jogar em um nível de competição, tem que mudar a competição, outra competição. Com 36 talvez a várzea, mais velho... ainda dá para jogar uns dois, três anos, não sei! Depende das lesões”.

sobre seu despenho: “Em nosso time, 290 gols [com um sorriso de satisfação], o segundo tem 100 [precisou]”. Ele é quem leva a estatística, a qual também faz circular pelo grupo: “Isso aí é a história que vai ficando, tem toda a história ali, quem jogou, quem não jogou, quanto tempo jogou, está tudo ali”.

Por outro lado, nunca leva os troféus para casa: “Eu não tenho, o meu time tem”. Indagado sobre a exposição de prêmios ou recordações de seus triunfos, comenta que não o faz, mal os guarda: “Tenho umas medalhas numa gaveta lá...”. Na sequência, procura fazer com que [eu] entenda que o sabor da competição se corporifica em sentimentos como o vivido no dia anterior, nos momentos antes de iniciar o jogo da final do campeonato em que participaram: “Estava com 35, 40 caras dentro do vestiário [se transportando para o vestiário, diz:] Tem uma graça isso aqui, cara. Daqui a uns dez anos a gente se olha e vai olhar isto aqui, cara, só isso tem graça. Daqui a 10 anos a gente vai se olhar na rua, nos vamos cruzar no restaurante, ou em outra pelada, e vamos pensar: „A gente ganhou junto aquele jogo!“! É isso que vale, é isso que fica. Só isso”. Rodrigo fala seriamente sobre o tema.

Evidentemente, o espaço esportivo é o que melhor lhe permite atualizar disposições para a competição e a liderança. A descrição de suas práticas corporais transluz que, junto com a competição, ter grandes probabilidades de ganhar a disputa é também fundamental para a participação esportiva. A afirmação é um tanto óbvia, mas o que busco salientar é que não se trata *apenas* de competir, e sim de, efetivamente, vencer e ser o melhor. O abandono do surfe, o fato de não apreciar o tênis²¹¹ ou e a pouca probabilidade de jogar basquete (por ser baixinho), vinculam-se à baixa probabilidade de neles obter êxito, e não à falta de competição. Pode-se dizer que a disposição para competir se ativa quando há possibilidades de vitória – e não apenas quando está numa situação de comparação de desempenho esportivo.

Contexto social da prática

Por mais que Rodrigo tenha jogado em diversas equipes amadoras da cidade, seu time de futebol de várzea é, também, de *classe*, constituído por jogadores de um estrato social

²¹¹ Conversando sobre possíveis esportes que poderiam ser incorporados, caso deixasse de jogar futebol, Rodrigo comenta: “Joguei tênis, jogo tênis. Bah, sou muito ruim! Não tenho saco pra jogo... [Mas tu não jogarias porque és ruim ou não jogaria por que...] Não, não gosto de jogar, no meio do jogo estou de saco cheio do jogo. Lá em Santa Catarina eu joguei uma partida de tênis, porra, no meio da partida eu estava... Bah, cara, não via a hora pra acabar aquele jogo... Não aguento mais isso aqui... [...]. Eu perdi o jogo! Um jogo fácil e perdi! Eu não aguentava, não entreguei, mas... [Mas também não se esforçou para...] Não, até me esforcei, mas me desconcentrei, saí do jogo... Fiquei lá, mas estava louco pra vir pra casa...”.

muito próximo ao dele. Esse aspecto, porém, não foi enfatizado por ele durante as entrevistas, mas, ainda assim, é possível perceber que essa característica é um componente que favoreceu a continuidade da prática esportiva, assim como permitiu ao futebol ocupar um espaço importante em seu cotidiano. A sua equipe, originalmente, reuniu os ex-jogadores da Liga de Futebol das Escolas Privadas de Porto Alegre. E tem mantido, ao longo dos anos, certa homogeneidade socioeconômica entre seus componentes: “O único time essencialmente de *playboy*, vamos chamar [assim], ali é o nosso”. Tem apenas dois jogadores mais “humildes [...], de nível mais baixo”. A liga em que sua equipe participa no primeiro semestre reúne as equipes com maior padrão socioeconômico da cidade²¹². Nessa competição, os jogos são disputados apenas numa das praças de Porto Alegre, o que significa dizer que jogam sempre no mesmo local.

Na leitura de Rodrigo, as diferenças socioeconômicas são um incentivo para as equipes adversárias ganharem deles. Os rivais, durante os entreveros verbais que encharcam os jogos, salientam certo descrédito sobre a possibilidade de uma equipe com membros de classe social privilegiada ser boa de bola: “Quando começa o papinho, „Ah, vem *playboy*’, falo pra caramba no meio do campo com eles. Mando à merda na hora! [Digo:] „Vai perder para o *playboy*, sim!“ E aí perde! [risos]. Tem que entrar no jogo, né?”.

Nesse movimento de marcar a diferença com a maioria dos times que jogam na várzea, Rodrigo também salienta a diferença na proporção de pessoas de cor de pele não branca das equipes: “Na praça em que a gente joga, o único time de brancos... brancos, eu brinco, a gente tem um ou dois assim... que jogam pelo nosso time, que ganhou lá foi o nosso”.

A equipe de Rodrigo, frequentemente²¹³, consegue a possibilidade de disputar o Campeonato Municipal, mas abre mão desse direito. Não se interessaram em jogar nas vilas da cidade. Os colegas acham o clima do campeonato “bem pesado” e, por isso, preferem jogar noutras ligas que disputam no segundo semestre. Rodrigo, no entanto, participa do Municipal. Geralmente é convidado por outras equipes da cidade que disputam a competição. Jogou por clubes tradicionais da várzea porto-alegrense: Flamenginho da Tuca, Clarão da Lua, Roma. A

²¹² Myskiw (2010) relata que essa liga reúne equipes que conseguem pagar R\$ 1.000,00 de inscrição (além de R\$ 250,00 de uma espécie de *seguro* contra os inadimplentes), mais R\$ 100,00 de arbitragem por jogo, enquanto que nas ligas das vilas da cidade se paga R\$ 200,00 de taxa de inscrição e R\$ 30,00 de arbitragem por jogo. No entanto vários times dessa liga (apesar de conseguirem pagar essas taxas) são de fora e os jogadores, de classes baixas. No ano 2009, quatro equipes eram do bairro e 12, de fora. As equipes externas formam seleções, *contratando* jogadores. Esses times, normalmente, têm seus patrocinadores. Não raro, se escuta que são *times de patrão*.

²¹³ No ano de 2010 sua equipe conquistou, mais uma vez, pela classificação na liga, a vaga para disputar a fase municipal, mas abriu mão de participar.

maioria vinculada a setores sociais empobrecidos da cidade: “pessoas de baixo nível social, mas gentilíssimas, gente boa”. No ano de 2009, porém, participou desse campeonato como convidado de uma equipe de nível socioeconômico equivalente à sua: “Também é de *playboy*, segundo ano que jogo no Municipal num time de branquinho²¹⁴”. Ele estava muito satisfeito de fazer parte desse grupo.

Os jogos da várzea na fase do campeonato municipal acontecem em diversos campos da cidade, espalhados tanto nas praças como nos campos das vilas. Poucos têm uma boa infraestrutura, todavia nesta fase são utilizados os melhores²¹⁵. Os times que participam do campeonato também são oriundos de todas as regiões da cidade e refletem a desigualdade socioeconômica de Porto Alegre (equipes classificadas nas competições das 26 ligas cadastradas na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer).

Ele não tem maiores problemas para jogar nos bairros populares, ainda que tenha certas precauções: “Eu joguei em favelas muitas vezes [...]. Tu entras na vila, toma cuidado, mas, no campo, tudo bem!”. Porém, é marcante a diferença de outros campos, o clima de jogo criado pelos jogadores adversários e, particularmente das torcidas, é um tanto hostil. Especialmente entre aqueles que se comentam serem times mantidos por donos de *bocas de fumo*²¹⁶, conhecidos como *times de patrão*²¹⁷. Por outro lado, comenta que as intimidações não passam de ameaças e que dificilmente se concretiza alguma agressão física, ainda que se crie certo clima de insegurança: “Eu já corri na lateral e o cara botou a mão na cintura [gesto de quem mostra uma arma e falou:] „Para de passar nesta ponta!”. Ele não vai dar um tiro em ti no meio do campo, nunca aconteceu, mas... corres pelo outro lado do campo”²¹⁸. Entende que a situação já foi pior no que respeita à segurança e organização e, na atualidade, o campeonato de futebol está muito melhor em relação a esses aspectos.

²¹⁴ “Tem um time novo, uma gurizada nova que era nós no passado, são meninos, é um time que surgiu bem. Nós no passado, os gurizinhos estão encarando, mas não é muito comum, são poucos times organizados.”

²¹⁵ Campo bom tem vestiários e é cercado (característica muito apreciada pelos jogadores). Alguns podem até ter gramado, contudo a maioria é de terra/areia com grama nos cantos/laterais (MYSKIW, 2010). Outra questão que define um “campo bom” é a tela. Várias vezes ouvi a definição de que um campo bom de jogar é um campo “cercadinho”.

²¹⁶ “[E circula algum tipo de pressão nessa equipe para os adversários?] [...] nós perdemos um jogo importante, ano passado para um time que... [no meio do relato lembra:] Quando deu aquela operação policial [contra o tráfico de drogas, bastaste noticiada nos meios de comunicação do Estado], tu olhavas no jornal e vias uns três caras que tinham jogado com a gente: os caras meteram uma pressão do cacete, ali foi roubalheira, porradaria, tapa na cara”.

²¹⁷ Denominação que ganham, na linguagem *nativa*, esses times (MYSKIW, 2010). Normalmente, as pessoas que circulam na várzea se referem aos *patrões* como os líderes do tráfico que patrocinam ou sustentam por completo os times.

²¹⁸ Myskiw (2010) comenta sobre o assunto: trata-se de um “jogo de intimidação” desenvolvido por pequenas agressões (na maioria, “coisas do jogo”), ameaças, xingamentos e depreciações, algo “bastante performático”.

Para ilustrar o que estava descrevendo, Rodrigo procurou em seu computador um *e-mail* que havia recebido de um companheiro de equipe, onde aparecia a foto de uma placa exposta na entrada do campo de jogo e na qual se inscrevia a frase: “Proibido o ingresso de armas neste local”. Jogar nesse campo, em particular, o incomoda bastante, tanto que comemorou ter um compromisso no final de semana em que a sua equipe teve que jogar lá nesse ano²¹⁹.

Rodrigo sabe que a prática esportiva preferida por ele não é a mais comum entre pessoas da sua classe social. Entretanto, não sente nenhum tipo de ilegitimidade por essa preferência. Até coincide que algumas pessoas de seu entorno laboral estranhem um pouco seu envolvimento, mas não é algo que o preocupe, ele acumula importantes capitais em outros campos de sua vida e dão legitimidade a suas escolhas: “[Não há certo estranhamento entre os colegas de trabalho por jogares na várzea?] Há um pouco, mas não tô nem aí”.

Entendo que, em parte, isso é assim porque Rodrigo não corre *risco* de desclassificação social jogando bola, ser confundido com seus adversários (e colegas de equipe quando joga na vila). Afinal, ele carrega em si marcas que mostram a distância social intransponível com as pessoas desse universo, ainda estando no lamaçal de um mesmo campo de jogo: “Todo ano eu joga para times de vila [...]. Sou o único branco do time com um padrão de ginga melhor no time, é comum para mim [...] Nunca tive dificuldade de ser branco em nenhum clube em que eu joguei, sempre fui respeitado. Até eu me admiro e acho que acontece o contrário: ao invés de haver o preconceito, há um respeito [imitando hipotéticas afirmações de companheiros dos times da vila]: „Ó, o cara não é um bundão!“. „O cara está aqui, vai sentar no chão do vestiário como a gente, vai usar o uniforme que eu uso“, não sei lavado por quem. Eu acho que é bem ao contrário. Assim, em muitos casos tu te relaciona mais para o positivo do que para o negativo de respeito [volta a imitar os colegas:] „O cara está aqui com a gente, sai daqui vai comer um sanduíche com a gente e vai...“ Ao contrário...”. Até, no universo profissional de Rodrigo, a experiência de jogar num entorno social mais baixo pode ser revertido em capital simbólico, atestando a capacidade de lidar com a diferença: “Meu chefe, o presidente da empresa em nível de Brasil, viu os jogos na várzea... Eu acho que só agrega, sou um cara que se envolve com todo o tipo de pessoas, pode

²¹⁹ “Não joguei domingo, não consegui, não pude jogar domingo, mas domingo a gente classificou para o Municipal, passamos para as quartas de final, os times estão ganhando [risos]. Tive um casamento na cidade de família de meu pai, que eu tinha que ir na minha prima, e o jogo era de manhã aqui; eu não avisei antes, não gosto de fazer isso, mas dessa vez não tinha como... Não, é que ficava ruim eu vim de lá porque era família. No outro feriado, eu já não viajei para jogar, então, se eu não fizesse direitinho, a minha mulher ia me esgoelar; até foi bom que eu não joguei, esse lugar aí que saiu o jogo é muito perigoso, o único lugar de Porto Alegre que é perigoso”.

estar com o presidente da empresa, pode estar abraçado com um cara aqui que talvez fosse o porteiro, só me torna um cara mais capaz. Não te prejudica em nada”.

Este não-temor de desclassificação pode ser interpretado como mais um sinal que reforça a hipótese, já apontada quando analisadas as práticas culturais dos porto alegrenses, que numa sociedade extremamente desigual como a brasileira os consumos culturais perdem seu potencial/utilidade como marcadores sociais. Mesmo podendo existir padrões de legitimidade cultural (até possivelmente presentes nas práticas corporais quando considerado a distribuição do envolvimento em setores sociais privilegiados) e que estes têm importância na estruturação das relações sociais no Brasil, entre nós o capital econômico possui tal preponderância como critério de posicionamento social que pode prescindir da legitimação cultural.

Como comentado, Rodrigo tem um intenso envolvimento durante os jogos. Investe (em nível pessoal e grupal) para ter bons resultados e ganhar campeonatos. Participa quando o jogo pega fogo e “levanta fumaça” no campo. No entanto, também mostrou certo distanciamento em dois aspectos presentes nesse universo: brigas e confraternizações em torno dos jogos, geralmente acompanhadas de bebida alcoólica²²⁰ (como descrito mais adiante). Em relação às brigas, pelo menos dois episódios relatados por ele mostram que consegue se controlar para que as querelas originadas no jogo não se desdobrem em violência dentro ou fora do campo²²¹. De igual modo, não faz questão de carregar as marcas da refrega dos jogos: “Algumas coisas tu tens que cuidar para não brigar, mas pode acontecer de tu brigares ali e levar uma porrada: é o custo que tu paga. Ano passado, estava com o olho meio roxo, aqui, com uma cotovelada; não foi por querer, mas foi uma porrada”.

Dirigente

Rodrigo, além de jogar, é “o „trouxa“ do presidente” da equipe há dez anos. Atualmente, sua maior responsabilidade é a de delegar, entre os integrantes, as tarefas

²²⁰ Myskiw (2010) afirma: “a cerveja é „sagrada“ na várzea, particularmente nos campos das vilas. Não é raro um jogador tomar uns „goles“ antes e durante a partida. Nas ligas mais centrais, todavia, a bebida parece circular bem menos”.

²²¹ “[...] Um cara, no meio do jogo, me deu um guspe na cara, na frente do juiz, pô! O cara guspiu na minha cara! E eu segurei, não tinha o que fazer, uma loucura, o negócio pegando fogo. Tu não pode dar soco. Aí encontrei o cara, estava saindo do campo e ele entrando no campo, bah! Quando ele me viu ele se cagou, ele viu que estava entrando numa ruim, e eu me tremi inteiro, cara, a vontade de pegar ele num outro ambiente e cagar a pau, mas não pode [...]”.

necessárias para que a equipe funcione – e a estratégia adotada é manter o maior número de pessoas envolvidas: “Tem um cara que cuida do dinheiro, outro dos uniformes, um é treinador, outro é capitão, tem um cara que é o representante do time nas reuniões, cada um tem suas funções”. Na perspectiva dele, não se trata de algo que lhe demande demasiado envolvimento: “Não tem dinheiro, não tem nada, é tudo simples”. Além disso, a tarefa de organização geral tem sido facilitada pela possibilidade de usar *e-mail* para se comunicar com os companheiros de time (“na época que era telefone era mais chato”). Ainda que não se trate de uma instituição, reconhece que sua equipe está mais estruturada que outras: “Não é muito comum; são poucos times organizados”.

De duas das funções de dirigente, porém, Rodrigo não abre mão: a da seleção dos novos jogadores e a do desligamento dos atletas com baixo desempenho: “Aí eu mando!”. O processo não é fácil. Em cada temporada, ele e o treinador da equipe (um ex-jogador) têm que “cortar” colegas de equipe: “Essa é a grande dureza... todo ano, tu... não chamas mais o cara”. Mas, na lógica em que funciona a equipe, esse processo é totalmente justificado, trata-se de manter uma equipe competitiva: “Às vezes, os caras têm um pouco de „Ó, tu estás jogando, eu não estou jogando mais...”. A seleção troca como qualquer outra coisa; se tu não fizeres isso, tu não ganhas. Se tu não ganhas, não tem valor. A única coisa que faz do futebol uma coisa profissional... é ganhar! Tem que ir lá e ganhar [batendo o dedo indicador sobre a mesa], para voltar pra casa feliz!”

Também é um problema a escalação da equipe, pois dela faz parte muito mais gente do que pode participar nos jogos no final de semana, e nem sempre os jogadores estão disponíveis: “Tu precisas realmente de vinte e poucos para competir, um não pode, um viaja, um tem um casamento, um tem que trabalhar nesse sábado, essas coisas acontecem”. Assim, em todos os finais de semana a situação é: “Tem um grupo de 27, vão entrar 11 e jogar 16”. Essa dinâmica cria problemas²²² de forma recorrente e que nem sempre são simples de equacionar: “Para administrar isso é duro; é duríssimo. Mas aí é de habilidade. Levando um, [acaba] desagradando outro...”.

Nessa lógica, um dos desafios é atrair novos e bons jogadores, para manter a equipe competitiva: “Esse é o grande negócio. Tem que trazer gente boa e, às vezes, trazer gente boa é difícil, tem que criar um ambiente para os caras virem”. Em sua perspectiva, o time oferece, aos potenciais craques, dois elementos fundamentais: “um ambiente bom” e um “time que ganha”. A diferença de outras equipes, em que existe certa “profissionalização”, no time de

²²² “Dá rolo toda hora! Um pouco de rolo dá, mas tem que administrar”.

Rodrigo, é que “não se paga para ninguém, é tudo na amizade”. Dessa forma, não existe um processo explícito para incorporar novos jogadores à equipe, sendo que a negociação deve ser mais sutil: “Tem que ir encostando, tu vais vendo, vai jogar com o outro time, tu és um cara bom, tu sai do campo um cara te dá um toque para jogar uma pelada, e vai indo, vai construindo uma amizade”. Nesse sentido, destaca os dois integrantes mais pobres da equipe: “[jogam] na amizade, nunca ganharam um pila, vão lá porque eles querem ganhar”.

Por outro lado, se não se paga aos jogadores, também não se cobra aos que têm maiores dificuldades econômicas e/ou são mais jovens: “Tem os níveis de pagamento, que eu criei: os mais velhos pagam mais, os do meio pagam menos e os guris não pagam. Isso tem que fazer! Os guris não querem pagar, os guris não podem pagar, eles jogam e não podem pagar. Também não é grande coisa duzentos, trezentos pilas por ano para jogar o ano todo e eles não pagam”. Algumas das empresas em que trabalham os integrantes da equipe “dão um dinheirinho”, basicamente para a compra do uniforme.

O esquema de seleção de bons jogadores também se coloca como natural quando se fala sobre a conformação que a equipe de veteranos está planejando com ex-jogadores de seu time. Não há lugar, para quem não contribuir em constituir um grupo competitivo, por mais amigo que seja: “Nós vamos começar a organizar a categoria „Veteranos”, então estamos trazendo os velhos [...]. Vamos jogar o primeiro ano no Veterano, aí a gente vai começar a fazer uma transiçãozinha, só que não vai dar certo, eu já falei, os veteranos não estão treinando [...]. Então a gente vai jogar o primeiro campeonato para ver que vai dar errado. Já falei isso para os caras, a gente vai chamar vinte, trinta [...] vai sobrar dez! Outros vão chegar lá e não vão jogar, vão chegar lá e vão sentir... Aí a gente vai ter que recrutar veteranos de outros lugares, vai acontecer isso, natural...”.

Sociabilidade mediada pela prática esportiva

As práticas esportivas sempre constituíram o espaço privilegiado de socialização de Rodrigo: principalmente futebol e surfe. A capoeira nunca ocupou o mesmo lugar. O time de futebol aparece como o ou, pelo menos, um dos espaços de sociabilidade mais importantes. Seus amigos mais próximos ainda jogam ou já jogaram na equipe²²³. Também seus irmãos

²²³ “[Tem um convívio para além do contato via futebol ou?] Alguns sim e alguns não, depende. O meu círculo de amizade pessoal é o do Barcelona, que é o nosso time. Eu vou jantar. Esse fim de semana eu jantei com pessoas do Barcelona, mesmo que não tinha a ver com futebol e nós, por ter uns 19 anos, já passaram mais de 80

mais novos são jogadores da equipe; assim, o time é um ingrediente no universo da sociabilidade familiar.

Uma das características de seu time é que não tem *terceiro tempo*. Não costumam confraternizar após os jogos, como é comum em outros times. Não é apenas a equipe que não tem esse hábito, Rodrigo também não participa desses espaços quando joga em outros times: “Eu não tenho essa... muitos times têm. Quando tem nos times que eu joga, não participo. Não gosto daquele negócio: sair para um bar tomar cerveja [...], fica aquele papo de homem, sacanagem e não sei o quê [...]. Para mim, não serve”.

Entende que grande parte do conflito que a prática esportiva gera entre muitos casais se vincula ao *terceiro tempo* e não precisamente ao futebol: “Uma coisa é o cara ir jogar uma bola e voltar para casa, outra coisa é jogar uma bola, tomar duas caixas de cerveja e voltar para casa [...]. Isso triplica teu estresse em casa”. Além dos problemas familiares, menciona a perda de desempenho físico, que afeta tanto o jogo quanto o trabalho. Em seu caso, essa forma de conduzir-se tira o potencial estresse conjugal gerado em torno do jogar bola: “Minha mulher sabe que meu vício é jogar futebol e não o barzinho depois, não é o *happy hour*”.

O distanciamento das práticas de confraternização em torno do jogar bola, muito comuns no futebol de várzea porto-alegrense²²⁴, sustenta-se, em minha interpretação, em disposições pragmáticas (*evitar problemas em casa*), mas também num mecanismo de distinção do espaço social em que o jogo acontece (*jogo nesse espaço, não pertença a ele*). Por exemplo, a associação que reúne e organiza os times da praça onde sua equipe joga o campeonato, durante o primeiro semestre do ano, organiza um jantar de entrega de prêmios e, nos últimos anos, a escolha da rainha da liga. Rodrigo, *obviamente*, não participa.

Por outro lado, Rodrigo destaca que jogar futebol e fazer parte de uma equipe cria um tipo de relação especial com os companheiros. Trata-se de compartilharem uma experiência que lhes dá algo em comum e perdura ao longo dos anos: “Competir com um time, tu acabas ficando amigo do cara para sempre”. Exemplifica a situação com base na experiência que ele estava vivendo, naquele momento, de começar a jogar com um time novo, que conhecia

peças pelo Barcelona. Então tem vários que ficaram para trás, não aguentaram fisicamente; [agora], eles não jogam no Barcelona, eles são do Barcelona. Então isso vai ficando. Claro que tem pessoas de fora sempre, mas a base é sempre essa equipe que foi se formando, os amigos que vieram dali, muito mesmo. Aí eu vou no jogo do Grêmio no domingo aí estavam sentados quatro caras do time, todos os caras do time: a base é sempre a base do esporte, acaba ficando muito forte”.

²²⁴ Myskiw e outros (2010) comentam ao respeito “a cerveja e o bate-papo (repleto de jocosidades) depois do jogo é muito comum na várzea, especialmente nos jogos mais importantes (os mais „pegados“), e, é claro, nas vitórias. As lembranças dos lances do jogo são muito recorrentes e as análises das performances se multiplicam com os „goles de cerveja””.

apenas na condição de adversário: “Tu jogas um jogo com o cara, treino é outra coisa, jogas contra um adversário para valer e... pô!, termina o jogo e tu sai do campo já diferente com aquele cara. Depois de quatro, cinco jogos aquele cara é meu amigo, porque a gente compartilhou: eu dividi uma bola por ele, um cara chegou nele eu fui lá e empurrei, ele me deu um passe e eu fiz um gol. Depois de quatro ou cinco jogos aquele cara que eu conheço ali..., e mal sei o nome dele..., é meu amigo. A partir dali ele vira teu amigo, teve uma... [fica pensando] [batalha em que a gente] lutou junto por alguma coisa sabe. É interessante isso. Vira teu amigo”.

Na mesma linha, busca outro exemplo em sua experiência para tentar explicar a amizade criada quando se disputa juntos uma competição. Neste caso, trata-se de uma situação em que se enfrentava uma pessoa que já havia sido companheira de equipe: “No time adversário, tinha um negão com quem eu tinha jogado. No meio do jogo, deu um empurra-empurra. Esse negão chegou em mim [e disse:] „Pô, Alemão, calma aí, cara! Calma aí, cara! Não vai brigar, né?”. Aí eu: „Pô, tu és meu irmão...”, sabe? Aquele cara jogou comigo numa outra equipe, não vai vir... para cima nunca. Não vai me machucar nunca, porque ele sabe que eu sou um cara legal e que eu acho ele um cara legal, entendeu? Então ele é meu amigo. Nem sei o nome do cara. Joguei com ele nem me lembro quando, mas virou meu amigo. Isso é muito comum, o cara que jogou em teu time, para valer, né? Porque tem o mau caráter..., mas o cara que pegou contigo... é teu amigo, não tão amigo..., mas é teu..., um cara teu para o resto..., para muito tempo, para o resto da vida [batendo com dedo na mesa]. Isso é interessante [reflexiona]”.

No entanto, apenas algumas das relações estabelecidas por Rodrigo dentro de campo se prolongam para fora dele. Os laços de convivência cotidiana estão fortemente atrelados ao futebol, mas circunscritos a sujeitos que pertencem ao mesmo grupo socioeconômico. Os laços construídos dentro de campo necessitam de um ambiente social equivalente para serem cultivados fora dele.

Suas experiências de sociabilidade mediada pelo esporte não se restringem a Porto Alegre, também as viveu quando morou nos Estados Unidos. Antes de cumprir-se uma semana de permanência naquele país, ele já estava jogando para uma equipe de soccer que disputava o Campeonato Municipal: “Isso foi sorte [...]. Cheguei lá na terça, na quinta conheci uma brasileira, que me convidou para um evento na sexta. Lá conheci o marido dela, um boleiro que me chamou para jogar no outro dia de manhã, no treino do time. Os caras me adoraram e no domingo estava jogando jogo do campeonato. Entrei, fiz uns gols, os caras gostaram de mim e fiquei. Juntei-me a um grupo de 20 caras que foram muito legais comigo o

tempo inteiro lá”. O grupo o incluiu em suas práticas culturais regulares e lhe possibilitou viver o cotidiano americano fora da universidade.

Para Rodrigo, a aceitação dele no grupo esteve fortemente vinculada a suas competências futebolísticas: “Até a gente entrar, era um time que não ganhava nada. A gente ganhou dois campeonatos lá. Na época, tinha eu e um americano que joga muito bem. Entramos no time e demos uma organizada na cancha e começamos a ganhar. Então, os caras nunca tinham ganhado, começaram a ganhar um monte de coisas”. Não teria sido o mesmo se ele fosse ruim de bola: “O cara te abre a porta, se tu ganhas jogo para o cara, é assim. No futebol tem que ganhar jogo para o cara, não se leva de „compadre” por não ajudar. O ruim não ganha espaço, é verdade, tu acabas... tem que ganhar jogo”. Ele mantém contato com integrantes de sua equipe americana e se visitam com certa periodicidade. Algo similar aconteceu na universidade, quando passou a jogar na equipe dos alunos de pós-graduação.

No campo da convivência mediada pelo esporte, os cortes que anualmente se realizam na equipe significam, além do afastamento dos gramados, em parte, romper os laços de sociabilidade estabelecidos com a equipe. Eles tentam fazer com que a pessoa continue vinculada ao grupo, mas nem sempre são bem-sucedidos: “É, nós tentamos fazer o máximo possível, a gente falha às vezes, nem sempre a gente consegue. A gente chama que é a família do time”. Com grande parte dos jogadores cortados, os contatos ficam mais vinculados às confraternizações no final do ano: “Vai para a fazenda de um amigo nosso, passamos o dia junto, aí vai todo mundo”. E a alguns jogos importantes da equipe pode comparecer meia centena de ex-jogadores para torcer por sua equipe: “Rodaram no time uns 70-80 jogadores e as pessoas são todos *portenhos*²²⁵, a gente brinca. Fica um carinho, tem um vínculo, total, a gente tem toda uma história marcada, são fases, isso é uma coisa bem legal, a gente acaba virando uma instituição, tu vai querer ser *portenho* o resto da vida. Isso é bem legal”.

Família e prática esportiva

A família de Rodrigo apoiou e apoia seu envolvimento com a prática esportiva. Apenas nos últimos anos tem preocupado alguns membros por ele não ter diminuído o ritmo da prática. Por diversas vezes, afirmou que sua dedicação às práticas esportivas, particularmente aos jogos nos finais semanas (os quais demandam entre 4 e 5 horas por

²²⁵ Nome fictício.

encontro), não é alvo de grandes reclamações por parte da esposa: “Tem um pouco de cobrança, mas é leve, sempre vai ter”. Apenas, nos meses das entrevistas, a companheira havia chamado a atenção sobre a participação dele nos três campeonatos: “Ela está certa, minha mulher é coerente. Eu que faço que não ouço para me manter correndo, mas tu vês que ela está certa, não é tu que estás certo”.

Ao longo da entrevistas, ele confessa a utilização de alguns truques para evitar maiores reclamações. Entre outros, o de viajar nos finais de semana que não tem campeonato (“A gente brinca que, quando passa essa época, a gente viaja com a mulher, vai para a Serra, vai pra Gramado [...], tem que juntar créditos”) e o de administrar algumas faltas aos jogos quando são menos importantes [explicava em relação a uma falta a um dos jogos]: “É que ficava ruim vir de lá porque era família [casamento numa cidade do interior], no outro feriado já não viajei para jogar, então, se eu não fizesse direitinho, a minha mulher ia me esgoelar”). É excepcional que a esposa o acompanhe aos jogos: “Não é um programa que ela goste me ver jogar [...], não tem nada a ver com ela”.

O pai de Rodrigo acompanhou mais de perto o envolvimento do filho com o futebol durante a infância, chegando a ser o “técnico” quando no colégio havia competições entre as salas no Ensino Fundamental. Já no Ensino Médio, o acompanhamento foi mais a distância, “aparecia nos jogos bons”. O pai os levou, Rodrigo e seus irmãos, desde muito novos ao estádio para assistir a jogos.

A família paterna, particularmente seus tios e seu avô, jogaram *profissionalmente* no time da cidade da qual são oriundos, mas como uma coisa extra (“Como uma fuga talvez, um sonho”). Vários de seus primos jogaram também como *profissionais*, nunca como única atividade: “Faço faculdade, não sei o que, e jogo profissional enquanto dá; nenhum [deles foi] grande craque, mas bons jogadores”. Atualmente, um primo joga como profissional num time da segunda divisão do Campeonato Gaúcho. O pai “foi o único [da família] que não jogou mais a sério”, em seu caso o futebol foi “mais diversão do que obrigação”.

Quando ele era criança, seu pai jogava bastante tênis, e ainda hoje “bate uma bolinha” com os filhos, mas pouco: “Está velho já”. Todavia, continua com a prática regular de exercícios físicos. Treina três vezes por semana com o acompanhamento de um treinador pessoal. Seus irmãos são jogadores de futebol. O segundo, particularmente, é um “craque” brasileiro nas modalidades de futsal e futebol *society*: “Um grande jogador, um cara com um talento muito maior que o meu [...], um pouco menos atleta do que eu [...], menos disciplinado

que eu”. Já o menor “joga direitinho futebol”. A mãe e a irmã, na atualidade, também praticam atividades físicas orientadas à saúde. A esposa “faz alguns exercícios, mas não é esportista”.

4.3.2.1 Homens *Privilegiados com Práticas Divergentes*: Diálogo com Rodrigo

Da mesma forma que fiz no caso anterior, nesta parte do texto realizo dois movimentos de análise. Primeiro, aponto algumas características do envolvimento de Rodrigo com a PMCTL. Depois, coloco em diálogo este caso, particularmente o significado atribuído ao jogar futebol, com outros dois sujeitos que se encontram próximos no espaço social.

A trajetória de Rodrigo, mais que a de Leonardo, deu-se no mesmo espaço social. Infância, adolescência e juventude foram vividas dentro de uma família localizada na macroposição *privilegiado*; posição que hoje ele também ocupa. Desse modo, as características estruturais descritas no caso de Leonardo, quanto aos recursos tempo e dinheiro, assim como as possibilidades de incorporação de capital cultural/corporal/esportivo nas primeiras décadas de sua vida, são muito semelhantes. Na atualidade, suas condições materiais são propícias para o envolvimento com PMCTL: possibilidade de gerenciamento do tempo (trabalho reprodutivo terceirizado; autonomia sobre uma parte de seus horários de trabalho, veículo próprio para os deslocamentos exigidos pela prática); capacidade financeira para arcar com todas as despesas originadas de seu envolvimento esportivo (custos da equipe de futebol e treinamento personalizado); residência localizada num bairro com uma oferta de espaços públicos em ótimas condições para a prática esportiva; e também instalações para o envolvimento com exercícios físicos e cuidados com o corpo no prédio em que mora.

Diante disso, é possível sustentar, ainda, que Rodrigo, da mesma forma que Leonardo, conta com uma série de vantagens que aplainam dificuldades que enfrentam pessoas localizadas em setores socioeconômicos desfavorecidos para o envolvimento com as PMCTL. Assim, entendo que o vínculo que ele mantém com a prática esportiva é sustentado basicamente em suas disposições e não é produto de constrangimentos materiais. E, portanto, o sentido centrado na ideia de *competição*, com a qual se envolve com a prática do futebol, exprime mais suas disposições do que as determinações materiais a que possa estar exposto.

O caso Rodrigo, em linhas gerais, desafia, em parte, a posição *bourdieusiana* sobre as características que assumiria a prática esportiva no universo social onde se inscreve sua trajetória. Bourdieu afirma sobre o lugar do futebol (na sociedade francesa da década de 60 e 70):

[...] os esportes mais tipicamente populares - tais como o futebol e o rúgbi, ou a luta e o boxe que, em seus primórdios na França, deram grande prazer aos aristocratas (ou, pelo menos, àqueles que, sempre em número reduzido, colocavam aí seu esnobismo), mas que, ao “vulgarizarem-se”, deixaram de ser o que eram em relação à realidade e à percepção que os dominantes tinham a seu respeito - **acumulam todas as razões para rechaçar os membros da classe dominante**: a composição social de seu público que reduplica a vulgaridade inscrita no fato de sua divulgação, assim como **os valores e as virtudes exigidas** - força, resistência ao mal, disposição para a violência, espírito de “sacrifício”, de docilidade e de submissão à disciplina coletiva -, antítese perfeita da “distância ao papel” implicada nos papéis burgueses, exaltação da competição. (BOURDIEU, 2008, p. 203, grifo meu).

Não desconheço as objeções a um raciocínio *falsificacionista popperiano*²²⁶ no campo teórico em que se inscreve este trabalho, e não é nesse sentido que faço o contraponto entre o caso de Rodrigo e as afirmações do sociólogo francês. A ideia é apenas salientar que a relação entre espaço social e preferência por uma determinada prática esportiva em Porto Alegre, pelo menos, não tem o grau de homogeneidade que as afirmações de Bourdieu transparecem. Entendo que o perfil de envolvimento de Rodrigo com o futebol não é uma exceção (é bom lembrar que, apenas pela sua equipe, passaram uma centena de jogadores de um estrato socioeconômico similar ao dele), ainda que isso não signifique afirmar que é algo comum nas categorias sociais privilegiadas. Da mesma forma, o tensionamento das ideias de Bourdieu não se enrola num discurso de suposta indiferenciação na forma que sujeitos de classes sociais distintas se envolvem com PMCTL (no relato, salientei vários movimentos de distanciamento que sua equipe e ele utilizam no universo da várzea), e sim na necessidade de reconhecer a complexidade dos mecanismos que fazem com que as probabilidades de envolvimento e significação de uma determinada prática não sejam homogêneas no espaço social.

²²⁶ Popper defendeu que a ciência não poderia ser baseada na inferência produzida com base na observação de numerosos casos particulares. Porém propôs que estes poderiam ser usados para demonstrar a falsidade de um enunciado universal, ou seja a falseabilidade poderia ser a solução para o problema da indução. Popper viu que, apesar de um enunciado existencial singular como “este cisne é branco” não poder ser usado para afirmar um enunciado universal, ele pode ser usado para mostrar que um determinado enunciado universal é falso: a observação existencial singular de um cisne negro serve para mostrar que o enunciado universal “todos os cisnes são brancos” é falso.

Vander: 34 anos, professor de Literatura no Ensino Médio (30 horas por semana), Ensino Superior completo, solteiro, morador do Centro da cidade. Pai: motorista, com Ensino Fundamental incompleto. Mãe: do lar, sem escolaridade. Consumos culturais consonantes legítimos, entrevista semiestruturada.

Gian: 58 anos, residente em Porto Alegre desde os 22 anos, casado (segundas nupcias), dois filhos (24 e 23 anos). Proprietário de um comércio de materiais da construção civil, com duas lojas e mais de 20 empregados. Graduado em química numa universidade privada da capital. Pai, agricultor, ensino fundamental incompleto. Mãe, do lar, ensino fundamental incompleto. Consumos culturais consonante com predomínio legítimo, Entrevista em profundidade (6 entrevistas de mais de 1h e 30min cada).

O envolvimento sério com o futebol, centrado na lógica de ganhar campeonatos, divide espaço com outras formas de significar o esporte (STIGGER, 1997, 2002). É bem possível que o mais frequente sejam práticas atreladas ao lazer, como é no caso de Vander e Gian. Sobre este último, é interessante salientar que, como Rodrigo, Gian investe numa preparação física específica. Ele vai à academia três vezes por semana (as sessões duram em torno de uma hora e meia) e joga a futebol uma hora em todas as sextas-feiras. As práticas de exercícios físicos são basicamente a musculação e *bike indoor*. O jogo de futebol é num grupo “fechado” de amigos e conhecidos, praticado numa quadra alugada.

Decidi estender-me um pouco na descrição de Gian para evidenciar como práticas similares podem ter sentidos bastante diferentes. Por exemplo, quanto ao motivo de ir à academia, admitiu, durante as entrevistas, que passou a frequentá-la após relutar por muitos anos com a orientação médica sobre o assunto e que as práticas paliativas (fisioterapia, repouso) não conseguiram dar mais conta dos problemas no sistema locomotor, particularmente das dores nos ombros. Chegou a um ponto que um dia, saindo da empresa, não conseguiu dirigir o carro, e teve que chamar a esposa para levá-lo ao médico. No traslado à clínica, “eu pedia para ela andar mais devagar, porque parecia que o braço ia cair de tão intensa que estava a dor”. Todavia teve outro elemento decisivo para ele passar a frequentar a academia: a falta de condicionamento estava atrapalhando o futebol. Uma série de lesões nos joelhos e nos tornozelos (até uma leve lesão no disco intervertebral entre a L4 e L5) o afastavam cada vez mais, por 60 e até 90 dias, dos jogos. “Então comecei a tomar consciência que sem atividade física adequada eu não ia conseguir ter o **meu lazer**, então isso foi o motivador para ir à academia”. Depois de passar por várias academias, encontrou um professor que deu resposta adequada às suas expectativas/necessidades. Desse modo, combinou-se uma variedade de elementos que impulsionaram e mantêm Gian atualmente vinculado à academia. Ainda assim, ele se questiona: “Se eu não jogasse futebol, não sei se eu faria tudo isso [ir à academia]. Eu fico pensando, até quando eu vou conseguir jogar futebol? E se depois de jogar futebol, se eu vou ter essa motivação de ir à academia fazer esse trabalho,

manter essa rotina? Claro que a gente pensa em qualidade de vida além do futebol, eu penso, mais aí lá na frente eu vou ter que pensar, eu só tomei decisões depois dessas necessidades mesmo, até então foi difícil de conseguir isso”. Indagado diretamente sobre se ele *sofria* com a rotina da academia, sua resposta foi: “Não gosto, abandonaria agora se dissessem: pronto não precisa mais”.

Já o envolvimento no jogo de futebol está em outro registro. O grupo *da bolinha* foi montado por Gian com velhos amigos e é constituído por aproximadamente 20 pessoas, a maioria na faixa dos 50 anos, que jogam entre eles, numa configuração similar à descrita por Stigger (2002) e Nori (2002), em grupos de práticas esportivas de amadores. A atual confraria tem aproximadamente dez anos (mas Gian jogou futebol sempre) e ele, de alguma forma, desempenha o papel de coordenador do grupo. O sucesso de tantos anos de funcionamento é atribuído a uma *fórmula* que garante que todos os participantes saiam satisfeitos. Entre outras características, é um grupo *fechado*, ou seja, jogam apenas entre os integrantes do mesmo, não disputam jogos contra outros grupos ou contra pessoas desconhecidas que possam estar ocasionalmente no lugar, também não participam acompanhantes eventuais de alguns dos integrantes. Apenas chama-se um novo participante no caso de algum dos membros efetivamente abandonar o grupo. No momento das entrevistas, encontravam-se em *lista de espera* cinco ou seis pessoas conhecidas que queriam entrar para o grupo. Para evitar os problemas que surgem em relação ao tempo de participação dos jogadores durante as partidas, faz parte da fórmula a estratégia de definir que o jogador de tempo completo paga *cota inteira*, enquanto jogadores de meio tempo pagam *meia cota*. Assim, alguns integrantes decidem juntar suas *meias cotas*, de tal forma que um joga um meio tempo e o parceiro o outro meio tempo. Quando eventualmente falta alguém, aqueles que têm *meia cota* podem acabar jogando o tempo todo.

Contudo os jogos das sextas-feiras são mais do que futebol; trata-se de um espaço de lazer e convívio muito valorizado por Gian. “A gente se reúne a jogar futebol e depois se come o tal do churrasco, eventualmente outra comida e aí fica tomando cerveja e batendo papo. Hoje somos amigos, a maioria tem uma boa amizade, tem um bom relacionamento [...]”. Essa dimensão é destacada em diversos momentos das entrevistas, afirmando que “o grupo hoje é uma terapia para o pessoal. Lá, depois do futebol, a gente resolve o problema da mulher, dos filhos, do país [...]”. O *pós-jogo* pode estender-se normalmente até as 23h30min ou meia-noite. Em outras épocas, podiam ficar até mais tarde. Os jogadores participam desse momento de confraternização ainda que não estejam em condições de jogar. Gian afirma

sobre o assunto: “quando eu estava machucado, a sexta-feira era sagrada, ia para lá a participar com o pessoal da janta e ficava lá depois, então todos são assim”.

Um aspecto relevante da relação entre práticas corporais e saúde vincula-se com o entendimento de Gian sobre o lugar do futebol nesse binômio. Há clara consciência de que o futebol não é a prática mais conveniente para evitar os problemas do aparelho osteomuscular que o têm perseguido nos últimos tempos. Mas isso não se coloca como motivo para um possível abandono: “penso um pouco nas minhas dores e lá na frente não sei como vai ser, mas pretendo continuar, enquanto puder, jogando futebol com a turma lá”.

Olhando de forma espelhada os casos de Rodrigo e Gian, é possível notar várias semelhanças: o investimento na preparação física para continuar jogando, o envolvimento na coordenação da equipe, a implantação de uma lógica de gestão do grupo, segundo os propósitos que o constituem, a disposição para *sacrificar-se* corporalmente para continuar jogando. No entanto o sentido que organiza o conjunto de práticas vinculadas a esse universo tem propósitos muito diferentes: *competição* versus *lazer*. Para o primeiro, um futebol jogado com base no divertimento não tem graça – como comentado, ganha um olhar de menosprezo por parte de Rodrigo. Para o segundo, jogar e, particularmente, organizar-se para jogar seriamente não tem fundamento. Trata-se de pessoas localizadas no mesmo espaço social, com formas muito diferentes de se relacionar com a prática. Nessa perspectiva, é fundamental compreender a base social da construção das disposições que subjazem a essas formas de envolvimento com PMCTL, na qual se entrelaçam as condições de classe e a trajetória dos sujeitos.

4.3.2.2 Rodrigo: Disposições e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre

Após do último diálogo entre sujeitos num mesmo espaço social e com o mesmo tipo de práticas corporais, volto a segundo a análise do “retrato sociológico”. Como no caso anterior, num primeiro momento, exponho uma síntese analítica das disposições de Rodrigo e, num segundo, as conjeturas sobre os espaços/relações/situações que podem ter oportunizado o desenvolvimento das disposições descrita no primeiro momento.

Durante as entrevistas, a leitura das transcrições e a elaboração dos textos descritivo e analítico do caso Rodrigo foram se sedimentando uma representação sobre as disposições que subjazem a suas práticas e preferências culturais, nos diferentes contextos sociais. Deste modo, essa interpretação me permite presumir como as disposições se atualizam nas

diferentes esferas da atuação social, assim como fazer ponderações em relação destas com a prática esportiva e de exercícios físicos. Na lógica do caso anterior compendio os pontos que mais se sobressaem em relação às disposições:

- Diversas disposições constituem o patrimônio de Rodrigo, as quais afiguram operar segundo a área de práticas e a relação com a atividade que ele mantém. Em algumas práticas dentro de um mesmo tipo ações, se atualizam disposições diferentes, fazendo, por exemplo, com que ele não seja sempre organizado (disposições ascéticas e/ou pragmáticas no campo profissional *versus* disposições mais espontâneas na organização da vida doméstica). No entanto, em seu caso, me parece que várias de suas disposições (pragmáticas, generificadoras, competição e liderança) formam um sistema bastante coerente e harmonioso, caracterizado por um baixo nível de contradição que operam em muitas de suas esferas de atuação social²²⁷;
- No campo das práticas corporais, se expressam disposições pragmáticas, generificadoras e de competição e liderança que entendo operam em outras práticas culturais (trabalho e sociabilidade). No entanto, tem algumas disposições presentes noutras práticas culturais (disposições legitimistas atualizadas em alguns consumos de cultura: teatro, visitas a museus, TV), que parecem não atualizar-se no campo das PMCTL;
- É possível apreciar em este caso a sinergia ou combinação de disposições que se potencializam, ganhando coerência interna em muitos dos contextos de atuação (disposições generificadoras e as de competição e liderança). Essa maior coordenação das disposições me permite pensar em algo como um “sistema”, próximo da ideia de uma única “fórmula geradora” dos comportamentos (*habitus*);
- No que se refere às práticas corporais há um padrão atuação que dá certa coerência a seus gostos e preferências neste campo. A ideia do uso do corpo e a vestimenta parecem estar mais próximas da uma relação *instrumental* (BOURDIEU, 2008, p. 200), inclusive a alimentação poderia ser colocada neste sistema. Essa relação, no entanto, é bom lembrar, na lógica *bourdieusiana* e mais típica das classes populares que das médias e altas. Por outro lado, a ideia de corpo instrumento está também

²²⁷ Um dos pontos que reforça essa interpretação se vincula aos pouquíssimos momentos em que o percebi duvidar sobre a validade de suas decisões/ações, mostrando bastante coerência entre o que pensa e o que faz nas diferentes dimensões de sua vida social.

atravessada pelas disposições de generificação que entendo muito ativa em Rodrigo.

- Em linhas gerais, se percebe que as disposições generificadoras, pragmáticas e de competição e liderança têm predominância na maioria de suas práticas culturais. As duas últimas perdem um pouco de espaço apenas no que se tange a alguns consumos culturais não esportivos, quando as disposições legitimistas ganham mais força;
- No universo das práticas corporais, suas disposições mais fortes se estabelecem com maior espaço e intensidade, deixando-o sentir-se com maior gosto e à vontade. Não há contradições entre suas preferências e envolvimento com PMCTL;
- Disposições legitimistas parecem estar na base algumas decisões e práticas vinculadas ao universo dos consumos de cultura, no qual a mãe parece ter feito os maiores investimentos (teatro, saídas culturais, passeios culturais); no entanto, que não se atualizam na maioria outros consumos de cultura (música, filmes/cinema);
- No campo das práticas corporais, não identifiquei a atualização de disposições legitimistas. Participa com toda a distância necessária de quem se sente seguro de pertencer a outro espaço social;
- Disposições generificadoras das práticas sociais é um vetor importante nas maneiras de ver, de sentir e de atuar de Rodrigo. A forma de vestir, cuidar da aparência, a determinação dos papéis dos cônjuges e, mesmo, os gostos por programas de TV manifestam essa tendência;
- No que respeita ao esporte, a ideia de competição como única forma válida de envolvimento, aparenta ser uma manifestação de suas disposições generificadoras. O esporte permite a expressão de seu entendimento de masculinidade;
- Disposições para a competição e liderança atualizadas intensamente na prática esportiva parecem também surgir no campo profissional, ainda que com marcada racionalidade e cálculo do risco. Quando indagado sobre os motivos que o levariam a sair da gerência da empresa, Rodrigo fez referência de que no futuro imediato enfrentaria uma estagnação no crescimento profissional. A promoção no quadro gerencial apresentava-se como um ponto provavelmente seguro, mas demoraria pelo menos 5 anos em decorrência da política interna da empresa. Nesse quadro de avaliação da relação custo-benefício, entre a segurança oferecida pela sua posição

dentro da estrutura organizacional da empresa e o custo de certa estagnação, bem como o risco (calculado) de reiniciar sua carreira profissional, mas com perspectivas de crescimento, ele optou pela segunda opção. Considerando a possibilidade de incorrer numa sobre-interpretação, me atrevo a sugerir que possivelmente disposições de competição e liderança fortemente atualizadas no campo esportivo tenham tido algum grau de influência na tomada de decisão em situações como estas associadas com o risco e a disputa²²⁸;

- Neste campo, o próprio Rodrigo manifesta que um elemento comum que reconhece entre a sua prática esportiva e seu cotidiano, não se centra na disputa para ganhar de outros (“comprar um carro melhor que meu amigo, ser a melhor empresa da cidade, minha cabeça não funciona assim”), senão não o mal estar que lhe produz a derrota.
- No patrimônio disposicional de Rodrigo, também se observam defasagens entre crenças e as disposições a agir (ele acredita que uma perda de tempo assistir novelas, mas assiste; ele sabe, e entende muito necessário ter práticas que permitam uma organização domestica mais racional, no entanto, se “atrapalha em coisas simples” (local onde deixa as chaves do carro ou a carteira).

²²⁸ Conversando sobre os benefícios oferecidos pela empresa, além do salário em torno dos R\$10.000, o prêmio anual de aproximadamente R\$50.000, Rodrigo responde: “Carro, celular, plano de saúde, as coisas básicas eu tenho [...]. [Tens perspectivas de crescimento?] Esse é o grande rolo, essa é a grande dúvida que está na minha vida agora. O ano passado, por duas vezes, quase saí da empresa [...]. Isso é uma das dúvidas do momento. [O problema é o salário?] Não, o salário está bom, mas as perspectivas de crescimento... [são poucas]. O próximo passo é a diretoria. Estou na segunda maior filial do Brasil. O segundo melhor negócio do Brasil eu cuido, e o próximo passo é a diretoria. [...] Então eu estou com esse problemão na minha vida. Isso é um problemão hoje porque, se eu investir mais quatro, cinco anos, eu chego. E não sei se eu quero. Hoje é um problemaço. [Quatro, cinco anos é um investimento muito alto?] É uma estabilização que eu não estou disposto a ficar. Tive pensando com muita calma, com muita responsabilidade sobre isso, é uma fase de estagnação, que o cara vai pegando numa fase da vida... [Quantos anos de gerência?] Cinco, em março faz cinco. Então está dominado, está fácil, está super bem; claro, trabalho um pouquinho mais que em outras épocas, mas nunca um negócio de risco [...]. O maior problema que eu tenho hoje é este. Estou fazendo a minha vida agora. [Tua vida é fazer o teu próprio negócio, é uma possibilidade?] É, é uma possibilidade que está grande agora, surgiram umas oportunidades para eu trabalhar com algumas pessoas e ser sócio, então estou calculando. Entro numa fase de pensamentos profundos, e são mudanças fortes de estabilidade. [Teu perfil, olhando para trás, qual seria: tomar riscos, estar mais tranquilo e não sair, para tua vida se instalar mais rápido?] Não, não, não, eu nunca me apego a nada, sou uma pessoa que, se eu tivesse que perder essa cadeira agora, nunca mais iria sentir saudades dela. Eu sinto saudades das pessoas, mas da cadeira, de poder, eu não sou muito apegado a isso. Problema que é uma conta, tudo isso é uma conta de dinheiro, então tu abrir mão de uma estabilidade... ; se for por estabilidade não vou me demitir daqui nunca, eu tenho aqui a maior estabilidade de mundo [...]. Tu sair e começar a ganhar zero, porque se tu sair tu vai ganhar zero [...]. Então estou estudando, mas a chance é grande. Estou estudando fortemente, semana passada, foi uma semana que eu conversei muito com algumas pessoas. Agora eu vou almoçar com um cara, que quer conversar comigo. Eu tô olhando, tem que ouvir, tu não pode fechar a porta, né?, mas isso é um problemão hoje”.

- No campo de práticas vinculadas ao esporte, é também possível identificar determinadas distâncias entre crenças/conhecimentos e para agir. Por exemplo, está convicto de a necessidade respeitar os limites corporais (“nem profissional joga dois jogos no final de semana”), todavia, disputa todos os campeonatos a que é convidado e não se popa de participar em nenhum dos jogos; conhece a inconveniência da automedicação, no obstante, consome medicamentos por conta própria.

Como fiz com o caso anterior, na medida em que buscava descrever as disposições subjacentes às práticas culturais de Rodrigo e interpretar a forma que elas se articulavam, me utilizei de alguns esquemas gráficos. Procurava com esse recurso auxiliar na elaboração de uma narrativa plausível sobre a forma de atuar, ver, sentir do sujeito e suas práticas culturais. Na Figura 14 exponho um dos gráficos que simultaneamente ajudaram e resultaram na/da construção da representação das disposições que entendo predominam na atuação Rodrigo.

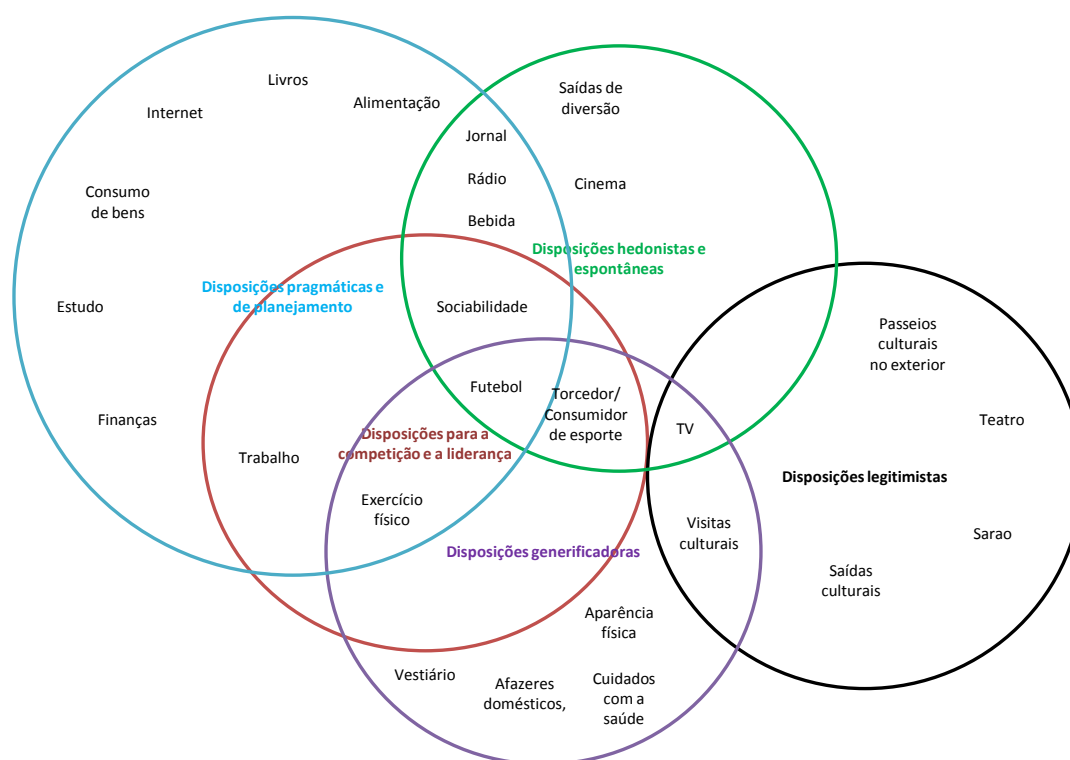


Figura 14 - Representação esquemática das disposições e as práticas culturais de Rodrigo.

Na continuidade da análise, apresento algumas de minhas interpretações sobre a constituição das disposições e sua atualização na trajetória de Rodrigo. Nesse ponto, a reconstrução dos espaços de socialização do sujeito pesquisado foi mais complexa que no caso anterior, porque não consegui que ele se alongasse na descrição dos contextos pelos quais circulou em sua infância e adolescência. Em seu caso, pareceram combinar-se pelo menos duas características de Rodrigo: a) a predisposição de dar respostas imediatas às perguntas (consequentemente pouco refletidas), frente aos esforços rememorativos exigidos por uma interlocução pautada da descrição de eventos passados; b) uma ideia de normalidade/naturalidade que encharca, em minha perspectiva, a forma de Rodrigo olhar para sua vida. Ainda assim, ao longo das entrevistas surgiram elementos que me permitiram elaborar algumas (poucas) conjecturas sobre o processo de constituição das disposições:

- A forte propensão de Rodrigo a expor sua história pessoal de forma praticamente linear (ele nunca admite ter duvidado ou se arrependido de suas escolhas), assim como o uso intenso do adjetivo *normal* para referir-se a práticas, gostos ou situações de sua vida, são sinais, entre outros, de uma socialização bastante homogênea, que lhe permitiu construir esquemas de percepção e ação sem grandes contradições. Apesar de ter pais com interesses/formações tão diferentes (arte *versus* técnica/*business*/dinheiro), que inicialmente me fez cogitar a possibilidade de Rodrigo ter incorporado disposições diversas (até contraditórias), não consegui reconhecer sinais de socialização com os traços da mãe em seu núcleo disposicional mais ativo. Deduzo que o universo criado pelo pai e o avô para os filhos homens da família constituiu-se na matriz geradora mais importante das disposições de Rodrigo;

- Ainda assim, Rodrigo manifesta alguns movimentos de reconhecimento para as artes visuais, em sua forma mais legítima, que não está presente em outros consumos de cultura (leitura, música, filmes). Interpreto isso como uma socialização restrita conseguida pela mãe ao longo das primeiras décadas de vida de Rodrigo. No entanto, na forma que ele se refere, parece muito mais a manifestação de respeito à sua mãe que uma sensibilidade com esse universo. Na lógica masculina, em que o dinheiro/êxito econômico é fundamental, as artes não deixam de ser uma atividade improdutiva: [tua mãe poderia ter-se dedicado da forma que o fez à arte sem o suporte econômico de teu pai?] “Não... sem chances, minha mãe conseguiu chegar aonde chegou hoje pelo meu pai”.

- Entendo que esse universo masculino de socialização foi muito importante para desenvolver o sentido com o qual Rodrigo se vincula com o esporte. O contexto extrafamiliar, representado basicamente pela escola (particularmente a liga de futebol) e a academia onde praticava capoeira, confluiu no mesmo entendimento do esporte. A sinergia entre os espaços de socialização permitiram que Rodrigo efetuasse um importante investimento temporal, financeiro e afetivo, de forma intensa e permanente, nessas atividades.

4.4 DISPOSIÇÕES E ENVOLVIMENTO EM PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL DE TEMPO LIVRE

Os dois *retratos sociológicos*, o conjunto de casos estudados em profundidade que apenas descrevi no trabalho (Clarice, Lúcia, Paola, Fabíola, Alencar, Ernesto, Joaquim) e os outros sujeitos entrevistados em profundidade que apenas mencionei (Gisele, Valquíria, Gian, Eddy, Roger, Edson, Nery) permitiram-me fazer um primeiro esboço interpretativo sobre a relação entre os patrimônios disposicionais dos sujeitos e o envolvimento com PMCTL. Trata-se de esforço conjectural que não se pauta na ideia de identificar *uma* disposição vinculada a esse tipo de prática, mas de reconhecer as particularidades disposicionais dos casos. Por isso, não é possível falar de exclusividade.

Na exposição desses primeiros traços descritivos, dei ênfase a quatro dimensões: transferência, atualização, crenças/inclinações para agir e constituição/formação das disposições. Nesse movimento, dialoguei especialmente com o último capítulo do livro *Retratos Sociológicos* de Lahire (2004), intitulado *Retorno e avanços*, no qual o autor se propõe a fazer uma síntese dos resultados de sua investigação sobre as disposições. No desenvolvimento do texto, comentei particularmente os casos Leonardo e Rodrigo, contudo também fiz referências aos outros casos estudados.

A lógica de pesquisa das disposições empreendida por Lahire tem como um dos alvos centrais de crítica a noção de transferibilidade ou de transponibilidade e do caráter *generalizável* dos esquemas, ou disposições, socialmente constituídos na base da teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu. O programa sociológico desenvolveu investigações que colocam em cheque claramente essa concepção, tanto quando estudou a consonância e a dissonância das práticas culturais dos indivíduos – da mesma maneira que ocorreu na segunda parte desta tese – como quando as investiga com base nos retratos sociológicos:

Afinal de contas, a análise sintética do conjunto das disposições que se pode reconstruir a partir de uma longa série de entrevistas (cada uma delas sendo igualmente longa) mostra que nem mesmo é necessário evidenciar contradições ou oscilações (no entanto bem presentes no conjunto dos casos tratados) entre disposições contrárias para questionar a ideia de existência da *unidade* de um *sistema* de *disposições* e, mais precisamente ainda de *princípio gerador* ou de *fórmula geradora* das práticas. De fato, basta construir a lista das disposições características de cada pesquisado para se dar conta de que cada indivíduo é o produto de uma mistura bastante sutil de disposições variadas e que, às vezes, não têm nada a ver umas com as outras ou, mais exatamente, que não mantêm nenhum *vínculo* de *necessidade lógica* entre si. (LAHIRE, 2004, p. 323).

Nesse ponto, a pesquisa que realizei me permite coincidir com Lahire, pois não foi possível reconhecer um único núcleo disposicional na base de todas as práticas culturais dos sujeitos analisados. Foi possível perceber que operam disposições diferentes tanto em esferas distintas da vida social (Leonardo é disciplinado para estudar e trabalhar, mas não para cuidar de si), como dentro de um mesmo tipo de tarefas quando muda o contexto (Rodrigo é um sujeito ordenado e sistemático na organização de sua agenda de trabalho, mas pode perder as chaves e a carteira na própria casa, porque nunca as deixa no mesmo lugar). Todavia, ainda que prevaleça essa característica entre os entrevistados, em alguns casos há sinais de disposições transferidas a um maior número de práticas, sem serem comuns a todas (por exemplo, Clarice e, particularmente, Gisele). Contudo é necessário considerar, nesses casos que parecem ser mais homogêneos, a advertência de Lahire (2004, p. 318) sobre o *risco habitual e científico da busca da coerência* que tende a prevalecer nas primeiras fases de análise.

No que se refere às PMCTL, os casos não permitem falar de uma transferência disposicional, uma única fórmula geradora atualizada também nesse universo. Essa afirmação ganha um exemplo claro no descompasso disciplinar de Leonardo entre o envolvimento com as atividades sociais rentáveis (trabalho e estudos) e o vínculo com os exercícios físicos; ou em Paola, quando investe em práticas culturais muito legítimas, como ler apenas literatura clássica, e em uma prática esportiva em que mobiliza disposições pouco legítimas de cuidado do corpo.

Todavia, se não foi possível observar que as disposições vinculadas com as PMCTL estão articuladas em uma única *estrutura organizadora*, observei certa coerência entre o envolvimento dos sujeitos com exercícios físicos ou esportes e outras práticas vinculadas com o (des)cuidado/uso do corpo; portanto mais próximo de uma ideia de disposição transferida. Leonardo, por exemplo, parece ter uma disposição ou disposições que se atribuem ao *descuido generalizado com o corpo*, caso assumamos que alimentação, (des)preocupações com forma física e aparência, negligência para fazer consultas médicas preventivas e dificuldades para vincular-se com a prática regular de exercícios físicos profiláticos, sejam práticas reunidas num feixe comum.

Algo similar pode se observar em Rodrigo, mas em outro registro: tratar-se-ia, possivelmente, de um vínculo pautado pelo *uso do corpo*. Alimentação, controle do peso, manutenção da forma física são práticas alinhadas pelo intuito de *cuidar da máquina* para continuar usufruindo dela (jogar futebol de forma competente). A mesma lógica é seguida

para gerir outros aspectos vinculados ao corpo, por exemplo, no que se refere a administrar/suportar a dor (joga com dor, massagens doloridas, automedicação), evitar consultas médicas quando se machuca (para não ficar fora dos jogos), extrapolar o número de jogos por semana que ele mesmo acha razoável

Não é diferente no que se refere a uma certa coerência entre disposições para o envolvimento com PMCTL e a relação com o corpo em Clarice e, particularmente, em Gisele. A prática de exercícios físicos de forma regular e durante muitos anos parece ser parte de um conjunto de cuidados de si, harmonizado por uma mesma disposição (equilíbrio alimentar, práticas complementares de cuidado corporal – massagens, por exemplo –, visitas periódicas ao médico para controles preventivos). Contudo deveriam se evitar generalizações com relação a uma possível transferibilidade de disposições de cuidado do corpo na base do envolvimento com as PMCTL; como apresentei na página que comento o Quadro 10 desta pesquisa, entre os sujeitos que, potencialmente, podem ser considerados como portadores de disposições consonantes de *cuidados com o corpo*, 42,8% não fazem exercício físico.

Nessas três abstrações sobre potenciais transferências de disposições, é possível vincular o envolvimento das PMCTL com diferentes dimensões no *trato* do corpo. É importante mencionar que não são as únicas identificadas (Eddy por exemplo, parece ordenar os cuidados com o corpo a partir de outra lógica) e que não têm a mesma probabilidade de distribuição entre os gêneros e nas diferentes classes. Nessa lógica, acredito que um campo para futuras pesquisas seja aprofundar a compreensão da relação entre as disposições para o cuidado/trato do corpo e o tipo de PMCTL preferida/realizada. Da mesma forma, pode-se avançar na compreensão das condições sociais de produção dessas lógicas de relação com práticas de exercícios físicos e esportes e cuidados com o corpo.

A noção de atualização das disposições vincula-se à de transponibilidade e questiona as características dos contextos que favorecem ou inibem a manifestação de uma determinada disposição. A atualização pode ser pensada tanto de uma perspectiva sincrônica como diacrônica. No primeiro caso, se trataria mais de observar como uma disposição pode se manifestar num mesmo momento em duas ou mais práticas simultaneamente. No segundo, a perspectiva centra-se sobre as condições e o contexto que estimulam/permitem que disposições latentes ou em desuso se atualizem num determinado momento da trajetória da vida do sujeito, e não em outro.

Nessa segunda perspectiva, foi possível perceber que a atualização de disposições para o envolvimento com PMCTL ocorreu, para alguns dos sujeitos pesquisados, quando enfrentaram mudanças importantes em sua vida. A separação de Joaquim é um exemplo.

Após o rompimento ele retomou a prática de exercícios físicos (passou a andar de bicicleta de forma intensa), parou de fumar, emagreceu 15 kg, deixou de ver televisão. Posso imaginar que eram disposições *adormecidas/suspensas* de cuidado de si que se atualizaram frente a um novo contexto. Algo similar, talvez mais sutil, identifico na retomada da prática esportiva no caso de Paola. Comentei na descrição do caso que, em minha interpretação, não se tratou apenas de uma casualidade o fato de coincidir temporalmente sua decisão de mudar de profissão e seu ingresso ao grupo de voleibol, ainda mais em situações tão pouco favoráveis (mãe de um filho pequeno, pouca colaboração em casa na organização familiar, gravidez e nascimento de seu segundo filho poucos meses depois de ter ingressado na equipe, reinício dos estudos universitários, desenvolvimento e consolidação de uma nova profissão, marido implicante com seu envolvimento esportivo). Tanto no caso de Joaquim como no de Paola, o contexto teve um papel importante, mas com signos trocados, para atualizarem suas disposições. Joaquim passou a andar em bicicleta quando sua estabilidade financeira se precarizou; o veículo de duas rodas converteu-se em seu esporte e lazer, mas principalmente em seu meio de transporte. Para Paola, a condição econômica privilegiada lhe garantiu condições de viabilizar a prática.

Outra forma de atualização que parece bastante comum se vincula ao aparecimento de problemas orgânicos que são controlados ou atenuados pela prática regular de exercícios físicos. É frequente que, nesse envolvimento com PMCTL, a fruição não encontre espaço e sejam disposições pragmáticas que permeiem a prática. Fabíola e Leonardo parecem estar nesse registro, porque atualizam principalmente disposições nesse caráter funcional e a prática é realizada com a expectativa de um resultado concreto e nada mais.

Em parte, Lúcia também parece atualizar disposições pragmáticas neste campo, ainda que ela conseguisse vivenciar a prática não apenas como um espantador de seus temores, senão também como um espaço para o prazer. Simultaneamente, entendo que não se pode entender o contexto de atualização de disposições vinculadas com as práticas corporais em seu caso sem destacar que a organização familiar mudou de forma pronunciada quando o marido parou de beber. Como ela mesma afirma, passou a ter a possibilidade de pensar mais nela e tomar a decisão de mudar a vida após os 40 anos. Isso, entre outras mudanças, significa mobilizar/transformar disposições que permitam a prática regular de exercícios físicos, também inibindo disposições que a desagradam e/ou atentam contra seu plano de mudança de vida (consumo compulsivo de guloseimas, por exemplo).

No transcurso da pesquisa, fui construindo uma hipótese. Para determinados sujeitos, o vínculo com a prática de exercício físico inicia-se apenas em circunstâncias *extremas*, em que

o envolvimento passa a ser imprescindível: *não há saída*. Quiçá, de uma forma algo exagerada, poderia se falar da atualização de *disposições vinculadas à sobrevivência*. Essa circunstância, simultaneamente, favorece a que o entorno passe a ser estimulador/facilitador da prática. Quando da interpretação dos casos nas classes populares, comentei que, particularmente, entre as mulheres a possibilidade de envolver-se com PMCTL aumenta quando se trata de algo *sério* (cuidar da saúde) e não *apenas* como expressão de lazer. Entendo que a relação entre PMCTL, saúde terapêutica ou tratamento, entre mulheres de classe popular e entre homens que fazem exercícios físicos, seja outro tema importante sobre o qual se deveria avançar para compreender o lugar das PMCTL nas classes sociais.

Ainda no campo da atualização das disposições, é importante mencionar que mudanças no cenário do cotidiano podem levar a suspender disposições para o envolvimento em práticas corporais – Alencar, por exemplo, com o passar dos anos, tem dedicado cada vez mais tempo ao trabalho (tanto profissional como de autoconstrução). Outras disposições são atualizadas pelas condições contextuais e podem levar a suspender aquelas que o vinculam com a prática do futebol. Gostar, saber e ter onde jogar não são suficientes para atualizar disposições que subjazem a PMCTL. Um caso similar aconteceu com um Roger²²⁹, que deixou de participar do futebol das terças-feiras quando a privatização do banco público em que trabalhava o levou a “reiniciar” sua carreira em outro órgão da administração pública: “não podia continuar jogando tendo perdido a posição que ocupava”. A situação era demasiado grave para se entreter com atividades apenas orientadas ao lazer. Nesses dois casos, não me parece demais afirmar que disposições hedonistas são suspendidas frente a um cenário em que outras disposições são demandadas.

Um ponto particularmente interessante no universo das práticas corporais vincula-se à relação entre as disposições para agir e para crer, pesquisadas por Lahire. “Vivemos em sociedades em que atores podem incorporar crenças (normas, modelos, valores, ideais...) sem ter meios (materiais e/ou disposicionais) para respeitá-las, para concretizá-las, para atingi-las ou realizá-las”, afirma o autor (LAHIRE, 2004, p. 333). Tal descompasso estaria na base de fenômenos como a *ilusão*, a *frustração* ou a *culpa*. A ideia é que os sujeitos podem incorporar

²²⁹ Roger, 50 anos, porto-alegrense, casado, dois filhos homens (18 e 16 anos). Gerente financeiro de uma instituição pública de grande porte (orçamento mensal de mais de 80 milhões reais). Funcionário estadual por 32 anos. Paralelamente, administra uma carteira de seguros de uma corretora que tem em sociedade com um amigo. Já prestou consultoria na área de gestão e finanças para empresas privadas. Formado em Administração de Empresas e Administração Pública na universidade pública. É comum cumprir expedientes de mais de dez horas por dia de segunda a sexta-feira na instituição pública. Por suas atividades laborais, tem um rendimento mensal de aproximadamente 12 mil reais e uma renda familiar média próxima aos 20 mil reais. A esposa é gerente geral de um curso de língua estrangeira com oito sedes, 2.500 alunos e 130 funcionários, e é formada em nível superior na área de línguas. Roger participou de seis entrevistas em seis meses, totalizando nove horas de áudio.

determinadas crenças e convicções de forma independente das disposições para agir, que permitiriam materializar em atos essas normas e valores.

Se retomarmos o exemplo das normas estéticas, corporais e dietéticas, constataremos que um grande número de mulheres e homens adere às normas em vigor nas revistas ou nos meios audiovisuais, sem ter necessariamente adquirido os hábitos alimentares, desportivos e estéticos que lhes permitiriam, na realidade quotidiana da sua prática, tender para esses ideais, ou deles se aproximar. (ibidem, p. 332).

Nessa lógica, deveria se evitar confundir a ilusão que todo ator tem de sua própria prática com a lógica inserida em seu agir cotidiano. Por exemplo, na primeira entrevista, Leonardo referiu-se à sua regularidade no Pilates como uma extensão de sua forma de atuar em outras dimensões de sua vida: “Eu sou bem disciplinado nisso. As coisas que preciso fazer, eu faço”. A crença fundamental de si levou-o a afirmar isso sinceramente, mas suas disposições para agir não se atualizam nesse campo das práticas culturais da forma que o fazem em outros. Isso significa que, na pesquisa, é necessário tensionar os hábitos discursivos com as descrições das práticas, para produzir elementos de contraste no estudo dessas disposições. Por outro lado, não se trata de reduzir “essa crenças a um mero „verniz””, porque perderíamos a oportunidade de entender “os fenômenos de culpa, de mal-estar, de vergonha ou os complexos engendrados entre a distorção entre as crenças e as disposições para agir” (ibidem, p. 334). Isso significa que o descompasso entre essas dimensões não pode ser tratado como falsas informações, e sim como parte de um grupo específico de disposições, aquelas que se vinculam com o acreditar.

No campo das PMCTL, disposições para agir e crenças (disposições para crer) são também observáveis. Concordo com Lahire de que não se trata de um “verniz”, mas de disposições incorporadas com base em diferentes processos de socialização. No caso de Roger, por exemplo, expressa-se como um sentimento de culpa e mal-estar por não praticar exercícios físicos:

Ultimamente está totalmente desregulada, estou passando meu pior momento de atividade física regular da minha vida. [...] faz uns dois anos para cá que eu não estou conseguindo resolver isso. [Qual é principal motivo?] Motivo há, eu tenho plena consciência que é... é... [parou e demorou alguns segundos para responder] necessário até para eu manter esse ritmo maluco que eu levo, eu tenho que fazer atividade. Eu tô errado, eu não consigo fazer mais porque eu não tenho tempo, mas eu sei que eu preciso fazer. [Por quê?] Porque vai me debilitando, olha aqui barriga, costas arqueadas, óculos, aparelho auditivo, está tudo [mexe o punho fechado com o polegar para baixo] [risos] Entendeu? Está tudo indo muito ligeiro [risos], eu tenho que fazer, não adianta! Eu tenho essa plena consciência.

A pergunta poderia ser: se ele sabe dos benefícios²³⁰, sente necessidade, gosta da prática, tem condições objetivas propícias para fazê-lo, por que não tem um envolvimento mínimo com PMCTL? Ele é portador de disposições para acreditar nos *exercícios físicos*, contudo não de disposições para agir suficientemente “fortes” (LAHIRE, 2005, p. 21) para serem atualizadas no contexto em que vive.

Paola, por seu lado, acredita que homens e mulheres, particularmente no casamento, têm os mesmos direitos, e a reivindicação de seu direito a praticar esporte, da preservação de um espaço de convivência apenas de mulheres, entre outras práticas nessa linha, coincide com seus hábitos discursivos. Todavia não acontece o mesmo com outras práticas, por exemplo, quando se desdobra para dar conta de um conjunto de afazeres domésticos (rancho, cuidar de alguém, levar e trazer a filha da festa, cuidar que a piscina esteja limpa para o final de semana) *imprescindíveis* para a dinâmica familiar, de tal forma que nem filhos nem marido notem sua ausência (ou reclamem) durante o tempo que fica fora, participando dos campeonatos. Não se trata de um duplo discurso, e sim de dois tipos de disposições.

Nesse campo, é interessante pensar novas investigações que busquem compreender melhor como esses dois tipos de disposições se articulam e se influenciam (ou não) mutuamente. É notório que um número importante de agentes no campo da gestão das políticas públicas tem se empenhado em fornecer informação à população sobre os benefícios da prática de exercícios físicos e esporte, acreditando que o conhecimento possa se transformar em ação; fato que a sociologia disposicional mostra como improvável. Possivelmente não se consiga mais praticantes, somente um maior número de pessoas se sentindo culpadas por não fazerem atividade física.

À questão *como se formam as disposições?*, Lahire (2004, p. 334-335) responde: basicamente a partir de três diferentes formas de socialização, as quais acontecem simultaneamente e interpenetram-se.

A primeira é uma socialização que assume a forma de um “treinamento” ou “prática direta”. Família, escola e espaço profissional implementam programas específicos e intencionais para os sujeitos incorporarem determinadas formas de pensar, agir e sentir, participando de forma direta em atividades que se repetem.

A segunda ocorre através de uma socialização mais difusa, derivada da ordenação ou da organização das circunstâncias nas quais o sujeito vive. Trata-se de uma socialização

²³⁰ Durante as entrevistas, listou várias vezes os benefícios atribuídos à prática regular de atividade física. Também durante o período da entrevista foi diagnosticado um quadro hipertensivo, que ele responsabilizou em parte à sua negligência com os exercícios físicos.

moral, ideológica ou pedagógica, segundo entendo, mais involuntária que voluntária, que se exprime em práticas cotidianas, sem assumir a ideia de um “programa de formação” do sujeito. Como exemplo, Lahire descreve que dispositivos de segregação conforme o sexo, materializados em instituições (por exemplo, escolas que não são mistas) e outras instalações espalhadas no espaço público (banheiros, vestiários de ginásios de esporte) “têm o efeito, por existirem, de reafirmar de modo contínuo na prática, no espaço, em suma, em dispositivos não discursivos, as diferenças sociais entre os sexos” (2004, p. 344).

Por fim, um terceiro tipo de socialização pode adotar a forma de “uma inculcação ideológica-simbólica de crenças (valores, modelos, normas...)” (ibidem, p. 344). São regras culturais disseminadas pelas diversas instituições sociais que exprimem das mais variadas formas modelos específicos de comportamento. Trata-se de uma socialização “por inculcação implícita (difusão por impregnação ou habituação) ou explícita (didática) de hábitos nas maneiras de ver e de dizer o mundo” (ibidem, p. 344).

No que se refere às disposições para o envolvimento com PMCTL, nos casos em estudo, interpreto que as socializações difusas e por inculcação cultural de crenças se sobrepõem àquela que pode ser produto de treinamento intencional. No caso de Leonardo, suas disposições para o trabalho e a disciplina parecem ter sido parte de um programa intencional de *treinamento* implementado, particularmente, pelo pai e reforçado tanto pela socialização difusa (a partir de uma forma de organizar o cotidiano) como pela socialização cultural, no momento que se dignifica a ideia do trabalho duro. Já as disposições de depreciação das práticas de lazer aparecem como parte de uma socialização difusa. O pai nunca falou sobre o pouco valor das práticas centradas no lazer e a sociabilidade, mas através de dispositivos de organização familiar classifica-as como práticas de menor valor. No caso de Rodrigo, entendo que a forma de desenvolvimento da suas disposições se deu num processo de socialização similar, porém com um conteúdo diferente (apoio, incentivo à prática esportiva).

Em geral os programas de iniciação/treinamento esportivo, em meu entendimento, não fazem movimentos explícitos para desenvolver disposições para o envolvimento permanente com o esporte. Frequentemente se trabalha mais com a noção de atleta, no sentido de conseguir o máximo de rendimento esportivo até aproximadamente o início da juventude. O programa de treinamento, conseqüentemente, está mais centrado no desenvolvimento de competências²³¹ esportivas (saber jogar) do que em disposições. Isso significa que os casos

²³¹ “Pode-se falar de competência quando se trata de saberes e de *savoir-faire* bem circunscritos, ligados a uma circunstância ou a uma prática bem específica, a um contexto muito particular.” (LAHIRE, 2004, p. 330).

que passaram por programas mais estruturados de ensino/treinamento tiveram a oportunidade de adquirir competências específicas para saber jogar, mas não necessariamente disposições para continuar participando enquanto adultos.

Nos dois casos mencionados, segundo minha leitura, a família teve um peso muito importante no processo de socialização que permitiu a construção das disposições que geram a relação desses sujeitos com as práticas corporais na atualidade. Na situação de Rodrigo, os ambientes de treinamento alinham-se com valores, expectativas e possibilidades dos atletas. Reconheço, numa linha similar, os casos de Paola e Eddy.

Entretanto se observa, noutros casos – mais precisamente entre os homens com origem na classe popular – que a socialização esportiva foi sustentada muito mais nas relações de convivência (amigos/vizinhos) do que na família. Ernesto, Edson, Gian e Alencar construíram seus vínculos com o futebol principalmente nas relações de convivência. Aliás, Alencar desenvolveu sua paixão pela bola contra o desejo do pai, que o questionava sobre o investimento de tempo nessa prática. Diferente, porém, foi o caso de Ernesto, em que seu pai, ainda que não morasse na mesma casa, o incentivava intensamente, no convencimento de que seu filho seria um jogador profissional.

No caso das mulheres vinculadas ao exercício físico, particularmente as de posição privilegiada, a aprendizagem social dessas disposições não é produto de nenhum processo explícito. Parece-me que são aprendizagens que acontecem no bojo de um grupo social que produz uma socialização difusa, junto com o apoio de uma socialização cultural ligada ao cuidado do corpo. No caso de Clarice, interpreto que predominou o primeiro tipo de socialização – amigas e conhecidas vinculadas a práticas do exercício físico –, enquanto que em Gisele, oriunda de uma família mais humilde, prevaleceu a segunda: “A minha ideia de fazer tudo isso é qualidade de vida por tudo que eu leio, por toda a minha vida e as minhas amigas, tanto na ioga que é grupo pequeno, são pessoas que têm mais conhecimento. E na hidroginástica tem médica, tem química, tem professora, todas têm um nível cultural um pouquinho elevado, o mesmo nível meu, digamos assim. Isso faz diferença, eu noto isso”.

Finalmente, para fechar esta parte da pesquisa, acredito ser importante posicionar-me sobre uma afirmação de Lahire em relação à constituição das disposições e o vínculo com a classe social à qual o sujeito pertence e é oriundo:

Um grande número de disposições não está ligado às condições de existência de classe nem mesmo a tendências de trajetórias. Algumas delas [...] são produto de condições não específicas a meios sociais, no sentido de classe, de condições de existência. É o caso de todas as disposições incorporadas pela criança devido à posição que ocupa na configuração familiar [...] ou à natureza das interdependências

nas quais é levada a agir [...]. Mas muitas outras disposições também são observadas em todos os meios sociais [...]. Embora o volume do capital cultural e econômico possuído, assim como a tendência da trajetória, sejam fatores centrais da constituição de uma parte das disposições dos patrimônios de cada indivíduo, em nenhum caso se pode dizer que sejam os únicos, nem mesmo que sejam „em geral“ os mais importantes. (LAHIRE, 2004, p. 324).

Ao ler e reler essa página, fiz algumas perguntas a mim mesmo, tomando como base os casos estudados. Inicialmente questionei-me: por que essa assertiva me passa uma sensação de que Lahire relativizou de forma excessiva o poder da posição de classe na constituição das disposições dos sujeitos? Imaginei que uma resposta inicial seria que minha interpretação focou a atenção sobre a dimensão da relativização e não estava dando suficiente valor a suas afirmativas iniciais, que reforçam a ideia de condicionamento da classe sobre a formação das disposições do sujeito. Li mais uma vez a citação e notei que efetivamente ele pondera essa dimensão, mas ainda assim entendo que ele tira peso demais à condição de classe e carrega sobre as microrrelações²³². Na sequência, colocam-se outras duas questões para poder tirar a limpo essa afirmação: será que nessa citação Lahire busca operar na lógica da “vara torta”? “Enfrentando” uma sociologia que não deixa espaço na análise para observar as múltiplas relações que os sujeitos estabelecem ao longo de sua vida como espaço de constituição das disposições, aplainando tudo na posição de classe e na trajetória, é necessário tensionar essa ideia de destacar a experiência particular da existência sobre o universal da classe social? A segunda pergunta é: será que as microrrelações, particularmente nos setores socioeconômicos mais baixos, têm alto nível de independência, como imagino que pode ter nos mais altos? Imediatamente pensei que a afirmação de Lahire poderia se tratar de um “problema” metodológico. Questionei então: será que nessa afirmação ele estava se referindo à sociedade em geral ou aos oito casos de seu estudo em particular? Caso fosse apenas aos casos em estudo, faria nova pergunta: será que a desigualdade na França é tão diferente à de Porto Alegre que é possível pensar que a classe por lá tenha um peso bastante mais relativo do que aqui? Ou será que ele faz tal afirmação como um produto do fato de seus entrevistados estarem todos localizados em posições de classe relativamente altas (empregado qualificado, especialista e especialista autônomo)? Isso significa que ele relativiza tanto a posição de classe porque a posição do grupo pesquisa no espaço social os poupa de grandes constrangimentos materiais e culturais e, conseqüentemente, permite o surgimento de relações mais diversas que em setores empobrecidos? Será que ele inclui nessa afirmação as famílias que estudou em sua obra *Sucesso escolar nos meios populares – as razões do improvável*

²³² Relação com a com mãe, por exemplo.

(2004)? Será que demonstrar que não é possível deduzir da condição de classe um modelo de socialização preponderante é o mesmo que dizer que as possibilidades de socialização têm a mesma probabilidade de acontecer em todas as classes sociais? Ou, pelo contrário, deveríamos falar de socializações de classe sem um *modelo* único, nem sequer predominante, mas com probabilidade diferente de ser encontrado nos diferentes estratos socioeconômicos?

Após as entrevistas das pessoas que participaram deste estudo, fiquei com uma representação bastante diferente à que Lahire exprime nessa citação. Parafraseando o autor, entendo que grande número de disposições está ligado às condições de existência de classe e a tendências de trajetórias. São produtos de condições específicas a meios sociais, no sentido de classe de condições de existência, já que todas as relações que a criança estabelece com seu entorno estão socialmente localizadas. Isso não significa afirmar que se trata de um tipo único de socialização; as relações microcontextuais não podem ser enfeixadas num único sentido, pois famílias próximas no espaço social potencialmente podem propiciar contexto de socialização diferente. Contudo acredito ser fundamental salientar que a diversidade de

ões socializantes também tem uma distribuição de classe, e a probabilidade de encontrar uma maior diversidade nos contextos de socialização é maior nos setores mais acomodados na estrutura social.

Nessa linha, no que se refere às PMCTL, entendo que os sujeitos, por pertencerem a uma classe, não incorporam uma única fórmula geradora; diversas formas de relacionar-se com o corpo e com práticas esportivas são possíveis de se encontrar num mesmo espaço social. Todavia entendo que a diversidade desses modelos é bem menor nos setores populares do que nos setores sociais mais privilegiados. Logo, entendo exagerada a noção, com base nos casos estudados, de que determinadas relações com as práticas corporais possam ser produto exclusivo “de condições não específicas a meios sociais, no sentido de classe de condições de existência”, como também que “muitas disposições também possam [ser] observadas em todos os meios sociais”. Em resumo, concordo com o autor quando afirma que “em nenhum caso se pode dizer que [o volume do capital cultural e econômico] sejam os únicos fatores da constituição das disposições dos patrimônios de cada indivíduo”, mas não quando afirma que “nem mesmo que sejam „em geral“ os mais importantes”. Os setores de classe popular têm reduzidas suas possibilidades de socializar-se em espaços muito heterogêneos, pelas restrições que atravessam o espaço social que ocupam na estrutura (“pobreza da pobreza”), enquanto que os setores privilegiados, inversamente, têm potencializadas as possibilidades de uma socialização diversa, apenas por estarem localizados em outro espaço social (“riqueza da riqueza”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre (PMCTL), objeto deste trabalho, fazem parte das manifestações culturais dos mais diferentes grupos sociais. Apontá-las como manifestação cultural significa dizer que elas possuem formas, sistemas, locais, praticantes e estéticas em uma grande variedade. Diferentes também são os ensejos que levam pessoas a se envolverem com esportes e outras atividades físicas sistematizadas. É neste ponto que a presente pesquisa procurou se deter: *compreender as relações entre as disposições de indivíduos para o envolvimento com PMCTL, a sua localização e a trajetória biográfica dos mesmos no espaço social.*

Para alcançar esse propósito, este trabalho foi desenvolvido em três etapas, cada qual com objetivos específicos que, no conjunto, procuraram dar conta do objetivo geral, referido logo acima. A primeira teve como objetivo descrever a distribuição socialmente determinada do envolvimento com PMCTL da população de Porto Alegre, segundo sua posição no espaço social (classe social). A segunda parte da tese foi desenvolvida buscando identificar potenciais vínculos entre diversas práticas culturais dos sujeitos, localizados em diferentes espaços sociais, e as preferências e significados por eles atribuídos a essas práticas, na relação com preferências e significados relativos às PMCTL. Finalmente, a terceira e última fase centrou-se na identificação das disposições subjacentes às práticas sociais de dois sujeitos para, a partir da teoria de Lahire, conjecturar sobre a forma com que estas se atualizam nas práticas esportivas, e, quando possível, chegar a aproximações sobre a gênese dessas propensões para a ação.

A fim de atingir a meta desejada para a primeira etapa, busquei os fundamentos teóricos de Pierre Bourdieu a respeito do espaço social, à relação deste com o estilo de vida e à descrição/interpretação das PMCTL nesse contexto. Detive-me por instantes à revisão de um conjunto de estudos empíricos que explora a teoria de Bourdieu em países do Hemisfério Norte. Pelo fato de a teoria do sociólogo francês ter sido desenvolvida em tempos e lugares diferentes dos nossos, foi necessário adequá-la ao contexto brasileiro contemporâneo. Assim, fiz uso de uma classificação acerca de classes sociais desenvolvida especialmente para o Brasil, com a qual procurei operar ao longo da pesquisa.

O envolvimento da população porto-alegrense com as PMCTL foi mapeado em uma coleta de dados a partir de uma pesquisa *survey*, que apresentou a distribuição do envolvimento com as práticas corporais, segundo nível da escolaridade, renda, gênero e classe social. Em paralelo, utilizei os microdados de três pesquisas nacionais que foram essenciais para o desenvolvimento dessa parte da pesquisa. A discussão sobre a relação entre PMCTL e classe social foi situada em dois momentos: no primeiro, analiso o envolvimento com exercícios físicos e esportes, de acordo com a posição dos sujeitos nas diferentes categorias de classe, tanto em Porto Alegre como nas demais regiões metropolitanas do Brasil; no segundo, observo a distribuição dos sujeitos nas modalidades esportivas, conforme a classe social.

A partir das análises desenvolvidas no primeiro movimento analítico, é possível afirmar que existe uma relação clara entre a probabilidade de envolvimento em PMCTL e a classe social das pessoas. Na capital gaúcha e em outras capitais brasileiras, identificaram-se acentuadas discrepâncias nas probabilidades de indivíduos de diferentes classes sociais envolverem-se com esportes ou exercícios físicos. As pessoas pertencentes ao estrato socioeconômico superior têm um envolvimento proporcionalmente maior e até em idades mais avançadas do que pessoas em estratos inferiores. Ou seja, a chance de o sujeito praticar tais atividades diminui conforme ocupa posições mais baixas da classificação social, sendo que essa redução se acentua com o aumento da idade e, também, pela condição de gênero: as mulheres têm essa probabilidade ainda menor quando ocupam categorias socioeconômicas subalternas. A posição socioeconômica influencia também a disponibilidade de recursos importantes associados ao envolvimento com PMCTL, como dinheiro e tempo; associação que oferece pistas sobre as relações com as condições materiais enfeixadas na classe.

Com base no segundo movimento de análise, é possível observar algumas tendências em relação às preferências das práticas corporais conforme a posição de classe. Em primeiro lugar, percebeu-se que o gênero tem um impacto maior sobre a escolha ou a prática do tipo de exercício realizado do que a localização do indivíduo no espaço social. Considerando a população em estudo e comparando-as com os homens, as mulheres envolvem-se muito pouco com esportes, destinando a maior parte de seus esforços aos exercícios físicos. Os homens, ao contrário, preferem modalidades esportivas, especialmente o futebol, embora também se dediquem aos exercícios como forma de melhorar ou manter o condicionamento físico. Além das preferências, homens e mulheres expressam diferenças quanto aos motivos declarados para justificar o envolvimento com PMCTL. Na distribuição das justificativas, as mulheres apontam *saúde, lazer/diversão e estética/beleza* de modo equilibrado; para os

homens, *lazer/diversão* é a motivação fortemente predominante, ficando *saúde* e, principalmente, *estética*, muito para trás.

Por haver diferenças tão marcadas pelo gênero, torna-se pouco falar de preferências de classe sobre o envolvimento com PMCTL sem distinguir os grupos masculino e feminino. A análise em separado permite afirmar que o condicionamento pela posição de classe perde sua força quando se trata do tipo de prática realizada, ainda que seja possível notar algumas tendências associadas à classe. Por exemplo, evidenciou-se que, no grupo masculino, os sujeitos pertencentes aos estratos socioeconômicos mais favorecidos demonstram menos interesse pela prática de futebol, dedicando-se mais aos exercícios vinculados à saúde e/ou à melhora da forma corporal. Tal preferência, no entanto, não se constitui numa diferenciação entre práticas populares e de elite. Ou seja, não foi possível reconhecer práticas marcadas pela presença exclusiva da classe popular, o que a caracterizaria como uma prática desclassificada, na teoria da legitimidade cultural *bourdieusiana*. O futebol – prática mais difundida entre as camadas mais baixas – não deixa de ser jogado nas mais altas.

Quanto à diversidade de práticas, viu-se que indivíduos da macroposição de classe *privilegiado* têm maior envolvimento com exercícios físicos, especialmente aqueles que demandam investimento financeiro para usar instalações e serviços, como atividades nas academias e nos clubes. A pequena participação dos setores com menor capacidade econômica poderia ser explicada por essa demanda monetária, porém caminhada e corrida – que podem ser praticadas ao ar livre, sem custos – também possuem uma menor adesão das camadas populares, em relação aos setores de estratos socioeconômicos mais altos. A maior preocupação com a saúde mostrou-se uma inclinação ou propensão de classe bastante suave, no que se refere aos privilegiados, quando comparados aos demais.

Entre as mulheres, notou-se que há maior diversidade de práticas corporais entre as posições mais abastadas, particularmente quando mais jovens. Aquelas dos setores com menos recursos econômicos concentram-se em caminhadas, tendo uma presença ínfima entre as práticas que envolvem custos, como uma mensalidade.

Porém, além do que tange à questão financeira, percebe-se uma sutil diferença quanto à expectativa sobre os efeitos corporais dos exercícios físicos, sejam eles reais ou imaginários: enquanto a camada popular lutaria *contra a balança*, as mais abastadas procurariam, além desse objetivo, ter mais tonicidade muscular. Ressalto, contudo, que os dados obtidos neste trabalho não permitem uma afirmação categórica quanto a isso, mas somente sugerir tal possibilidade.

Ao fim da primeira etapa do trabalho, viu-se que o poder distintivo das práticas e os atravessamentos de classe no envolvimento com PMCTL não rechaçam a ideia de Bourdieu sobre o assunto, apenas relativizam-na. Isso significa dizer, por exemplo, que existem práticas capazes de agregar prestígio aos seus frequentadores, como o golfe. No entanto, tal distinção não deve ser pensada como um amplo marcador social, visto que a maioria das pessoas de todas as classes também não se vincula com essa prática.

Na segunda fase desta investigação, busquei localizar as PMCTL no bojo das práticas culturais dos sujeitos. Neste ponto, foram úteis os questionamentos ao conceito de *habitus* proposto por Bourdieu, feitos Bernard Lahire, cuja pesquisa sobre consumos culturais também foi descrita. Nesta etapa, implementei duas aproximações metodológicas ao tema em estudo. O primeiro movimento consistiu numa aproximação às práticas culturais da população, a partir de uma perspectiva individual, quando procurei conhecer em que medida é possível encontrar pessoas com práticas consonantes ou dissonantes de legitimidade cultural, e os possíveis vínculos com outras práticas sociais; em particular o envolvimento com exercícios físicos e esportes. Para esta fase, desenvolvi uma nova pesquisa de levantamento, mas desta vez, utilizando uma entrevista semiestruturada, com respostas fechadas e abertas.

Após ter obtido as informações necessárias para esta etapa, e antes de buscar relações entre o tipo de prática e os significados que sujeitos com diferentes perfis de consumos culturais mantêm com as PMCTL, foi necessário identificar consumos culturais potencialmente marcados pela relação legitimidade/ilegitimidade cultural na população de Porto Alegre. Esse movimento investigativo me permitiu identificar pelo menos cinco consumos que parecem carregar diferentes graus de legitimidade, expressidos particularmente pela preferência e/ou pelo envolvimento desigual das classes sociais: gêneros musicais, a opção pelo jornal, a leitura e gênero de livros, o tipo de programa de TV assistido e as visitas culturais. A tarefa de identificar diferentes níveis de legitimidade nos consumos, além de possibilitar a continuidade à pesquisa, também me oportunizou materializar a ideia de legitimidade cultural, na forma que as diferentes classes da Cidade Porto Alegre privilegiam o envolvimento com determinadas práticas culturais e não com outras, ou, dentro de um mesmo consumo, preferem diferentes gêneros (música, programa rádio, por exemplo). Para mim, isso ficou particularmente evidente em relação aos gêneros musicais e a escolha do jornal, já que não se trata apenas da ausência de determinados consumos na classe popular (que poderia ser explicado por questões de capacidade econômica), e sim do não envolvimento/rechaço da camada privilegiada. Nessa lógica, é possível entender que o jornal mais caro seja menos lido nos setores com menos capacidade econômica. Porém como se explica que o jornal mais

barato não circule nas classes privilegiadas? Como resposta, acredito que não seja difícil de ser sustentado que isso ocorre pelo fato de se tratar de um artefato cultural pouco legítimo. Olhando desde esse prisma para as práticas corporais, fica mais claro que o envolvimento com uma determinada modalidade esportiva e, em particular, o futebol (a prática masculina mais comum entre os trabalhadores), não desclassifique o praticante de classes médias e altas, ainda que não some prestígio. Diferente seria com determinados gêneros musicais e tipo de jornal.

Depois desse primeiro movimento, o próximo passo foi identificar os sujeitos segundo seus perfis de consumos culturais, tendo como referência a legitimidade de suas preferências. Ainda que não tenha sido objeto de análise específico, foi possível constatar uma distribuição dos perfis no espaço social similar à que Lahire (2006) descreve para a França. Os sujeitos consonantes – ou seja, aqueles com consumos num mesmo registro de legitimidade – são muito raros. Os mais frequentes são os perfis que combinam, de uma forma peculiar, preferências por consumos de diferentes graus de legitimidade. Também constatei que os perfis não se distribuem de forma homogênea no espaço social. A macroposição de classe *privilegiado* concentra os perfis consonantes legítimos, enquanto a categoria *trabalhador destituído* reúne os de consumos pouco legítimos. Todavia maior concentração não se traduz em homogeneidade, pois praticamente em todas as categorias de classe se encontram todos os perfis. Isso significa que, se num determinado setor do espaço social há mais chances de ser encontrado um perfil específico, não significa que seja o mais comum. Neste ponto, é importante lembrar que o perfil dissonante é o mais frequente em praticamente todos os segmentos socioeconômicos considerados.

Tendo identificado os perfis de consumos culturais e a sua distribuição no espaço social, o próximo passo foi explorar a relação que sujeitos com diferentes perfis culturais estabelecem com as PMCTL e com algumas práticas de cuidado do corpo. Do ponto de vista metodológico, o tamanho da amostra limitou as possibilidades de análise, no momento em que a clivagem da população em estudo (praticantes/não praticantes, gênero, macroposição de classe) deixa um número reduzido dentro de cada subgrupo que a compõe. Isso impossibilita fazer generalizações dos achados. Ainda assim, e com as devidas precauções, foi possível observar que os perfis encontrados reproduzem tendências percebidas quando analisadas as classes sociais. Tal fenômeno se explica dada a concentração desproporcional dos diferentes perfis nos segmentos localizados nos extremos da classificação utilizada.

Considerando o descrito no parágrafo anterior, esta parte da pesquisa permitiu observar que há uma maior concentração de praticantes de exercícios físicos e esportes entre

os perfis com consumos legítimos. Na leitura das preferências por modalidade de prática, segundo o perfil de consumo cultural do sujeito – a qual, necessariamente, deve ser realizada levando em conta o gênero –, se observa que há praticantes de futebol e futsal em todos os grupos masculinos, assim como praticantes de exercícios físicos. Contudo existe certa ligação com o futebol entre os dissonantes com tendências pouco legítimas e os consonantes com predomínio pouco legítimo, ficando os exercícios vinculados preferentemente às categorias mais consonantes. No grupo feminino, houve um grande equilíbrio na proporção de caminhantes em cada um dos três macroperfis, todavia, em relação ao exercício físico, as proporções mudam: os perfis consonantes mais legítimos e os dissonantes são os que acumulam maior quantidade de casos, quando comparados com os consonantes poucos legítimos. Assim, a distribuição do tipo de prática reflete a própria distribuição das classes sociais dentro dos perfis.

Um elemento que se destaca na análise do envolvimento com PMCTL se relaciona à antiguidade do vínculo com a prática. É possível supor que a prática regular e de longo prazo exprima um tipo de relação diferente do que ocorre com a prática descontínua – o mesmo deve ocorrer com uma prática iniciada de forma recente a partir de episódios e/ou circunstâncias específicas. No grupo em estudo não foram observadas diferenças significativas na antiguidade do vínculo com as PMCTL entre homens, ao contrário do que se percebeu entre as mulheres. Aquelas classificadas no perfil consonante legítimo têm uma média de tempo de envolvimento bem maior (6,73 anos) do que as do macroperfil consonante pouco legítimo (2,7 anos), ficando as de perfil dissonante numa posição intermediária (4,9 anos).

Nesta etapa, os resultados sobre os motivos para o envolvimento em PMCTL acompanharam tendências de dados nacionais analisados na primeira parte da pesquisa. Homens associam as PMCTL com mais frequência ao lazer do que as mulheres. Elas distribuem de forma mais harmônica suas justificativas entre *saúde*, *lazer* e *cuidados estéticos*. Entretanto ao longo da pesquisa se foi adensando uma conjectura com base em alguns sinais (tempo de vínculo com a atividade, maior predominância em motivos estéticos e a maior frequência de uma ideia de saúde preventiva) que ainda não se constituem evidências de peso. Eles permitem afirmar que, entre as mulheres das classes menos favorecidas (que coincide aqui em parte com as que têm um perfil de consumo menos legítimo), o vínculo com a prática regular de atividades físicas assume mais um caráter *terapêutico* do que *preventivo/profilático*. Desse modo, a prática inicia-se quando o exercício físico é necessário para intervir sobre problemas manifestos. Numa conversa sobre os resultados da pesquisa com

colegas²³³, surgiu a seguinte formulação para referir-se a esse assunto: “parece que nas classes altas a aderência ao exercício físico faz parte de um programa de luta contra o envelhecimento, enquanto nas classes baixas a aderência faz parte de um programa de aproveitar a vida”. Em parte, parece que essa lógica pode estar presente entre os homens em geral, um pouco menos entre os de classe privilegiada.

Dentro do grupo masculino, no perfil consonante legítimo (como também acontece com os membros da macroposição *privilegiado*), a *saúde*, o *cuidado com a forma corporal* e a *competição esportiva* crescem como elementos justificadores do vínculo com PMCTL. Inversamente acontece com o *lazer*, que aparece com mais frequência entre os perfis com consumos menos legítimos. Apesar disso não é possível falar de predomínio de um motivo sobre os outros dentro dos diferentes setores. Na análise, não se pode esquecer que as classes privilegiadas (em que se concentram os perfis culturais legítimos) têm uma maior proporção de praticantes com idade mais elevada, e é nelas que o motivo da *saúde* também ganha predominância.

O número de casos não permite generalizações, porém parece que os perfis não possuem efeito de diferenciação dentro das classes, em relação ao envolvimento com PMCTL, ao tipo de prática corporal, à *antiguidade do envolvimento* e aos motivos para o envolvimento. A maior ou menor proporção de consumos culturais legítimos não tem, aparentemente, influência no tipo e na forma de envolvimento com PMCTL dentro de uma mesma classe. Entretanto entendo que seria profícuo, em futuros trabalhos, investigar de forma mais específica a relação que sujeitos, dentro de um mesmo espaço social, mas com perfis culturais diferentes, têm com as práticas corporais e com outros consumos do campo esportivo.

Ainda na segunda parte, descrevi seis casos e os pus em diálogo com outros 17, com o propósito de compreender as particularidades entre o perfil cultural e o envolvimento com PMCTL. Da mesma forma, busquei as possíveis relações desses significados com práticas culturais no universo do cuidado do corpo e a sociabilidade de sujeitos de realidades sociais diversas. O esforço analítico realizado não teve pretensões de generalização, mas ajuda a refletir sobre a prática de esportes e exercícios realizada por homens e mulheres no universo de classes sociais diferentes.

Sobre isso, encontraram-se sentidos similares para o exercício físico entre pessoas localizadas em diferentes classes sociais e com consumos culturais de diferentes graus de

²³³ Professor Paulo Evaldo Fensterseifer e Maria Simone Vione Schwengber.

legitimidade. Além disso, observaram-se sutilezas importantes nas práticas de um mesmo sujeito, ao analisar seus gostos e preferências em diversos campos. Os casos estudados, comparados *intra* e *entre* espaços sociais, mostram que as várias esferas das práticas sociais não se articulam num único esquema gerador, como propõe o conceito de *habitus* de Bourdieu.

No caso das mulheres, praticar exercícios físicos parece fazer parte de uma cultura de cuidados com o corpo, na qual também se inclui a regulação da alimentação, entre outras dimensões. Nas esferas sociais mais elevadas, parece ser mais provável encontrar quem faça das PMCTL uma das formas de cuidar de si – a partir de uma ideia de bem-estar ou de preocupações estéticas – do que em setores socioeconômicos mais baixos. No entanto não é difícil que se estabeleçam outros vínculos. Nas classes populares, também a prática do exercício é incluída dentro de um propósito de cuidado de si, contudo parece assumir um caráter próximo de algo *terapêutico*, como tratar ou intervir em problemas manifestos, sendo o sobrepeso o mais comum. Esse aspecto pode conter duas justificativas: uma relação utilitarista com o próprio corpo (segundo a lógica *bourdieusiana*) e a impossibilidade (condições objetivas) e a (in)disposição em *gastar* tempo com atividades não produtivas (“caminhar à toa”); como cuidar de um corpo que está bem e *não precisa* ser cuidado, segundo tal lógica.

O caso de Paola é representativo de uma cogitação possível: pessoas que praticam esportes (em particular, as mulheres) têm uma lógica de cuidado do corpo mais pautada na ideia do uso, ou seja, o corpo é um instrumento para as necessidades da modalidade esportiva. Tal concepção não é incompatível com outras formas de cuidado, mas parecem ter bastante independência.

Entre as mulheres, *lazer/diversão* e *sociabilidade* são motivos complementares para o engajamento em exercícios físicos, mas não se constituem em fatores essenciais. Porém algumas pessoas parecem sentir necessidade de distrair-se ou de encontrar um espaço para reflexão.

Se as mulheres desempenham atividades remuneradas, o exercício compete com o tempo de convivência em família e/ou de cuidados domésticos. Tomando como base tanto os resultados da primeira etapa como os desta fase da pesquisa, é possível afirmar que, por outro lado, aquelas que possuem condições de terceirizar afazeres domésticos (da classe *privilegiada*) têm mais probabilidade de se envolver com PMCTL. Por conta da pouca aceitação social para essas atividades, as mulheres de classe popular ou realizam suas práticas coma alguma insatisfação da família, ou têm a favor de si uma família pequena com filhos de

idades de bastante autonomia – em alguns casos, estes podem colaborar com os afazeres, o que acaba liberando mais tempo para a mãe se exercitar. Os homens, por outro lado, têm *garantido*, por uma aceitação social, seu tempo de lazer e de práticas corporais, como compensação de uma rotina de trabalho desgastante.

Apenas no caso de Paola a PMCTL configura-se num vetor que organiza a vida social. Em todos os outros, essas práticas são mais parte de uma rotina, encaixadas numa dinâmica de organização cotidiana que não atrapalhe as outras atividades. Nesse ponto, o exercício mostrou-se mais adaptável aos compromissos diários do que o esporte.

Entre as mulheres, não percebi sinais de que os exercícios físicos possam operar no sentido de distinção ou prestígio; se essa dimensão ganha algum peso na lógica de funcionamento/organização das PMCTL, parece estar mais vinculada ao universo masculino e esportivo. A partir de estudos de casos masculinos, percebi que o exercício orientado à saúde é menos presente do que no grupo feminino, embora as práticas possam relacionar-se tangencialmente com saúde e haja praticantes que priorizem esse propósito menos comum.

O significado dado à prática de esportes depende muito das experiências que o sujeito obteve nesse universo social. Dá-se mais valor ao lazer, porém a competição esportiva e sua transcendência também são destacadas, sem romper com o sentido anterior. As práticas esportivas, principalmente o futebol, dificilmente estiveram marcadas por uma vontade de cuidar do corpo.

Não percebi marcas de que algum tipo de prática corporal fosse carregado de um sentido de distinção (particularmente de desqualificação). Isso ocorreu inclusive nos casos em que outras práticas culturais representavam um claro espaço de demarcação social, como no caso de Joaquim. O que observei, em algumas circunstâncias, foi que a prática esportiva amadora pode assumir um caráter identitário, sendo potencialmente diferente segundo a posição de classe do sujeito. Ser o craque do futebol de várzea possui uma relevância muito maior na vida de um sujeito de classe popular do que em um de classe alta. Tive a clara noção que, para Ernesto, ser *o jogador* é uma dimensão que o torna diferente de outras pessoas no meio em que mora, sendo que o mesmo não acontece com os outros papéis que ele desempenha, particularmente na ocupação profissional. No caso de Rodrigo, ser um craque do futebol de várzea é uma moeda de menor valor identitário, aparentemente por dois motivos: primeiro, ele ocupa/desempenha diversas atribuições prestigiosas (empresário de sucesso, posição influente, entre outras), logo, é bem-sucedido em outros lugares; segundo, porque o ambiente em que ele circula – o esporte amador – não conta com muito prestígio, ainda que não o desprestigie.

Isso reforça minha compreensão de que, nas classes populares, as práticas esportivas – ou pelo bom desempenho, ou pela raridade (*ser* um corredor, *ser* um ciclista) da prática – podem ter uma capacidade de distinção importante. Isso tem que ser estudado, mas a hipótese é que membros desse espaço social, que com frequência não ganham maior reconhecimento nas ocupações laborais que desempenham, podem encontrar no esporte um espaço de expressão da singularidade. O que ajudaria a entender por que, em alguns casos, a prática pode assumir uma marcada significação na vida dos sujeitos.

Outro aspecto que é digno de mais atenção em futuras pesquisas é a forma como o entorno social imediato de praticantes de modalidades esportivas das classes mais pobres significa esse envolvimento. Constatou-se certa incompreensão por parte das companheiras e de outros membros da rede social daqueles que se envolvem com PMCTL buscando o lazer. Talvez essa dedicação ao esporte concorra com atividades domésticas de manutenção e reparo, ou com a própria convivência familiar, e por isso ganhe uma avaliação negativa dos familiares do praticante e, no longo prazo, ajude a criar um cenário propício para a desistência da prática.

Dito isso, é importante salientar novamente que a vivência de exercícios físicos e esportes ocorre em um contexto de condições materiais, como tempo e dinheiro. Não se pode desconsiderar que jornadas de trabalho extensas, falta de autonomia nos horários e envolvimento com reformas na residência comprimem o tempo disponível para o envolvimento com PMCTL. Não é por acaso que muitas dessas atividades sejam praticadas apenas uma vez por semana, especialmente o futebol. Sendo escasso, o dinheiro é um fator importante não só para o pagamento do custo implicado na realização da atividade, mas também pela impossibilidade de terceirizar tarefas domésticas, como limpeza e reparos. Além de tudo, muitas das ocupações desse grupo social demandam um elevado desgaste corporal, deixando pouca energia para exercícios e esportes. Assim, falta de tempo e de dinheiro aliam-se ao cansaço para construir uma conjuntura desestimulante às PMCTL.

Também nesta etapa aparecem claros indícios de que, excluindo-se o futebol, há pouca probabilidade de sujeitos de setores empobrecidos de Porto Alegre incorporarem o capital cultural, corporal e esportivo para praticar outras modalidades esportivas. E se, quando adulto, o indivíduo não tiver um mínimo de competência com a bola, ou se estiver impossibilitado por algum motivo, não sobra muita opção de praticar esporte ou fazer exercícios. Sem as experiências anteriores, quando já na vida adulta, talvez seja possível somente caminhar, correr e andar de bicicleta, que podem ser aprendidas e realizadas sem necessidade de um processo de ensino formalizado.

No setor privilegiado, esses condicionamentos materiais diminuem sensivelmente. Isso permite pensar que o envolvimento com PMCTL é basicamente a expressão de disposições adquiridas que se atualizam quando um sujeito as inclui no seu cotidiano (ou não), na modalidade praticada e na forma com que se envolve. No entanto, como ficou manifesto no caso de Leonardo, não ter adquirido competências esportivas suficientes para a prática e/ou não ter acesso a uma rede de relações que se envolva com a prática esportiva que comporte diferentes níveis de desempenho também podem ter um peso importante. Não é por acaso que grupos como aqueles dos quais Gian participa *invistam* tanto para manter funcionando um espaço esportivo adequado ao jogador. Este é outro tema que merece que se continue pesquisando.

Na terceira e última etapa, expus os conceitos que sustentam, na teoria de Lahire, a noção de disposição, além das considerações do mesmo autor sobre as características de transferência, atualização/inibição em diferentes contextos e o processo de constituição das disposições nos sujeitos.

Foram elaborados dois *retratos sociológicos* que servem de base para essa etapa da pesquisa, com homens de macroposição de classe *privilegiada*, um com envolvimento convergente e outro com envolvimento divergente com as PCMTL, considerando as tendências estatísticas do espaço social em que se localizam. Cada um dos retratos constituiu-se de três dimensões. A primeira é descritiva, focada na exposição das diferentes dimensões da vida dos sujeitos – isso porque, por um lado, a noção de disposição supõe que seja possível identificar uma série de atitudes e práticas que sejam coerentes, assim como que é incorreto deduzir sua existência apenas de uma forma pontual de atuação (poder captar as disposições apenas olhando para a atuação do sujeito no campo esportivo). Uma segunda dimensão é mais interpretativa, por um lado, partindo da ideia de que uma disposição é uma realidade reconstruída e, como tal, não é observável diretamente – essa parte do retrato consistiu em fazer emergir das descrições os princípios intrínsecos à diversidade de práticas. E a terceira, a partir da noção de que toda disposição tem uma gênese, esforcei-me em reconhecer as instâncias e os possíveis momentos de incorporação das mesmas pelos sujeitos. Para isso, realizei um conjunto de entrevistas de longa duração que possibilitaram esse movimento investigativo.

O conjunto de entrevistas realizadas ao longo da pesquisa permitiu-me elaborar um esboço interpretativo sobre a relação entre os patrimônios disposicionais dos sujeitos e o envolvimento com as PMCTL, buscando reconhecer o comum e o diferente entre um sujeito e o outro, mas, principalmente, dentro de uma e outra dimensão dentro do próprio sujeito. Na

exposição dos primeiros traços descritivos, enfatizei as dimensões de transferência, atualização, crenças/inclinações para agir e constituição/formação das disposições, fazendo esse movimento em diálogo com Lahire (2004).

Da mesma forma que ocorreu no estudo realizado por Lahire, não pude reconhecer um *habitus* na base de todas as práticas culturais dos sujeitos analisados, como nos moldes que interpreto que Bourdieu propõe. O patrimônio disposicional do sujeito não opera permanentemente e em qualquer situação. A hipótese é que, dependendo da situação, as disposições atualizadas não são sempre as mesmas.

No que se refere às PMCTL, os casos não permitem falar de uma transferência disposicional, uma única fórmula geradora atualizada também nesse universo. Todavia observei certa coerência entre o envolvimento dos sujeitos com exercícios físicos ou esportes e outras práticas vinculadas com o (des)cuidado/uso do corpo, portanto mais próximo de uma ideia de disposição transferida. No entanto não se trata de um único tipo de relação. Pode ser tanto pautada por um vetor em que o uso do corpo se imponha sobre o cuidado dele, ou vice-versa. Em outras palavras, o exercício físico pode ser impulsionado por uma noção mais ampla de cuidado de si, como também o gosto pela prática esportiva pode levar à atualização de disposições nas quais o *uso* se imponha sobre o cuidado. Nos casos estudados, percebi várias combinações possíveis nessa relação.

Também ficou claro que mudanças importantes na vida ocasionaram, para alguns dos sujeitos pesquisados, a atualização de disposições para o envolvimento com PMCTL. Pareciam ser disposições *suspensas*, por exemplo, de *cuidado de si*, que apenas puderam se atualizar frente às condições oferecidas ou às exigências apresentadas pelo novo contexto. Ainda no campo da atualização das disposições, é importante mencionar que as mudanças no cenário do cotidiano (questões de saúde, trabalho, financeiras, familiares) podem caminhar no sentido inverso, levando a suspender disposições para o envolvimento em exercícios físicos. Não parece demais afirmar que disposições hedonistas são bastante mais fáceis de suspender frente a um cenário de adversidade.

Um ponto particularmente interessante no universo das práticas corporais vincula-se à relação entre as disposições para agir e para crer, pesquisadas por Lahire. Ou seja, incorporar crenças sem ter os meios para concretizá-las, o que desencadearia fenômenos como a *ilusão*, a *frustração* ou a *culpa*. Ou então, pode ocorrer de o sujeito portar disposições para *acreditar* nas benesses dos exercícios físicos, mas não possuir disposições para *agir* suficientemente fortes. Nesse campo, é notório que um grande número de políticas públicas tem se esforçado em disponibilizar informações sobre os benefícios da prática de exercícios físicos e esportes.

A pergunta é: qual será o entrelaçamento dessa informação com as disposições para crer e para agir? Será que o conhecimento/incentivo para a população se envolver com exercícios físicos e esportes, sem potencializar as condições objetivas para fazê-lo, que pode impulsionar à ação ou pode apenas conseguir mais pessoas se sentido culpadas por serem *sedentárias*?

As disposições, de acordo com Lahire, formar-se-iam a partir de três diferentes formas de socialização que acontecem simultaneamente e se interpenetram: socialização por “treinamento” ou “prática direta”; socialização difusa; e socialização por inculcação ideológica, como regras culturais. No que se refere às disposições para o envolvimento com PMCTL, nos casos em estudo, interpreto que as socializações difusas e por inculcação cultural de crenças se sobrepõem àquelas que podem ser produto de treinamento intencional.

Nos dois *retratos sociológicos* desenvolvidos, a família teve um peso importante no processo de socialização que permitiu a construção das disposições que geram a relação desses sujeitos com as práticas corporais na atualidade. Entretanto, em casos de homens com origem na classe popular, a socialização esportiva foi sustentada, principalmente, muito mais nas relações de convivência (amigos/vizinhos) do que na família. No caso das mulheres vinculadas ao exercício físico, particularmente as de posição privilegiada, a aprendizagem social dessas disposições não é produto de nenhum processo explícito. Seriam aprendizagens que acontecem no bojo de um grupo social que produz uma socialização difusa, junto com o apoio de uma socialização cultural ligada ao cuidado do corpo.

O conjunto do movimento analítico deste trabalho leva-me a afirmar que *as disposições dos indivíduos para o envolvimento com as PMCTL estão fortemente atreladas à localização e à trajetória biográfica dos mesmos no espaço social*, não se encontrando entre aquelas que Lahire (2004, p. 324) entende não ligadas as condições de existência. Isso não significa dizer que a localização de classe (espaço social) propicie um tipo único de socialização, já que as relações microcontextuais (trajetória biográfica) não podem ser enfeixadas numa única direção pelas condições materiais específicas. Famílias – que, num sentido ampliado, envolvem parentes, amigos e vizinhos –, mesmo próximas no espaço social, podem, potencialmente, propiciar contextos de socialização bastante diferentes. Contudo entendo ser fundamental salientar que a diversidade de relações socializantes também tem uma distribuição de classe, e a probabilidade de encontrar contextos de socialização diversos é maior nos setores mais acomodados na estrutura social do que nos de classe popular.

Nessa linha, no que se refere às PMCTL, entendo que os sujeitos, por pertencerem a uma classe, não incorporam uma única fórmula geradora; diversas formas de relacionar-se com o corpo e com práticas esportivas são possíveis de se encontrar num mesmo contexto

social. Entretanto a diversidade desses modelos é bem menor nos setores populares do que nos setores sociais privilegiados.

Os setores de classe popular têm reduzidas suas possibilidades de socializar-se em espaços muito heterogêneos, o que em grande medida parece ocorrer pelas restrições que atravessam o lugar que ocupam na estrutura. Inversamente, só por estarem localizados em outro espaço social, os setores privilegiados veem e têm potencializadas suas possibilidades de uma socialização diversificada. Nessa lógica, acredito ser possível afirmar, em direção ao encerramento provisório deste trabalho, que nas posições de classe privilegiadas o espaço social potencializa a diversidade das trajetórias e, conseqüentemente, a possibilidade de incorporar diversas formas viver/usar/cuidar do corpo e envolver-se com PMCTL – as quais, embora não sejam todas apreciadas do mesmo modo, não são rechaçadas em sua maioria.

As disposições para o envolvimento em PMCTL, como produto social complexo, carregam em si fortes marcas do espaço social e a trajetória do sujeito nele. Nem sempre se tratam de disposições específicas e podem fazer parte de um emaranhado complexo de disposições que se potencializam ou, contrariamente, tendem a suspender-se. Entender sobre as disposições que conectam, ou não, o sujeito ao universo das PMCTL é também entender o que o conecta à vida. Avançar na compreensão de como essas dimensões se entrelaçam nos corpos dos sujeitos é fundamental para aqueles que pretendem intervir profissionalmente neste universo.

REFERÊNCIAS

- A DONA DA BOLA. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 10 set. 2010. Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=39777?KeepThis=true&TB_iframe=true&height=550&width=850>. Acesso em: 11 set. 2010.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério Padrão de Classificação Econômica Brasil/2008**. São Paulo: ABEP, 2007. Disponível em: <<http://www.abep.org/?usaritem=arquivos&iditem=23>> Acessado em: 20 de novembro 2007.
- AZEVEDO, Mario Renato; ARAÚJO, Cora Luiza; SILVA, Marcelo Cozzensa da; HALLAL, Pedro Curi. Tracking of physical activity from adolescence to adulthood: a population-based study. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 69-75, 2007.
- BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisa de Survey**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVAO, Adriana. (Orgs.) **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Edibes, 2003.
- BENNETT, Tony et al. **Culture, Class, Distinction**. London: Routledge, 2009.
- BETTI, Mauro. Ensino de primeiro e segundo grau: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Maringá, v. 3, n. 2, p. 282 -287, 1992.
- _____. Valores e finalidades na educação física escolar; uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994.
- _____. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 73-127, 1996.
- BOLSTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BOTELHO, Isaura; FIORE, Maurício. **O uso do tempo livre e as práticas culturais na região Metropolitana de São Paulo**: Relatório da primeira etapa da pesquisa. São Paulo: Centro de Estudos da Metrópole, 2005. Disponível em: <http://www.centrodametropole.org.br/proj_cult.html>. Acessado em: 8 de Agosto de 2007.
- BOTTENBURG, Maarten van; RIJNEN, Bas; STERKENBURG, Jacco. **Sports participation in the European Union: Trends and differences**. Nieuwegein: Arko Sports Media, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Sport and social class. **Social Science Information**. Londres, v 17, n. 6, p. 819-840, 1978.
- _____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (org.) – **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983a.

_____. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983b.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983c. p. 46-81.

_____. Espaço social e gênese das classes. In: _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel; Bertrand Brasil, 1989.

_____. Clase social y deporte. In: AA. VV. **Materiales de sociologia del deporte**. Madrid: Ed. La Piqueta, 1993, p. 57 -82.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. 1ª reimpressão da 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo, Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? In: Marcílio Souza Júnior (Org.) **Educação Física Escolar: Teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005, p. 97-105.

BRACHT, Valter; GONZÁLEZ, Fernando J. Educação Física escolar. In: Fernando Jaime González; Paulo Evaldo Fensterseifer. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2005, p. 150-157.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Coordenação de Prevenção e Vigilância. **Inquérito domiciliar sobre comportamentos de risco e morbidade referida de doenças e agravos não transmissíveis: Brasil, 15 capitais e Distrito Federal, 2002-2003**. Rio de Janeiro: INCA, 2004.

BRYM, Robert J.; LIE, John; HAMLIN, Cynthia; MUTZENBERG, Remo; SOARES, Eliana V.; SOUTO MAIOR, Heraldo. **Sociologia**. Thomson, 2006.

CALDEIRA, Jorge (Editor). **Escolha sobre o corpo: valores e práticas físicas em tempo de mudança**. São Paulo: SESC, 2003.

CASTILLO, Jesús Martínez del; JIMÉNEZ-BEATTY, José Emilio; GRAUPERA, José Luis; RODRÍGUEZ; María Luisa. Condiciones de vida, socialización y actividad física en la vejez. **Revista internacional de sociología**, Córdoba (Espanha), v. LXIV, n. 44, p. 39-62, may./agos, 2006.

CHALITA, Marie Anne Najm . A construção social e econômica do gosto e da preferência, o valor simbólico da mercadoria e o desempenho das exportações da cachaça. **Informações Econômicas**. Instituto de Economia Agrícola v. 38, p. 17-29, 2008.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONFERENCE BOARD OF CANADA. **Strengthening Canada**: The Socio-economic Benefits of Sport Participation in Canada. 2005. Disponível em: <http://www.conferenceboard.ca/boardwiseii/temp/BoardWise2EAALOAFAFHBGFFNMDAPEOMEE2005989508/035-06%20Sports%20Participation%20RPT.pdf>. Acessado em 05 de outubro 2007.

DA COSTA, Lamartine Pereira. Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil. In: _____ (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 21.3-21.16.

DARBON, Sébastien. Pour une anthropologie des pratiques sportives. Propriétés formelles et rapport au corps dans le rugby à XV. **Techniques & Culture**, Marselha, n. 39, 29 abr. 2005. Disponível em: <<http://tc.revues.org/index153.html>>. Acesso em: 19 ago. 2010.

DESBORDES, Michele; OHL, Fabien; TRIBOU, Gary. **Estrategias del marketing deportivo**: analisis del consumo deportivo. Barcelona: Paidotribo 2001.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empirica do lazer**. 2. ed. Sao Paulo : SESC ; Perspectiva, 2004.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Erick. El ocio en el espectro del tiempo libre. In: _____. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1995, p. 117-156.

EUROBAROMÈTRE, **Les Citoyens de l'Union Européenne et le sport**. 2003. Disponível em: <http://europa.eu.int/comm/public_opinion/archives/ebs/ebs_197_sport_Fr.pdf>. Acessado em: 21 nov. 2007.

FERRANDO, Manuel G. Veinticinco años de análisis del comportamiento deportivo de la población española (1980-2005). **Revista Internacional de Sociología**. Córdoba (Espanha), v. LXIV, n. 44, 15-38, mai./ago., 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Aurélio**: o dicionário do século XXI. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

FRANÇA, Vera V.; PRADO, Denise Figueiredo Barros do. Produções culturais de periferia: legitimidade e tensões. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 29., 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: COMPÓS, 2010. Disponível em: <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt2_denise_figueiredo_barros_do_prado_vera_franca.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2010.

FREITAS, Clara M. S. M. de. As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 5, n. 3, pp. 329-334, set. 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara: Koogan, 1989.

GIL, Antonio. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES Valéria B., SIQUEIRA, Kamile S.; SICHIERI, Rosely. Atividade física em uma amostra probabilística da população do município do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**. 2001;17(4):969-76.

GONZÁLEZ, Fernando J. Projeto curricular e educação física: o esporte como conteúdo escolar. In: Ricardo Rezer. (Org.). **O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos**. Chepecó: Argos, 2006, p. 69-110.

HALLAL, Pedro Curi et al. Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física no Brasil: revisão sistemática. **Revista de Saúde**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 453-460, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n3/5808.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2009.

HARGREAVES, J. Promesa y problemas en el ocio y los deportes femeninos. In: BARBERO, Jose (Org.). **Introduccion materiales de sociologia del deporte**. Madrid: La Piqueta, 1993.

IBGE, **Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000** - Malha municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 13 de dezembro 2007.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – 2008**. Microdados. Rio de Janeiro, IBGE. 2009.

IBGE. **Pesquisa Padrões de Vida– 1996-1997**. Microdados. Rio de Janeiro, IBGE. 2006.

JIRÁSEK, Ivo. Philosophy of Sport, or Philosophy of Physical Culture? An Experience from the Czech Republic: Philosophical Kinanthropology. **Sport, Education and Society**, v. 8, n. 1, p. 105–117, 2003.

KANE, Danielle. Distinction worldwide?: Bourdieu’s theory of taste in international context. **Poetics**, v. 31, p. 403–421, 2003.

KATZ-GERRO, Tally; SHAVIT, Yossi. The Stratification of Leisure and Taste: Classes and Lifestyles in Israel. **Eur. Sociol. Rev.**, v14, n. 4, p.369-386, dez. 1998;

KUNZ, Eleonor. **Educação física: ensino & mudança**. Ijuí: Unijuí, 1991.

_____. **Trasformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

_____. Cultura de movimento. In: Fernando Jaime González; Paulo Evaldo Fensterseifer. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2005, p. 111-113.

LABERGE, Suzanne. „Toward an Integration of Gender into Bourdieu’s Concept of Cultural Capital. **Sociology of Sport Journal**, v. 12, n. 2, p. 121–31, 1995.

LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n. 78, p. 37-55, abr. 2002a.

_____. **Homem plural: Os determinantes da ação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002b.

_____. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004a.

_____. Trajetória acadêmica e pensamento sociológico: entrevista com Bernard Lahire. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 315-321, 2004b.

_____. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, Lisboa, n. 49, p. 11-42, 2005.

_____. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006a.

_____. Disposiciones y contextos de acción: el deporte en preguntas. In: _____ **El espíritu sociológico**. Buenos Aires: Manantial, 2006b. p. 289 – 302.

_____. Indivíduo e mistura de gêneros: dissonâncias culturais e distinção de si. **Dados**, Rio de Janeiro, vol.50, n.4, pp. 795-825, 2007.

LAPORTE, Renaud. Pratiques sportives et sociabilite. *Mathematics and Social Sciences*. 2005; 43(170):79-94.

LARAIA, Roque B. **Cultura**: um conceito antropológico. 20 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LAVILLE, Chistian; DIONE, Jean. **A Construção do Saber**: Manual de Metodologia da Pesquisa Em Ciências Humanas. PortoAlegre: Artmed, 1999.

MARCHI JÚNIOR., Wanderley. **“Sacando” o voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.

MARIOVET, Salomé. **Hábitos desportivos da população portuguesa**. Lisboa: Novicópia, 2001.

MELO, Hildete Pereira de; CASTILHO, Marta. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz?. **Rev. econ. contemp.** Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158, 2009.

MEHUS, Ingar. Distinction through sport consumption; Spectators of Soccer, Basketball, and Ski-jumping. **International review for the sociology of sport**, Londres, v. 40, n. 3, p. 321–333, 2005.

MENDONCA, Cristina Pinheiro; ANJOS, Luiz Antonio dos. Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 20(3):698-709, mai-jun, 2004

MENDRAS, Henri. **O que é sociologia?** São Paulo: Manole, 2004.

MYSKIW, Mauro. **Jogando na cidade**: estudo etnográfico de configurações e práticas no circuito de futebol SME-LIGAS de Porto Alegre. 2010, 57 fls. Projeto de Tese (doutoramento) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

MYSKIW, Mauro; MARIANTE NETO, Flávio Py; STIGGER, Marco Paulo. Trabalhadores da várzea: notas etnográficas sobre apropriação dos espaços de lazer para o trabalho. In:

CONGRESSO SUBBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 5., 2010, Itajaí. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2010.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições, **Revista Educação & Sociedade**, Campinas v.23, n.78, p.15-35. abr. 2002.

NORI, Célio. **Boleiros da areia: o esporte como expressão de cultura e cidadania**. São Paulo: SESC, 2002.

OHL. Fabien. Les objets sportifs: Comment des biens banalisés peuvent constituer des référents identitaires. **Anthropologie et Sociétés**, v. 27, n. 2, p.167-184, 2003.

OHL. Fabien. Are social classes still relevant to analyse sports groupings in “postmodern” society? An analysis referring to P. Bourdieu’s theory. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports** v.10 p. 146-155, 2000.

PALMA, Alexandre. Atividade física, processo saúde-doença e condições sócio-econômicas: Uma revisão da literatura. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.14, n., p. 97-106, jan./jun, 2000.

PALMA, Alexandre et al. Dimensões epidemiológicas associativas entre indicadores sócio-econômicos de vida e prática de exercícios físicos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 119-136, mai. 2006.

PARLEBAS, Pierre. **Juego deporte y sociedad**. Léxico de praxiología motriz. Barcelona: Paidotribo, 2001.

PEDRAZ, Vicente. Cultura física. In: Fernando Jaime González; Paulo Evaldo Fensterseifer. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2005, p. 116-119.

PEREIRA, Flávio Medeiros. **Dialética da cultura física**. São Paulo: Ícone, 1988.

PERKINS, Daniel F. et al. Childhood and adolescent sports participation as predictors of participation in sports and physical fitness activities during young adulthood. **Youth & society**, v. 35, n. 4, p. 495-520, jun. 2004.

PICH, Santiago. Cultura corporal de movimento. In: Fernando Jaime González; Paulo Evaldo Fensterseifer. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2005, p. 108-111.

PITANGA, Francisco José Gondim, LESSA, Ines. Prevalência e fatores associados ao sedentarismo no lazer em adultos, v.21 n.3, p.870-7. **Cadernos de Saúde Pública**. 2005.

POWELL Lisa M., SLATER Sandy, CHALOUPKA Frank J. The relationship between community physical activity settings and race, ethnicity and socioeconomic status. **Evidence-Based Prev Med**, v.1 p. 135–144, 2004;

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO. **Informe Regional sobre Desarrollo Humano para América Latina y el Caribe 2010: Actuar sobre el futuro: romper la transmisión intergeneracional de la desigualdad** . –1a. ed. – San José,

C.R.: Programa de Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD), 2010. Disponível em: <<http://www.idhalc-actuarsobreelfuturo.org/site/descarga.php?archivo=idhalc2010.pdf>> Acesso: 26 jul. 2010.

RIETH, Fernando Bruno. **Jogos intermunicipais do Rio Grande do Sul**: uma análise do processo de mudanças ocorridas no período de 1999 a 2002. 2005. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SAGE, George H. Class, gender and racial stratification and sport. In: _____ **Power and ideology in American sport**: a critical perspective. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books, 1990. p. 31-61.

SALLES-COSTA, Rosana; HEILBORN, Maria Luiza; WERNECK, Guilherme Loureiro, FAERSTEIN, Eduardo; LOPES Claudia, S. Gênero e prática de atividade física no lazer. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 19, supl 2, p. 325-33, 2003a.

SALLES-COSTA, Rosana; WERNECK, Guilherme Loureiro; LOPES Claudia, S. FAERSTEIN, Eduardo. Associação entre fatores sócio-demográficos e atividade física no lazer no Estudo Pró-Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 19, n. 4, p. 1095-1105, 2003b.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. A Teoria e a Tipologia de Classe Neomarxista de Erik Olin Wright. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 Nov 2007.

_____. Mudanças na estrutura de posições e segmentos de classe no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582001000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 Nov 2007.

_____. **Estrutura de posições de classe no Brasil**: Mapeamento, mudanças e efeitos na renda. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2002.

_____. Uma classificação socioeconômica para o Brasil. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, vol.20, no.58, p.27-45. jun. 2005a.

_____. Efeitos de classe na desigualdade racial no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 21-65, 2005b.

_____. Classe social e desigualdade de gênero no Brasil. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, pp. 353-402, 2008.

_____. A interação estrutural entre a desigualdade de raça e de gênero no Brasil. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, vol.24, n.70, pp. 37-60, 2009a.

_____. Posições de classe destituídas no Brasil. In: Jessé Souza. (Org.). **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b, p. 463-483.

_____. Classe Social e Desigualdade em Saúde no Brasil. In: 33º Encontro Anual da ANPOCS, 2009, Caxambu. **Anais do 33º Encontro Anual da ANPOCS**, 2009c. Disponível em:http://www.anpocs.org.br/portal/component/option,com_docman/task,doc_download/gid,223/Itemid,85/ Acesso 2 abril de 2010.

_____. Comprehending the Class Structure Specificity in Brazil. **South African Review of Sociology** (no prelo), 2010.

SCHEERDER, Jeroen et al. Social Sports Stratification in Flanders 1969–1999. Intergenerational Reproduction of Social Inequalities? **International Review for the Sociology of Sport**. Londres, v. 37, n. 2, p. 219–45, 2002.

SCHEERDER, Jeroen; VANREUSEL, Bart; TAKSA, Marijke. Stratification patterns of active sport involvement among adults. **International Review for the Sociology of Sport**. Londres, v. 40, n. 2, p. 139–162, 2005a.

SCHEERDER, Jeroen et al, Social stratification patterns in adolescents’ active sports participation behaviour: a time trend analysis 1969–1999. **European Physical Education Review**. Londres, v. 11, n. 2, p. 5–27, 2005b.

SCHEERDER, Jeroen et al. Sports participation among females from adolescence to adulthood: A Longitudinal Study. **International Review for the Sociology of Sport**. Londres, v. 41, n. 3–4, p. 413–430, 2006.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Ed. SENAC, 1999.

SEIPPEL, Ørnulf, The Meanings of Sport: Fun, Health, Beauty or Community? **Sport in Society**. Londres, v. 9, n. 1, p. 51–70, Jan. 2006a.

_____. Sport and Social Capital. **Acta Sociológica**. Londres, v. 49, n. 2, p. 169–183, jun. 2006b.

SERRANO-SÁNCHEZ, José Antonio. Prácticas y audiencias deportivas. Una Exploración de la consistencia y dirección de sus relaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**. Madrid, n. 87, p. 255-288, 1999.

SETTON, Maria da Graça J. A particularidade do processo de socialização contemporânea. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005.

_____. Processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural, **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.15, n.28, p.19-35, 2010.

SILVA, Paula Gonçalves da. **A cultura é importante para o consumidor e para o marketing?** Investigando a “dança” do patrocínio e o “ritmo” do Envolvimento; Anais do XXVIII EnANPAD; 2004; Curitiba; Português; Disponível em: www.gruporota.com.br/recursos/download.php?codigo=56. Acessado em: 15 de fevereiro, 2008.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

SPSS INC. **SPSS for Windows**, Rel. 15.0.1 [programa de computador]. Chicago: SPSS Inc.; 2006.

STEMPEL, Carl. Adult participation sports as cultural capital: A test of Bourdieu's theory of the field of sports. **International review for the sociology of sport**, v. 40, n. 4, p. 411–432, 2005.

STIGGER Marco P. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**. Porto Alegre, RS: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 7, p. 52-66, 1997.

_____. **Esporte, lazer e estilo de vida**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

THOMSON, Katarina **Cultural Capital and Social Exclusion Survey**: Technical Report. Manchester: National Centre for Social Research, 2004. Disponível em: <<http://www.abep.org/?usaritem=arquivos&iditem=23>> Acessado em: 20 de dezembro de 2007.

THRANE, Christer. Sport Spectatorship in Scandinavia: A Class Phenomenon? **International Review for the Sociology of Sport**. v. 36, p. 149-163, 2001.

TOURAINÉ, Alain. **Podemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1999.

WARDE, Alan. Cultural Capital and the Place of Sport. **Cultural Trends**. Londres, v. 15, n. 2/3, p. 107–122, jun/sep. 2006.

WHITE, Philip; WILSON, Wilson. Distinctions in the Stands: An Investigation of Bourdieu's „Habitus“, Socioeconomic Status and Sport Spectatorship in Canada, **International Review for the Sociology of Sport**. Londres, v. 34, n. 3, p. 254–64, 1999.

WILSON, Thomas C. The Paradox of Social Class and Sports Involvement: The Roles of Cultural and Economic Capital“, **International Review for the Sociology of Sport**. Londres, v. 37, n.1, p. 5–16, 2002.

ZIMAN, John. **O conhecimento confiável**: uma exploração dos fundamentos para a crença na ciência. São Paulo: Papirus, 1996.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

Fernando Jaime González

**BASES SOCIAIS DAS DISPOSIÇÕES PARA O ENVOLVIMENTO EM PRÁTICAS
DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE**

APÊNDICES

**Porto Alegre
2010**

SUMÁRIO

Apêndice 1 -	Questionário da pesquisa sobre as práticas de movimento corporal no tempo livre dos porto-alegrenses _____	3
Apêndice 2 -	Descrição das características das pesquisas PNAD (2008), PPV (1996-1997) e Vigitel (2006) _____	4
Apêndice 3 -	Comparação do rendimento mensal e proporção de praticantes de exercício físico conforme as posições de classe _____	8
Apêndice 4 -	Média de rendimento conforme classe e nível de estudo _____	10
Apêndice 5 -	Modalidades de exercícios físicos ou esportes praticados por homens conforme anos de escolaridade e faixas etárias (Com e sem peso)	11
Apêndice 6 -	Modalidades de exercícios físicos ou esportes praticados por mulheres conforme anos de escolaridade e faixas etárias (Com e sem peso)	13
Apêndice 7 -	Questionário – Pesquisa sobre as práticas culturais no tempo livre dos porto-alegrenses _____	15
Apêndice 8 -	Macroposições de classe e consumos culturais _____	34
Apêndice 9 -	Frases com oito consumos culturais _____	42
Apêndice 10 -	Frases com cinco consumos culturais _____	46
Apêndice 11 -	Agregação dos perfis consonantes e dissonantes de consumos culturais	48
Apêndice 12 -	Distribuição dos perfis de consumos culturais conforme as características sociais dos sujeitos _____	54
Apêndice 13 -	Perfis de consumos culturais e Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre _____	58
Apêndice 14 -	Perfis de “Cuidados com o corpo” – Vigitel 2006 _____	65
Apêndice 15 -	Termo de consentimento informado _____	68

APÊNDICE 2

DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DAS PESQUISAS PNAD (2008), PPV (1996-1997) E VIGITEL (2006)

PNAD 2008

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio é uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de periodicidade anual, em uma amostra de domicílios brasileiros que, por ter propósitos múltiplos, investiga diversas características socioeconômicas da sociedade, como população, educação, trabalho, rendimento e habitação. Outras características são investigadas com periodicidade variável, por exemplo, previdência social, migração, fecundidade, nupcialidade, saúde, nutrição, entre outras. Em 2008, com 163 perguntas, o suplemento saúde coletou diversas informações dessa área (existência de doenças como hipertensão, asma, diabetes, depressão, cirrose; da cobertura de plano de saúde; o acesso aos serviços de saúde; número de consultas médicas no ano etc.) e incluiu um conjunto de questões vinculado à realização de exercícios físicos ou esporte.

Amostra: 391.868 pessoas em 150.591 domicílios

Questões específicas na Figura 2.1

14	CARACTERÍSTICAS DE MOBILIDADE FÍSICA E FATORES DE RISCO À SAÚDE DOS MORADORES DE 14 ANOS OU MAIS DE IDADE (NASCIDAS ATE 27/09/1994)	14
ATIVIDADE FÍSICA		
<p>10 ___ costuma ir a pé ou de bicicleta de casa para o trabalho?</p> <p>2 <input type="checkbox"/> Sim → (siga 11)</p> <p style="text-align: right;">1410</p> <p>4 <input type="checkbox"/> Não → (passe ao 12)</p>	<p>14 Nos três últimos meses ___ praticou algum tipo de exercício físico ou esporte?</p> <p>2 <input type="checkbox"/> Sim → (siga 15)</p> <p style="text-align: right;">1414</p> <p>4 <input type="checkbox"/> Não → (encerre a parte)</p>	
<p>11 Quanto tempo ___ gasta para ir e voltar do trabalho?</p> <p>1 <input type="checkbox"/> Menos de 10 minutos</p> <p>2 <input type="checkbox"/> 10 a 19 minutos</p> <p>3 <input type="checkbox"/> 20 a 29 minutos</p> <p>4 <input type="checkbox"/> 30 a 44 minutos 1411</p> <p>5 <input type="checkbox"/> 45 a 59 minutos</p> <p>6 <input type="checkbox"/> 60 minutos ou mais</p> <p style="text-align: right;">(siga 12)</p>	<p>15 Qual a principal modalidade de exercício físico ou esporte que ___ pratica?</p> <p>1 <input type="checkbox"/> Caminhada (exceto esteira)</p> <p>3 <input type="checkbox"/> Futebol, basquete, ginástica aeróbica, corrida (inclusive esteira) ou tênis</p> <p>5 <input type="checkbox"/> Outro (especifique)</p> <p style="text-align: right;">(siga 16)</p> <p>7 <input type="checkbox"/> Não pratica mais → (encerre a parte)</p> <p style="text-align: right;">1415</p>	
<p>12 No seu trabalho, ___ anda a maior parte do tempo, carrega peso ou faz outra atividade que requer esforço físico intenso?</p> <p>2 <input type="checkbox"/> Sim</p> <p>4 <input type="checkbox"/> Não 1412</p> <p>6 <input type="checkbox"/> Não sabe</p> <p style="text-align: right;">(siga 13)</p>	<p>16 Quantos dias por semana ___ pratica exercício físico ou esporte?</p> <p>2 <input type="checkbox"/> 1 a 2 dias por semana</p> <p>4 <input type="checkbox"/> 3 a 4 dias por semana</p> <p>6 <input type="checkbox"/> 5 a 6 dias por semana 1416</p> <p>8 <input type="checkbox"/> Todos os dias</p> <p style="text-align: right;">(siga 17)</p>	
<p>13 Quem costuma fazer a faxina (limpeza pesada) na sua casa?</p> <p>1 <input type="checkbox"/> A própria pessoa</p> <p>3 <input type="checkbox"/> A própria pessoa com outra 1413</p> <p>5 <input type="checkbox"/> Outra pessoa</p> <p style="text-align: right;">(siga 14)</p>	<p>17 No dia que ___ pratica exercícios físicos ou esporte, quanto tempo dura esta atividade?</p> <p>1 <input type="checkbox"/> Menos de 20 minutos</p> <p>3 <input type="checkbox"/> 20 a 29 minutos 1417</p> <p>5 <input type="checkbox"/> 30 minutos ou mais</p> <p style="text-align: right;">(encerre a parte)</p>	
<p>OBSERVAÇÕES: _____</p>		

Figura 2.1: Perguntas específicas referidas à prática de exercícios físicos/esportes, Questionário da Pesquisa PNAD-2008 (BRASIL, 2009, p. 45).

PPV 1996-1997

A Pesquisa de Padrões de Vida (PPV), versão brasileira do Living Standard Measurement Survey (LSMS), foi implementada no ano 1996-97 em um projeto conjunto entre o Banco Mundial e o IBGE. A amostra incluiu a população das regiões Nordeste e Sudeste. No mesmo formato da PNAD da época, o levantamento também contém informações detalhadas das características pessoais e ocupacionais dos indivíduos. O questionário da PPV possui seções especiais sobre diferentes características da população. Na seção sobre saúde foram incluídas perguntas sobre o envolvimento dos sujeitos com exercícios físicos e esportes.

Amostra: 19.409 pessoas em 4.941 domicílios

Questões específicas na Figura 2.2

SEÇÃO 05 - SAÚDE - PARA TODOS OS MORADORES								
	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.
	Como avalia o seu estado de saúde?	Pratica exercício físico ou esporte?	Que tipo de exercício ou esporte pratica? (registrar o mais frequente)	Pratica exercício ou esporte todas as semanas?	Quantos dias na semana? (Incluir todos os exercícios ou esportes praticados)	Qual o tempo de duração, por dia? (Incluir todos os exercícios ou esportes praticados)	Como avalia sua respiração quando pratica exercício ou esporte?	Qual o principal motivo para praticar exercício ou esporte?
Nº de Ordem	Excelente.....1 Muito bom.....2 Bom.....3 Regular.....4 Ruim.....5 Não-avaliado.6 Não sabe.....7	Sim...1 Não...2 (passa ao 9)	Futebol, vôlei, basquete.....1 Corrida, caminhada, ciclismo...2 Ginástica, musculação, hidroginástica.....3 Natação, pólo aquático.....4 Judo, caratê e outras lutas.....5 Outro.....6	Sim...1 Não...2 (passa ao 9)	Um dia.....1 Dois dias.....2 Três dias.....3 Quatro dias.....4 Cinco a sete dias 5	Menos de 30 minutos.1 De 30 a 40 minutos....2 Mais de 40 minutos....3	Normal.....1 Pouco ofegante.2 Ofegante.....3 Muito ofegante..4 Não-avaliado....5 Não sabe.....6	Lazer, diversão.....1 Saúde, conselho médico ou fisioterapia.....2 Estética ou beleza...3 Outro.....4

Figura 2.3: Perguntas específicas vinculadas à prática de exercícios físicos/esportes, PPV 1996-1997 (BRASIL, 1998, p. 31).

Vigitel 2006

No ano de 2006 o Ministério da Saúde, especificamente a Secretaria de Vigilância em Saúde, implantou o sistema Vigitel (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico). O sistema tem como propósito o monitoramento contínuo da frequência e distribuição de fatores de risco e proteção para doenças crônicas em todas as capitais dos 26 Estados brasileiros e do Distrito Federal. Trata-se da realização contínua de entrevistas telefônicas assistidas por computador em amostras probabilísticas da população adulta residente em domicílios servidos por linhas fixas de telefone de cada cidade. O questionário aborda diversos temas vinculados à saúde, em que inclui perguntas específicas sobre a prática de exercícios físicos e esportes.

Amostra: 54.369 entrevistas

Questões específicas na Figura 2.3

Nas próximas questões, vamos perguntar sobre suas atividades físicas do dia-a-dia.

44. Nos últimos três meses, o(a) sr(a) praticou algum tipo de exercício físico ou esporte?

sim não (pule para q50) (não vale fisioterapia)

45. Qual o tipo principal de exercício físico ou esporte que o(a) sr(a) praticou? ANOTAR APENAS O PRIMEIRO CITADO

<input type="checkbox"/> caminhada (não vale deslocamento para trabalho)	<input type="checkbox"/> natação (pule para q47)
<input type="checkbox"/> caminhada em esteira (pule para q47)	<input type="checkbox"/> artes marciais e luta (pule para q47)
<input type="checkbox"/> corrida (pule para q47)	<input type="checkbox"/> bicicleta (pule para q47)
<input type="checkbox"/> corrida em esteira (pule para q47)	<input type="checkbox"/> futebol (pule para q47)
<input type="checkbox"/> musculação (pule para q47)	<input type="checkbox"/> basquetebol (pule para q47)
<input type="checkbox"/> ginástica aeróbica (pule para q47)	<input type="checkbox"/> voleibol (pule para q47)
<input type="checkbox"/> hidroginástica (pule para q47)	<input type="checkbox"/> tênis (pule para q47)
<input type="checkbox"/> ginástica em geral (pule para q47)	<input type="checkbox"/> outros (pule para q47)

46. Quando o(a) sr(a) faz caminhada, sua respiração costuma ficar:

igual a de sempre um pouco aumentada não sabe

47. O(a) sr(a) pratica o exercício pelo menos uma vez por semana?

sim não – (pule para q50)

48. Quantos dias por semana o(a) sr(a) costuma praticar esporte ou exercício?

todos os dias 3 a 4 dias por semana
 5 a 6 dias por semana 1 a 2 dias por semana

49. No dia que o(a) sr(a) pratica exercício ou esporte, quanto tempo dura esta atividade?

menos que 10 minutos entre 30 e 39 minutos
 entre 10 e 19 minutos entre 45 e 59 minutos
 entre 20 e 29 minutos 60 minutos ou mais

50. Nos últimos três meses, o(a) sr(a) trabalhou?

sim não – (pule para q55)

Figura 2.3: Perguntas específicas vinculadas à prática de exercícios físicos/esportes e trabalho, Vigitel Brasil 2006 (BRASIL, 2007, p. 97).

Referências

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio-PNAD 2008** [CD-ROM]. Rio de Janeiro: IBGE; 2009.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa sobre Padrões de Vida – 1996-1997** [CD-ROM]. Rio de Janeiro: IBGE; 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Vigitel Brasil 2006**: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/vigitel_2006_brasil.pdf>. Acesso em: 12 set. 2008.

APÊNDICE 3

COMPARAÇÃO DO RENDIMENTO MENSAL E PROPORÇÃO DE PRATICANTES DE EXERCÍCIO FÍSICO OU ESPORTE CONFORME AS POSIÇÕES DE CLASSE

Tabela 3.1 Comparação do rendimento mensal de todos os trabalhos conforme posição de classe

Scheffe ^{a,b}	Rendimento mensal de todos os trabalhos							
	N	Subset for alpha = 0.05						
Categorias de classe		1	2	3	4	5	6	7
Empregado doméstico	5021	436,81						
Trabalhador elementar	3155	520,86						
Autônomo precário	6626	599,07	599,07					
Trabalhador típico	19352		898,51					
Autônomo com ativos	3826			1348,88				
Empregado qualificado	4621				1681,04			
Supervisor	966				1796,16			
Pequeno empregador	2005					2936,22		
Gerente	1944					3217,78		
Empregado especialista	3424						3883,84	
Especialista autônomo	783						4060,58	
Capitalista	340							6741,55
Sig.		0,932	0,109	1,000	0,996	0,183	0,880	1,000

Médias dos grupos em subconjuntos homogêneos.

a. Utiliza um tamanho de amostra da média harmônica = 1547,346.

b. Os tamanhos dos grupos são diferentes. Usou-se a média harmônica de tamanhos de grupo. Os níveis de erro tipo I não são garantidos.

Fonte: dados originais do IBGE, microdados da PNAD de 2008.

Tabela 3.2 Comparação da proporção de praticantes de exercício físico ou esporte conforme posição de classe

Nos três últimos meses, praticou algum tipo de exercício físico ou esporte										
Comparação Qui-quadrado 2x2 entre todas as categorias										
Categorias de classe	N	P < 0,01								
		1	2	3	4	5	6	7	8	9
Empregado doméstico	5026	13,8								
Trabalhador elementar	3171		20,3							
Autônomo precário	6755			22,1	22,1					
Trabalhador típico	19613				27,6					
Autônomo com ativos	3991					32,5				
Pequeno empregador	2122					32,9				
Supervisor	984					35,9	35,9			
Empregado qualificado	4750						37,9			
Gerente	2022							42,5		
Empregado especialista	3598								49,8	
Capitalista	372								52,2	52,2
Especialista autônomo	857									54,8

Frequência relativa dos grupos em subconjuntos homogêneos.

Fonte: dados originais do IBGE, microdados da PNAD de 2008.

APÊNDICE 4

4,1 Média de Rendimento em reais conforme Classe e Nível de Estudo

Gênero	Posição de Classe	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Masculino	Capitalista	3838,64	6384,37	8926,64
	Pequeno empregador	2000,93	2894,89	5483,34
	Autônomo com ativos	1067,26	1598,10	3042,64
	Especialista autônomo	1141,36	2489,13	4944,72
	Gerente	1453,52	2045,99	4972,26
	Empregado especialista	942,80	2707,33	4784,88
	Empregado qualificado	1095,88	1690,57	2593,37
	Supervisor	1245,41	1780,59	2928,28
	Trabalhador típico	791,02	1012,35	1790,17
	Trabalhador elementar	516,72	577,13	911,20
	Autônomo precário	610,70	935,33	1632,17
	Empregado doméstico	558,99	676,54	675,00
	Total		820,21	1333,02
Feminino	Capitalista	2758,75	5572,93	5162,76
	Pequeno empregador	1715,45	2225,94	3694,39
	Autônomo com ativos	682,51	948,99	1614,83
	Especialista autônomo	1270,00	1500,00	3350,84
	Gerente	1098,87	1462,36	3408,79
	Empregado especialista	1286,50	2003,65	3283,77
	Empregado qualificado	747,25	1018,99	1750,67
	Supervisor	1004,42	1262,48	1963,71
	Trabalhador típico	560,41	721,25	1440,89
	Trabalhador elementar	482,86	520,26	536,53
	Autônomo precário	363,10	549,44	913,89
	Empregado doméstico	412,44	465,00	579,90
	Total		493,77	818,10

Fonte: dados originais do IBGE, microdados da PNAD de 2008.

APÊNDICE 5

Tabela 5.1 - Modalidades de exercícios físicos ou esportes praticados por homens conforme anos de escolaridade e faixas etárias (sem peso)

Idade	Escolaridade (anos)		Camisada	Corrida de rua	Corrida	Corrida em esteira	Musculação	Ginástica aeróbica	Hidroginástica	Ginástica em geral	Natação	Artes marciais e lutas	Bicicleta	Futebol	Basquetebol	Voleibol	Tênis	Outros	Total	
																				% E
25 a 34 anos	Até 8	Fr.	84	31	31	4	87	2	2	10	12	16	77	568	3	10	2	44	995	
		% E	9,4%	3,1%	3,1%	,4%	8,7%	,2%	,2%	1,0%	1,2%	1,6%	7,7%	37,1%	,3%	1,0%	,2%	4,4%	100,0%	
		% P	10,9%	11,8%	8,3%	22,2%	0,9%	5,1%	50,8%	11,8%	6,4%	10,1%	23,0%	20,9%	10,4%	7,3%	4,7%	12,3%	14,4%	100,0%
		% P	10,9%	11,8%	8,3%	22,2%	0,9%	5,1%	50,8%	11,8%	6,4%	10,1%	23,0%	20,9%	10,4%	7,3%	4,7%	12,3%	14,4%	100,0%
	9 a 11	Fr.	167	124	133	3	537	13	0	33	76	72	150	1521	26	44	8	103	3374	
		% E	11,3%	3,7%	4,3%	,1%	15,9%	,8%	,0%	1,0%	2,3%	2,1%	5,0%	45,1%	,8%	1,9%	,2%	5,3%	100,0%	
		% P	45,1%	47,3%	40,9%	16,7%	42,7%	33,3%	,0%	41,2%	40,6%	45,3%	50,7%	33,0%	34,2%	46,7%	18,6%	32,6%	48,7%	100,0%
		% P	45,1%	47,3%	40,9%	16,7%	42,7%	33,3%	,0%	41,2%	40,6%	45,3%	50,7%	33,0%	34,2%	46,7%	18,6%	32,6%	48,7%	100,0%
	12 ou +	Fr.	178	107	190	11	635	24	2	40	99	71	88	675	17	43	33	123	2586	
		% E	14,8%	4,2%	7,4%	,4%	24,8%	,9%	,1%	1,6%	3,9%	2,8%	3,4%	26,4%	,7%	2,5%	1,3%	4,8%	100,0%	
		% P	44,0%	40,8%	50,8%	61,1%	30,4%	61,5%	30,0%	47,1%	52,9%	44,7%	26,7%	24,4%	35,4%	46,0%	76,7%	34,9%	36,9%	100,0%
		% P	44,0%	40,8%	50,8%	61,1%	30,4%	61,5%	30,0%	47,1%	52,9%	44,7%	26,7%	24,4%	35,4%	46,0%	76,7%	34,9%	36,9%	100,0%
Total	Fr.	859	262	374	18	1259	39	4	85	187	159	333	2764	48	137	43	352	6025		
	% E	12,4%	3,8%	5,4%	,3%	18,2%	,8%	,1%	1,2%	2,7%	2,3%	4,8%	39,8%	,7%	2,0%	,6%	5,1%	100,0%		
	% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
35 a 44 anos	Até 8	Fr.	240	25	13	1	18	1	0	11	9	4	64	217	3	0	1	24	627	
		% E	38,3%	4,0%	2,1%	,2%	2,8%	,2%	,0%	1,8%	1,4%	,6%	10,2%	34,6%	,2%	,0%	,2%	3,8%	100,0%	
		% P	18,6%	25,3%	7,7%	7,1%	7,7%	9,1%	,8%	16,4%	11,7%	12,3%	30,3%	30,1%	80,0%	,0%	3,0%	20,3%	20,4%	100,0%
		% P	18,6%	25,3%	7,7%	7,1%	7,7%	9,1%	,8%	16,4%	11,7%	12,3%	30,3%	30,1%	80,0%	,0%	3,0%	20,3%	20,4%	100,0%
	9 a 11	Fr.	310	47	48	3	80	3	4	27	14	16	82	519	0	0	0	42	1206	
		% E	42,2%	3,9%	4,0%	,2%	6,6%	,2%	,3%	2,2%	1,2%	1,3%	6,8%	26,3%	,0%	,3%	,3%	3,3%	100,0%	
		% P	35,1%	47,3%	28,6%	21,4%	36,6%	27,3%	28,6%	40,3%	18,2%	30,9%	38,9%	44,3%	,0%	33,3%	18,2%	35,6%	38,2%	100,0%
		% P	35,1%	47,3%	28,6%	21,4%	36,6%	27,3%	28,6%	40,3%	18,2%	30,9%	38,9%	44,3%	,0%	33,3%	18,2%	35,6%	38,2%	100,0%
	12 ou +	Fr.	539	27	107	10	111	7	10	29	54	12	63	184	1	12	26	32	1246	
		% E	43,3%	2,2%	8,6%	,8%	8,9%	,8%	,8%	2,3%	4,7%	1,0%	5,2%	14,8%	,1%	1,0%	2,1%	4,2%	100,0%	
		% P	41,8%	27,3%	61,7%	71,4%	53,6%	63,6%	71,4%	43,3%	70,1%	37,3%	30,8%	25,6%	50,0%	86,7%	78,8%	44,1%	40,7%	100,0%
		% P	41,8%	27,3%	61,7%	71,4%	53,6%	63,6%	71,4%	43,3%	70,1%	37,3%	30,8%	25,6%	50,0%	86,7%	78,8%	44,1%	40,7%	100,0%
Total	Fr.	1288	99	168	14	207	11	14	67	77	32	211	720	2	12	33	118	3079		
	% E	41,8%	3,2%	5,5%	,3%	6,7%	,8%	,5%	2,2%	2,5%	1,0%	6,9%	25,4%	,1%	,8%	1,1%	3,8%	100,0%		
	% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
45 a 54 anos	Até 8	Fr.	288	9	11	2	7	1	3	10	2	0	30	36	0	0	0	14	435	
		% E	86,2%	2,1%	2,3%	,3%	1,8%	,2%	1,1%	2,3%	,3%	,0%	11,5%	8,3%	,0%	,0%	,0%	3,2%	100,0%	
		% P	52,3%	25,7%	27,3%	28,6%	9,9%	25,0%	22,7%	33,3%	8,7%	,0%	,0%	52,1%	30,8%	,0%	,0%	21,0%	50,8%	100,0%
		% P	52,3%	25,7%	27,3%	28,6%	9,9%	25,0%	22,7%	33,3%	8,7%	,0%	,0%	52,1%	30,8%	,0%	,0%	21,0%	50,8%	100,0%
	9 a 11	Fr.	237	4	10	0	21	1	4	3	4	2	27	43	0	1	3	17	603	
		% E	63,8%	2,0%	2,5%	,0%	5,2%	,2%	1,0%	1,2%	1,0%	,3%	6,7%	10,7%	,0%	,2%	,7%	4,2%	100,0%	
		% P	26,8%	22,9%	25,0%	,0%	29,6%	25,0%	18,2%	16,7%	17,4%	66,7%	28,1%	36,8%	,0%	25,0%	16,7%	27,9%	28,3%	100,0%
		% P	26,8%	22,9%	25,0%	,0%	29,6%	25,0%	18,2%	16,7%	17,4%	66,7%	28,1%	36,8%	,0%	25,0%	16,7%	27,9%	28,3%	100,0%
	12 ou +	Fr.	147	18	19	5	43	2	13	15	17	1	19	34	3	13	30	30	583	
		% E	59,1%	3,1%	3,2%	,8%	7,4%	,3%	2,2%	2,6%	2,9%	,2%	3,2%	6,3%	,3%	2,6%	5,1%	100,0%		
		% P	38,9%	51,4%	47,5%	71,4%	60,6%	30,8%	59,1%	30,8%	71,9%	33,3%	19,8%	32,3%	75,0%	83,3%	49,2%	41,1%	100,0%	
		% P	38,9%	51,4%	47,5%	71,4%	60,6%	30,8%	59,1%	30,8%	71,9%	33,3%	19,8%	32,3%	75,0%	83,3%	49,2%	41,1%	100,0%	
Total	Fr.	892	35	40	7	71	4	22	38	23	3	86	117	4	14	33	61	1423		
	% E	62,7%	2,5%	2,8%	,3%	5,9%	,3%	1,5%	2,1%	1,6%	,2%	6,7%	8,2%	,3%	1,7%	4,3%	100,0%			
	% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

% E: porcentagem dentro da escolaridade; % P: porcentagem dentro da PMCTL
 Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, MICRODADOS do Vigitel de 2006.

Tabela 5.2 - Modalidades de exercícios físicos ou esportes praticados por homens conforme anos de escolaridade e faixas etárias (com peso)

Idade			Comunidade	Caminhada em esteira	Corrida	Corrida em esteira	Musculação	Ginástica aeróbica	Hidroginástica	Ginástica em geral	Natação	Artes					Total		
												marciais e lutas	Bíscetos	Futebol	Raquetebol	Vôleibol		Tênis	Outros
25 a 30 anos	Até 8 anos	Fc.	267968	71102	92561	4448	218546	241	3765	32365	15035	48905	169254	1390023	663	8112	16834	97960	2429782
		%E	11,0%	2,9%	3,8%	,2%	9,0%	,0%	,2%	1,3%	,8%	1,7%	7,0%	57,2%	,0%	,3%	,7%	4,0%	100,0%
		%P	34,0%	33,3%	33,5%	22,4%	28,9%	1,3%	73,3%	44,2%	12,1%	41,1%	51,5%	53,4%	13,1%	18,5%	33,9%	36,1%	43,0%
	9 a 11 anos	Fc.	293293	72117	85892	819	269034	7114	0	20313	47027	32128	108660	837269	2777	23328	9433	116298	1916122
		%E	15,3%	3,8%	4,5%	,0%	13,6%	,4%	,0%	1,1%	2,5%	1,7%	5,8%	43,7%	,1%	1,2%	,5%	6,1%	100,0%
		%P	38,1%	33,9%	31,1%	4,1%	34,4%	37,3%	,0%	27,7%	37,9%	32,3%	34,2%	32,2%	54,7%	53,2%	19,0%	42,8%	33,9%
	12 ou + anos	Fc.	209544	69765	90108	14575	276841	11723	1234	20576	62145	26502	38969	375476	1638	12389	23447	57357	1300310
		%E	16,1%	5,4%	7,4%	1,1%	21,3%	,9%	,1%	1,6%	4,8%	2,0%	3,0%	28,9%	,1%	1,0%	1,8%	4,4%	100,0%
		%P	27,2%	32,7%	33,5%	75,5%	36,6%	61,4%	24,7%	28,1%	30,0%	26,0%	12,3%	14,4%	32,3%	28,3%	47,2%	21,1%	23,0%
	Total	Fc.	770805	213204	276361	19842	755421	19078	4999	73254	124207	98335	316274	2602788	5078	43839	49714	271615	5646214
		%E	13,7%	3,8%	4,9%	,4%	13,4%	,2%	,1%	1,3%	2,2%	1,8%	5,8%	46,1%	,1%	,8%	,9%	4,8%	100,0%
		%P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
39 a 52 anos	Até 8 anos	Fc.	347384	68971	11849	1610	28283	1494	0	7051	13123	9701	94637	422676	2242	0	1505	33372	1043098
		%E	33,3%	6,6%	1,3%	,2%	2,7%	,1%	,0%	,7%	1,3%	,9%	9,1%	40,5%	,2%	,0%	,1%	3,2%	100,0%
		%P	30,0%	49,8%	6,8%	9,7%	14,6%	20,9%	,0%	16,5%	18,3%	27,8%	47,8%	50,7%	92,0%	,0%	5,5%	29,0%	34,6%
	9 a 11 anos	Fc.	353148	39462	37573	946	65119	1293	608	26378	8988	8427	48722	269173	0	1835	2067	29345	893894
		%E	39,3%	4,4%	4,2%	,1%	7,3%	,2%	,1%	3,0%	1,0%	,9%	5,3%	30,1%	,0%	,2%	,2%	3,3%	100,0%
		%P	30,3%	28,5%	23,2%	5,7%	33,6%	22,3%	18,3%	61,6%	12,7%	24,2%	24,8%	32,3%	,0%	22,3%	7,1%	23,8%	28,7%
	12 ou + anos	Fc.	457399	30140	113153	14052	100121	4050	2683	9384	48903	16708	54792	142597	198	6450	23966	52127	1076633
		%E	42,5%	2,8%	10,5%	1,3%	9,3%	,4%	,2%	,9%	4,5%	1,6%	5,1%	13,2%	,0%	,6%	2,2%	4,8%	100,0%
		%P	39,3%	21,8%	69,9%	84,6%	51,7%	56,7%	81,3%	21,9%	68,9%	48,0%	27,7%	17,1%	8,0%	77,7%	87,0%	41,2%	35,7%
	Total	Fc.	1157841	138373	161777	16688	193723	7137	3291	42813	71014	34836	198351	834446	2438	8305	27538	115244	3613533
		%E	38,4%	4,6%	5,4%	,6%	6,4%	,2%	,1%	1,4%	2,4%	1,2%	6,6%	27,7%	,1%	,3%	,9%	3,8%	100,0%
		%P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
53 a 65 anos	Até 8 anos	Fc.	276570	12498	13311	2729	14483	1527	2435	6090	877	0	52533	92884	0	0	0	6007	483944
		%E	57,1%	2,6%	3,2%	,8%	3,0%	,3%	,5%	1,3%	,2%	,0%	10,9%	19,2%	,0%	,0%	,0%	1,2%	100,0%
		%P	52,7%	35,6%	37,0%	36,5%	34,1%	66,8%	10,4%	42,3%	8,2%	,0%	61,9%	48,7%	,0%	,0%	,0%	29,0%	47,7%
	9 a 11 anos	Fc.	82709	12597	2213	0	10800	0	508	675	1282	555	18018	39614	0	3948	4451	176570	
		%E	46,8%	7,1%	1,3%	,0%	5,7%	,0%	,3%	,4%	,7%	,3%	10,2%	22,4%	,0%	2,2%	2,5%	100,0%	
		%P	15,8%	35,9%	5,4%	,0%	23,6%	,0%	2,2%	4,7%	11,9%	72,1%	21,8%	20,8%	,0%	24,6%	21,5%	17,4%	
	12 ou + anos	Fc.	165736	10033	23626	4743	17651	759	20381	5633	8598	215	12180	38336	261	12131	10266	353043	
		%E	46,9%	2,8%	6,7%	1,3%	5,1%	,2%	3,8%	2,2%	2,4%	,1%	3,5%	16,5%	,1%	3,4%	2,9%	100,0%	
		%P	31,6%	28,6%	57,6%	63,5%	42,3%	33,2%	87,4%	53,0%	79,9%	27,0%	14,7%	30,6%	100,0%	75,4%	49,5%	34,8%	
	Total	Fc.	520115	35126	41346	7472	42414	2286	23324	14398	10737	770	82731	198874	261	16079	20724	1013557	
		%E	51,8%	3,5%	4,1%	,7%	4,2%	,2%	2,3%	1,4%	1,1%	,1%	8,2%	18,8%	,0%	1,6%	2,8%	100,0%	
		%P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

% E: porcentagem dentro da escolaridade; % P: porcentagem dentro da PMCTL

Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, Microdados do Vigitel de 2006.

APÊNDICE 6

Tabela 6.1 - Modalidades de exercícios físicos ou esportes praticados por mulheres conforme anos de escolaridade e faixas etárias (sem peso)

Idade	Escolaridade (anos)	Faixa	Caminhada	Caminhada de um estêreo	Corrida	Corrida em estêreo	Misturada	Ginástica aeróbica	Hidroginástica	Ginástica em geral	Natação	Artes marciais e lutas	Bicicleta	Futebol	Basquetebol	Voleibol	Tênis	Outros	Total			
																				% E	% P	
27 a 38 anos	Até 8	Fc	84	31	31	4	87	2	2	10	12	16	77	568	5	10	2	44	995			
		% E	9,4%	3,1%	3,1%	,4%	8,7%	,2%	,2%	1,0%	1,2%	1,6%	7,7%	57,1%	,2%	1,0%	,2%	4,4%	100,0%			
		% P	10,9%	11,8%	8,3%	22,2%	6,9%	5,1%	50,0%	11,8%	6,4%	10,1%	23,0%	20,5%	18,4%	7,3%	4,7%	12,5%	14,4%	100,0%		
		P																				
	9 a 11	Fc	387	124	133	3	537	13	0	33	36	72	170	1321	26	64	4	103	3374			
		% E	11,3%	3,7%	4,5%	,1%	13,9%	,4%	,0%	1,0%	2,3%	2,1%	5,0%	43,1%	,8%	1,9%	,2%	5,3%	100,0%			
		% P	45,1%	47,3%	40,9%	16,7%	42,7%	33,3%	,0%	41,2%	40,6%	45,3%	30,7%	55,0%	54,2%	46,7%	18,0%	52,6%	48,7%	100,0%		
		P																				
	12 ou +	Fc	378	107	190	11	633	24	2	40	99	71	88	675	17	63	33	123	2534			
		% E	14,8%	4,2%	7,4%	,4%	24,4%	,9%	,1%	1,6%	3,9%	2,8%	3,4%	26,4%	,7%	2,5%	1,3%	4,8%	100,0%			
		% P	44,0%	40,8%	50,8%	61,1%	50,4%	61,3%	50,0%	47,1%	52,9%	44,7%	26,7%	24,4%	33,4%	46,0%	76,7%	34,9%	36,9%	100,0%		
		P																				
Total	Fc	850	262	374	18	1258	39	4	85	187	159	335	2764	48	137	43	332	6925				
	% E	12,4%	3,0%	5,4%	,3%	18,2%	,6%	,1%	1,2%	2,7%	2,3%	4,8%	39,9%	,7%	2,0%	,6%	5,1%	100,0%				
	% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%			
	P																					
39 a 52 anos	Até 8	Fc	240	25	13	1	16	1	0	11	9	4	64	217	1	6	1	24	627			
		% E	36,3%	4,0%	2,1%	,2%	2,6%	,2%	,0%	1,8%	1,4%	,6%	16,2%	34,0%	,2%	,8%	,2%	3,6%	100,0%			
		% P	18,6%	25,3%	7,7%	7,1%	7,7%	9,1%	,0%	16,4%	11,7%	12,3%	30,3%	30,1%	50,0%	,0%	3,0%	20,3%	20,4%	100,0%		
		P																				
	9 a 11	Fc	509	47	48	3	80	3	4	27	14	16	82	319	0	6	6	42	1206			
		% E	42,2%	3,9%	4,8%	,2%	6,6%	,2%	,3%	2,2%	1,2%	1,3%	6,8%	26,5%	,0%	,5%	,3%	3,5%	100,0%			
		% P	39,3%	47,3%	26,6%	21,4%	36,6%	27,3%	28,6%	40,3%	18,2%	50,0%	38,9%	44,3%	,0%	33,3%	18,2%	35,6%	39,2%	100,0%		
		P																				
	12 ou +	Fc	339	27	107	10	111	7	30	29	54	12	63	184	1	12	26	52	1244			
		% E	43,7%	2,2%	8,6%	,8%	8,9%	,6%	3,8%	2,3%	4,7%	1,8%	5,2%	14,8%	,3%	1,0%	2,1%	4,2%	100,0%			
		% P	41,8%	27,3%	63,7%	71,4%	53,6%	63,6%	71,4%	43,3%	70,1%	37,3%	30,8%	25,6%	50,0%	66,7%	78,6%	44,1%	40,3%	100,0%		
		P																				
Total	Fc	1388	99	168	14	207	11	34	47	77	32	211	720	2	18	33	118	3079				
	% E	41,8%	3,2%	5,5%	,3%	6,7%	,4%	,5%	2,2%	2,5%	1,8%	6,9%	23,4%	,1%	,6%	1,1%	3,8%	100,0%				
	% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%			
	P																					
53 a 65 anos	Até 8	Fc	288	9	11	2	7	1	5	10	2	0	50	36				14	435			
		% E	66,2%	2,1%	2,5%	,3%	1,6%	,2%	1,1%	2,3%	,3%	,0%	11,5%	8,3%				3,2%	100,0%			
		% P	32,1%	25,7%	27,5%	29,6%	9,9%	23,0%	22,7%	33,3%	8,7%	,0%	52,1%	30,8%				,0%	23,0%	30,8%	100,0%	
		P																				
	9 a 11	Fc	257	8	10	0	21	1	4	5	4	2	27	43					17	403		
		% E	63,8%	2,0%	2,5%	,0%	5,2%	,2%	1,0%	1,2%	1,0%	,3%	6,7%	10,7%					4,2%	100,0%		
		% P	28,8%	22,9%	25,0%	,0%	29,6%	25,0%	18,2%	16,7%	17,4%	66,7%	28,1%	36,8%				25,0%	16,7%	27,9%	28,3%	100,0%
		P																				
	12 ou +	Fc	347	18	19	5	43	2	33	13	17	1	19	38					50	583		
		% E	59,3%	3,1%	3,2%	,9%	7,4%	,3%	2,2%	2,8%	2,9%	,2%	3,2%	6,5%					5,1%	100,0%		
		% P	38,9%	51,4%	47,3%	71,4%	60,6%	50,0%	58,1%	50,0%	73,9%	33,3%	19,8%	32,5%				75,0%	83,3%	49,2%	41,1%	100,0%
		P																				
Total	Fc	882	35	40	7	71	4	22	30	23	3	96	137					142	1423			
	% E	62,7%	2,5%	2,8%	,3%	5,0%	,3%	1,3%	2,1%	1,8%	,2%	6,7%	8,2%					4,3%	100,0%			
	% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%		
	P																					

% E: porcentagem dentro da escolaridade; % P: porcentagem dentro da PMCTL

Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, Microdados do Vigitel de 2006.

Tabela 6.2 - Modalidades de exercícios físicos ou esportes praticados por mulheres conforme anos de escolaridade e faixas etárias (com peso)

Idade			Caminhada	Caminhada em esteira	Corrida	Corrida em esteira	Musculação	Ginástica aeróbica	Hidroginástica	Ginástica em geral	Natação	Artes					Outros	Total	
												marciais e luta	Bicicleta	Futebol	Basquetebol	Vôleibol			Tênis
25 a 38 anos	Até 8	Escolaridade (anos)	607483	8078	27073	1905	83898	23772	1402	50916	0	8937	35803	17651	0	3586	0	11128	881632
		% E	68,9%	,9%	3,1%	,2%	9,5%	2,7%	,2%	5,8%	,0%	1,0%	4,1%	2,0%	,0%	,4%	,0%	1,3%	100,0%
		% P	42,6%	19,6%	35,2%	8,2%	19,6%	16,8%	2,4%	24,8%	,0%	30,4%	27,5%	42,3%	,0%	18,5%	,0%	8,4%	31,2%
	9 a 11	Escolaridade (anos)	483655	15047	23472	8026	124878	51525	28168	63345	17697	7529	43895	20745	0	8828	739	35758	933307
		% E	51,8%	1,6%	2,5%	,9%	13,4%	5,5%	3,0%	6,8%	1,9%	,8%	4,7%	2,2%	,0%	,9%	,1%	3,8%	100,0%
		% P	33,9%	36,5%	30,5%	34,6%	29,2%	36,4%	49,2%	30,9%	26,4%	25,6%	33,7%	49,7%	,0%	45,7%	13,5%	27,0%	33,0%
	12 ou +	Escolaridade (anos)	535881	18127	26315	13288	219541	68441	27718	90769	49349	12935	50610	3343	111	6918	4721	85400	1011465
		% E	53,2%	1,8%	2,6%	1,3%	21,7%	6,6%	2,7%	9,0%	4,9%	1,3%	5,0%	,3%	,0%	,7%	,5%	8,4%	100,0%
		% P	23,5%	43,9%	34,2%	57,2%	51,3%	46,9%	48,4%	44,3%	73,6%	44,0%	38,8%	8,0%	100,0%	35,8%	86,5%	64,6%	35,8%
	Total	Escolaridade (anos)	1427019	41252	76860	23219	428317	141738	57288	205030	67046	29481	130308	41739	111	19332	5460	132386	2826404
		% E	50,5%	1,5%	2,7%	,8%	15,2%	5,0%	2,0%	7,3%	2,4%	1,0%	4,6%	1,3%	,0%	,7%	,2%	4,7%	100,0%
		% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
39 a 52 anos	Até 8	Escolaridade (anos)	406267	8575	4730	8734	51792	13562	41938	12741	0	143	12607	1880	0	0	0	18980	583987
		% E	69,6%	1,5%	,8%	1,5%	8,9%	2,7%	2,2%	2,2%	,0%	,0%	2,2%	,7%	,0%	,0%	,0%	3,3%	100,0%
		% P	35,6%	22,6%	15,2%	81,8%	22,7%	23,2%	45,1%	13,8%	,0%	100,0%	19,9%	64,4%	,0%	,0%	,0%	19,3%	30,6%
	9 a 11	Escolaridade (anos)	340884	7020	4541	1079	51596	19331	14772	39353	9530	0	24934	1017	0	1618	0	22660	538795
		% E	63,3%	1,3%	,8%	,2%	9,6%	3,6%	2,7%	7,3%	1,8%	,0%	4,6%	,2%	,0%	,3%	,0%	4,2%	100,0%
		% P	29,9%	18,6%	14,6%	10,1%	22,6%	29,3%	15,9%	42,6%	26,5%	,0%	39,4%	34,8%	,0%	27,2%	,0%	23,3%	28,2%
	12 ou +	Escolaridade (anos)	394044	22235	21739	870	124595	32620	36207	40366	26376	0	23682	23	149	4321	484	56280	785831
		% E	50,1%	2,8%	2,8%	,1%	15,9%	4,1%	4,6%	5,1%	3,4%	,0%	3,3%	,0%	,0%	,5%	,1%	7,2%	100,0%
		% P	34,5%	58,7%	70,1%	8,1%	54,7%	47,7%	30,0%	43,7%	73,5%	,0%	40,6%	,8%	100,0%	72,4%	100,0%	57,4%	41,2%
	Total	Escolaridade (anos)	1141195	37860	31050	10723	227983	67113	92915	92460	36146	143	63213	2920	149	5939	684	98120	1968613
		% E	59,8%	2,0%	1,6%	,6%	13,9%	3,5%	4,9%	4,8%	1,9%	,0%	3,3%	,2%	,0%	,3%	,0%	3,1%	100,0%
		% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
53 a 65 anos	Até 8	Escolaridade (anos)	190133	980	9323	0	5491	5700	7254	20418	709	0	1487	0	0	0	0	14783	258278
		% E	73,6%	,4%	3,6%	,0%	2,9%	2,2%	2,8%	7,9%	,3%	,0%	,6%	,0%	,0%	,0%	,0%	5,7%	100,0%
		% P	52,6%	18,1%	82,0%	,0%	24,0%	39,0%	26,1%	74,6%	12,4%	,0%	17,4%	,0%	,0%	,0%	,0%	40,0%	48,1%
	9 a 11	Escolaridade (anos)	88941	2522	425	324	6693	2204	4375	3953	519	0	739	0	0	0	0	4109	113924
		% E	77,3%	2,2%	,4%	,3%	5,9%	1,9%	3,8%	3,3%	,5%	,0%	,7%	,0%	,0%	,0%	,0%	3,6%	100,0%
		% P	24,3%	46,6%	2,8%	100,0%	21,4%	15,3%	15,7%	14,4%	9,1%	,0%	8,9%	,0%	,0%	,0%	,0%	11,3%	21,2%
	12 ou +	Escolaridade (anos)	83507	1905	5288	0	17064	6727	16162	2991	4498	709	6308	1895	101	1800	101	165235	
		% E	50,5%	1,2%	3,2%	,0%	10,3%	4,1%	9,8%	1,8%	2,7%	,4%	3,8%	1,1%	,1%	10,9%	,0%	100,0%	
		% P	23,1%	35,2%	35,2%	,0%	54,6%	46,0%	58,2%	10,9%	78,6%	100,0%	73,7%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	48,9%	30,7%
	Total	Escolaridade (anos)	361681	5407	15036	324	31248	14631	27791	27362	5726	709	8554	1895	101	36972	57437	537437	
		% E	67,3%	1,0%	2,8%	,1%	5,8%	2,7%	5,2%	5,1%	1,1%	,1%	1,6%	,4%	,0%	6,9%	,0%	100,0%	
		% P	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

% E: porcentagem dentro da escolaridade; % P: porcentagem dentro da PMCTL

Fonte: dados originais do Ministério da Saúde, Microdados do Vigitel de 2006.

APÊNDICE 7

1



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO

PESQUISA SOBRE AS PRÁTICAS CULTURAIS NO TEMPO LIVRE DOS PORTO-ALEGRENSIS

Entrevistador			
Data da entrevista			

Sujeito da pesquisa			
Telefone			

Bairro			
Rua			
Número			
Complemento			
Nº do questionário na seqüência realizada pelo entrevistador			

ENTREVISTADOR DESCREVA O TIPO DE VÍNCULO/RELAÇÃO/CONTATO COM O SUJEITO DA PESQUISA

Bom-dia/Boa-tarde! Sou um entrevistador que presta serviços para a UFRGS e estou fazendo uma pesquisa sobre hábitos culturais da população de Porto Alegre. Gostaríamos de contar com a sua participação, respondendo este questionário. É importante destacar que não há resposta correta ou incorreta, que a pesquisa é para fins acadêmicos, e que as informações coletadas são confidenciais. Desde já agradeço sua participação.

1. DADOS PESSOAIS

- 1.1) Sexo:** M (1); F (2)
- 1.2) Cor da pele:** Branca (1); Negra (2); Parda (3); Indígena (4); Amarela (5); Outro (6) (Qual?): _____
- 1.3) Idade:** [][]
- 1.4) Estado civil:** Solteiro (1); Casado/vivendo em união estável (2); Divorciado/separado (3); Viúvo (4)
- 1.5) Tem filhos?** Sim (1);
Não (2) → p. 1.8
- 1.6) Quantos filhos?** [][]
- 1.7) Qual é a idade dos filhos que moram com o Sr(a)?**
(1) [][]; (2) [][]; (3) [][]; (4) [][];
(5) [][]; (6) [][]; (7) [][]; (8) [][]
- 1.8) Em que bairro mora?** _____
NS (98) NR (99)

1.9) Sempre morou em Porto Alegre?

Sim (1) → p. 1.15
Não (2)

1.10) Morou em outra localidade até os 12 anos?

Sim (1);
Não (2) → p. 1.15

1.11) Em qual localidade você morava? _____

NS (98) NR (99)

1.12) Estado? [][] NS (98) NR (99)

1.13) Zona urbana (1); Zona rural (2)?; Vila na z. rural (3)

1.14) Com que idade veio morar em Porto Alegre?

[][] NS (98) NR (99)

1.15) Qual é o seu grau de escolaridade?

Nenhuma escolaridade (1)
Ensino fundamental incompleto (2) – Série: _____
Ensino fundamental completo (3)
Ensino médio incompleto (4) Série: _____
Ensino médio completo (5)
Curso técnico incompleto (ensino médio) (6)
Curso técnico completo (ensino médio) (7)
Superior incompleto (8)
Superior (9) **1.15 a) Curso?** _____
Pós-graduação (10)

1.16) Neste momento, qual destas é sua atividade principal?

Exerce uma atividade remunerada (1)
Estudante (2) → p. 1.34
Dono(a) de casa (3) → p. 1.34
Aposentado(a) (4) → p. 1.26
Desempregado(a) (5) → p. 1.27

1.17) Qual é sua ocupação/profissão? Em que você trabalha?

[ENTREVISTADOR: A OCUPAÇÃO DEVE SER REGISTRADA DE FORMA SUFICIENTEMENTE ESPECÍFICA, A FIM DE PERMITIR A CORRETA IDENTIFICAÇÃO. Entende-se por ocupação o cargo, função, profissão ou ofício que a pessoa exerce, não devendo ser confundida com formação profissional]

NS (98) NR (99)

1.18) Quantas horas semanais trabalha nessa ocupação?

[][] horas por semana; NS (98) NR (99)

1.19) Nessa ocupação/profissão você é:

Empregador(a) (1);
Conta-própria (2); → p. 1.21
Empregado(a) (3); → p. 1.22

1.20) Quantos empregados trabalham em sua empresa ou negócio?

[][][] NS (98) NR (99)

1.21) Qual é o valor do rendimento líquido mensal de seu trabalho autônomo, firma, negócio ou empresa?

[] [] [] [] [] [] [] [] NS (98) NR (99) → p. 1.25

1.22) Desempenha cargo de supervisão de outros funcionários?

Sim (1);
Não (2); NS (98) NR (99) → p. 1.24

1.23) Quantos funcionários supervisiona?

[] [] [] [] NS (98) NR (99)

1.24) Quanto recebeu de salário líquido no último pagamento?

[] [] [] [] [] [] [] [] NS (98) NR (99)

1.25) Você é quem mais contribui para a renda global de sua família?

Sim (1) → p. 1.42
Não (2) → p. 1.34
De forma equivalente (3) → p. 1.34

1.26) Antes de aposentar-se, você era quem mais contribuía para a renda global de sua família?

Sim (1) → p. 1.28
Não (2) → p. 1.34

1.27) Antes de ficar desempregado, o Sr (Sra.) era quem mais contribuía para a renda global de sua família?

Sim (1)
Não (2) → p. 1.34

1.28) Qual era a sua ocupação/profissão?

[ENTREVISTADOR: A OCUPAÇÃO DEVE SER REGISTRADA DE FORMA SUFICIENTEMENTE ESPECÍFICA, A FIM DE PERMITIR A CORRETA IDENTIFICAÇÃO]

NS (98) NR (99)

1.29) Quantas horas semanais trabalhava nessa ocupação?

[] [] [] horas por semana; NS (98) NR (99)

1.30) Nessa ocupação/profissão você era:

Empregador(a) (1);
Conta-própria (2); → p. 1.42
Empregado(a) (3); → p. 1.32

1.31) Quantos empregados trabalhavam em sua empresa?

[] [] [] [] NS (98) NR (99) → p. 1.42

1.32) Desempenhava cargo de supervisão de outros funcionários?

Sim (1);
Não (2); NS (98) NR (99) → p. 1.42

1.33) Quantos funcionários supervisionava?

[] [] [] [] [] [] [] [] NS (98) NR (99) → p. 1.42

1.34) Qual é a ocupação profissional da pessoa que mais contribui(a) para o rendimento global da família?

[ENTREVISTADOR: A OCUPAÇÃO DEVE SER REGISTRADA DE FORMA SUFICIENTEMENTE ESPECÍFICA, A FIM DE PERMITIR A CORRETA IDENTIFICAÇÃO. Entende-se por ocupação o cargo, função, profissão ou ofício que a pessoa exerce, não devendo ser confundida com formação profissional]

NS (98) NR (99)

1.35) Nessa ocupação/profissão a pessoa que mais contribui(a) para o rendimento global da família é (era):

Empregador(a) (1);
Conta-própria (2); → p. 1.37
Empregado(a) (3); → p. 1.38
NS (98) NR (99) → p. 1.41

1.36) Quantos empregados trabalham na empresa ou negócio dessa pessoa?

[] [] [] [] NS (98) NR (99)

1.37) Qual é o valor do rendimento líquido mensal do trabalho autônomo, firma, negócio ou empresa dessa pessoa?

[] [] [] [] [] [] [] [] NS (98) NR (99) → p. 1.41

1.38) Essa pessoa desempenha cargo de supervisão de outros funcionários?

Sim (1);
Não (2); NS (98) NR (99) → p. 1.40

1.39) Quantos funcionários essa pessoa supervisiona?

[] [] [] [] [] [] [] [] NS (98) NR (99)

1.40) Quanto essa pessoa recebeu de salário líquido no último pagamento?

[] [] [] [] [] [] [] [] NS (98) NR (99)

1.41) Qual é o grau de escolaridade dessa pessoa?

Nenhuma escolaridade (1)
Ensino fundamental incompleto (2) – Série: _____
Ensino fundamental completo (3)
Ensino médio incompleto (4) Série: _____
Ensino médio completo (5)
Curso técnico (ensino médio) (6)
Superior incompleto (7)
Superior (8) 1.41 a) Curso? _____

1.42) Em quanto estima a renda mensal de seu grupo familiar (atualmente)?

[] [] [] [] [] [] [] [] NS (98) NR (99)

1.43) Qual das seguintes situações descreve melhor a atividade física que desenvolve em seu trabalho atual?

Sentado a maior parte da jornada (1)
De pé a maior parte da jornada, sem esforços (2)
Caminhando, deslocamentos freqüentes (3)
Trabalho pesado, grandes esforços físicos (4)
NS (98) NR (99)

4

2.18) Quando pratica a atividade que mais realiza, sua frequência cardíaca aumenta de forma:

(1) Leve; (2) Moderada; (3) Intensa; NS (98); NR (99)

2.19) Quando pratica a atividade que mais realiza sua frequência respiratória aumenta de forma?

(1) Leve; (2) Moderada; (3) Intensa; NS (98); NR (99)

2.20) Em que lugar costuma a praticar a 1ª ATIVIDADE?

NS (98); NR (99)

[ENTREVISTADOR: O LUGAR EM QUE COSTUMA A REALIZAR A/S PRÁTICA/S DEVE SER REGISTRADO DE FORMA SUFICIENTEMENTE ESPECÍFICA, A FIM DE PERMITIR A CORRETA IDENTIFICAÇÃO]

2.21) ... praticar a 2ª ATIVIDADE?

NS (98); NR (99)

2.22) ... praticar a 3ª ATIVIDADE?

NS (98); NR (99)

2.23) Habitualmente, de qual das seguintes formas pratica **[ENTREVISTADOR: LEIA AS ALTERNATIVAS]**

1ª ATIVIDADE []

2ª ATIVIDADE []

3ª ATIVIDADE []

Sozinho (1)

Em família (2)

Entre amigos (3)

Entre colegas (4)

Entre vizinhos (5)

Sempre em grupo (variam os parceiros) (6)

Outras _____

2.24) Quais as principais razões que o levam a realizar a 1ª ATIVIDADE?

[] [] 1ª razão [] [] 2ª razão [] [] 3ª razão

No caso de outras razões, detalhar:

(NÃO SUGERIR NADA. ASSINALAR AS RAZÕES APONTADAS PELO INQUIRIDO, PELA ORDEM POR ELE REFERIDA, NAS COLUNAS RESPECTIVAS)

Razões/Motivos

1. Divertimento, ocupação do tempo livre
2. O convívio que proporciona
3. Manter e melhorar a condição física
4. Melhorar/manter a estética corporal
5. Questão de saúde
6. Recomendação médica
7. Porque gosta de esporte

8. Fazer carreira esportiva

9. Gostar da competição esportiva

10. Quebrar com a rotina do dia-a-dia

11. Contato com a natureza

12. Sentir/explorar o corpo

13. Outras razões (detalhar) _____

NS (98) NR (99)

2.25) ... a 2ª ATIVIDADE?

[] [] 1ª razão [] [] 2ª razão [] [] 3ª razão

No caso de outras razões, detalhar:

2.26) ... a 3ª ATIVIDADE?

[] [] 1ª razão [] [] 2ª razão [] [] 3ª razão

No caso de outras razões, detalhar:

→ **2.27)** No período compreendido entre seus 10 e 20 anos de idade teve um envolvimento regular com a prática de esportes, exercícios físicos e/ou algum outro tipo de atividade física recreativa?

Sim (1);

Não (2); NS (98); NR (99) → p. 2.30

2.28) Nessa etapa de sua vida, qual foi a atividade que praticou durante mais tempo e com mais regularidade?

NS (98); NR (99)

2.29) Quanto tempo faz que parou essa prática?

[] [] ano(s) e [] [] mês/meses

[] Nunca parou NS (98) NR (99)

2.30) Por favor, confirme se para o envolvimento com as atividades físicas mencionadas tem custo e, no caso de resposta positiva, estime o valor desembolsado no período correspondente. (M = mensal; A = anual).

		S	N	P	Valor
1	Paga mensalidade			M	
2	Paga pelo uso das instalações			M	
3	Paga para receber orientação profissional (treinamento, aulas)			M	
4	Compra de indumentária específica			A	
5	Compra de implementos específicos			A	
6	Gastos para deslocar-se onde realiza a/s atividades			M	
7	Alimentação antes, durante e após a prática			M	
8	Outros gastos, especificar			M	

Esp. _____ ↓
[INDEPENDENTE DO NÚMERO DE ITENS RESPONDIDOS NA TABELA CONTINUAR EM p. 3.1]

2.31) No período compreendido entre seus 10 e 20 anos de idade teve um envolvimento regular com a prática de esportes, exercícios físicos e/ou algum outro tipo de atividade física recreativa?

Sim (1);
Não (2); NS (98); NR (99) → p. 2.34

2.32) Nessa etapa de sua vida, qual foi a atividade que praticou durante mais tempo e com mais regularidade?

NS (98); NR (99)

2.33) Quanto tempo faz que parou essa prática?

[] [] ano(s) e [] [] mês(es) NS (98) NR (99)

2.34) Poderia apontar razões pelas quais não pratica esportes, exercícios físicos ou atividades físicas recreativas?

[NÃO SUGERIR NADA. ASSINALAR AS RAZÕES APONTADAS PELO INQUIRIDO, PELA ORDEM POR ELE REFERIDA, NAS COLUNAS RESPECTIVAS]

Razões/Motivos

1. Jornada extensa de trabalho
2. Compromisso familiar
3. Tarefas domésticas
4. Limitações físicas
5. Falta de conhecimento/orientação
6. Preocupação com a aparência
7. Falta de clima adequado
8. Falta de espaço disponível para a prática
9. Falta de equipamento disponível
10. Falta de companhia
11. Falta de incentivo familiar e/ou amigos
12. Falta de recursos financeiros
13. Mau humor
14. Dores leves ou mal-estar
15. Falta de energia (cansaço físico)
16. Falta de habilidades físicas
17. Ambiente insuficientemente seguro (criminalidade)
18. Falta de interesse em praticar
19. Preguiça
20. Outras razões

[] [] 1ª razão [] [] 2ª razão [] [] 3ª razão

No caso de outras razões, detalhar:

2.35) Pretende iniciar, nas próximas semanas, alguma prática regular de esporte, exercício físico ou atividade física recreativa?

Sim, com certeza (1)
É provável (2)
Pouco provavelmente (3)
Seguro que não (4)
NS (98); NR (99)

3. MÚSICA GRAVADA

3.1) Costuma ouvir música?

Sim (1);
Não (2); NS (98); NR (99) → p. 4.1

3.2) Com que frequência você escuta música?

[] [] vezes x dia; [] [] vezes x semana OU
[] [] vezes por mês

3.3) Em média, quanto tempo você dedica nos dias que escuta música?

[] [] horas [] [] minutos por dia; NS (98) NR (99)

3.4) Por que meio principalmente escuta música? **(LER OPÇÕES)**

- Cassetes (1)
- CD's (2)
- Discos (3)
- Rádio (4)
- Outro (esp.) _____
- Computador (5)
- MP3 (6)
- Internet (7)

NS (98) NR (99)

3.5) Em que momento e/ou situação do dia você escuta música?

NS (98) NR (99)

3.6) Que tipo ou estilo de música escuta com mais frequência?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

Balada-romântica, pop (01) []
Bandinha (02) []
Boleros (03) []
Clássica (04) []
Forró (05) []
Funk (06) []
Gaúcha (07) []
Heavy metal, punk/hardcore (08) []
Jazz, blues (09) []
MPB (10) []
New age (11) []
Pagode (12) []
Rap/hip-hop (13) []
Religiosa (14) []
Rock em inglês (14) []
Rock em português (16) []
Samba (17) []
Sertaneja (18) []
Tecno/eletrônica (19) []
Tropical/salsa (20) []
"World music" (21) []
Outro (esp.) (22) [] _____

3.7) Quais são seus cantores e/ou grupos musicais preferidos? **(Especifique)**

1º

2º

3º

3.8) Você prefere música em português ou em outro idioma?

Em português (1)

Em outro idioma (2) (esp.) _____

Tanto faz (3)

NR (99)

4. LEITURA

LIVROS**4.1) Costuma ler livros?**

Sim (1);
 Não (2); NS (98); NR (99) → p. 4.10

4.2) Quantos livros leu no último ano (12 meses)?

[] []
 NS (98); NR (99); Nenhum (00) → p. 4.10

4.3) Poder-me-ia dizer o tipo ou gênero de livro que prefere ler?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS POR ORDEM DE MENÇÃO]

Biografia (01) []
 Científicos/técnicos (02) []
 Culinária; Gastronomia (03) []
 Conto (04) []
 Decoração e de mobília (05) []
 Enciclopédias (06) []
 Ensaio Político e Filosófico (07) []
 Guias e manuais (08) []
 História (09) []
 Literatura clássica (10) []
 Poesia (11) []
 Religião (12) []
 Romances policiais ou de espionagem (13) []
 Romances que não sejam policiais ou espionagem (14) []
 Superação pessoal/ auto-ajuda (15) []
 Outro (esp.) 16 []

NS (98) NR (99) Nenhum (00)

4.4) Poder-me-ia dizer quantos livros tem em sua casa?

NS (98) NR (99); Nenhum (00) → p. 4.7

4.5) Quando foi sua última aquisição de livro?

Faz [] [] semanas
 Faz [] [] meses
 Faz [] [] anos
 NS (98) NR (99)

4.6) Onde costuma comprar seus livros?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ DUAS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Loja especializada (1) []
 Loja de auto-serviço (2) []
 Quiosque de jornais (3) []
 Camelô, vendedor ambulante (4) []
 Sebos (5) []
 Outro (esp) (6) [] _____
 NS (98) NR (99)

4.7) Como escolhe os livros "não-técnicos" que lê?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ DUAS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

(Esp) _____

NS (98) NR (99)

4.8) Atualmente está lendo algum livro?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 4.10

4.9) Qual é o título e/ou autor?

NS (98) NR (99)

REVISTAS**4.10) Costuma ler revistas?**

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 4.21

4.11) Com que frequência lê revistas?

[] [] vezes x semana OU [] [] vezes por mês

4.12) Que tipo(s) de revistas costuma ler mais?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Arte e cultura (01) []
 Artes manuais, decoração (02) []
 Científico-técnicas, computação (03) []
 Eróticas-adultos (04) []
 Espetáculo, televisivas (05) []
 Esportivas (06) []
 Femininas, cozinha, saúde e beleza (07) []
 Historietas, passatempos (08) []
 Informação geral/semanário (09) []
 Política (10) []
 Sociais (11) []
 Viagens (12) []
 Outro (esp) (13) [] _____
 NS (98) NR (99)

4.13) É assinante de alguma revista?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 4.15

4.14) Qual/is? _____**4.15) Costuma ler revistas de esporte?**

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 4.18

4.16) Qual/is? _____

NS (98) NR (99)

4.17) Com que frequência faz a leitura?

[] [] vezes x semana OU [] [] vezes por mês

4.18) Costuma ler revistas sobre cuidados com o corpo?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 4.21

4.19) Qual(is)?

 NS (98) NR (99)

4.20) Com que frequência lê essa publicação?

[][] vezes x semana OU [][] vezes por mês

JORNAIS

4.21) Costume ler jornais?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 5.1

4.22) Com que frequência lê jornais?

[][] vezes x semana OU [][] vezes por mês

4.23) Quais jornais lê com mais frequência?

 NS (98) NR (99)

4.24) Você principalmente (LER AS ALTERNATIVAS):

Assina jornal (1)

Compra o jornal (2)

O pede prestado/lê em biblioteca (3)

O lê na Internet (4)

Outra (esp.) (5) _____

NS (98) NR (99)

4.25) Qual(quais) seção (seções) lê regularmente?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].
Notícias nacionais (01) []Notícias estado-cidade (02) []Notícias internacionais (03) []Aviso oportuno (04) []Cinema (05) []Cultura (06) []Esportes (07) []Economia/finanças (08) []Editoriais/opinião (09) []Espetáculos (10) []Policial (11) []Socials (12) []Tiras cômicas (13) []Outra (esp.) (14) [] _____

NR (99)

5. CINEMA

5.1) Você já foi ao cinema?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 6.1

5.2) Qual a última vez que foi ao cinema?

Faz [][] semanas; Faz [][] mesesFaz [][] anos; NS (98) NR (99) → p. 5.6

5.3) Qual foi o filme?

 NS (98) NR (99)

Quem era o diretor?

 NS (98) NR (99)

5.4) Os protagonistas principais?

 NS (98) NR (99)

5.5) Em geral, com que frequência você vai ao cinema?

[][] vezes x mês OU [][] vezes por ano

NS (98) NR (99)

5.6) Que tipo de filmes prefere assistir?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].
Ação/Aventura (01) []Comédia (02) []Drama (03) []Documentário/testemunhais (04) []Românticos/Sentimentais/Amor (05) []Eróticos-adultos (06) []Históricos (07) []Infantis (08) []Musicais (09) []Ciência/ficção (10) []Suspense (11) []Terror (12) []Outro (esp.) (13) [] _____

5.7) Tem um filme que assistiu no cinema que seja seu preferido?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 5.9

5.8) Qual é o nome do filme?

 NS (98) NR (99)

5.9) Tem um diretor preferido?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 6.1

5.10) Qual?

 NS (98) NR (99)

6. TELEVISÃO

6.1) Você assiste à televisão?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 7.1

6.2) Com que frequência você assiste à televisão?

[][] vezes x dia; [][] vezes x semana OU

[][] vezes por mês

6.3) Em média, quantas horas por dia assiste à televisão?

[] [] horas [] [] minutos por dia; NS (98) NR (99)

6.4) Assiste à televisão por assinatura (SKY, MVS, DirecTV, etc.)?

Sim (1); Não (2); NS (98) NR (99)

6.5) Que tipo de programas prefere ver? [ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Aventuras (01) []
 Caricaturas (02) []
 Cômicos (03) []
 Concursos (04) []
 Culturais (05) []
 Esportes (06) []
 Discussão política (07) []
 Documentais (08) []
 Entrevistas (09) []
 Musicais (10) []
 Jornais (11) []
 Filmes estrangeiros (12) []
 Filmes nacionais (13) []
 "Talk shows" (14) []
 Telenovelas (15) []
 Variedades (16) []
 Outros (esp.) (17) [] _____

6.6) Atualmente, quais são seus programas de TV preferidos?

6.7) Em geral, por qual das seguintes razões você liga a TV (LER OPÇÕES)

Para ver um programa de que gosta (1)
 Para ver o que está passando (2)
 Para lhe fazer companhia (3)
 Outra (esp.) (4) _____
 NS (98) NR (99)

6.8) Tem algum canal de TV predileto?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 6.10

6.9) Qual? _____

NS (98) NR (99)

6.10) Assiste a algum canal cultural?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 7.1
 Não funciona/não capta (3) → p. 7.1

6.11) Mencione os canais culturais a que assiste: (ACEITE ATÉ DUAS RESPOSTAS)

NS (98) NR (99)

7. RÁDIO

7.1) Você costuma escutar o rádio?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 8.1

7.2) Com que frequência você ouve rádio?

[] [] vezes x dia; [] [] vezes x semana OU
 [] [] vezes por mês

7.3) Tem dias da semana em que escuta o rádio com mais frequência?

2ª (1); 3ª (2); 4ª (3); 5ª (4); 6ª (5); Sábado (6); Domingo (7)

7.4) Em média, quantas horas no dia escuta o rádio?

[] [] horas [] [] minutos por dia; NS (98) NR (99)

7.5) Costuma ouvir a rádio em...? (LER OPÇÕES)

	Sim	Não
Casa	(1)	(2)
Trabalho	(1)	(2)
Carro	(1)	(2)
Ônibus	(1)	(2)
Outro (esp.) _____		

NS (98) NR (99)

7.6) Que programas de rádio prefere ouvir?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Cômicos (01) []
 Concursos (02) []
 Esportivos (03) []
 Discussão política (04) []
 Entrevistas (05) []
 Musicais (06) []
 Jornalismo (07) []
 Assessoria/Orientação (08) []
 Radionovela (09) []
 Religião (10) []
 De queixas/denúncias (11) []
 Informação sobre o trânsito (12) []
 Outros (esp.) (13) [] _____
 NS (98) NR (99)

7.7) Em geral, por qual das seguintes razões você liga o rádio? (LER OPÇÕES)

Para ouvir um programa específico (1)
 Para lhe fazer companhia (2)
 Outras (Esp.) _____
 NS (98) NR (99)

7.8) Tem alguma emissora ou estação de rádio preferida?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 8.1

7.9) Qual? _____

NS (98) NR (99)

8. FILM -DVD

8.1) Assistiu a filmes em DVDs?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 9.1

8.2) Com que frequência você assiste DVD?

[] [] vezes x dia; [] [] vezes x semana OU
 [] [] vezes por mês

8.3) Quando foi a última vez que assistiu a um DVD?

Faz [] [] semanas; Faz [] [] meses
 Faz [] [] anos; NS (98) NR (99) → p. 8.7

8.4) Qual foi o filme?

 NS (98) NR (99)

8.5) Quem era o diretor?

 NS (98) NR (99)

8.6) Os protagonistas principais?

 NS (98) NR (99)

8.7) A que tipo de filmes prefere assistir?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Ação/Aventura (01) []
 Comédia (02) []
 Drama (03) []
 Documentário/testemunhais (04) []
 Românticos/Sentimentais/Amor (05) []
 Eróticos-adultos (06) []
 Históricos (07) []
 Infantis (08) []
 Musicais (09) []
 Ciência/ficção (10) []
 Suspense (11) []
 Terror (12) []
 Outro (esp.) (13) [] _____

8.8) Tem um filme a que assistiu em DVD que seja seu preferido?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 9.1

8.9) Qual é o nome do filme?

 NS (98) NR (99)

9. PASSEIOS CULTURAIS

TEATRO**9.1)** Assistiu a alguma peça de teatro?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 9.5

9.2) Quando foi a última vez?

[ENTREVISTADOR, ONTEM OU MENOS DE 7 DIAS É ZERO SEMANAS; "NO PRIMEIRO GRAU", "NO SEGUNDO GRAU" OU NUM LONGO PERÍODO DE TEMPO: SOLICITE QUE ESTIME OU CALCULE APROXIMADAMENTE FAZ QUANTOS ANOS].

Faz [] [] semanas; Faz [] [] meses
 Faz [] [] anos; NS (98) NR (99) → p. 9.5

Qual foi a peça?

9.3) Em geral, quantas vezes no ano você vai ao teatro?

[] [] vezes por ano; NS (98) NR (99)

9.4) Por quais motivos você vai assistir a uma peça?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Pelo tema ou argumento (01) []
 Por recomendação de amigo ou familiar (02) []
 Pelos atores (03) []
 Pelo diretor (04) []
 Pela crítica (05) []
 Pelos prêmios que tem recebido (06) []
 Pelos anúncios (07) []
 Para levar as crianças (08) []
 Porque o teatro fica próximo (09) []
 Para passar momentos agradáveis (10) []
 Outro (esp.) (11) [] _____
 NS (98) NR (99)

CONCERTOS DE MÚSICA CLÁSSICA

9.5) Assistiu a algum concerto de música clássica?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 9.10

9.6) Quando foi a última vez a que assistiu?

Faz [] [] semanas; Faz [] [] meses
 Faz [] [] anos; NS (98) NR (99) → p. 9.10

9.7) Em geral, quantas vezes no ano você vai a um concerto de música clássica?

[] [] vezes por ano; NS (98) NR (99)

9.8) Em que lugares geralmente vai assistir a apresentações musicais?

(RESPOSTA ESPONTÂNEA)

Auditório, sala de concertos (1)
 Praça pública (2)
 Igreja (3)
 Shopping (4)
 Feira, festa comunitária (5)
 Outro (esp.) (6) _____
 NS (98) NR (99)

9.9) Por que motivos você assiste a um concerto de música clássica?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Pelo tipo de música que se apresenta (01)
 Pela orquestra (02)
 Pelo anúncio na mídia (03)
 Por recomendação de familiares ou amigos (04)
 Por comentários ou resenhas na mídia (05)
 Por costume, assiste regularmente (06)
 Outro (esp.) (08) _____
 NS (98) NR (99)

ÓPERA

9.10) Assistiu alguma ópera?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 9.14

9.11) Quando foi a última vez a que assistiu?

Faz semanas; Faz meses
 Faz anos; NS (98) NR (99) → p. 9.14

Em geral, quantas vezes no ano você assiste a uma ópera?

vezes por ano; NS (98) NR (99)

9.12) Em que lugares geralmente vai assistir à ópera?

(RESPOSTA ESPONTÂNEA)

Teatro (1)
 Praça pública (2)
 Igreja (3)
 Shopping (4)
 Festa comunitária (5)
 Outro (esp.) (6) _____ (6)
 NS (98) NR (99)

9.13) Por que motivos você assiste à ópera?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Pelo tipo de música que se apresenta (01)
 Pela orquestra (02)
 Pelo anúncio na mídia (03)
 Por recomendação de familiares ou amigos (04)
 Por comentários ou resenhas em mídia especializada (05)
 Por costume, assiste regularmente (06)
 Para entreter-se (07)
 Outro (esp.) (08) _____
 NS (98) NR (99)

APRESENTAÇÕES DE UM ESPETÁCULO DE DANÇA (CLÁSSICA, MODERNA OU CONTEMPORÂNEA)

9.14) Assistiu a algum espetáculo de dança clássica, moderna ou contemporânea?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 10.1

9.15) Quando foi a última vez?

Faz semanas; Faz meses
 Faz anos; NS (98) NR (99) → p. 10.1

9.16) Em geral, quantas vezes no ano você vai a uma apresentação de dança?

vezes por ano; NS (98) NR (99)

9.17) Em que lugares geralmente vai assistir a apresentações de espetáculos de dança?

(RESPOSTA ESPONTÂNEA)

Teatros (1)
 Praça pública (2)
 Instituições especializadas (3)
 Festa comunitária (4)
 Outro (esp.) _____ (5)
 NS (98) NR (99)

9.18) Por que motivos assiste a uma apresentação de espetáculo de dança?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Pelo tipo de dança que se apresenta (01)
 Pelo grupo (02)
 Pelo anúncio na mídia (03)
 Por recomendação de familiares ou amigos (04)
 Por comentários ou resenhas na mídia especializada (05)
 Por costume, assiste regularmente (06)
 Para entreter-se (07)
 Outro (esp.) (08) _____
 NS (98) NR (99)

10. VISITAS CULTURAIS

EXPOSIÇÃO DE PINTURA OU DE ESCULTURA

10.1) Você já visitou exposições de pintura ou de escultura?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 10.7

10.2) Quando foi a última vez?

Faz semanas; Faz meses
 Faz anos; NS (98) NR (99) → p. 10.7

10.3) Em geral, quantas vezes ao ano você visita uma exposição de pintura ou de escultura?

vezes por ano; NS (98) NR (99)

10.4) Qual foi a última exposição de pintura ou de escultura que visitou?

 NS (98) NR (99)

10.5) Quem era?

 NS (98) NR (99)

10.6) Por que motivos visita uma exposição de pinturas ou escultura?

- Para acompanhar alguém (01)
 Para educar as crianças (02)
 Para entreter-se, passar um momento agradável (03)
 Para ver que novidades tem (04)
 Pela crítica (05)
 Pela propaganda na mídia (06)
 Pelo artista (07)
 Pelos prêmios que tem recebido (08)
 Pelo tema (09)
 Pela recomendação de um familiar ou amigo (10)
 Outro (esp.) (11)

NS (98) NR (99)

MUSEUS

10.7) Você já visitou museus?

- Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 11.1

10.8) Quando foi a última vez?

[ENTREVISTADOR, ONTEM OU MENOS DE 7 DIAS É ZERO SEMANAS; "NO PRIMEIRO GRAU", "NO SEGUNDO GRAU" OU NUM LONGO PERÍODO DE TEMPO: SOLICITE QUE ESTIME OU CALCULE APROXIMADAMENTE FAZ QUANTOS ANOS].

Faz [] semanas; Faz [] meses
 Faz [] anos; NS (98) NR (99) → p. 11.1

10.9) Em geral, quantas vezes ao ano você visita um museu?

[] vezes por ano; NS (98) NR (99)

10.10) Qual foi o último museu que visitou?

NS (98) NR (99)

10.11) Qual era o tema central?

NS (98) NR (99)

10.12) Por que motivos visita mais os museus?

- Para fazer uma tarefa, solicitada na escola (01)
 Para entreter-se, passar um momento agradável (02)
 Viu um anúncio na mídia de comunicação (03)
 Para educar as crianças (04)
 Pela recomendação de familiar ou amigo (05)
 Para ver que novidades têm (06)
 Para acompanhar alguém (07)
 Outro (esp.) (08)

NS (98) NR (99)

11. LAZERES-DIVERSÕES

BAILES PÚBLICOS

11.1) Você já compareceu a bailes públicos?

- Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 11.7

11.2) Quando foi a última vez a um baile público?

Faz [] semanas; Faz [] meses
 Faz [] anos; NS (98) NR (99) → p. 11.7

11.3) Em geral, quantas vezes no ano você vai a um baile público?

[] vezes por ano; NS (98) NR (99)

11.4) Em geral, que gênero ou tipo musical predomina nos bailes de sua preferência?

NS (98) NR (99)

11.5) Em que lugares geralmente vai aos bailes?

(RESPOSTA ESPONTÂNEA)

- Clubes (01)
 Igrejas (02)
 Associações (03)
 Outro (esp.) (04) _____
 NS (98) NR (99)

11.6) Por que motivos vai mais a um baile público?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

- Para apoiar causas sociais (01)
 Para prestigiar os organizadores (02)
 Para comemorar (03)
 Para conhecer pessoas (04)
 Pela banda que toca (05)
 Por costume, assiste regularmente (06)
 Para entreter-se/divertir-se (07)
 Outro (esp.) (08)

NS (98) NR (99)

DISCOTECA OU BOATE

11.7) Você já foi a uma discoteca e/ou boate?

- Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 11.11

11.8) Quando foi a última vez?

Faz [] semanas; Faz [] meses
 Faz [] anos; NS (98) NR (99) → p. 11.11
 NS (98) NR (99)

11.9) Em geral, quantas vezes no ano você vai a discoteca e/ou boate?

[] vezes por ano; NS (98) NR (99)

11.10) Por que motivos vai mais a uma discoteca e/ou boate?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Para comemorar (01)
 Para conhecer pessoas (02)
 Pela banda que toca (03)
 Por costume, assiste regularmente (04)
 Para entreter-se/divertir-se (05)
 Para acompanhar namorado(a) (06)
 Outro (esp.) (07) _____
 NS (98) NR (99)

RECITAIS OU ESPAÇOS PARA APRESENTAÇÕES DE MÚSICA

11.11) Você assistido apresentações o recitais de música?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 11.17

11.12) Quando foi a última vez que assistiu?

Faz [] semanas; Faz [] meses
 Faz [] anos; NS (98) NR (99) → p. 11.17

11.13) Em geral, quantas vezes no ano você vai a um recital

[] vezes por ano; NS (98) NR (99)

11.14) De que artista ou grupo foi o último recital que assistiu?

 NS (98) NR (99)

11.15) Em que lugares geralmente vai a apresentações musicais?

(RESPOSTA ESPONTÂNEA)
 Auditório, sala de concertos (1)
 Praça pública (2)
 Igreja (3)
 Restaurante ou discoteca (4)
 Festa comunitária (5)
 Outro (esp.) (6) _____
 NS (98) NR (99)

11.16) Por que motivos vai mais a uma apresentação de recital?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Pelo tipo de música que se apresenta (01)
 Pelo grupo musical (02)
 Pelo anúncio na mídia (03)
 Por recomendação de familiares ou amigos (04)
 Por comentários ou resenhas da mídia (05)
 Por costume, assiste regularmente (06)
 Para entreter-se (07)
 Outro (esp.) (08) _____
 NS (98) NR (99)

ASSISTÊNCIA COMO ESPECTADOR A EVENTOS ESPORTIVOS

11.17) Você já assistiu eventos esportivos ao vivo, como espectador, pagos ou gratuitos?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 11.34

11.18) Você já assistiu a eventos esportivos PAGOS ao vivo, como espectador?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 11.24

11.19) Quando foi a última vez?

[ENTREVISTADOR, ONTEM OU MENOS DE 7 DIAS É ZERO SEMANAS; "NO PRIMEIRO GRAU", "NO SEGUNDO GRAU" OU NUM LONGO PERÍODO DE TEMPO: SOLICITE QUE ESTIME OU CALCULE APROXIMADAMENTE FAZ QUANTOS ANOS].

Faz [] semanas; Faz [] meses
 Faz [] anos; NS (98) NR (99) → p. 11.25

11.20) Em geral, quantas vezes no ano você vai a um espetáculo esportivo PAGO?

[] vezes por ano; NS (98) NR (99)

11.21) A que espetáculos esportivos PAGOS você mais assiste?

 NS (98) NR (99)

11.22) Em que lugares geralmente você vai assistir a espetáculos esportivos PAGOS?

[RESPOSTA ESPONTÂNEA]

Estádios (1)
 Clubes (2)
 Ginásios de esporte (3)
 Campo (4)
 Outro (esp.) _____ (5)
 NS (98) NR (99)

11.23) Por que motivos vai mais a um espetáculo esportivo PAGO?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Pelo tipo de modalidade esportiva (01)
 Para torcer (02)
 Pelo tipo de torneio (03)
 Para acompanhar alguém (04)
 Para acompanhar grandes espetáculos (05)
 Por costume, assiste regularmente (06)
 Para entreter-se (07)
 Para encontrar amigos (08)
 Outro (Esp.) (09) _____ → 11.26
 NS (98) NR (99)

11.24) Qual é a razão principal por que **não assiste** a espetáculos esportivos **PAGOS**?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Não tem tempo (01)
 Não lhe interessa (02)
 Não tem dinheiro para a entrada (03)
 Não sabe onde estão, não os conhece (04)
 Estão muito longe (05)
 Os espetáculos não têm bom serviço (06)
 O horário não lhe é conveniente (07)
 Problemas de saúde ou PNE (08)
 Outra (Esp.) (09)
 NS (98) NR (99)

→ p. 11.26.

11.25) Qual é a razão principal por que não assiste com maior **freqüência** a espetáculos esportivos pagos?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Não tem tempo (01)
 Não lhe interessa (02)
 Não tem dinheiro para a entrada (03)
 Não sabe onde estão, não os conhece (04)
 Estão muito longe (05)
 Os espetáculos não têm bom serviço (06)
 O horário não lhe é conveniente (07)
 Problemas de saúde ou PNE (08)
 Outra (esp.) (09)
 NS (98) NR (99)

→ p. 11.26.

11.26) Você já assistiu a eventos esportivos **GRATUITOS** (ingresso livre)?

Sim (1);
 Não (2); NS (98) NR (99) → p. 11.32

11.27) Quando foi a última vez?

Faz semanas; Faz meses
 Faz anos; NS (98) NR (99) → p. 11.33

11.28) Em geral, quantas vezes no ano você assiste um evento esportivo **GRATUITO** (ingresso livre)?

vezes por ano; NS (98) NR (99)

11.29) A que eventos esportivos gratuitos você mais assiste?

NS (98) NR (99)

11.30) Em que lugares geralmente você vai assistir os eventos esportivos **GRATUITOS**?

[RESPOSTA ESPONTÂNEA]

Estádios (1)
 Clubes (2)
 Ginásios de esporte (3)
 Campo (4)
 Outra (esp.) (5) _____
 NS (98) NR (99)

11.31) Por que motivos assiste um evento esportivo **GRATUITO**?

Pelo tipo de modalidade esportiva (01)
 Para torcer (02)
 Pelo tipo de torneio (03)
 Para acompanhar alguém (04)
 Para acompanhar grandes espetáculos (05)
 Por costume, assiste regularmente (06)
 Para entreter-se (07)
 Para encontrar os amigos (08)
 Outro (Esp.) (09) _____
 NS (98) NR (99)

→ p. 12.1

11.32) Qual é a razão principal por que **NÃO ASSISTE** a eventos esportivos **GRATUITOS**?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Não tem tempo (01)
 Não lhe interessa (02)
 Não tem dinheiro para a entrada (03)
 Não sabe onde estão, não os conhece (04)
 Estão muito longe (05)
 Não tem bom serviço (06)
 O horário não lhe é conveniente (07)
 Problemas de saúde ou PNE (08)
 Outra (Esp.) (09)
 NS (98) NR (99)

→ p. 12.1

11.33) Qual é a razão principal por que não assiste com mais **freqüência** eventos esportivos **GRATUITOS**?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Não tem tempo (01)
 Não lhe interessa (02)
 Não tem dinheiro para a entrada (03)
 Não sabe onde estão, não os conhece (04)
 Estão muito longe (05)
 Não tem bom serviço (06)
 O horário não lhe é conveniente (07)
 Problemas de saúde ou PNE (08)
 Outra (Esp.) (09)
 NS (98) NR (99)

→ p. 12.1

11.34) Qual é a razão principal por que não assiste?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO].

Não tem tempo (01)
 Não lhe interessa (02)
 Não sabe onde estão, não os conhece (04)
 Estão muito longe (05)
 Não tem bom serviço (06)
 O horário não lhe é conveniente (07)
 Problemas de saúde ou PNE (08)
 Outra (Esp.) (08)
 NS (98) NR (99)

→ p. 12.1

12 VOLUNTARIADO (ESPORTIVO)

12.1) Atualmente participa como voluntário em algum tipo de projeto comunitário?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 13.1

12.2) Que tipo de atividade realiza como voluntário?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

1ª _____

2ª _____

3ª _____

NS (98) NR (99)

[ATENÇÃO!!!! ENTREVISTADOR: NO CASO DE UMA DAS RESPOSTAS REFERENCIAR UMA INSTITUIÇÃO OU ATIVIDADES VINCULADAS COM PRÁTICAS CORPORAIS CONTINUE, SENÃO PASSE PARA → 13.1.]

12.3) De que tipo de instituição se trata?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

Clube (1) [____]

Associação de bairro (2) [____]

NS (98) NR (99)

12.4) Que papel ou função desempenha?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

Diretivo (1) [____]

Monitor de atividades esportivas (2) [____]

NS (98) NR (99)

12.5) Quanto tempo por semana dedica a essa atividade?

NS (98) NR (99)

12.6) Essa participação está vinculada a algum familiar?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 12.8

12.7) Quem?

NS (98) NR (99)

12.8) Por que motivos ou razões você se envolve com essa ATIVIDADE (VOLUNTARIADO ESPORTIVO MENCIONADO)?

[NÃO SUGERIR NADA. ASSINALAR AS RAZÕES APONTADAS PELO INQUIRIDO, PELA ORDEM POR ELE REFERIDA, NAS COLUNAS RESPECTIVAS]

	1ª Razão	2ª Razão	3ª Razão
1 - Divertimento, ocupação do tempo livre	01	02	03
2 - O convívio que proporciona	01	02	03
3 - Responsabilidade com a comunidade	01	02	03
4 - Gostar de estar no meio da competição esportiva	01	02	03
5 - Quebrar com a rotina do dia-a-dia	01	02	03
6 - Passar a própria experiência como esportista	01	02	03
7 - Porque gosta de esporte	01	02	03
8 - Outras razões	01	02	03
NS (98) NR (99)	01	02	03

Esp. _____

13. CUIDADOS COM O CORPO**CUIDADOS ALIMENTARES**

13.1) Costuma cuidar-se na alimentação? Está fazendo alguma dieta?

Sim (1); → p. 13.3

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 13.2

13.2) Deveria cuidar-se na alimentação? Deveria fazer alguma dieta?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 13.4

13.3) Qual é o principal motivo para cuidar-se na alimentação?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

	1ª Razão	2ª Razão	3ª Razão
1 - Para conservar a forma	01	02	03
2 - Para recuperar a forma	01	02	03
3 - Para recuperar/manter a saúde	01	02	03
4 - Para evitar doenças	01	02	03
5 - Para sentir-se mais disposto	01	02	03
6 - Outras razões	01	02	03
NS (98) NR (99)	01	02	03

Esp. _____

13.4) Costuma ingerir algum tipo de complemento alimentar (vitaminas, carboidratos)?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 13.7

13.5) Com que frequência semanal você consumiu esse tipo de suplementos nas últimas duas semanas?

1 ou menos por semana (1)

2 vezes por semana (2)

3 ou mais vezes por semana (3)

NS (98) NR (99)

13.6) Qual é o principal motivo para consumir os suplementos?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

	1ª Razão	2ª Razão	3ª Razão
1 - Para conservar a forma	01	02	03
2 - Para recuperar a forma	01	02	03
3 - Para melhorar o desempenho esportivo	01	02	03
4 - Para recuperar/manter a saúde	01	02	03
5 - Para evitar doenças	01	02	03
6 - Para sentir-se mais disposição	01	02	03
7 - Outras razões	01	02	03

Esp. _____

INTERVENÇÕES NO CORPO

13.7) Você já realizou *intervenções* no corpo para manter, melhorar, modificar a forma corporal?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 13. 12

13.8) Que tipo de intervenção?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

1ª) _____

2ª) _____

3ª) _____

NS (98) NR (99)

13.9) Quando foi a última vez que a realizou?

Faz [] [] semanas

Faz [] [] meses

Faz [] [] anos

NS (98) NR (99)

13.10) Qual foi a última intervenção realizada?

NS (98) NR (99)

13.11) Qual é o principal motivo para realizar essa intervenção?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

	1ª Razão	2ª Razão	3ª Razão
1 - Para conservar a forma	01	02	03
2 - Para recuperar a forma	01	02	03
3 - Para gostar mais de si	01	02	03
4 - Para recuperar/manter a saúde	01	02	03
5 - Para evitar doenças	01	02	03
6 - Para sentir-se com maior disposição	01	02	03
7 - Outras razões	01	02	03

Esp. _____

13.12) Gostaria de realizar *intervenção* no corpo para manter, melhorar, modificar a forma corporal?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 13.15

13.13) Que tipo de intervenção?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

1ª) _____

2ª) _____

3ª) _____

NS (98) NR (99)

13.14) Qual é o principal motivo pelo qual gostaria de realizar essa intervenção?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

	1ª Razão	2ª Razão	3ª Razão
1 - Para conservar a forma	01	02	03
2 - Para recuperar a forma	01	02	03
3 - Para gostar mais de si	01	02	03
4 - Para recuperar/manter a saúde	01	02	03
5 - Para evitar doenças	01	02	03
6 - Para sentir-se com maior disposição	01	02	03
7 - Outras razões	01	02	03

Esp. (9) _____

MASSAGENS

13.15) Você já se submeteu a alguma sessão de massagem?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 14.1

13.16) Quando foi a última vez?

Faz [] [] semanas

Faz [] [] meses

Faz [] [] anos

NS (98) NR (99)

13.17) Aproximadamente, quantas vezes no ano você participa de uma sessão de massagens?

[] [] vezes por ano; NS (98) NR (99)

13.18) A que tipo de massagem costuma submeter-se?

NS (98) NR (99)

13.19) Qual é o principal motivo para participar?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA; REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE MENÇÃO]

	1ª Razão	2ª Razão	3ª Razão
1- Para conservar a forma/estética	01	02	03
2 - Para recuperar a forma/estética	01	02	03
3 - Para gostar mais de si	01	02	03
4 - Para tirar dores/contraturas	01	02	03
5 - Para evitar doenças	01	02	03
6 - Para sentir-se com maior disposição	01	02	03
7 - Para aliviar o stresse	01	02	03
8 - Outras razões (Esp.)	01	02	03

NS (98) NR (99)

14. SOCIABILIDADE

14.1) Costuma visitar familiares para almoçar ou jantar?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 14.4

14.2) Quando foi a última vez?

[ENTREVISTADOR, ONTEM OU MENOS DE 7 DIAS É ZERO SEMANAS; "NO PRIMEIRO GRAU", "NO SEGUNDO GRAU" OU NUM LONGO PERÍODO DE TEMPO: SOLICITE QUE ESTIME OU CALCULE APROXIMADAMENTE FAZ QUANTOS ANOS].

Faz [] [] semanas

Faz [] [] meses

Faz [] [] anos

NS (98) NR (99)

14.3) Em geral, quantas vezes nos últimos três meses você visitou familiares para almoçar ou jantar?

[] [] vezes

NS (98) NR (99)

14.4) Costuma receber familiares para almoçar ou jantar?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 14.7

14.5) Quando foi a última vez recebeu familiares para almoçar ou jantar?

Faz [] [] semanas

Faz [] [] meses

Faz [] [] anos

NS (98) NR (99)

14.6) Em geral, quantas vezes nos últimos três meses você recebeu familiares para almoçar ou jantar?

[] [] vezes

NS (98) NR (99)

14.7) Costuma visitar amigos para almoçar ou jantar?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 14.10

14.8) Quando foi a última vez?

Faz [] [] semanas

Faz [] [] meses

Faz [] [] anos

NS (98) NR (99)

14.9) Em geral, quantas vezes nos últimos três meses você visitou amigos para almoçar ou jantar?

[] [] vezes

NS (98) NR (99)

14.10) Costuma receber amigos para almoçar ou jantar?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 14.13

14.11) Quando foi a última vez?

Faz [] [] semanas

Faz [] [] meses

Faz [] [] anos

NS (98) NR (99)

14.12) Em geral, quantas vezes nos últimos três meses recebeu amigos para almoçar ou jantar?

[] [] vezes

NS (98) NR (99)

14.13) Costuma sair para bares ou cafés?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 14.16

14.14) Quando foi a última vez?

Faz [] [] semanas

Faz [] [] meses

Faz [] [] anos

NS (98) NR (99)

14.15) Em geral, quantas vezes, nos últimos três meses foi a um bar ou café?

[] [] vezes

NS (98) NR (99)

14.16) Faz parte de algum grupo que se reúna para participar de jogos sociais (cartas, bingos)?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 14.19

14.17) Quando foi a última vez que compartilhou de uma reunião para participar de jogos sociais?

Faz [] [] [] semanas

Faz [] [] [] meses

Faz [] [] [] anos

NS (98) NR (99)

14.18) Aproximadamente, quantas vezes nos últimos três meses compartilhou de reuniões para participar de jogos sociais?

[] [] [] vezes

NS (98) NR (99)

14.19) Com respeito a seu envolvimento em conversas sobre esporte, em qual das seguintes situações você se enquadra?

- Praticamente todos ou quase todos os dias conversa sobre esporte (1)
- Várias vezes na semana conversa sobre esporte (2)
- Basicamente conversa sobre esportes aos finais de semana (3)
- Participa pouco de conversas que comentem sobre o esporte (4) → p. 15.1
- Muito difícil ou quase nunca o esporte é tema de suas conversações (5) → p. 15.1
- Odeio conversar sobre esporte, particularmente futebol (6) → p. 15.1
- NS (98) NR (99) → p. 15.1

14.20) Qual é o principal tema das conversas?

NS (98) NR (99)

15. PRÁTICA RELIGIOSA

15.1) Professa alguma religião?

Sim (1);

Não (2); NS (98); NR (99) → p. 16.1

Qual?

NS (98) NR (99)

15.2) Costuma sair de casa para assistir cultos e/ou participar de outras atividades vinculadas com a religião?

Sim (1);

Não (2); NS (98); NR (99) → p. 16.1

15.3) Quando foi a última vez que participou de algum culto ou atividade religiosa?

Faz [] [] [] semanas; Faz [] [] [] meses

Faz [] [] [] anos; NS (98) NR (99) → p. 16.1

15.4) Em geral, com que frequência participa de cultos ou outras atividades religiosas?

[] [] [] vezes x semana; [] [] [] vezes por mês

[] [] [] vezes por ano

15.5) Em média quanto tempo por dia dedicou às práticas religiosas?

[] [] [] horas [] [] [] minutos por dia; NS (98) NR (99)

16. PRÁTICAS COMO TORCEDOR

16.1) Você já comprou roupas ou objetos para torcedores de times esportivos?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 16.5

16.2) Quando foi a última vez?

[ENTREVISTADOR, ONTEM OU MENOS DE 7 DIAS É ZERO SEMANAS; "NO PRIMEIRO GRAU", "NO SEGUNDO GRAU" OU NUM LONGO PERÍODO DE TEMPO; SOLICITE QUE ESTIME OU CALCULE APROXIMADAMENTE FAZ QUANTOS ANOS].

Faz [] [] [] semanas; Faz [] [] [] meses

Faz [] [] [] anos

NS (98) NR (99)

16.3) Para:

Uso pessoal (1)

Para dar de presente (2)

Para ambos os usos (3)

16.4) Que objetos já adquiriu?

Camiseta/abrigos/roupa interior (1)

Cachecol/bonê/bandeira (2)

Equipamento/tênis/caneleira (3)

Chaveiro/caneta/lápis/caneca/caderno/autocolantes/pôsteres/pinos (4)

Produtos autografados (5)

Outros (Esp.) (6)

NS (98) NR (99)

16.5) Você é torcedor de alguma equipe de futebol?

Sim (1);

Não (2); NS (98) NR (99) → p. 17.1

16.6) De qual equipe?

Grêmio (1); Internacional (2);

Outros (Esp.) (03): _____

NS (98) NR (99)

16.7) Com respeito a seu envolvimento como torcedor, em qual das seguintes opções você se enquadra?

- Torcedor que dificilmente deixa de assistir a um jogo e segue de perto a vida institucional da sua equipe (compra e venda de jogadores, negociações para contratação de técnico, eleição do presidente, etc.) (01)
- Torcedor que dificilmente deixa de assistir a um jogo da sua equipe, mas que não tem maior interesse pelo dia-a-dia do clube (02)
- Torcedor que assiste principalmente aos jogos mais importantes de sua equipe (03)
- Torcedor que dificilmente assiste aos jogos e com frequência desconhece os resultados dos jogos de seu time (04)
- Torcedor que nunca assiste aos jogos e geralmente sabe pouco sobre a campanha da equipe (05)

Outros (03) **Esp.:** _____
NS (98) NR (99)

17. INSTALAÇÕES PARA PRÁTICAS CORPORAIS

17.1) Há espaços públicos para as práticas de esportes e ou exercícios físicos no local ou setor em que reside?

Sim (1);
Não (2); NS (98); NR (99) → p. 17.4

17.2) Quais?

1º

2º

3º

3º

NS (98) NR (99) → p. 17.4

17.3) Numa escala de 1 a 10, sendo 1 péssimo estado de conservação e 10, excelente estado de conservação, que nota daria para esses espaços?

1º NS (98) NR (99);
2º NS (98) NR (99);
3º NS (98) NR (99);

17.4) Há espaços PRIVADOS (pagos) para as práticas de esportes e ou exercícios físicos no local em que reside?

Sim (1);
Não (2); NS (98); NR (99) → p. 18.1

17.5) Quais?

1º

2º

3º

18. INSTALAÇÕES/IMPLEMENTOS DOMICILIARES

18.1) Tem algum tipo de implemento e ou instalação para a realização de práticas esportivas ou exercícios físicos em sua residência? (Independente de usar ou não o mesmo)

Sim (1);
Não (2); NS (98) NR (99) → p. 19.1

Qual?

NS (98) NR (99).

18.2) Você ou algum membro da sua família utiliza regularmente essa instalação e/ou implemento para a prática esportiva e ou exercício físico?

Sim (1);
Não (2); NS (98) NR (99)

19 HOBBYS

19.1) Costuma, em seu tempo livre, envolver-se com algum hobby, FORA DAS ATIVIDADES JÁ MENCIONADAS (Atividade de recreio ou de descanso, praticada, em geral, nas horas de lazer)?

Sim (1);
Não (2); NS (98); NR (99) → Mensagem final (MF)

19.2) Qual é ou quais são os hobbies?

[ENTREVISTADOR: RESPOSTA ESPONTÂNEA;
REGISTRE ATÉ TRÊS RESPOSTAS EM ORDEM DE
MENÇÃO]

1º

2º

3º

19.3) Com que frequência se envolve com o 1º hobby?

[][] vezes x semana OU [][] vezes por mês

19.4) Com que frequência se envolve com o 2º hobby?

[][] vezes x semana OU [][] vezes por mês

19.5) Com que frequência se envolve com o 3º hobby?

[][] vezes x semana OU [][] vezes por mês

19.6) Quanto tempo por dia se envolve com o 1º hobby?

[][] horas [][] minutos por dia; NS (98) NR (99)

19.7) ... com o 2º hobby?

[][] horas [][] minutos por dia; NS (98) NR (99)

19.8) ... com o 3º hobby?

[][] horas [][] minutos por dia; NS (98) NR (99)

19.9) Há quanto tempo pratica o 1º hobby?

[] [] ano(s) e [] [] mês/meses NS (98) NR (99)

19.10) ... o 2º hobby?

[] [] ano(s) e [] [] mês/meses NS (98) NR (99)

19.11) ... o 3º hobby?

[] [] ano(s) e [] [] mês/meses NS (98) NR (99)

19.12) Quais as principais razões que o levam/levaram a praticar o 1º hobby?

[] [] 1ª razão; [] [] 2ª razão [] [] 3ª razão

No caso de outras razões, detalhar:

→ MF

(NÃO SUGERIR NADA. ASSINALAR AS RAZÕES APONTADAS PELO INQUIRIDO, PELA ORDEM POR ELE REFERIDA, NAS COLUNAS RESPECTIVAS)

Razões/Motivos	
14.	Divertimento, ocupação do tempo livre
15.	O convívio que proporciona
16.	Questão de saúde
17.	Recomendação médica
18.	Porque gosta da atividade
19.	Para dar presentes
20.	Quebrar com a rotina do dia-a-dia
21.	Contato com a natureza
9 -	Outras razões
NS (98)	NR (99)

19.13) ... a 2º hobby?

[] [] 1ª razão [] [] 2ª razão [] [] 3ª razão

No caso de outras razões, detalhar:

detalhar: _____ → MF

19.14) ... a 3º hobby?

[] [] 1ª razão [] [] 2ª razão [] [] 3ª razão

No caso de outras razões, detalhar:

→ MF

MENSAGEM FINAL (MF)

Para finalizar, lhe informamos que a pesquisa tem uma segunda fase, na qual vamos procurar aprofundar nosso conhecimento sobre as práticas culturais da população de Porto Alegre. Por essa razão, dissemos-lhe que gostaríamos de saber se o(a) Sr.(a) estaria interessado(a) em participar da mesma. E adiantamos-lhe que essa segunda parte da pesquisa consiste numa entrevista com temas similares aos perguntados neste questionário, mas procurando conhecer de forma mais detalhada os motivos das suas preferências por diferentes práticas culturais.

Sim (1);

Não (2); NS (98); NR (99)

MUITO OBRIGADO/A PELA SUA COLABORAÇÃO!

APÊNDICE 8

MACROPOSIÇÕES DE CLASSE E CONSUMOS CULTURAIS

TABELA 8.1 - Macroposições de classe e consumos culturais: Música (colunas em percentuais)

Consumos culturais	Trabalhador destituído	Trabalhador amplo	Detentor de ativos de capital	Privilegiado	<i>n</i>
Costuma ouvir música?	79	84	84	86**	486
Grupo de gêneros musicais					397
– <i>MPB</i>	9	33	25	54	
– <i>Rock em inglês</i>	5	15	18	34	
– <i>Clássica</i>	4	5	4	13*	
– <i>Pagode</i>	39	33	14	8	
– <i>Sertaneja</i>	41	21	25	12	
– <i>Gaúcha</i>	29	19	25	9	
– <i>Rap/hip hop</i>	-	12	7	3	
– <i>Samba</i>	19	22	13	11**	

* Não cumpre pressuposto do teste.

** Diferença não significativa estatisticamente.

TABELA 8.2 - Macroposições de classe e consumos culturais: Leitura (colunas em percentuais)

Consumos culturais	Trabalhador destituído	Trabalhador amplo	Detentor de ativos de capital	Privilegiado	<i>n</i>
Costuma ler livros?	28	40	42	80	479
Atualmente está lendo algum livro?	40	50	64	44	206
Grupo de gêneros literários					
– <i>Científico-técnico</i>	7	11	17	27	227
– <i>Religião</i>	32	24	20	8	
– <i>Conto</i>	4	11	14	15*	
– <i>Culinária</i>	18	2	3	5*	
– <i>Ensaio</i>	0	3	8	9*	
– <i>Literatura clássica</i>	4	10	11	15*	
– <i>Policiais</i>	7	12	17	18**	

* Não cumpre pressuposto do teste.

** Diferença não significativa estatisticamente.

Tabela 8.3 - Macroposições de classe e consumos culturais: Leitura de Jornais (colunas em percentuais)

Consumos culturais	Trabalhador destituído	Trabalhador amplo	Detentor de ativos de capital	Privilegiado	<i>n</i>
Costuma ler jornais?					
Jornal que lê habitualmente					421
– <i>Zero Hora</i>	39	51	53	80	
– <i>Diário Gaúcho</i>	80	45	52	10	
– <i>Correio do Povo</i>	15	21	16	28**	
Jornal que lê habitualmente (H)					190
– <i>Zero Hora</i>	27	45	64	80	
– <i>Diário Gaúcho</i>	82	51	38	11	
– <i>Correio do Povo</i>	22	27	19	22**	
Jornal que lê habitualmente (M)					231
– <i>Zero Hora</i>	44	57	39	80	
– <i>Diário Gaúcho</i>	79	40	71	9	
– <i>Correio do Povo</i>	12	16	13	32	

H: Homens; M: Mulheres

** Diferença não significativa estatisticamente.

Tabela 8.4 - Macroposições de classe e consumos culturais: matérias do jornal lidas regularmente (colunas em percentuais)

Consumos culturais	Trabalhador destituído	Trabalhador amplo	Detentor de ativos de capital	Privilegiado	<i>n</i>
					418
– Notícias nacionais	32	45	36	51	
– Notícias internacionais	7	14	15	23	
– Classificados	10	9	11	6*	
– Cultura	10	13	13	19*	
– Esporte	36	35	35	31*	
– Economia e finanças	4	9	7	22	
– Policiais	62	35	35	13	
<i>Homens</i>					189
– Notícias nacionais	36	41	39	44**	
– Notícias Estado/Cidade	14	30	22	37**	
– Esporte	79	68	56	60**	
– Economia e finanças	4	5	5	26	
– Policiais	68	45	44	22	
<i>Mulheres</i>					229
– Notícias nacionais	30	48	29	56	
– Notícias internacionais	6	14	13	35	
– Cultura	16	17	19	26	
– Esporte	12	9	7	7**	
– Economia e finanças	4	11	10	19**	
– Policiais	58	26	23	4	

* Não cumpre pressuposto do teste.

** Diferença não significativa estatisticamente.

Tabela 8.4 - Macroposições de classe e consumos culturais: TV (colunas em percentuais)

Consumos culturais	Trabalhador destituído	Trabalhador amplo	Detentor de ativos de capital	Privilegiado	<i>n</i>
Não costuma assistir TV	6	5	3	13	481
Assiste menos de duas horas de TV por dia	50	67	57	74	416
– <i>Homens</i>	67	72	64	81**	183
– <i>Mulheres</i>	42	62	47	68	233
Tipo de programa					441
– <i>Culturais</i>	2	8	9	16	
– <i>Documentais</i>	6	16	17	20	
– <i>Entrevistas</i>	9	8	16	14*	
– <i>Telenovelas</i>	60	40	27	20	
– <i>Outros</i>	4	6	7	15	
<i>Homens</i>					196
– <i>Esportivos</i>	40	55	46	50*	
– <i>Telenovelas</i>	28	15	15	9*	
<i>Mulheres</i>					245
– <i>Telenovelas</i>	73	59	42	31	
– <i>Outros</i>	5	9	8	23	

* Não cumpre pressuposto do teste.

** Diferença não significativa estatisticamente.

Tabela 8.5 - Macroposições de classe e consumos culturais: Cinema (colunas em percentuais)

Consumos culturais	Trabalhador destituído	Trabalhador amplo	Detentor de ativos de capital	Privilegiado	<i>n</i>
Assistiu a um filme no cinema nos últimos 12 meses	25	62	47	78	440
– <i>Homens</i>	29	56	56	77	187
– <i>Mulheres</i>	23	66	37	80	253
Gênero					
– <i>Drama</i>	***	18	12	30	225
– <i>Terror</i>	***	11	15	1	225
Gênero					434
– <i>Drama</i>	17	17	17	29	
– <i>Terror</i>	15	12	9	3	
<i>Mulheres</i>					248
– <i>Ação</i>	38	34	28	26*	
– <i>Documentário</i>	-	8	9	12*	

*** Poucos casos

Tabela 8.6 - Macroposições de classe e consumos culturais: Vídeos (colunas em percentuais)

Consumos culturais	Trabalhador destituído	Trabalhador amplo	Detentor de ativos de capital	Privilegiado	<i>n</i>
Assistiu a um filme em DVD nas últimas quatro semanas	69	80	76	80	377
– <i>Homens</i>	58	82	79	82	165
– <i>Mulheres</i>	73	78	72	79	212
Gênero					292
– <i>Drama</i>	10	23	26	32	
– <i>Documentário</i>	-	3	9	9*	
– <i>Terror</i>	26	11	17	5	
<i>Mulheres</i>					162
– <i>Drama</i>	13	26	50	41	

* Não cumpre pressuposto do teste.

** Diferença não significativa estatisticamente.

Tabela 8.7 - Macroposições de classe e saídas e visitas culturais (colunas em percentuais)

Consumos culturais	Trabalhador destituído	Trabalhador amplo	Detentor de ativos de capital	Privilegiado	<i>n</i>
Foi ao teatro no último ano	5	15	16	38	486
– <i>Homens</i>	3	9	21	28	215
– <i>Mulheres</i>	6	19	11	46	271
Foi a concerto de música clássica no último ano	2	4	7	18	486
– <i>Homens</i>	-	4	6	8	215
– <i>Mulheres</i>	3	5	8	25	271
Foi a uma ópera no último ano	0	1	2	3*	486
Foi a um espetáculo de danças cênicas no último ano	0	2	2	5*	486
– <i>Homens</i>	0	0	2	6*	215
– <i>Mulheres</i>	0	3	3	5*	271
Visitou no último ano uma exposição de pintura ou escultura no último ano	14	17	14	39	486
– <i>Homens</i>	11	19	15	26**	215
– <i>Mulheres</i>	15	16	13	40	271
Visitou no último ano um museu no último ano	11	17	16	40	486
– <i>Homens</i>	9	19	15	37	215
– <i>Mulheres</i>	12	16	19	13	271

* Não cumpre pressuposto do teste.

** Diferença não significativa estatisticamente.

Tabela 8.7 - Macroposições de classe e lazeres-diversão (colunas em percentuais)

Consumos culturais	Trabalhador destituído	Trabalhador amplo	Detentor de ativos de capital	Privilegiado	<i>n</i>
Foi a bailes no último ano	34	27	19	17	486
– <i>Homens</i>	34	33	20	12	215
– <i>Mulheres</i>	34	22	16	21**	271
Foi a discotecas no último ano	19	42	23	45	486
– <i>Homens</i>	17	40	29	45	215
– <i>Mulheres</i>	20	44	16	45	271
Foi a um recital no último ano	6	12	20	21	486
– <i>Homens</i>	0	14	23	16	215
– <i>Mulheres</i>	10	11	16	26	271
Foi a um espetáculo esportivo no último ano	21	38	39	41	486
– <i>Homens</i>	37	53	63	63	215
– <i>Mulheres</i>	12	27	8	24	271

* Não cumpre pressuposto do teste.

** Diferença não significativa estatisticamente.

Tabela 8.8 Macroposições de classe e cuidados com alimentação (colunas em percentuais)

Consumos culturais	Trabalhador destituído	Trabalhador amplo	Detentor de ativos de capital	Privilegiado	<i>n</i>
Costuma cuidar-se na alimentação	35	31	39	46**	480
– <i>Homens</i>	18	25	30	36**	212
– <i>Mulheres</i>	44	36	50	54**	268
Deveria cuidar-se na alimentação	24	35	35	49	300
– <i>Homens</i>	18	32	35	41**	152
– <i>Mulheres</i>	29	39	37	59**	148
Motivos para fazer (quem se cuida e deveria cuidar-se)					272
– <i>Conservar a forma corporal</i>	32	37	26	40**	
– <i>Recuperar a forma corporal</i>	15	31	35	18	
– <i>Evitar doenças</i>	50	44	34	31**	
Motivos pelos que se cuidam					176
– <i>Recuperar a forma corporal</i>	12	26	18	15**	
– <i>Para recuperar ou manter a saúde</i>	41	44	61	60**	
– <i>Evitar doenças</i>	50	33	30	25**	
Motivos pelos que deveriam se cuidar					110
– <i>Manter a forma corporal</i>	13	24	11	37**	
– <i>Recuperar e/ou manter a saúde</i>	73	55	39	37**	

* Não cumpre pressuposto do teste.

** Diferença não significativa estatisticamente.

APÊNDICE 9

FRASES COM OITO CONSUMOS CULTURAIS

A sequência de números corresponde a cada consumo na seguinte ordem: música, jornal, livros, tv, filmes, passeios culturais, visitas culturais, diversão. Os números correspondem à seguinte codificação: 1 = Legítimo, 2 = Pouco legítimo, 3 = Mistura de legitimidades, 4 = Inclassificáveis, 5 = Não envolvidos. Assim, a leitura da primeira frase ou sequência de números (22524221) deve ser: sujeitos que declararam escutar músicas pouco legítimas, ler jornal pouco legítimo, não ler livros, assistir a programas de TV pouco legítimos, ter gostos inclassificáveis de filme, não ter participado de nenhum passeio ou visita cultural no último ano, mas também não ter realizado nenhuma saída para diversão. A segunda frase ou sequência de números (52525221) deve ser lida da seguinte forma: sujeitos que declararam não escutar músicas, ler jornal pouco legítimo, não ler livros, assistir a programas de TV pouco legítimos, não assistir a filmes, não ter participado de nenhum passeio ou visita cultural no último ano e não ter realizado nenhuma saída para diversão.

Perfis	Fr.	%	% Ac.									
				11114112	2	0,4	13,6		31551221	2	0,4	21,4
22524221	7	1,4	1,4	11141112	2	0,4	14,0		32244122	2	0,4	21,8
52525221	6	1,2	2,7	11151111	2	0,4	14,4		32521221	2	0,4	22,2
55555221	5	1,0	3,7	11151121	2	0,4	14,8		32524222	2	0,4	22,6
22524222	4	0,8	4,5	11214112	2	0,4	15,2		34514221	2	0,4	23,0
52524221	4	0,8	5,3	11414112	2	0,4	15,6		51114221	2	0,4	23,5
11444211	3	0,6	6,0	14111112	2	0,4	16,0		51524222	2	0,4	23,9
11544221	3	0,6	6,6	15544212	2	0,4	16,5		55524222	2	0,4	24,3
21544221	3	0,6	7,2	21521221	2	0,4	16,9		11111111	1	0,2	24,5
22542221	3	0,6	7,8	21524222	2	0,4	17,3		11111112	1	0,2	24,7
22542222	3	0,6	8,4	21544222	2	0,4	17,7		11111121	1	0,2	24,9
22544221	3	0,6	9,1	22514221	2	0,4	18,1		11111212	1	0,2	25,1
22544222	3	0,6	9,7	22514222	2	0,4	18,5		11114111	1	0,2	25,3
25524221	3	0,6	10,3	22521222	2	0,4	18,9		11114121	1	0,2	25,5
41544221	3	0,6	10,9	22524212	2	0,4	19,3		11114122	1	0,2	25,7
42544221	3	0,6	11,5	22525221	2	0,4	19,8		11114221	1	0,2	25,9
51544221	3	0,6	12,1	22525222	2	0,4	20,2		11134112	1	0,2	26,1
52544221	3	0,6	12,8	25521222	2	0,4	20,6		11141111	1	0,2	26,3
11111221	2	0,4	13,2	31214222	2	0,4	21,0		11144221	1	0,2	26,5

11151122	1	0,2	26,7	13444112	1	0,2	35,6	21542222	1	0,2	44,4
11152112	1	0,2	27,0	13514211	1	0,2	35,8	21543221	1	0,2	44,7
11154222	1	0,2	27,2	14115211	1	0,2	36,0	21544111	1	0,2	44,9
11155121	1	0,2	27,4	14124111	1	0,2	36,2	21544121	1	0,2	45,1
11211112	1	0,2	27,6	14154111	1	0,2	36,4	21544122	1	0,2	45,3
11214111	1	0,2	27,8	14244222	1	0,2	36,6	22211222	1	0,2	45,5
11221212	1	0,2	28,0	14431112	1	0,2	36,8	22224111	1	0,2	45,7
11221221	1	0,2	28,2	14511221	1	0,2	37,0	22224122	1	0,2	45,9
11224121	1	0,2	28,4	14544221	1	0,2	37,2	22224221	1	0,2	46,1
11231211	1	0,2	28,6	14554212	1	0,2	37,4	22224222	1	0,2	46,3
11251221	1	0,2	28,8	15151111	1	0,2	37,7	22244221	1	0,2	46,5
11314111	1	0,2	29,0	15344212	1	0,2	37,9	22245212	1	0,2	46,7
11314222	1	0,2	29,2	15424221	1	0,2	38,1	22254221	1	0,2	46,9
11341211	1	0,2	29,4	15444222	1	0,2	38,3	22425222	1	0,2	47,1
11411111	1	0,2	29,6	15454121	1	0,2	38,5	22511112	1	0,2	47,3
11411122	1	0,2	29,8	15511211	1	0,2	38,7	22511212	1	0,2	47,5
11414121	1	0,2	30,0	15514221	1	0,2	38,9	22512222	1	0,2	47,7
11414212	1	0,2	30,2	15521221	1	0,2	39,1	22515211	1	0,2	47,9
11415221	1	0,2	30,5	15541211	1	0,2	39,3	22515221	1	0,2	48,1
11441112	1	0,2	30,7	15544221	1	0,2	39,5	22521221	1	0,2	48,4
11444111	1	0,2	30,9	15554222	1	0,2	39,7	22522221	1	0,2	48,6
11444222	1	0,2	31,1	21111221	1	0,2	39,9	22522222	1	0,2	48,8
11451221	1	0,2	31,3	21124112	1	0,2	40,1	22524211	1	0,2	49,0
11511112	1	0,2	31,5	21124122	1	0,2	40,3	22532222	1	0,2	49,2
11511222	1	0,2	31,7	21124221	1	0,2	40,5	22534222	1	0,2	49,4
11514111	1	0,2	31,9	21141112	1	0,2	40,7	22542212	1	0,2	49,6
11514212	1	0,2	32,1	21141221	1	0,2	40,9	22544112	1	0,2	49,8
11514221	1	0,2	32,3	21224122	1	0,2	41,2	22544211	1	0,2	50,0
11514222	1	0,2	32,5	21242222	1	0,2	41,4	22544212	1	0,2	50,2
11524221	1	0,2	32,7	21244211	1	0,2	41,6	22545222	1	0,2	50,4
11524222	1	0,2	32,9	21254222	1	0,2	41,8	22552222	1	0,2	50,6
11544212	1	0,2	33,1	21341212	1	0,2	42,0	22555221	1	0,2	50,8
11544222	1	0,2	33,3	21414221	1	0,2	42,2	23114122	1	0,2	51,0
11551221	1	0,2	33,5	21422222	1	0,2	42,4	23224222	1	0,2	51,2
11552222	1	0,2	33,7	21424112	1	0,2	42,6	23412212	1	0,2	51,4
11554112	1	0,2	34,0	21444221	1	0,2	42,8	23421222	1	0,2	51,6
12311211	1	0,2	34,2	21511212	1	0,2	43,0	23424221	1	0,2	51,9
12544222	1	0,2	34,4	21514112	1	0,2	43,2	23424222	1	0,2	52,1
12545222	1	0,2	34,6	21514211	1	0,2	43,4	23444221	1	0,2	52,3
13114212	1	0,2	34,8	21515221	1	0,2	43,6	23512221	1	0,2	52,5
13244211	1	0,2	35,0	21523222	1	0,2	43,8	23514222	1	0,2	52,7
13341211	1	0,2	35,2	21524221	1	0,2	44,0	23522222	1	0,2	52,9
13344121	1	0,2	35,4	21541112	1	0,2	44,2	23524212	1	0,2	53,1

23544212	1	0,2	53,3	31121221	1	0,2	62,1	32541222	1	0,2	71,0
23544222	1	0,2	53,5	31144222	1	0,2	62,3	32542212	1	0,2	71,2
23554121	1	0,2	53,7	31211212	1	0,2	62,6	32544122	1	0,2	71,4
23555221	1	0,2	53,9	31224211	1	0,2	62,8	32544222	1	0,2	71,6
24144212	1	0,2	54,1	31224222	1	0,2	63,0	32545212	1	0,2	71,8
24224222	1	0,2	54,3	31241112	1	0,2	63,2	33114212	1	0,2	72,0
24445222	1	0,2	54,5	31242221	1	0,2	63,4	33224222	1	0,2	72,2
24511122	1	0,2	54,7	31311212	1	0,2	63,6	33314222	1	0,2	72,4
24524112	1	0,2	54,9	31314122	1	0,2	63,8	33414222	1	0,2	72,6
24524122	1	0,2	55,1	31411111	1	0,2	64,0	33442221	1	0,2	72,8
24534222	1	0,2	55,3	31415112	1	0,2	64,2	33444112	1	0,2	73,0
24542212	1	0,2	55,6	31434121	1	0,2	64,4	33512222	1	0,2	73,3
24545222	1	0,2	55,8	31444122	1	0,2	64,6	33514221	1	0,2	73,5
24551221	1	0,2	56,0	31511221	1	0,2	64,8	33521222	1	0,2	73,7
25114122	1	0,2	56,2	31512222	1	0,2	65,0	33524221	1	0,2	73,9
25125221	1	0,2	56,4	31524112	1	0,2	65,2	33544211	1	0,2	74,1
25224122	1	0,2	56,6	31524221	1	0,2	65,4	34114112	1	0,2	74,3
25224221	1	0,2	56,8	31524222	1	0,2	65,6	34442222	1	0,2	74,5
25225221	1	0,2	57,0	31534221	1	0,2	65,8	34444111	1	0,2	74,7
25421221	1	0,2	57,2	31541222	1	0,2	66,0	34544212	1	0,2	74,9
25514111	1	0,2	57,4	31542122	1	0,2	66,3	35144221	1	0,2	75,1
25514211	1	0,2	57,6	31542212	1	0,2	66,5	35251121	1	0,2	75,3
25521221	1	0,2	57,8	31544112	1	0,2	66,7	35344112	1	0,2	75,5
25522122	1	0,2	58,0	31544212	1	0,2	66,9	35454221	1	0,2	75,7
25522222	1	0,2	58,2	32114111	1	0,2	67,1	35524222	1	0,2	75,9
25523222	1	0,2	58,4	32114221	1	0,2	67,3	35534222	1	0,2	76,1
25524122	1	0,2	58,6	32124121	1	0,2	67,5	41114111	1	0,2	76,3
25524222	1	0,2	58,8	32224211	1	0,2	67,7	41124212	1	0,2	76,5
25525221	1	0,2	59,1	32231212	1	0,2	67,9	41154112	1	0,2	76,7
25542221	1	0,2	59,3	32244211	1	0,2	68,1	41214112	1	0,2	77,0
25542222	1	0,2	59,5	32421211	1	0,2	68,3	41214211	1	0,2	77,2
25544212	1	0,2	59,7	32511222	1	0,2	68,5	41241121	1	0,2	77,4
25544221	1	0,2	59,9	32512221	1	0,2	68,7	41244212	1	0,2	77,6
25545222	1	0,2	60,1	32512222	1	0,2	68,9	41244221	1	0,2	77,8
25554221	1	0,2	60,3	32514222	1	0,2	69,1	41245212	1	0,2	78,0
25554222	1	0,2	60,5	32515222	1	0,2	69,3	41322112	1	0,2	78,2
31111111	1	0,2	60,7	32521222	1	0,2	69,5	41414121	1	0,2	78,4
31111112	1	0,2	60,9	32522222	1	0,2	69,8	41414222	1	0,2	78,6
31111211	1	0,2	61,1	32524221	1	0,2	70,0	41444222	1	0,2	78,8
31114112	1	0,2	61,3	32525122	1	0,2	70,2	41514211	1	0,2	79,0
31114221	1	0,2	61,5	32525221	1	0,2	70,4	41524121	1	0,2	79,2
31114222	1	0,2	61,7	32525222	1	0,2	70,6	41524221	1	0,2	79,4
31121112	1	0,2	61,9	32541221	1	0,2	70,8	41532222	1	0,2	79,6

41544212	1	0,2	79,8	45544112	1	0,2	86,8	52222122	1	0,2	93,8
41544222	1	0,2	80,0	45544222	1	0,2	87,0	52224211	1	0,2	94,0
42124222	1	0,2	80,2	45545221	1	0,2	87,2	52424211	1	0,2	94,2
42211221	1	0,2	80,5	51111111	1	0,2	87,4	52511222	1	0,2	94,4
42224221	1	0,2	80,7	51114211	1	0,2	87,7	52512221	1	0,2	94,7
42234222	1	0,2	80,9	51114212	1	0,2	87,9	52514221	1	0,2	94,9
42244221	1	0,2	81,1	51115221	1	0,2	88,1	52514222	1	0,2	95,1
42511221	1	0,2	81,3	51135111	1	0,2	88,3	52521111	1	0,2	95,3
42521222	1	0,2	81,5	51141221	1	0,2	88,5	52521221	1	0,2	95,5
42522122	1	0,2	81,7	51144111	1	0,2	88,7	52521222	1	0,2	95,7
42522221	1	0,2	81,9	51144222	1	0,2	88,9	52524222	1	0,2	95,9
42524221	1	0,2	82,1	51211112	1	0,2	89,1	52541222	1	0,2	96,1
42524222	1	0,2	82,3	51224121	1	0,2	89,3	52542221	1	0,2	96,3
43141221	1	0,2	82,5	51224222	1	0,2	89,5	52542222	1	0,2	96,5
43244211	1	0,2	82,7	51241222	1	0,2	89,7	52544211	1	0,2	96,7
43245221	1	0,2	82,9	51314211	1	0,2	89,9	52544222	1	0,2	96,9
43444121	1	0,2	83,1	51325212	1	0,2	90,1	52545122	1	0,2	97,1
43514222	1	0,2	83,3	51421121	1	0,2	90,3	52545221	1	0,2	97,3
43525221	1	0,2	83,5	51434221	1	0,2	90,5	52545222	1	0,2	97,5
43544121	1	0,2	83,7	51444121	1	0,2	90,7	52551222	1	0,2	97,7
43544222	1	0,2	84,0	51454221	1	0,2	90,9	53224222	1	0,2	97,9
43545212	1	0,2	84,2	51511211	1	0,2	91,2	53234222	1	0,2	98,1
44114112	1	0,2	84,4	51522221	1	0,2	91,4	53411212	1	0,2	98,4
44114122	1	0,2	84,6	51524112	1	0,2	91,6	53521211	1	0,2	98,6
44141111	1	0,2	84,8	51524121	1	0,2	91,8	53544211	1	0,2	98,8
44444222	1	0,2	85,0	51524212	1	0,2	92,0	54522221	1	0,2	99,0
44514122	1	0,2	85,2	51524221	1	0,2	92,2	54545221	1	0,2	99,2
44544211	1	0,2	85,4	51541212	1	0,2	92,4	55522221	1	0,2	99,4
44545221	1	0,2	85,6	51544211	1	0,2	92,6	55525221	1	0,2	99,6
44552211	1	0,2	85,8	51551221	1	0,2	92,8	55525222	1	0,2	99,8
45224111	1	0,2	86,0	51554221	1	0,2	93,0	55551222	1	0,2	100,0
45444211	1	0,2	86,2	51554222	1	0,2	93,2	<hr/>			
45524222	1	0,2	86,4	51555222	1	0,2	93,4	Total	486	100,0	
45541121	1	0,2	86,6	52221222	1	0,2	93,6				

APÊNDICE 10

FRASES COM CINCO CONSUMOS CULTURAIS

A sequência de números corresponde a cada consumo na seguinte ordem: música, jornal, livro, tv, visitas culturais. Os números correspondem à seguinte codificação: 1 = Legítimo, 2 = Pouco legítimo, 3 = Mistura de legitimidades, 4 = Inclassificáveis, 5 = Não envolvidos (no caso dos livros, 7 = leitura pouco legítima). Assim, a leitura da primeira frase ou sequência de números (22222) deve ser: sujeitos que declararam escutar música pouco legítima, ler jornal pouco legítimo, não ler livros, gostar de programas de TV codificados como pouco legítimos e não ter realizado nenhuma visita cultural no último ano. A segunda frase ou sequência de números (22242) deve ser lida da seguinte forma: sujeitos que declararam escutar música pouco legítima, ler jornal pouco legítimo, não ler livros, gostar de programas de TV inclassificáveis e não ter realizado nenhuma visita cultural no último ano.

Perfis	fr.	%	% Ac..								
22222	20	4,1	4,1	11211	3	0,6	40,3	31222	2	0,4	56,4
22242	13	2,7	6,8	11212	3	0,6	40,9	31242	2	0,4	56,8
52222	13	2,7	9,5	11412	3	0,6	41,6	31252	2	0,4	57,2
25222	12	2,5	11,9	14111	3	0,6	42,2	31411	2	0,4	57,6
32222	10	2,1	14,0	15241	3	0,6	42,8	31712	2	0,4	58,0
52242	10	2,1	16,0	21211	3	0,6	43,4	32241	2	0,4	58,4
21242	9	1,9	17,9	22211	3	0,6	44,0	32742	2	0,4	58,8
11111	6	1,2	19,1	22221	3	0,6	44,7	33212	2	0,4	59,3
11112	6	1,2	20,4	22722	3	0,6	45,3	33222	2	0,4	59,7
21222	6	1,2	21,6	23422	3	0,6	45,9	34212	2	0,4	60,1
22212	6	1,2	22,8	25722	3	0,6	46,5	41222	2	0,4	60,5
55252	6	1,2	24,1	31241	3	0,6	47,1	41412	2	0,4	60,9
11152	5	1,0	25,1	42242	3	0,6	47,7	41711	2	0,4	61,3
11441	5	1,0	26,1	45242	3	0,6	48,4	41741	2	0,4	61,7
32212	5	1,0	27,2	51111	3	0,6	49,0	41742	2	0,4	62,1
42222	5	1,0	28,2	51112	3	0,6	49,6	43242	2	0,4	62,6
51222	5	1,0	29,2	51242	3	0,6	50,2	51142	2	0,4	63,0
55222	5	1,0	30,2	11222	2	0,4	50,6	51221	2	0,4	63,4
11242	4	0,8	31,1	11252	2	0,4	51,0	51241	2	0,4	63,8
11411	4	0,8	31,9	11722	2	0,4	51,4	51722	2	0,4	64,2
11711	4	0,8	32,7	12242	2	0,4	51,9	52722	2	0,4	64,6
22241	4	0,8	33,5	21122	2	0,4	52,3	11131	1	0,2	64,8
25242	4	0,8	34,4	21241	2	0,4	52,7	11142	1	0,2	65,0
31111	4	0,8	35,2	22232	2	0,4	53,1	11241	1	0,2	65,2
32242	4	0,8	36,0	22252	2	0,4	53,5	11251	1	0,2	65,4
41242	4	0,8	36,8	23212	2	0,4	53,9	11311	1	0,2	65,6
51252	4	0,8	37,7	23252	2	0,4	54,3	11312	1	0,2	65,8
52212	4	0,8	38,5	25211	2	0,4	54,7	11341	1	0,2	66,0
11141	3	0,6	39,1	25252	2	0,4	55,1	11442	1	0,2	66,3
11151	3	0,6	39,7	31112	2	0,4	55,6	11452	1	0,2	66,5
				31212	2	0,4	56,0	11721	1	0,2	66,7

11731	1	0,2	66,9	24212	1	0,2	78,2	41232	1	0,2	89,5
11752	1	0,2	67,1	24221	1	0,2	78,4	41241	1	0,2	89,7
12311	1	0,2	67,3	24222	1	0,2	78,6	41321	1	0,2	89,9
13111	1	0,2	67,5	24232	1	0,2	78,8	41442	1	0,2	90,1
13211	1	0,2	67,7	24241	1	0,2	79,0	42122	1	0,2	90,3
13341	1	0,2	67,9	24242	1	0,2	79,2	42212	1	0,2	90,5
13342	1	0,2	68,1	24252	1	0,2	79,4	42712	1	0,2	90,7
13441	1	0,2	68,3	24442	1	0,2	79,6	42722	1	0,2	90,9
13741	1	0,2	68,5	24722	1	0,2	79,8	42732	1	0,2	91,2
14121	1	0,2	68,7	25112	1	0,2	80,0	42742	1	0,2	91,4
14151	1	0,2	68,9	25122	1	0,2	80,2	43142	1	0,2	91,6
14212	1	0,2	69,1	25241	1	0,2	80,5	43212	1	0,2	91,8
14242	1	0,2	69,3	25422	1	0,2	80,7	43222	1	0,2	92,0
14251	1	0,2	69,5	31121	1	0,2	80,9	43241	1	0,2	92,2
14431	1	0,2	69,8	31122	1	0,2	81,1	43442	1	0,2	92,4
14742	1	0,2	70,0	31142	1	0,2	81,3	43741	1	0,2	92,6
15151	1	0,2	70,2	31221	1	0,2	81,5	43742	1	0,2	92,8
15211	1	0,2	70,4	31232	1	0,2	81,7	44111	1	0,2	93,0
15212	1	0,2	70,6	31311	1	0,2	81,9	44112	1	0,2	93,2
15222	1	0,2	70,8	31312	1	0,2	82,1	44141	1	0,2	93,4
15242	1	0,2	71,0	31432	1	0,2	82,3	44212	1	0,2	93,6
15252	1	0,2	71,2	31442	1	0,2	82,5	44241	1	0,2	93,8
15341	1	0,2	71,4	31711	1	0,2	82,7	44242	1	0,2	94,0
15422	1	0,2	71,6	31721	1	0,2	82,9	44251	1	0,2	94,2
15442	1	0,2	71,8	31722	1	0,2	83,1	44442	1	0,2	94,4
15452	1	0,2	72,0	31741	1	0,2	83,3	45222	1	0,2	94,7
21112	1	0,2	72,2	31742	1	0,2	83,5	45241	1	0,2	94,9
21121	1	0,2	72,4	32111	1	0,2	83,7	45441	1	0,2	95,1
21141	1	0,2	72,6	32112	1	0,2	84,0	45721	1	0,2	95,3
21142	1	0,2	72,8	32122	1	0,2	84,2	51131	1	0,2	95,5
21212	1	0,2	73,0	32421	1	0,2	84,4	51141	1	0,2	95,7
21341	1	0,2	73,3	32721	1	0,2	84,6	51211	1	0,2	95,9
21412	1	0,2	73,5	32731	1	0,2	84,8	51311	1	0,2	96,1
21421	1	0,2	73,7	32741	1	0,2	85,0	51321	1	0,2	96,3
21422	1	0,2	73,9	33111	1	0,2	85,2	51422	1	0,2	96,5
21442	1	0,2	74,1	33241	1	0,2	85,4	51432	1	0,2	96,7
21722	1	0,2	74,3	33312	1	0,2	85,6	51442	1	0,2	96,9
21741	1	0,2	74,5	33412	1	0,2	85,8	51452	1	0,2	97,1
21742	1	0,2	74,7	33441	1	0,2	86,0	51711	1	0,2	97,3
21752	1	0,2	74,9	33442	1	0,2	86,2	51742	1	0,2	97,5
22422	1	0,2	75,1	33722	1	0,2	86,4	52221	1	0,2	97,7
22712	1	0,2	75,3	34111	1	0,2	86,6	52241	1	0,2	97,9
22721	1	0,2	75,5	34241	1	0,2	86,8	52252	1	0,2	98,1
22741	1	0,2	75,7	34441	1	0,2	87,0	52421	1	0,2	98,4
22742	1	0,2	75,9	34442	1	0,2	87,2	52721	1	0,2	98,6
22752	1	0,2	76,1	35142	1	0,2	87,4	53221	1	0,2	98,8
23112	1	0,2	76,3	35222	1	0,2	87,7	53241	1	0,2	99,0
23221	1	0,2	76,5	35232	1	0,2	87,9	53411	1	0,2	99,2
23222	1	0,2	76,7	35341	1	0,2	88,1	53722	1	0,2	99,4
23241	1	0,2	77,0	35452	1	0,2	88,3	53732	1	0,2	99,6
23242	1	0,2	77,2	35752	1	0,2	88,5	54222	1	0,2	99,8
23411	1	0,2	77,4	41111	1	0,2	88,7	54242	1	0,2	100,0
23442	1	0,2	77,6	41121	1	0,2	88,9	Total	486	100,0	
23722	1	0,2	77,8	41151	1	0,2	89,1				
24141	1	0,2	78,0	41211	1	0,2	89,3				

APÊNDICE 11

AGREGAÇÃO DOS PERFIS CONSONANTES E DISSONANTES DE CONSUMOS CULTURAIS

A sequência de números corresponde a cada consumo na seguinte ordem: música, jornal, livro, TV, visitas culturais. Os números correspondem à seguinte codificação: 1 = Legítimo, 2 = Pouco legítimo, 3 = Mistura de legitimidades, 4 = Inclassificáveis, 5 = Não envolvidos (no caso dos livros, 7 = leitura pouco legítima).

Tabela 9.1 - Perfis consonantes legítimos

Perfis	Fr.	%	% Ac.
11111	6	24,0	24,0
11441	5	20,0	44,0
11411	4	16,0	60,0
11151	3	12,0	72,0
51111	3	12,0	84,0
11141	2	8,0	92,0
41111	1	4,0	100,0
Total	25	100,0	

Tabela 11.2 – Perfis consonantes com predomínio legítimo

Perfis	Fr.	%	% Ac.
11112	6	14,6	14,6
11152	5	12,2	26,8
11711	4	9,8	36,6
31111	4	9,8	46,3
11412	3	7,3	53,7
14111	3	7,3	61,0
51112	3	7,3	68,3
11131	1	2,4	70,7
11141	1	2,4	73,2
11142	1	2,4	75,6
11311	1	2,4	78,0
11341	1	2,4	80,5
11442	1	2,4	82,9
13111	1	2,4	85,4
15151	1	2,4	87,8
41121	1	2,4	90,2
41151	1	2,4	92,7
45441	1	2,4	95,1
51141	1	2,4	97,6
51311	1	2,4	100,0
Total	41	100,0	

Tabela 11.3 – Perfis dissonantes com tendências legítimas

Perfis	Fr.	%	% Ac.
11211	3	7,3	7,3
21211	3	7,3	14,6
31112	2	4,9	19,5
31411	2	4,9	24,4
41412	2	4,9	29,3
41711	2	4,9	34,1
51142	2	4,9	39,0
11241	1	2,4	41,5
11251	1	2,4	43,9
11312	1	2,4	46,3
11452	1	2,4	48,8
11721	1	2,4	51,2
11731	1	2,4	53,7
12311	1	2,4	56,1
14121	1	2,4	58,5
14151	1	2,4	61,0
15211	1	2,4	63,4
15341	1	2,4	65,9
21112	1	2,4	68,3
21121	1	2,4	70,7
21141	1	2,4	73,2
31121	1	2,4	75,6
31311	1	2,4	78,0
31711	1	2,4	80,5
34111	1	2,4	82,9
41442	1	2,4	85,4
41741	1	2,4	87,8
44111	1	2,4	90,2
44141	1	2,4	92,7
51131	1	2,4	95,1
51211	1	2,4	97,6
51711	1	2,4	100,0
Total	41	100,0	

Tabela 11.4 – Perfis dissonantes

Perfis	Fr.	%	% Ac.
11242	4	4,5	4,5
11212	3	3,4	7,9
15241	3	3,4	11,2
31241	3	3,4	14,6
11252	2	2,2	16,9
21241	2	2,2	19,1
25211	2	2,2	21,3
31212	2	2,2	23,6
31712	2	2,2	25,8
41742	2	2,2	28,1
51221	2	2,2	30,3
51241	2	2,2	32,6
11752	1	1,1	33,7
13211	1	1,1	34,8
13341	1	1,1	36,0

13342	1	1,1	37,1
13741	1	1,1	38,2
14212	1	1,1	39,3
14431	1	1,1	40,4
15212	1	1,1	41,6
15442	1	1,1	42,7
15452	1	1,1	43,8
21142	1	1,1	44,9
21341	1	1,1	46,1
21412	1	1,1	47,2
21421	1	1,1	48,3
23112	1	1,1	49,4
23411	1	1,1	50,6
24141	1	1,1	51,7
24442	1	1,1	52,8
25112	1	1,1	53,9
31122	1	1,1	55,1
31142	1	1,1	56,2
31252	1	1,1	57,3
31312	1	1,1	58,4
31432	1	1,1	59,6
31442	1	1,1	60,7
31721	1	1,1	61,8
31722	1	1,1	62,9
31741	1	1,1	64,0
31742	1	1,1	65,2
32111	1	1,1	66,3
32241	1	1,1	67,4
33111	1	1,1	68,5
33312	1	1,1	69,7
33412	1	1,1	70,8
33441	1	1,1	71,9
33442	1	1,1	73,0
34441	1	1,1	74,2
34442	1	1,1	75,3
35142	1	1,1	76,4
35341	1	1,1	77,5
35452	1	1,1	78,7
41211	1	1,1	79,8
41321	1	1,1	80,9
41741	1	1,1	82,0
43142	1	1,1	83,1
43241	1	1,1	84,3
43741	1	1,1	85,4
44112	1	1,1	86,5
44212	1	1,1	87,6
44241	1	1,1	88,8
44251	1	1,1	89,9
45241	1	1,1	91,0
45721	1	1,1	92,1
51321	1	1,1	93,3
51422	1	1,1	94,4
51432	1	1,1	95,5
51442	1	1,1	96,6
51452	1	1,1	97,8
51742	1	1,1	98,9
53411	1	1,1	100,0
Total	89	100,0	

Tabela 11.5 – Perfis dissonantes com tendências pouco legítimas

Perfis	Fr.	%	% Ac.
21242	9	7,6	7,6
51222	5	4,2	11,9
22241	4	3,4	15,3
32212	4	3,4	18,6
41242	4	3,4	22,0
51252	4	3,4	25,4
22211	3	2,5	28,0
25722	3	2,5	30,5
51242	3	2,5	33,1
11222	2	1,7	34,7
11722	2	1,7	36,4
12242	2	1,7	38,1
21122	2	1,7	39,8
31222	2	1,7	41,5
31242	2	1,7	43,2
41222	2	1,7	44,9
43242	2	1,7	46,6
51722	2	1,7	48,3
14242	1	0,8	49,2
14251	1	0,8	50,0
15242	1	0,8	50,8
15252	1	0,8	51,7
15422	1	0,8	52,5
21212	1	0,8	53,4
21422	1	0,8	54,2
21442	1	0,8	55,1
21722	1	0,8	55,9
21741	1	0,8	56,8
21742	1	0,8	57,6
21752	1	0,8	58,5
22242	1	0,8	59,3
22712	1	0,8	60,2
22721	1	0,8	61,0
22741	1	0,8	61,9
23212	1	0,8	62,7
23221	1	0,8	63,6
23241	1	0,8	64,4
23422	1	0,8	65,3
24212	1	0,8	66,1
24221	1	0,8	66,9
24232	1	0,8	67,8
24241	1	0,8	68,6
24252	1	0,8	69,5
24722	1	0,8	70,3
25122	1	0,8	71,2
25241	1	0,8	72,0
25422	1	0,8	72,9
31221	1	0,8	73,7
31232	1	0,8	74,6
31252	1	0,8	75,4
32112	1	0,8	76,3
32122	1	0,8	77,1
32241	1	0,8	78,0
32421	1	0,8	78,8
32721	1	0,8	79,7

32731	1	0,8	80,5
32741	1	0,8	81,4
33212	1	0,8	82,2
33241	1	0,8	83,1
33722	1	0,8	83,9
34212	1	0,8	84,7
34241	1	0,8	85,6
35232	1	0,8	86,4
35752	1	0,8	87,3
41232	1	0,8	88,1
41241	1	0,8	89,0
42122	1	0,8	89,8
42212	1	0,8	90,7
42712	1	0,8	91,5
42732	1	0,8	92,4
42742	1	0,8	93,2
43212	1	0,8	94,1
44242	1	0,8	94,9
45222	1	0,8	95,8
52241	1	0,8	96,6
52421	1	0,8	97,5
53221	1	0,8	98,3
54222	1	0,8	99,2
54242	1	0,8	100,0
Total	118	100,0	

Tabela 11.6 – Perfis consonantes com predomínio pouco legítimo

Perfis	Fr.	%	% Ac.
22242	12	11,8	11,8
32222	10	9,8	21,6
52242	10	9,8	31,4
21222	6	5,9	37,3
22212	6	5,9	43,1
42222	5	4,9	48,0
25242	4	3,9	52,0
32242	4	3,9	55,9
52212	4	3,9	59,8
22221	3	2,9	62,7
22722	3	2,9	65,7
42242	3	2,9	68,6
45242	3	2,9	71,6
23252	2	2,0	73,5
23422	2	2,0	75,5
25252	2	2,0	77,5
32742	2	2,0	79,4
33222	2	2,0	81,4
52722	2	2,0	83,3
22422	1	1,0	84,3
22742	1	1,0	85,3
22752	1	1,0	86,3
23212	1	1,0	87,3
23242	1	1,0	88,2
23722	1	1,0	89,2
24222	1	1,0	90,2
24242	1	1,0	91,2
32212	1	1,0	92,2

35222	1	1,0	93,1
42722	1	1,0	94,1
43222	1	1,0	95,1
43742	1	1,0	96,1
52221	1	1,0	97,1
52721	1	1,0	98,0
53722	1	1,0	99,0
53732	1	1,0	100,0
Total	102	100,0	

Tabela 11.6 – Perfis consonantes pouco legítimos

Perfis	Fr.	%	% Ac.
22222	20	32,3	32,3
52222	13	21,0	53,2
25222	12	19,4	72,6
55252	6	9,7	82,3
55222	5	8,1	90,3
22232	2	3,2	93,5
22252	2	3,2	96,8
23222	1	1,6	98,4
52252	1	1,6	100,0
Total	62	100,0	

Tabela 11.10 – Perfis inclassificáveis

Perfis	Fr.	%	% Ac.
13441	1	12,5	12,5
14742	1	12,5	25,0
23442	1	12,5	37,5
33212	1	12,5	50,0
34212	1	12,5	62,5
43442	1	12,5	75,0
44442	1	12,5	87,5
53241	1	12,5	100,0
Total	8	100,0	

APÊNDICE 12

DISTRIBUIÇÃO DOS PERFIS DE CONSUMOS CULTURAIS CONFORME AS CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS SUJEITOS

12.1 Perfis de consumos culturais conforme macroposições de classe

Macroposições de classe		Perfis						Total	
		Consonantes legítimos	Consonantes com predomínio legítimo	Dissonantes com tendências legítimas	Dissonantes	Dissonantes com tendências pouco legítimas	Consonantes com predomínio não legítimo		Consonantes pouco legítimos
Privilegiado	Fr.	18	24	19	29	16	2	4	112
	%	16,1%	21,4%	17,0%	25,9%	14,3%	1,8%	3,6%	100,0%
Detentor de ativos de capital	Fr.	3	10	8	11	20	19	13	84
	%	3,6%	11,9%	9,5%	13,1%	23,8%	22,6%	15,5%	100,0%
Trabalhador amplo	Fr.	3	7	12	36	66	44	16	184
	%	1,6%	3,8%	6,5%	19,6%	35,9%	23,9%	8,7%	100,0%
Trabalhador destituído	Fr.	0	0	2	13	17	37	29	98
	%	0,0%	0,0%	2,0%	13,3%	17,3%	37,8%	29,6%	100,0%
Total	Fr.	24	41	41	89	119	102	62	478
	%	5,0%	8,6%	8,6%	18,6%	24,9%	21,3%	13,0%	100,0%

12.2 Macroperfis de consumos culturais conforme macroposições de classe

Macroposições de classe		Macroperfis			Total
		Consonante legítimo	Dissonante	Consonante pouco legítimo	
Privilegiado	Fr.	42	64	6	112
	%	37,5%	57,1%	5,4%	100,0%
Detentor de ativos de capital	Fr.	13	39	32	84
	%	15,5%	46,4%	38,1%	100,0%
Trabalhador amplo	Fr.	10	114	60	184
	%	5,4%	62,0%	32,6%	100,0%
Trabalhador destituído	Fr.	0	32	66	98
	%	0,0%	32,7%	67,3%	100,0%
Total	Fr.	65	249	164	478
	%	13,6%	52,1%	34,3%	100,0%

12.3 Macroperfis de consumos culturais conforme níveis de escolaridade

		Macroperfis			Total	
		Consonante legítimo	Dissonante	Consonante pouco legítimo		
Níveis Escolaridade (NE)	Superior	Fr.	56	108	8	172
		%	32,6%	62,8%	4,7%	100,0%
	Médio	Fr.	8	107	77	192
		%	4,2%	55,7%	40,1%	100,0%
	Fundamental	Fr.	1	31	76	108
		%	0,9%	28,7%	70,4%	100,0%
Total	Fr.	65	246	161	472	
	%	13,8%	52,1%	34,1%	100,0%	

12.4 Perfis de consumos culturais conforme gênero

Gênero	Perfis							Total	
	Consonantes legítimos	Consonantes com predomínio legítimo	Dissonantes com tendências legítimas	Dissonantes	Dissonantes com tendências pouco legítimas	Consonantes com predomínio não legítimo	Consonantes pouco legítimos		
Masculino	Fr.	11	17	23	39	55	46	20	211
	%	5,2%	8,1%	10,9%	18,5%	26,1%	21,8%	9,5%	100,0%
Feminino	Fr.	13	24	18	50	64	56	42	267
	%	4,9%	9,0%	6,7%	18,7%	24,0%	21,0%	15,7%	100,0%
Total	Fr.	24	41	41	89	119	102	62	478
	%	5,0%	8,6%	8,6%	18,6%	24,9%	21,3%	13,0%	100,0%

12.5 Perfis de consumos culturais conforme idade

Idade	Frases5agrega							Total	
	Consonantes legítimos	Consonantes com predomínio legítimo	Dissonantes com tendências legítimas	Dissonantes	Dissonantes com tendências pouco legítimas	Consonantes com predomínio não legítimo	Consonantes pouco legítimos		
25-35 anos	Fr.	9	13	17	33	53	40	22	187
	%	4,8%	7,0%	9,1%	17,6%	28,3%	21,4%	11,8%	100,0%
36-45 anos	Fr.	4	11	10	30	31	31	18	135
	%	3,0%	8,1%	7,4%	22,2%	23,0%	23,0%	13,3%	100,0%
46-55 anos	Fr.	9	12	11	16	27	18	14	107
	%	8,4%	11,2%	10,3%	15,0%	25,2%	16,8%	13,1%	100,0%
56-65 anos	Fr.	1	5	2	8	6	9	8	39
	%	2,6%	12,8%	5,1%	20,5%	15,4%	23,1%	20,5%	100,0%
Total	Fr.	23	41	40	87	117	98	62	468
	%	4,9%	8,8%	8,5%	18,6%	25,0%	20,9%	13,2%	100,0%

12.6 Macroperfis de consumos culturais conforme idade

Idade	Macroperfis			Total	
	Consonante legítimo	Dissonante	Consonante pouco legítimo		
25-35 anos	Fr.	22	103	62	187
	%	11,8%	55,1%	33,2%	100,0%
36-45 anos	Fr.	15	71	49	135
	%	11,1%	52,6%	36,3%	100,0%
46-55 anos	Fr.	21	54	32	107
	%	19,6%	50,5%	29,9%	100,0%
56-65 anos	Fr.	6	16	17	39
	%	15,4%	41,0%	43,6%	100,0%
Total	Fr.	64	244	160	468
	%	13,7%	52,1%	34,2%	100,0%

12.7 Perfis de consumos culturais conforme idade dicotomizada

Idades dicotomizadas	Perfis							Total	
	Consonantes legítimos	Consonantes com predomínio legítimo	Dissonantes com tendências legítimas	Dissonantes	Dissonantes com tendências pouco legítimas	Consonantes com predomínio não legítimo	Consonantes pouco legítimos		
25-44 anos	Fr.	13	21	25	59	82	69	40	309
	%	4,2%	6,8%	8,1%	19,1%	26,5%	22,3%	12,9%	100,0%
45-65 anos	Fr.	10	20	15	28	35	29	22	159
	%	6,3%	12,6%	9,4%	17,6%	22,0%	18,2%	13,8%	100,0%
Total	Fr.	23	41	40	87	117	98	62	468
	%	4,9%	8,8%	8,5%	18,6%	25,0%	20,9%	13,2%	100,0%

12.8 Macroperfis de consumos culturais conforme idade dicotomizada

Idades dicotomizadas	Macroperfil			Total	
	Consonante legítimo	Dissonante	Consonante pouco legítimo		
25-44 anos	Fr.	34	166	109	309
	%	11,0%	53,7%	35,3%	100,0%
45-65 anos	Fr.	30	78	51	159
	%	18,9%	49,1%	32,1%	100,0%
Total	Fr.	64	244	160	468
	%	13,7%	52,1%	34,2%	100,0%

APÊNDICE 13

PERFIS DE CONSUMOS CULTURAIS E PRÁTICAS DE MOVIMENTO CORPORAL NO TEMPO LIVRE

13.1 Envolvimentos com PMCTL conforme os perfis de consumos culturais

		PMCTL		Total
		Sim	Não	
Perfis de consumos culturais	Consonantes legítimos	Fr. 19	5	24
		% 79,2%	20,8%	100,0%
	Consonantes com predomínio legítimo	Fr. 21	20	41
		% 51,2%	48,8%	100,0%
	Dissonantes com tendências legítimas	Fr. 26	15	41
		% 63,4%	36,6%	100,0%
	Dissonantes	Fr. 45	43	88
		% 51,1%	48,9%	100,0%
	Dissonantes com tendências pouco legítimas	Fr. 51	68	119
		% 42,9%	57,1%	100,0%
	Consonantes com predomínio não legítimo	Fr. 50	51	101
		% 49,5%	50,5%	100,0%
	Consonantes pouco legítimos	Fr. 18	43	61
		% 29,5%	70,5%	100,0%
Total	Fr. 230	245	475	
	% 48,4%	51,6%	100,0%	

13.2 Homens que jogam futebol conforme os perfis de consumos culturais

		Joga futebol		Total
		Sim	Não	
Perfis de consumos culturais	Consonantes legítimos	Fr. 4	4	8
		% 50,0%	50,0%	100,0%
	Consonantes com predomínio legítimo	Fr. 5	4	8
		% 50%	50,0%	100,0%
	Dissonantes com tendências legítimas	Fr. 10	5	15
		% 66,7%	33,3%	100,0%
	Dissonantes	Fr. 13	11	24
		% 54,2%	45,8%	100,0%
	Dissonantes com tendências pouco legítimas	Fr. 14	7	21
		% 66,7%	33,3%	100,0%
	Consonantes com predomínio não legítimo	Fr. 18	8	26
		% 69,2%	30,8%	100,0%
	Consonantes pouco legítimos	Fr. 1	3	4
		% 25,0%	75,0%	100,0%
Total	Fr. 64	42	106	
	% 60,4%	39,6%	100,0%	

13.3 Homens que caminham conforme os perfis de consumos culturais

		Caminha		Total
		Sim	Não	
Perfis de consumos culturais	Consonantes legítimos	Fr. 1	7	8
		% 12,5%	87,5%	100,0%
	Consonantes com predomínio legítimo	Fr. 3	5	8
		% 37,5%	62,5%	100,0%
	Dissonantes com tendências legítimas	Fr. 6	9	15
		% 40,0%	60,0%	100,0%
	Dissonantes	Fr. 4	20	24
		% 16,7%	83,3%	100,0%
	Dissonantes com tendências pouco legítimas	Fr. 7	14	21
		% 33,3%	66,7%	100,0%
	Consonantes com predomínio não legítimo	Fr. 7	19	26
		% 26,9%	73,1%	100,0%
	Consonantes pouco legítimos	Fr. 0	4	4
		% 0,0%	100,0%	100,0%
Total	Fr. 28	78	106	
	% 26,4%	73,6%	100,0%	

13.4 Mulheres que caminham conforme os perfis de consumos culturais

		Caminha		Total
		Sim	Não	
Perfis de consumos culturais	Consonantes legítimos	Fr. 6	5	11
		% 54,5%	45,5%	100,0%
	Consonantes com predomínio legítimo	Fr. 6	7	13
		% 46,2%	53,8%	100,0%
	Dissonantes com tendências legítimas	Fr. 7	4	11
		% 63,6%	36,4%	100,0%
	Dissonantes	Fr. 12	9	21
		% 57,1%	42,9%	100,0%
	Dissonantes com tendências pouco legítimas	Fr. 17	13	30
		% 56,7%	43,3%	100,0%
	Consonantes com predomínio não legítimo	Fr. 13	11	24
		% 54,2%	45,8%	100,0%
Consonantes pouco legítimos	Fr. 8	6	14	
	% 57,1%	42,9%	100,0%	
Total	Fr. 69	55	124	
	% 55,6%	44,4%	100,0%	

13.5 Comparação da média de tempo de vínculo com a prática corporal (em anos) do grupo feminino conforme os perfis de consumos culturais

Frases3	N	Subconjunto para alfa = 0,05	
		2	1
Consonantes legítimos	36	2,7858	
Dissonantes	60	4,9358	4,9358
Consonantes pouco legítimos	18		6,7361
Sig.		0,338	0,467

As médias são apresentadas para grupos em subconjuntos homogêneos

- Utiliza um tamanho de amostra da média harmônica = 30.000.
- Os tamanhos dos grupos são diferentes. Usou-se a média harmônica de tamanhos de grupo. Os níveis de erro tipo I não são garantidos.

13.6 Homens que costumam cuidar da alimentação conforme os perfis de consumos culturais

		Costuma cuidar-se na alimentação? Está fazendo alguma dieta?			Total
		Sim	Não		
Perfis de consumos culturais	Consonantes legítimos	Fr.	7	4	11
		%	63,6%	36,4%	100,0%
	Consonantes com predomínio legítimo	Fr.	4	13	17
		%	23,5%	76,5%	100,0%
	Dissonantes com tendências legítimas	Fr.	12	11	23
		%	52,2%	47,8%	100,0%
	Dissonantes	Fr.	17	22	39
		%	43,6%	56,4%	100,0%
	Dissonantes com tendências pouco legítimas	Fr.	5	50	55
		%	9,1%	90,9%	100,0%
Consonantes com predomínio não legítimo	Fr.	10	36	46	
	%	21,7%	78,3%	100,0%	
Consonantes pouco legítimos	Fr.	2	15	17	
	%	11,8%	88,2%	100,0%	
Total	Fr.	57	151	208	
	%	27,4%	72,6%	100,0%	

13.7 Mulheres que costumam cuidar da alimentação conforme os perfis de consumos culturais

		Costuma cuidar-se na alimentação? Está fazendo alguma dieta?		Total	
		Sim	Não		
		Fr.	Nº		%
Perfis de consumos culturais	Consonantes legítimos	Fr.	9	4	13
		%	69,2%	30,8%	100,0%
	Consonantes com predomínio legítimo	Fr.	19	5	24
		%	79,2%	20,8%	100,0%
	Dissonantes com tendências legítimas	Fr.	10	8	18
		%	55,6%	44,4%	100,0%
	Dissonantes	Fr.	18	32	50
		%	36,0%	64,0%	100,0%
Dissonantes com tendências pouco legítimas	Fr.	29	35	64	
	%	45,3%	54,7%	100,0%	
Consonantes com predomínio não legítimo	Fr.	23	32	55	
	%	41,8%	58,2%	100,0%	
Consonantes pouco legítimos	Fr.	7	33	40	
	%	17,5%	82,5%	100,0%	
Total	Fr.	115	149	264	
	%	43,6%	56,4%	100,0%	

13.8 Homens e mulheres que costumam cuidar da alimentação conforme os perfis de consumos culturais

Gênero		Costuma cuidar-se na alimentação? Está fazendo alguma dieta?		Total	
		Sim	Não		
		Fr.	Nº		%
Masculino	Consonantes legítimos	Fr.	11	17	28
		%	39,3%	60,7%	100,0%
	Dissonantes	Fr.	34	83	117
		%	29,1%	70,9%	100,0%
Feminino	Consonantes pouco legítimos	Fr.	12	51	63
		%	19,0%	81,0%	100,0%
	Total	Fr.	57	151	208
		%	27,4%	72,6%	100,0%
Masculino	Consonantes legítimos	Fr.	28	9	37
		%	75,7%	24,3%	100,0%
	Dissonantes	Fr.	57	75	132
		%	43,2%	56,8%	100,0%
Feminino	Consonantes pouco legítimos	Fr.	30	65	95
		%	31,6%	68,4%	100,0%
	Total	Fr.	115	149	264
		%	43,6%	56,4%	100,0%

13.9 Homens que costumam cuidar da alimentação conforme a macroposição de classe

			Costuma cuidar-se na alimentação?		Total
			Está fazendo alguma dieta?		
			Sim	Não	
Macroposições de classe	Privilegiado	Fr.	18	32	50
		%	36,0%	64,0%	100,0%
	Detentor de ativos de capital	Fr.	14	33	47
		%	29,8%	70,2%	100,0%
	Trabalhador amplo	Fr.	20	61	81
		%	24,7%	75,3%	100,0%
	Trabalhador destituído	Fr.	6	28	34
		%	17,6%	82,4%	100,0%
Total		Fr.	58	154	212
		%	27,4%	72,6%	100,0%

13.10 Mulheres que costumam cuidar da alimentação conforme a macroposição de classe

			Costuma cuidar-se na alimentação? Está fazendo alguma dieta?		Total
			Sim	Não	
			Categorias agregadas	Privilegiado	
	%	54,0%		46,0%	100,0%
Detentor de ativos de capital	Fr.	19		19	38
	%	50,0%		50,0%	100,0%
	Trabalhador amplo	Fr.	37	66	103
		%	35,9%	64,1%	100,0%
	Trabalhador destituído	Fr.	28	36	64
		%	43,8%	56,3%	100,0%
Total		Fr.	118	150	268
		%	44,0%	56,0%	100,0%

13.9 Homens que entendem que deveriam cuidar da alimentação conforme a macroposição de classe

			Deveria cuidar da alimentação?		Total
			Fazer alguma dieta?		
			Sim	Não	
Macroposições de classe	Privilegiado	Fr.	13	19	32
		%	40,6%	59,4%	100,0%
	Detentor de ativos de capital	Fr.	11	22	33
		%	33,3%	66,7%	100,0%
	Trabalhador amplo	Fr.	20	41	61
		%	32,8%	67,2%	100,0%
	Trabalhador destituído	Fr.	5	23	28
		%	17,9%	82,1%	100,0%
Total		Fr.	49	105	154
		%	31,8%	68,2%	100,0%

**13.9 Mulheres que entendem que deveriam cuidar da alimentação conforme a
macroposição de classe**

		Deveria cuidar-se na alimentação? Fazer alguma dieta?			Total
		Sim	Não		
Categorias agregadas	Privilegiado	Fr. %	17 56,7%	13 43,3%	30 100,0%
	Detentor de ativos de capital	Fr. %	7 35,0%	13 65,0%	20 100,0%
	Trabalhador amplo	Fr. %	27 39,1%	42 60,9%	69 100,0%
	Trabalhador destituído	Fr. %	10 27,8%	26 72,2%	36 100,0%
Total		Fr. %	61 39,4%	94 60,6%	155 100,0%

APÊNDICE 14

PERFIS DE “CUIDADOS COM O CORPO” – VIGITEL 2006

A sequência de números corresponde a cada consumo na seguinte ordem: Fumo (1 = Não fuma; 2 = Não fuma, mas já fumou; 3 = Fuma), Índice de Massa Corporal (1 = peso normal, $IMC < 25$; 2 = sobrepeso, $25 < IMC < 30$; 3 = obesidade, $IMC > 30$); Consumo regular de frutas ≥ 5 dias por semana- (1= Sim, 2= Não); Consumo regular de hortaliças > 5 dias por semana (1 = Sim; 2 = Não); Consumo de gordura visível (2 = Sim; 1 = Não); Consumo de refrigerante com açúcar ≥ 5 por semana (2 = Sim; 1 = Não); Consumo abusivo de bebidas alcoólicas (2 = Sim; 1 = Não). Assim, a leitura da primeira frase ou sequência de números (2111111) deve ser: sujeitos que declaram que já fumaram mas já não fumam, têm peso normal (IMC entre 18,5 e 25), comem regularmente hortaliças e frutas, mas costumam comer carnes com gordura exposta, por outro lado, costumam ou bebem pouco refrigerante com açúcar e não têm um consumo abusivo de bebidas alcoólicas.

Perfis	Fr.	%	% Ac.				
2111111	2255	9,6	9,6	1222211	187	0,8	60,7
2112111	1095	4,7	14,3	2122121	174	0,7	61,4
2211111	1054	4,5	18,7	2221211	174	0,7	62,2
2122111	1033	4,4	23,1	1111211	173	0,7	62,9
2121111	793	3,4	26,5	1112211	171	0,7	63,6
2111211	629	2,7	29,2	1221111	168	0,7	64,4
2122211	623	2,7	31,8	3122111	167	0,7	65,1
1111111	580	2,5	34,3	3112111	161	0,7	65,8
2112211	550	2,3	36,6	2112121	155	0,7	66,4
2212111	534	2,3	38,9	1212211	152	0,6	67,1
2222111	530	2,3	41,2	2212212	152	0,6	67,7
1211111	425	1,8	43,0	1211211	140	0,6	68,3
2221111	422	1,8	44,8	2111112	139	0,6	68,9
2222211	384	1,6	46,4	2122221	139	0,6	69,5
2211211	358	1,5	47,9	2112221	135	0,6	70,1
2212211	356	1,5	49,4	2211112	134	0,6	70,6
1122111	298	1,3	50,7	3111211	134	0,6	71,2
2121211	278	1,2	51,9	3211111	134	0,6	71,8
3111111	277	1,2	53,1	2112212	132	0,6	72,3
1112111	272	1,2	54,2	2222212	132	0,6	72,9
1121111	233	1,0	55,2	3122212	129	0,5	73,4
1212111	232	1,0	56,2	2112112	128	0,5	74,0
1222111	232	1,0	57,2	2222221	126	0,5	74,5
1122211	223	0,9	58,1	2111121	122	0,5	75,0
3122211	210	0,9	59,0	2122112	122	0,5	75,6
3112211	204	0,9	59,9	3112212	120	0,5	76,1
				3222211	120	0,5	76,6
				2212112	110	0,5	77,0

3212211	103	0,4	77,5	1222121	39	0,2	93,9
2222121	102	0,4	77,9	1111121	37	0,2	94,0
1211112	101	0,4	78,3	3111121	37	0,2	94,2
2122212	101	0,4	78,8	1221112	36	0,2	94,4
2212221	101	0,4	79,2	3112121	36	0,2	94,5
1222212	96	0,4	79,6	1112121	35	0,1	94,7
1121211	93	0,4	80,0	1221212	35	0,1	94,8
2111212	89	0,4	80,4	1211121	34	0,1	95,0
2211212	89	0,4	80,8	1212221	34	0,1	95,1
2111221	87	0,4	81,1	2122122	33	0,1	95,2
3212111	87	0,4	81,5	1211221	32	0,1	95,4
2222112	86	0,4	81,9	3122222	32	0,1	95,5
3111112	86	0,4	82,2	3221211	31	0,1	95,6
1111112	83	0,4	82,6	2112122	30	0,1	95,8
3222111	83	0,4	82,9	1212121	29	0,1	95,9
3121111	82	0,3	83,3	3212222	29	0,1	96,0
3212212	82	0,3	83,6	3122121	28	0,1	96,1
2211121	79	0,3	84,0	1121121	27	0,1	96,3
3112112	77	0,3	84,3	3121212	27	0,1	96,4
2212121	76	0,3	84,6	3222121	27	0,1	96,5
2121121	73	0,3	84,9	3112122	26	0,1	96,6
3222212	73	0,3	85,3	3121112	25	0,1	96,7
1212212	72	0,3	85,6	3212121	24	0,1	96,8
2211221	69	0,3	85,9	1121112	23	0,1	96,9
1222221	68	0,3	86,1	2222122	23	0,1	97,0
1221211	67	0,3	86,4	3121121	23	0,1	97,1
1212112	65	0,3	86,7	3122122	23	0,1	97,2
2121221	63	0,3	87,0	3222222	23	0,1	97,3
2221112	62	0,3	87,2	1111221	22	0,1	97,4
2222222	62	0,3	87,5	1212222	22	0,1	97,5
3211211	62	0,3	87,8	1222222	22	0,1	97,6
2121112	61	0,3	88,0	3111221	22	0,1	97,7
1122112	59	0,3	88,3	3221112	22	0,1	97,8
3111212	58	0,2	88,5	1122222	21	0,1	97,8
3212112	58	0,2	88,8	2121222	20	0,1	97,9
1112112	57	0,2	89,0	3212221	20	0,1	98,0
3121211	56	0,2	89,2	3221212	20	0,1	98,1
1112212	54	0,2	89,5	1121212	19	0,1	98,2
1122212	54	0,2	89,7	2111122	19	0,1	98,3
1122221	53	0,2	89,9	2111222	19	0,1	98,3
3122112	52	0,2	90,2	3222221	19	0,1	98,4
1211212	49	0,2	90,4	1121221	18	0,1	98,5
2121212	49	0,2	90,6	1221121	17	0,1	98,6
2221212	48	0,2	90,8	2212122	17	0,1	98,6
3112221	48	0,2	91,0	1112122	16	0,1	98,7
3211112	48	0,2	91,2	2211122	16	0,1	98,8
1112221	46	0,2	91,4	2211222	16	0,1	98,9
3211212	46	0,2	91,6	1221221	14	0,1	98,9
2212222	45	0,2	91,8	3221221	14	0,1	99,0
3221111	45	0,2	92,0	1112222	13	0,1	99,0
2122222	44	0,2	92,1	3211221	13	0,1	99,1
3222112	44	0,2	92,3	1222122	12	0,1	99,1
1111212	42	0,2	92,5	1212122	11	0,0	99,2
2221121	42	0,2	92,7	2221222	11	0,0	99,2
3112222	42	0,2	92,9	3211121	11	0,0	99,3
1122121	41	0,2	93,0	3211222	11	0,0	99,3
2112222	41	0,2	93,2	3222122	11	0,0	99,4
2221221	40	0,2	93,4	1121122	10	0,0	99,4
3122221	40	0,2	93,6	1122122	10	0,0	99,5
1222112	39	0,2	93,7	1111222	9	0,0	99,5

1211222	9	0,0	99,5
2121122	9	0,0	99,6
2221122	9	0,0	99,6
3111222	9	0,0	99,6
3111122	8	0,0	99,7
3121221	8	0,0	99,7
3121222	8	0,0	99,7
3221121	8	0,0	99,8
3211122	7	0,0	99,8
3221222	7	0,0	99,8
1111122	6	0,0	99,9

3212122	6	0,0	99,9
1211122	5	0,0	99,9
1221122	5	0,0	99,9
1221222	5	0,0	100,0
3121122	5	0,0	100,0
1121222	3	0,0	100,0
3221122	3	0,0	100,0
Total	23505	100,0	

APÊNDICE 15



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Através deste você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Se desejar maior informação pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rio Grande do Sul pelo telefone (051) 3308.3629.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: *Bases sociais das disposições para o envolvimento em práticas de movimento corporal no tempo livre.*

Pesquisador Responsável: **Fernando Jaime González**

Telefone para contato (inclusive ligações a cobrar): (55) 33321910 (55) 96031777; e-mail fjjg@unijui.edu.br

Orientador: Marco Paulo Stigger

Telefones para contato: (51) 33085853; (51) 33085817

- ◆ O objetivo da pesquisa é compreender os motivos dos porto-alegrenses para realizarem práticas culturais e, de forma especial, práticas esportivas.
- ◆ A participação na pesquisa não o(a) expõe a nenhum tipo de risco e/ou prejuízo.
- ◆ A participação constituir-se-á de uma série de seis entrevistas (com duração aproximada de duas horas cada uma) sobre suas práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir e agir no que tange a temas relacionados à profissão, à formação escolar (acadêmica), à família, à sociabilidade, ao lazer e às práticas culturais e cuidados com o corpo (saúde, alimentação, exercícios físico-esportivos e estética).
- ◆ Garantimos o segredo de todas as informações fornecidas e asseguramos que as mesmas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos. Você também tem a garantia de poder retirar o Consentimento a qualquer momento.
- ◆ Nome e Assinatura do pesquisador _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo *Bases sociais das disposições para o envolvimento em práticas de movimento corporal no tempo livre* (terceira etapa), como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador Fernando Jaime González sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer sanção.

Nome e Assinatura do sujeito entrevistado: _____

Local e data _____